[](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/00_sintese.html)

**Prólogo**

A primeira vez em que ouvi com atenção falar sobre daime foi no *réveillon* de 1985: eu estava em uma república de estudantes em Ouro Preto, o cerne maçônico brasileiro, quando um jovem engenheiro especializado em barragens relatou ter trabalhado no Norte, na instalação da usina de Balbina, no Estado do Amazonas, e lá ter tomado uma "bebida estranha", sob o efeito da qual viu a si como um "*parafuso com duas orientações simultâneas e pontas conducentes ao infinito, cada qual girando em uma direção*".

Enquanto sua cabeça torcia em sentido horário, arrastando atrás de si o tronco, braços e mãos, da cintura para baixo tudo girava em sentido oposto, anti–horário, com as extremidades se perdendo no espaço sem fim.

Todos rimos, mas eu acariciei a associação vinda de pronto: ele me pareceu descrever o modelo espacial do DNA, que em nós vem da eternidade e a ela nos leva, gerando a dupla helicoidal com os sinais codificadores da existência, tal qual a conhecemos!

(Vários anos mais tarde, na casa de oração que eu viria a dirigir, tendo santo Antônio de Pádua por padroeiro destinado, um irmão narrou–me em conversa privada uma cena entrevista no serviço espiritual que acabáramos de fazer – ou "miração", como é chamada pelos daimistas – com ênfase em sua gestação e, ao fim, igualzinha, igualzinha, igualzinha à imagem do jovem engenheiro…)

Naquele tempo eu avançava em meus estudos sobre Ciências Arcanas, Esoterismo e Religiões Comparadas, sempre buscando relações entre tais áreas de conhecimento e os conceitos contemporâneos da Psicologia, que estudava desde os anos 70, e tal fato deixou–me cara e acentuada lembrança.

Sete anos mais tarde eu viria a tomar daime regularmente em rituais realizados em São Paulo, experimentando a tal "bebida esquisita" – após tê–la conhecido casualmente em *Saq'sayhuamán*, Cusco, no Peru.

Convidado por um psicólogo amigo a participar de um "ritual daimista de cura"[1](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#01), eu integrei em finais de fevereiro de 1992 um pequeno grupo que tomou daime algumas vezes – até hoje não tolero seu sabor! –, concentrou–se em silêncio por quase uma hora e depois, por duas outras aparentemente intermináveis, cantou uma seqüência de hinos apoiado por fitas cassete.

Que experiência!

Sentir–me alterando e sendo mim mesmo e não, com flashes de conceitos, imagens, sensações e afetos se sucedendo, ao mesmo tempo em que lutava por manter–me ereto em minha cadeira, segurar um caderninho de hinos e entoar cânticos até então desconhecidos, foi experiência a qual nunca pude esquecer…

Era o começo de tudo: ao mesmo tempo em que a promessa de nova vida, uma volta ao ancestral de mim, que em mim induzia o retorno.

Mas o que é o daime, afinal?

Chamado no Norte brasileiro de daime, oasca, uasca, caapi, yagé, chá do vegetal ou simplesmente cipó, é uma bebida obtida com o cozimento, em água, de folhas do arbusto "rainha", *psychotria viridis*, da família do café, com ramos macerados (*"amaciados"*) do cipó "jagube", *banisteriopsis caapi*, resultando em um chá de cor marrom e sabor amargo–azedo.

"*Quando eu passei a ter conhecimento com o Mestre, com a doutrina, já tinha esse nome, essa bebida já era batizada como daime. O jagube também, né?, o nome foi criado pelo Mestre e a folha, que hoje a gente conhece mais como 'rainha', pelo Mestre é 'mescla', 'jagube' e 'mescla'. O Mestre se referia à folha como 'mescla'… Aí, depois, já veio o nome 'rainha', por força do CEFLURIS; eu acho uma acentuação tão bonita também, mas é 'mescla', tem essa denominação dada pelo Mestre*"[2](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#02).

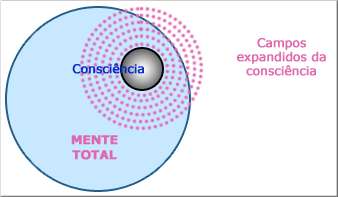
Enquanto as folhas da "rainha" contêm dimetiltriptamina (DMT), uma substância com estrutura química análoga à do neurotransmissor serotonina, o "jagube" contém princípios químicos (alcalóides do grupo das betacarbolinas, como harmina, harmalina e tetrahidroharmina) que exercem dois importantes papéis:

* inibem a degradação da DMT no aparelho digestivo, preservando–a até sua absorção pelo intestino delgado para circulação pela corrente sanguínea,
* inibem a degradação da DMT no cérebro, após iniciada sua atuação nos neurônios do sistema nervoso central, mantendo prolongado seu efeito.

(Por isso a "rainha" é "luz" e o "jagube" é "força", no dizer daimista: os alcalóides da folha atuam no sentido de expandir a consciência e os do cipó garantem e prolongam o efeito da bebida.)

Para entender melhor como se dá o processo, é necessário saber que os neurotransmissores (como a serotonina) são substâncias naturais que, no cérebro, propiciam a comunicação entre os neurônios nas sinapses (pontos de ligação química entre os neurônios), permitindo a condução dos impulsos elétricos e, por conseqüência, de informação.

Assim, num período variável de tempo após sua ingestão, e em geral quando o daime já atingiu o intestino delgado, suas substâncias psicoativas são levadas pela corrente sanguínea até o sistema nervoso central, dando–se por efeito da DMT a hiperativação prolongada das funções cerebrais de percepção (perceptivas), de conhecimento (cognitivas) e de memória (mnemônicas), as quais representam a base do psiquismo humano, no que diz respeito aos aspectos operativos da consciência: conhecer, compreender e memorizar ou recordar.



Daí, tanto a percepção de si quanto a percepção do meio ambiente são magnificadas, ao mesmo tempo em que a organização consciente de informações se intensifica e as memórias pessoal e transpessoal[3](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#03) são ativadas, entregando à consciência dados que residem nestas memórias mas costumam estar difusos ou menos disponíveis para acesso imediato (pois fora do campo de consciência do ego[4](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#04)).

É que a mente total contém informações desde nossa primeira encarnação (ou acessa fora de si os registros destes dados, dizem alguns, não se sabe…), razão pela qual o processo de integração pessoal, na depuração para a bem–aventurança, obriga à relembrança e avaliação de toda memória existente, da mais pessoal (após a encarnação) à mais impessoal, ou transpessoal, e até à criação primordial por Deus, feito intenção divina que um dia se manifestou tridimensional.

Convida santo Agostinho (354–431): "*quero que reflita mais amplamente, e por mais tempo, quantas coisas são contidas na memória, e ali podem ser conservadas, e que, por isso mesmo, situam–se na memória. Que imensa profundidade e amplitude, que imensidade de coisas pode estar contida na alma?*"[5](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#05).

Já que, lembrando santo João da Cruz (1542–1591), três são as potências da alma: memória, entendimento e vontade: "*a alma, nesta vida, não se une com Deus por meio do que entende, goza ou imagina, nem por coisa alguma que os sentidos ofereçam, mas unicamente pela fé quanto ao entendimento, pela esperança segundo a memória e pelo amor quanto à vontade*"[6](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#06).

Então, por intermédio destas expansões da consciência o ego apreende informações residentes "dentro" e "fora" da mente, podendo conhecer, compreender e estabelecer nexos, em um processo sem–fim de sucessivas percepções, conscientizações, elaborações, avaliações e tomadas de decisão – por orientação da vontade, em arbítrio –, independente do grau de preparo ou sofisticação intelectual da pessoa, porque desenvolvido à exata medida de sua destinação e necessidade, por obra da Graça.

Trata–se, assim, de processo análogo ao verificado em inúmeras culturas humanas, em todos os tempos e lugares, à busca de facilitar tais expansões e propiciar melhor autoconhecimento[7](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#07) e maior integração, sem que se tenha de crer que a "*folha rainha é depositária da 'energia feminina' e da 'luz da natureza', princípio também identificado com a Mãe, a Virgem Maria,* [enquanto][8](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#08) *o cipó jagube conteria a 'energia masculina' e a 'força' do universo, identificado com o Pai, o Deus Criador de tudo o que existe*"[9](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#09).

(Simbolismos como este, repetidos sucessivamente no correr das décadas mas apenas simbolismos, é que passaram a atribuir à doutrina daimista um suposto perfil panteísta[10](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#10), como veremos adiante.)

No tocante ao meio ambiente, a percepção expandida pode identificar formas até então não conscientizadas de manifestação vital dos participantes, assim como a existência de seres espirituais no recinto em que se está (ou em outros locais, por intermédio de desdobramentos mentais topográficos), em função das expansões da consciência para "fora de si mesmo", razão pela qual um hino canta que o daime "*mostra a todos nós aqui dentro da verdade*"[11](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#11).

Cabe recordar que a percepção dos seres que estejam à nossa volta depende da iniciativa destes seres em "se mostrar" a quem os percebe e não da intenção ou da quantidade e intensidade de esforço que se faça por percebê–los; o que o daime propicia é que, caso haja tal iniciativa, seja facilitada a percepção, até para quem não é dotado de mediunidade natural acentuada (razão porque, para aqueles que a têm, é prudente menos daime: "*Acontece… Gente que nunca tinha nem tomado daime, acontece. São pessoas videntes, é aquela pessoa que tem a vidência bem pertinho. Se chegar a tomar daime, ôpa!, faz a viagem com mais facilidade*"[12](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#12)).

Já que, como ensina Alan Kardec, "*não basta que o espírito queira mostrar–se, é preciso também que encontre a necessária aptidão na pessoa a quem deseja fazer–se visível*"[13](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#13).

No que diz respeito à memória e durante as expansões da consciência para "dentro de si", no complexo trabalho de integrar os seus conteúdos o daimista passa a poder acessar dados de seu inconsciente pessoal e até do inconsciente familiar, ancestral e étnico, residente e influente, bem como de sua destinação, por vezes e se lhe for possível, independente de quanto isso possa ser assustador ou complicado, razão pela qual se canta em um hino:

*"Todos vão se corrigir  
e vejam aonde vai doer,  
que eu não posso ter pena  
de quem procura merecer"*[14](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#14)*.*

E, com referência à compreensão articulada, torna–se mais fácil para o daimista estruturar relações lógicas entre dados distintos, obtidos de todas estas fontes (internas e externas), focando o processo de decisão sobre atitudes e valores até então adotados em sua vida pessoal, familiar, social ou profissional.

O que é espantoso é que o método é de uma eficácia exemplar e "*sabemos que a eficácia deste* [método] *não está (apenas) na letra ou na música* [dos hinos]*, mas na execução com o corpo, com a mente, em um registro de consciência alterada, para a qual o hinário funciona como uma espécie de código de barras que desencadeia uma multiplicidade de significados controlados mas extremamente poderosos*"[15](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#15).

Isto é o que as teorias de psicologia transpessoal chamam *estados alterados de consciência ou estados de consciência expandida:* estados nos quais a capacidade de percepção da realidade (de si ou do exterior a si) se altera de modo significativo, trazendo para o campo de consciência do ego o desenho de um mundo mais rico e complexo do que o comumente percebido, com o que a pessoa vê alargar bastante o conjunto de dados a partir dos quais avalia a vida e escolhe entre decisões.

(Bem diferente, porque dependente de atitude que reside tão–só no arbítrio da pessoa – aquela que "faz por merecer"–, é se dispor a alterar atitudes ou hábitos pessoais, após cada tomada de decisão, com base nas relações e avaliações havidas sobre os conhecimentos e compreensões a que se chegou, pois isso requer força de vontade e disciplina).

Em estados de consciência expandida "*é bastante comum se verificarem episódios quase concretos e realísticos de memória fetal e embriônica; muitos sujeitos relatam vívidas seqüências, em nível de consciência celular, que aparentam refletir sua existência sob a forma de esperma ou óvulo no momento da concepção. Algumas vezes a regressão parece aprofundar–se mais e o indivíduo tem a convicção de estar revivendo lembranças da vida de seus ancestrais ou mesmo se aproximando do inconsciente coletivo e racial.*

*Alguns outros fenômenos transpessoais envolvem a transcendência de barreiras espaciais ao invés de barreiras temporais. Pertencem a este campo as experiências de fusão com outra pessoa, num estado dual ou de identificação completa com o outro sem perda da própria identidade, sintonização com a consciência de um grupo inteiro de indivíduos ou expansão da própria consciência a ponto de parecer incluir toda a humanidade. Outro fenômeno relacionado com a transcendência das limitações espaciais comuns é a consciência de certas partes do corpo – vários órgãos, tecidos ou mesmo células individuais. Uma importante categoria de experiências transpessoais, envolvendo transcendência de tempo e/ou de espaço, são os variados fenômenos de percepção extra–sensorial, tais como experiências fora do corpo, telepatia, premonição, clarividência, clariaudiência* [audição de vozes] *e viagem através do tempo e do espaço*"[16](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#16).

Entende–se, então, por que isto pode assemelhar alucinação, embora não seja raro diferentes daimistas terem análoga miração ou tomarem conhecimento dos mesmos seres no decurso de um serviço espiritual, como a indicar a existência de um mesmo "algo" a ser conhecido por todos os que puderam fazê–lo, quer por já estar ao seu alcance, quer por ser de seu merecimento alcançá–lo, nem que por instantes.

O que nos dá outra lição: todos temos algum nível de dificuldade em admitir que não podemos "qualquer coisa" e que, em definitivo, não somos onipotentes! Mas a vida é assim: nem todos têm como avançar de igual forma na senda, dadas as marcadas diferenças individuais e segundo a destinação de cada um, e as indicações se avolumam nesta direção para quem anda um pouco que seja no caminho da espiritualidade, razão pela qual alguns avançam mais do que outros na medida exata – e apenas nesta medida – de sua destinação[17](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#17) e de suas escolhas pessoais[18](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#18), nesta ordem.

"*Deve–se dizer que, ainda que a própria predestinação seja revelada a alguns por um privilégio especial, entretanto, não convém seja revelada a todos; pois neste caso os não–predestinados cairiam no desespero e a segurança dos predestinados geraria negligência*"[19](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#19).

Mas como isto não é explicitado com clareza, no afã de "não magoar ninguém" ou no interesse de manter ilusões de onipotência, tolas suposições – nada humildes[20](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#20) – se mantêm no caminho da verdade.

O contato com o tipo de realidade que vai se possibilitando em seguidos serviços espirituais mostra tal fato de sobejo e, por tal razão, canta–se repetidamente na doutrina daimista a necessidade de ser humilde, de não "se querer grandeza", de só atingir quem merece ou quem faz por merecer a Graça, desde que determinado a isso.

Voltando ao daime, seu uso associado a algum tipo de ritual é imemorial na Amazônia Ocidental (parcelas do Amazonas, Acre, Amapá, Rondônia e Roraima, no Brasil, e parte da Colômbia, Bolívia, Peru, Equador e Guianas).

Embora lendas urbanas valorizem o pretenso fato de sábios Inca ('*amautas*', em idioma *quechua*) terem sido usuários da bebida por séculos a fio, sabe–se que o Estado Imperial Inca não teve duração superior a cem anos nas regiões andinas, a partir do sul do Peru, entre os Séculos XV e XVI[21](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#21), e que só após um contato mais estreito com os povos residentes no hoje Equador é que a etnia Inca, residente em Cusco, pôde conhecer a bebida, já que abaixo daquela região tanto a "rainha" quanto o "jagube" não brotam naturalmente.

O que os primeiros testemunhos espanhóis atestam no Século XVI sobre a bebida *ayahuasca* se dá pouco após a anexação das etnias do hoje Equador ao Estado Imperial Inca, ao final da existência deste Estado, e, assim, mitifica–se que tal uso "sempre se deu" na vasta região controlada pelos Inca – complexa cultura, aliás, ingenuamente fantasiada no imaginário ocidental…

É fato, contudo, que a bebida desde há muito é utilizada popularmente na Amazônia Ocidental, razão pela qual mestre Irineu, o revelador da doutrina daimista, já a conheceu pronta.

O que ele fez a partir daí, pela vontade de Deus e por obra da Graça, é o mais importante de sua estada no mundo e deste relato.

Voltando a mim, semanas depois de meu primeiro serviço espiritual com daime fui convidado a participar de um "bailado", serviço espiritual no qual dezenas de homens e mulheres passam uma noite inteira tomando daime, cantando hinos e "bailando" passos rituais em fileiras paralelas, sob o som alegre e continuado de violões, sopros e ligeira percussão.

Não tardei a me "fardar", singela cerimônia que entrega ao iniciante uma estrela de metal dourado para aplicar no peito sobre um terno branco (ou simples camisa branca) nos serviços espirituais da doutrina daimista, me entregando com vigor a seguidos serviços no correr de nove meses, até ir à Amazônia pela primeira vez para uma estada de um mês na vila "*Céu do Mapiá*", pequeno aglomerado de casas em plena selva do Estado do Amazonas, às margens do igarapé Mapiá, afluente do rio Purus, e a um dia de canoa da última cidade com luz elétrica e asfalto.

Nestes meses de 1992, porém, mestre Irineu era só uma voz amorosa e exigente a me chamar, parecia.

Desde que eu começara a tomar daime regularmente, em diferentes centros de serviço espiritual, algo sempre me impactara: por mais que eu cantasse hinários de inúmeros daimistas, nada me sensibilizava tanto quanto os hinos do hinário "*O Cruzeiro Universal*", de mestre Irineu.

Era a voz do Senhor, pregada por ele, eu reconheceria em breve[22](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#22).

Assim, de meu primeiro serviço espiritual daimista até minha primeira viagem ao Acre e ao Amazonas, fui aos poucos colhendo informações fragmentadas sobre a história desta doutrina. Contudo, tal como se o cristianismo tivesse sido estruturado sobre a vida e obra pessoais de Mateus, Marcos, Lucas ou João, e não de Jesus Cristo, muito se falava de alguns, mas quase nada se dizia do Mestre.

Seguramente não era acaso, pois nada do que a psique (individual ou coletiva) engendra é sem propósito, e foi fácil identificar, pouco após, uma persistente intenção de obscurecer a vida de mestre Irineu, "o Fundador, num difuso dia longínquo", e agigantar a figura de daimistas que ganharam notoriedade nacional bem após sua passagem, como forma ideológica institucional de estabelecer publicamente a versão da suposta "transmissão de mando" após o retorno de mestre Irineu à eternidade.

Como se Jesus Cristo tivesse podido deixar Sua condição a Pedro: este, instaurou uma igreja[23](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#23) como instituição, o que não é pouca coisa, mas daí a crer que teria ficado "no lugar" do Cristo de Deus[24](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#24) é algo bem diferente!

Por análogo motivo se registra que mestre Irineu, ao informar que após a sua passagem a direção da sede de serviços ficaria a cargo de Leôncio Gomes da Silva, um seguidor seu, teria dito: "*Leôncio, você ficará à frente do serviço, mas ninguém ficará em meu lugar*"[25](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#25).

Em minhas suposições iniciais, estruturadas em parte sob as narrações que eu ouvia e, em outra parte, dentro do limite de minhas possibilidades pessoais de compreensão, a doutrina daimista – como até então a conhecera – me parecia ser uma forma 'eclética' de trabalho espiritual que mesclava crenças indígenas, cristianismo, kardecismo, crenças orientais, umbanda e símbolos religiosos variados, incentivando em seus serviços espirituais o uso combinado de daime e maconha.

Ao que se dizia, mesclando o "*cristianismo com tradições pré–colombianas, esoterismo europeu, crenças africanas e xamanismo*[26](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#26) *enteógeno*"[27](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#27) ("enteógeno" é termo recente e construído com os radicais gregos *en*, "dentro", *theos*, "deus", e *gen*, "originar": em uma tradução livre, "*originar deus dentro de si*", já que certas substâncias psicoativas naturais ou industrializadas dinamizam a atuação de instâncias psíquicas do usuário, e por isso são alegoricamente denominadas "enteógenas", facilitando o acesso aos núcleos mais profundos do inconsciente e propiciando experiências que podem ser místicas ou não, já que inúmeras vezes são apenas rearranjos de conteúdos psíquicos inconscientes: afetos, imagens, fantasias e memórias[28](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#28)).

Além disso, dispondo apenas de informações genéricas e de algumas Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado em Antropologia, eu julgava que "*essa doutrina religiosa, profundamente relacionada com a floresta amazônica, faz parte do folclore da região como uma instância de cura espiritual e como uma significativa manifestação (…) de religiosidade popular do nosso país*"[29](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#29).

Eu ainda não sabia, naquele momento, que a doutrina daimista fora uma integral revelação cristã do Verbo e do Espírito Santo, antecedida de e acompanhada por revelações privadas de Maria, Mãe de Deus[30](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#30), razão pela qual nada tinha de "eclética" ou nova–era; que mestre Irineu se opusera tenazmente ao uso de maconha em serviços espirituais com daime por várias e importantes razões que ultrapassam em muito os aspectos legais sobre o uso desta planta (como veremos no capítulo O crisol); que inúmeros centros daimistas em todo o Brasil cooptavam com habilidade os aspectos ingênuos do coletivo, mais servindo–se das pessoas do que servindo a elas; e que havia outras formas de serviço espiritual daimista com importância análoga à forma de evangelização ensinada por mestre Irineu, ainda praticadas em Rio Branco, no Acre, além do que eu conhecera até então.

Mas o amor de Deus permitiu–me, logo após o Natal de 1992, eu estar presente a um serviço espiritual dirigido por mestre Antonio Geraldo da Silva, na Igreja "da Barquinha", em Rio Branco, Acre, homem com quem pude conviver episodicamente por anos a fio até sua passagem e foi o ser encarnado mais bem desenvolvido espiritualmente que pude conhecer nesta vida, até agora, ao menos.

A Graça deu–me, naquela noite memorável, um parâmetro – vital a qualquer possibilidade de análise crítica!

A partir daí, as informações coletadas em Rio Branco, as vivências atravessadas, o inenarrável processo de depuração pessoal que de mim se apossou com a junção virtuosa "daime + doutrina + teoria psicológica + integração de memórias + reflexão filosófica" e a compreensão dos graves desvios de vários centros daimistas que eu conhecera[31](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#31), comprometedores da integridade física, psíquica e moral de quem os buscava à procura de entendimento íntimo, consolo ou edificação pessoal para a salvação, foram me impelindo à vida e à obra de mestre Irineu e me obrigando a uma meticulosa administração da relação com os daimistas de São Paulo[32](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#32).

Era preciso manter–me distante destes desvios e da dor que me causava ver o prejuízo pessoal que eles provocavam em tanta gente, assim como necessário continuar tomando daime em serviços espirituais para aprofundar estudos, e assim levei todo o ano de 1993, até saber ser meu caminho estruturar em São Paulo uma casa daimista obediente ao legado de mestre Irineu, o que ocorreu no início de 1994:

* respeito à diversidade humana e à soberana individualidade do caminho de cada um no desenvolvimento espiritual, com evitação de atitudes de convencimento doutrinário ou proselitismo[33](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#33);
* absoluta interdição do uso de quaisquer substâncias de efeito psicoativo, além do daime, nos serviços espirituais;
* auxílio no desenvolvimento de maturidade intelectual e emocional e do auto–conhecimento, graças à ausência de práticas incentivadas de abandono da consciência para "incorporação" por desencarnados e/ou encantados;
* reforço contínuo do sentimento de solidariedade, com a abolição de pagamentos em dinheiro ou espécie para participação nos serviços espirituais;
* e firme disciplina doutrinária, por crer que "*religião sem direção é um problemão*"…

Em meu entender, no momento planetário em que vivemos, no qual a pressão incessante por comportamentos não–éticos é gerada e reforçada desde os anos 80 pelos valores que emolduram o capitalismo financeiro transnacional e sua busca incondicional de lucros, avolumam–se na mente coletiva pressões internas compensatórias, em cada nível pessoal envolvido, pela construção de possibilidades de evolução e conhecimento mais bem conformados por princípios humanistas de compreensão das bases vitais da existência, de explícito respeito à diversidade da vida e de contínuo cuidado recíproco, na percepção de ser tudo a obra amorosa de Deus.

Muitos são os aspectos positivos gerados por tais pressões, como o reconhecimento, em escala global, da dimensão espiritual do ser humano e de seu inter–relacionamento sistêmico com o restante da criação, a ampla aceitação da necessidade humana de descobrir sentido na vida, a rejeição de enfoques mais frios ou somente racionais da espiritualidade e a admissão do desejo profundo de transformação pessoal e social.

Todavia, elas deram suporte ao que com rapidez veio a se chamar "cultura nova–era", que de "nova" tem apenas o nome, já que é uma amálgama de religiões ou teorias bastante antigas, como as hinduístas (desenvolvidas nos quinze séculos anteriores a Cristo), as gnósticas (que vêm desde os primeiros séculos da era cristã) e as teosóficas (surgidas na Europa em 1875), acrescida de noções retiradas do budismo, do zen–budismo e do espiritismo kardecista, entre outros, e enriquecida com rudimentos variados de informação científica e estímulos sensoriais de todos os tipos (aromas, sons, sabores, sensibilização tátil, imagens e posturas corporais específicas).

Brotando na década em que o capital mundial construía a possibilidade de investir internacionalmente no segmento de serviços e as grandes empresas começavam a se interessar pelo negócio da informação e do entretenimento, apoiadas em avanços tecnológicos e atraídas por elevadas margens de ganho, a cultura nova–era foi velozmente cooptada pelas forças de mercado, as quais impulsionaram tal amálgama por todo o planeta.

Assim, na esteira da globalização[34](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#34) e com o apoio maciço de todas as formas possíveis de mídia (para imagem, música, texto e movimento), a cultura nova–era penetrou com grande rapidez todos os estratos populacionais existentes.

Exaltando a imensa riqueza de formas da experiência humana mas, em contrapartida, reduzindo de forma drástica a possibilidade de discernimento entre conceitos, práticas e finalidades.

"*O universo está em cada um de nós*", "*tudo é animado por um princípio vital de pura energia*", "*o desenvolvimento requer contato com seres de luz*", "*a integração permite ascender a esferas invisíveis*", "*há um conhecimento superior que neutraliza as diferenças*" ou "*cada qual deve buscar seu mestre iluminado*": noções imprecisas como estas surgem e desaparecem uma atrás da outra, em geral tendo reduzido compromisso com consistência ou sustentabilidade, até a próxima, mais nova, mais acessível ou mais atraente oferta de "método de integração".

Aliás, *compromisso* costuma ser um termo incômodo no panorama da cultura nova–era, razão pela qual toda forma organizada de religião ou doutrina é rechaçada a *priori*, em proveito de uma mescla de conceitos genéricos, vivências indefiníveis e experiências muitas vezes vividas de modo compulsivo.

Desta maneira, se a cultura nova–era não é cristã, também não o é budista, ioruba[35](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#35), islâmica, judaica, hinduísta ou mesmo agnóstica[36](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#36), e menos ainda uma solução articulada, consistente e sustentável entre tais e tantas alternativas diferentes e contrastantes.

Motivo pelo qual é crescente o número de pessoas que se dizem "espiritualistas", mas não "religiosas", sem que consigam definir sequer a diferença entre tais expressões – assim como preferem o uso do termo xamã[37](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#37) a pajé[38](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#38), embora sejam exatamente o mesmo, por parecer mais sofisticado e ser menos desgastado por caricaturas culturais ("*tanga–chocalho–e–cocar–de–penas*").

Feito um caldo informe primordial, onde cada um, e em seu modelo pessoal, deve ser o "gerador de si mesmo", dentro de princípios auto–afirmativos próprios da superestrutura ideológica[39](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#39) do capitalismo financeiro, que hipervalorizam o perfil "empreendedor pessoal", a cultura nova–era não oferece uma estrutura moral precisa, um corpo definido de práticas, uma base estabelecida de crença ou uma clara explicitação de finalidade: "*tudo é possível, desde que 'com respeito'"*, dizem seus admiradores…

Assim, em uma forma de narcisismo espiritual nada humilde, e apoiados em um culto ao bem–estar continuamente realimentado, "*pessoas e grupos vivem suas próprias fantasias de aventura e poder, geralmente sob a aparência de prática 'oculta' ou 'milenar'. A principal característica deste nível de atuação é o reforço da dependência ao ego sequioso de realização pessoal e o conseqüente (embora nem sempre aparente) afastamento dos assuntos do mundo*"[40](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#40).

Como exemplo corriqueiro destas fantasias de onipotência, não falta quem, no cenário nova–era, busque afirmar–se no que o ***Antigo Testamento*** diz, "*Vós sois deuses*", sem lembrar que o Salmo é claro ao estabelecer distinção entre Deus e seres criados, os "deuses" a quem Deus admoesta: "*Deus levantou–se na assembléia divina, no meio dos deuses ele julga: até quando julgareis injustamente, favorecendo os culpados? (…) Eu o declaro, vós sois deuses, sois todos filhos do Altíssimo, e no entanto morrereis como humanos, caireis exatamente como os príncipes*"[41](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#41).

Razão pela qual Jesus Cristo ensinou: "*Eu disse: Vós sois deuses? Acontece, pois que a Lei chama de deuses aqueles a quem a palavra de Deus foi dirigida*"[42](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#42).

É verdade: há pensadores com conteúdo e fôlego na cultura nova–era e muitos deles desenvolveram conhecimentos de inegável valor! Contudo, mais e mais e mais se reafirma em videoclipes ou filmes, revistas ou livros de auto–ajuda, palestras ou cursos, "documentários especiais", fitas cassete ou cd–roms musicais para apoio à introspecção e publicações variadas de ciência livresca, entre as inumeráveis opções do mundo midiático, que cada qual será perfeitamente feliz "*se absorver técnicas de desenvolvimento individual*", "*se harmonizar seu padrão energético*", "*se souber integrar–se ao espírito crístico*", "*se descobrir o caminho para a consciência planetária*", "*se superar o próprio carma* [43](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#43)" ou "*se o deus interno for despertado*".

Tudo é "*energia*", tudo é "*harmonia*", tudo é "*alegria*"!

Com isso, porém, muitas pessoas são levadas cruelmente à não–aceitação de seus próprios limites, que nada mais são senão um fato da vida, e à desilusão com suas próprias possibilidades, as quais compõem seu cabedal de destinação.

Porque são poucas as que metodizadamente se aprofundam na busca de compreender e discriminar os princípios residentes nos conceitos e produtos da cultura nova–era, não podendo perceber, por decorrência, que o que recebem como "meio de salvação" é na verdade uma difusa mistura de artes, crenças, terapias e rituais justapostos, a despeito das inconsistências e incompatibilidades que tenham entre si, mescla esta que muitas vezes as mantém afastadas de si próprias e do bom caminho a si mesmas.

Em outras palavras: ao invés de propiciar a almejada "fusão", a cultura nova–era acentua e faz proliferar a "confusão".

Para tanto, e de modo continuado, dentro da dificuldade humana de se perceber e se organizar, a cultura nova–era borra as diferenças reais entre Criador e criatura, entre natureza e humanidade, entre religião e superstição, entre devoção e magia e entre realidade objetiva e realidade subjetiva, fundindo e confundindo de forma sistemática elementos perfeitamente distinguíveis entre si.

Tendo ocorrido o mesmo com a imagem pública da doutrina daimista, brotada no Acre muitas décadas antes mas amplamente divulgada apenas a partir dos anos 80 e exatamente num momento mundial em que, no vigoroso início da cultura nova–era, a mata amazônica parecia prometer a volta a "um paraíso do qual se decaíra" – em 1989 o músico Sting criou a *Rainforest Foundation* – razão pela qual já se disse, de forma capciosa, que a floresta "*foi o cenário escolhido pelo mestre Irineu para a transição da velha para a Nova Era*" [44](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#44).

Afirmações como esta pareceram testificar o que passou a ser mostrado à opinião pública como "uma nova religião, apocalíptica e messiânica", supostamente centrada em atividades de "cura" e vagamente confundida com pajelança e crenças indígenas, tidas como "mais puras" ou "mais naturais", dentro de uma abordagem generalista que até mesmo esquece que, no Brasil, existem 217 povos indígenas, falando 180 idiomas diferentes[45](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#45)– só na região Purus–Juruá, onde está a vila "*Céu do Mapiá*", existem 11 povos, expressando–se em quatro variações idiomáticas –, grande parte dos quais sem ter conhecido nunca a *ayahuasca* (já que o "jagube" e a "rainha" só ocorrem naturalmente na Amazônia Ocidental).

(Como conseqüência, a doutrina daimista passou a ser popularmente intitulada "a religião do Santo Daime" e até mesmo consta nas estatísticas do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística como "religião de origem indígena", a despeito de ter brotado em solo urbano e ter identidade doutrinária rigorosamente cristã.)

Não que tais amplas dinâmicas sociais de revalorização de aspectos humanistas engendrem o interesse das populações por alternativas de acesso à espiritualidade, já que o impulso religioso de conhecimento de Deus – o qual pode se evidenciar de modo apenas supersticioso, em crendices e formas popularescas de misticismo – está presente nos estratos mais profundos da alma humana[46](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#46), preexiste a qualquer tipo de estrutura ou dinâmica social e pode ser despertado por inúmeras maneiras.

É que, concomitantemente, o aumento da penetração da mídia de massa nos mais vários segmentos das populações põe ao alcance de todos uma enxurrada de alternativas, entre as quais há possibilidades variadas, do mais ortodoxo catolicismo ou protestantismo aos ainda exóticos orientalismos e "xamanismos", passando pelas "mesclas doutrinárias" e "experiências nova–era" e relativizando todos, como se quaisquer caminhos de desenvolvimento religioso fossem de igual valia ou importância para uma pessoa, se tomada individualmente.

Fazendo com que se esqueça, assim, a importância da adequação individual a esta ou àquela forma de integração espiritual, em respeito à destinação de cada um e às suas peculiaridades encarnadas.

Pois, por mais que haja uma "*tendência para o ecumenismo da santidade que, enfim, nos conduzirá, com a ajuda de Deus, para a plena comunhão,* [isto] *não significa nem absorção nem fusão, mas encontro na verdade e no amor*"[47](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#47), já que as diferentes religiões e doutrinas existentes atendem a diferentes perfis de alma encarnada, donde as distinções necessárias entre elas.

Tanto, que o Estatuto do centro espiritual daimista congregado em 1971 em torno de mestre Irineu se afirmava cristão ("*consolidados os fundamentos da* [sua] *ordem na constituição evangélica, suas bases se erguem na disciplina cristã*"[48](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#48)) mas objetivava "*a promoção das criaturas às suas respectivas doutrinas*"[49](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#49).

Pois, nos termos de mestre Irineu, com respeito à destinação, "*o daime é para todos, mas nem todos são para o daime*"[50](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#50).

Posto sob esta óptica, entende–se porque todas, absolutamente todas!, as formas de desenvolvimento espiritual mais provadas e firmadas na história da humanidade sempre orientaram seus integrantes à "fidelidade doutrinária" – por mais que tal tipo de orientação possa ter decaído, por vezes, em sectarismos injustos ou errôneos.

Mal comparando, e este paralelo será mais claro para quem já viveu uma relação psicoterapêutica de ajuda[51](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#51), seria como se expor a processos de psicoterapia com terapeutas variados e simultâneos, em sessões separadas e cada qual utilizando metodologia própria, porque derivadas de modelos teóricos e técnicos específicos, crendo que desse esforço multifacetado poderá resultar um "avanço considerável no processo de auto–conhecimento e integração interna".

Vã suposição, que confunde variedade ou quantidade com qualidade e arruína o equilíbrio ou o processo delicado de quem se atira à busca – como já vi, muitas vezes, ocorrer!

No governo divino[52](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#52), digamos assim, a espiritualidade é organizada segundo "Tradições", "Escolas" e "Linhas"[53](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#53) diferentes para zelar pelo mundo, conforme as várias necessidades locais e individuais[54](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#54), entendendo–se aqui, por *Tradição*, a estrutura conceitual teológica, cosmológica e ontológica[55](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#55) de um ponto de vista sobre a eternidade e o mundo; por *Escola*, cada forma específica de estudo de uma Tradição e as suas específicas práticas de reintegração a Deus, conformes a tal estrutura; e por *Linha*, o perfil pessoal profundo afim a cada particular Escola mas de acordo com as variadas destinações individuais, dando origem a agrupamentos por semelhança (*Falanges*) e eventuais cisões.

Em tal panorama, exige–se uma confiante entrega do ser encarnado ao caminho escolhido por si mesmo para seu consolo ou Retorno – por Tradição, Escola e Linha –, desde que confirmado no íntimo e assegurado pelo grau de bem–estar pessoal sustentável que produza.

Por que aventurar–se, então, alguém poderia perguntar, em uma busca incessante de métodos distintos ou sucessivos locais de serviço espiritual, crendo que com isto se estará "avançando mais"? Primeiro, por haver um dolorido sentimento de orfandade a ser mitigado e bocas sequiosas se aferram a qualquer seio vislumbrado; depois, porque assim vem sendo no ideário da veloz substituição de alternativas que preside a superestrutura ideológica do atual mundo ocidental, firmada no descartável; ao fim, porque, assim agindo, se mantém ativa no coração de cada um a fantasia ressentida e vaidosa de, acima de tudo, depender principalmente da criatura o sucesso ou o fracasso no caminho escolhido ao Criador, em detrimento da entrega de si à destinação, em Deus, à Graça, gerando e realimentando sentimentos compensatórios de onipotência mesclados ao medo de punição pelo fracasso[56](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#56).

Afinal, "*da mesma forma que existe uma voracidade por matéria, também há uma oralidade espiritual* [57](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#57)*. Tateamos, tocamos, sugamos várias doutrinas e caminhos sem nos determos em realizar nenhum*"[58](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#58).

"*Ih!, Luiz, é sempre assim! O irmão vem trabalhar aqui, dizendo que onde ele estava não era certo, que isso e aquilo e coisa e tal, mas quando o serviço começa a ensinar ele reclama da disciplina, sai daqui e vai para outro lugar… Aí, chegando lá, ele diz a todos que aqui era errado, que lá é o certo, que tal coisa e isso e aquilo, que por fim compreendeu, mas também só fica até começar a ser ensinado… Aí, reclama que todo mundo é duro demais, que ninguém entende nada, que tem tanta coisa errada, e vai para um terceiro lugar, onde começa tudo de novo – e na verdade nunca aprende, pois não quer aprender em lugar algum: quer mesmo é dizer como é que se faz!"*[59](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#59).

Como alerta santo João da Cruz, "*Pomos neste número as pessoas inconstantes que passam a existência mudando de estado e de maneira de viver. Como não se sustêm nos exercícios espirituais senão pelo fervor e pelo gozo sensível, jamais fazem sérios esforços para recolher–se no seu interior pela abnegação da vontade e pela paciência em suportar as menores contrariedades. Apenas descobrem um sítio favorável à sua devoção, ou um gênero de vida adaptado ao seu gosto e ao seu humor, logo o buscam abandonando o que anteriormente ocupavam. Mas como foram impelidas por aquele gosto sensível, depressa procuram outra coisa, porque a sensibilidade é por sua natureza inconstante e variável*"[60](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#60).

Então, a compreensão da impropriedade de tal tipo errático e experimental de comportamento, bastante comum nas pessoas com quem até então eu convivera em inúmeros centros daimistas de vários Estados brasileiros, bem como a confiança no caminho escolhido – Escola daimista, dentro da Tradição cristã – deram–me segurança em adotar as diretrizes doutrinárias de mestre Irineu para mim mesmo e para a casa de oração que eu dirigiria por sete anos seguidos.

Onde na verdade começou, ao trabalhar pelo próximo, o meu aprendizado sobre o Mensageiro e os fundamentos de sua obra.

Vida e obra que passo a relatar.

e; sua devoção, ou um gênero de vida adaptado ao seu gosto e ao seu humor, logo o buscam abandonando o que anteriormente ocupavam. Mas como foram impelidas por aquele gosto sensível, depressa procuram outra coisa, porque a sensibilidade é por sua natureza inconstante e variável"[60](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#60).

Então, a compreensão da impropriedade de tal tipo errático e experimental de comportamento, bastante comum nas pessoas com quem até então eu convivera em inúmeros centros daimistas de vários Estados brasileiros, bem como a confiança no caminho escolhido – Escola daimista, dentro da Tradição cristã – deram–me segurança em adotar as diretrizes doutrinárias de mestre Irineu para mim mesmo e para a casa de oração que eu dirigiria por sete anos seguidos.

Onde na verdade começou, ao trabalhar pelo próximo, o meu aprendizado sobre o Mensageiro e os fundamentos de sua obra.

Vida e obra que passo a relatar.

*Eu sou um filho de Deus,  
eu sou é um mensageiro,  
eu sou a luz luminante  
que ilumina o mundo inteiro.  
Eu sou é um mensageiro,  
com a luz que Deus me dá.  
A luz é para nós todos,  
aqueles que procurar.  
É preciso se trabalhar,  
fazer esforço de procurar,  
que nós todos temos a certeza  
deste mundo se ausentar.  
Vamos todos trabalhar,  
que nós vamos se apresentar  
perante ao nosso Pai  
e os trabalhos a Ele mostrar*[61](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#61)*.*

## Premissas

Escrevo este relato sobre a vida de mestre Raimundo Irineu Serra, *Juramidam*, o daime e a doutrina[62](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#62) daimista, graças a Deus.

Todavia, desejo explicitar–lhe minhas premissas, para não desapontar você se ele não for como você gostaria de conhecer.

**"Daimista", um termo genérico** – Para quem busca conhecer e compreender o que seja a "doutrina daimista", um complicador é o fato de muitos dos centros de serviço espiritual que usam a bebida *ayahuasca* em seus rituais serem genericamente denominados de "daimistas", com o que se obscurecem as importantes diferenças existentes entre as Tradições que conformam as crenças dos variados centros, a estrutura ou dinâmica de seus rituais e os objetivos que buscam atingir.

Então, devo delimitar que estarei comentando neste relato, sob o nome de doutrina daimista, a forma específica de evangelização[63](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#63) (em seus princípios teológicos, doutrinários e ritualísticos) que foi revelada a mestre Raimundo Irineu Serra, por Maria Santíssima e pelo Espírito Santo de Deus, entre a década de 30 e o ano de 1971 na cidade de Rio Branco, Estado do Acre.

Pois não existe uma "*organização religiosa conhecida como Santo Daime*"[64](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#64) ou o que já se tentou intitular, de forma imprecisa e genérica, como a "irmandade do daime": "*a história da Irmandade do Daime não foi essencialmente diferente da de outras sociedades esotéricas que se subdividem ou ramificam durante o curso de sua evolução e prática espiritual*"[65](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#65).

Ao contrário, bem ao contrário, não apenas muitos dos centros daimistas no Brasil ou no Exterior não têm articulação alguma entre si, tal qual seria em uma organização ou uma "irmandade", como muito poucos deles seguem as orientações originais de mestre Irineu, motivo pelo qual "*o ritual no Sul do Brasil é uma re–criação específica de cada grupo de daimistas (…) são dinâmicas bem diferentes entre si*"[66](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#66).

No máximo, "*podemos falar de 'sistema daimista' em caráter amplo, designando todos os grupos religiosos que consomem ayahuasca denominando–a 'Santo Daime' ou simplesmente 'Daime'"*[67](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#67).

**Não existe "daimismo"** – Até finais da década de 70 nunca houve algo que pudesse ser chamado de "religião do santo daime", como a partir de então passou a ser alardeado na mídia nacional e mundial, no afã de propalar o que passou a parecer o "*surgimento de uma nova religião na Amazônia – a Doutrina do Santo Daime*"[68](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#68).

Na verdade, a doutrina daimista nem bem seita é, se seita[69](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#69) implica "*doutrina ou sistema que se afasta da crença ou opinião geral*" ou "*sociedade cujos membros se agregam voluntariamente e que se mantém à parte do mundo*".

No correr do relato veremos o que originou tal alarde sobre uma suposta "nova religião", ou nova seita, dentro da inconsistência filosófica e teológica e da lógica de mercado predominantes em boa parte das produções de certa cultura "nova–era", mas desde já devo esclarecer que há a doutrina cristã explicitada nos ***Evangelhos*** e existem, como forma ativa de busca da salvação[70](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#70), os rituais daimistas de evangelização praticados e ensinados por mestre Raimundo Irineu Serra – o que não é, e nunca foi, "uma nova religião".

É exclusivamente dentro desta baliza fundamental de entendimento, então, que utilizo a expressão "doutrina daimista" em todo este relato.

Tanto a doutrina daimista é reapresentação da doutrina cristã, ou "replantio" – assim como o ***Novo Testamento*** o foi, do ***Antigo Testamento***: "*Não penseis que vim ab–rogar a Lei ou os Profetas: não vim ab–rogar, mas cumprir. Pois em verdade eu vos declaro, antes que passem o céu e terra, não passarão da lei um i nem um ponto do i, sem que tudo haja sido cumprido*"[71](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#71)–, que alguns dos daimistas mais velhos recordam mestre Irineu preferindo se dizer "uasqueiro", ou tomador de "uasca" (*ayahuasca*), a "daimista", sinalizando a sua própria percepção de não existir "daimismo", ou "religião daimista": o daime é recurso sacramental[72](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#72) propiciador da aproximação a Deus, em Deus[73](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#73), e a identidade e a estrutura doutrinária daimista original são exclusivamente cristãs.

Deus Filho, o Verbo, em Jesus.

Para ilustrar esta afirmação, reproduzo um diálogo mantido com João Rodrigues Facundes, o "Nica", Secretário da primeira diretoria do CICLU – Centro de Iluminação Cristã Luz Universal, o único centro de serviços espirituais que foi formalizado por mestre Irineu (em 1971):

*– O senhor me recordou um fato, "seu" Nica: no ano passado* [1994] *eu conversava com dona Peregrina, a viúva do Mestre, e em certo momento eu falei em ser daimista… Aí ela me atalhou: 'eu preferia que o senhor usasse o termo que o Mestre usava. Ele dizia que era uasqueiro'…*

*– Uasqueiro!*

*– Isso… Ele dizia assim, "seu" Nica?*

*– Dizia. E com muita ênfase!*

*– Mesmo depois de ter dado o nome de daime à bebida?*

*– Sim, de daime…*

*– Uasqueiro?*

*– Uasqueiro, é ele. Ele não fugia, assim, da raiz, né?*

*– Isso me chamou a atenção, "seu" Nica… Esse comentário da dona Peregrina me chamou muito a atenção!*

*– Eu, sinceramente, eu posso frisar isso aí como memória, para ficar em memória. São palavras dele, vamos dizer assim, são palavras dele: nós somos, éramos e continuamos sendo uasqueiros.*

Mestre Irineu, portanto, não pregou o "daimismo", assim como Jesus não rejeitou a Lei de Moisés[74](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#74) (o ***Antigo Testamento***) nem declarou estar "fundando" uma nova religião. Dinâmicas posteriores à Sua passagem pelo mundo, no correr do Século I, especialmente as de evangelização, conduzidas por Paulo, é que deram esta feição à Mensagem e originaram a Igreja Católica.

Provavelmente, diz o estudioso Pierre–Antoine Bernheim, membro da Society of Biblical Literature, "*tudo o que Jesus fazia (…) era marcar a prioridade da ética sobre o ritual, sem, entretanto, abandonar o ritual*", pois "*Jesus se comportava muito provavelmente como um judeu observador dos preceitos, sem questionar nenhum dos aspectos fundamentais da Lei. Dela, Jesus defendia uma concepção na qual o elemento moral tinha prioridade sobre o aspecto ritual* [e] *isso se manifestava concretamente (…) quando dois mandamentos bíblicos se opunham*"[75](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#75).

Como escreveu H.D. Betz, "*segundo o Sermão da Montanha, Jesus não abandonou a Torá* [***Antigo Testamento***] *mas refutou as más interpretações em meio às boas (…) Jesus não proclamava uma 'nova lei' ou uma ética especificamente cristã justapostas à velha lei (Torá) ou à ética dos rabinos, respectivamente; ensinava, antes, a verdadeira natureza da vontade de Deus, como está revelada na Torá*"[76](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#76).

Pois, nas Suas próprias palavras, "*cessai de julgar segundo a aparência, aprendei a julgar segundo o que é justo!"*[77](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#77).

De certo modo, mestre Irineu fez o mesmo.

**A doutrina daimista** – Em geral são grandes as dificuldades para quem busca mais do que apenas viver experiências pessoais na doutrina daimista, necessitando conceitos e princípios que ajudem a construir uma compreensão doutrinária mais clara e precisa, porque é atitude comum nos daimistas mais experientes não expor aspectos doutrinários mais complexos ou sutis, sugerindo–se apenas que quem busca "*tome daime e procure conhecer*", o que ajuda a tornar tudo mais confuso no cenário da cultura nova–era e frente a outros caminhos de desenvolvimento espiritual.

Isso também costuma ocorrer com praticantes de outras formas de servir à espiritualidade, em outras Tradições, Escolas ou Linhas, razão pela qual o Caminho é sempre coalhado de mistérios.

Quanto a esse fato, porém, creio que, embora as nuances do Caminho só se exponham a quem a ele se atira com confiança e pureza de propósitos, donde os Mistérios só se abrirem, pela graça de Deus, a quem os merece[78](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#78), nada há de ruim em esclarecer em detalhes a doutrina, como explicitado nos ensinamentos de mestre Irineu e nos hinos e hinários adotados nos serviços espirituais daimistas.

Tal qual a doutrina cristã original, mais perfeitamente identificável nos quatro ***Evangelhos*** e raiz das religiões cristãs católica romana, grega ortodoxa, anglicana e protestante (em suas várias denominações), a doutrina daimista se inscreve no conjunto das doutrinas salvíficas[79](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#79) anunciadas por revelação. Entretanto, é não–apocalíptica[80](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#80), ao buscar facilitar a seus fiéis a obtenção da salvação[81](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#81) por intervenção da Graça na vida presente.

A despeito de ter brotado ao meio da Amazônia Ocidental, na cidade de Rio Branco, Estado do Acre, é doutrina cristalinamente urbana e nada toma emprestado ou sincretiza de rituais indígenas regionais: constitui–se como um culto devocional mariano, adotando a Imaculada Conceição[82](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#82), Mãe do Filho de Deus, como protetora e professora no caminho revelador e consolidador do Verbo e do Espírito Santo no ser humano.

Centrada na realidade Una e Trina de Deus, a doutrina daimista mobiliza vigorosamente a caridade, a esperança e a fé e os valores de coragem e perseverança em rituais sempre grupais que preenchem o seu calendário litúrgico, encerrado todos os anos no *dia dos Santos Reis*.

Tais rituais, abertos a toda a irmandade e a visitantes[83](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#83), alternam, no correr do tempo, regulares e breves serviços espirituais de introspecção (para íntima avaliação comportamental e ética, catarse e conhecimento visual, auditivo ou intuitivo por iluminação, ou "*miração*"[84](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#84)) com poucos mas longos serviços de louvação a Deus, a Jesus Cristo e à Imaculada Conceição (por meio de cânticos e bailados rituais executados no decorrer de várias horas seguidas[85](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#85)).

O aspecto catártico, no sentido de "*libertação, expulsão ou purgação daquilo que é estranho à essência ou à natureza de um ser e que, por esta razão, o corrompe*", é propiciado pelos efeitos psicológicos e corporais do daime e pela ação combinada da introspecção pessoal em grupo e dos cânticos rituais.

Com este conjunto de serviços, e de modo significativamente original – no qual reside a mais evidente característica de ***inovação pelo Espírito Santo***[86](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#86) –, a doutrina daimista aglutina procedimentos e intensifica possibilidades de realização espiritual através dos quatro modos sempre presentes, em maior ou menor intensidade, em todas as formas conhecidas de busca da salvação: *o conhecimento pela revelação, a compreensão pela especulação filosófica, o desenvolvimento da amorosidade pela devoção e o incentivo ao progresso humano pela solidariedade ativa*, ao mobilizar e avivar simultaneamente as quatro funções básicas da consciência humana: intuição, pensamento, sentimento e sensação.

(Entendo aqui por "especulação filosófica" o ato de "raciocinar sobre algo", próprio do ser humano, e não a especialidade acadêmica de Filosofia.)

Com isto, e somente a título de comparação, a doutrina daimista resume em si e oferece aos seus fiéis – e nesta oferta reside sua originalidade, volto a lembrar – todas as quatro alternativas de auto–realização ou salvação como já foram propostas pelo Vedantismo, a mais antiga religião ainda viva conhecida: o "*caminho do amor devocional*" a Deus (*bhakti marga*), o "c*aminho do conhecimento pela especulação*" (*gnana marga*), o "*caminho das obras altruístas*" (*karma marga*) e o "*caminho do domínio da mente*" (*raja marga*).

Atende, assim, às necessidades de quaisquer pessoas que busquem se desenvolver espiritualmente, independente do perfil individual ou grau de sofisticação intelectual e preparo escolar do praticante.

Neste sentido é universalista, embora seu perfil seja predominantemente revelador e amoroso (razão pela qual pôde ser transmitida como revelação da Graça, por meio de revelações privadas da Mãe de Deus a mestre Irineu e por meio do *Paráclito*[87](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#87) inabitado nele, o Mensageiro do verbo), equilibrando com o desenvolvimento da intuição reveladora e da amorosidade sentimental os traços predominantes do psiquismo ocidental, que é acentuadamente dirigido pelas funções psíquicas do pensamento especulativo e do cultivo das sensações corporais.

Embora seja reencarnacionista, e nisto divirja das formulações católica, ortodoxa e protestante da fé cristã, a doutrina daimista não tem por objetivo o estabelecimento de contato ativo com o espírito de falecidos (a despeito de que isso possa ocorrer espontaneamente no correr de rituais), assim como não preconiza a ocorrência de incorporações com abolição da consciência, como se dá em práticas do espiritismo kardecista e de sincretismos afro–brasileiros, como a umbanda, visando preservar e expandir a consciência, atributo humano vital para o livre–arbítrio[88](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#88) no plano da salvação.

Não é uma "egrégora de elites", no sentido de níveis hierárquicos de saber mantidos estanques entre os fiéis (e entre estes e a coletividade) ou de busca de desenvolvimento de "poderes especiais", pois pressupõe que o nível atingido de integração espiritual é decorrência exclusiva de decisão soberana da Graça e do "merecimento pessoal" do indivíduo, por obras realizadas, nesta ordem de importância – e por isso, por mais que se faça, pede–se sempre.

Sua ritualística é despojada, não requerendo mais do que o uso de simples vestimentas uniformizadas, a aquisição do hábito de introspecção auto–avaliadora, a superação de bloqueios íntimos contra o canto em público e o desenvolvimento de atitudes de ativa solidariedade grupal.

A liturgia daimista se cumpre no correr do tempo em reuniões quinzenais de "concentração" (para autoconhecimento, auto–avaliação e "reforma íntima") e "serviços bailados" espaçados (para louvação e celebração a Deus), para os quais não se convida ninguém mas que se abrem a quem os busca[89](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#89), sempre sem a intermediação de "sacerdotes" ou de dirigentes dos cultos[90](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#90), embora haja orientação aos iniciantes, por parte dos mais experientes, quando a ajuda é necessária ou se pedida espontaneamente.

Para que, assim, seja facilitado trilhar o caminho do retorno a Deus, pois, como cantam dois hinos do hinário de Germano Guilherme, um dos principais seguidores de mestre Irineu, eis a cosmologia e a metafísica da doutrina daimista:

*"Divino Pai Eterno  
o seu mundo veio e formou,  
o seu mundo veio e formou,  
e habitou, e habitou  
com toda a criação, com toda a criação.  
Com o Vosso amor,  
deixou e levou,  
e tão distante ficou.  
E tão distante ficou,  
olhando a sua criação,  
olhando a sua criação.  
Com Vosso brilho do amor,  
com Vosso brilho,  
com Vosso brilho do amor"*[91](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#91)*.*

e

*"O nosso Pai foi quem mandou,  
a nossa Mãe recebeu,  
que foi para este dia  
que Jesus Cristo nasceu.  
Ele nasceu neste dia  
para vir nos ensinar:  
pela estrada que viemos,  
por ela nós temos que voltar"*[92](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#92)*.*

Uma metafísica ascendente, portanto[93](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#93).

**A simultaneidade de enfoques** – Neste relato comentado não vou adotar uma perspectiva exclusivamente histórica, psicológica, doutrinária ou teológica sobre a doutrina daimista.

Muito ao contrário, por se tratar do relato de história ainda viva, tentarei abordar todos os enfoques – histórico, psicológico, doutrinário e teológico – da melhor forma que eu puder e a partir de várias fontes de informação ou diversos campos de conhecimento, tendo por baliza o que foi ensinado e praticado por mestre Irineu.

Para tanto, embora meu principal foco de interesse seja o teológico e o doutrinário, adotarei neste relato um procedimento unificador, pois "*cada uma dessas abordagens* [histórica, psicológica, doutrinária ou teológica] *ganharia em unidade se isolada das demais, mas perderia em capacidade explicativa (…) Como antropólogo, suponho que esta integração possa ser melhor alcançada sob a perspectiva da antropologia, que, por sua amplitude de interesses e por sua flexibilidade metodológica, está mais habilitada a empreender obras de síntese*"[94](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#94).

Todavia, lembro que "*um fenômeno religioso somente se revelará como tal com a condição de ser apreendido dentro de sua própria modalidade, isto é, de ser estudado à escala religiosa. Querer delimitar este fenômeno pela fisiologia, pela psicologia, pela sociologia e pela ciência econômica, pela lingüística e pela arte etc., é traí–lo, é deixar escapar precisamente aquilo que nele existe de único e irredutível, ou seja, o seu caráter sagrado*"[95](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#95).

Então, na primeira parte analisarei a doutrina daimista sob o prisma de sua história formativa, do processo de facilitação da entrega de si à Graça, que a doutrina propicia, e das reinterpretações doutrinárias e ritualísticas ocorridas após a passagem de mestre Irineu – levando a desvios que passaram a ser percebidos pela opinião pública como sendo "a doutrina daimista", dada a sua intensa repercussão na mídia, mas que devem ser conhecidos e entendidos em virtude do grau de prejuízo que podem acarretar a quem busca se desenvolver pessoal e espiritualmente.

Na segunda parte, se Deus me ajudar, farei a exegese (ou interpretação analítica) dos hinos da base doutrinária daimista, especialmente os do hinário "*O Cruzeiro Universal*", recebido por mestre Irineu, com vistas a expor o que, na verdade, mestre Irineu amorosamente replantou: a doutrina cristã.

**O daime e outras plantas psicoativas** – Embora eu vá relatar e explicar a explícita interdição de mestre Irineu ao uso de daime combinado com quaisquer outras substâncias que tenham efeito sobre a consciência, não identifico em mim preconceito, concordância com estruturas inadequadas de leis sobre drogas ou nenhuma rigidez conceitual sobre o tema: trata–se apenas da convicção de não haver compatibilidade possível entre o daime e outras plantas psicoativas[96](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#96) no sutil reino da espiritualidade.

Dediquei–me, por boa parte dos anos 80 e toda a década seguinte, ao estudo sistematizado dos estados de consciência alterada, ou expandida, tal como estudados, descritos e documentados por bioquímicos, neurocientistas, psicólogos e psiquiatras de importantes centros internacionais de pesquisa científica. E boa parte destes estudos se dedica a analisar os efeitos da maconha (*cannabis sativa*) para alteração de consciência, entre outros princípios químicos naturais ou sintetizados.

Dentro deste conjunto amplo de conhecimentos é que pude, desde cedo, compreender a sábia orientação de mestre Irineu: "*quem quiser seguir comigo é com daime e não com outra mistura nenhuma, nem de linhas nem de plantas*"[97](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#97), pois os caminhos do daime e da maconha são antagônicos na espiritualidade e a qualidade dos seres – "desencarnados" ou "encantados" – que atraem ou vitalizam é distinta demais e demasiado conflitante, além de raras vezes harmonizável.

Mas isto será melhor detalhado, adiante, no capítulo O CRISOL.

**A existência de seres espirituais** – Tenho como verdadeira a existência de entes "espirituais" viventes no "invisível", na "espiritualidade" ou no "astral", como nós chamamos o seu modo de existir, quer entes algum dia encarnados em nosso planeta e, hoje, desencarnados que se mantêm vivos em alguma das camadas de existência entre as quais a nossa é apenas uma – "*se há um corpo animal, há também um corpo espiritual*"[98](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#98)–, quer entes nunca encarnados na terra mas, sim, que vivem como encantados[99](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#99) em alguma outra camada incorpórea, manifestando–se a nós dentro da obra de Deus.

Em decorrência, tenho como verdadeira a reencarnação dentro da obra de Deus, mesmo que dentro de uma lógica de causa e efeito que por vezes ultrapassa nossa possibilidade de compreender.

Sobre isto, testemunha a Escritura, "*eu era, sem dúvida, criança bem dotada e recebera, em quinhão, boa alma; ou antes, como era bom, viera a um corpo sem mancha*"[100](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#100): encarna–se conforme o necessário e conveniente a cada ser dentro da obra de Deus, obediente à sua destinação[101](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#101).

Mas não vou expor ou pormenorizar teorias de reencarnação, buscando explicitar porque sei ser assim e tentando convencer quem pensa diferente. Simplesmente parto deste princípio – que para mim é mais do que postulado, por ser um bom fruto conhecido e compreendido de experiências tão objetivas quanto o fato de eu estar respirando agora, enquanto escrevo.

**Espiritualidade e psicologia** – Não percebo sentido algum em conhecer, compreender ou relatar a espiritualidade na vida humana sem considerar os fatos, processos e características do psiquismo, nem que seja pelo fato de que tudo o que nos ocorre, quer por iniciativa nossa, quer por efeito da realidade que nos envolve (na qual as dinâmicas espirituais também são um fator importante) passa por nosso corpo e nossa mente e neles deixa marcas, ao mesmo tempo em que depende de nossa mente e nosso corpo para que o possamos experimentar.

Afinal, encarnamos porque esta é a forma na qual a vontade bondosa de Deus se manifesta em nossa camada de existência, e graças a isso vivemos e morremos, ao menos na forma como nos percebemos.

Em meu entender, a vivência da fé[102](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#102) e o estudo da Graça se enriquecem sobremaneira quando são acompanhados pela compreensão dos processos psicológicos humanos. Pois, como Jung escreveu, "*Deus nunca falou de outro modo aos homens que não na e pela psique; e a psique o compreende, e nós o experimentamos como algo psíquico. Quem diz que isto é psicologização* [da vivência espiritual] *nega o olho que enxerga o sol*"[103](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#103)

Portanto, aqui ou acolá estarei agregando a este relato comentários provindos de minha forma pessoal de conceber o corpo e a mente, assim como sobre sua relação dinâmica com a espiritualidade, sem que isso seja uma tentativa de aprisionar a vivência da fé em conceitos ou símbolos tidos por mim ou por alguém como os mais adequados.

É que creio que "*a fé* [104](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#104) *e a razão constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de O conhecer a Ele, para que, conhecendo–O e amando–O, possa chegar também à verdade plena sobre si próprio*"[105](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#105).

Ou, como já se disse do trabalho de santo Agostinho, "*o que nesse momento recebia da Fé, iria considerá–lo em obras posteriores à luz do puro conhecimento racional, empenhado em transformar esse dado religioso numa certeza estritamente filosófica. Ficaria sendo essa a grande aspiração da sua inteligência, sobre todas as verdades cristãs – 'crer' e 'entender' – isto é, transformar as verdades acreditadas em certezas rigorosamente racionais, para tornar ainda mais vivo e profundo o mesmo ato de Fé*"[106](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#106).

**Expansão da consciência** – Por falar em conhecer e se conhecer, também devo explicar que neste relato, dedicado a expor e comentar o legado original de mestre Raimundo Irineu Serra, o transmissor da doutrina daimista, algo do que narrarei ou comentarei pode ser tido como alucinação.

Entretanto, não pretendo apresentar ou justificar nenhum modelo teórico do que seja, ou não, alucinação.

Apenas destaco um trecho do Relatório Final de Atividades do Grupo de Trabalho instituído em meados dos anos 80 pelo já extinto Confen – Conselho Federal de Entorpecentes, o qual em 1992 redundou na liberação nacional do uso de daime em rituais de serviço à espiritualidade: "*propor a reflexão sobre estados de percepção a que o homem pode ser levado e que não parecem merecer a definição de loucura ou insanidade mental, sendo, de resto, no mínimo temerário classificar como ilusão, devaneio ou fantasia. É preciso (…) refletir e repensar a sociedade em que vivemos, onde, com facilidade, classificamos de loucas ou alienadas as pessoas que, com ou sem ayahuasca, optam por formas de vida diferentes das nossas ou buscam processos de conhecimento ou de realização pessoal diversos daqueles estabelecidos*"[107](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#107).

Porque tenho por verdadeiro o fato de que, geralmente, experiências vividas em estados de consciência expandida, os quais permitem à pessoa ultrapassar o estado de "*razão natural*", não são alucinações[108](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#108), embora possam ser tão–só imagens de fantasias ou de sonhos vividos em vigília, requerendo de quem as vivencia um humilde, delicado, paciente e por vezes elaborado estudo interno, às vezes coisa de anos – isso, quando consegue entender do que se trata.

Caso não ocorra tal estudo interno, a dificultosa tarefa de discernir para compreender e de recordar para integrar, em sucessivas camadas de memória e experiência, como veremos no capítulo A OBRA, não chega a bom termo.

**Doutrina exclusivamente cristã** – A despeito de que no decorrer desse relato eu lance mão de imagens, símbolos, nomenclatura ou descrição de rituais de variadas Tradições, Escolas ou Linhas espirituais, devo relembrar que a doutrina daimista, tal qual desdobrada da eternidade[109](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#109) e ensinada na terra por mestre Irineu a partir dos anos 30, deriva de aparições de nossa Senhora e arraiga em base exclusivamente cristã, não tendo sido nunca a difusa e controversa mescla de crenças e doutrinas que a partir dos anos 80 passou a ser mostrada para a opinião pública no Brasil e em vários países do mundo.

Como veremos no capítulo O Alto Santo, houve razões espirituais e amplo proveito institucional no "ecletismo" desordenado de tal mistura de crenças e doutrinas que passou a haver após meados dos anos 70 sob o nome de "religião do santo daime", mas desde já tal distinção fundamental deve ser considerada – sem que isso implique demérito a qualquer, quando analisada em suas próprias características: em si, e para aqueles a elas destinados, as boas doutrinas são sãs, insano é querer mesclá–las porque assim parece adequado ou conveniente.

Então, para que se compreenda melhor a diferença, meu relato se construirá sobre a história de mestre Irineu no mundo, as quatro décadas reveladoras da doutrina daimista (1931–1971) e a exegese de hinos do seu próprio hinário e de outros hinários da base doutrinária, tal como deixado por mestre Irineu antes de sua passagem – exclusivamente os de Germano Guilherme, João Pereira, Maria Marques Vieira "Damião" e Antonio Gomes, exatamente nesta ordem, e a *Santa Missa*[110](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#110).

Deve ser registrado também que, embora inúmeros outros daimistas tenham hinários de importante riqueza espiritual e humana, eu optei pela interpretação sobre a base doutrinária estabelecida por mestre Irineu pela segurança em não ter havido viés ou corrupção do Ensinamento.

**A exegese do conteúdo dos hinos** – No decurso do relato, e na exegese, eu não estarei preocupado com a ordem dos hinários que serão analisados – do "*O Cruzeiro Universal*" à Santa Missa – e nem em manter a seqüência numérica dos hinos de cada hinário, do primeiro ao último.

Quanto a esse aspecto, porque isto me tranqüiliza, lembro que mestre Irineu, na arquitetura da *Santa Missa*, não apenas começou com um hino que não é do seu hinário como dispôs os próprios hinos em ordem invertida, como a sinalizar que, desde a eternidade, ele cuida do porquê da ordem que está sendo usada a cada instante: porque assim convém à obra de Deus.

Minha intenção, e para isso até mesmo registrarei fragmentos de hinos, ao invés de hinos inteiros, é facilitar a percepção e compreensão dos fundamentos da doutrina daimista, a qual é uma reapresentação da doutrina cristã, atenuando a densidade relativa da cor local de sua manifestação, desta vez acreana, e realçando os valores eternos que ela afirma e prega em benefício da verdade e do bem, uma vez mais, por obra do Espírito Santo e para maior glória de Deus.

**A base doutrinária** – No trabalho de exegese, devo explicitar que, além dos próprios hinários da base – "*tronqueira*"[111](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#111), como mestre Irineu dizia –, estarei aqui e acolá mencionando também hinos de hinários sem igual mandato doutrinário.

Os hinos constantes neste relato, então, exceto quando assinalado no texto, são indicados pelas iniciais de seu "dono"[112](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#112) e o número do hino no respectivo hinário, obedecendo à seguinte codificação alfabética:

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| AG | Antonio Gomes | NJ | Sebastião Mota de Melo (2o hinário) |
| GG | Germano Guilherme | PM | Percília Matos da Silva |
| JP | João Pereira | PS | Sebastião Mota de Melo (1o hinário) |
| MD | Maria "Damião" | SM | Santa Missa |
| MI | Mestre Irineu | TA | Tufi Rachid Amin |

Além disso, adotei o *Dicionário de Antonio Houaiss* para no correr do texto uniformizar significados, raiz etimológica ou vocabulário e, no que diz respeito a citações da Escritura (inclusive dos Livros sobre os quais a análise bíblica contemporânea tem dúvidas quanto à autenticidade ou autoria, como ***Hebreus*** e ***2 Pedro***), optei pela 2a edição brasileira da *Bíblia TEB* (*Tradution Œcuménique de la Bible*), que no tocante ao ***Antigo Testamento*** tem por base os originais hebraico e aramaico e a versão grega (*Septuaginta*) e, no que se refere ao Novo Testamento, a Bíblia de Jerusalém (*Editions du Cerf*) e o *Novum Testamentum Græece* (mais conhecido como a "edição Nestle–Aland", seus editores)[113](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#113).

Assim também, optei por não adotar nenhum dos ***Evangelhos*** chamados "apócrifos"[114](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#114), destituídos de autoridade canônica[115](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#115) e sobre os quais ainda há discrepância quanto à fidelidade aos fatos e fonte de inspiração.

**Um relato comentado** – E ao fim disto tudo é importante, muito importante!, que eu afirme que a razão e o principal ensinamento deste relato são mestre Raimundo Irineu Serra e sua obra de amor irresistível e exigente, fiel à verdade e bondoso, como é o amor de Deus.

Todavia, pondo fim a uma discussão mantida comigo mesmo por quase dez anos, decidi relatar sua vida e sua obra de forma comentada, razão pela qual nela me incluo como narrador e comentador.

Explico: em 1994, no princípio de meu caminho daimista, decidi escrever a biografia deste homem, ser abençoado que tanto nos iluminou e vem iluminando, desde a eternidade.

Pois logo após ter tomado daime pela primeira vez eu anotara em meu diário: "*Sonhei toda a noite. Em meus sonhos, eu organizava os registros de informações sobre* [o daime]*: seus rituais, seus participantes, seus nomes e apelidos etc. Em vários sonhos eu me via com um caderninho nas mãos, anotando ordenadamente – e até em ordem alfabética e numérica – todas as informações de que eu dispunha, em meio aos freqüentadores dos rituais, como que fazendo um minucioso estudo* [sobre o] *daime*".

Mas como fazê–lo, todavia?

Simplesmente contar a história de um negro maranhense que no começo do Século XX foi para a Amazônia coletar borracha e, assim o fazendo, cronologicamente registrar o que a memória oral daquela região guarda sobre ele e a revelação original da doutrina?

Ou arriscar–me a relatar tal história e aquela obra sob meu próprio e singular ponto de vista, por limitado e particular que fosse, estudioso que sou, desde há muito, de processos metodizados de expansão de consciência para ampliação de conhecimento e compreensão, de inclusão da espiritualidade na Psicologia e das religiões comparadas?

Em meu íntimo sempre julguei ser mais produtiva a segunda hipótese, pois apresentar a doutrina daimista também sob a óptica de experiências vividas por mim e por quem conheci de perto talvez ajudasse a tornar o conteúdo deste relato mais próximo das pessoas que me leriam, muitas delas também comuns, como eu.

Solicito a você, portanto: creia que apenas pretendo ser transmissor do que pude observar, aprender e receber no contato com o legado vivo de mestre Irineu, por meio de minha forma pessoal de narrar e comentar sua história e sua obra e pelo que de bem vi ocorrer a tanta gente.

Sem poder, evidentemente, abranger a totalidade de ensinos presente no que ele nos deixou – "*não te afadigues com obras que te ultrapassam*"[116](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#116)–, tão vasto e profundo é seu significado.

http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/img/3-estrelas.gif

Portanto, como já se disse algum dia, depois de ler este relato credite ao Rei dos mestres o que de bom, belo e verdadeiro tiver vindo a você deste relato – e debite a mim tudo o que não tiver sido assim.

Por alguma razão de Deus, que a Ele devemos tudo, havia de ser deste jeito…

p>

Em meu íntimo sempre julguei ser mais produtiva a segunda hipótese, pois apresentar a doutrina daimista também sob a óptica de experiências vividas por mim e por quem conheci de perto talvez ajudasse a tornar o conteúdo deste relato mais próximo das pessoas que me leriam, muitas delas também comuns, como eu.

Solicito a você, portanto: creia que apenas pretendo ser transmissor do que pude observar, aprender e receber no contato com o legado vivo de mestre Irineu, por meio de minha forma pessoal de narrar e comentar sua história e sua obra e pelo que de bem vi ocorrer a tanta gente.

Sem poder, evidentemente, abranger a totalidade de ensinos presente no que ele nos deixou – "*não te afadigues com obras que te ultrapassam*"[116](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#116)–, tão vasto e profundo é seu significado.

http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/img/3-estrelas.gif

Portanto, como já se disse algum dia, depois de ler este relato credite ao Rei dos mestres o que de bom, belo e verdadeiro tiver vindo a você deste relato – e debite a mim tudo o que não tiver sido assim.

Por alguma razão de Deus, que a Ele devemos tudo, havia de ser deste jeito…

## O começo de tudo

"Tem um negócio *aí que muita gente não sabe: o nome dele lá é Raimundo Irineu de Mattos, está até no batistério dele, na igreja onde ele foi batizado, mas ele não adotava e preferiu ser Serra, que era da parte da mãe dele. Ele não gostava de Mattos, mas um bocado de gente lá era Mattos. A minha própria mãe, nos documentos dela, é Mattos*".

Filho natural de Sancho Martinho de Mattos e Joana d'Assunção Serra, ao tirar documentos no Acre Irineu escolhera utilizar apenas o sobrenome da mãe.

Quem relata é Daniel Acelino Serra, sobrinho que mestre Irineu trouxe do Maranhão em 1957 junto com outros dois (Zequinha e João Serra[117](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#117)), após sua única viagem de volta à terra natal, já idoso, mais de 40 anos após ter saído de lá (ocasião em que deixou o serviço espiritual sendo realizado na casa de dona Percília Matos da Silva, que conheceremos adiante): pelos idos de 1910 ou 1912, diz a memória dos que com ele conviveram, aos cerca de vinte anos de idade ele migrou da pequenina cidade de São Vicente Ferrer, no interior do Maranhão, à busca de fazer fortuna com o látex (em 1912 a produção amazônica de borracha havia atingido seu auge histórico, sendo depois superada pela da Ásia).

O Brasil estava na efervescência da borracha, a definição de divisas entre Brasil, Colômbia, Bolívia e Peru mobilizava o Governo Federal, que desejava povoar a região amazônica como recurso geopolítico de defesa nacional – após rebelião liderada por José Plácido de Castro, o Brasil comprara em 1903 à Bolívia o Acre, para o transformar em Território no ano seguinte –, e lá foi ele, aquele negro maranhense de quase dois metros de altura, em barco Amazonas acima, a partir de Manaus.

Dizem familiares que desde menino ele era incomum, pois dele os animais se acercavam sem medo, mesmo em se tratando de fauna silvestre[118](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#118), assim como era seguidamente disciplinado à noite, desde pequeno, durante seus sonhos, mas ao chegar ao Acre parecia ser apenas mais um.

"*Na sua infância, quando fazia traquinagem, isto é, quando desobedecia seus pais, que toda criança passa por essas, era castigado à noite nos sonhos por uma senhora. Ele já recebia disciplina! Punham–no despido em cima de um paiol de arroz com casca, que arroz com casca cutuca, né? e dói… Dizia que o rolavam para lá e para cá. Quem o punha nesse castigo vai surgir mais adiante, mas ele ainda não percebia quem era*"[119](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#119).

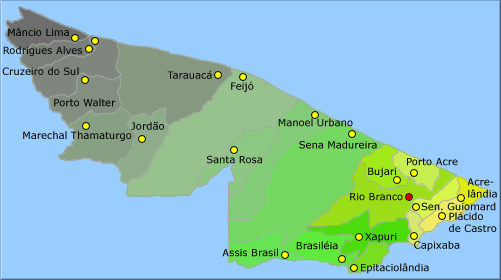
Tendo por mãe uma católica fervorosa, daquelas de rezar um Terço às seis da tarde todos os dias, e oriundo de terras onde o Tambor–de–Mina do Maranhão, uma antiga Linha espiritual afro–brasileira de raiz jeje[120](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#120) daomeana, era ainda cantado – embora sua família, ex–escrava, houvesse adotado o catolicismo e se distanciado das religiões africanas[121](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#121)–, Raimundo Irineu, ou apenas Irineu, como passou a ser conhecido, zanzou anos a fio pelo Acre e se embrenhou até Bolívia e Peru para ganhar a vida, primeiro como seringueiro e, depois, nas tropas do Marechal Rondon, que cravava fronteiras na mata bruta.

"*Salve, Rainha, lá no meio do mar, que manda na terra, que manda no mar…*", cantam os Mina de março a outubro em louvor a nossa Senhora do Rosário, a qual é interpretada como a rainha das águas nas Tradições africanas.

Deve ser dito, aliás, para uma mais plena compreensão do solo no qual o trabalho de mestre Irineu depois germinaria, que o Tambor–de–Mina, apesar de se manter até hoje como um sistema religioso autônomo no Maranhão – avesso, inclusive, à expansão do culto por intermédio da abertura de novas "filiais" –, apresenta importantes pontos de contato com o catolicismo, com o espiritismo kardecista, com a pajelança de origem ameríndia e com práticas culturais de origem européia, razão pela qual não é fácil apontar quais dos seus traços atuais são de origem africana e, quais, os que têm outra origem.

A bem da verdade, porém, não foi apenas a atração pelo ganho possível na Amazônia que tirou Irineu do Maranhão. Ele queria casar e sua mãe julgava ser muito cedo: "*Eu conhecia a noiva dele, se chamava Fernanda… Ele queria casar e, aí, um tio materno dele, que o criou e se chamava Paulo Serra… nós o chamávamos de 'padrinho Paulo'… disse: 'olha, é muito bom casar, mas se eu fosse você ia dar uma volta no mundo. Se ela for para ser sua mulher, ela estará aqui quando você voltar'. Aí ele pensou e viajou, deixando a noiva lá, mulher bonita, assim clara, cabelo meio sarará*"[122](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#122).

Um terceiro motivo tornou imperiosa a viagem de Irineu, como frisa um filho de Luiz Mendes do Nascimento (Luiz Mendes foi por anos seguidos o eloqüente orador oficial da sede de serviços dirigida por mestre Irineu, em cerimônias especiais): "*E há outro motivo que eu queria colocar: Ele entrou numa briga para defender um companheiro ou uns companheiros, num Tambor–de–Crioula, ou Tambor–de–Mina. Estavam batendo em gente dele e ele, por ser muito grande e forte, tomou as dores; por causa disso os caras ficaram com rixa e juraram ele de morte*"[123](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#123).



Já uma versão de um primo conta que Irineu, após apanhar do padrinho Paulo em função da briga, simplesmente saiu de casa: "*com um rebenque de duas batedeiras com oito pernas de cada lado, chamou o sobrinho brigando. E foram três tacadas em cima da cabeça de Irineu. Foi o padrinho sair, ele pegou uma calça de saco, uma camisa de brim alfacim, tudo dentro de um saco de trigo, e ganhou mundo: só foi aparecer de novo quarenta e seis anos depois, ninguém não sabia nem se estava vivo ou morto*"[124](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#124).

De qualquer maneira, a caminho do Acre ele morou em Itacoatiara, perto de Manaus: "*Ele trabalhou com um bocado de coisas, ele sempre contava para mim, até chegou a ser magarefe, em um negócio de matar boi para despachar a carne em navios. Ele veio direto do Maranhão para o Amazonas e aí parou um tempo, que foi um tempo grande, não foi pequeno, não*"[125](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#125).

De lá veio para o Acre, subindo para a seringa (coleta de látex) em Xapuri e, mais tarde, para os postos avançados da Comissão de Limites e Fronteiras em Brasiléia, Sena Madureira e Assis Brasil, bem perto do ponto intitulado "Três fronteiras" – pois, ali, Peru, Bolívia e Brasil se encontram.

Aliás, foi no Peru que tomou *ayahuasca* pela primeira vez, atraído pela promessa de ficar rico se fizesse um pacto com o diabo, como diziam… Décadas depois ele contava que, quando a miração chegou, só via cruzes, cruzes e mais cruzes, a cada vez que invocava o maligno, passando a duvidar, daí por diante, ser coisa do tentador, aquilo.

*–"Cruzes! Como o 'coisa–ruim' ia me fazer ver cruzes?"*[126](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#126)

O que nos ensina que o proveito de tomar daime decorre também da destinação, e não só da intenção, com a qual se o toma.

(Há divergência nos relatos, porém, pois embora muitos afirmem que quem propiciou o contato de Irineu com a *ayahuasca* foi Antonio Costa, seu sobrinho Daniel Acelino Serra recorda que muitas vezes mestre Irineu mencionava ter sido um tal de José Gomes quem o ensinara a fazer a bebida.)

Antonio Costa, por sua vez, teria conhecido a *ayahuasca* por meio de Crescêncio Pizango, peruano com quem trabalhou perto de Cobija, na Bolívia[127](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#127), e que aparece em algumas versões populares como o "inca" que apresentou a bebida a mestre Irineu.

Mas neste relato não estarei preocupado em minuciar detalhes, como os da filiação de mestre Irineu ao Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, na primeira metade dos anos 60, pois são apenas contornos eventuais da sua passagem pelo mundo, ruídos de sua vida na Terra e não sinalizadores importantes de sua obra.

Aliás, por falar nesta fugaz filiação, a despeito de versões de que "*os grupos do Alto Santo (…) foram formulados, em grande medida, a partir da influência da filosofia do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento*"[128](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#128), desta aproximação nada foi retirado para o conteúdo ou a forma da doutrina daimista, quer por ter ocorrido 40 anos após o início da formulação original da doutrina, quer porque as revelações de nossa Senhora e os hinos da base doutrinária sempre foram a raiz e o resumo de que, para que e como se devia fazer.

Parece que "*a Irineu, essa relação interessava particularmente na medida em que, por ser o Círculo uma entidade legalizada juridicamente, ele esperava, por seu intermédio, obter respaldo legal* [129](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#129) *para o consumo de ayahuasca*"[130](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#130).

Para ser mais preciso, durante o período de filiação (entre 25.05.61 e o ano de 1967 ou 1968) mestre Irineu adotou dois textos do Círculo, "*Consagração do aposento*" e "*Chave de harmonia*", lidos em voz alta nas reuniões que passou a realizar também no dia 27 de cada mês (data adotada pelo Círculo para seu encontro mensal), mas após se afastar desta instituição (por restrições ao daime impostas a partir de São Paulo) não mais utilizou tais textos como referência de reflexão para a irmandade que congregava nem continuou a realizar as sessões dos dias 27, mantendo apenas as concentrações nos dias 15 e 30 de cada mês, como veremos no próximo capítulo.

De qualquer modo, contam que uma noite, após ter tomado *ayahuasca* com Antonio Costa e estar em uma palhoça na mata, cada qual em seu aposento, depois de terem mirado foi chamado na rede pelo amigo:

*– Irineu, vieram dizer que tem uma mulher querendo falar contigo.*

*– Mulher? Que mulher, Antonio?*

*– Ela diz que te acompanhou na viagem de barco. Disseram chamar-se Clara e que volta na quarta que vem…*

Quarta–feira próxima, na luz do daime, lá foi o Irineu ver a lua baixar e, nela, "uma linda mulher" sentada em uma poltrona:

*– Irineu?*

*– Simmmm…*

*– Tu vais curar um povo inteiro, ensinando a louvar Deus.*

*– Eu??? Mas nem curar, eu sei!*

*– Isto, eu ensino…*

*– Mas curar como, se são tantas, as doenças?*

*– Sabe aquela bebida que tu tomaste? Aquela, das cruzes?*

*– Sei…*

*– Pois é: eu vou pôr nela o que tu precisas para curar toda doença. Mas ela não pode servir para ganhar dinheiro, apenas para curar e ajudar na salvação dos seus irmãos*[131](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#131)*.*

Muito tempo após, mestre Irineu ensinaria que "*o daime cura tudo, menos sentença divina*"[132](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#132)– presente na destinação –, assim como se referiria àquela noite como a da primeira revelação de nossa Senhora da Conceição.

Como canta um hino,

*"Eu amei uma senhora  
pelo meio de transmissão,  
quando chegou–me a verdade:  
era a minha Senhora Mãe"*[133](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#133)*.*

A versão mais corrente relata que mestre Irineu teria pedido para ser "o maior curador do mundo", mas isso contradiz a noção de missão – como ele mesmo indica explicitamente no hino 114: *"fazendo algumas curas, que minha Mãe me ordenou*" – e parece apenas espelhar o banal desejo humano, em quem conta a história, de encontrar quem nos dê "o que nós quisermos"…

Outra versão, curiosa e que sugere o tema das "*companheiras da Virgem Maria*", que encontraremos adiante na interpretação de seus hinos, é a descrita como testemunho gravado de Sebastião Mota de Melo: "*Um dia, esse Antonio Costa disse assim: 'Oh, Irineu, aqui tem duas moças dizendo que nós estamos aqui trabalhando p'ra ser besta!' Ele respondeu: 'Mande que elas venham falar comigo, que eu estou aqui para conversar com elas!' Então o Antonio disse que elas mandavam dizer que tal dia estariam aqui. O Mestre respondeu: 'Pois neste dia tal eu vou estar aqui'. Quando foi no dia combinado ele fez o Daime e se meteu no mato… De vez em quando ele ouvia uma voz que dizia: 'Toma Daime!'. Ele obedecia e emborcava o caneco e dizia p'ro companheiro: 'Olha aí, eu já tomei uma canecada, e tu?' E o Antonio Costa respondia: 'Rapaz, eu também já estou alto'. Aí o Mestre pegava o caneco e bebia mais, e o tempo ia passando, até que as moças chegaram e falaram para ele: 'Olha, tu te apronta, te apronta mesmo, que tal dia vem uma mulher falar contigo. Ela vem te ensinar como é o modo de tu levantar a Doutrina' (…) Era a Virgem e Soberana Mãe*"[134](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#134).

Doravante sua orientadora, guia e protetora, por ele respeitosa e amorosamente chamada Rainha da floresta, a Rainha[135](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#135), sua Mãe: "*Dá ouvido, meu filho, à disciplina que teu pai te impõe, não rejeites o ensinamento de tua mãe, porque serão coroa graciosa para tua fronte, colares para o teu pescoço*"[136](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#136).

Três décadas depois ele ainda cantaria:

*"Chamei lá nas alturas  
para o Divino me ouvir,  
a minha Mãe me respondeu:  
ô, filho Meu, estou aqui!"* [137](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#137)*.*

Ele não sabia ainda, naquela noite, que "cura" requer trabalho em quatro planos diferentes: no corpo físico, no psiquismo, no perispírito (ou "aura biopsicoespiritual") e no plano espiritual ("ligado" ao corpo físico e ao psiquismo pelo perispírito), nesta ordem.

"*Eu dizia: Senhor, piedade de mim, cura–me, eu pequei contra ti*"[138](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#138), canta o salmista.

Desde o ***Antigo Testamento*** "cura" é bem mais do que o reequilíbrio orgânico ou psíquico, razão pela qual só se dá à medida que as origens morais do desequilíbrio, no perispírito e no plano espiritual, sejam trabalhadas ao limite do possível para o recebimento da Graça, o que sempre obriga uma corajosa "reforma íntima", com profunda revisão pessoal – quando se o consegue – de atitudes e comportamentos radicados na base mais profunda da pessoa e em sua destinação.

Como canta um hino, "*que nem todos estão na Graça, para as curas receber*"[139](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#139).

Graça da qual o "*Cristo é o modelo supremo, ao qual o discípulo deve conformar o próprio comportamento, até chegar ao ponto de ter em si os seus mesmos sentimentos, viver da sua vida e possuir o seu Espírito*"[140](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#140).

Contemporaneamente se sabe que severos quadros clínicos de doença corporal ou mental desaparecem ou são atenuados à medida que as atitudes e comportamentos pessoais se alteram, desativando padrões auto–destrutivos e tornando a pessoa menos vulnerável a si mesma e à ação de entes espirituais.

Tratava–se disto, então, como sempre se tratou, embora Irineu ainda não soubesse.

Era o começo de uma prática que a partir daí ensinaria, a quem a vivesse no cotidiano, como cultivar virtudes em contraponto aos pecados[141](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#141) "mortais", porque destruidores da alma, ou "capitais", por serem "a cabeça" (*caput*, "cabeça", e *capitális*, "que traz a morte, fatal") de todas as falhas de caráter e comportamento[142](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#142):

* à avareza (ou cobiça), a generosidade;
* à gula, a temperança[143](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#143);
* à inveja, a caridade;
* à ira, a paciência;
* à luxúria, a castidade[144](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#144);
* à preguiça, a disciplina;
* e à soberba (ou orgulho), a humildade.[145](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#145)

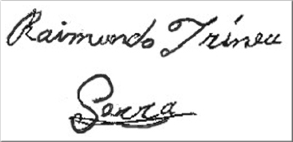
Decorrendo daí, pela Graça, no plano da salvação, a saúde e o bem–estar, se estiver destinado: "*Deus pode tudo em razão da perfeição de sua potência; no entanto, existem coisas que não estão sujeitas à sua potência, porque lhes falta a razão do possível (…)*[146](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#146).

Irineu passou a fazer sua própria bebida e a praticar o recolhimento e a meditação solitária, em seu trabalho de seringa (coleta de látex).

Consta ser desta época o episódio no qual alguém perguntou–lhe se sabia ler. Envergonhado de seu analfabetismo, Irineu disse que sim, para de imediato se arrepender por ter faltado à verdade: após cogitar alguns dias, pediu ao dono de um regatão, barco que subia os rios e igarapés da Amazônia para venda de mercadorias e compra de borracha defumada, que lhe trouxesse uma "cartilha de abc", por meio da qual se alfabetizou com paciência.

Outra versão aponta o período de alfabetização como mais recente: "*Ele próprio contava que certo dia saiu do Alto Santo e foi até a cidade, que costumava visitar poucas vezes durante o ano. Numa dessas ocasiões alguém lhe perguntou se sabia ler e ele respondeu que sim. Caiu em reflexão a respeito da resposta e concluiu que não havia dito a verdade. Decidiu aprender a ler e escrever*"[147](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#147).

Anos mais tarde, lia com um toquinho de lápis na mão para seguir melhor o texto e marcar o ponto exato de interrupção da leitura[148](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#148).



Um dia, em uma de suas intensas mirações, "*a Rainha pediu que ele se enfurnasse na mata, em jejum quase absoluto e total abstinência sexual, para tomar daime e conhecer mais*"[149](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#149): por sete dias seguidos sua dieta se resumiu a água e mandioca sem sal e, também sob efeito de daime, pôde ampliar o aprendizado, fundamental ao pastoreio que viria anos mais tarde.

Dizem que Antonio Costa (ou terá sido José Gomes?), para provocá–lo, enquanto Irineu estava na mata conhecendo e compreendendo, ameaçou pôr sal na macaxeira mas se arrependeu ao meio do gesto e não o fez. Ao retornar do serviço, Irineu pediu–lhe que não mais fizesse tal tipo de brincadeira, espantando o amigo com o conhecimento, à distância, do fato.

"*Depois do segundo dia não foi mais preciso tomar daime e daí por diante entrou 'em trabalho' e foi se apurando de tal forma que ficou de um jeito que tudo era espírito, a floresta também virou uma coisa espiritual, de uma dimensão tão grande que as árvores riam dele, o vento dava nos galhos das árvores e criavam braços, querendo agarrá–lo. As manchas nas árvores eram bocas rindo, falando, conversando e aquilo chegou a se acentuar a um ponto tal que ele temeu, foi dando um certo medo nele; aí, como ele andava com um rifle de caça, naquele temor ele detonava o tiro e no estampido recebia um encorajamento e um conforto, o que leva até a crer que foi o que fez com que ele inserisse, inclusive com muita ênfase, os fogos dentro do trabalho*"[150](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#150).

(Para quem nunca participou de serviços bailados, deve ser explicado que no seu transcorrer, em determinados hinos explodem fogos de artifício no terreiro à volta da sede de serviços. No tempo de mestre Irineu no mundo usava–se soltar fogos de artifício apenas na abertura e no encerramento de cada metade do serviço bailado, em louvor à divindade, mas com o correr do tempo foi–se ampliando a quantidade de fogos espocados[151](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#151).)

Em sua breve carreira de seringueiro, antes de se alistar na Guarda Territorial e conhecer Germano Guilherme, amigo íntimo e fiel seguidor seu até o final da vida, contam que quando estava em Brasiléia (ou no Peru?) recebeu seu primeiro hino, "*Lua branca*".

Todavia, há discrepância sobre a "chegada" do primeiro hino: "*eu creio que foi na Vila Ivonete, porque ele relatava que quando começou a se reunir ele não cantava, e aonde ele começou mesmo a se reunir foi na Vila Ivonete, porque do 'Centro de Regeneração e Fé', em Brasiléia, ele não falava nada. Eu creio que foi na Vila Ivonete que ele recebeu 'Lua Branca', pois ali ele não cantava, fazia os trabalhos dele na concentração mesmo, e no meio da concentração só solfejava; aí, quando foi um dia, a Rainha disse para ele: 'olhe, de hoje em diante eu vou modificar o trabalho, tu vais ter que cantar'. Ele respondeu: 'mas como cantar, se eu não sei cantar nada'? Ela insistiu: 'tu não sabes, mas tens de aprender'. Ele argumentou: 'Eu não tenho voz boa'… Ela ensinou: 'canta, vou te mostrar como tu cantas, abre a boca para tu ver'… Aí ele fez menção de cantar, Ela 'aparelhou' nele e ele cantou 'Deus te salve, ó lua branca*'"[152](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#152).

A expressão “aparelhou” indica o exercício da força espiritual sobre alguém. Em geral, se associa popularmente à perda de consciência, como na umbanda, mas mestre Irineu nunca apoiou práticas de abolição da consciência.

Canta um hino:

*"Agradeço aos meus irmãos,  
àqueles que compreenderem:  
treino aqui um aparelho  
para ser meu transmissor"*[153](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#153)*.*

De qualquer forma, com "*Lua branca*" nascia um dos mais importantes aspectos do ritual daimista, consolidado com o passar dos anos: cantar em louvor a Deus[154](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#154), como forma de cultivar e consolidar as virtudes[155](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#155). Pois até então, ao que se sabe, os habitantes locais tomavam a bebida e se recolhiam em silêncio para encontro consigo mesmos, enquanto os índios a usavam em seus tradicionais rituais de pajelança: "*os índios eram quem usava essa bebida para procurar quando a caça estava difícil, então eles tomavam… Aí localizavam onde as caças estavam. No outro dia eles iam procurar a caça. Tinha uma tribo que entrava em guerra com outra, então eles tomavam para ver onde estava localizado o inimigo*"[156](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#156).

Nas práticas xamanísticas (ou de pajelança) também se observa o entoar de assobios e "chamadas" especiais, genericamente denominados "ícaros" pelos antropólogos que ao assunto se dedicam.

Mas na doutrina daimista cantam–se hinos estruturados sobre a Trindade e a Virgem Maria, pois cantar em louvor a Deus é boa prática que acompanha a humanidade, deitando raízes na cultura ocidental desde o ***Velho Testamento***. Diz a Escritura que "*os levitas (…) eram cantores em sua totalidade*"[157](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#157) e os levitas eram a tribo escolhida por Deus para o Seu serviço, conforme Deus disse a Moisés: "*Serão teus auxiliares, assumirão o ofício da tenda do encontro, todos os trabalhos da tenda (…) Estás vendo que eu mesmo escolho entre os filhos de Israel vossos irmãos, os levitas, doando–os a vós: eles são doados ao Senhor, a fim de fazer o serviço da tenda do encontro*"[158](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#158).

Em Brasiléia, fronteiriça com a cidade boliviana de Cobija, Irineu trabalhou algum tempo no "Centro de Regeneração e Fé", criado em 1916 ou 1917 e dirigido por Antonio Costa e André Costa, primos e conterrâneos[159](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#159) que já trabalhavam com *ayahuasca* nos padrões locais, mas muito em breve ele "*se afastou, por não concordar com uma mal explicada cobrança de taxas, administrada pelos irmãos Costa*"[160](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#160).

Naquela época longínqua, pouco antes de 1920, Irineu viveu com sua primeira mulher, Emilia Rosa Amorim, com a qual teve um casal de filhos, Walcírio Genésio da Silva, nascido em 1918 – "*era para ser Serra, mas na hora da assinatura botaram Silva e ficou assim*"[161](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#161)–, e Walcirene[162](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#162), um ano após. Dos dois, sobreviveu apenas o menino, que aos 53 anos viria a reencontrar o pai, pouco antes deste fazer a passagem, e como Emilia Rosa já tinha um filho de outro homem e este menino, parece que de nome Elias, não o aceitou, dizem que por ser negro, em poucos anos Irineu a deixou para seguir o seu destino[163](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#163).

Ao vir para Rio Branco, em 1920, alistou–se na Guarda Territorial (o que seria hoje a Polícia Militar), mas em 1932[164](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#164) daria baixa, pela impossibilidade de conciliar os princípios doutrinários, que já se prenunciavam duradouros em sua vida, com o convívio diário com a violência e o crime a que ser policial naturalmente obriga.

Fez seu primeiro roçado em uma área do hoje Bairro do Bosque, juntamente com José Francisco das Neves Júnior[165](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#165), pai de Paulo Assunção Serra, menino que viria a ser criado pelo mestre Irineu como filho adotivo, embora nunca legalizada, a adoção.

(A mãe de Paulo Serra é dona Cecilia Gomes da Silva, a dona "Preta", filha do primeiro casamento de Antonio Gomes e que viria a ser esposa de Germano Guilherme.)

Adiante mudou–se para um seringal em Vila Ivonete, hoje um bairro de Rio Branco, onde abriu um centro de serviço espiritual em sua própria casa e começou a receber homens e mulheres que passaram a adotar a doutrina daimista como pilar de consolo e caminho de salvação.

Uns vinham apenas à busca de orientação, mesmo sem tomar daime, outros traziam suas dores e mazelas mentais ou corporais à busca de remédio, terceiros buscavam um caminho espiritual.

Aliás, contrariando o que se possa supor, os daimistas sempre foram bem poucos em Rio Branco: hoje em dia, início do Século XXI, se somados todos os filiados a todas as sedes de serviço derivadas da Escola de mestre Irineu, centros espirituais que adotam outras Tradições, Escolas ou Linhas e núcleos independentes, bem como os freqüentadores episódicos dos diferentes locais de culto, não se vê uma população muito superior a duas ou três mil pessoas, cerca de um por cento dos habitantes locais, lembrando a Escritura – "*quão estreita é a porta e apertado o caminho que leva à vida, e poucos são os que o encontram!"* [166](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#166) – e aquilo que mestre Irineu ensinaria mais tarde: "*quanto menos somos, melhor passamos*"[167](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#167).

No Brasil inteiro, entre uma população de quase 170 milhões de almas, mal ultrapassam 15 mil pessoas.

os que o encontram!" [166](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#166) – e aquilo que mestre Irineu ensinaria mais tarde: "*quanto menos somos, melhor passamos*"[167](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#167).

No Brasil inteiro, entre uma população de quase 170 milhões de almas, mal ultrapassam 15 mil pessoas.

## O Serviço Espiritual

Em meados dos anos 30 Irineu já congregava regularmente uma dúzia de irmãos à sua volta para os serviços espirituais de evangelização, também recebendo quem o procurava para curas as mais diversas, tanto em nível orgânico quanto psicoemocional (com o espiritual subjacente a ambos).

"*Parece que o José das Neves, acreano de Xapuri, foi o primeiro. O Mestre teve uma amizade muito boa com ele e, se não estou enganado, chegaram até a trabalhar de sócios… O fato é que consta na história como sendo o primeiro e que daí por diante acompanhou sempre o padrinho Irineu* [desde aquela época, os que com ele conviveram se referem a mestre Irineu como 'padrinho']; *até os dias finais de sua vida terrena ainda tomava daime e ocupou por muito tempo a pasta de Conselheiro, talvez desde a época dos primeiros Estatutos e do Leôncio Presidente; aí, já se deve ter colocado o José das Neves Conselheiro. Tido como primeiro discípulo, acompanhou toda a trajetória e consta também que foi por intermédio dele que Antonio Gomes achegou–se à doutrina*".[168](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#168)

Em meu primeiro serviço bailado, mês e meio após meu encontro com o daime e quando nem fardado eu era, tive a marcante vivência interna de estar, como anotei em meu diário na época, "*cumprindo rituais que me anunciassem e preparassem como uma alta autoridade 'militar', recém–chegada e prestes a ser empossada com uma missão precisa, cuja chegada estava sendo suportada por (…) 'fardados', exatamente para me apoiarem em meu caminho, misto de escolta de proteção e de suporte*".

"*Militar*" – justo eu, filho de comunistas, graças a Deus!

Por muito tempo temi ter sido só delírio, pela ameaça de emersão de algum núcleo interno meu, sedento de poder pessoal e reconhecimento público, mas eu nada sabia, ainda, das "hostes celestiais".

Aliás, por falar nelas, este não é conceito presente apenas em pressupostos espirituais menos sofisticados. Santo Tomás de Aquino (1224–1273) é claro: "*o combate em si mesmo procede da maldade dos demônios [anjos decaídos da Graça], que por inveja se esforçam para impedir o progresso dos homens e por soberba usurpam a semelhança do poder divino, delegando determinados ministros para combater os homens, assim como os anjos servem a Deus em determinadas funções em prol da salvação dos homens"*[169](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#169) *e "a guarda dos anjos tem como efeito último a iluminação doutrinal. Todavia, tem muitos outros efeitos (…) como afastar demônios e evitar outros danos, tanto espirituais quanto corporais*"[170](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#170).

O teólogo vai adiante: "*a organização dos demônios, vista a partir de Deus, criador da ordem, é sagrada, pois Deus usa os demônios para seus fins*"[171](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#171).

Destacando a expressão "*usurpam a semelhança do poder divino*", lembro que anos mais tarde mestre Irineu alertaria de forma repetida para o fato de existir um ente espiritual que se manifestava no astral semelhante a ele em tudo, burlando os irmãos menos atentos ao serviço, razão pela qual todo cuidado era pouco[172](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#172).

Relata santa Teresa de Ávila: "*estando um dia da Santíssima Trindade completamente arrebatada no coro de certo mosteiro, vi uma grande contenda entre demônios e anjos. Não pude entender o que significava aquela visão. Não se passaram quinze dias e entendi quando irrompeu certa desavença entre pessoas de oração e muitas outras que não o eram. Isso causou graves prejuízos à casa, tendo sido uma batalha que muito durou e trouxe farto desassossego*"[173](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#173).

Fernando de La Rocque Couto cita José das Neves: "*Foi no dia 26 de maio de 1931 que comecei este trabalho com ele e trabalhamos juntos até o seu falecimento*"[174](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#174). Aos poucos, foram se aproximando Germano Guilherme (que permanecera na Guarda Territorial, chegando a cabo), Antonio Gomes da Silva, Maria Marques Vieira e seu marido, Damião Marques, João Pereira e dona Percília Matos da Silva, preciosa criatura que foi braço–direito de mestre Irineu por quase 40 anos corridos, além de alguns que a história não destacou, como o major Odernes Pereira Maia, José Afrânio, Antonio Roldão, Alípio Mesquita de Oliveira, Francisco Martins, Manoel Belém, Antonio Tordo, João Leão e Joaquim Português (que recebeu o nono hino da *Santa Missa* daimista, embora haja quem afirme que o hino foi recebido por sua mulher, Maria, já que ele nem tomava daime[175](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#175)).

A Santa Missa é um conjunto de dez hinos cantados (seis de mestre Irineu, dois de Germano Guilherme, um de João Pereira e um de Joaquim Português) e entremeados por *Nove Preces* rezadas após cada hino, apenas no serviço aos *Finados* ou por ocasião da passagem de um irmão (daimista ou não) – em geral aos sete dias após a passagem e sempre após as quatro horas da tarde (exceção feita à *Santa Missa* do dia de *Finados*, cantada na madrugada do próprio dia, após o serviço bailado de contrição)[176](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#176).

Dona Percília conheceu mestre Irineu em 1932, com quase nove anos de idade, passando a viver em sua casa após a passagem de seu pai e a ser criada por ele como filha a partir de 1937, aos poucos se preparando para a importante missão espiritual que teria pela frente, embora ainda não o soubesse.

Porque acompanhou, desde os primórdios, o complexo e longo processo que foi o brotamento e a confirmação da doutrina daimista, até chegar ao que hoje conhecemos: "*quando eu cheguei, o Mestre tinha apenas três hinos. Mas ele tinha um 'Bendito'… não era hino… era um 'Bendito'… que ele cantava. Ele gostava de cantar esse 'Bendito' quando terminava o serviço; lá pelas certas alturas, cantava assim:*

*O que será de nós, meu Deus,  
o que será de nós sem Vós,  
não permitas, oh! meu Jesus,  
que nós se afaste de Vós.  
O que será de nós, minha Mãe,  
o que será de nós sem Vós,  
não permitas, oh! meu Jesus,  
que nós se aparte de Vós"*[177](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#177)*.*

Com o tempo, ela passou a ser quem mestre Irineu chamava em primeiro em todo serviço de cura e a quem ele mais tarde entregou a delicada tarefa de "passar a limpo" os hinos.

Isto é, além de proceder a correções gramaticais nos hinos recebidos por irmãos analfabetos (já que ela viria a ser a primeira professora da "*Escola O Cruzeiro*", criada pelo Mestre em 1961 no "*Alto Santo*", o qual veremos adiante), dona Percília teve por missão orientar doutrinariamente os "donos" dos hinos (quem os "recebia" da eternidade), separando os hinos que figurariam na doutrina, como balizas, daqueles que eram orientações pessoais ou meras fantasias:

"*Como eu tive oportunidade de ver um hino aqui… Porque a pessoa é do Maranhão, não sabe?, vai falar das coisas que tem lá no Maranhão, no hino? 'Que no O Cruzeiro, isso', 'que o Mestre era maranhense, aquilo', mas nunca vi ele falar essas coisas! Então a pessoa resolveu cantar, 'ah, porque lá no Maranhão tem isso, tem aquilo'… Fala até, como são aqueles coqueiros? babaçu, não sabe? Minha nossa, isso é hino!? Uma tralha dessas? Isso é coisa da matéria!'"*[178](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#178).

O recebimento dos hinos é maravilha: às vezes em pleno serviço espiritual, a caminho dele ou em seu fim, às vezes durante a lavagem de roupas ou no trabalho, às vezes até mesmo, e prosaicamente, tomando banho ou dirigindo o automóvel, a iluminação ocorre e de repente o hino "chega": melodia e letra vêm do aparentemente nada, ocupando a mente e o coração de quem o recebe, gravando–se indelevelmente ali.

De certa forma, quando verdadeiro (pois há quem os "componha", à busca de vaidosa admiração), é como os episódios de psicografia, nos quais o médium recebe e transcreve textos, como trabalhou por décadas o mineiro Francisco Cândido Xavier, para citar o mais famoso médium psicógrafo espírita brasileiro.

Há ocasiões em que a melodia vem em um dia e a letra em outro, em outras dá–se o contrário, em outras, ainda, ambas vêem aos bocadinhos, demorando–se um tempo bastante variável no caminho, em um processo não controlável porque dependente da Graça, se hino verdadeiro, por obra do Espírito Santo.

Uma irmã recebeu a primeira estrofe quando estava no metrô em São Paulo, para vir a receber o hino inteiro meses depois, mirando um irmão tocar violão e cantar o hino para ela, "*tão simplezinho, simplezinho, que eu até duvidei ser um hino*".

E se há quem os receba no primeiro serviço espiritual do qual participa, há quem tome daime a vida toda e nada receba: sua destinação é outra.

Assim se deu com Leôncio Gomes da Silva. Deixado por mestre Irineu na direção do serviço, nunca recebeu um hino sequer, como é natural, aliás, que isso ocorra: "*A cada um é dado o dom de manifestar o Espírito em vista do bem de todos. A este o Espírito dá uma mensagem de sabedoria, a outro, uma de conhecimento, conforme o mesmo Espírito; a um o mesmo Espírito dá a fé, a outro o único Espírito concede dons de cura; a outro, o poder de operar milagres; a outro, o de profetizar; a outro, discernir os espíritos; a outro, ainda, o dom de falar línguas; enfim, a outro, o dom de as interpretar. Mas tudo isso é o único e mesmo Espírito que o realiza, concedendo a cada um diversos dons pessoais, segundo a sua vontade*"[179](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#179).

Como canta um hino:

*"Estamos todos trabalhando  
perante a este poder,  
cada qual que tem um dom  
conforme o que merecer"*[180](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#180)*.*

De início, nada havia: roupas rituais ("fardas"), a "coroa" da farda de gala das mulheres (ou diadema, que nunca teve um formato estipulado pelo mestre Irineu), a estrela metálica de seis pontas, passos definidos de baile (marcha, mazurca, valsa ou valseado) ou o uso do maracá[181](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#181) para acentuar o ritmo dos cânticos e do bailado (tanto as "coroas" quanto o uso de maracás são usuais nas festas religiosas maranhenses).

### Um maracá

  
[182](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#182)

A bem dizer, nem hinários…

Dona Percília recorda quando alguns poucos irmãos passaram uma noite inteirinha tomando daime e cantando hinos – cinco do Mestre, dois de Germano Guilherme e dois de João Pereira –, cantando hino a hino por três vezes seguidas e voltando a cantar todos eles após ter sido cantado o último, naquele que foi o primeiro serviço espiritual "de hinário" com daime – e bolo, canjica e pamonha à meia–noite[183](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#183)– de que se tem notícia, na noite da véspera do dia de São João do ano de 1936, na casa de Damião Marques e sua mulher, Maria, "*porque ela gostava de comemorar este santo*"[184](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#184).

"Três vezes", aliás, é uma das marcas presentes em toda a revelação da doutrina daimista, apontando a Trindade: três vezes o hino "*Linha do Tucum*" em serviços espirituais mais densos, os "*serviços de mesa*" (ou "*de cruzes*"); três vezes o hino de confissão ("*Meu divino Pai do céu*"), no hinário "*O Cruzeiro Universal*"; três serviços seguidos, ou três séries de três, quando o caso é de doença grave ou exorcismo; e três vezes as três orações (*Ave Maria, Santa Maria e Pai–nosso*), por isso "*Nove Preces*", na abertura e no fechamento dos serviços.

Aliás, cabe comentar o que na doutrina daimista é chamado "*Nove Preces*", como a destacar o apuro teológico que aos poucos foi manando, por obra da Graça, do trabalho aparentemente simples de mestre Irineu, homem de nenhuma formação escolar.

O que conhecemos hoje como *Ave Maria* é, na verdade, a justaposição da saudação do anjo Gabriel "*Ave*" [185](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#185), no momento da anunciação, com o louvor de Isabel, parente de Maria – "*Tu és bendita mais do que todas as mulheres; bendito é também o fruto do teu ventre!"*[186](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#186) – e as elocuções finais apostas pela Igreja Católica na Idade Média, em um processo de quase um milênio.

Nas igrejas orientais do Século VI registra–se a veneração da Virgem, como testemunhos arqueológicos o atestam, já com a apropriação dos textos da Escritura. Como exemplo, num pote de barro do Século VII se lê: "*Ave, Maria, cheia de graça, o senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, porque vós concebeste o Cristo, o Filho de Deus, o Redentor de nossas almas*".

O Papa Urbano IV, por volta de 1300, acrescentou "*Jesus*" após "o fruto do vosso ventre".

Quanto à segunda parte da prece, no Século XIII orava–se apenas "*Santa Maria, rogai por nós*" e a partir do Século XIV acrescentou–se "*pecadores*" e "*agora e na hora de nossa morte*", com o Concílio de Narbona assumindo a "*Ave Maria*" em 1551 e o Papa Pio V a fixando em 1568 na forma latina[187](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#187): "*Ave Maria, gratia plena, Dominus tecum. Benedicta tu in mulieribus, et benedictus fructus ventris tui, Iesus. Sancta Maria, Mater Dei, ora pro nobis peccatoribus, nunc et in hora mortis nostræ. Amen*".

Nela, a primeira parte, "*Ave Maria, cheia de Graça, O Senhor é convosco, bendita sois Vós entre as mulheres, bendito é o fruto do Vosso ventre, Jesus*", estruturada sobre os registros da Escritura, corresponde na doutrina daimista à segunda Prece, ao passo que a parte final, "*Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte, amém*", aposta pela Igreja Católica, corresponde à terceira Prece.

E o *Pai–nosso* ("*Pater noster, qui es in cælis, sanctificetur nomen tuum. Adveniat regnum tuum, fiat voluntas tua, sicut in cælo et in terra. Panem nostrum cottidianum da nobis hodie. Et dimitte nobis debita nostra, sicut et nos dimittimus debitoribus nostris. Et ne nos inducas in temptationem, sed libera nos a malo*"), que discutiremos no capítulo Os "hinos novos", corresponde à primeira Prece. Orados, "*três vezes um Pai–nosso, uma Ave Maria e uma Santa Maria*"[188](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#188) compõem as "*Nove Preces*" (como a abertura de um rosário) e costumam ser seguidas por uma *Salve Rainha*:

*"Salve, Rainha,  
Mãe de misericórdia,  
Vida, doçura, esperança nossa, salve!  
A Vós bradamos, os degredados filhos de Eva,  
a Vós suspiramos, gemendo e chorando,  
neste vale de lágrimas.  
Êia, pois, advogada nossa,  
estes Vossos olhos misericordiosos  
a nós volvei.  
E depois deste desterro mostrai–nos Jesus,  
bendito fruto do Vosso ventre.  
Oh! Clemente!  
Oh! Piedosa!  
Oh! Doce e sempre Virgem Maria!  
Rogai a Deus por nós,  
santíssima Mãe de Deus,  
para que sejamos dignos de alcançar  
as promessas de nosso Senhor, Jesus Cristo!"*

(Deve ser mencionado que a oração latina inicia com "*Salve, Regina, Mater misericordiæ*", ou "*Salve, Rainha, Mãe de misericórdia*", e que após a passagem de mestre Irineu passou–se a iniciar a oração com a elocução "*Deus Vos salve, Oh! Rainha!"* apenas por preferência de uma antiga daimista[189](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#189). Assim também, a adoção da *Prece de Cáritas* em centros daimistas, oração psicografada em 25 de dezembro de 1873 em Bordeaux, França, só ocorreu após meados dos anos 70, por sugestão de Sebastião Mota de Melo, já que é costumeiramente adotada em centros espirituais kardecistas e, como decorrência do sincretismo[190](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#190), em centros de umbanda.)

Após o encerramento do serviço é costume, desde mestre Irineu, persignar–se com a elocução "*Pelo sinal da Santa Cruz, livrai–nos Deus, nosso Senhor, dos nossos inimigos*", enquanto se faz por três vezes o sinal da cruz: sobre a testa, a boca e o peito[191](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#191).

Em julho de 1937 mestre Irineu casou–se com Raimunda Marques Feitosa – filha de Maria Franco Marques, uma antiga seguidora sua –, com quem já vivia antes do casamento e esteve até 1955, quando ela se envolveu com outro homem[192](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#192) e a seguir o deixou, para acompanhar sua mãe ao Rio de Janeiro.

(Tinha havido uma outra companheira, entre sua chegada em Rio Branco e o início da coabitação com dona Raimunda, mas desta mulher, dizem que Francisca e que faleceu, sei apenas que, bem doente, já prestes a fazer a passagem, sugeriu ao mestre Irineu que "*casasse com Raimunda, a mocinha contratada para ajudar a cuidar dela, na enfermidade*"[193](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#193)).

Com o correr do tempo a forma do serviço espiritual daimista foi desenvolvida e aprimorada, com muitos vaivéns, o que nos traz outro ensinamento: não há ser encarnado que venha "pronto" e liberado de se desenvolver com o passar dos anos, seguidos anos, muitos anos de intenso trabalho, às vezes a vida toda, em meio às possibilidades e limitações da matéria.

Como diz um conhecido meu, a seu jeito um mestre também, "*não dá para confiar na tridimensão*"!

De Jesus, e de Moisés, Sidharta (o Buda), Maomé e alguns avatares[194](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#194), deles só sabemos melhor a partir da vida adulta avançada, por volta dos 40 anos de idade – dentro de expectativas de vida bem mais curtas que as atuais –, quando principiam seu ministério e ativo pastoreio.

Assim também se deu com mestre Irineu, que nisso não foi diferente.

Nascido em 15 de dezembro de 1890[195](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#195), parece que de noite, e primogênito entre seis irmãos, apenas com 41 anos é que iniciou sua missão. Aos poucos, o que era prática de reuniões sem regularidade para tomar daime e ficar em concentração silenciosa (às quartas, sábados ou domingos, embora o preferido por ele fosse as noites das quartas, "*noite de cura*"[196](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#196)), passou a ser a realização de duas reuniões quinzenais por mês, por "determinação superior".

Nas "concentrações", que figuram entre os mais importantes serviços espirituais da doutrina daimista, todos tomam daime uma única vez e se sentam em silêncio por cerca de hora e meia, em introspecção pessoal.

Como canta um hino de Luiz Mendes do Nascimento,

*"Ô, lindo daime,  
veja como é,  
é maravilha  
para todos, tendo fé.  
Eu peço ao meu Mestre,  
no meu coração,  
a santa luz  
da Virgem da Conceição.  
Te afirma em Deus,  
em concentração,  
que tu terás  
a santa bênção".*

Com o tempo se consegue um nível de aprofundamento em si raras vezes possível de outro jeito, levando o daimista a defrontar consciente e corajosamente[197](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#197) medos, fantasias, ressentimentos, desejos, reminiscências, memória pessoal ou transpessoal e dados da realidade espiritual que o envolve e por vezes até o influencia – embora sempre, de alguma forma, o impacte.

"*A primeira oração sobrenatural que, a meu ver, senti (chamo de sobrenatural algo que não podemos adquirir com nosso engenho e esforço, por mais que procuremos, embora possamos nos dispor a ele, o que é muito importante) é um 'recolhimento interior' que se sente na alma, dando a impressão que ela tem outros sentidos, como aqui tem os exteriores, e de que parece querer afastar–se das agitações exteriores; e assim algumas vezes o leva consigo, pois lhe dá vontade de fechar os olhos e não ouvir, nem ver, nem entender senão aquilo de que se ocupa, que é poder tratar com Deus a sós*"[198](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#198).

"*Cada vez que, pela meditação, o consegue, é mais um ato; e como a repetição dos atos gera o hábito, assim muitos atos dessas notícias amorosas chegam, com a prática, a se tornar tão contínuos que se transformam em hábito para a alma*"[199](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#199).

Cantam os hinos:

*"Quem quiser seguir comigo  
faça concentração,  
implorando ao Pai eterno  
e à Virgem da Conceição"*[200](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#200)*.*

e

*"Repousei–me e concentrei,  
minha conselheira chegou.  
Foi dizendo para mim: esta verdade  
para todos ela mostrou"*[201](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#201)*.*

Aprendendo a desenvolver a quietude interna que predispõe a alma ao recebimento do ensino divino, para ir além: "*após se exercitarem por meio de imagens, formas e meditações convenientes aos principiantes, o Senhor lhes oferece bens mais altos, mais interiores e invisíveis, subtraindo–lhes o gosto e a consolação que encontravam na meditação discursiva. O espírito não gosta mais de saborear aquele manjar; precisa de outro mais delicado e interior, ao mesmo tempo menos sensível, que não consiste em trabalhar com a imaginação e, sim, em deixar a alma na quietação e repouso, o que é mais espiritual*"[202](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#202).

Em tais serviços, antes de ter início a concentração de todos os presentes é lido o "*Decreto de serviço*", texto curto que mescla orientações práticas sobre o serviço e exortações relativas ao bom comportamento de quem participe do grupo, orientando o serviço e colaborando para a reforma íntima de cada um[203](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#203) (ainda hoje o texto também é lido ao término do serviço, provavelmente como forma de reforçar o aprendizado):

*"Este Decreto de serviço tem por finalidade despertar e fortalecer os deveres dos filiados desta casa e dos visitantes que a buscam porque necessitam.*

***A importância da compreensão***

*Todos os que tomam daime em serviços espirituais não devem apenas procurar ver belezas e primores mas, acima de tudo, corrigir os próprios defeitos, formando assim o aperfeiçoamento da sua personalidade.*

*Por isto não deve haver intrigas, ódio ou desentendimentos dentro desta irmandade, por menos importantes que possam parecer. Quando ocorrerem, já que somos todos imperfeitos* [204](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#204)*, as desavenças devem ser expostas, entendidas e perdoadas.*

*Se assim fizerem, poderão seguir nesta linha e dizer: sou irmão.*

*E ser irmão é tratar todos com respeito e amor em nossa vida cotidiana, dentro da ordem e da sinceridade, evitando os vícios e outros maus costumes que possam abater física ou moralmente a nossa personalidade.*

*Sempre rogando ao supremo criador por toda a humanidade, que este é o caminho de se formar o alicerce espiritual.*

*Além disto, devemos tratar da união dentro e fora da irmandade em que estamos, para que Deus nos dê saúde, energia e alegria de viver*[205](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#205)*, conforme nosso merecimento. E não devemos menosprezar outras doutrinas, seitas ou religiões, pois, dentro do cumprimento da Lei, é nosso dever confraternizar com todos sem distinção de cor, raça ou crença, porque todos são criaturas emanadas de Deus.*

*Ninguém é obrigado a seguir este caminho e só seguirá nele quem queira alcançar o bom êxito na vida espiritual. Mas todos os que desejarem seguir essa missão devem cumprir fielmente esta instrução: tudo o que eu não quiser para mim não devo desejar para o meu irmão.*

***Instrução aos senhores pais***

*Todos os pais e mães de família devem criar dentro de seu próprio lar um centro de paz e harmonia.*

*Esposo e esposa devem tratar–se com dignidade e respeito, incluindo as pétalas deste amor no mais firme propósito do futuro e da felicidade.*

*Todos os pais e mães de família devem ser professores exemplares para seus filhos, não tendo comportamentos que possam prejudicar a moral das crianças, ensinando–as a amar a Deus sobre todas as coisas e se dedicando todos os dias no caminho da verdade.*

*A disciplina é a principal estrutura da ordem, porque não pode haver ordem onde não há disciplina, mas disciplinar é sempre instruir e motivar – e não bater, xingar ou gritar* [206](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#206)*–, desenvolvendo assim os conhecimentos práticos e os ensinamentos básicos da vida humana.*

*Se assim fizermos, estaremos marchando para o caminho da perfeição e em busca de novas realizações.*

***Comportamento para iniciar o serviço de concentração***

*A casa em que estamos é uma escola divina e a instrução que nela recebemos, sempre no caminho do bem, depende unicamente da atenção e do esforço de cada um.*

*É por isto que se diz que, havendo força de vontade, nada para nós é custoso.*

*Devemos nos conscientizar de que o daime e os hinos dos nossos hinários estão nos mostrando claramente a luz do poder sagrado do divino Senhor Deus e do caminho da verdade. Então, para aquele que fizer caso da instrução deste professor nada será difícil.*

*Mas é preciso muita atenção e cada um olhar para si mesmo, não reparando, portanto, para os defeitos de seu semelhante.*

*Devemos também reconhecer que a escola não precisa do aluno, pois é o aluno quem precisa da escola, assim como também que o Mestre não deve nada aos seus discípulos e que são os discípulos quem deve tudo ao seu mestre.*

*Nos dias de serviço, então, todos os que vierem a esta casa à procura de recursos físicos, morais ou espirituais devem sempre trazer consigo uma mente sadia, cheia de esperança, implorando ao infinito Espírito do bem e à Virgem soberana Mãe criadora para que sejam concretizados os seus desejos, de acordo com o merecimento de cada um*[207](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#207)*.*

*Para iniciar nosso serviço de concentração, depois da distribuição de daime todos se colocarão em seus lugares e em forma, tanto o batalhão feminino quanto o masculino, pois todos têm a mesma obrigação e quem tem obrigação deve desempenhá–la.*

*O centro é livre mas quem toma conta dá conta e presta contas, pois ninguém vive sem obrigação e quem tem obrigação tem sempre um dever a cumprir.*

*Para podermos atingir nosso objetivo principal, é necessário desenvolvermos a habilidade do mais profundo silêncio*[208](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#208)*, não sendo permitido conversar durante a concentração efetuada e só sair do recinto em caso de extrema necessidade.*

*Durante a concentração devemos dedicar toda a nossa atenção a nós mesmos, com respeito interno e externo às autoridades supremas, a fim de alcançarmos as bênçãos divinas e sermos assistidos pela luz do Supremo, clareando os olhos de nossa mente*[209](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#209) *para podermos enxergar a luz da verdade, conforme o nosso merecimento.*

*Além disto, não devemos nunca comentar o que se passa nas reuniões com quem não compartilhou as mesmas, ainda que seja pessoa de nossa família, pois a discrição e o respeito são fatores fundamentais de crescimento pessoal e espiritual.*

*Meus irmãos, tomando estes cuidados, obedecendo a esta disciplina e rogando ao Pai eterno e à Virgem Mãe soberana por todos aqueles que estejam precisando, poderemos fazer de cada serviço espiritual um passo firme a mais no caminho da verdade, da justiça e da sabedoria divinas".*

Então, se ao início se realizava serviços de concentração sem periodicidade alguma, um dia, anos mais tarde, mestre Irineu estabeleceu, por "*determinação da Virgem da Conceição*"[210](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#210), que "*a partir de então as sessões devem ser feitas de quinze em quinze dias*"[211](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#211).

Do ponto de vista da dinâmica psíquica, a serviço do plano da salvação, tal determinação foi crucial, por ser preciso um regular e por vezes longo processo de elaboração para melhor compreensão do conhecido nos momentos de expansão de consciência ou de vivência de *insights* e iluminações: "*Paulo, vendo a essência divina num arrebatamento, no dizer de Agostinho, lembrou–se, depois que parou de ver a essência divina, de muitas coisas que havia visto em seu arrebatamento*"[212](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#212).

Ou: "*Pedro tentava em vão explicar a si mesmo o que podia significar a visão que acabava de ter*"[213](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#213).

Canta mestre Irineu:

*"Tudo, tudo Deus me mostra  
para mim reconhecer.  
Tudo, tudo é verdade,  
e eu não posso esquecer"*[214](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#214)*.*

Pois se o hino 45 do hinário "*Jardim de belas flores*”, de Edson Araújo da Silva, canta: "*mirar é muito bom, mas o melhor é compreender*", um hino de Sebastião Mota de Melo conclui: "*o saber é muito bom, melhor é se corrigir*"[215](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#215). E isso, compreender e se corrigir, leva tempo.

Após tal determinação, e para facilitar, mestre Irineu fixou os dias 15 e 30 de cada mês, por ser de banal memorização e coincidente com as datas em que boa parte dos moradores em rincões distantes vinham à cidade receber aposentadoria ou pensão como "soldados da borracha" ou cargos do funcionalismo público: "*era mais prático e, por isso, assim foi determinado*"[216](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#216).

Em conjunto com o "recebimento" dos hinos, na ordem e no tempo que convinham ao amor de Deus, assim também se deram outras determinações, definindo todos os detalhes da doutrina daimista, tal como passou a ser praticada desde a década de 60.

No começo havia só a farda branca de gala e exclusivamente para os serviços espirituais de bailado nas "*Noites Santas*" (*Santos Reis, São João, Conceição da Imaculada e Natal* [217](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#217)).

### Fardas de gala (brancas)



E tanto homens quanto mulheres utilizavam as "alegrias" a partir da década de 60, fitas multicoloridas que depois passaram a pender apenas do ombro esquerdo das mulheres – provável herança maranhense do Tambor–de–Mina, do Bumba–meu–boi ou das festas do Divino Espírito Santo, já que cada um de nós traz em si os traços mais marcantes do mundo ambiental e histórico em que foi chamado a viver, e com mestre Irineu não foi diferente.

Cabe destaque ao fato de, no calendário de bailados instituído por mestre Irineu, não constarem serviços de louvor a outros santos além dos diretamente associados à encarnação do Verbo no mundo. Assim, "*na sua constituição final, São Pedro e Santo Antonio, por exemplo, não entram para o conjunto oficial de 'trabalhos de hinário'"*[218](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#218).

"*E ele gostava que os hinários bailados não tivessem interrupção para nada, exceto para um intervalo, menos ainda para discursos e preleções, com os hinos vindo um seguindo o outro, não sabe?, sem 'muita distância' entre eles*"[219](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#219).

Com o tempo foram estabelecidos também como "extra–oficiais" os dias da *Paixão* e dos *Finados*, bem como "se oficializou" o serviço ao aniversário de mestre Irineu (por escolha exclusiva da irmandade encarnada da época: "*Perguntamos se devíamos comemorar seu aniversário e ele disse: 'vocês façam como quiserem'"*[220](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#220)).

E bem no final de sua vida, provavelmente para fortalecer de forma pública a quem seria entregue a direção dos serviços após sua passagem, por sua direta orientação passou–se a comemorar em 11 de fevereiro o nascimento de Leôncio Gomes da Silva, "*só a quem o mestre Irineu 'deu de presente' autorização para comemorar seu aniversário na sede de serviços*"[221](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#221) com farda branca (afinal, por qual outra razão este seria o único aniversário "oficial", entre todos os principais seguidores, até mesmo os da primeira hora e base doutrinária?).

Após o surgimento das fardas brancas, até a década de 60 os homens aplicavam ao peito uma rosa, assim como as mulheres; a seguir, veio a sigla "*CRF*", bordada apenas nas fardas azuis femininas, e vieram as estrelas de seis pontas, em vigor até hoje, sempre douradas e não prateadas ou de qualquer outra cor (aliás, ao contrário do que passou a ocorrer após a década de 70, nunca houve "rituais de entrega de estrela", num símile do sacramento de Ordem, ou Ordenação: "*o irmão, se estivesse na hora, punha a farda e a estrela e ia bailar, não sabe?*"[222](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#222).



[223](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#223)

Canta um hino:

*"A Virgem Mãe lhe deu o poder  
e lhe entregou Vossa bandeira,  
mandou ele nos dourar  
com Vossas divinas estrelas"*[224](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#224)*.*

Canta outro hino:

*"No infinito, no astral,  
a Vossa luz faz as estrelas brilhar.  
Todas são luzes dos seres divinos  
que aqui nos amostra o Poder aonde está.  
Esta estrela, vuz dourada que nos guia,  
é Jesus Cristo Redentor, Filho da Virgem Maria.  
Com seu poder nos dá estes ensinos  
para nós aprender com amor e com alegria.  
Esta luz prateada que nos brilha,  
ela é Divina, é da sempre Virgem Maria,  
que ela é Mãe, Senhora de todos ensinos,  
manda Vós ensinar a todos Vossos filhos"*[225](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#225)*.*

(Nunca encontrei consenso sobre o que seja "*vuz dourada*", embora todos digam que o hino veio deste jeito, e nunca ninguém soube me explicar por que em fotos antigas mestre Irineu utiliza uma estrela de cinco pontas, enquanto fardados a seu lado utilizam a rosa e uma estrela de seis pontas.)

Assim também, se ao princípio as estrelas eram portadas de acordo com a "*patente*" ou grau de desenvolvimento espiritual do irmão – uma, duas, três ou mais estrelas –, logo, logo, mestre Irineu compreenderia que isto servia de referencial público "de nível" e nutria vaidades, restringindo–as a partir daí a uma única, dourada, sempre ao lado direito do peito.

"*Os mais velhos contam que a gente conhecia as pessoas por 'divisão': ia de uma estrela até nove. Mas aí começaram umas faltas de compreensão e quem tinha mais estrelas queria 'massacrar' quem tinha menos e, aí, o Mestre extinguiu. Ficou todo mundo igual*"[226](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#226).

"*Olhe, anteriormente não era nem essa farda que nós temos hoje, era uma outra farda, era assim quase uma farda de marinheiro; não se portava essa estrela, eram divisas, então aquilo era por, vamos dizer, mérito… Pelo trabalho que a pessoa ia desenvolvendo aqui dentro, pelo esforço que fazia, ia ganhando 'patentes', dadas, claro, não pelo Mestre, era pela Rainha, a Rainha é quem determinava os galões que a pessoa poderia receber. Ele entrava 'em conferência' e voltava com a patente. Então, eram divisas na farda, quase tipo de marinha, tinha aqueles cordões assim, um pequeno casquete branco ou azul, calça azul, camisa branca e as divisas*"[227](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#227).

E as mulheres? "*Da mesma forma, embora no começo não com saia. Teve calça comprida e depois passou a saia. O Mestre dizia que 'homem é homem e mulher é mulher', tem que haver uma diferença, dar mais feminilidade à mulher. Mas um dia perguntei a ele: 'Mestre, o senhor não acha que uma mulher com calça comprida está mais segura do que com saia?' Ele disse: 'está, o vento pelo menos não levanta uma calça, se ela dá um pulo, assim, se mantém do mesmo jeito, só que nós – ele disse assim, 'nós', ele usou essa palavra* [228](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#228) *–, nós somos fracos, a mulher com uma calça, ela está com o corpo dela todo 'desenhado'. O senhor toma daime aqui, está aqui do lado, vai ver, vai baixar seu pensamento, aí 'cai'…*"[229](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#229).

Até hoje, no Norte brasileiro e em outras regiões do País, utiliza–se o termo "farda" para designar o uniforme escolar das crianças.

Porque a farda – seja a de gala, branca, ou a de serviço, azul – é necessária para uniformizar a irmandade, aplanando as diferenças entre todos na forma de se apresentar para servir: "*o Mestre gostava de tudo uniformizado no salão, não sabe? Sempre dentro das possibilidades de cada um, pois tinha irmão que nem sapato podia comprar, mas era para ficar todos iguais, reduzir a ilusão e não ficar um querendo se mostrar mais do que outro*"[230](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#230).

### Modelos de "coroa"



A farda azul de serviço – para as concentrações, os serviços de cura e os bailados em outras noites – veio apenas no ano imediatamente anterior ao da passagem de mestre Irineu mas só entrou em uso após sua passagem[231](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#231), razão pela qual o encontro fúnebre em seu velório – para cantar, todos sentados, "*O Cruzeiro Universal*" – foi feito com farda branca, de gala, e não azul, de serviço, como ele determinara para todos os outros serviços espirituais que não os bailados nas *Noites Santas*, entre eles a *Sexta Santa* e *Finados*, ambos serviços "extra–oficiais" de contrição[232](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#232).

### Fardas de serviço (azuis)



Por falar em contrição, cabe registrar que o último hino de seu hinário ("*Pisei na terra fria*"), "*porque é de contrição, deve ser cantado sem instrumentos ou baile e apenas no dia dos Santos Reis e na Santa Missa*"[233](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#233).

O passo de baile (marcha) do hino "*Amigo velho*" veio "cruzado", com os homens indo cumprimentar as mulheres na fila feminina (como em uma quadrilha junina), até que "*o Mestre achou muito complicado*"[234](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#234) e decidiu que o bailado deste hino devia ser só lateral, como é até hoje, em se tratando do passo de marcha ou valsa (a mazurca exige um giro de 180 graus sobre si no passo de baile).

A própria determinação de separação total entre as fileiras masculinas e femininas nos serviços espirituais veio também com o tempo e só se aplicou às fileiras de baile ou de fora da mesa, já que "*na mesa de serviços, assim como na espiritualidade, não há homem ou mulher*", como ensinam os mais experientes.

Para ilustrar, dona Percília narra que, na noite em que foi à casa de mestre Irineu avisá–lo estar se separando de seu primeiro marido, Raimundo Gomes, irmão de Leôncio Gomes da Silva, pouco antes de 1960, foi indagada pelo Mestre, ao vê–la nervosa: "*O que aconteceu, meu filho? O que tu andas fazendo por aqui a esta hora*?"

(Esta versão, "*meu filho*", ao invés de "*minha filha*", se manteve em duas entrevistas, com oito anos entre uma e outra, como a indicar com segurança não ter sido equívoco ou lacuna de memória.)

Sobre este aspecto, Kardec esclarece: "*Os espíritos encarnam como homens ou mulheres porque não têm sexo; como devam progredir em tudo, cada sexo (…) lhes oferece provas e deveres específicos*"[235](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#235).

No tocante à "mesa" composta para apoiar serviços de concentração e de cura, com o tempo mestre Irineu determinou que o número de integrantes deveria ser, sempre, ímpar (três, cinco, sete ou nove homens ou mulheres) ou doze (como é até hoje na Igreja "*da Barquinha*"), razão pela qual, após sua passagem e pela continuidade dos tempos, passou a ser postada uma cadeira vazia na mesa, à direita da cadeira do dirigente do serviço, com sete cadeiras à mesa mas apenas seis ocupadas por irmãos, ecoando a Escritura: "*Procurai antes, entre vós, irmãos, sete homens de boa reputação, repletos do Espírito e de sabedoria, e nós os encarregaremos desta função. Quanto a nós, continuaremos a assegurar a oração e o serviço da Palavra*"[236](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#236).

Mesmo ausente do mundo ele estaria ajudando, da eternidade, o serviço.

Todavia, há versões destoantes sobre o local da cadeira… Há quem narre ter argüido o Mestre: "*O Senhor vai me desculpar, mas eu vou lhe perguntar uma coisa. Ele me disse: 'pergunte, meu filho, estou aqui para lhe escutar'. 'Quando o Senhor morrer, quem vai ficar no seu lugar?' Aí ele disse assim: 'meu filho, no meu lugar não vou deixar ninguém, eu vou deixar um dirigente dirigindo vocês e todos vocês, os que merecer, vão me ver sentado na minha cadeira'. Mas ele não disse que a cadeira dele era na mesa. Para nós, que ficamos, nós sabemos onde é a cadeira dele: é lá no canto, onde hoje senta o Luiz Mendes e se sentam os outros, sabe?, a cadeira dele é lá!"*[237](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#237).

Bem verdade que, mesmo sem cadeira, e até sem mesa ou sede de serviços, o Mestre está sempre presente – razão pela qual há quem diga que devem se postar sete ou nove irmãos na mesa de serviço, deixando a cadeira vazia perto –, mas esbarramos, aqui, uma vez mais, na importância do simbólico no ritual.

Quando mestre Irineu estava no mundo, os serviços de cura eram feitos em silêncio piedoso – "*quando oramos, não é preciso a locução, isto é, as palavras sonantes; a não ser ocasionalmente, como fazem os sacerdotes a fim de exprimirem o seu pensamento, não para que os ouça Deus mas os homens e, assim, estes, graças à rememoração, se elevem para Deus em certa conformidade de pensamentos*"[238](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#238)–, com a "mesa de cura" rogando contrita pela saúde do irmão, já que apenas a Graça procede à cura, se for do merecimento de quem sofre o corretivo: por isso, um hino de Vera Fróes canta que "*as doenças que aparecer é disciplina para quem faz por merecer*".

Contam que, uma vez, Francisco Grangeiro Filho, que se aproximou do mestre Irineu em 1951 e foi um dos antigos "feitores" (preparadores) de daime, estava encarregado de dirigir um serviço de cura para uma das filhas de sua companheira; ao sair com uma garrafa de daime sob o braço, perguntou ao mestre Irineu se ao meio do serviço poderiam cantar uns hinos. Dedo em riste, foi advertido: "'*seu' Francisco, não estou dizendo para 'abrir um hinário': é serviço de cura, tudo em silêncio e concentração!"*[239](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#239).

A interdição a bebidas alcoólicas também veio com o tempo, assim como a proibição ao uso de roupas e acessórios (toalhas, vasos de flores etc.) pretos ou vermelhos no espaço de serviço, por "*uma questão de linha espiritual, como a Rainha ordenou*"[240](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#240), ensinava ele. "*Preto e vermelho é juventude na cabeça, não é?*"[241](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#241).

(Por falar em "*juventude na cabeça*", mestre Irineu desaconselhava a realização de serviços espirituais com daime durante o carnaval, da quinta anterior à Quarta–feira de Cinzas, "*pois o astral está muito 'carregado', não sabe?*"[242](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#242).)

No tocante à bebida, e tendo sido sempre dançarino e "festeiro" – "*ele sempre foi caprichoso, gostava de andar arrumado, desde novinho*"[243](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#243) –, o Mestre apoiava a realização de festas caseiras com daime – quando se dançava ao som de música comum, como numa festa qualquer, mas também cantando–se hinos –, nas quais não faltava cerveja e até mesmo cachaça.

"*Quando o Mestre fazia as festas de dança na casa dele, o 'forró com daime', era com muito respeito. Tinha dança de par, agarrada, mas tomando daime era no respeito*"[244](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#244).

Conta dona Percília que até o hino "*Silencioso*", o 72, era assim, mas neste hino mestre Irineu pôde compreender ("*sendo repreendido pela Rainha*", segundo ela) a necessidade de total interdição à bebida alcoólica, dada a quantidade de males que acarreta e a relação dinâmica que instala com entes espirituais menos desenvolvidos ou associados a comportamentos destrutivos, da pessoa ou de outrem.

Como exemplo bíblico, ao anunciar à mãe de Sansão a destinação de seu filho, o anjo foi claro: "*Doravante, abstém–te de beber vinho ou bebida alcoólica, não comas nada de impuro, porque vais conceber e dar à luz um filho. A navalha não passará sobre sua cabeça, porque esse menino será consagrado a Deus desde o seio materno*"[245](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#245).

A este respeito, uma vez questionei frontalmente um irmão da casa de oração que eu dirigia, que nos procurara com a dor explícita do alcoolismo:

*– O senhor quer mesmo parar de beber? Se quiser, entro nesta luta consigo; mas, se não quiser, ninguém pode fazer nada…*

Após tormentosa reflexão, veio a resposta de amargura:

*– Olhe, professor, eu não quero não! Vou ficar com muita saudade de todos eles…*

Ele se referia aos entes espirituais que o rodeavam quando alcoolizado, nutrindo–se do estado anímico produzido pelo álcool e induzindo–o a beber mais e mais e mais ainda, para manter–se no estado necessário a eles – mesmo vindo a falecer algo após, com nem 50 anos, envolto na nuvem de entes que, feito loucas mariposas, tanto buscaram a luz que ele carregava que a findaram apagando…

Aliás, em meu entender, quando kardecistas dizem haver espíritos que "bebem", "fumam" ou "se drogam" por intermédio dos encarnados, e por isso "os induzem" a isso, estão se referindo de modo popular ao fato de tais entes espirituais induzirem pessoas (com cujos espíritos se identificam) ao consumo de álcool ou drogas, à busca de se nutrir das emanações mentais de estados morais mais desequilibrados, numa sutil e complexa passagem da dinâmica corporal e psíquica ao plano espiritual do usuário, através de seu perispírito – já que "*o perispírito é o laço que une o Espírito à matéria do corpo*" [246](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#246) e "*as sensações agradáveis, como as desagradáveis, são transmitidas ao espírito pelo perispírito*"[247](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#247).

Isto se dá igual, em via inversa, com os usuários do álcool ou da maconha terminando inadvertidamente por "atrair" entes espirituais, do espiritual para o corpo–mente, pelo perispírito, donde o intenso cuidado quando de seu uso cotidiano e a absoluta interdição necessária quando de serviços espirituais com daime.

Com base nesta mesma dinâmica já se ensinou que "há pensamentos que são de um ser" e eu pude aprender, no correr dos anos, que interagimos com entes espirituais por meio de nossos pensamentos e sentimentos, donde a necessidade de cuidado com o palavrear[248](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#248) e o incessante cultivo das virtudes, em contraposição às atitudes internas mais corriqueiras de raiva, inveja, medo, cobiça ou rancor.

Mestre Irineu "*sempre falava que onde houvesse dois ou três homens conversando, devíamos falar palavras bonitas e idéias boas, já que a gente não sabia quais eram as entidades que estavam 'aproximadas' da gente; nós estamos aqui conversando, ninguém sabe quem está bem juntinho da gente – até ele pode estar, não é?*" [249](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#249).

Assim, vai–se compreendendo por quais razões os serviços espirituais, entre eles os daimistas, ajudam vigorosamente a pessoa a se livrar de vícios como álcool, drogas, tabagismo, jogo e outros.

get="notas">247.

Isto se dá igual, em via inversa, com os usuários do álcool ou da maconha terminando inadvertidamente por "atrair" entes espirituais, do espiritual para o corpo–mente, pelo perispírito, donde o intenso cuidado quando de seu uso cotidiano e a absoluta interdição necessária quando de serviços espirituais com daime.

Com base nesta mesma dinâmica já se ensinou que "há pensamentos que são de um ser" e eu pude aprender, no correr dos anos, que interagimos com entes espirituais por meio de nossos pensamentos e sentimentos, donde a necessidade de cuidado com o palavrear[248](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#248) e o incessante cultivo das virtudes, em contraposição às atitudes internas mais corriqueiras de raiva, inveja, medo, cobiça ou rancor.

Mestre Irineu "*sempre falava que onde houvesse dois ou três homens conversando, devíamos falar palavras bonitas e idéias boas, já que a gente não sabia quais eram as entidades que estavam 'aproximadas' da gente; nós estamos aqui conversando, ninguém sabe quem está bem juntinho da gente – até ele pode estar, não é?*" [249](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#249).

Assim, vai–se compreendendo por quais razões os serviços espirituais, entre eles os daimistas, ajudam vigorosamente a pessoa a se livrar de vícios como álcool, drogas, tabagismo, jogo e outros

## O Alto Santo

Em um contexto pontilhado de centros de serviço espiritual e práticas de curandice, como se dá em quase todo núcleo urbano e igual era Rio Branco na primeira metade do século XX, o "centro do mestre Irineu" no seringal de Vila Ivonete, onde se instalara no começo dos anos 30, era mais um – embora destinado a ir além: "*a missão invisível se realiza nos bem–aventurados desde o primeiro instante de sua bem–aventurança. Em seguida lhes são feitas missões invisíveis, não mais quanto à intensidade da graça, mas no sentido de que alguns mistérios lhes são revelados de maneira nova: é assim até o dia do Juízo. Este progresso se considera em relação à extensão da graça a muitas outras coisas*"[250](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#250).

Recebia homens e mulheres desenganados pela medicina convencional, no que tange a problemas corporais, ou com graves alterações de comportamento, que contemporaneamente poderiam ser descritas como vítimas de episódios psicóticos ou surtos esquizóides e, em termos espíritas, "possessos".

Por tal razão, vários estudiosos terminaram por categorizar a doutrina daimista (daime + hinos + ritualística) como "processo xamanístico", com base em estudos de Mircea Eliade e outros antropólogos que desde o Século XIX se debruçam sobre o tema do xamanismo. Nas análises feitas no correr de duas décadas, porém, nas quais se repete a hipótese até convertê–la em lugar comum (que se esquiva à necessidade de prova, de tão repetido…), não se reflete sobre a mais importante dimensão teológica da obra de mestre Raimundo Irineu Serra: a reafirmação do evangelho cristão, no plano da salvação, por obra da Graça.

Exemplificando, por costume se associa mestre Irineu a este conceito: "*os xamãs têm papel essencial na defesa da integridade física da comunidade (…) Em geral, podemos dizer que o xamã defende a vida, a saúde, a fecundidade e o mundo da luz contra a morte, as enfermidades, a esterilidade, a desgraça e o mundo das trevas (…) Se curam a si mesmos, é porque conhecem o mecanismo, melhor ainda, a teoria da enfermidade*"[251](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#251).

Tal classificação, repetitivamente adotada desde 1983, a partir da primeira Dissertação brasileira de Mestrado sobre a doutrina daimista[252](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#252) (a qual "*classifica os 'padrinhos' do daime como xamãs e define o culto como 'contexto de práticas xamânicas'"*[253](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#253)), parece ser reforçada por estudos antropológicos sobre o curandeirismo e a pajelança amazônica, dos contrafortes andinos ao rio Tapajós[254](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#254), os quais sempre usaram a *ayahuasca*, entre outras infusões e plantas nativas da região.

Deve–se notar, porém, que, para tais populações, em geral indígenas ou caboclas, "*o yagé ou ayahuasca é antes de tudo um 'purgante'. O termo 'purga' é preferida por eles para definir o efeito de seu consumo (…) no sentido grego de 'katársis', já que se experimenta uma dramática limpeza do organismo e, além disso, uma limpeza dos sentimentos, das lembranças, dos pensamentos e das vivências espirituais. O fundamento do conteúdo das sensações durante o transe com yagé reside precisamente nesta experiência catártica, que coincide com a clássica e célebre descrição de Eliade: 'sofrimento, morte e ressurreição rituais'.* [Nela,] *o yagé é o veículo sagrado para ingressar no mundo espiritual, mas ao mesmo tempo é o encarregado de limpar o viajante para que possa ingressar em estado de pureza neste mundo*"[255](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#255).

O que mestre Irineu trouxe de absolutamente novo, em meio às práticas regionais de "cura" e por intermédio de rituais rigorosamente urbanos (embora dentro da precária urbanização do que era Rio Branco na década de 30), foi a prática viva de uma doutrina religiosa estruturada como missão mariana e articulada em torno da noção de Deus Uno e Trino, com estrutura teológica, cosmológica e ontológica[256](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#256) idêntica à ensinada pelos ***Evangelhos*** e verificável na interpretação dos hinos de sua base (como veremos no decurso de todo este relato), não se restringindo, portanto, à "cura" e "adivinhação" xamanísticas – embora elas também aqui ou acolá pudessem ocorrer, em benefício da pequena coletividade que em torno a ele se organizava.

Apenas para traçar um paralelo com o viés de enfoque que veio se dando na sucessão de trabalhos científicos que se referenciam e se reforçam mutuamente uns aos outros – já que "*sistemas religiosos que contêm traços xamanísticos não implica caracterizá–los como xamânicos*"[257](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#257)–, a alguém ocorre dizer que o cristianismo, instaurado por Pedro e Paulo em nome de nosso Senhor, Jesus Cristo, é "xamanístico", em função das curas feitas no correr da missão evangélica?

Ora, no Evangelho de ***Marcos*** se lê a ocorrência de dez curas corporais feitas por Jesus (paralíticos, cegos, leprosos, surdo–mudos, uma hemorrágica e várias curas coletivas), dois exorcismos, duas multiplicações de pães e peixes, uma cura de catalepsia e uma caminhada sobre o mar. Em ***João*** e ***Marcos*** Jesus cura até mesmo com procedimento "típico de curandeiros": respectivamente, cospe no chão, faz lama com a saliva e passa essa lama nos olhos de um cego, para devolver–lhe a vista, ou põe os dedos nos ouvidos de um surdo, cospe e toca–lhe a língua, com o que o mudo passa a falar.

E não é apenas com Jesus que isso se dá! Nos ***Atos dos Apóstolos*** citam–se duas curas feitas por Pedro, várias por Paulo (entre elas, uma comum disenteria!), três êxtases (um de Pedro e dois, de Paulo), a anunciação de uma morte (por Pedro), uma cura feita por Ananias, uma ressurreição (feita por Pedro!), um transporte corporal (Filipe) e inclusive a causação de cegueira em um homem, por Paulo, como demonstração do poder de Deus.

Neste sentido, como ocorre no ***Novo Testamento***, é essencial frisar que, se "*a função essencial e rigorosamente pessoal do xamã sul–americano continua sendo a cura*"[258](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#258), o núcleo fundamental da obra de mestre Irineu não diz respeito ao papel de "curador", embora sempre também o tenha exercido, mas ao de evangelizador, dada a fecunda existência de cerne cristão naquilo que, de "*xamanismo*", tem apenas aparência.

(O aspecto de "curadores" passou a receber maior destaque em centros daimistas de todo o Brasil apenas após 1980, no cenário de certa cultura nova-era, deixando–se em plano secundário, no discurso institucional, o serviço de evangelização cristã, o qual sempre foi a principal característica da doutrina transmitida por mestre Irineu. Tanto que, quando ele estava no mundo, os serviços de cura eram episódicos, ocorrendo apenas em casos de necessidade extrema, enquanto a dinâmica de sua obra se compunha maciçamente das concentrações quinzenais e dos serviços de hinário, em louvor a Deus.)

Outro aspecto com freqüência salientado em tais trabalhos científicos é o chamado "vôo extático", o "sair do próprio corpo", como característica específica de processos xamanísticos. Com isso, esquece–se que, nas palavras do próprio Mircea Eliade, o primeiro formulador de estudos sobre xamanismo, "*a experiência extática é um 'fenômeno original'; porque não vemos razão alguma para considerá–la como produto de um determinado momento histórico (…), nos inclinamos mais a considerá–la como constitutiva da condição humana*"[259](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#259).

A título de exemplo, relata santa Teresa de Ávila (1515–1582), também conhecida como santa Teresa de Jesus: "*o arrebatamento vem com um único indício de que Sua Majestade* [ela se refere assim a Deus] *dá no mais profundo da alma, com uma velocidade tal que ela tem a impressão de ser arrebatada para sua própria parte superior e de sair do corpo; eis por que é necessário ânimo, no início, para entregar–se aos braços do Senhor, a fim de que Ele a leve para onde quiser. Porque, até que Sua Majestade a ponha em paz no lugar para onde quer levá–la (digo levá–la a entender coisas elevadas), por certo é preciso, no princípio, que a alma esteja bem determinada a morrer por Ele; porque, no início, a pobre alma não sabe o que há de ser aquilo*"[260](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#260).

"*E eu confesso que tive muito medo e, no princípio, um enorme medo, por ver o corpo se levantar da terra, levado pelo espírito com grande suavidade, quando não se resiste. Não se perdem os sentidos; eu, ao menos, ficava num estado em que podia perceber que era arrebatada*"[261](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#261).

Assim também, vemos na Escritura importantes episódios de "saída do corpo", inclusive contrabalançados por doenças crônicas, para obrigar o contato com a existência encarnada e impedir o descomedimento: "*É preciso orgulhar–se! De que valeria! Contudo, chegarei às visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que, faz catorze anos – era no meu corpo? não sei; era fora do meu corpo? não sei, Deus o sabe – este homem foi arrebatado para o terceiro céu. E sei que este homem – era em seu corpo? era sem o seu corpo? não sei, Deus o sabe –, este homem foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inexprimíveis que não é permitido ao homem repetir (…) E porque essas revelações eram extraordinárias, para poupar–me qualquer orgulho um espinho foi posto na minha carne, um anjo de Satanás encarregado de me bater, para poupar–me qualquer orgulho*"[262](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#262).

(Repare que Paulo menciona ter estado no "*terceiro céu*" e "*no paraíso*" durante a vida terrena, como a indicar com segurança ser isso possível na vida atual, antes da "morte"…)

Até mesmo o papel social centralizador e orientador, comum a pajés, xamãs e dirigentes espirituais de coletividades já estudadas em todas as regiões do globo, pode ser identificado na passagem de mestre Irineu pelo mundo, já que seus carisma[263](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#263) e caridade atraíam e mantinham à sua volta muitos daqueles que necessitavam (e aceitavam) ajuda no direcionamento produtivo de sua vida (pessoal, social, profissional e espiritual).

Mas se isso também pode ser aplicado a parte do trabalho de mestre Irineu durante sua estada no mundo, seguramente ele extravasa tal leito raso, como mostra à exaustão qualquer análise criteriosa dos hinos da base doutrinária daimista.

Tal extravasão, *exatamente esta extravasão!*, é o que as pesquisas, Dissertações de Mestrado e Teses de Doutoramento que desde os anos 80 se desenvolveram sobre a doutrina daimista não se debruçaram a analisar, não tendo sido empregado enfoque algum sobre a envergadura e profundidade teológicas dos ensinamentos de mestre Irineu e dos hinários da base doutrinária estabelecida por ele.

Como exemplo, mesmo havendo a percepção de que "*o culto daimista rompe com a antiga tradição de uso do chá (…) não só em relação aos povos indígenas do Alto Amazonas mas, também, no que se refere ao conjunto de crenças do curandeirismo amazônico*"[264](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#264), não houve quem fizesse a sistematização do conteúdo teológico oferecido pela doutrina daimista – em contraponto às antigas ou atuais tradições locais e regionais – e uma interpretação analítica deste conteúdo.

Vou mais longe, embora volte a um tema já abordado: na ausência de aplicação de conhecimento teológico na análise da doutrina daimista, já se escreveu que "*o xamanismo daimista coloca elementos estranhos ao cristianismo oficial. O primeiro deles é o modelo de êxtase (…), tendo por culminância a viagem do adepto ao reino dos espíritos, onde pode ver, ouvir e sentir as divindades*"[265](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#265).

Ora, se é bem verdade que a experiência extática pode ocorrer nos rituais da doutrina daimista, não é verdade que isto seja estranho ao cristianismo. Um ligeiro estudo sobre o "*cristianismo oficial*" – entendendo–se aqui, como "*oficial*", o cristianismo baseado no ***Novo Testamento*** – mostra que o êxtase é ocorrência humana recorrente na Escritura; como exemplo, "*Pedro subira ao terraço da casa para rezar; era cerca de meio–dia. Mas sentiu fome e quis comer. Estavam lhe preparando uma refeição quando um êxtase o surpreendeu. Ele contempla um céu aberto: desce de lá um objeto indefinível, uma espécie de pano imenso, vindo pousar sobre a terra por quatro pontas; e dentro dele, todos os animais quadrúpedes, os que rastejam sobre a terra, os que voam no céu. Uma voz se dirigiu a ele: 'Vamos, Pedro! Mata e come!' Pedro respondeu: 'Jamais, Senhor! Nunca em minha vida comi nada imundo nem impuro'. E de novo uma voz se dirigiu a ele, pela segunda vez: 'Não te atrevas a chamar imundo o que Deus tornou puro!' Isso repetiu–se três vezes, e o objeto foi imediatamente recolhido ao céu*"[266](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#266).

No dizer daimista, Pedro "viajou e mirou", levando dias para entender…

Ou, como narra santa Teresa de Ávila, "*estando em oração, tive um grande arroubo e me pareceu que nosso Senhor me levara o espírito até junto de Seu Pai e lhe dissera: 'esta, que me deste, eu te dou'. E parecia–me que me aproximava de Si. Isto não é coisa imaginária, mas vem com uma grande certeza e uma delicadeza tão espiritual que não se sabe descrever. Ele me disse algumas palavras de que não me lembro; algumas falavam de conceder–me graças. Durou algum tempo o ter–me junto de Si*"[267](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#267).

Mas se compreende a ausência de enfoque teológico nos estudos já feitos sobre a doutrina daimista: no correr do Século XX a Teologia veio sendo crescentemente substituída, dentre as ciências humanas, pela Antropologia, pela História, pela Psicologia e pela Sociologia, nas tentativas de apreender e expor aquilo que só é compreensível à luz da fé e do estudo da Graça – quando o é.

No caso da doutrina daimista, ademais, vê–se o apoio maciço da biologia, da fisiologia, da neurologia, da psiquiatria e da química, devido aos efeitos neuroquímicos do daime sobre o organismo, o sistema nervoso central e o complexo sistema de percepção, memória e intelecção do ser humano.

Como veremos no decurso deste relato, então, a missão mariana de mestre Raimundo Irineu Serra, embora possa também ser vista pelas lentes da Antropologia, da História, da Psicologia e da Sociologia, e ter parte da dinâmica pessoal instalada nos daimistas explicada pela Fisiologia, Neurologia e Psicologia, só pode ser melhor compreendida com o concurso inestimável da Teologia, ou o estudo do próprio Deus vivo e de Sua manifestação às criaturas.

Porque esta ausência de enfoque teológico é o que deu origem à suposição, presente em maior ou menor grau em todos os estudos já feitos, de a doutrina daimista simbolizar os valores culturais locais com o nome das Pessoas divinas, quando é evidente, na interpretação analítica dos hinos da sua base doutrinária, que **as Pessoas divinas é que são simbolizadas por valores culturais locais**.

A título de ilustração de tal compreensão equivocada, uma amostra: "*podemos ver que professora Clara, Rainha da Floresta e Nossa Senhora da Conceição são todas representações do arquétipo da Grande Mãe Sacerdotisa, Mulher Deusa, simbolizada pela Lua Branca. E que Irineu, Juramidam e Cristo representam o Homem Deus Salvador, simbolizado pelo Sol* [268](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#268)".

Com sinceridade, sem tal tipo de exercício associativo, que põe a realidade de ponta–cabeça, não seria mais modesto entender que "*Clara*" – "*Uma Senhora vestida de branco mais brilhante que o sol*", assim a pastorinha Lúcia descreveu a Virgem Maria nas visões de Fátima –, "Rainha da floresta" ou "Rainha das flores" são representações locais de revelações privadas da Imaculada Conceição[269](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#269), assim como o são também as nossas Senhoras cultuadas em diferentes regiões do mundo, das quais Fátima, Lourdes e Guadalupe são os exemplos mais cabais, para nem falar do culto devocional às nossas Senhoras Aparecida, do Rosário, do Desterro, da Paz, do Consolo, da Assunção, da Soledade, da Luz, da Piedade, da Saúde, da Guia e da Purificação, entre tantas outras?

Não seria mais simples e mais fiel ao conteúdo dos hinos da base doutrinária ver o sol como representação local de nosso Senhor, Jesus Cristo, da forma como os ***Evangelhos*** foram derramados pela doutrina daimista na particular cultura de Rio Branco, Acre?

Como ensina dona Percília, "*por aí chamam Rainha da floresta ou Rainha das flores, mas é a mesma Mãe de nosso Senhor, Jesus Cristo, nossa Senhora da Conceição. É Ela mesma, vem em muitos nomes, mas é Ela, Ela mesma, não sabe?*" [270](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#270).

Para traçar um paralelo, apenas paralelo, as mais antigas tradições da Índia consideram *Shiva* a divindade suprema e a veneram sob mais de mil nomes diferentes. Os principais sábios indianos, porém, não se perdem numa verdadeira floresta de nomes e símbolos, pois sabem que todos eles expressam diferentes aspectos do mesmo e único Deus.

Neste sentido, a Escola vedanta narra que, uma vez, antes de partirem um melão, perguntaram a Shankaracharya, sábio hindu do século IX a.C., quantas sementes havia em seu interior. "*Tantas, quantos os deuses que criaram o universo*", foi a resposta. Aberta a fruta, foi encontrada uma única semente.

A obra de mestre Raimundo Irineu Serra, mais perfeitamente expressa nos hinos do "*O Cruzeiro Universal*" e nos demais hinários da base doutrinária, é estudo da "*própria essência divina, que só é proporcionada à inteligência divina mas que se manifesta em parte pela revelação*"[271](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#271), neste caso por meio de uma missão mariana, pois "*era necessário existir para a salvação do homem, além das disciplinas filosóficas* [e científicas]*, que são pesquisadas pela razão humana, uma doutrina fundada na revelação divina (…) É preciso que o homem, que dirige suas intenções e suas ações para um fim, antes conheça este fim. Era, pois, necessário para a salvação do homem que estas coisas que ultrapassam a sua razão lhe fossem comunicadas por revelação divina*"[272](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#272).

A um ponto tal que, segundo alguns dos primeiros daimistas, a obra de mestre Raimundo Irineu Serra configura um "*terceiro Testamento*".

Bem verdade ser árduo ver sentido nesta afirmação, já que os ensinos de mestre Irineu em nada alteram o conteúdo dos ***Evangelhos*** (o "*segundo Testamento*"), quer lhes acrescendo algo, quer deles algo retirando.

Razão pela qual não há como classificar sua obra como *Terceiro Testamento* mesmo havendo a crença em outra vinda do *Paráclito*, o Intercessor, tal como a prometida pelo Filho eterno de Deus, em Jesus Cristo, na continuidade de sua missão[273](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#273), não mais no modelo mais usual e conhecido – intermediado por sacerdotes e expectante, no aguardo da "vinda" do Reino – mas, bem ao contrário, com o Espírito Santo de Deus se reinstalando como Ensinador, Ele em Si e o Verbo, por vontade e bondade de Deus, no mistério de Deus Uno e Trino e, no caso da doutrina daimista, por meio de uma missão mariana.

Pois "*não se precisa de terceiros para chegar a Vós!"*, como exclama santa Teresa de Ávila[274](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#274).

Mais próximo da mensagem cristã original, na verdade.

Afinal, como o próprio mestre Irineu explicava, "*ele veio representando a missão de Jesus Cristo Redentor. Essa missão é a doutrina eterna de Jesus Cristo, não sabe? Não é outra, não*"[275](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#275).

"*A missão implica a origem da Pessoa enviada e a habitação pela graça (…) Se falamos de missão considerando a origem, então a missão do Filho é distinta daquela do Espírito Santo, como a geração* [o é] *da processão*[276](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#276)*. Mas, se considerarmos o efeito da graça, as duas missões têm na graça sua raiz comum, distinguindo–se nos efeitos desta graça, a saber: a iluminação da inteligência e o abrasamento do amor. Vê–se por aí que uma não pode existir sem a outra, pois que nenhuma das duas é sem a graça santificante, nem uma Pessoa se separa da outra*"[277](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#277).

Discutiremos melhor tal delicada questão mais à frente (no capítulo Deus Pai e Deus Filho, no Espírito Santo), mas, para continuar o relato, nas décadas de 40 e 50 o trabalho espiritual de mestre Irineu já era admirado localmente e empresários, fazendeiros ou políticos locais o respeitavam e à sua atividade contínua de ativa benemerência e orientação.

Um deles, major José Guiomard dos Santos, senador e Interventor no Estado do Acre, bom e fiel amigo, obtivera para ele em 1945 a doação de um vasto e longínquo seringal, de nome "Espalhado", na parte mais elevada da cidade plana, onde se via uma cruz abençoando a cidade, razão do nome de "Alto da Santa Cruz" – embora haja quem diga que "*foi ele que colocou o nome de Alto da Santa Cruz, depois é que veio a ser Alto Santo. Mas foi ele mesmo, Alto da Santa Cruz*"[278](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#278).

Ou "Alto Santo", simplesmente (depois, Colônia Custódio Freire e, hoje, bairro Vila Irineu Serra).

Para onde mestre Irineu se mudou, permitindo que mais de 40 famílias de irmãos instalassem sua moradia em lotes da vasta propriedade e trabalhassem em suas plantações ou na modesta criação suína e de gado, se assim quisessem, remunerando–os por seu trabalho em níveis usuais no mercado local.

Todavia, mestre Irineu nunca propôs ou defendeu experiência comunitária alguma, nos moldes apocalípticos e utópicos que viriam a ser propostos uma década após sua passagem e serviriam para construir a mística da suposta "religião do Santo Daime": isso foi iniciativa exclusiva de Sebastião Mota de Melo, um de seus seguidores, também chamado de padrinho Sebastião ou velho Mota, por influência direta do comunitarismo pentecostal de sua esposa e com base em sua crença pessoal "*na possibilidade de existir um padrão material definido para que o Reino possa ser construído também na Terra*"[279](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#279).

Razão pela qual é inverídica, para ser útil, a afirmação de que mestre Irineu "*escolheu o Padrinho Sebastião, dentre os seus discípulos, para que levantasse a bandeira da Comunidade que a Doutrina exigia*"[280](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#280): não houve esta escolha, nem tal bandeira foi algum dia da doutrina daimista.

Ao contrário, por admitir e respeitar a imensa diversidade de formas de dinâmica pessoal, organização familiar e ordenação do cotidiano, própria do coletivo humano saudável e intensamente tendencial na fase que a humanidade vive na alvorada do Terceiro Milênio, mestre Irineu sempre adotou um modelo gregário, e nunca comunitário, no qual irmãos e irmãs se encontravam com regularidade em função de propósito espiritual análogo e se solidarizavam uns aos outros no correr do dia–a–dia, quer morassem no Alto Santo ou em outros locais de Rio Branco, mantendo preservada sua identidade individual ou familiar de hábitos e costumes, porém.

A defesa do ideal comunitário parece vir apoiada em verdade: "*É interessante notar que, na maior parte das tradições espirituais, a salvação é sempre uma coisa estritamente individual. Isso aumenta consideravelmente o desafio de pensar em termos de um sujeito coletivo à salvação. Tal questão faz com que nos tornemos mutuamente dependentes do crescimento espiritual uns dos outros. E é na comunidade que devemos achar uma resposta adequada ao tamanho do desafio*"[281](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#281).

Mas este raciocínio astucioso apenas confunde com habilidade os termos da questão, não encontra respaldo algum no estudo das Tradições (as quais, não importando a época, lugar ou forma, nunca propuseram o trabalho individual isolado e, sim, sempre e apenas alertaram para a responsabilidade pessoal pela salvação – "*um homem é incapaz de redimir um outro ou pagar a Deus o seu resgate*"[282](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#282)–, donde a necessidade do que se pode chamar "reforma íntima") e, no bojo generalista e doutrinariamente inconsistente das propostas de certa cultura "nova-era”, estipula o ideal comunitário como forma supostamente necessária para o desenvolvimento espiritual, algo que mestre Irineu nunca pregou.

O que havia no Alto Santo, isto sim, era a prática freqüente de mutirões produtivos, milenar e multicultural: "*O padrinho Irineu também tinha lá o roçado dele. Era tudo vizinho, compadre, né?, tinham de se ajudar. O Mestre foi reunindo todo esse povo, foi ensinando a gente a se ajudar, a trabalhar junto a terra. Porque a gente estava numa situação que precisava se ajudar mesmo… O trabalho foi ficando mais organizado. Quando era época de colheita ou de derrubada, o padrinho Irineu juntava todo mundo e, cada dia, a gente ia trabalhar nas terras de um (…) com os vizinhos trabalhando junto, cada um ajudando seu irmão*"[283](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#283).

Outras vezes, mestre Irineu contratava para trabalho em sua própria terra:

"*Papai vinha trabalhar para ele e, quando terminava o dia, ele perguntava: 'Luiz, quanto é o seu trabalho?' Papai respondia: 'o que é isso, padrinho, não é nada não, não dá nem um dia de serviço'. Ele dizia: 'olhe, Luiz, eu agradeço, mas você não pode trabalhar assim para mim, não quero que você faça isso não, você precisa'. Papai não dizia o preço, mas diz que ele não pagava menos do que um dia de serviço como se pagava por ali, sempre pagava mais, metia a mão no bolso e, pronto… Uma das palestras marcantes que ele fez dentro de um trabalho – ele se referiu a ele, isso numa raridade muito grande, porque ele nunca se elogiava – ele se referiu a ele dizendo assim, uma raridade: 'Eu sou o espelho, olhem para mim e façam como eu faço'* [284](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#284)*. É muita coragem, né?, porque dizer, qualquer um diz, mas ele dizia e mostrava por que era o espelho*"[285](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#285).

É que "*a evangelização depende em grande parte da capacidade e das virtudes do evangelizador, que deve ser fiel e merecer credibilidade, deve levar consigo a força e a capacidade do profeta, deve acolher e viver em si mesmo a mensagem que anuncia, deve saber amar o homem que, através da mensagem, Deus quer salvar*"[286](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#286).

Além dos serviços espirituais regulares de evangelização (concentrações e bailados), vezes havia em que pessoas eram trazidas ali em redes ou até atadas com correntes para, após um serviço de cura ou uma série deles, verem seus sintomas desaparecerem de forma duradoura. E houve quem chegasse com prognóstico médico de meses apenas de vida e seguisse tomando daime décadas a fio.

Aliás, Sebastião Mota de Melo foi um dos muitos que dele se aproximaram à busca de cura, assim como Daniel Pereira de Matos, fundador da Igreja "da Barquinha".

Vejamos primeiro Daniel e, depois, pelos desdobramentos até os dias atuais, o velho Mota.

Daniel, maranhense ele também, era marceneiro competente e violinista, mas alcoólatra. Dele, que vivia nas sarjetas de Rio Branco, diz–se ter sido a única pessoa a quem o Mestre explicitamente mandou buscar para se beneficiar da doutrina, já que conhecia Daniel nas ruas desde o tempo em que servia na Guarda Territorial e talvez por saber–lhe a destinação.

Mandou buscar, deu–lhe roupa (feita por dona Percília), abrigou–o em sua casa e em breve Daniel se afastou da bebida, passando a tocar violino nas sessões de concentração, já que mestre Irineu gostava de música instrumental durante tais reuniões – embora nem sempre. Tempos à frente Daniel mirou um barco no mar sagrado, com um povo dentro e um anjo entregando–lhe um grande livro azul aberto, levou a miração ao Mestre e soube que inauguraria uma outra forma de servir a Deus Jesus (na missão em que, aliás, eu aprendi tal expressão).

(Recordo com ternura que anos atrás, em uma das viagens ao Acre, levei comigo os "*Concertos de violinos*", de Mozart, e num impulso pedi para ser tocado no longo intervalo de um serviço bailado: foi comovente ver dezenas de irmãos e irmãs, "na luz do daime", sentadinhos quietos e entregues à melodia do genial compositor!)

Começou a receber as definições rituais e hinos (ou "salmos", como até hoje são chamados na Igreja "da Barquinha") e em 1949 deu origem a uma nova forma de servir à espiritualidade, por um bom tempo trabalhando com daime enviado por mestre Irineu.

"*Mas depois ele arranjou um amor lá com uma dona* [parece que Joana] *e foi a perdição dele, que a mulher era de outra linha* [parece que "mãe–de–santo"] *e misturou tudo, foi o fim dele*", e voltou a beber[287](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#287).

Em 1958 fez sua passagem e, já como frei Daniel, na base da vocação franciscana da casa, deixou à frente da missão mestre Antonio Geraldo da Silva, que a dirigiu de 1959 a 2000, quando também fez sua passagem.

Como afirma dona Percília, "*de lá vem vindo, de lá vem vindo, a história de mestre Irineu*".

Outra, e diferente, é a história de Sebastião Mota de Melo, o seguidor de mestre Irineu que ganhou maior notoriedade. Tendo nascido às beiras do Juruá, afluente do alto Amazonas, desde menino mediunizava e recebia entidades – assim como sua mãe, que sofrera muito com isso[288](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#288) –, adotando as práticas de incorporação desde jovem[289](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#289) e se dedicando à cura de quem o procurasse.

Mudou–se para Rio Branco em 1957 e, em meados da década de 60, quando já residia em terras da família de sua mulher, dona Rita Gregório, num loteamento no arrabalde de Rio Branco conhecido como "*Colônia 5.000*" (pelo fato de os lotes serem vendidos por 5.000 cruzeiros cada), já polarizava um pequeno aglomerado de irmãos, recebendo amorosamente quem o buscava para cura espiritual.

Certo dia decidiu procurar mestre Irineu para obter a cura de um grave problema estomacal que o afligia desde sempre e nada resolvera.

Já tomara daime na Igreja da "Barquinha": como narra mestre Antonio Geraldo da Silva, "*o primeiro daime que ele tomou foi comigo. Ele já chegou aí doente e encontrei ele numa banca de 'mesa cruzada'. Aí eu falei: 'ah!, o caso dele está aí!' Aí terminou o serviço, eu o chamei no meu gabinete e pedi sinceridade: 'Você já trabalhou em algum canto?' 'Trabalhei, sim, trabalhei. Comecei muito bem, mas depois vieram as perseguições e eu fiquei com medo. Aí eu fechei…' 'Pois sua doença está aí! Você começou um serviço e não terminou, então aquela falange que trabalhava, justamente, é que está fazendo isso com você'. No outro serviço, à proporção em que eu ia cantando o hino, a falange toda foi saindo até que, quando eu terminei de cantar, ele estava sozinho. Aí, no fim do serviço, eu disse: 'Então, agora você está bom. Agora você comece a fazer tudo certo e siga em frente'. Quando eu visitei o Alto Santo, tempos depois, cheguei lá e vi o Sebastião todo fardado. 'É você? Olhe, vem cá, você ainda vai ser um líder, você vai comandar'. 'Não, não…' 'Vai, sim, você vai…'"*[290](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#290).

Assim, mesmo tendo começado lá, sua destinação era outra: foi ao Alto Santo, recebeu outra cura pedida e ficou, vindo a ser um dos principais feitores de daime da sede de serviços dirigida por mestre Irineu.

Um de seus futuros seguidores, Wilson Carneiro de Souza, abastado comerciante local e morador na "*Colônia 5.000*" (e que parece ter sido quem levou o velho Mota a conhecer o Mestre em 1965[291](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#291)), um dia foi autorizado por mestre Irineu a manter em sua casa um pequeno estoque de daime, já que o Alto Santo era de difícil acesso, em uma época sem estradas abertas ou transporte público, e a "*Colônia 5.000*" ficava em outro lado da cidade, a cinco quilômetros do centro.

Dava–se o mesmo com, entre alguns, José Nunes, Joaquim Baiano e Raimundo "Loredo" Ferreira (no hoje bairro do Barro Vermelho), dadas as distâncias envolvidas em um tempo em que só dava para viajar no lombo de boi ou na lama e o deslocamento da "*Colônia 5.000*" até o Alto Santo, para se ter uma idéia, cobrava até um dia inteiro: por isso receberam autorização para servir daime a quem precisasse, com uma pequena reserva local para aqui ou acolá atender a emergências, comemorar algum aniversário ou mesmo cantar um hinário, desde que não em *Noite Santa*.

Wilson Carneiro de Souza teve a sua autorização retirada por mestre Irineu no começo do ano de 1971, em cena presenciada por Antonio "Cancão" Rodrigues[292](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#292), irmão de João Rodrigues Facundes, mas serviu para aglutinar mais pessoas ainda em torno do velho Mota e gerar a futura versão de Wilson Carneiro ter sido incumbido do "*pronto–socorro do daime*"[293](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#293) pelo próprio Mestre, como se tal "pronto–socorro" houvesse algum dia existido.

Na manhã de 6 de julho de 1971, por volta da nona hora do dia, deixando a instrução de que seu último hino "*era de contrição e só deveria ser cantado no dia dos Santos Reis, além de na Santa Missa*"[294](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#294), mestre Irineu deixou o mundo e Leôncio Gomes da Silva assumiu a direção da irmandade, como determinado.

Após a passagem de mestre Irineu, Sebastião Mota de Melo construiu uma igrejinha[295](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#295) nas terras da "*Colônia 5.000*", começando a trabalhar ali em 1974 com daime feito por si mesmo e outros irmãos e indo ao Alto Santo por ocasião de concentrações ou bailados nas *Noites Santas*, até seu rompimento e abertura de outra forma de trabalho, em 1975, tendo por base a Escola daimista mas dando início a severos desvios doutrinários.

Em 1980 a direção dos serviços espirituais no Alto Santo passou para Francisco Fernando Filho, o "Tetéu", pela passagem de Leôncio Gomes da Silva, e se rompeu a unidade dos irmãos até então congregados em torno da doutrina revelada por mestre Irineu: dona Peregrina Gomes Serra, viúva do Mestre, que expulsara os moradores das terras herdadas – até os primeiros e mais fiéis seguidores de mestre Irineu, entre eles dona Percília e seu segundo marido, Pedro Domingos da Silva, a quem ela conhecera em 1961 –, não aceitou a nova direção e encampou o poder, mantendo–se à frente da antiga sede de serviços de mestre Irineu.

Dona Peregrina casara com mestre Irineu em setembro de 1955, aos 19 anos de idade, seis meses apenas após ele ter sido abandonado por sua terceira mulher, Raimunda Feitosa, a quem vimos atrás, ao que se diz "*para que o Mestre não ficasse sozinho, já velho, sem ter quem cuidasse dele*"[296](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#296).

De pronto, com apenas cinco meses na direção, "Tetéu" se desligou e abriu nas cercanias da velha sede de serviços uma outra, em terra cedida por uma filha adotiva do mestre Irineu e de dona Peregrina, Marta Gomes Serra, também com ela já rompida.

Sebastião Mota de Melo, enquanto isso, intensificando a diferenciação doutrinária e ritualística que se consolidaria com os anos, trabalhava por firmar sua própria forma de servir à espiritualidade, a qual futuramente se espalharia pelo Brasil, a partir dos anos 80, como sendo a "religião do santo daime":

* acirrada defesa de "ecletismo doutrinário" (donde Cefluris – Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra, estabelecido em 1974 e registrado em 1978), com a adoção de práticas de perda provocada de consciência, tal como ocorre em Linhas umbandistas (da qual ele vinha e tanto o fizera sofrer) e demais Linhas derivadas de Escolas da Tradição africana;
* proselitismo doutrinário messiânico, com contornos apocalípticos, o que futuramente facilitou engrossar as fileiras do trabalho que a ele se seguiu;
* implantação de um modelo comunitário utópico, com todas as famílias vivendo juntas e submetidas a análogos hábitos cotidianos;
* submissão do coletivo a uma estreita moral de costumes (influenciado por sua esposa, ela, por sua vez, vinda de conservadora formação pentecostal);
* incentivo ao uso mesclado de daime com outras plantas psicoativas, tais como maconha, cogumelos e cactos.

Pois, como justifica Alex Polari de Alverga, "*na medida em que sua 'reforma' ou evolução da tradição doutrinária (comunidade, expansão planetária da Doutrina, ênfase messiânica e aceitação de outras plantas sagradas) não puderam ser absorvidas pelos mecanismos institucionais que sobreviveram ao Mestre fundador, foi ele* [o velho Mota] *obrigado a ser protagonista de certas mutações e evoluções*"[297](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#297).

O tempo mostraria que Sebastião Mota de Melo viria a ser usuário contumaz de múltiplos princípios psicoativos simultâneos: "*cansei de ser tirado do hinário porque o padrinho me chamava para irmos pitar a santa maria, tomei san pedrito* [um tipo de cacto] *dado pelo padrinho, uma vez meti a cabeça na cozinha da madrinha* [Rita] *e uma menina com um copo de chá de cogumelo, até a boca, me entregou a mando da madrinha este copo*"[298](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#298).

Aos poucos, também, as formas e os rituais específicos das Linhas derivadas da Tradição africana foram definindo o cotidiano dos serviços espirituais por ele orientados, nos seus mais mínimos detalhes.

Como exemplo banal, no que se refere aos momentos em que se serve daime aos presentes no serviço, explicou–me Luiz Mendes do Nascimento:

*– O Mestre, para dar o daime, se referia ao termo "despacho", "seu" Luiz?*

*– Não, o termo "despacho" veio depois. Era "servir daime". O Mestre dizia: "'Seu' Chico, sirva daime para fulano de tal, você hoje é quem vai servir o daime na hora da serventia".*

*– Foi a partir do velho Mota esta história de "despacho"?*

*– Foi. Tanto que, quando eu tomei conhecimento, que negócio é esse de "despacho"?!, é porque se liga muito com a história da umbanda, da quimbanda, sei lá…*

Dando–se o mesmo em relação aos serviços de evangelização ou aos serviços "de cura", os quais com o tempo foram passando a se denominar apenas "trabalhos", levando a obscurecer o sentido original de "obras" – como no hino: "*perante ao nosso Pai e os trabalhos a ele mostrar*"[299](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#299)– e a despeito de um outro hino cantar:

*"Todos nós se reunindo  
todos dentro do serviço,  
para seguir neste caminho  
não existe sacrifício"*[300](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#300)*.*

Na tentativa de dar corpo doutrinário à prática que, nas primeiras décadas do Século XX, ocorria em terreiros de candomblé no Rio de Janeiro, com o uso de maconha para propiciar incorporações – razão igual, aliás, à que baseia o uso de infusões de jurema (*Pithecellobium tortum*) no Nordeste brasileiro em "trabalhos de terreiro" –, Sebastião Mota de Melo passou a denominar esta planta de "santa maria".

Por esta razão os usuários de maconha combinada com daime dizem cultuar uma "doutrina da santa maria" e, dada a inexistência de qualquer apuro teológico ou doutrinário, se declaram "marianos"[301](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#301).

Mas em que consiste tal "doutrina"? Quais são seus princípios teológicos? A qual explicitação determinada da espiritualidade ela se refere? A qual ordenamento humano ela atende? Como são seus rituais específicos?

Nunca vi ninguém responder a questões como estas, e por um simples fato: não existe tal "doutrina", existe apenas o uso incentivado.

O máximo que consegui foi algo como isso: "*O Padrinho diz que um anjo desceu dos céus e veio mostrar a ele uma planta; mostrou a planta e mostrou para que servia. E depois mostrou como se plantava, como se devia cuidar dela (…). Mas que para ser santa maria deveria se fazer as seguintes regras: plantar por três gerações com orações e invocações para que o espírito da planta viesse trazer a cura, o alimento e o saber, com todo poder que pode existir na planta, e ela nos passar as informações. As plantas, durante as três gerações, deveriam receber, além de água, orações diárias para o seu bom desenvolvimento e pensamentos relativos ao que se deseja alcançar. E que o seu uso podia ser como chá ou fumada*"[302](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#302).

Mas a mesma fonte relata: "*uma vez eu vi um irmão trazer com todo carinho um tablete do Paraguai, dando–o ao padrinho Sebastião; aí, um daqueles (…) que sempre falam o que não devem e costumam desmerecer o irmão disse: 'é, mas isto aí não é santa maria, isto veio do tráfico, está cheia de coisa ruim'… O irmão que dera o tablete ao velho ficou assim sem graça (…) mas o embaraço foi logo cortado pelo velho, que disse assim: 'É, pode ser assim também, mas a planta é boa, ela nasce lá no canto dela e nós, homens, é que vamos lá e fazemos dela o que queremos, a planta é boa e, se passou pela mão de gente ruim, é só pegar a erva assim na mão, colocar a mão por cima e pedir que seja consagrada e que se afaste toda perseguição e guerra que aí está. E, pronto!, taí a erva boa, como sempre foi'"*.

E vai adiante: "*Para se ter idéia, eu vi várias vezes o padrinho* [Sebastião] *ser procurado para falar da Santa Maria. Uma vez uma mulher chegou perto do padrinho e disse: 'Padrinho, eu posso continuar a fumar a Santa'? O padrinho disse para a mulher: 'Não use mais, pois eu já parei, e quem 'tá comigo já parou também'. A mulher, com cara de sofrida mas aliviada, saiu do quarto e, ao ver a mulher sair do quarto, o padrinho me perguntou: 'cadê, ô carioca, o que você trouxe? Vamos logo ver o que esta erva tem para nos dizer'. E eu acendi o pito e rimos muito com o que tinha acabado de acontecer*"[303](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#303).

Então, por não ter nem mínima densidade, a "doutrina da santa maria" força por obter lastro na doutrina daimista – em função de ação institucional incessante, com este intuito –, turvando a compreensão sobre os claros ensinamentos de mestre Irineu e multiplicando conceitos vagos e panteístas[304](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#304) como "*o espírito da planta*"…

Parte significativa dos irmãos que serviam no Alto Santo passara a servir na "*Colônia 5.000*" a partir de 1975[305](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#305), após o rompimento do velho Mota com a direção do Alto Santo, por reconhecimento ao brilho e profundidade espirituais de Sebastião Mota de Melo e de seu primeiro hinário ainda em formação, "*O Justiceiro*", todo ele de devoção a Deus e de gratidão e respeito a mestre Irineu.

É que pouco antes ocorrera um episódio atestador da coragem pessoal e da lealdade de Sebastião Mota de Melo ao serviço espiritual, ampliando o seu prestígio junto aos daimistas locais: em uma das muitas vezes que as autoridades de Rio Branco e as igrejas locais pressionaram pelo fechamento dos centros de serviço daimista, sob a alegação de ser "droga" e "magia negra", o velho Mota foi o único a manter aberto o serviço, não escondendo o daime no mato – como até Leôncio Gomes da Silva o fez[306](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#306).

A seguir, porém, após a opção pelo uso da maconha em serviços espirituais com daime, que gerou o afastamento de muitos dos que o seguiram no início, em 1977 ocorreu o episódio mais obscuro da história de Sebastião Mota de Melo, o qual, em meu entender, estabelece o início do seu desnorteamento espiritual[307](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#307): o "*duelo astral*"[308](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#308) com um "pai–de–santo" apelidado por "Ceará" e sua omissão pessoal na castração e no assassinato deste homem, no correr dos acontecimentos, por moradores da "*Colônia 5.000*".

A menção a este episódio não deve ser entendido aqui como denúncia, pois é fato público largamente noticiado na imprensa após ter originado uma ação penal[309](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#309): seu entendimento é crucial pelo grave desvio doutrinário que encerra, pois "*quando o mal é denunciado e acusado, tende a reagir recorrendo às armas. Se lhe fazemos o favor de responder golpe por golpe, ao final sairemos perdendo, pois seremos envolvidos por ódio e paixão. Por isto é necessário começarmos por nós mesmos, evitando cometer os erros que censuramos*"[310](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#310).

Como ensinou nosso Senhor, Jesus Cristo, "*assim vos tratará meu Pai celeste, se cada um de vós não perdoar a seu irmão do fundo do coração*"[311](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#311).

E como mestre Irineu poderia ter dito, "*segundo a graça que Deus me deu, como bom arquiteto lancei o fundamento, um outro constrói em cima. Mas tome cada um cuidado com sua maneira de construir. Quanto ao fundamento, ninguém pode lançar outro que não seja o já posto: Jesus Cristo*"[312](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#312).

O hinário "*O Justiceiro*" se encerrou em 1978, após se reforçarem os desvios doutrinários.

Marcando a fase seguinte, já sob nova orientação, o velho Mota começou a receber um outro hinário, "*Nova Jerusalém*", no qual cantou ao início:

*"Santa maria,  
que escolhi para me guiar.  
Ela é quem me ilumina  
na estrada para andar"*[313](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#313)*.*

À frente, o rompimento doutrinário expresso no verso "*que escolhi para me guiar*" se acentuou ainda mais, com ele assumindo para si a "*missão de São João*", convidando "*as irmãs*" e cantando "*Minhas irmãs, eu vos convido para nós seguir, andar de ombro a ombro na missão de São João*", no mesmo hino em que estipulava que "*a verdade de santa maria é preciso respeitar*"[314](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#314).

Pouco antes de 1980 Sebastião Mota de Melo começou a cogitar a idéia de se embrenhar na selva, à busca de local mais protegido da lei, a pretexto de buscar paz na natureza e "*instalar e alcançar um paraíso terrestre, a Nova Jerusalém*"[315](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#315), dando continuidade à forma que escolhera de servir à espiritualidade.

Então, a partir de 1981, quando ele já estava no meio da mata bruta, abrindo o seringal "*Rio do Ouro*" (de cujas terras foi obrigado a sair em 1983, indo adiante e terminando por instalar o "*Céu do Mapiá*" no Estado do Amazonas), e a "*Colônia 5.000*" se reduzira gradualmente de 380 hectares – originalmente doados para a utopia comunitária por 43 famílias – para apenas 50 hectares[316](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#316), agora sob o comando de Wilson Carneiro de Souza e seu filho, Raimundo Nonato Teixeira, os centros de serviço espiritual que adotavam sua orientação se espraiaram feito "*movimento religioso–ecológico*"[317](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#317) ou "*modalidade de cultura eco–religiosa*"[318](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#318).

Em decorrência, se espalharam pelo Brasil e por vários países do mundo – sensibilizando pessoas sedentas de tudo o que assemelhasse floresta… – a reverência e o beija–mão a "padrinhos" e "madrinhas", como passaram a se autodenominar os dirigentes de centros daimistas, na tentativa de firmar "a nova religião" e explorar melhor tempos propícios, no bojo da nascente cultura nova–era.

Como conseqüência, os desvios foram se acentuando e a percepção do que é a doutrina daimista se enviesou de vez.

Como narrou o antropólogo alemão Carsten Balzer no *I Congresso sobre o uso ritual da ayahuasca*, realizado em 1997 na Unicamp, em Campinas, "*os rituais religiosos do Santo Daime (…) foram oferecidos no 'mercado de religiões' da Alemanha. Isto não quer dizer que houve uma transposição destes rituais para um contexto cultural diferente mas, sim, que ocorreu uma mudança significativa na forma de 'fornecer' tais rituais. No Brasil, pessoas interessadas nos rituais do Santo Daime se aproximam por meio de amigos, parentes ou atraídas pelo disse–me–disse, e pagam uma pequena contribuição para sustentar a produção do sacramento. Na Alemanha, todavia, em contraste, os 50 participantes de um grupo que eu integrei foram atraídos por anúncios em revistas ou publicidade realizada por empresas organizadoras de work–shops. Cada um pagou US$250 por três 'rituais xamânicos com ayahuasca', em um contexto esotérico–terapêutico. Estes rituais com ayahuasca não eram, portanto, rituais de um grupo estabelecido e capaz de propiciar permanente referência cultural* [e espiritual]*; ao contrário, tais rituais atendiam às expectativas de vivência de um isolado, exótico e inusitado work–shop nos círculos germânicos nova–era*.

*Os rituais ocorridos em 1993 em Berlim foram apoiados em artigos em revistas esotéricas que mistificavam a ayahuasca como a 'ambrosia amazônica'* [na mitologia grega, a ambrosia era a comida dos deuses, que mantinha a imortalidade]*. Os rituais eram oferecidos como uma 'experiência legendária de ritual amazônico' e, para quem ligasse, atraído pelos anúncios, era enviado um folheto no The Natale Institute, organização especializada em oferecer work–shops xamânicos e esotéricos (…) Nele, se lia: 'de todos os rituais xamânicos dedicados a alterar a consciência e expandir as fronteiras do ego, os rituais de ayahuasca, praticados há milhares de anos na Amazônia, são os mais importantes, mais poderosos e mais legendários, oferecendo a experiência de um profundo estado de êxtase e felicidade, livre de todo efeito negativo na mente ou no corpo'*.

*Os rituais (…) desenvolvidos no contexto do 'mercado de religiões' também foram observados em outros países ocidentais.* [Ao passo que] *um copo de daime na Espanha chega a custar US$40, viagens ao 'Céu do Mapiá', partindo de Miami, custam US$1.500 e oferecem três semanas de estadia na 'Nova Jerusalém'*.

*Resumindo, nos 'rituais work–shop' (…) de Berlim a ayahuasca, a planta xamânica de cura, o sacramento sagrado, tornou–se uma commodity de consumo, um fruto exótico e proibido oferecido no 'supermercado de religiões'"*[319](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#319).

O artigo "*Turismo da ayahuasca na América do Sul*", escrito para a cadeira de Antropologia do Turismo da Universidade de Maryland, Estados Unidos, completa: "*Para muitos sul–americanos realizarem seu potencial de ganhar dinheiro, eles 'passaram a adotar o vocabulário nova–era e as expressões curador xamânico e viajante espiritual', como a antropóloga em medicina Marlene Dobkin de Rios o definiu em 1994* [em seu estudo "*Turismo de drogas na Amazônia, uma Antropologia da consciência*"]*. Charlatães com reduzido ou nenhum treino com ayahuasca agora se apresentam como 'curanderos' ou 'brujos', pondo em risco não apenas a saúde mental de seus clientes, mas a de seus corpos, inclusive*"[320](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#320).

Aliás, falando em março de 2001 no simpósio "*Alucinógenos e religião: perspectivas históricas e científicas*", organizado pelo Conselho de Práticas Espirituais (uma organização não–governamental baseada em São Francisco, Califórnia, EUA), Dobkin de Rios foi adiante: "*o 'turismo de drogas' no Terceiro Mundo é um fenômeno crescente que responde a crescentes demandas ocidentais (…) Homens e mulheres com formação cultural são levados em pequenos grupos, por guias de turismo, para lugares distantes e exóticos, nos quais participam de rituais conduzidos por auto–intitulados 'xamãs' ou 'médicos–bruxos'. São envolvidos, assim, por uma categoria que já foi chamada 'psiquiatria charlatã', com longa tradição, por exemplo, na América Latina, dentro da qual curadores populares não–autênticos, com intenção maliciosa e fraudulenta, oferecem plantas* [psicoativas] *em rituais construídos para seu próprio ganho pessoal. Praticantes inescrupulosos, plenamente conscientes da farsa na qual estão envolvidos, exploram suas vítimas.* [Tais] *plantas (…) nunca foram utilizadas da forma que estes auto–intitulados 'curadores' as utilizam e, como conseqüência, produzem inúmeros danos psicológicos. O 'turismo de drogas' é envolto em uma retórica especial e farta literatura de viagem, inclusive com termos como 'treino xamânico avançado'. O turista (…) desesperadamente se atira à busca de recobrar 'o primitivo' mas, na verdade, não recebe rituais de dimensões espirituais, apenas é envolvido em um drama cênico que o deixa fora de si e tira–lhe dinheiro. Há um aspecto maligno no 'turismo de drogas' que é impossível de ignorar*" [321](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#321).

No Brasil, propiciando coisa parecida e para construir a "mística da nova religião", sempre associando tal "mística" à doutrina revelada por mestre Irineu e com base na imagem do velho Mota, que falecera em 1990, foi necessário fazer crer que "*um profeta é um pouco diferente de um mestre, que apenas transmite o seu conhecimento e ajuda o discípulo a realizar aquilo que ele já vislumbrou. Não é apenas o instrutor de discípulos, mas mestre de um povo, empenhado no cumprimento da palavra de Deus, artífice do plano divino na realidade material, temporal e humana. O mestre pode se dar ao luxo de ser uma personalidade totalmente serena e auto–controlada. Por ser guardião da Palavra Divina, o profeta precisa, em alguns momentos, denunciar a rebeldia e a resistência daqueles que são inconscientes ou que não querem ver a Palavra realizada. Nesses momentos, a figura de Sebastião Mota se agigantava ainda mais…*"[322](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#322).

Insinuou–se até, na tentativa de firmar a base espiritual já decomposta, que "*em certo sentido pode–se dizer que um profeta é um aperfeiçoamento natural de um mestre*"[323](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#323), afirmando–se vaidosa e enganosamente que o legado de mestre Irineu "*foi desenvolvido e sistematizado por Sebastião Mota de Melo*"[324](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#324).

Em 1993, quando pisei no "*Céu do Mapiá*", eu pude compreender tudo só ao olhar para o telhado da igreja de lá: ao alto, bem alto, no ponto mais alto de toda a pequena comunidade e sobre o seu principal templo religioso, figurava um cruzeiro encimado por uma lua.



Rompendo com a doutrina cristã, a qual subordina a matéria à espiritualidade – e por tal razão nossa Senhora da Conceição é figurada com uma lua a seus pés, reafirmando a visão do verdadeiro profeta[325](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#325): "*uma mulher, vestida de sol, a lua debaixo dos pés, e uma coroa de doze estrelas na cabeça*"[326](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#326)–, a escolha que ali se fazia submetia a espiritualidade à matéria.

[327](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#327)

Por isso, como canta Antonio Gomes,

*"Eu rogo ao meu Pai eterno  
que eu não perca a minha linha  
para eu seguir nesta estrada  
com meu* Mestre e a Rainha*"*[328](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#328)*.*

Cruzeiro encimado por uma lua.



Rompendo com a doutrina cristã, a qual subordina a matéria à espiritualidade – e por tal razão nossa Senhora da Conceição é figurada com uma lua a seus pés, reafirmando a visão do verdadeiro profeta[325](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#325): "*uma mulher, vestida de sol, a lua debaixo dos pés, e uma coroa de doze estrelas na cabeça*"[326](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#326)–, a escolha que ali se fazia submetia a espiritualidade à matéria.

[327](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#327)

Por isso, como canta Antonio Gomes,

*"Eu rogo ao meu Pai eterno  
que eu não perca a minha linha  
para eu seguir nesta estrada  
com meu* Mestre e a Rainha*"*[*328*](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#328)*.*

## O crisol

*Crisol: recipiente utilizado para experiências químicas em que  
se tem de misturar ou fundir substâncias, metais; cadinho.  
Derivação, por metáfora: lugar ou circunstância apropriada  
a evidenciar as melhores qualidades de algo ou alguém.  
Derivação, por metáfora: lugar ou circunstância  
apropriada a apurar os sentimentos.*

Antes de entrarmos a conhecer um pouco do Ensinamento da doutrina daimista, replantio da doutrina cristã feito por mestre Raimundo Irineu Serra entre os anos de 1931 e 1971, vou me deter em quatro dos cinco pontos que atrás apresentei como essenciais à construção e manutenção de uma atitude daimista que seja crisol no caminho de retorno ao Criador, como mestre Irineu pacientemente pregou:

* respeito à diversidade humana e à soberana individualidade do caminho de cada um no desenvolvimento espiritual, com evitação de toda atitude de convencimento doutrinário ou proselitismo;
* absoluta interdição do uso de quaisquer substâncias de efeito psicoativo, além do daime, nos serviços espirituais;
* auxílio no desenvolvimento da maturidade intelectual e do auto–conhecimento, graças à ausência de práticas incentivadas de abandono da consciência para "incorporação" por entes espirituais;
* e firme disciplina doutrinária, por crer que "religião sem direção é um *problemão*"…

E começarei por este último ponto, o da disciplina, pilastra central de estruturação da integridade psíquica: "*a disciplina é a principal estrutura da ordem porque não pode haver ordem onde não há disciplina; mas disciplinar é sempre instruir e motivar (…) desenvolvendo assim os conhecimentos práticos e os ensinamentos básicos da vida humana*"[329](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#329).

Desde cedo, em meu caminho daimista, aqui ou ali ouvi menções ao fato de que mestre Irineu, ex–integrante das tropas de Rondon e, depois, da Guarda Territorial, implantara nos rituais da doutrina um tipo de disciplina bastante próximo ao verificado em todo exército e, como tal, "dispensável": encargos atribuídos com precisão, cadeia de comando categórica jamais rompida e repetição incansável dos mesmos exercícios internos e externos.

Mas com ela, como não poucas vezes ouvi, se estaria somente "*preservando as tradições e cultuando a memória e as relíquias do mestre Irineu*"[330](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#330)…

Tal avaliação depreciativa da importância da disciplina, contudo, como em breve pude perceber em centros de serviços espirituais com daime que conheci em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, era um subterfúgio para o afrouxamento do zelo e para a evasiva da estipulação transparente e precisa de responsabilidades – gerando e mantendo, na maior parte dos casos, um palco favorável à imprecisão de propósitos, à irresponsabilidade dos dirigentes e a jogos de poder nos grupos, que terminavam mais prejudicados do que beneficiados em sua necessidade de aprender a se desenvolver.

Dou um exemplo desta justaposição de fatos reais que parecem contar a história, construindo viseiras que perpetuam o comportamento libertino – no sentido de "*quem não tem disciplina, quem negligencia deveres e obrigações*" – e bloqueiam a percepção do elevado valor disciplinar em todo serviço espiritual.

Em 1993 foi publicado um artigo no jornal "*O Rio Branco*", no Acre, depois replicado em estudos de ampla visibilidade, no qual, entre outras associações, se afirmava: "*No Santo Daime há diversos hinos que exaltam a Pátria, a Bandeira, o Exército. Bem fácil de se compreender, em se tratando de uma doutrina que se formou durante o tempo do Estado Novo, ainda nos anos 30, e que, além do mais, tinha que demonstrar seu nacionalismo para garantir a liberdade da comunhão desse vinho indígena que muitos poderiam classificar como mera droga*"[331](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#331).

Ora, de todos os 317 hinos que fundam as bases da doutrina daimista, tal como estabelecida por mestre Irineu (hinários dele e de Germano Guilherme, João Pereira, Maria Damião e Antonio Gomes, e a *Santa Missa*), em apenas dois surge a palavra "pátria": no hino 43 de mestre Irineu, "*O prensor*", no qual se refere a uma situação de conflito armado e faz um chamamento à proteção de inocentes envolvidos em matar ou morrer – dizem que à época da Guerra do Chaco, entre Paraguai e Bolívia[332](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#332), mas é versão pouco provável, pois entre 1932 e 1935, época desta conflagração, mestre Irineu estava iniciando seu trabalho em Vila Ivonete; mais provavelmente, este hino se refere à II Guerra Mundial, já que ela se esboçou em 1937, teve início em 1939 e o Brasil nela entraria em 1944 –, e no hino 48 de Maria Damião, "*A Pátria*" (recebido entre 1948 e 1949, em plena fase democrática brasileira do pós–guerra, já bem distante, portanto, do Estado Novo getulista).

'*Pátria*' decorre do latim '*pater*', pai, com acepção mais social e religiosa do que '*parens*' ou '*genitor*', pai biológico. É nossa raiz, é onde se estaqueia a existência. O termo, portanto, permite entendê–lo no âmbito espiritual, mais amplo – "*o homem, na vida presente, encontra–se em uma espécie de caminho que deve tender para a pátria*"[333](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#333), "*pois a nossa pátria está nos céus*"[334](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#334)–, ou no âmbito terreno, mais estrito, com louvor ao torrão natal como destino de encarnação, desta vez, graças a Deus – e por isso, acima de tudo, amável e respeitável.

Por isso, se um hino canta o amor ao local em que se encarnou,

*"Eu sou feliz, eu sou feliz, eu sou feliz,  
eu sou feliz porque estou no meu país.  
No meu país, que o Senhor me ordenou,  
para eu cumprir esta missão com meus irmãos"*[335](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#335)*,*

outro hino canta o céu como "*pátria espiritual*" (e por isso chamamos o céu de "firmamento", no qual nos apoiamos): bem pouco antes de encomendar a alma a Deus e fazer sua passagem, dona Maria "Damião" alerta para a necessidade de não temer a "morte" ("*este golpe*") e o retorno à Pátria, para a qual vai–se sendo chamado por Deus e orientado pelo Mestre:

*"Vamos dar viva à nossa pátria,  
com amor e com coragem.  
Com o poder do Soberano,  
a nossa Mãe vai nos guiando.  
Vamos todos pedir força  
às forças do Redentor.  
Que a nossa Mãe nos alimentou  
e há muito tempo nos iluminou.  
Vamos todos, meus irmãos,  
dar valor à nossa sessão.  
Que o nosso mestre tem gosto  
e chama meus irmãos.  
Sigam em frente e não se arrependam,  
não temam a este golpe.  
Que para nós tem maravilhas  
e de Deus, a Santa Glória.  
O nosso mestre nos dá força  
até um dia final,  
que a nossa Mãe está nos esperando  
no reino divinal.  
Oh! meu Pai, que maravilha!  
Fui aonde eu não conhecia!  
Oh! Que tanta primosia  
da sempre Virgem Maria.  
Ao meu mestre eu entrego  
as estrelas que eu recebi,  
para Vós passar um visto,  
que eu não sei se mereci".*

Em todos os hinos da base doutrinária o termo "*bandeira*" ocorre apenas seis vezes (uma no hinário de mestre Irineu, uma em Germano Guilherme, três em Maria Damião e uma em Antonio Gomes) e nunca associada à bandeira nacional: sempre com o significado explícito de "*estandarte*" espiritual ou "idéia, lema ou objetivo que orienta um partido, grupo, doutrina etc.".

E em nenhum dos hinos se encontra o termo "exército" – embora o termo percorra toda a Escritura, como em "*fabricaram para si duas estátuas de bezerros; erigiram um poste sagrado, prosternaram–se diante de todo o exército celeste…*"[336](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#336) e "*diante do sol, da lua ou de todo o exército celeste…*"[337](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#337), indicando a dimensão espiritual das forças do bem e do mal, bem como as forças da espiritualidade.

Canta um salmo "de guarda" de outra Escola, na Igreja "da Barquinha", referindo–se às hostes celestiais:

*"Forças armadas vêm do céu,  
forças armadas vêm do mar:  
Deus do céu  
é quem manda nos guardar".*

Além disso, o texto pressupõe a subordinação doutrinária à transitória circunstância material e política, algo nem minimamente aplicável à doutrina daimista transmitida por mestre Irineu: "*tinha de demonstrar o seu nacionalismo para garantir a liberdade…*".

Desgarrando–me de tal superfície, graças a Deus, aos poucos fui podendo compreender a sabedoria disposta sob a aparência de "mero rigor militaresco" ou "resquício desnecessário de um tempo passado", como em termos pejorativos se avaliava a disciplina.

É que a busca de se conhecer ao buscar conhecer Deus, para aqueles que conseguem se entregar a tal paixão única e abrangente[338](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#338), requer a reconstrução integral da pessoa tal qual ela se imaginou até então – e isto pode assemelhar a morte.

Ora, para enfrentar a morte é que são os soldados preparados!

Pois "*não se escolhe ou inscreve um soldado para carregar armas, mas para que combata, pois esta é a função própria para a qual se ordena o exército*"[339](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#339).

Defrontar a boca do canhão, ouvir ao longe o tiroteio, assistir ao estilhaçamento de companheiros e assassinar, se preciso for, são experiências–limite – tão desafiadoras quanto confrontar a própria capacidade pessoal, nós, que nos julgamos sempre tão bons…, de matar por raiva, roubar por cobiça, mentir por inveja, desprezar por soberba, trair por luxúria, se acomodar por preguiça ou ser adicto por gula – que podem romper os elos do psiquismo e jogar a pessoa humana, num estalar de dedos, no mais profundo poço da existência.

Como canta um hino de Alex Polari de Alverga:

*"Entre a morte e a loucura  
está o Cristo verdadeiro;  
é preciso ter certeza  
para andar bem pelo meio".*

Pois, exclama santa Teresa de Ávila, "*neste estado, a alma não sabe o que fazer: se fala, se fica em silêncio, se ri ou se chora. É um glorioso desatino, uma loucura celestial, onde se aprende a verdadeira sabedoria, sendo para a alma uma maneira muito deleitosa de se regozijar*"[340](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#340).

Se em momentos assim, então, o exercício é esquecido, a atribuição negligenciada ou a ordem desobedecida, o risco de morrer ou causar a morte de irmãos se agiganta – ou, no serviço espiritual, descontrolar–se e descontrolar o trabalho de irmãos.

A estrita obediência à ordem[341](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#341), a precisa divisão das tarefas e o cuidado com minúcias, na verdade, portanto, são medidas de proteção de quem se aventura na "terra de ninguém" – em nosso caso, como em qualquer jornada por dentro de si, na própria "terra de ninguém" trazida no mais profundo do ser de quem ali está.

Frades ou monjas medievais, que em intermináveis jejuns ingeriam só cerveja e restavam dias a fio em salões abafados e intoxicantes de fumaça e dióxido de carbono, sob cantochões monocórdios; monges budistas imóveis por dias, entoando mantras[342](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#342) repetidos e repetidos e repetidos, respirando economicamente, envoltos em nuvens de incenso e imersos em introspecção; xamãs siberianos ou ameríndios que acendem tochas com plantas aromáticas em iglus ou ocas, sob o encantamento de cânticos e instrumentos, para construir o útero do próprio renascer; daimistas que tomam daime para se postar em silêncio (em concentrações e serviços de cura), cantar sentados (na Santa Missa) ou bailar horas seguidas sob o som de vozes e o ritmo hipnótico de maracás (em serviços de hinário): todos estes peregrinos da eternidade nos falam da necessidade de difícil disciplina, no correr da experiência de conhecer–se e ao mundo no limite do possível, sob o risco de emersão incontrolável de conteúdo profundo, com intenso tom afetivo, ou de submersão do autocontrole, pelo esfacelamento da consciência.

Para o monge Daisetz T. Suzuki, que por mais de 30 anos divulgou no Ocidente as principais obras zen–budistas da escola C'han (ou Zen), tal tipo de contato direto, quando ocorre, é "*o fato mais espantoso que pode acontecer no reino da consciência humana (…) descontrolando cada uma e todas as formas padronizadas de experiência*".

Porque, como já comparou outro mestre Zen, é como "*o fundo de um balde que arrebenta*".

Não por outro motivo os serviços daimistas têm "*fiscais*" de terreiro, porta ou salão, homens e mulheres preparados com antecedência e mantidos atentos no transcurso de todo o serviço, prestes a ajudar quem precise, a conter descomedimentos, a dar suporte a quem caia ou a amparar quem necessite consolo frente à própria miséria e dor.

Como indaga Carl Gustav Jung, "*a aceitação de si mesmo é a essência do problema moral e a síntese de toda uma perspectiva de vida. Que eu alimente o faminto, que eu perdoe um insulto, que eu ame o meu inimigo em nome de Cristo – todas estas são, sem sombra de dúvida, grandes virtudes. O que eu faço ao menor dos meus irmãos, eu faço ao Cristo. Mas o que acontecerá se eu descobrir que o menor de todos, o mais pobre dos mendigos, o mais impudente dos ofensores, o próprio inimigo estão dentro de mim e que eu mesmo necessito das esmolas de minha própria bondade – isto é, que eu mesmo sou o inimigo que precisa ser amado. Que farei*?"

Uma distração, mínima que seja – e um irmão pode se machucar ou ferir outrem, bem como comprometer em alguma medida o coletivo!

Um fiscal de terreiro ou de porta não examina com atenção apenas quem, na matéria, adentra o espaço – e como entra. Tão importante quanto isto é aprender a identificar quem se achega no invisível, atraído pelo que ali ocorre ou habituado a acompanhar quem ali se trabalha, bem como se dá o que se passa com quem ali se desintegra para tentar se reintegrar melhor, por ação e Graça do Espírito Santo.

Estava eu em um serviço espiritual quando, súbito, despenquei "dentro de mim". Sentadinho, cantando os hinos em grupo, eu caía em meu próprio e abissal mundo interno, numa queda a me mostrar os horrores dos infernos – guerra, peste, fome e ignorância – e parecia nunca vir a ter fim as mensagens e imagens! Eu cantando e caindo, caindo, caindo, conhecendo níveis e níveis e níveis de dor, podridão e sofrimento humanos, todos em mim, porque tudo em todos, sem nada a fazer senão rogar por ser protegido daquilo tudo para, quem sabe, poder "voltar" íntegro.

*"Fé em nosso Pai  
e fé na nossa Mãe.  
É quem nos livra dos infernos  
para sempre, amém, Jesus"*[343](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#343)*.*

Quando já não mais via esperança – "*Lasciatti ogni speranza, voi qui ch'entrate*", escreveu Dante – e o conhecimento parecia excessivo, pedi ajuda: um roçar de dedos em meu dorso roubou–me do transe e devolveu–me à superfície de mim mesmo, levando–me a abrir os olhos e ser recebido com um sorriso do discreto fiscal de salão, que à distância acompanhara meu serviço no astral e com calma respondera ao meu apelo, num movimento quase imperceptível.

Canta um hino: "*dentro do poder divino tem tudo para nós ver*"[344](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#344).

Pede a disciplina que não se fale com quem se trabalha ou, se o fizer, que seja o inevitável e o mínimo possível, assim como não se o toque, exceto se imprescindível ou solicitado: com a "aura" expandida pelo efeito do daime – o invólucro de perispírito, também chamado de duplo etérico, que nos envolve bioenergeticamente e mantém fluida dinâmica com a realidade material e espiritual que nos abrange e sustém –, a voz alta ou o toque inábil é por vezes demasiado intenso e pode interromper a revelação ou induzir ao afastamento brusco de quem fala ou toca.

Tão sutil é este "envelope" vital e tão dinamizado fica sob o efeito do daime, que até os animais mudam seu comportamento… Em minha primeira viagem ao Norte, quando fiquei por um mês no "*Céu do Mapiá*", uma noite saí de um serviço espiritual e ao pé da casinha em que nos trabalháramos vi um cachorro deitado. Sempre afeiçoado aos animais, incontinenti aproximei–me daquele, de imediato sustado em meu gesto por um daimista ali residente, sob o conselho de ficarmos "muito sutis no daime" e os animais "se assustarem".

Com este conselho na memória, anos a fio observei o quanto os meus próprios cães alteravam sua reação quando de minha chegada de um serviço espiritual, muito mais excitados do que em outros retornos meus.

Assim como a evitação do toque, a manutenção do silêncio, nos serviços de concentração, é crucial à conexão delicada e absorvente com a realidade inconsciente mental, num plano inferior, e espiritual, num superior: bocejos em voz alta, esfregar de mãos, raspar de solas no chão, pigarrear, inspirar nasal ruidoso ou estalar de dedos são interrupções que, *plimmmmm!*, estilhaçam o contato que, na Graça e pela Graça, permite a revelação.

Serviço tem hora para começar e encerrar, tem dinâmica objetiva previamente conhecida por todos, tem lugares ("postos") predeterminados e tem uma sucessão cansativamente treinada de atividades, para que o ego humano tenha balizas nas quais se reconhece e escora, ao mesmo tempo em que se vê dissolvendo.

E tem espaços claramente estipulados, para proteger os participantes e preservar o bom andamento de tudo, no salão de serviços e na espiritualidade.

Perguntei um dia:

*– Mestre Irineu deixava bailar quem não tivesse farda?*

*– Não, só se fosse um trabalho extra; assim, em um aniversário, ia todo mundo como nós estamos aqui… Se fosse trabalho oficial mesmo, até hoje nos nossos estatutos marca: 'entrar nas fileiras, só aquele que estiver fardado de acordo'. Agora, não é por isso que os outros não tinham direito: podem tomar o daime… Se às vezes chegava alguém que queria, porque queria, ele colocava no bailado só para fazer o gosto, dar aquele prazer para a pessoa, mas não é o ideal.*

*– E podia participar da concentração?*

*– Sim, mas não na fileira dos fardados. Inclusive, agora mesmo, eu tenho um cantinho para eles, eu não coloco nunca junto com aqueles que estão fardados*[345](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#345)*.*

Relata Virgilio Nogueira do Amaral, fundador de um centro espiritual daimista em Porto Velho, o único fora de Rio Branco autorizado por Mestre Irineu, que um dia perguntou ao Mestre se todos deviam se fardar: "*É, não é obrigado não, mas ali no salão só entra quem 'tá fardado*".

Porque a sede de serviços espirituais é uma escola e, em uma escola, é assim que funciona. "*A escola não precisa dos alunos, os alunos é que precisam da escola*"[346](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#346): toda resistência a isso é vaidade desobediente ou percepção difusa de estar na Escola errada para si, o que pede uma escolha mais conforme à destinação.

Hinos cantam:

*"A ordem está severa  
para aqueles que freqüentam:  
aqueles que não dão crença  
desocupa os assentos"*[347](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#347)*.*

e

*"Aqui estou dizendo  
para os meus irmãos ouvir:  
quem não for filho de Deus  
vá saindo por ali"*[348](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#348)*.*

(No trabalho de recobro de conteúdo dos hinos, como será visto adiante, foi mantido "*desocupa os assentos*", em vez de "desocupem os assentos", para ser fiel ao tempo verbal imperativo singular, adotado no hino.)

Em minha segunda visita à Igreja da "Barquinha", ao final do serviço, atendendo ao costume da casa, fui instado a falar como visitante. Ergui–me de minha cadeira, ainda voltando aos poucos de onde estivera, e ao postar–me na cabeceira da mesa, frente à irmandade, precisei apoiar–me no espaldar de uma das cadeiras da mesa de serviço – para de imediato recolher a mão e me segurar (e à minha timidez…) em minhas próprias pernas, pois a mesa era contornada por um brilho violáceo decorrente do caráter sagrado do que ali se dera havia pouco. Feito sacrário, o toque seria profano: "*Não te aproximes! Tira as sandálias dos pés, porque o lugar onde estás é uma terra santa*"[349](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#349).

Ademais, o serviço tem um ponto central – e só um! – que nucleia e ajuda a organizar as várias vivências individuais, dando centro às experiências que ali se dão e propiciando o ponto de referência para todos, símile da figura aglutinadora do Filho de Deus, Jesus Cristo, nosso Senhor, enquanto se desmancha e reconstrói cada universo pessoal no meio do universo coletivo de Deus.

Por isso não há um incenso em cada canto ou uma vela em cada esquina: vela é sobre a mesa, em frente ao cruzeiro:

*– E se o pessoal quer colocar uma vela aqui, outra acolá, pode?*

*– 'Não, isso aí é fora do ar; para não incentivar muito, faz o normal mesmo, só no cruzeiro. Porque tem gente que quer coisa demais, aí já chega um que não tem experiência do trabalho e, ó!, vela é no cruzeiro mesmo*[350](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#350)*…*

"*Naquele tempo, com o Mestre na matéria, era uma disciplina tão forte que a pessoa tinha de ser unido, tinha de se unir uns aos outros ou então dizer por quê, para fazer paz. Se olhasse com a cara feia um para o outro assim de manhã, de tarde ia fazer as pazes, não sabe?, se sabia que de noite ia tomar daime e o daime ia 'pegar'…*[351](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#351)[352](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#352)".

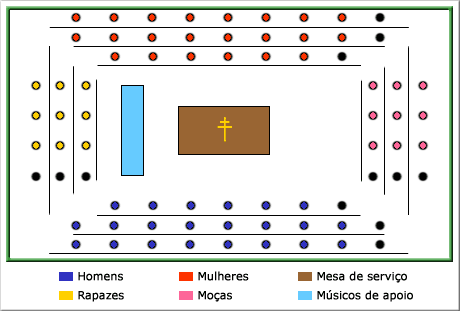
Até a aparentemente mais anacrônica prática do ritual daimista, no caso de serviços bailados, tem importância crucial para a segurança dos que ali se trabalham e para o andamento geral do serviço: o cumprimento ao "cabeça de fila", com a mão erguida e olhos nos olhos, ao sair e entrar na fila de baile.

Explico melhor, para quem nunca participou de um serviço assim. Nos serviços "de hinário", também chamados bailados ou "festejos”, dezenas e às vezes centenas de pessoas se postam em fileiras paralelas, sob formação retangular, compondo quatro grupos distintos: homens, mulheres, moças e rapazes.

(A partir da década de 80 vários centros daimistas passaram a adotar um formato hexagonal de salão, com seis "alas" – homens, rapazes e meninos; mulheres, "virgens" e meninas –, para adaptar ao centro o uso da mesa em formato de estrela de seis pontas, já que poucos anos antes o velho Mota implantara o "*trabalho de estrela*" – que mais tarde passaria a se chamar "*trabalho de cura*" –, segundo ele atendendo a pedidos do "*seu Tranca–rua*", uma entidade da umbanda[353](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#353).)

Em específicos passos cadenciados, tais fileiras se movem da direita para a esquerda e vice–versa em seu próprio lugar, com cada pessoa batendo seu maracá ao ritmo dos hinos e dentro de um espaço pessoal de cerca de metro e meio no sentido longitudinal da fila em que está, com o que todo o grupo vai e vem em torno da mesa de serviços – em um "*movimento que se iguala ao balanço do mar*"[354](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#354)– e dos músicos que, em algum lugar ao lado ou à frente da mesa, apóiam melodicamente o andamento do serviço.

### O salão de serviço



Na ponta de cada fileira situa–se um "cabeça de fila", escolhido entre os homens e mulheres mais experientes e capazes de bailar no decorrer de todo o serviço, por ser responsável por liderar a fila de baile em que está e manter–se informado sobre cada um dos integrantes de sua própria fila: se saiu, há quanto tempo saiu, como estava ao sair, se retornou e como estava ao retornar.

No esquema do salão de serviços, visto acima, os postos dos "cabeças de fila" estão assinalados em cor preta.

Pois bem, e aí chegamos ao ponto: ao entrar em uma fila de baile ou ao dela sair, para tomar daime, ir ao banheiro ou apenas descansar o necessário, o fardado espera acabar um hino e as filas cessarem momentaneamente o movimento, cumprimentando com a mão levantada o "cabeça de fila" e o fitando ao entrar e ao sair da fila de baile – o que implica dizer que não se entra ou se sai pelo outro lado nem se cruza as filas de baile.

Um olhar desavisado – ou não isento – nisto veria só formalismo, mas quem já dirigiu serviços espirituais mais apurados, daimistas ou não, conhece a importância de buscar nos olhos do irmão seu estado interno: está de posse de si mesmo? seu olhar indica medo, descomedimento ou raiva? ou denota a falta de foco própria de um estado de fugaz confusão mental?

Será graças ao percebido que a estrutura de apoio ao serviço se mobilizará, dando–se o mesmo em todas as filas, homens, mulheres, rapazes e moças: a percepção da falta de foco ou de descontrole no olhar do irmão que sai fará de imediato o "cabeça de fila" acionar discretamente um fiscal de salão, o qual se postará com delicadeza ao redor do irmão – longe, para não invadir, ao mesmo tempo em que perto, para proteger – durante toda a sua ausência da fila de baile, defendendo–o de si mesmo e do que possa se dar em algum momento interno mais desafiador.

Ocorrendo igual no retorno de um irmão à fila, pois um estado de momentâneo mas intenso desequilíbrio – por essencial que isto seja para a obtenção de um nível mais complexo de equilíbrio, a seguir, se Deus quiser – pode comprometer o andamento de toda a fila e é prudente que o irmão seja aconselhado a sentar–se um pouco até recobrar o controle sobre si, que está precário, ou até mesmo ser aconselhado a não tomar mais daime nas próximas horas ou naquela noite.

Sim, porque há necessidade, por vezes, de que o irmão não tome mais daime, em uma noite ou mesmo por certo período[355](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#355): "*teve vezes do titio dizer: 'olhe, tempo de trabalhar, vamos parar um pouco e vamos trabalhar, nós temos que nos manter, vamos passar tantos dias sem serviço nenhum'. Eu vi ele fazer isso várias vezes, esquecer um pouquinho do daime e procurar fazer a sua escadinha para subir*"[356](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#356).

Pois, entre outros, alerta santa Teresa de Ávila: "*Quero dar um aviso a quem tem grandes arroubos, a respeito do que ocorre neles* [os momentos de êxtase]*. Passado o momento em que a alma se encontra em união (em que as faculdades estão totalmente absortas, o que dura pouco, como eu já disse), acontece–lhe de ficar recolhida e até sem condições de voltar a si, mas as duas faculdades, a memória e o intelecto, ficam quase frenéticas, delirando. Isso acontece algumas vezes, como digo, principalmente no início. Creio que isso decorre do fato de nossa fraqueza natural não suportar tanta força de espírito, o que leva ao debilitamento da imaginação. Sei que isso acontece com algumas pessoas. Nessas ocasiões, parece–me melhor que se esforcem por deixar a oração, recuperando em outro momento aquilo que então perdem. Elas não devem insistir, pois poderão provocar muito mal. A experiência indica que é muito acertado verificar quanto nossa saúde pode agüentar*"[357](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#357).

Pouco antes de fazer sua passagem mestre Irineu foi explícito: "*eu compus o último serviço que nós demos para ele, numa quarta–feira. Nós fizemos uma mesa composta por nove pessoas. E ele disse assim, no final: 'Leôncio, de hoje em diante, na concentração, é meio copo de daime para cada um, no máximo; se mais a pessoa tomar, é por conta própria e eu não me responsabilizo'… É que muitas vezes a gente vê a pessoa ultrapassar e às vezes não se dar bem, e eu vou lhe afirmar de público, assim como está sendo gravada a nossa conversa: daime endoida, se assim não se cumprir as regras que Raimundo Irineu Serra determinou*"[358](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#358).

Recordo que em minha primeira conversa com mestre Antonio Geraldo da Silva indaguei:

*– Eu vejo o povo aqui do Acre tomando apenas um pouco de daime nos serviços, ao passo que em São Paulo toma–se copos… Por que a diferença?*

Ele pensou um pouco e, a seu modo sereno, replicou:

*– Por que é assim, lá, eu não sei… Mas eu sei que, para trabalhar na Luz, se tem de estar no governo de si próprio!*

Recordando a Escritura: "*Eis o fruto do Espírito: amor, alegria, paz, paciência, bondade, benevolência, fé, doçura, domínio de si*"[359](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#359).

É que, por se crer ingenuamente[360](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#360) que, "quanto mais daime tomado, mais rápido e melhor será o avanço" – e à busca de "expandir a litragem produzida", pois isso sempre significou maior receita auferida pelos centros de serviço que costumam cobrar "taxas de participação" –, abandona–se o fato de que o daime, segundo estudos compilados pelos integrantes do Grupo Multidisciplinar de Trabalho formado pelo Confen – Conselho Federal de Entorpecentes, é composto químico com "tolerância reversa", razão pela qual o usuário precisa cada vez menor quantidade para obter análogo efeito psicodinâmico[361](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#361).

Provável razão pela qual, aliás, mestre Irineu ensinava que "*vai chegar o tempo em que tomaremos daime de colherinha*"[362](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#362).

A disciplina necessária, todavia, nada tem a ver com a moral de costumes conservadora que passou a prevalecer em centros daimistas de todo o Brasil por influência direta da visão de mundo da esposa do velho Mota, em virtude de sua formação pentecostal.

Proibição de uso de adereços ou maquiagem, imposição de saias até o tornozelo, dissuasão de corte de cabelos, condenação da raspagem de pelos ou do uso de tinturas capilares, avaliação preconceituosa da sexualidade humana e valorização excessiva da virgindade feminina[363](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#363), com perniciosa influência na percepção do que realmente importa na eternidade e na doutrina daimista.

Tendo até reflexos na dinâmica de ordenamento do salão de serviços e gerando doentias situações grupais de dupla moral, indutoras de conflito pessoal ou coletivo e potenciais geradoras de mentiras.

Um exemplo são as filas das moças, em serviços bailados.

Desde cedo mestre Irineu separou homens e mulheres no salão, exceto na mesa de serviço, dispondo, como vimos, homens e mulheres, e moças e rapazes, frente a frente mas distantes. Há de se perguntar, então: além da determinação de haver separação entre os gêneros, qual o critério para definir "moças" e "rapazes"? "*No tempo do Mestre, era para arrumar o salão, não sabe? Homens e rapazes, assim como mulheres e moças, têm mentalidade diferente, não é? Então, moços de até uns 18 anos e moças, enquanto se compõem como moças, ficam nas filas dos solteiros; depois, vão para as filas de homens ou de mulheres*"[364](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#364). E havia alguma "razão espiritual" definidora do que seja uma "moça", talvez associada à virgindade? "*Não, era para arrumar o salão, para fazer ordem e ajeitar o povo*"[365](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#365).

Explicação análoga a esta eu encontrei com rigorosamente todas as daimistas mais antigas com quem pude conversar em Rio Branco, Acre, em que pese a delicadeza do tema e a falta de hábito de discuti–lo com um homem, além de tudo "estrangeiro". Muitas das quais, aliás, vão aos serviços espirituais com adereços, leve maquiagem ou unhas pintadas com discrição, como é normal, belo e saudável, "*qual noiva prometida que se enfeita com seus adornos*"[366](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#366).

Determina–se pelo Brasil a fora, todavia, que as filas das moças são "das virgens" (lembra-se que, na formação hexagonal, comentada logo atrás, fora até inventada uma "ala das virgens”?). Ora, e como saber se determinada moça "ainda é virgem"? Ao que respondem: "*fica por conta da consciência de cada uma*". "*É uma questão espiritual…*", resumem. Mas por que a questão da virgindade, se verdadeiramente espiritual, determina só os seres humanos do gênero feminino? Ninguém responde, pois se trata de moral estreita de costumes e nada mais.

E, assim, vai–se cuidando do que menos interessa, deixando de lado o que realmente importa!

Quanto à interdição do uso de outras plantas de efeito psicoativo, além do daime, o veto deve ser radical, sem espaço para negociação ou "estudo", e mestre Irineu sempre alertava para isso.

(É freqüente que, para não acatar a ordem do serviço, um irmão ou visitante afirme estar fazendo um "estudo" a respeito de seja lá o que for; então, o que se sugere é que "estude, isso sempre é bom!, mas dentro da disciplina…".)

Ao entrarmos na vertente espiritual deste tema, que de longe é a que mais interessa neste relato, no que toca ao que se faz por aí vou me restringir apenas à maconha, por ser a única planta de efeitos psicoativos que tem sido associada publicamente aos serviços espirituais daimistas, razão pela qual não estarei considerando a coca, os cactos e os cogumelos, dentre a extensa flora milenarmente utilizada pelo ser humano à busca de "*portas de percepção*", para utilizar a expressão do escritor norte–americano Aldous Huxley (1894–1963), ou de, como os chamou o poeta francês Charles Baudelaire (1821–1867), "*paraísos artificiais*".

Vivemos no mundo contemporâneo uma grave problemática sócio–econômica e comportamental associada ao consumo de drogas e tal contexto não pode ser visto apenas por um ângulo, quer o restritivo, quer o liberalizante; além disso, este relato não pretende ser um local eficiente de encaminhamento de questões sobre o tema, dada a multiplicidade de enfoques que seria necessário para ser útil e conseqüente.

Não tenciono fazer aqui um libelo contra o uso da maconha em situações cotidianas, pois isto compete ao arbítrio de cada um. Todavia, alguns dados devem ser ressaltados neste relato, para que a análise da impropriedade do uso da maconha combinada com o daime em serviços espirituais – a isto, me refiro! – não se limite à discussão sobre se seu uso deveria ou não ser proibido, sanção, aliás, que vem desde 1830 no Brasil[367](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#367).

O primeiro dado, em ordem de importância, é o histórico–doutrinário: mestre Irineu cresceu no interior do Maranhão, o Estado brasileiro que sempre foi um dos maiores produtores nacionais de maconha, e seguramente deve tê–la conhecido quando jovem. Assim, iniciando seu trabalho evangelizador em uma época na qual os movimentos anti–drogas não tinham de longe o poder de vigilância e pressão que têm hoje em dia, e residindo ao meio da mata amazônica, com relativa facilidade poderia ter lançado mão da maconha para serviços espirituais da doutrina daimista, se acreditasse útil.

Contra esta possibilidade, porém, se levantam todos os testemunhos coletados junto a gente que acompanhou sua vida desde antes de seu trabalho se iniciar na Vila Ivonete, como José das Neves ou Germano Guilherme, ou de quem conviveu com ele intimamente, como dona Percília Matos da Silva, Paulo Serra e Daniel Acelino Serra: desde o início ele foi firmemente contrário ao uso de maconha nos serviços espirituais da doutrina que muito trabalhava para replantar, como expondo a existência de sérios impedimentos vindos da eternidade (o que não ocorreu nem com o álcool, como vimos anteriormente, interditado somente após o hino 72 de seu hinário).

Igual pode ser dito sobre as práticas de incorporação com abandono da consciência: estudos indicam que mestre Irineu, antes de sua ida para o Acre, freqüentava esporadicamente terreiros de Tambor–de–Mina em sua terra natal[368](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#368), no Maranhão, onde certamente conheceu tais práticas, para optar após por não usá–las.

Depois, cabe ver a associação historicamente comprovada entre maconha e incorporação, para facilitação do abandono da consciência. O primeiro registro brasileiro neste aspecto é de 1777: em dezembro daquele ano foi enviada à Inquisição de Lisboa a denúncia de que "*a parda Brígida Maria e seu amásio, Roque, natural de Angola, faziam danças chamadas 'calundus', tangendo viola e pandeiro, 'fazendo muitos trejeitos e mudanças, dando a cheirar a todos os circunstantes certo ingrediente que tinham em uma folha de flandres e que ficavam absortos e fora de si', e ensinava Brígida que as almas dos mortos se introduziam nos vivos*"[369](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#369).

"*Referências ulteriores ao consumo da 'maruamba' nos cultos afro–brasileiros (seja 'de preto velho', seja 'de caboclo'), são dadas por respeitados estudiosos do assunto (…) Em 1906, o dr. Pires de Almeida, no seu livro 'A libertinagem no Rio de Janeiro', informava: 'Homens e mulheres de toda casta (…) afluíam aos candomblés e no meio de danças convulsionadas e aos vapores do pango* [um dos nomes afro–brasileiros para a maconha]*, faziam comemorações às almas'. Arthur Ramos registra, para a década de 30, o uso da maconha nos candomblés e catimbós do Recife; Jarbas Pernambuco confirma seu uso nos catimbós e caboclos; Jayme de Altavilla e Câmara Cascudo chegam a postular que em algumas áreas os nordestinos chamam a cannabis de 'macumba', confundindo–se num só termo 'bundo' a religião e o próprio 'fumo'; Gilberto Freyre (…), da mesma forma, associa as tradições religiosas e a diamba como os elementos culturais afros que 'vêm resistindo mais no Brasil à desafricanização'"*[370](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#370).

É verdade que esta planta, assim como outras, está presente em cultos à espiritualidade em toda a superfície terrestre há pelo menos 6.000 anos, mas, "*em contraste, a maioria das mais importantes religiões do Ocidente repudiou qualquer herança mística em que o uso da cannabis possa algum dia ter desempenhado um papel*"[371](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#371).

A seguir, devemos ver o uso da maconha pelo ângulo psicodinâmico, pois, "*para aqueles cuja mente já tem uma fenda, a fenda se alarga sob o efeito da cannabis*"[372](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#372): muitos são os estudos que indicam a alta probabilidade de o uso da maconha estimular o estabelecimento de doenças mentais graves, como esquizofrenias e paranóias, notadamente em pessoas que já tenham predisposição a elas (veja: ela não gera, mas estimula potenciais psicopatológicos), provável razão para a elevada ocorrência de surtos nos centros espirituais que utilizam ritualmente a maconha.

A este respeito, cabe lembrar que o THC (Δ9tetrahidrocanabinol), principal alcalóide da maconha e do haxixe, induz quimicamente duas fases: a primeira, de excitação e euforia, e a segunda, de sono e letargia, em alteração bipolar que, nos que têm predisposição a quadros esquizóides ou psicoses maníaco–depressivas (distúrbios bipolares de humor), pode servir de "gatilho" para a instalação da doença, inclusive cessado o seu efeito, razão pela qual mesmo estudos europeus contemporâneos sugerem extrema cautela quanto ao uso do THC em remédios industrializados, até em casos nos quais ele se revela útil, como glaucoma, quadros eméticos e distúrbios respiratórios crônicos, pois um precário equilíbrio pode ser rompido e isto, por vezes, basta!

(Você já ouviu falar de "*bad–trip*"?)

No tocante ao antagonismo neuroquímico[373](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#373) entre a maconha e o daime, que produz forte impacto negativo no bom resultado de serviços espirituais com daime, isso não é infundado nem algo que varie de pessoa a pessoa ou seja "coisa pessoal": a metabolização do Δ9tetrahidrocanabinol no sistema nervoso central interfere nos receptores do neurotransmissor serotonina, o qual vimos na Introdução deste relato e tem fórmula química análoga à da dimetiltriptamina (DMT), alcalóide presente na "rainha", donde decorre a contraposição química de efeito dos princípios psicoativos da maconha e do daime.

Não por outra razão – mesmo havendo ciência, por parte de dirigentes de inúmeros centros daimistas, sobre o papel da maconha na ampliação da "abertura" interna ao efeito de entes espirituais menos desenvolvidos, mas não sua divulgação aberta aos grupos, o que sempre me incomodou demais –, há quem use esta planta para "afrouxar a miração" em passagens mais apuradas do confronto consigo ou com a eternidade, esteio e razão de todos nós: como dizem os que mesclam daime e maconha em serviços espirituais, "*onde o daime arrocha, a santa maria afrouxa*".

Esquecendo–se de que "*não devem apenas procurar ver belezas e primores mas, acima de tudo, corrigir os próprios defeitos, formando assim o aperfeiçoamento da sua personalidade*"[374](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#374).

Ora, se o serviço espiritual é exatamente para que este defrontamento se dê ao limite do possível e suportável, já que esse é o único caminho de conhecimento rumo à verdade aninhada ao fundo de todas as ilusões, como supor acertado frear a busca exatamente quando ela está se dando?

Explica–se: "*Pois sobreviverá um tempo em que alguns não suportarão mais a sã doutrina, mas, ao sabor de seus próprios apetites e sentindo–lhes comichar os ouvidos, rodear–se–ão de uma porção de mestres. Desviarão os ouvidos da verdade e se voltarão para as fábulas*"[375](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#375).

Por isso alerta um hino,

*"Não creia nos mestres que te aparecem  
e nem com eles o caminho queira andar.  
Creia somente em teu Jesus,  
que Ele é quem tem para te dar"*[376](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#376)*.*

E quanto ao fato de a maconha poder parecer "sagrada", como sempre ocorreu com qualquer planta que interfira na delicadíssima química cerebral, já em 1711 o reitor do Colégio dos Jesuítas da Bahia assim se referia ao tabaco: "*os que são demasiadamente afeitos ao tabaco o chamam de 'erva santa', nem há epíteto que não lhe dêem para defender o excesso, digno de repreensão e nota*"[377](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#377).

(Algo impensável hoje em dia, no cenário antitabagista em que vivemos!)

Por razões assim, em minha primeira conversa com mestre Antonio Geraldo da Silva, contrariando recomendações de quem com ele convivia mas obediente à destinação de conhecer para compreender[378](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#378), perguntei–lhe diretamente o que pensava a respeito do uso da "santa maria":

– *Olhe, Luiz, em primeiro lugar, eu penso que é uma "sem–vergonhice" dar o nome da Mãe de nosso Senhor à maconha. Depois, penso que ela tem o que ensinar, mas que "trabalha" apenas nas faixas baixas do astral. E quem tem a Luz* [o daime] *não se enrosca nem precisa dessas coisas, pois navega em todas as faixas.*

Precioso aprendizado, este, para quem, como eu, vira centenas de "baseados" sendo distribuídos de uma só vez no "*Céu do Mapiá*" em certo momento de um serviço espiritual, logo em seguida à hora de servir o daime!

"*Acontece, meu irmão, que mesmo dentro da espiritualidade existe uma parte positiva e uma negativa. Tem o astral superior e tem o inferior, não tem? Então, se a pessoa toma o daime, se concentra e vai fazer o seu trabalho e mergulha logo no astral superior, tudo que vê é correto, não é? Mas se ela não entra no astral superior, fica no inferior e só no 'disse–me–disse', não sai nada certo. Não pode sair certo, não sabe?*"[379](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#379).

Aos poucos, adotando tais balizas de conhecimento, pude compreender que a maconha estimula possibilidades de percepção diretamente associadas à materialidade da existência (o que a faz sensual em seus efeitos, algo que não se dá com o daime), atraindo e vitalizando, em decorrência, entes espirituais que "precisam de matéria" para apoiar ou propiciar seu próprio trabalho.

Como dizia Sebastião Mota de Melo, "*a erva sagrada* [maconha] *é mais para o lado dos Caboclos e dos Pretos–Velhos, essa gente toda, ela puxa mesmo*"[380](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#380).

Dizendo com maior precisão, entes sequiosos do que é vivido por quem se mantém apegado à matéria (do corpo–mente ao perispírito e, deste, ao plano espiritual) – apego que todos nós sofremos em algum grau, por ser atributo da vida no mundo e sua superação ser um estágio do desenvolvimento interno.

Em decorrência, entes que também buscam obrigar (do plano espiritual ao perispírito e, deste, ao corpo-mente), quem os cultua, à servidão à matéria ou até mesmo a atitudes contrárias às virtudes, em decorrência de desejo, raiva ou medo, donde os estados de confusão a que são impelidos os que com freqüência dela se servem no cotidiano: de quem se é ou a quem se serve, na verdade?

*"A minha Mãe me engrandeceu  
para eu, eternamente, Vos agradecer.  
De quem sou eu, de quem sou eu,  
de quem sou eu, de quem sou eu?  
Para o meu Divino Pai,  
todos bons louvores a Vós eu Vos dar.  
De quem sou eu, de quem sou eu,  
de quem sou eu, de quem sou eu?"*[381](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#381)

Como ocorre com inúmeras Linhas da Tradição africana ou derivadas de suas Escolas, por exemplo, nas quais o fiel se sente "melhor" ao executar rituais de participação ou submissão por intermédio de comidas, bebidas, objetos, animais ou partes de si mesmo, em "troca de favores" ou por medo de retaliação.

Ora, se a fé em Deus se estriba no respeito à verdade e na convicção na bondade do Senhor, e o que nos compete é solicitar a Graça e trabalhar firme por fazer–nos merecedores, o serviço espiritual daimista, tal qual ensinado por mestre Irineu, se estrutura unicamente em torno do autoconhecimento auto–avaliador– como ensina santa Teresa de Ávila, "*pensar que entraremos no céu sem entrar em nós, conhecendo–nos e conhecendo nossa miséria e o que devemos a Deus e pedindo–Lhe muitas vezes misericórdia, é desatino*"[382](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#382)– e da irrestrita adesão cotidiana aos princípios que decorrem da verdade e da bondade de Deus – a saber, a justiça e o respeito às virtudes –, incessantemente praticados como tentativa de superação dos elos que nos prendem à ilusão e impedem a união interna a si e a coesão, externa, aos irmãos.

E de nada mais, para que a humanização seja íntegra e construída na consciência daquele que conhece, compreende e escolhe, fazendo, assim, por merecer, e se quiser, graças ao Espírito Santo:

Lembrando sempre as palavras de santo João da Cruz: "*as pessoas espirituais podem e costumam ter representações de objetos sobrenaturalmente percebidos pelos sentidos: por exemplo, os olhos divisam formas e personagens do outro mundo, tal ou tal santo, bons ou maus anjos, luzes e esplendores extraordinários. O ouvido escuta palavras misteriosas, ora proferidas por estas aparições e outras vezes sem saber de onde vêm. O olfato aspira perfumes suavíssimos de origem desconhecida. Da mesma forma, essas pessoas sentem no paladar sabores deliciosos e, no tato, um deleite tão grande, que lhes parece penetrar até a medula dos ossos e mergulhá–las numa torrente de delícias. Esta doçura é a unção do espírito que dele se irradia até aos membros das almas puras e simples. Os que abraçam a vida espiritual experimentam ordinariamente esse gozo, que do afeto e devoção sensível do espírito procede, em graus diversos, para cada um a seu modo. Ora, importa dizer que, não obstante poderem ser obra de Deus os efeitos extraordinários que se produzem nos sentidos corporais, é necessário que as almas não os queiram admitir nem ter segurança neles; antes, é preciso fugir inteiramente de tais coisas, sem querer examinar se são boas ou más. Porque, quanto mais exteriores e corporais, menos certo que são de Deus. Com efeito, é mais próprio de Deus comunicar–se ao espírito – e nisto há para a alma mais segurança e lucro – do que ao sentido, fonte de freqüentes erros e numerosos perigos*"[383](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#383).

Por uma razão, ao menos: "*a alma, levada por essas impressões sensíveis, dá–lhes grande importância, abandonando a luz da fé para seguir essa falsa luz que então parece a seus olhos o meio para levá–la ao objetivo de suas aspirações, isto é, à união divina; entretanto, quanto mais se interessar por essas coisas, mais se afastará do caminho e se privará do meio por excelência, que é a fé*"[384](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#384).

Quanto a outras plantas psicoativas, tais como o peiote (*Lophophora williamsii*), a jurema e os cogumelos, seu uso pertence a rituais, Linhas e outras Escolas, próprias de diferentes destinações (e, por isso, por vezes, específicas culturas), donde o cuidado necessário com as mesclas de caminhos e o risco de perder o norte da doutrina daimista: o Espírito Santo, em nosso Senhor, Jesus Cristo.

"*A missão é de Jesus Cristo, mas a professora na missão é a Rainha, soberana Mãe, nossa Senhora da Conceição, a Rainha da floresta ou a Rainha das flores, que são a mesma, a mesma, no final de tudo são a mesma. Por aí chamam Rainha da floresta ou Rainha das flores, mas é a mesma Mãe de nosso Senhor Jesus Cristo, nossa Senhora da Conceição. É Ela mesma, vem em muitos nomes, mas é Ela, Ela mesma, não sabe?*"[385](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#385).

Cantam os hinos:

*"Todos devem aprender,  
e bem amar no coração,  
a doutrina de Jesus Cristo,  
que é o dono desta missão"*[386](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#386)

e

*"Jesus Cristo Redentor  
é o dono desta missão,  
é ele é quem me ensina  
eu gravar Deus no coração"*[387](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#387)*.*

Já outras substâncias, como LSD–25, opiáceos, compostos sintetizados e até plantas experimentais, sem dúvida oferecem chaves de percepção, mas não se estruturam em torno de doutrina alguma: apenas servem de indutor ou facilitador de outra forma de operação mental e, até mesmo, de "incursões" de indefinida importância por si mesmo ou pelo astral.

De pouco adianta, porém, ampliar a possibilidade de percepção de si e da espiritualidade se isto não se dá sustentado pelo conhecimento e compreensão de uma estrutura doutrinária com propósito, valores e métodos definidos[388](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#388), como a doutrina daimista, por exemplo, que a pouco e pouco ajudem a pessoa a se reconduzir com segurança à sua mais profunda pessoalidade – com as mazelas e júbilos que ali residam – e, concomitantemente, à impessoalidade que nela habita, se assim se pode dizer, de forma organizada e replicável, quantas vezes for necessário, para que a viagem "de ida" e a viagem "de volta" possam se dar de modo seguro e produtivo.

Para tanto, é insubstituível a baliza oferecida, pois em caso contrário são instantes experimentais sem orientação ou consistência: "*a gente vem para o hinário para se limpar (…) A gente toma daime, baila, canta os hinos, presta atenção direitinho no que eles estão dizendo e vai compreendendo, vai trabalhando para se livrar de todas as impurezas"*[389](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#389)*; "eu levava uma vida de doideira… bebia muito, era como uma doença… sempre entrando em confusão (…) Estava iludido com as coisas da matéria, da bebida, da inveja, da ganância, do dinheiro (…) na doutrina do Mestre foi que eu me doutrinei, doutrinei todos aqueles vícios, aqueles maus costumes*"[390](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#390).

Caso não haja doutrina – prática de um conjunto articulado de princípios éticos e de comportamento, derivado de um ponto de vista específico sobre a eternidade e o mundo –, desperdiça–se vida no astral inferior e nas fantasias pessoais.

É um serviço, creia, o que está em curso. E, como todo serviço, tem de ser produtivo!

Igual ocorre com a necessidade de abolir ou refrear as práticas que possam induzir à perda ou ao abandono voluntário da consciência, ápice da obra de Deus, ao menos em nossa camada de existência, para "ocupação" por desencarnados ou encantados e submissão de atitudes, internas ou externas, a eles e suas intenções ou necessidades.

Deve ser dito que pode haver – e há – incorporações com a preservação da consciência, como mestre Irineu ensinava, mas a firme adoção do princípio de soberania do arbítrio requer a interdição das práticas de perda de consciência, mais usuais no candomblé e na umbanda, que passo a passo se estabeleceram em centros daimistas de todo o Brasil.

Como exemplo, na Igreja "da Barquinha", mestre Antônio Geraldo da Silva recebia toda semana entidades que dirigiam mensagens à irmandade. Quem o visse sentado à mesa, com o violão pousado no colo, acreditaria ser ele mesmo a dizer, embora fosse apenas transmissor da mensagem: "*Prezados irmãos. Cada momento é um mestre. Não há erro em nada do que acontece. Não há casualidades, cada situação na sua vida contém algum ensinamento para você. Um erro pode ensinar–lhe mais do que uma ação correta. Lembre–se disso e fique atento. Costumamos fugir dos erros, parecem–nos defeituosos e fugimos deles, negando–os de forma consciente ou inconsciente. Mas isto acontece porque não percebemos que eles trazem mensagens e ensinamentos indispensáveis para a nossa própria evolução. Não é fugindo ou virando as costas para os erros que a gente aprende mas, sim, enfrentando–os. O trabalho é observar os erros, fazer as pazes com eles, compreendê–los e, dessa maneira, receber a mensagem que eles querem revelar. Existe um ensinamento escondido por detrás. E em meio a esses erros aparentes, se eles se repetem, temos de prestar ainda mais atenção, pois há algo que não estamos percebendo e está cobrando mais. Por isso é preciso ter cuidado, mas não tenha medo de seus erros. Olhe para eles, estão ensinando alguma coisa a você. Agradeça a eles por tudo que você consegue descobrir a respeito de si mesmo, com a ajuda deles, para que você possa se compreender mais e, assim, evoluir*"[391](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#391).

É preciso conhecer os entes da espiritualidade e deles receber, face a face, o que tenham a nos ensinar ou entregar, é verdade!, mas isto pressupõe ativo conhecimento para a responsabilidade pela escolha, o que é impossível sem o concurso da consciência, graças a Deus e por Seu Filho e o Espírito Santo.

Uma consciência que pode se treinar, se houver destinação, fé e firmeza de vontade, para atuar em bilocação, isto é, operando simultaneamente em dois "locais de realidade", ou dois modos de percepção.

Isto, aprendi em um dos primeiros serviços espirituais que dirigi: preocupado com acompanhar a um tempo só o trabalho do grupo na matéria (o salão) e no astral (a espiritualidade), pedi ajuda e súbito foi como se tivesse sido acionada uma nova "janela visual" à minha frente (imagine uma divisão de tela em um monitor de computador, cada qual com um arquivo específico e ambos vistos a um tempo só): em uma "janela", eu via o grupo cantando à minha frente e tudo o que se passava; na "outra", eu mirava e acompanhava o serviço no astral.

Ademais, embora possam ocorrer fortes tremores corporais[392](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#392) em serviços espirituais mais intensos, como eventualmente se dá e canta um hino – "*aquele que merecer vai ver seu corpo estremecer*"[393](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#393)–, mestre Irineu sempre ensinava que, quando em contato com entes espirituais, nada de gestos, automatismos, 'tiques', posturas corporais não usuais ou caretas[394](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#394)– "*mungangos*"[395](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#395), como se diz no Acre.

Apenas a percepção e o conhecimento conscientes:

*– Poderá aquele a quem um espírito apareça travar com ele conversação?*

*– Perfeitamente e é mesmo o que se deve fazer em tal caso, perguntando ao espírito quem ele é, o que deseja e em que se lhe pode ser útil* [396](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#396)*.*

Pois o mérito pessoal reside na possibilidade de agir pelo desejo, a ira ou o medo, mas em se ter escolhido a alternativa mais virtuosa – o que sempre pressupõe consciência para discriminar e escolher.

Canta um hino: "*quem não tiver consciência, não pode ter lealdade*"[397](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#397).

"*Outras linhas podem até fazer o bem, mas aqui e acolá elas 'castigam' com o mal. Aqui, acolá, o mal também penetra, e dentro da nossa linha, não. Isso é o que eu tenho para dizer, porque o Mestre sempre dizia: 'Quem quiser seguir e aprender alguma coisa dentro dessa doutrina é com daime, não tem esse negócio de misturar com isso, misturar com aquilo, nem entrar em outras linhas'. Ele era completamente contra incorporação, pois o daime não manda ninguém vir lhe dizer, ele mesmo mostra… E por isso o Mestre não adotava, não sabe? Esse negócio de incorporação, essas coisas ele nunca adotou, porque dentro da linha do daime, se o irmão está preparado, toma o daime e vai procurar a sua linha, o seu seguimento. O irmão recebe a mensagem que for preciso, a entidade até vem e lhe diz, o irmão olhando a entidade, então o irmão ouve ou tem por intuição. Mas consciente! A mensagem! Não precisa mandar recado, não sabe? Ele não adotava essas coisas porque ele dizia que tem mais mentira que verdade. O que ele falava era isso: há mais mentira do que verdade, nessas linhas da incorporação. Onde existe uma verdade, existem cem mentiras*"[398](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#398).

Com delicadeza mestre Irineu respondeu uma vez, quando alguém sugeriu a adoção de outras práticas: "*Olhe, não leve a mal, mas aqui na minha casa não se enfeita com flores dos outros, não. Aqui já tem o enfeite da casa*"[399](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#399).

"*Pois, embora haja pretensos deuses no céu ou na terra – e de fato há vários deuses e senhores –, para nós só há um Deus, o Pai, de quem tudo procede e para o qual nós vamos, e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual tudo existe e pelo qual nós também existimos*"[400](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#400).

Por isso é fundamental ter lealdade a uma doutrina e suas práticas de afirmação, e a ela só, em benefício do serviço espiritual consistente, se escolhida pelo fiel após profunda avaliação interna, em meio a seus traços pessoais e conforme sua destinação – dos quais pode não ter nem vaga noção ao início, mas em relação aos quais deve sempre buscar ressonância interna positiva com o caminho escolhido.

Narra Leonardo Boff, o competente teólogo franciscano brasileiro, num de seus livros[401](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#401), que uma vez, matreiro, (ele mesmo confessa…) perguntou ao Dalai Lama[402](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#402):

*– Qual é a melhor religião?*

Após curto instante, veio o sorriso gentil e a resposta:

*– Ah!, aquela que fizer de ti uma pessoa melhor…*

*– Uma pessoa melhor?*

*– Mais compassivo, mais sensível, mais desapegado, mais amoroso, mais humanitário, mais responsável… A religião que conseguir fazer isto de ti é a melhor religião.*

Seja qual for o caminho, caminho que deve ser escolhido e não a ele ser coagido ou seduzido, razão pela qual não deve haver proselitismo e mestre Irineu ensinava que "*não se convida ninguém a tomar daime*"[403](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#403):

*– Como o Mestre fazia quando alguém queria se fardar?*

*– Ele explicava que era uma responsabilidade. 'Para que a pessoa queria?', porque até para tomar daime o Mestre dizia: 'Para que tu queres tomar daime, tu sabes o que é daime?' Até 'assustava a pessoa'. Ele dizia: 'olhe, tu vais te meter num negócio muito sério e é isso que tu queres?, é muita responsabilidade'. É como se fardar, não é qualquer pessoa. Às vezes ele dizia: 'Dê um tempo, tu tens que conhecer o serviço melhor, saber se vale a pena'. Ele não gostava de nada forçado, de jeito nenhum. Tinha de ser por amor… Dizer 'você tem de se fardar, para ficar aqui', negativo!, nunca vi ele fazer isso. Teve gente que acho que viveu lá a vida todinha e nunca se fardou. Às vezes, tinha alguém que ele achava que podia dar alguma coisa e ele dizia: 'Olhe, tu estás bom de se fardar', mas tinha vezes que era melhor ficar lá sem farda, mesmo*[404](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#404)*.*

Quando Jesus Cristo declara que "*ninguém pode vir a mim se o Pai que me enviou não o atrair*"[405](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#405), em asserção que completa o giro da roda da colheita com a frase mais conhecida "*ninguém vai ao Pai a não ser por mim*"[406](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#406), uma vez mais reafirma a destinação individual e nos ensina o respeito integral que deve haver ao chamamento, sobre o qual se estrutura a orientação: que é um de nós, para saber a qual caminho corresponde uma alma e sua destinação? Que é um de nós, para arvorar–se do direito de determinar por quais veredas deve trilhar um ser sedento de luz?

Sempre fui sonâmbulo e falei à noite, como até hoje em dia.

Nascido em casa atéia – fui batizado cristão aos mais de quarenta anos, graças a Deus, por escolha madura –, uma noite mamãe acorreu a meu quarto, acordada e atraída por barulho.

Viu–me engatinhando e tentando arrastar uma cadeira:

*– Que foi, meu filho?*

*– Jesus Cristo está por aí…*

Isto foi motivo de piada o resto da vida mas, soube depois, era minha destinação:

*– Qual a causa da clarividência sonambúlica?*

*– Já o dissemos: é a alma que vê* [407](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#407)*.*

Em decorrência, estou até hoje à busca de O encontrar.

Conta Daniel Acelino Serra, que nem sabia de daime e, dias depois de chegar a Rio Branco em 1957, recém chegado do Maranhão, viu muita gente entrando em casa:

*– Todos foram se sentando nos tocos e bancos, daqui a pouco titio trouxe um garrafão e foi dando uma bebida para todo mundo. Eu fiquei só olhando… doente de curiosidade… até uma hora em que ele me fitou em silêncio por um tempo e, já que eu nada disse, voltou–se e continuou a dar do garrafão para as outras pessoas. Aí todo mundo foi se aquietando, eu fiquei no meu canto sem entender nada durante o silêncio compridíssimo que fizeram e no dia seguinte perguntei–lhe o que era aquilo.*

*– É daime.*

*– Daime!? O que é isso??? E porque o senhor não me deu um pouco?*

*– Porque você não pediu. Viu–me ali dando para todo mundo, mas não pediu, e eu não devo oferecer…*

Canta um hino:

*"O divino Pai mandou  
o Vosso filho lá das alturas,  
para ele ensinar  
a todo aquele que procura.  
Essa instrução ele tem  
e mantém em seu poder,  
de ensinar quem lhe procura,  
que não vai se oferecer.  
Eu sempre a Vós eu peço  
para eu saber Vos agradecer,  
Vós me dá os bons ensinos  
e eu saber compreender"*[408](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#408)*.*

(Que riqueza! Deus nos dá os "*bons ensinos*" e também a capacidade de "*saber compreender*"! Em outro hino, mestre Irineu canta: "*a minha Mãe, sempre comigo, que me ensina eu compreender*"[409](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#409).)

"*Ele respeitava tanto, tanto, tanto, que morou uma pessoa dentro da casa dele, não sei nem por quantos anos… mas muitos anos… era até hanseniano… a gente chamava ele de 'Mouco' e o nome dele era Luiz. Ele morou com o padrinho* [Irineu]*, comendo na casa dele, vivendo dos favores do padrinho. Só que ele dormia, quando eu fui conhecer ele, ele já dormia separado num paiol, o lugar de guardar o milho, o arroz, a macaxeira… Esse 'Mouco' morou com ele todos esses anos, vendo ele tomar daime, ele dar daime a muita gente e esse 'Mouco' nunca pediu para tomar daime e ele também nunca ofereceu, nunca obrigou, nunca chamou. Com determinado tempo esse 'Mouco' saiu de lá, acho que se hospitalizou e faleceu, mas é para ver o tanto que ele respeitava. A coisa mais sublime que ele tinha era o daime e nunca ofereceu*"[410](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#410).

Aliás, um episódio que marca em definitivo a permanente atitude de mestre Irineu de nunca forçar ou induzir ninguém a nada (já não fosse o fato de em todas as mais de dez mil palavras de seu hinário ocorrer uma só vez o verbo "mandar" na primeira pessoa, unicamente quando, no hino "*Professor*", ele afirma que "*todos mandam em sua casa, eu também mando na minha; todos ficam sem aprender, eu fico com a minha Rainha*"[411](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#411)) é o havido em relação ao hinário de Antonio Gomes.

Haviam me ensinado que um certo hino de Antonio Gomes só era cantado em "serviços de cura". Todavia, quando eu soube que os serviços de cura conduzidos por mestre Irineu eram em silêncio piedoso, razão pela qual o que me fora ensinado não deveria proceder, busquei conhecimento com dona Adália de Castro Grangeiro, filha de Antonio Gomes e zeladora de seu hinário.

Calmamente ela me relatou que, após a passagem de seu pai, mestre Irineu lhe pedira que inserisse novamente o quinto hino do hinário nos serviços bailados, pois Antonio Gomes, em vida, o deixara fora dos serviços de hinário, por suas próprias razões, embora, de acordo com ela, "*nunca tivesse declarado que não era para pôr…*":

*– E a senhora não pôs?*

*– Pois é, eu até que tentei, mas as pessoas não estavam acostumadas, ficaram com preguiça de ensaiar e eu não nasci para mandar…*

*– A senhora está me dizendo que o Mestre pediu e ninguém fez?! E que este hino está até hoje fora dos serviços bailados apenas por não terem atendido ao pedido dele?*

*– É…*

*– E o Mestre, não pediu de novo?*

*– Ah! Ele nunca falava duas vezes a mesma coisa, salvo se o irmão não tivesse entendido e pedisse explicação. Quando falava, quem prestasse atenção e quisesse obedecer, obedecia…*

Canta um hino:

*"Tu não deves dar conselho  
a quem não quer escutar.  
Dou–te esta instrução:* [412](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#412) *deixa ficar como está "*[413](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#413)*.*

"*A Rainha ensinou o Mestre: você nunca cobre de ninguém, dinheiro de ninguém, porque quando você vai fazer uma cura você pede força a Deus. Deus é quem dá a força para ocorrer aquela cura e, se você cobrar dinheiro, você tem que pedir força ao dinheiro*"[414](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#414).

Com respeito a estes princípios, e mais o afastamento de todo desejo de tirar vantagem com as práticas – em dinheiro, prestígio pessoal, bens ou serviços –, constrói–se o crisol, em parte corpo, em parte mente, em parte alma, sempre pela Graça e útero do Homem – "*que a verdade é Deus e Deus é o verdadeiro Homem*"[415](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#415)–, para que o Espírito Santo, se assim nos estiver destinado, nos auxilie na reintegração a nós mesmos e ao Senhor, quer desta vez, quer quem sabe em uma próxima, se assim estiver destinado, por obra da Graça e graças ao amor de Deus.

os bailados apenas por não terem atendido ao pedido dele?

– É…

– E o Mestre, não pediu de novo?

– Ah! Ele nunca falava duas vezes a mesma coisa, salvo se o irmão não tivesse entendido e pedisse explicação. Quando falava, quem prestasse atenção e quisesse obedecer, obedecia…

Canta um hino:

*"Tu não deves dar conselho  
a quem não quer escutar.  
Dou–te esta instrução:* [*412*](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#412) *deixa ficar como está "*[*413*](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#413)*.*

"*A Rainha ensinou o Mestre: você nunca cobre de ninguém, dinheiro de ninguém, porque quando você vai fazer uma cura você pede força a Deus. Deus é quem dá a força para ocorrer aquela cura e, se você cobrar dinheiro, você tem que pedir força ao dinheiro*"[414](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#414).

Com respeito a estes princípios, e mais o afastamento de todo desejo de tirar vantagem com as práticas – em dinheiro, prestígio pessoal, bens ou serviços –, constrói–se o crisol, em parte corpo, em parte mente, em parte alma, sempre pela Graça e útero do Homem – "*que a verdade é Deus e Deus é o verdadeiro Homem*"[415](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#415)–, para que o Espírito Santo, se assim nos estiver destinado, nos auxilie na reintegração a nós mesmos e ao Senhor, quer desta vez, quer quem sabe em uma próxima, se assim estiver destinado, por obra da Graça e graças ao amor de Deus.

## A obra

Se é um crisol, é por haver obra a ser feita.

Mas qual obra?

Aqui faço um longo intervalo, à busca de oferecer um esquema teórico, nos termos da psicologia contemporânea, que permita descrever com alguma nitidez o que, em geral, é indescritível: o dificultoso retorno à Casa do Pai, com a Graça de Deus, por ação do Espírito Santo.

De forma resumida, e se Deus me ajudar, vou apresentar o que parece ser o processo interno de maturação psicológica que favorece o recebimento da Graça, para a iluminação e salvação, embora sempre recordando que a Graça é soberana e pode se dar a qualquer instante pela vontade bondosa de Deus, sendo preciso, então, apenas destinação favorável e fé.

Por isso, se você preferir seguir lendo o relato da obra de mestre Irineu, basta saltar este capítulo…

Do ponto de vista psicológico, a Obra requer recordar tudo de si ao limite do possível e suportável[416](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#416), fazendo por integrar e superar o mais remoto de si mesmo pelo contato consciente, passo a passo, com um mar de memórias guardadas, das desagradáveis às surpreendentes, até às ancestrais – razão pela qual algum estado de consciência expandida (ou "*razão além da natural*", como diz santo Tomás de Aquino) será necessário, distinto daquele que é comum no dia–a–dia, e "*se recomenda não brincar com a Verdade, pois os primeiros estágios da iniciação se ocupam da imagem que a pessoa tem de si mesma e poucos são capazes de suportar a revelação de suas próprias ilusões*"[417](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#417).

Afinal, "*levar o inconsciente a sério significa ouvir tudo o que ele tem a dizer, até o limite que possamos agüentar. Não se trata de escolher apenas as coisas agradáveis!"*[418](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#418).

Trabalhando–se para se tornar "*um ser capaz, inclusive, de indagar sobre a sua própria origem e resgatar a consciência do amor que nos gerou, achando assim o caminho de volta para as moradas celestiais. Moradas que o próprio Cristo assegurou ter o Pai destinado àqueles que não O negassem*"[419](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#419).

A evocação pode ser obtida, obviamente, por meio de outros métodos de ampliação da consciência, como a meditação ou o transe extático induzido; para propiciá–la, porém, o daime e a arquitetura ritual daimista costumam ser facilitadores privilegiados.

Deve ser frisado, também, que tal recordar não é o obsessivo trabalho de colecionar detalhes, um a um, e todos eles, e mais algum, como coligindo dados para um relato exemplar. Isso é desimportante… O que é preciso, isto sim, é rememorar, da abundância de particularidades de nossa vida, construída sobre tantas e tantas vidas, o que verdadeiramente interessa e interessou a cada vez, avaliando–se e solicitando a Graça transformadora e integradora.

"*Essa idéia de que, coletando assiduamente os detalhes de um caso, poderemos juntar as peças e montar o mistério de uma pessoa, é especialmente enganadora. Os pormenores dos incidentes de uma vida (…) nunca serão essenciais para a alma. Eles constituem apenas a sua confusão coletiva e trivialidade periférica* [com os quais a pessoa se confunde] *e não a sua essência individual. Quem procura* [integrar–se,] *o faz para livrar–se da opressão dos incidentes, para encontrar o que é verdadeiro, para desvencilhar–se das banalidades que ele mesmo reconhece como tais, mas das quais não consegue libertar–se por estar obsessivamente preso numa armadilha interior*"[420](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#420).

Quando se consegue, pela Graça, Deus contempla o homem deificado[421](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#421) no reflexo de Sua bondosa e verdadeira Existência.

Vejamos o processo.

Pela vontade bondosa de Deus, da eternidade a Sua intenção faz-se Verbo e surge dimensional, contendo nas dobras do inconsciente da criatura humana a imagem da divina simplicidade, da qual a alma encarnada vai se esquecendo – até que um contínuo "desdobrar–e–conhecer–e–compreender–para–diferenciar–e–integrar", se e quando ocorrer, teça a feliz possibilidade de, mesmo tendo havido um período variável de inconsciência, voltar a ser eternidade consciente[422](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#422).

Encarna pela primeira vez e, no inconsciente–base indistinto, ignorante de si próprio, traz em potência todos os estados possíveis de ser, guardados na memória encarnada: a alma "*traz todo o conhecimento, e, quando vai aprendendo com a idade, nada mais faz que recordar*"[423](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#423).

Aliás, não são poucas as pessoas que desde muito cedo são tomadas pelo sentimento difuso de ser "filhos adotivos" ou originários de "outros lugares", mesmo que disso pouco comentem, em um tipo de fantasia com base em muito mais do que explicações psicológicas mais simples ou corriqueiras.

Como canta mestre Irineu, em seu hino 19, "*estou na terra, estou na terra, estou na terra, eu devo amar*".

Vezes depois, quando assim estiver destinado, terá início o Retorno, para o que será necessário tornar–se um novamente.

Como canta um hino de Alex Polari de Alverga, "*o espírito de tudo que existiu retorna um e serão muitos em Mim*"[424](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#424) (se entendemos “*tudo que existiu*” como a totalidade das pessoas criadas).

"*O desenvolvimento nada mais é senão o desdobramento dessas estruturas dobradas, a começar pela mais baixa até atingir a mais elevada*"[425](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#425)– resume Ken Wilber, o mais profundo e completo teórico das contemporâneas Psicologias Transpessoais.

Só que "unificar" a pessoa a tudo que a compõe e rodeia, isso para ela se assemelha à morte (pois só se concebe "sujeito" quem se supõe diferenciado e separado de "objetos", assim como o "eu" só se percebe "eu" porque há um "tu" à sua frente); assim, a pessoa se atemoriza com tal possibilidade.

(Guarde bem este conceito: o estado comum de consciência é separativo, "eu–frente–a–ti", enquanto a transconsciência[426](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#426), ou estado expandido de consciência, é unitiva, "nós–em–um".)

Destarte, só há um caminho: do feto à iluminação – quando se dá, já que parte apenas da humanidade tem destinação e a conseqüente estrutura para atingir os níveis mais integrados –, degrau a degrau, estágio a estágio, abandono a abandono, vai–se morrendo para renascer[427](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#427) em cada vida e na sucessão de vidas, cuidadosa e gradualmente.

Desintegrando, reintegrando, desintegrando, reintegrando, desintegrando, reintegrando, a cada vez mais sendo menos eu, "*para que Deus seja tudo em todos*"[428](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#428).

Escreveu o místico cristão medieval Angelus Silesius, "*é na medida em que o meu eu desaparece, que o Eu do meu Senhor se revigora e cresce*".

O que é outra e mais profunda leitura da afirmação de mestre Irineu, vista atrás: "*quanto menos somos, melhor passamos*", pois, como afirmou santo João da Cruz, "*quando chegar a reduzir–se a nada, isto é, à suma humildade, se consumará a união da alma com Deus, que é mais alto estado que se pode alcançar nesta vida*"[429](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#429).

Este processo se dá em dois padrões de dinâmica psíquica, em geral cada qual correspondendo a uma metade da vida: o "arco para fora" e o "arco para dentro", como ensina o cientista cingalês Ananda Coomaraswamy (1877–1947): "*pode–se considerar que a vida ou as vidas de um ser humano desenham uma curva, um arco de experiência temporal estendido sob a vontade de viver individual. O movimento desta curva para fora, o Caminho da Busca, se caracteriza pela crescente auto–afirmação. O movimento desta curva para dentro, o Caminho do Retorno, se caracteriza pela crescente auto–percepção. A religião dos seres humanos, no Caminho da Busca, é a religião do Tempo; a religião dos que se percebem, no Caminho do Retorno, é a religião da Eternidade*"[430](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#430).

Resumindo, então, talvez demais, o modelo transpessoal de Ken Wilber[431](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#431), e correndo, assim, o risco da simplificação, de que se trata isto?

Encarnado, e já destinado em estrutura, ambiente inicial e futuras oportunidades–chave (as quais demandarão escolhas no transcorrer de sua sina, pela emersão de potenciais guardados), o ser humano só é auto–perceptivo conscientemente (um requisito para auto–afirmação) após nascer. Antes deste momento, sem estruturas e dinâmicas neurológicas cerebrais e sensoriais que só se formam no meio ambiente aeróbico e iluminado (ao contrário do útero, onde não respira nem vê luz), o feto é pouco mais do que uma "geléia–real" do que será bem à frente[432](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#432).

Nascido, está envolto em acontecimentos, dos quais não se diferencia: tudo é uma coisa só e neste todo o bebê é "o próprio todo". Mas um todo sem consciência – e eis toda a diferença com os estágios finais de integração!, que só poderão ser atingidos por meio de graduais identificações e diferenciações conscientes sucessivas, como veremos, no processo de deixar de se identificar exclusivamente com quaisquer particularidades (isto é "esvaziar–se") e voltar a ser um único todo, mas consciente, graças a Deus.

(Percebe por que, salvo se for esta a destinação atual e não puder ser alterada, não se deve aceitar perder ou entregar a consciência e tornar–se marionete de impulsos inconscientes ou de entes de outras camadas da existência, estagnando em um dos níveis possíveis de desenvolvimento, seja ele qual for?)

O bebê–mundo é "oceânico", pré–espacial e pré–temporal, paraíso de desconhecimento, incompreensão e irresponsabilidade.

Mas o seio, a voz da mãe, o áspero do lençol, o morno do banho, o aroma do ambiente, as sensações intracorporais e o infindável ciclo de luz e sombra, mais os processos de maturação orgânica e mental, com rapidez constroem a possibilidade de diferenciação e o eu do bebê aos poucos se centraliza em seu próprio corpo: ele passa a ser "aquilo" que sente e "como" se sente.

Fome, sede, xixi–cocô, dor, frio, calor, bem ou mal–estar existencial, o bebê é pouco mais do que isso tudo, mas já nutrindo a semente do grande temor: o outro.

Dizem os Upanishads, textos religiosos hinduístas de entre os séculos VIII a.C. e IV a.C.: "*Sempre que existe o outro, existe o medo*".

Por isso tal estágio aparece em muitas mitologias como "urobórico", simbolizado pela cobra engolindo o próprio rabo (*urobóros*): "eu–como–o–outro–para–não–haver–o–outro–e–nem–o–risco–de–ser–comido–por–ele"…

Assim, será da percepção de "ele" e "o outro" serem um só, obra de uma vida, muitas vidas, que o medo desaparecerá e não haverá mais repulsão ou simbiose.

Dos quatro aos seis meses se instala a primeira etapa de consciência do bebê, pelo início de formação de estruturas cerebrais até então inexistentes no córtex, ou "massa cinzenta", e têm início as manifestações emocionais frente a objetos presentes: se for retirado o objeto, a consciência não retém ainda sua imagem, o que só virá por volta do primeiro ano e meio de vida extra–uterina, e mesmo a ambivalência "prazer–ou–dor", a qual será o futuro eixo orientador da vida inteira (ao buscar prazer e se esquivar da dor), ainda não é propriamente desejo ou medo: é só sensação de bem–estar ou mal–estar.

Em tal desdobramento de potenciais inatos, o bebê já começa a imaginar e discriminar, embora de modo impreciso, razão pela qual as coisas ainda são confundidas por seu modo de existir e uma xícara, uma caixa, um buraco e o penico parecem iguais por serem, todos, "buraco", "côncavo" ou "vazio".

É discriminação, sem dúvida, mas primária: "pensamento mágico", em uma fase do arco para fora (encontrada com grande freqüência em formas imaturas do pensamento adulto) na qual a identidade e as características parciais dos objetos se misturam e se confundem, gerando supostas equivalências entre o todo e a parte ou entre os predicados e a identidade de cada objeto: "*não–gosto–deste–comportamento*"<=>"*todo–ele/ela–é–ruim*" ou "*eu–gosto–deste–aspecto*"<=>"*todo–ele/ela– é–bom*".

Nada é relativo – e tal fase humana, se mantida no psiquismo adulto, é uma das bases de futura idolatria, com o símbolo passando a ser alvo de devoção, ao se identificar no objeto algum aspecto positivo do simbolizado.

Nessa altura, o bebê principia a sua socialização e afiliação, graças ao surgimento da fala, mas a fala constrói um conjunto de referências que é apenas semelhança do mundo, pois o bebê apreende a realidade tal qual o discurso ambiente a modela.

Como já se ensinou, "*a 'realidade', ou o mundo que cada um de nós conhece, é apenas uma descrição. Todo aquele que entra em contato com uma criança é um professor que lhe descreve incessantemente o mundo, até o momento em que a criança é capaz de perceber o mundo tal qual lhe foi descrito*"[433](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#433).

(Até perceber – se e quando perceber – que o mundo pode ser diferente do que lhe ensinaram… Para tanto, um dos papéis fundamentais de uma doutrina é apresentar e firmar de modo coerente a possibilidade de a vida ser outra, e não apenas como foi ensinada, oferecendo contraste e propondo um exercício de possibilidades reais a ser vividas pela fé, estudadas pela inteligência e praticadas no dia–a–dia.)

A isto, ao aprendizado da "realidade", se chama *afiliação* e integra o processo de encarnação. Na verdade, para isso encarnamos, obedientes à vontade de Deus de conhecermos a existência, embora costumemos nos apegar a ela e suas ilusões.

Canta um hino:

*"O nosso Pai nos manda para cá,  
nós se esquece de voltar.  
O Mestre, que nos ensina,  
ele veio nos buscar"*[434](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#434)*.*

Com a aquisição da linguagem, brota na criança a noção de tempo: "antes, agora ou depois" requer grande sofisticação mental e capacidade de se manter à espera, o que por sua vez pressupõe algum nível de possibilidade de conceber futuro e relembrar passado, que é a matriz do desejo do prazer e do medo do sofrimento.

Isso é essencial para tudo o que ocorrerá daí em diante: a possibilidade de viver em um presente expandido, no qual o presente absoluto – tudo o que rodeia e estimula sensorialmente – é enriquecido por fantasias derivadas de objetos ausentes mas indutores de pensamentos e sentimentos na criança, quer tenham estado no passado, quer sejam imaginados para o futuro.

Deseja–se o agradável que já existiu, projetando–o, assim como se teme o desagradável que já existiu, também o projetando[435](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#435): assim, estar só no presente – Deus – é livrar–se do desejo e do sofrimento. Mas isto demorará a chegar, se chegar algum dia, desta vez.

Esta é uma chave fundamental de compreensão da dinâmica humana, quer da doença mental paralisante ou desagregadora, quer do processo integrativo de desenvolvimento: se a pessoa ficar subordinada à busca de satisfação de necessidade algum dia insatisfeita, lidar com a vida se torna repetitivo e pouco aberto ao presente, até mesmo àquilo que a possa satisfazer; se a pessoa ficar subordinada à busca de concretizar uma fantasia, lidar com a vida passa a ser inflexível e insaciável, muitas vezes impedindo que o desejado aconteça.

Todavia, é pela possibilidade de recordar e imaginar, graças a Deus, que ocorre o desenvolvimento: rememorar para integrar e transcender, ao mesmo tempo em que imaginar para buscar e encontrar.

São o tempo e a palavra que proporcionam a estruturação do ego[436](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#436), na consolidação gradual do arco para fora (auto–afirmação) e na preparação do arco para dentro (auto–percepção), naqueles que vierem a vivê–los de modo mais pleno.

E só para abreviar o raciocínio e nos poupar de aborrecida discussão sobre diferentes modelos de teoria psicodinâmica, a conformação do ego se dá em três fases sucessivas, com alguma variação individual de idade: o ego inicial (4–7 anos), o ego intermediário (7–12 anos) e o ego tardio (12–24 anos), gerando a base do arco para dentro – se a pessoa entrar nele, o que dificilmente ocorre antes dos 20–25 anos de idade e em geral tem seu marco inicial aos 28–30 anos.

"*Mestre Irineu gostava mesmo é de trabalhar com pessoas mais velhas, não sabe?, depois dos quarenta anos*"[437](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#437); afinal, os mais maduros não são tão apressados em abraçar qualquer iniciativa, como muitas vezes ocorre quando se intui ou percebe que pode haver boa verdade mais adiante.

O ego se compõe de conceitos que a pessoa tem sobre si, fantasias, imagens, identificações, lembranças, subpersonalidades (umas, de encarnações anteriores; outras, geneticamente recebidas; terceiras, ainda, moldadas após o nascimento), motivações, idéias e informações gerais sobre o meio original no qual se deu a atual encarnação (pai, mãe, irmãos ou agregados familiares de primeira infância e infância avançada).

E tudo isto deverá ser reconhecido melhor pela própria pessoa no correr do processo de integração, embora muitas vezes de forma apenas simbólica: o verdadeiramente importante é poder reexperimentar os sentimentos agregados a cada um destes conteúdos, já que tais memórias afetivas são as âncoras inconscientes de comportamentos e convicções (na alma e nas várias camadas do inconsciente) e mantêm a pessoa aferrada a hábitos e atitudes enquanto não forem identificadas.

Ocorre que a pessoa, cada um de nós, submergiu em seu inconsciente parte do experimentado no correr da vida encarnada, quer por não servir mais a cada novo estágio da sua existência, quer por não ser aceito pelo meio em que crescia.

Tal conteúdo não desaparece e repousa na mente total feito memória esquecida ou reprimida – o que foi reprimido por medo ou culpa é *sombra*, aspectos que um dia foram tidos como censuráveis –, ao passo que a superfície da auto–imagem é composta por modelos de identidade tidos como ideais.

Então, *e isto é muito importante!*, no inconsciente adulto não reside só o que "veio" com a encarnação ou foi herdado da família carnal, mas também vasto conteúdo relativo ao que foi vivido após a encarnação (desde o útero), o que sempre é um obstáculo à dinâmica de evocação por gerar, vezes sem conta, sentimentos de desgosto, culpa ou medo.

Um irmão mirou um "gigantesco ovo em pé" e, dentro dele, um bebê: "*aos poucos, foi subindo água dentro do ovo e, quando estava por se afogar completamente, o bebê 'olhou para mim' e exclamou: 'ôpa!, estão querendo apagar a minha luz!'"*. Com vagar e muita dor, a partir da miração o irmão coletou informação familiar que parecia apontar a tentativa de aborto que sua mãe esboçara e ficara gravada em seu inconsciente.

"*Trata–se daquilo que a psicanálise chama de 'ab–reação', para designar o momento decisivo da cura, quando o doente revive intensamente a situação inicial que está na origem de sua perturbação, antes de superá–la definitivamente*"[438](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#438).

Além disso, cada pessoa compreende a existência e se relaciona com ela de acordo com o estágio predominante de maturidade do seu ego, conforme pôde evoluir de um estágio a outro no decorrer de seu desenvolvimento emocional durante a vida, o que nos explica – já não fosse a existência de destinação – por que nem todos conseguem atingir os mesmos níveis de integração interna.

"*Cada um dá o que tem, não precisa ninguém dizer*"[439](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#439).

No começo dos anos 70, Jane Loevinger, psicóloga da Washington University, fez um extenso estudo e descobriu que o ego humano evolui em estágios sucessivos, da infância à maturidade, conforme as experiências vividas e de acordo com as possibilidades que teve para satisfazer necessidades pessoais crescentemente complexas (sobrevivência orgânica, segurança, aceitação social, auto–realização etc.), na medida em que foi crescendo.

Assim, dependendo do estágio de maturidade do ego em que a pessoa está quando adulta, por ter avançado apenas até aí o seu amadurecimento emocional, seu ego determina como ela percebe e raciocina sobre as situações (*estilo cognitivo*), como expressa emoções ou interage com os outros (*estilo de processo*) e como atua no mundo, por meio de um senso integrado de si no mundo (*estilo sistêmico*), em seis estágios distintos e sucessivos de maturidade de ego: impulsivo, autoprotetor, conformista, consciente, autônomo e integrado.

Veja que tais estágios não são excludentes entre si: o que se observa é a predominância deste ou daquele estágio na fase adulta, conforme a pessoa, embora aqui ou acolá possam se manifestar aspectos de outros estágios, mas de forma não–duradoura enquanto não houver o amadurecimento consistente de um estágio superior, mais maduro e bem integrado.

### Quadro I Características pessoais de comportamento, conforme o estágio de ego

|  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
|  | **Impulsivo** | **Auto–protetor** | **Conformista** | **Consciente** | **Autônomo** | **Integrado** |
| **Controle de impulso** | Não reconhece regras e vê ações como ruins apenas quando punidas. Tem medo de retaliação e freqüentes explosões de raiva. | Reconhece regras mas só obedece para obter vantagem. Sua moral é de conveniência: a ação só é ruim se a pessoa for pega. Acusa os outros e não vê a si mesmo como responsável por erros e problemas surgidos. | Internaliza regras parcialmente e obedece sem questionar. Tem vergonha das conseqüências de seus atos. Preocupa–se com "deve" e "não deve". Moralista, condena os pontos de vista dos outros. Nega ter impulsos sexuais e agressivos. | Autoavalia–se segundo os padrões vigentes. Auto–crítico, com tendência para hipercriticar a si mesmo. Sente culpa das conseqüências de seus atos. | #  Exercita a preocupação com princípios morais. Tolera multiplicidade de pontos de vista. É preocupado com obrigações, papéis e princípios conflitantes. | #  Reconcilia conflitos internos e demandas externas conflitivas. É preocupado com justiça. É criativo e espontâneo. |
| **Estilo interpessoal** | Dependente e explorador, vê as pessoas apenas como fontes do que precisa. É inconscientemente dependente. | Manipulador e explorador. Desconfiado das intenções dos outros. Oportunista. Negocia com base em "eu ganho/você perde". Impudente. Tem pouca capacidade de remorso. | Quer pertencer ao grupo e ser aceito socialmente. Sentindo–se confiante no grupo, tem preconceito contra outros grupos. Personalidade agradável mas superficial. Aprecia oferecer ajuda aos outros. Relaciona–se mais por razões práticas do que por sentimentos e motivos profundos. | Tem senso de responsabilidade. Mantém relações de intensa mutualidade. Preocupado com comunicação e expressão de sentimentos diferenciados. | #  Quer autonomia nas relações. Vê relacionamentos como situações de interdependência mútua inevitável. Tolera as soluções de outros para os conflitos. Respeita a autonomia dos outros. É aberto. | #  Aprecia e estimula diferenças individuais. |
| **Estilo cognitivo** | Pensa em termos maniqueístas. Tem idéias simples mas abrangentes. Conceitualmente confuso, é egocêntrico e raciocina em termos concretos. | Como o anterior | Pensa estereotipadamente, usa clichês e se expressa através de superlativos. Tem mentalidade "sentimental", pouca introspecção e se refere aos sentimentos de forma banal e estereotipada. | Complexo conceitualmente, tem senso de conseqüências e estabelece prioridades. Ciente das contingências, percebe alternativas. Vê a si mesmo no contexto da comunidade e da sociedade. | É muito complexo conceitualmente e tolera ambigüidade. É capaz de lidar com paradoxos e contradições. Grande amplitude de pensamento, quanto à linha do tempo e contexto social. Percebe a interdependência humana e é muito objetivo | #  Sente–se parte do fluxo da condição humana. |
| **Preocupação consciente** | Sexo e agressão. Funções corporais | Auto–proteção, para ganhar controle e vantagem. Quer dominar e teme ser dominado, controlado ou enganado por outros. Busca obter o melhor dos outros, mesmo enganando. | Aparência. Aceitação social e ajustamento às normas grupais. Valorização de sistemas hierárquicos, posses materiais e símbolos de status, reputação e prestígio. | Conquista de objetivos de longo prazo. Concretização de ideais. Auto–identificação com sentimentos e traços pessoais. | Individualidade e auto–satisfação. Conflita–se com necessidades internas. Não hostil, apresenta humor existencial. | #  Senso integrado de identidade única. Compreensão da vida como uma peça única, entrelaçada. |

(Na tabela vista acima, como os estágios mais maduros são acentuadamente integrativos, o sinal # indica que às suas características devem ser acrescidas as características do estágio anterior, descritas na mesma linha e na coluna imediatamente à esquerda[440](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#440).)

Conforme o estágio de maturidade que predominar em seu ego, será a forma habitual de comportamento da pessoa no que diz respeito ao controle de impulsos, ao estilo interpessoal adotado, ao estilo cognitivo praticado e às suas principais preocupações conscientes, originando formas diferentes de se relacionar com outras pessoas e consigo mesma, distintas expectativas de vida e graus variados de possibilidade de firmar e manter compromissos.

E pesquisas realizadas a partir do trabalho de Jane Loevinger indicam que só 1,0% a 2,0% da população estudada atingem o estágio Autônomo, enquanto menos de 0,5% atinge o estágio Integrado[441](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#441), o que mostra que poucos são os que completam o arco para fora a contento e conseguem entrar no arco para dentro, ou Caminho do Retorno – embora sempre seja possível trabalhar–se para tentar alcançar a superação das próprias condicionantes, desde que haja destinação e se queira ou faça por merecer.

"*Só Deus é quem move as potências dessas almas, como já expliquei, para aquelas obras conformes à sua santa vontade e divinos decretos, sem que possam agir de outro modo; e, assim, as obras e súplicas dessas almas são sempre eficazes*"[442](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#442).

Acontece que a cada estágio de desenvolvimento – e isso prosseguirá igual até o fim da vida encarnada, mesmo para os que cumpram o arco para dentro no plano da salvação – ocorre o vislumbre de uma estrutura superior, a identificação de si mesmo com tal estrutura e a "superação" da estrutura inferior, por diferenciação e desidentificação, integrando–a para poder ir além dela.

Para eu ser bem claro: a pessoa está vivendo "neste" nível e vislumbra a possibilidade de viver em um nível mais "elevado"; aí, deixa de se identificar exclusivamente com o nível atual (ao perceber que pode ser "mais" do que é agora), identifica–se com o nível seguinte (se o deseja com vontade) e luta por se firmar nele (evoluindo), integrando o que está no nível em que até agora viveu (já que ele tem aspectos úteis) mas superando–o.

É esta dinâmica natural que permite ao adulto imaginar–se para transcender–se: houve um tempo em que não havia imaginar e nem o conceito de "si mesmo", quando se era bebê ou criança muito pequena; mas com a gradativa maturação da consciência e de suas funções deu–se a diferenciação possível entre quem percebe e "aquilo" que é percebido, ambos, quem percebe e quem é percebido, "dentro" da própria pessoa!

Como exemplo, cerre os olhos e tente imaginar uma lente de câmara "focalizando" você agora; com certa facilidade, você verá "dentro de você" a sua própria imagem, graças à possibilidade de imaginar e, ao mesmo tempo, se diferenciar do que está sendo imaginado. Você, "vendo" você…

Conceba isso exercido retroativamente ao infinito – do momento atual até a emanação original, para o primeiro encarnar – e você terá uma descrição possível do processo integrativo de desenvolvimento que pode levar a conhecer Deus – já que "*a bem–aventurança eterna consiste na visão de Deus*"[443](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#443) – e a superar o ciclo de encarnações, isto é, escapar de sua obrigatoriedade: "*esta é mecânica do jogo: escolhemos e somos escolhidos. Até a colheita, quando, no curso de uma encarnação específica, renascemos de novo* [agora, na vida eterna[444](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#444)]*. Nossa consciência penetra em tudo que temos sido, na fonte imorredoura de todas essas existências. Os que alcançaram essa realização permanecem na fonte. Não precisam mais voltar, a não ser em missão de caridade*"[445](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#445).

Como já vimos, canta um hino:

*"Ele nasceu neste dia  
para vir nos ensinar:  
pela estrada que viemos,  
por ela nós temos que voltar"*[446](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#446)*.*

É simples assim.

Difícil é fazê–lo, mesmo havendo destinação favorável…

Embora, segundo santo Agostinho, "*na verdade, nada existe que seja tão árduo e difícil que não se torne, com a ajuda divina, bem simples e fácil*"[447](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#447).

Consolidada a última fase do ego e concluída a ascensão da inconsciência para a consciência, aqueles desta vez destinados ao arco para dentro, ou Caminho do Retorno, podem começar a "ascensão" da consciência para a transconsciência, ou consciência expandida.

Neste caminho, o primeiro passo do arco para dentro é a conexão mente–corpo, para construir um eu consciente integrado: se, antes, o bebê fora alma–mente–corpo, mas sem consciência ativa, pois esta ainda não havia, agora se trata de fundir corpo, mente e alma com consciência.

Neste estágio a fantasia se põe a serviço da integração e não mais para "inventar uma realidade melhor", como na criança ou em adultos imaturos: já que a fantasia é a linguagem do eu–total, alma–mente–corpo, pois o eu–total é em parte corpo e o corpo não é verbal, tendo apenas imagens para se expressar, a fantasia atende à necessidade de conhecer–se mais para se compreender melhor.

Esta é uma das bases dinâmicas das "mirações", imagens com ou sem áudio que os daimistas podem ver – embora nem sempre vejam – no transcorrer de um serviço espiritual: a voz do eu–total expressando–se como pode, no estágio em que estiver, para a consciência de quem se trabalha, com os símbolos de que dispõe e por ação do Espírito Santo.

Inclui–se aqui a possibilidade de algumas das imagens serem representações visuais ou auditivas de entes espirituais, percebidos em outras camadas da existência, embora santo Agostinho alerte para o fato de que "*se qualquer um, vendo Deus, concebe alguma coisa em sua mente, isto não é Deus, mas um dos efeitos de Deus*".

Pois "*o intelecto humano não pode receber uma verdade inteligível pura, posto que sua natureza exige que conheça voltando–se para as representações imaginárias*"[448](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#448).

Mas isto requer cuidado, todavia: "*no alto estado de união de que vamos falando, Deus não mais se comunica à alma mediante algum disfarce de visão imaginária, ou semelhança, ou figuras. Fala–lhe de boca a boca, isto é, a sua essência pura e simples, que na efusão do seu amor é como a própria boca de Deus, une–se à essência pura e simples da alma, por meio da vontade, que é a boca da alma, em amor divino. Para chegar, portanto, a essa união de amor de Deus, é essencial à alma não se apoiar em visões imaginárias, nem forma, nem inteligências particulares que não podem servir de meio proporcionado e próximo para tal fim; ao contrário, lhe seriam estorvo. Por esse motivo há de renunciar a elas e procurar não tê–las*"[449](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#449).

E, mesmo que por vezes sejam imagens vindas por força do Espírito Santo, podem também ser só visualização de fantasias compensatórias. Por isso, "*mestre Irineu ensinava que miração não é para ficar falando: é para se estudar*"[450](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#450), pois "*esta luz do alto é às vezes tão espiritual e sutil, que o entendimento não alcança informar–se bem dela e, em conseqüência, suas deduções são muitas vezes falsas, outras verossímeis, ou ainda defeituosas*"[451](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#451).

Afinal, mesmo que a experiência viva em estado de consciência expandida permita ultrapassar a razão comum a que sempre alude santo Tomás de Aquino (o "*intelecto natural*"), aquilo que se experimenta pode ser tão–somente conteúdo emergido do inconsciente pessoal, quando a miração não é revelação e, sim, *insight*.

Com paciência santo João da Cruz nos ensina: "a*s palavras sucessivas sempre se apresentam ao espírito quando está recolhido e profundamente embebido em alguma consideração; e nesta matéria ocupado, discorre de uma idéia a outra tirando conseqüências mui a propósito; raciocina com tanta facilidade e precisão, e tais verdades até então ignoradas vai descobrindo, que não lhe parece ser trabalho seu, mas de outra pessoa a ensinar–lhe interiormente por meio daqueles raciocínios ou respostas. Há, na verdade, fortes motivos para assim pensar, pois o próprio espírito raciocina e responde a si mesmo, como se fossem duas pessoas, e de certo modo assim é; embora seja o espírito humano o que desenvolve aquelas razões, como instrumento, muitas vezes o Espírito Santo o ajuda a formar aqueles conceitos, palavras e raciocínios verdadeiros"*[452](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#452)*. E alerta: "admira–me muito o que se passa em nossos tempos, isto é, qualquer alma por aí, com quatro maravedis*[453](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#453) *de consideração, quando sente, em um pouco de recolhimento, algumas locuções destas, logo as batiza como vindas de Deus. E convencida de ser assim, afirma: 'Disse–me Deus, respondeu–me Deus'. E não é assim: na maior parte das vezes, é a própria alma falando a si mesma. Além disso, a estima e o desejo de tais favores fazem essas pessoas responderem a si mesmas, imaginando ser Deus que lhes fala ou responde. Se nisso não põem muito freio, e se quem as dirige não as forma na negação desses discursos interiores, virão a cair em grandes desatinos. Costumam tirar daí muito mais loquacidade e impureza espiritual do que humildade*"[454](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#454).

Neste plano do eu–total, que é alma–mente–corpo, o presente imediato e vivo passa a ser o modo temporal dominante da consciência, e não mais o passado ou o futuro, que são sempre "ilusão": é cada vez mais possível para a pessoa perceber como se sente aqui e agora, esgarçando os laços de dependência com "como–se–sentiu" (passado recordado) ou "como–crê–que–se–sentirá" (futuro imaginado).

Canta um hino:

*"Eu sou, eu sou,  
eu sou o teu doutor.  
Trazendo o remédio  
para curar a tua dor.  
A tua dor  
foi você quem criou.  
Eu trago o remédio  
para curar a tua dor"*[455](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#455)*.*

Graças a isso os medos suavizam e a ansiedade reduz, para favorecer a continuidade do trabalho de lembrar para integrar, integrar para superar e superar para poder rememorar em níveis cada vez mais abrangentes, rumo a esferas ainda mais sutis de conhecimento e compreensão, com grau acentuado de despersonalização (pois quanto mais coletiva, menos individual).

"*Porque, na verdade, ela em parte já não está sujeita às misérias do mundo como costumava; embora sofra mais, não lhe parece que lhe toquem senão a roupa: a alma está como que num castelo, com senhorio, e assim não perde a paz, se bem que esta segurança não lhe tire um grande temor de ofender a Deus e de não deixar tudo aquilo que a impeça de servi–Lo. Com efeito, ela tem até mais cuidado; contudo, anda tão esquecida do seu próprio proveito que lhe parece ter perdido parcialmente o ser, tão esquecida anda de si. Em tudo tem em vista a honra de Deus e o cumprir melhor a Sua vontade e o ser Ele glorificado*"[456](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#456).

No processo de recordação de resíduos de existência anterior trata–se de "re–conhecer" o que dela ficou em memórias de atitude e comportamento, eventual base do jeito de ser atual, e não de tentar "re–viver" agora o que um dia foi vivido – embora o risco seja este, dado o fascínio sobre a atual consciência que tais lembranças podem exercer.

Isso já passou, pela destinação ocorreu antes e não agora, e qualquer tentativa romântica de retorno a um "tempo perdido" – e por isso romântica, ou narcísea – naufraga o presente e suas possibilidades, na atual destinação.

Uma irmã mirou–se freira ou monja e cogitou seriamente em abandonar marido e filhos para recluir–se "novamente"; apenas após longa e tormentosa reflexão pôde admitir que deveria, desta vez, enfrentar suas dificuldades pessoais na esfera da sexualidade e do convívio afetivo mundano, talvez até conseqüência desta tal vida passada, ao invés de fugir da confrontação consigo por meio de uma vida de recolhimento, agora em suposta vocação religiosa.

Não fosse assim, não precisaríamos encarnar, encarnar e encarnar ainda outra vez: bastava ficar em uma delas…

"*Tenhamos em vista o nosso objetivo: unir a alma com Deus segundo a memória, pela virtude da esperança. Ora, só se espera aquilo que não se possui; e quanto menos se possui, mais se tem capacidade para esperar o objeto esperado; conseqüentemente, mais se aumenta a esperança (…) Segundo esta argumentação, quanto mais a alma desapropriar a memória de formas e objetos de que possa guardar lembrança, e que não são Deus, tanto mais ocupará em Deus esta potência* [a memória] *e mais vazia a terá para esperar que ele a encha totalmente. Portanto, para viver em inteira e pura esperança de Deus é mister, todas vezes que ocorrerem notícias, formas ou imagens distintas, não se deter nelas, mas elevar–se a Deus no vazio de todas estas lembranças, com afeto amoroso, sem reparar em tais coisas senão para entender e cumprir o que é de obrigação, no caso de serem relativas a seus deveres. Mesmo assim é necessário não pôr o afeto e gosto naquilo que lhe vem à memória, para não ficar efeito na alma*"[457](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#457).

Mas antes de entrar nas esferas mais sutis de conhecimento, crescentemente esquecidas de si para focar–se mais e mais em Deus, vejamos o que se deu até aqui: da "geléia–real" encarnada, ao eu total alma–mente–corpo consciente – para os que o puderam desenvolver –, os diferentes estágios possíveis vieram se desdobrando, sendo entendidos como apenas estágios e tendo cada conteúdo percebido, compreendido e integrado em estruturas de nível crescentemente "superior", apontando um todo mais complexo, dinâmico e fecundo, embora menos ruidoso e desgastante, porque mais harmonioso e econômico.

Tudo se deu graças ao amor de Deus, o Espírito Santo, e por meio das funções psíquicas complementares de integração: transformação e tradução de estruturas, ao percorrer o Caminho.

Por sucessivas "transformações" se alteraram as "estruturas profundas", ou níveis de consciência, e por seguidas "traduções" se superaram as "estruturas superficiais", ou signos conscientes de representação de cada "estrutura profunda", em benefício da integração total.

Pois todo nível de consciência consiste em uma "estrutura profunda" e suas incontáveis "estruturas superficiais": cada "estrutura profunda" é o conjunto de características definidoras (e, portanto, delimitadoras) de um determinado nível de consciência, ao passo que as "estruturas superficiais" são as formas de explicitação de cada estrutura profunda, isto é, como as estruturas profundas aparecem na consciência (signos).

No caminho a Deus não se aprende as estruturas profundas – elas são recordadas, pois em nós sempre estiveram; o que se aprende, para integrar, superar e "transcender" de estrutura profunda, são as estruturas superficiais, representadas por signos e símbolos.

Por simples parábola, e para facilitar, suponha que para a sua obra você vá uma loja de departamentos: do primeiro ao sétimo andares você encontrará "materiais básicos de construção", "produtos elétricos ou hidráulicos", "móveis e objetos de decoração", "roupa de cama ou banho", "utensílios domésticos", "eletrodomésticos" e "artigos de lazer".

Nela, cada um dos andares é uma estrutura profunda, na qual estão os itens próprios desta estrutura e somente dela: estes itens são as estruturas superficiais.

Você pode traduzir "materiais básicos de construção" chamando–os de cimento, cal, areia, tijolos, azulejos ou esquadrias, mas para conhecer e escolher sofás, cadeiras, camas, quadros, cinzeiros ou cabides de roupa, que são traduções de "móveis e objetos de decoração", ou lençóis, toalhas, cobertores e tapetes de banheiro, que são traduções de "roupa de cama e banho", você terá de "mudar de estrutura" – ou viver a transformação do nível de consciência correspondente, sendo arrebatado pelo próximo nível e integrando o anterior.

Você também pode traduzir Deus em um ídolo, ou "poder divino" em um cristal, ou emanações do Espírito Santo em fumaça de incenso, ou qualquer dessas coisas que se vê por aí hoje em dia, mas tenha certeza de que na próxima estrutura profunda vivenciada cada uma destas traduções perderá sua razão de ser…

Pois "*algumas almas são encaminhadas para Deus pela influência dos bens sensíveis* [isto é, aqueles que impressionam os sentidos]*; todavia, devem ter nisto muita discrição, visando os frutos que daí recolhem. Muitas vezes usam os espirituais dos ditos bens sob pretexto de oração e aproximação de Deus; mas fazem–no de tal modo, que mais se pode chamar recreação que oração, dando mais gosto a si mesmo do que a Deus. Embora sua intenção pareça ter Deus por fim, o efeito é recrear os sentidos; e tiram daí mais fraqueza de imperfeição do que fervor de vontade para entregar–se a Deus*"[458](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#458).

No cenário dos serviços espirituais com ayahuasca, fora da doutrina daimista e entre os múltiplos arranjos simbólicos possíveis, há fábulas que misturam "*o rei Inca, anterior ao dilúvio*" (o termo "inca" surgiu após a expulsão da cultura puquina pela cultura aymara[459](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#459), no Século XII, no sudoeste da Bolívia, adotado pelos "nobres" puquina que conseguiram fugir para o lago Titicaca e, de lá, para a região de Cusco), que tinha por conselheira "*Oasca*" e por general "*Thiuaco*" (provável corruptela de *Tiahuanaco*, ruína pré–incaica do sudoeste boliviano), cuja sabedoria foi estudada por "*Salomão*" e terminou "*encarnando*" no Peru[460](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#460).

E houve até quem fantasiasse, com base em uma conhecida fotografia do mestre Irineu, na qual ele aparece apoiado em um varapau, que "*em diversos rituais o mestre Irineu utilizava um cajado*"[461](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#461), com isso simbolizando seu pastoreio!

Recordo–me de, no começo de meu caminho daimista, ir aos serviços espirituais sempre com a mesma jaqueta de lã de ovelha "*trazida das bordas do lago Titicaca, torrão natal dos Inca, meus ancestrais*", um alfinete de cristal para, espetado no meio da gravata, "*proteger meu chacra cardíaco*", um porta–incenso discreto, em forma de rosa dourada, "*símbolo da nossa Mãe*", um potinho com cânfora, "*a mais yin das plantas aromáticas*", e uma meia–dúzia de objetos variados em meu "*kit–daime*" – como eu o chamo hoje em dia, sorrindo em meio a boas lembranças…

A meu ritmo interno, graças a Deus, a superstição foi se transmutando em crença e, esta, em conhecimento e compreensão, levando–me a abandonar um a um, todos eles, e restando apenas a fé e a esperança, que não necessitam objetos–ídolo.

Aliás, é bom lembrar que idolatria decorre do grego "*eìdolon*", ídolo, "*reprodução de traços, imagem, simulacro, imagem refletida*", e costuma indicar a projeção inconsciente de conteúdos psíquicos da própria pessoa sobre o que lhe serve de ídolo. "Adorando–o", a pessoa na verdade adora um aspecto de si mesma.

"*Nosso propósito é assinalar a infinita distância entre essas imagens e Deus. De tal maneira deve a alma usar delas, que lhe sirvam de meio para passar da imagem à realidade e não se tornem obstáculo para impedir à alma o acesso ao espiritual, como sucederia se quisesse deter–se em tais representações mais do que é necessário. Assim como é bom e imprescindível o meio para chegar ao fim e, no nosso caso, as imagens para trazerem a lembrança de Deus e dos santos, assim é impedimento e estorvo o mesmo meio, quando a ele nos apegamos. Se nos demorarmos no meio mais do que o necessário, acharemos tanto obstáculo nele para o fim, como em qualquer outra coisa diferente*"[462](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#462).

Na dinâmica integrativa de desenvolvimento, no Caminho do Retorno a Deus, cada tradução diferente não é uma alteração de nível mas tão–somente mudança dos signos (ou formas aparentes) do nível em questão – até que os signos desta estrutura específica entrem em colapso (ou o chamamento ocorra direto, por interveniência da Graça) e o processo permita/obrigue o vislumbre de um nível superior, a diferenciação para integração, a desidentificação com o nível inferior ("eu não sou isso") e a transformação para o nível seguinte (ou o colapso, sem mais nada, da "vida" como estava).

Porque há dois tipos de crise: a de exaustão do modelo, como corretivo para a evolução, e a do teste de resistência, para consolidação do já conquistado – e ambas podem propiciar a evolução.

Quando ocorre a evolução… pois há irmãos que se paralisam na dor e desamparo da crise e não conseguem, ou não tentam, fazer dela impulsão – quer por não ter estrutura para tanto, quer por covardia, desconfiança ou apego a hábitos.

"*Haverá momentos, mesmo para os muito adiantados na oração, em que Deus os vai querer testar, momentos em que terão a impressão de que Sua Majestade os abandonou; porque, como eu já disse – e não queria que fosse esquecido –, nesta vida a alma não cresce como o corpo, embora cresça verdadeiramente; mas uma criança, depois que cresce e atinge o desenvolvimento, tornando–se adulta, não volta a ter um corpo pequeno. No caso da alma, no entanto, isso acontece*"[463](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#463).

Que fazer, então, senão ampará–los?

"*A história da vaca é uma história bem bonita… O Galego era casado com a irmã da Peregrina, concunhado dele, e aí um dia ele vai e dá uma vaca para o Galego dar leite para os seus meninos. O Galego estava numa situação difícil, aquela história toda, ele foi chamando: 'Galego, pegue aquela vaca ali e leve para dar leite aos meninos'. O Galego pegou a vaca, botou na cordinha e saiu puxando para casa. Passados uns meses, aí vem o Galego: 'Padrinho, eu vim aqui porque eu resolvi vender aquela vaca, eu estou precisando, eu só tenho aquela vaca e eu queria que o senhor a comprasse de mim'. 'Está bom, Galego, traga a vaca aí', e pagou a vaca. O Galego pegou o dinheiro, botou no bolso e foi–se. Gastou o dinheiro e, passado um tempo, ele chega lá. 'Galego, pegue uma vaca, leve para você dar leite aos seus filhos'. Aí o Galego pegou a vaca e levou para casa novamente. Passados uns tempos, lá volta o Galego: 'Padrinho, eu estou precisando muito, eu queria que o senhor me comprasse essa vaca'. 'Está bom, Galego… Quanto é a vaca?' E comprou. O Galego pegou o dinheiro, resolveu a situação toda e passado um tempo ele apareceu: 'Galego, pegue uma vaca, leve ela para dar leite para os seus filhos'. 'Está bom, padrinho', e levou a vaca. Foi assim umas três ou quatro vezes, no correr de alguns anos, ajudando, ajudando, ajudando…*"[464](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#464).

Outro risco é a perda de paciência com as dificuldades dos irmãos: "*Uma vez eu comecei a pensar: 'vou falar com o titio para ele deixar de ficar perdendo tempo com este povo rebelde! Que ele ensina, ninguém aprende, ele já está ficando velho, fica se cansando à toa por esse pessoal teimoso'. Eu andei com estas idéias bem uns dias, sem falar para ninguém… Aí, uma noite tomei daime em casa com o titio e me aquietei no meu canto, e no meio do serviço de repente o titio apareceu na miração, todo de farda de gala, branquinha, branquinha, branquinha, cheio de galardões. Olhou bem para mim, eu pasmado com o que via, e disse:*

*– Tu estás me vendo? Eu não sou o teu tio que te ama? Pois é, este aí é meu povo…*

*Aí ele fez um gesto e apareceu um povo todo, era gente que não acabava mais, e ele disse:*

*– Pois é, eu amo todos eles, assim como eu amo tu… E eu trabalho para todos eles, para ficar assim…*

*Aí, passaram uma régua no invisível e todos ficaram da mesma altura e todos se transformaram em ovelhas branquinhas, branquinhas, branquinhas*"[465](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#465).

E até com as próprias dificuldades. Contam que um velho daimista, já falecido, um dia mirou o mestre Irineu às voltas com um motor velho: "*E tira peça daqui, põe ali, ajusta parafuso, tira o óleo, aperta a correia e nada do motor funcionar… E ele foi se amolando com isso: 'o Mestre, com tanta coisa para fazer, e ali ocupado com um motor velho que nada tem mais a dar!' Mas o Mestre pelejava, atento e dedicado, ajustando o que dava com toda paciência, e tira peça, e põe peça, e troca o óleo e aperta a trava, enquanto o irmão o assistia e pensava: 'Puxa, o Mestre podia jogar fora este motor de uma vez e arrumar outro, talvez fosse melhor!' Mas nada do Mestre desistir, que o Mestre era persistente, até que o motor foi mudando, mudando, mudando e era o próprio irmão que mirava. 'Deus do céu, valha–me Deus! E eu, que pedi para o Mestre jogar fora o motor velho!!!'"*[466](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#466).

Neste caminho reside outra distinção importante: signos e símbolos. Os signos representam as possibilidades traduzidas, ou as muitas estruturas superficiais, enquanto os símbolos costumam apontar uma estrutura profunda, a qual pode ser transformada.

Então, compreendemos porque cada transformação "para cima" (sempre parece "para cima", porque "de cima" vem a luz para a terra, mas é "para dentro", na alma, onde vive a Luz de Deus, o Senhor) marca o surgimento, na consciência, de um nível "novo" e mais denso, graças a uma nova estrutura profunda (e seus símbolos), dentro da qual outras estruturas superficiais e suas traduções (ou signos) irão se desdobrar em sucessão.

Dito de outro modo, um signo ajuda a sustentar e manter a estrutura em que a consciência está, enquanto um símbolo "puxa" ou atrai a consciência para a estrutura profunda seguinte.

Nas esferas mais sutis do arco para dentro, então, a percepção é mais clarividente, intuitiva ou extra–sensorial, pois liberada da escravidão ao ego, suas lembranças e seus conceitos: o tempo é transtemporal, pois liberto das noções condicionantes do ontem–hoje–amanhã, e o espaço é transespacial, pois não mais limitado aos condicionantes topográficos do aqui–lá–acolá.

Há quem involuntariamente opere neste nível, em função de ter, por destinação, um grau elevado de mediunidade espontânea, mas para trabalhar nessa altura, por missão e decisão, é preciso preparo existencial e moral[467](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#467) no convívio com os fenômenos transmentais e os *siddhis*, como os *sûtras* hinduístas denominam os poderes paranormais (por isto Paulo afirma, em sua luta para evitar a soberba, ao ser-lhe franqueado o céu: "*para poupar–me qualquer orgulho um espinho foi posto na minha carne*"[468](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#468)).

Já que "*a alma (…) vendo–se favorecida por graças tão extraordinárias, muitas vezes concebe secretamente boa opinião de si, imaginando já valer algo diante de Deus – o que é contrário à humildade*"[469](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#469).

"*As práticas religiosas assemelham–se muito às artísticas. Arte e religião tentam entender um mundo imperfeito e trágico. Contudo, a religião difere da arte porque precisa ter uma dimensão ética. Talvez se possa defini–la como estética moral* [o bom, belo e verdadeiro]*. Não basta experimentar o divino ou o transcendente; é preciso que a experiência se incorpore à nossa conduta com relação aos outros*"[470](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#470).

Retornando mais ainda, por intermédio do esgotamento das traduções (signos) e da transformação das estruturas (com novos símbolos ou já sem símbolo algum), vai surgindo a esfera da alta intuição religiosa e da revelação, das visões simbólicas, da luz dourada, azul ou branca, das "iluminações audíveis", do brilho sobre o brilho, do amor e gratidão globalizantes e irresistíveis, das presenças superiores, como encantados e santos de outras camadas de existência, e das formas angelicais ou arcangélicas, até que, quando se consegue, pela Graça e pelo trabalho de uma vida ou sucessão de vidas, nada mais ser ou existir senão a presença consciente e conscientizável de tudo, Todos–seres, o Santo dos Santos, a Glória de Deus, num clarão intuitivo em que, conforme S. Dean, um dos pioneiros da metapsiquiatria, "*a pessoa tem consciência do sentido e da direção do universo, uma identificação e uma fusão com a criação, com o infinito e com o bem e o mal, uma revelação após outra, cada vez mais profunda de significado – em síntese, a concepção de um supereu, de tão onipotente*"[471](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#471).

*"Tudo, tudo Deus me mostra  
para mim reconhecer.  
Tudo, tudo é verdade,  
e eu não posso esquecer"*[472](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#472)*.*

Num estágio de si que, como diria santo Tomás de Aquino, "*todos os homens e todas as mulheres chamariam de Deus*", e em cujo nível de percepção consciente quase nada mais importa, de todo o tanto que até aqui incomodava no cotidiano da vida, pois se assume que tudo é fluido, impermanente e transitório, só importando, verdadeiramente, o serviço a Deus na obra de Deus, por amor a Deus:

*"Nada te turbe,  
nada te espante,  
pois tudo passa.  
Só Deus não muda.  
Tudo a paciência  
por fim alcança.  
Quem a Deus tenha  
nada lhe falta,  
pois só Deus basta"*[473](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#473)*.*

Não um deus apartado dos seres humanos e da criação, um outro "grandão" e "diferente" representado em signos e símbolos com maior ou menor beleza e sofisticação, mas Deus vivo, apogeu da consciência e do amor de cada um e todos, pois é quando a pessoa se dissolve em Deus como Deus, ao dissolver–se integrativamente em si mesma, que conhece Deus ao apresentar–se a Deus, pelo Espírito Santo, em Jesus Cristo, para trabalhar de forma, aí então, mais plena, na obra de Deus, o mundo, se assim lhe for destinado.

"*Esta é uma grande graça do Senhor, porque quem a recebe tem vida ativa e contemplativa ao mesmo tempo. Os que ficam neste estado de todo servem ao Senhor, no que quer que façam. Porque a vontade faz o seu serviço, sem saber como age, e fica em sua contemplação; as outras duas faculdades* [memória e intelecto] *fazem o trabalho de Marta. Assim, Marta e Maria andam juntas*"[474](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#474) (como ação e contemplação).

http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/img/3-estrelas.gif

Recordando Meister Eckhart, místico dominicano medieval do início do Século XVI, "*para chegar ao âmago de Deus, no seu sentido mais amplo, o indivíduo deve chegar ao âmago de si mesmo, no seu sentido mais restrito, pois ninguém pode conhecer Deus sem que tenha, antes, conhecido a si mesmo. Mergulhe nas profundezas da alma, a morada do Altíssimo, até as raízes, até as alturas, pois tudo o que Deus pode fazer está aí concentrado*":

*"Eu estou com Deus,  
Deus está em mim.  
Eu estando com Deus,  
Deus é meu caminho"*[475](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#475)*.*

Como ouvi uma vez, "*a espiritualidade é como os rios daqui do Acre. Todos correm, cada um sendo do seu jeito, todos a mesma coisa mas sem se misturarem, até que se encontram no rio Amazonas e de lá vão para o mar. Porque só tem um mar. Porque só tem um Deus. Cada rio tem seu jeito e sua história, mas todos juntos são a obra de Deus*"[476](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#476).

Vamos ouvir daqui em diante o ensinamento, pelo Mensageiro, de Jesus Cristo, nosso Senhor, o Rei dos mestres, como canta um hino de Luiz Mendes do Nascimento:

*"O Mestre é o Rei dos mestres,  
está no meu coração".*



"*Como diz mesmo o próprio hino dele, temos estudos finos e é preciso compreender. O que ele mais almejava em nós era a gente se conscientizar da gente mesma, se olhar. Era onde ele se prendia mais: o ensinamento maior dele era a gente se olhar, se olhar e se olhar, que através disso chegava o resto. Tudo, tudo, tudo. Que enquanto a gente está procurando Jesus dentro das paróquias, dentro das multidões… ele está realmente em todos esses lugares… mas é muito melhor a gente procurar dentro da gente, que a gente encontra com mais facilidade: a gente se virando para a gente mesmo, vai se encontrar com ele com mais facilidade do que dentro de um templo ou até dentro da mata*"[477](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#477).

O que me traz santo Agostinho: "*em seguida, aconselhado a voltar a mim mesmo, recolhi–me ao coração, conduzido por Vós. Pude fazê–lo, porque Vos tornastes meu auxílio. Entrei e, com aquela vista da minha alma, vi, acima dos meus olhos interiores e acima de meu espírito, a Luz imutável*"[478](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#478).

Pois "*o centro da alma é Deus. Quando ela houver chegado a ele, segundo toda a capacidade do seu ser, e a força de sua operação e inclinação, terá atingido seu último e mais profundo centro em Deus; isto se realizará quando a alma com todas as suas forças compreender, amar e gozar plenamente a Deus*" [479](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#479).

Seja bem–vindo ao caminho cristão daimista, um dos caminhos pelos quais as estruturas profundas podem ser recordadas, para integração, e as estruturas superficiais podem ser aprendidas e transcendidas, para consolidação de cada estágio no correr do desenvolvimento integrativo, pelo Espírito Santo de Deus, até o nível para o qual se esteja destinado.

cute; muito melhor a gente procurar dentro da gente, que a gente encontra com mais facilidade: a gente se virando para a gente mesmo, vai se encontrar com ele com mais facilidade do que dentro de um templo ou até dentro da mata"[477](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#477).

O que me traz santo Agostinho: "*em seguida, aconselhado a voltar a mim mesmo, recolhi–me ao coração, conduzido por Vós. Pude fazê–lo, porque Vos tornastes meu auxílio. Entrei e, com aquela vista da minha alma, vi, acima dos meus olhos interiores e acima de meu espírito, a Luz imutável*"[478](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#478).

Pois "*o centro da alma é Deus. Quando ela houver chegado a ele, segundo toda a capacidade do seu ser, e a força de sua operação e inclinação, terá atingido seu último e mais profundo centro em Deus; isto se realizará quando a alma com todas as suas forças compreender, amar e gozar plenamente a Deus*" [479](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#479).

Seja bem–vindo ao caminho cristão daimista, um dos caminhos pelos quais as estruturas profundas podem ser recordadas, para integração, e as estruturas superficiais podem ser aprendidas e transcendidas, para consolidação de cada estágio no correr do desenvolvimento integrativo, pelo Espírito Santo de Deus, até o nível para o qual se esteja destinado.

*"Meu filho, se aceitares minhas palavras,  
se conservares como teu tesouro meus preceitos,  
se, dando ouvido atento à sabedoria,  
inclinares o coração ao entendimento;  
sim, se apelares à inteligência,  
se dirigires ao entendimento a tua voz;  
se como ao dinheiro a procurares  
e se a desenterrares como um tesouro,  
então entenderás o que é o temor do Senhor  
e acharás o conhecimento de Deus"*[480](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#480)*.*

# Coluna II

## O ensinamento vivo

Em 1995 dei mãos à obra para gravar no Acre os hinários da base da doutrina daimista, para que os irmãos da casa de oração que eu dirigia pudessem conhecê–los e estudá–los.

E este movimento terminou inaugurando um longo e paciente processo de recobro de conteúdo de hinos do "*O Cruzeiro Universal*" e de hinos dos outros hinários que compõem a base doutrinária.

É que, no correr das primeiras gravações, chamara–me a atenção o fato de se poder cantar vários hinos com um ou outro perfil melódico, na dependência de como se entoasse as palavras: "*senhóra*" e "*senhorá*", ou "*vírgem*" e "*virgêm*", têm tônicas distintas e obrigam perfis melódicos também diferentes, conforme a pronúncia escolhida.

Como eu pudera perceber ao ouvir o resultado de uma tarde inteira de trabalho, ao regravarmos um hino o "puxador" o fizera com uma pronúncia diferente da utilizada na primeira vez. O que aquilo poderia me ensinar?

Com delicadeza, pois estava ao meio de gente boa, digna e dedicada, entrei em estudo até me certificar de muitas vezes se tratar de hábito e, mais do que isso, por vezes, da singela crença em que, preservando certa pronúncia – embora nem sempre a mais ajustada ao perfil melódico –, se estaria preservando o valor e o conteúdo da doutrina, manifestação amorosa de Deus pela Virgem Maria, Jesus Cristo e o Espirito Santo.

Cabia–me paciência, portanto, e, por ventura, uma preciosa oportunidade: o grupo que eu dirigia em São Paulo, pequeno mas valoroso e confiante em minha forma de trabalhar. Com ele, e junto com irmãos de Rio Branco, o que começou como busca da forma mais adequada de cantar, segundo a melodia dos hinos – já que as tônicas da pronúncia devem se adequar ao perfil melódico original do hino e não o contrário! –, aos poucos ganhou dimensão de **recobro do conteúdo do ensinamento**, isto é, das palavras originais, a pouco e pouco tornando à forma autêntica para manter o que em cada hino deveria espelhar a doutrina e retirar o que viera a ser acréscimo ou distorção de conteúdo, por erro, hábito ou preferência pessoal[481](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#481).

Por conseguinte, o que por vezes só pareceu ser "correção gramatical ou léxica", ou "ajuste melódico", tornou–se recuperação da Mensagem, para quem quisesse ouvir seu verdadeiro ensinamento e sobre ela deitar o coração (o que de longe era o que mais me interessava): "*Escuta–me, filho, e adquire o saber, aplica teu coração às minhas palavras. Com medida revelarei a instrução, com exatidão proclamarei o conhecimento*"[482](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#482).

Neste trabalho, fui guiado por mestre Irineu, ajudado ao extremo por dona Percília e inestimavelmente apoiado por Tufi Rachid Amin e sua família. Tufi, aliás, em sua infância estudou na "*Escola O Cruzeiro*", no Alto Santo, e seu irmão mais velho, Benjamim, foi testemunha no casamento religioso de mestre Irineu com dona Raimunda, sua terceira mulher.

Incontáveis foram as horas em que, feito aluno, sentei–me ao lado do sargento Tufi (do Corpo de Bombeiros) para receber um pouco do muito que ano após ano ele coletou da vida e da obra de mestre Raimundo Irineu Serra e, por amor ao Mestre e à doutrina, reparte.

Sou deveras grato a dona Erotildes, esposa do Tufi, que anos a fio suportou minhas necessidades, características e inconveniências, cuidando de mim em minhas longas estadas em sua casa. Em 1994, quando a vida me subtraiu alguém a quem eu amava mais do que a mim mesmo, e minha dor desejou por duas vezes me fazer cessar de existir, repetidamente quis voar ao Acre para sentar–me no chão do terraço, pousar minha cabeça em seu colo e chorar.

Com ela, e em meio à minha obstinação, pude conhecer e compreender um pouco do amor de cuidado e consolo de nossa Senhora da Conceição.

Dona Percília, na primeira entrevista que me concedeu, ao meio da conversa saiu–se com esta: "*Agora tem uma coisa: eu tenho me batido muito com isso, não sabe? É que estão cantando 'O Cruzeiro' completamente diferente, muitas palavras erradas, palavras demais e palavras de menos e inverte e não sei o quê, e eu só fico 'assim'… Eu, pelo menos, a mim não me atinge, mas eu tenho pena dessas pessoas que vêm de fora, de longe, com toda boa vontade, querendo aprender, e vêm aprender errado*".

Era isso!

No lento escoar dos anos, muitos anos, algumas décadas!, mínimas alterações de pronúncia[483](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#483), compreensões pessoais variadas, animismo, plurais e conectivos inseridos ou o mero hábito – "*estrutura estruturante*", como aprendi com frei Boff, que se esforça por manter igual aquilo a que se habituou – haviam terminado por imprimir tênues mas importantes alterações na letra de hinos, isto é, no conteúdo doutrinário da Mensagem, as quais se espalharam pelo Brasil todo, findando aqui ou ali por dificultar, quando não mesmo por impedir, uma melhor percepção e compreensão de aspectos mais delicados sobre a eternidade, a espiritualidade, a doutrina e a Obra.

Isso, quando não se tratava tão–só de simples erros de grafia em hinários impressos ou manuscritos…

Como exemplo, na Tese de Doutorado de Arneide Bandeira Cemin, quando esta antropóloga brasileira se debruça a estudar aspectos de disciplina na doutrina daimista, ela cita o hino "*Maraximbé*", de João Pereira: "*chamei Maraximbé para ele vir cá, traz o copo e fica firme, faz lombo para apanhar*". Para, a seguir, teorizar: "*destacamos do hino a palavra 'copo', designando beber daime e as noções de 'firmeza' e 'juramento'"*[484](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#484).

Todavia, o hino nunca foi assim. Diferentemente, ele canta:

*"Chamei Maraximbé  
para ele vir cá,  
traz o corpo e fica firme,  
faz lombo para apanhar"*[485](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#485)*.*

Por um banal erro de digitação, causando a supressão de um erre em uma palavra ("corpo/copo") e a decorrente alteração de significado, a pesquisadora se esforçou em teoria infundada…

Recordo outros dois resgates, entre os tantos que vivemos.

Sobre o hino 92 de "*O Cruzeiro Universal*", já se afirmou que mestre Irineu "*se queixa de ter que 'dar valor a quem não tem, na esperança de um dia' esses ensinos serem recompensados*"[486](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#486). E que, com isso, cantava haver irmãos a quem ele "dava valor", na esperança de um dia ver se realizar no mundo o que desejava que ocorresse.

Mas, na verdade, além de nem sequer mencionar a intenção de "*dar valor*" a alguém, neste hino mestre Irineu cantou:

*"Me acho fraco e cansado  
de lutar com rebeldia,  
fazer gosto a quem não tem  
esperança de um dia…"*[487](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#487)*.*

Bastou desaparecer um "na" – antes se cantava "fazer gosto a quem não tem, na esperança de um dia"… – para radicalmente recobrar o propósito do ensinamento: o hino, na verdade, ao invés de ser uma "queixa" do Mestre, apenas e uma vez mais alertava para a desobediência e para o fato de haver "*quem não tem esperança de um dia…*"!

E de outra vez, já ao final do trabalho de recobro de conteúdo – ao menos na fase em que pudemos chegar –, um integrante do grupo, o irmão que em finais de 2000 me sucedeu na direção da Casa de Oração Sete Estrelas[488](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#488), em São Paulo, debruçou–se no estudo da elocução de encerramento das preces ao término dos serviços.

Como em todos os centros daimistas derivados de mestre Irineu que conheci, até então orávamos: "*Em nome do Pai, do Filho, da Virgem Mãe amantíssima e do divino Espírito Santo*". Após questionamento interno sobre a Trindade, por ser oriundo de prolongada formação católica e mariana, ele pediu a dona Percília, no transcorrer de um encontro pessoal, que pronunciasse a elocução. Incontinenti, ela afirmou, benzendo–se: "*Em nome do Pai, do Filho da Virgem Mãe amantíssima e do divino Espírito Santo*".

Você percebe? Nunca se tratara de uma "quaternidade", como sempre levara a crer a vírgula pronunciada entre "*do Filho*" e "*da Virgem Mãe amantíssima*", e desde o início fora "*em nome (…) do Filho da Virgem Mãe amantíssima*", respeitando a Trindade e o exposto no refrão de um hino da base doutrinária: "*Pai, Filho da Virgem Mãe amantíssima e do divino Espírito Santo*"[489](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#489).

Na formulação do ***Novo Testamento***, "*Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*", não se menciona a Imaculada Conceição, o que só passou a se dar por direta intervenção de mestre Irineu, acatando determinação da Virgem Maria. De qualquer forma, porém, o hino e a elocução daimista original, fiéis ao Mistério, porque vindos da eternidade, sempre haviam confirmado a Escritura: "*Ide, pois; de todas as nações fazei discípulos, batizando–as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando–as a guardar tudo o que vos ordenei*"[490](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#490).

Sem propor outra ordem divina e sem constituir "uma nova religião", como crêem os inadvertidos e insistem os que se arvoram de "padrinhos" e "madrinhas": tão–só, e uma vez mais, reafirmando na terra (e, por isso, "replantando") a doutrina cristã de Deus Uno e Trino, misericordioso e misterioso na Trindade.

Animismo, mencionei antes: "o primeiro estágio da evolução religiosa da humanidade, no qual o homem crê que todas as formas identificáveis da natureza possuem uma alma e agem intencionalmente".

Na coleta das folhas da "rainha", verga–se o arbusto sem quebrá–lo, para colher as folhas uma a uma com cuidado e deixar que a natureza, em cerca de seis meses, prepare novas folhas para o daime de amanhã. Mas um irmão, com pressa, meio sem jeito cortou o tronco da "rainha" e, em seu retorno a casa, saco de folhas às costas, perdeu–se na mata. Com medo de onças, encarrapitou–se em uma árvore alta e teve de esperar dia claro para voltar ileso:

*– Meu amigo, na semana seguinte, após passar dias agoniado, quando tomei daime 'o pau torou'… Eu fui entrando no medo, era uma dor só, e aí a voz me disse: 'Está vendo? Quem mandou cortar a rainha? Você acha que ela não sentiu medo e dor'?.*

Desta forma singela – e eficaz –, sua consciência cobrou o retorno à ordem.

Pergunta santo João da Cruz, "*se é verdade que Deus, quando favorece a alma com visões sobrenaturais, não dá para admiti–las, nem apoiar–se em tais coisas, nem fazer caso delas, por que então as concede?*"[491](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#491). E ele mesmo responde: "*Como a ordem que a alma tem para adquirir conhecimentos é por meio das formas e imagens de coisas criadas, e como sua maneira ordinária de conhecer e entender depende dos sentidos, Deus, para conduzi–la com suavidade ao sumo conhecimento começa por este meio mais baixo e fim extremo dos sentidos, a fim de elevá–la progressivamente, segundo sua natureza, até o outro fim altíssimo de sua sabedoria espiritual, infinitamente afastada dos sentidos. Aí está a razão por que o Senhor vai instruindo a alma primeiramente pelas formas, imagens e vias sensíveis adequadas ao seu modo de entender, sejam naturais, ou sobrenaturais, e por estes meios e raciocínios a eleva ao sumo espírito de Deus*[492](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#492)"

Mas, como veremos, a evolução da doutrina daimista superou com rapidez o estágio no qual entidades da mata ou aspectos da natureza predominam – próprio de cultos animistas ou de modos ainda pouco maduros de perceber e compreender a espiritualidade –, para passar a admitir e abranger tais formas de existência mas empenhar–se em subordiná–las ao Senhor, único meio de ajudar a "doutrinar" entes espirituais que necessitem e trabalhar para unificar–se e ao cosmos.

Canta mestre Irineu:

*"De longe, eu venho de longe,  
das ondas do mar sagrado,  
para conhecer os poderes da floresta  
e Deus amar"*[493](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#493)*.*

A despeito de até já ter sido escrito que os hinos "*louvam a floresta que fornece a matéria–prima para a bebida*"[494](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#494), na doutrina daimista não há devoção a "poderes", nem mesmo aos da floresta, não há culto ou entrega a eles, não há tentativas de absolutizar o relativo, nada há senão o atento respeito que lhes é devido, como importantes parcelas da obra de Deus.

Por tal razão o que há, e sem ambigüidade, é a firme atitude de conhecer tais parcelas, no caminho de conhecer Deus, mas com o amor, a devoção e a gratidão voltados unicamente ao Senhor: a floresta é apenas palco da epifania[495](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#495), ou manifestação reveladora de Deus, como o foram os montes Sinai e da transfiguração e o deserto.

E, se não bastasse, no mesmo hino mestre Irineu arremata – como explicitará em todo "*O Cruzeiro Universal*":

*"Eu sigo neste caminho,  
ando nele dias inteiros,  
para conhecer o poder  
e a santa luz de Deus verdadeiro"*[496](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#496)*.*

É que na doutrina daimista não se vê atitudes laudatórias a nada mais senão a Deus e sua obra amorosa, explicitada no cosmos e em seu Filho eterno, Jesus Cristo, nosso Senhor, pelo Espírito Santo e na Imaculada Conceição.

A epifania, citada pouco atrás, merece aprofundamento na discussão, por ser natural a inclinação à "divinização da floresta", de tão intenso é o seu impacto sobre a vida de todos os que em meio a ela vivem e dela dependem, envoltos sempre em seus aromas úmidos de verde.

Já houve quem dissesse que hinos como "*reluz o brilho na floresta, que a Vossa luz faz resplandecer*"[497](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#497), "*a Rainha da floresta foi quem me deu esta luz*"[498](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#498) ou "*a luz me clareou e os primores ela me deu*"[499](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#499) ou "*Oh! noite tão clara, luz maravilhosa, lá está minha Mãe, tão bela e formosa*"[500](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#500) se referem à luz do sol ou ao luar. Todavia, quando mestre Irineu canta "*esta luz é da floresta, que ninguém não conhecia*", certamente se refere à iluminação da revelação[501](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#501), pois afirma a seguir, na mesma estrofe, que "*quem veio me entregar foi a sempre Virgem Maria*" e explica: "*quando ela me entregou, eu gravei no coração, para replantar santa doutrina e ensinar aos meus irmãos*"[502](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#502).

Aqui ou acolá, mínima menção a patriarcas da cristandade, como São João ou São José, ou a "caboclos", entidades de perfil indígena, próprias do entorno no qual a mensagem cristã rebrotou esta vez, que podem acorrer em socorro da saúde ou da disciplina moral de quem as invoca, se solicitadas.

Por falar em "caboclos", vale recordar que "*alguns etnólogos enxergam neste fenômeno uma influência das religiões ameríndias, que também conhecem o transe mediúnico*"[503](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#503) [por ser fenômeno humano universal].

Apesar de já se ter escrito que "*os hinos do mestre Irineu apresentam entidades cristãs, indígenas, africanas e outras próprias do sincretismo religioso*"[504](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#504), ou que "*a doutrina do Santo Daime não aboliu hábitos e rituais da antiga tradição católica, mas os utiliza englobando–os na prática do ritual xamânico e do culto aos Orixás*"[505](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#505), em todos os 317 hinos da base doutrinária não há uma única menção, nem uma única!, a orixás ou demais encantados do candomblé, da umbanda ou de outras Escolas, Linhas e sincretismos da Tradição africana.

(Eles passaram a figurar nos hinos dos hinários de Sebastião Mota de Melo e seus seguidores, os quais, em decorrência do "*trabalho de estrela*" implantado pelo velho Mota[506](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#506), a partir dos anos 80 passaram a desenvolver, adotando a umbanda, "trabalhos de São Miguel" – com ou sem incorporação – e "trabalhos de umbandaime".)

Também não há menção alguma a Tradições, Escolas ou Linhas das quais só nos acercamos muito recentemente, como as asiáticas e orientais (budismo, hinduísmo, islamismo, sufismo, taoísmo, zen etc.), tão longe estão de nossa destinação geral.

Pois, embora já se tenha afirmado que "*outra imagem freqüente é a do 'Divino Pai Eterno' (…) que engloba, no manto politeísta da Rainha da Floresta, entidades que vão dos devas orientais aos orixás africanos*"[507](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#507), tudo isso veio apenas após os anos 80, com a adesão de daimistas "nova–era" do Sul e Sudeste brasileiros.

Como exemplo, canta–se em um hino de Alex Polari de Alverga:

*"Oxalá, Shiva e Juramidam  
nesta noite vão se reunir  
para firmar esta aliança  
eterna para os tempos que hão de vir (…)  
Eu saúdo os Budas e Orixás  
e à glória deles todos dou louvor.  
No Himalaia, nos Andes, na Floresta  
se escuta o rufar de mil tambores".*

A seguir, o mesmo hino canta apocalipticamente, como se ecumenismo fosse amalgamar em uma só as múltiplas Tradições, como quer a cultura nova–era, drenando–lhes o vigor que vem de sua própria identidade doutrinária:

*"O Oriente veio p´ro Ocidente  
e foi nele que tudo se encontrou (…)  
e o Mestre, no final dos tempos,  
no Santo Daime todos três unificou"* (algo que mestre Irineu nunca propôs!)*.*

(Indago: secreta aspiração à hegemonia religiosa, que assim se denuncia?)

Kardecismo?

Óbvio que parece estar presente na doutrina daimista, em que pese a dificuldade de Alan Kardec em aceitar Jesus Cristo, nosso Senhor, como Filho eterno e Unigênito de Deus Uno e Trino, por vê–Lo apenas como "um espírito evoluído", entre outros: "P. *Confiou Deus a certos homens a tarefa de revelar a sua lei?* R. *Sim, por certo. Em todos os tempos houve homens que receberam esta missão: são espíritos superiores, encarnados com o objetivo de fazer progredir a humanidade.* P. *Qual o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem para lhe servir de modelo?* R. *Vede Jesus*"[508](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#508)).

Porque, do ponto de vista fenomênico, o kardecismo é uma das mais bem sistematizadas explicações modernas das formas de operação dinâmica entre seres encarnados e seres em distintas camadas de existência, tal como o próprio Kardec a definiu: "*diremos, pois, que a doutrina espírita, ou teoria do espiritismo, tem por princípio* [e descreve] *as relações do mundo material com os espíritos, ou seres do mundo invisível*"[509](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#509).

Mestre Irineu nunca foi "eclético" nem autorizava ídolos, símbolos, retratos ou objetos na mesa ou no salão de serviço. O cruzeiro, a vela acesa ("*sempre sobre a mesa!"*[510](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#510)) e o rosário bastam[511](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#511), se Deus está no coração e a vontade é firme, como ensina a Escritura: "*Deus é espírito, e por isso os que o adoram devem adorar em espírito e verdade*"[512](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#512).

No mais, algumas flores, já que beleza é bom!

Canta um hino:

*"No cruzeiro tem rosário  
para quem quiser rezar,  
também tem a santa luz  
para quem quer viajar"*[513](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#513)*.*

http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/img/3-estrelas.gif

Trilharemos, pois, a partir daqui, os hinos que fundamentam e explicitam a doutrina daimista, como legada por mestre Irineu, tentando ver sentido onde na maior parte das vezes se expõem símbolos e analogias, para tentar superar o simbólico e rumar com mais segurança, se Deus ajudar, para o Ensinamento.

Devo frisar, todavia, que o que estaremos vendo e analisando é minha atual e pessoal forma de interpretação de sentido, a qual obedece a três princípios – coerência doutrinária em comparação com a Escritura (já que a doutrina daimista se afirma ser “a doutrina do Redentor”), coerência de ensinamento dentro do hinário ao qual o hino pertence e coerência de sentido com os hinos de outros hinários da base doutrinária – mas não esgota o conjunto de significados possíveis para os hinos: tais quais metáforas ou parábolas, pois muitos também o são, os hinos daimistas oferecem múltiplos entendimentos, conforme o olhar e a compreensão de quem os lê ou canta.

*O dedo aponta a lua; o sábio olha a lua, o tolo olha o dedo*, ensina o aforismo zen: então, o simbólico é necessário em algum momento, mas apenas até quando se possa se desvencilhar dele e adentrar a realidade à qual o mesmo símbolo aponta, seja qual for.

Mas "*o entendimento dos símbolos e dos rituais (simbólicos) exige do intérprete que possua cinco qualidades ou condições, sem as quais os símbolos serão para ele mortos, e ele um morto para eles.*

*A primeira é a simpatia; não direi a primeira em tempo, mas a primeira conforme vou citando, e cito por graus de simplicidade. Tem o intérprete que sentir simpatia pelo símbolo que se propõe interpretar. A atitude cauta, a irônica, a deslocada – todas elas privam o intérprete da primeira condição para poder interpretar.*

*A segunda é a intuição. A simpatia pode auxiliá–la, se ela já existe, porém não criá–la. Por intuição se entende aquela espécie de entendimento com que se sente o que está além do símbolo, sem que se veja.*

*A terceira é a inteligência. A inteligência analisa, decompõe, reconstrói noutro nível o símbolo (…) Não poderá fazer isto se a simpatia não tiver lembrado esta relação; se a intuição não a tiver estabelecido. Então, a inteligência, de discursiva que é, naturalmente se tornará analógica e o símbolo poderá ser interpretado.*

*A quarta é a compreensão, entendendo por esta palavra o conhecimento de outras matérias, que permitam que o símbolo seja iluminado por outras luzes, relacionado com vários outros símbolos, pois que, no fundo, é tudo o mesmo. Não direi erudição, como poderia ter dito, pois a erudição é uma soma; nem direi cultura, pois a cultura é uma síntese; e a compreensão é uma vida. Assim, certos símbolos não podem ser bem entendidos se não houver antes, ou ao mesmo tempo, o entendimento de outros símbolos diferentes* [514](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#514)*.*

*A quinta é a menos definível. Direi talvez, falando a uns, que é graça, falando a outros, que é a mão do Superior Incógnito, falando a terceiros, que é o Conhecimento e Conversação do Santo Anjo da Guarda, entendendo cada uma destas coisas, que são a mesma, da maneira como as entendem aqueles que delas usam, falando ou escrevendo*"[515](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#515).

Pois "*em nossa sociedade norteada pela ciência já não pensamos naturalmente em termos de imagens e símbolos. Desenvolvemos um modo de pensar mais lógico e discursivo. Em vez de observar os fenômenos físicos com olhos imaginativos, despojamos um objeto de todas as suas associações emocionais e nos atemos à coisa em si*"[516](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#516).

Recordo santo Agostinho: "*o homem temente a Deus procura diligentemente a vontade divina nas santas Escrituras* [pois] *toda ambigüidade da Escritura provém seja dos termos tomados em seu sentido próprio, seja dos termos tomados em sentido figurado* [e]*, na realidade, é para a alma uma escravidão de causar pena o tomar os signos pelas coisas e se sentir impotente de erguer o olhar da inteligência acima da criação temporal, a fim de enchê–la de luz eterna*"[517](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#517).

Como em "*Sol, Lua, Estrela*", hino que, a despeito de ser o 29o na seqüência recebida, imprime uma inflexão no hinário, como veremos, e, talvez por isso, inicia os serviços espirituais bailados nos quais se canta "*O Cruzeiro Universal*".

Nele, uma vez mais e como sempre, por amor a Deus, louva–se a Trindade e, não, os fenômenos naturais[518](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#518): não obstante já se ter escrito que este hino "*exalta os elementos da natureza como seres divinos, numa característica também presente nos rituais indígenas, onde os astros são entidades que governam os destinos dos homens"*[519](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#519), e que *"faz sentido respeitar o Sol, a Lua e as Estrelas porque nós somos filhos deles*"[520](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#520) (que perda de tempo, quem julgar encontrar tal clichê na doutrina daimista!), o que hinos e mais hinos e mais hinos da base doutrinária fazem é simbolizar o Pai ou o Filho como sol e a Imaculada Conceição como lua.

O que não é novo, aliás… A liturgia bizantina[521](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#521) canta nas *Matinas do Sábado Santo*: "*Assim como o sol surge depois da noite, todo radiante na sua luminosidade renovada, assim também Vós, Verbo, resplandecereis com um brilho renovado quando, depois da morte, deixardes o vosso leito nupcial*" [522](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#522); e as *Matinas de Páscoa* relacionam a Revelação cósmica com o acontecimento pascal de Cristo (a ressurreição), como canta uma estrofe: "*Cristo, nossa Páscoa, levantou–se do túmulo como um sol de justiça irradiando sobre todos nós o esplendor da sua caridade*".

Ou, como ensina santo Boaventura (1217–18(?)/1274), "*a alma não pode produzir obras vivas se não receber do Sol, isto é, de Cristo, o benefício do lume gratuito, e se não for acompanhada pelo patrocínio da Lua, isto é, da Virgem Maria, mãe de Cristo, e se não imitar o exemplo dos demais santos. Do concurso conjugado de todos produz–se na alma uma obra viva e perfeita*"[523](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#523).

*"Estrela d'alva, Vós me dá,  
sois divina, sois divina,  
sois divina em meu olhar.  
São felizes os passos meus,  
com certeza eu encontrar  
o dia, seu resplendor,  
é só quem eu devo amar"*[524](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#524):

não é o dia do tempo, no mundo, mas a Luz da eternidade, promessa do Cristo de Deus – *"só a quem eu devo amar"*–, nascido de Maria virgem, a aurora do Redentor[525](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#525)*.*

Ecoando o profeta, na Escritura: "*Para vós que temeis meu nome, levantar–se–á o sol de justiça, trazendo a cura em seus raios*" [526](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#526).

Por isso mestre Irineu ensina:

*"É a luz do firmamento,  
é só quem eu devo amar.  
É só quem eu devo amar,  
trago sempre na lembrança,  
é Deus que está no céu,  
aonde está minha esperança.  
A Virgem Mãe mandou  
para mim esta lição:  
me lembrar de Jesus Cristo  
e esquecer a ilusão.  
Trilhar este caminho  
toda hora e todo dia.  
O Divino está no céu,  
Jesus,* Filho de Maria*"*[527](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#527)*.*

ar  
o dia, seu resplendor,  
é só quem eu devo amar"[524](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#524)*: não é o dia do tempo, no mundo, mas a Luz da eternidade, promessa do Cristo de Deus –* "só a quem eu devo amar"*–, nascido de Maria virgem, a aurora do Redentor*[525](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#525).

Ecoando o profeta, na Escritura: "*Para vós que temeis meu nome, levantar–se–á o sol de justiça, trazendo a cura em seus raios*" [526](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#526).

Por isso mestre Irineu ensina:

*"É a luz do firmamento,  
é só quem eu devo amar.  
É só quem eu devo amar,  
trago sempre na lembrança,  
é Deus que está no céu,  
aonde está minha esperança.  
A Virgem Mãe mandou  
para mim esta lição:  
me lembrar de Jesus Cristo  
e esquecer a ilusão.  
Trilhar este caminho  
toda hora e todo dia.  
O Divino está no céu,  
Jesus,* Filho de Maria*"*[*527*](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#527)*.*

## de "Lua Branca" a "Cantar ir"

Mestre Irineu já recebera o primeiro hino de seu hinário anos antes de se estabelecer em Rio Branco, parece, e dar início à doutrina daimista.

Neste hino, "*Lua branca*", ele já apontava com sutil delicadeza o singelo culto mariano que se apresentaria em toda a doutrina daimista (no século em que se deu o dogma da Imaculada Conceição, em 1854, a aparição de Lourdes, em 1858, a aparição de Fátima, em 1917, e o dogma da Assunção, em 1950):

*"Tu sois a flor mais bela,  
aonde Deus pôs a mão.  
Tu sois minha advogada,  
ô, Virgem da Conceição"*[528](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#528)*.*

"*Aquela que, na 'noite' da expectativa do Advento, começou a resplandecer como uma verdadeira 'estrela da manhã', 'Stella matutina'. Com efeito, assim como esta estrela, conjuntamente à 'aurora', precede o nascer do sol, assim também Maria, desde a sua Conceição imaculada, precedeu a vinda do Salvador, o nascer do 'sol da justiça' na história do gênero humano*"[529](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#529).

(O trabalho de recobro de conteúdo uniformizou com a interjeição "*Ô*"[530](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#530) a grafia de vários hinos nos quais se invoca o Pai eterno ou a Virgem Mãe, para substituir a interjeição "Oh!", que sempre fora adotada de forma indistinta em centros daimistas de todo o Brasil, e reinstalar, assim, o tom intimista no diálogo humano com a divindade[531](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#531), presente nos hinos da doutrina.)

A partir deste, e por quarenta anos seguidos, mestre Irineu recebeu os 130 hinos que compõem "*O Cruzeiro Universal*", 129 com melodia e letra e um do qual decidiu não expor o conteúdo ('*hino sem letra*'), preservando apenas a melodia, por razões nunca bem explicadas: há quem diga que o hino prenunciava sua passagem, há quem afirme que apontava um futuro tão dolorido que ele mesmo teria suprimido a informação, fazendo recordar Jesus: "*Eu ainda tenho muitas coisas a vos dizer, mas, atualmente, não sois capazes de as suportar*"[532](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#532).

Curiosamente, no hino 52 ("*A febre do amor*") ele cantará "*Completei o meu cruzeiro com cento e trinta e duas flores; se tiver alguma demais*[533](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#533)*, Vós acrescente o meu amor*", ao que parece prenunciando o total de hinos de seu hinário, e no hino 97 ("*Centenário*") afirmará: "*completei um centenário no Cruzeiro Universal*".

Mas se seriam 132 e, em verdade, só foram registrados 130 (contando aqui o "*hino sem letra*"), o que é feito dos outros dois?

Conta dona Percília ter havido um hino chamado "*As três flores de Natal*", perdido na memória de quem o acompanhava desde o início e nunca registrado, e do 132o nada se menciona, exceto uma afirmação: "*o outro é um 'chamado' que está com ele, porque o outro é um chamado que eu até pedi para ele me ensinar, mas ele disse que não ensinava não, que a gente ia fazer com ele como fazia com hino, ficar assobiando, cantando por aí. Um 'chamado', de um lado é muito bom, mas, por outro, perigoso, porque as entidades, se chama elas vêm, e se não encontram nada para fazer 'metem o braço'! Assim, são as entidades divinas e o chamado delas… Olhe, nós temos hinos, mesmo dentro da 'linha de hinário', que não é bom a gente cantar assim à–toa. O 'Tucum' é um deles e ficar assobiando, assim, para aqui e para acolá, não é bom*"[534](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#534).

Outro depoimento parece reafirmar a versão: "*Ele disse: 'aqui dentro desse trabalho tem coisas que só eu sei e não pode mais ninguém saber*'. Ele disse: '*porque os chamados de cura eu só passei para dona Percília; tem mais alguém que saiba por aqui?' Eu disse: 'não, Senhor'. Ele disse: 'você sabe o 'Amansador'… que ela lhe ensinou…, tudo bem, mas não faça por diversão e nem cante como se canta um outro hino qualquer'. 'Não cante!, são os segredos daqui!'. Ele disse: 'eu passei só para ela porque, se eu ensinasse para outros, iam querer ficar cantando aquilo toda hora, como quem canta outro hino qualquer, e a pessoa adoece sem saber o porquê'. Ele disse: 'olhe o 'Tucum': em cântico da linha de baile ele é um hino comum, mas se o senhor canta em 'chamado', ele é um chamado forte, né? Se o senhor chamar três vezes ele é um chamado forte. E eu vou chamar uma 'autoridade' aqui, sem ter o que fazer?*"[535](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#535).

Deve–se lembrar que mestre Irineu ensinava que o hino "*Linha do Tucum*" era para ser cantado uma única vez nos serviços bailados[536](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#536), nunca se o duplicando e deixando para cantá–lo três vezes somente em serviços de mesa (ou "de cruzes") ou "*necessidade premente e grave de ajuda espiritual*"[537](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#537).

Como reforça um antigo daimista, "*se, por exemplo, a coisa 'tava braba', ele chamava o Amansador*"[538](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#538).

Mais ainda: se no hino 97 mestre Irineu canta "*completei um centenário no Cruzeiro Universal*", cadê os três que faltam para cem? Então vieram no início? De qualquer forma, parece ser "conta que não fecha" e nunca teremos certeza, provavelmente, mas talvez estivesse se referindo ao que já antevira, com os dois "perdidos" e o "*hino sem letra*", que só viria entre o 126 e o 127, na transição para a década de 70, pois há daimistas que miraram no astral – pelo dom da Graça – o que poderíamos chamar de "*sala de hinos*"[539](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#539), com os hinos destinados a quem os receberá no correr da vida…

Falando em destinação, uma moça estava no Acre como visitante quando foi interpelada pela senhora sentada a seu lado, no decorrer de um serviço bailado:

*– Qual é o seu nome?*

*– Silene.*

A senhora cerrou os olhos, fez um longo silêncio, sorriu e sussurrou

*– O seu nome não está nestes Mistérios…*

Provavelmente não estaria mesmo, pois ela é fiel e feliz adepta de casa kardecista, e lá se achava só para conhecer.

Os três hinos imediatamente seguintes ao primeiro, "*Tuperci*", "*Ripi*" e "*Formosa*" (no qual se elogia a beleza de "*Tarumim*"), centralizam–se em entidades caboclas ou encantadas de linhagem indígena, presentes no início do desdobramento da doutrina daimista mas logo substituídas pela focalização absoluta na Trindade.

O quinto hino, "*Refeição*", é o primeiro hino do Mestre que, recebido, tem orientação precisa: ao invés de ser cantado em serviços espirituais (à época ainda não existiam serviços bailados), é para antes e depois das refeições, com tempos verbais invertidos: se antes se canta "*Papai do céu, do coração, que hoje neste dia* ***é quem dá*** *o nosso pão, graças a Mamãe*", depois se canta "*Papai do céu, do coração, que hoje neste dia* ***foi quem deu*** *o nosso pão, graças a Mamãe*"[540](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#540).

(A inversão da letra, mas com alteração da pessoa verbal e não do tempo verbal, ocorrerá novamente quando, na estruturação da *Santa Missa*, mestre Irineu alterar a última estrofe de seu 9o hino, "*Mãe celestial*". No "*O Cruzeiro Universal*", canta–se: "*eu peço e rogo, ô, Mãe celestial, que* ***me*** *dê a salvação e* ***me*** *bote em bom lugar*"; na versão deste hino para a Santa Missa, canta–se "*eu peço e rogo, ô, Mãe celestial, que* ***te*** *dê a salvação e* ***te*** *bote em bom lugar*".)

À frente viriam três hinos também orientados, o 7o e o 14o, exclusivos para a Santa Missa, e outro, o 25o, para ser cantado apenas no encerramento do ano litúrgico daimista, ao término do serviço espiritual ao *dia dos Santos Reis*:

*"Ô, minha Virgem Mãe!  
Ô, Virgem Mãe de Deus!  
Olhai para mim,  
que eu sou um filho seu.  
Perdoai as minhas culpas  
pelo Vosso santo amor.  
Olhai para mim  
neste mundo pecador.  
Ô, minha Virgem Mãe,  
botai–me a Vossa bênção!  
Olhai para mim  
neste mundo de ilusão.  
Ô, minha Virgem Mãe,  
é Vós quem me dá a luz!  
Me dai a salvação  
para sempre, amém, Jesus.  
Ofereço estes cânticos  
que agora se cantou  
ao Rei e à Rainha  
do universo criador".*

Aos poucos, o convívio com a doutrina vai instilando comportamentos diários de louvor, gerando no coração e na mente de quem dela se aproxima práticas virtuosas e de devoção espantosamente simples e transformadoras: "*Eu vos darei um coração novo e porei em vós um espírito novo; tirarei de vosso corpo o coração de pedra e vos darei um coração de carne. Infundirei em vós o meu Espírito e vos farei caminhar segundo as minhas leis, guardar e praticar os meus costumes*"[541](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#541).

Esta, a importância fundamental de haver uma estrutura doutrinária consistente no serviço espiritual realizado dentro de estados de consciência expandida: frente aos próprios defeitos e limitações, bem como a conquistas e potenciais, e em meio a eventuais contatos com seres do astral, se houver, sejam desencarnados ou encantados, serviço após serviço cada irmão medita sobre os valores expressos pela doutrina, confrontando–se com tais valores para uma silenciosa avaliação de si mesmo e encontrando na própria doutrina, ou no que dela lhe vem, razão para continuar seguindo: "*portanto, tudo aquilo que quereis que os homens façam a vós, fazei–o vós mesmos a eles: esta é a Lei e os Profetas*"[542](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#542).

Ou não. Mas sempre em sua medida individual, em respeito à destinação pessoal e às vicissitudes encarnadas.

O sexto hino, antes da primeira menção explícita à Trindade, que só virá algo após, já se refere a "*Mamãe*", a Imaculada Conceição, na segunda pessoa do plural – "*é Vós quem me guia no caminho da salvação*".

Os hinos da base doutrinária, quando se dirigem à Virgem Maria, a Deus ou a Jesus, invariavelmente adotam como forma de tratamento o pronome "*vós*", da segunda pessoa do plural, consagrando a Trindade, que é o plural em Um: "*Vossos filhos*"[543](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#543), "*eu peço a Vós que não me despreze*"[544](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#544), "*Vós, como Mãe criadora*"[545](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#545) e até "*a minha Mãe ensina o Vosso Filho*"[546](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#546) ou "*todos seus Vossos filhos*"[547](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#547).

No oitavo hino mestre Irineu proclama "*A Rainha me mandou*", para, no 11o hino ("*Unaqui*", talvez corruptela de "*Um aqui*"[548](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#548)), sinalizar o mais delicado e complexo aspecto de toda a Mensagem:

*"Eu estou aqui,  
foi Deus do céu quem me mandou:  
sou Filho da Virgem Mãe,  
lá no céu, Jesus Cristo Salvador"*[549](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#549)*.*

Quem canta na garganta do Mestre: "*Sou Filho da Virgem Mãe, lá no céu, Jesus Cristo Salvador*"?

Quem, na verdade, "*canta*"?

São incontáveis os hinos, e em variados hinários, nos quais se constrói um vivo diálogo entre o "dono" do hinário, o irmão que o tenha recebido, e o Mestre – mesmo durante a estada de Raimundo Irineu Serra no mundo –, como a indicar Aquele que habitava mestre Irineu e por ele se manifestava, até mesmo em outros irmãos, canto–ensinando por meio deles.

De um lado, homem negro que nasceu em chão paupérrimo e dentro de uma família humilde; que colhia e quebrava babaçu, para sobreviver; que um dia quis casar, mas optou por oportunidades ao longe; que trabalhou duro com a terra e a plantação, tirando deles seu sustento; que apanhou e bateu, durante a vida e por profissão; que gostava de dançar e teve quatro companheiras, fecundando uma e com outra legalizando uma filha adotiva; que adoecia e se curava, com daime, ervas naturais ou remédios industrializados, e que um dia "se apresentou" a Deus Pai, como muitos de nós o faremos, já que "*as várias existências corporais do espírito são sempre progressivas e nunca retrógradas, mas a velocidade de progresso depende de nossos esforços por atingirmos a perfeição*"[550](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#550) e de nossa perseverança, nesta ou nas vidas subseqüentes, na obediência às virtudes: "*a alma aperfeiçoa–se em todas as virtudes e não deixa de continuar a crescer se não retrocede e volta a ofender a Deus. Neste caso, tudo se perde, por mais que uma alma tenha atingido o ápice. Não quero dizer que, concedendo Deus estas graças por uma ou duas vezes, resultem todos estes frutos. A alma deve perseverar em recebê–las, pois nessa perseverança consiste todo o nosso bem*"[551](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#551).

Nos limites de sua destinação e pela Graça de Deus.

De outro lado, uma manifestação do Verbo, um dia feito carne em Jesus de Nazaré pelo Espírito Santo, quando "*O Filho eterno quis unir–se a ele para que pudesse amar a Deus, fora de Deus, como Deus ama, para que pudesse ser Infinito, permanecendo finito, para que pudesse ser Deus no mundo, sem deixar de ser criatura. O Filho, expressão eterna e infinita do Pai, quis encarnar–se em Jesus de Nazaré, expressão temporal e finita do Pai e do Filho (…) Ele foi o primeiro na intenção de Deus, embora não tenha sido o primeiro na execução. Adão já era imagem de Cristo, pois foi pensando em Cristo que Deus moldou Adão (…) foi para possibilitar a realização do projeto de Deus que o ser humano foi excogitado e querido na eternidade e lançado no tempo. Jesus Cristo, Deus e homem, é o projeto divino totalmente realizado*"[552](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#552).

Deus Jesus.

Quando de meu começo de caminho daimista, aturdia–me a banalização da reencarnação: muita gente era "alguém" reencarnado – sempre santos ou conhecidos personagens bíblicos –, algo nunca mencionado no tempo em que mestre Irineu estava no mundo e que, após os anos 80, passou a parecer coisa encontradiça em qualquer parte: eis aqui o são João, aquele é o rei David, logo adiante a santa Bárbara e mais à frente o Salomão…

É que "*a presença de uma visão messiânica se aprofunda e fica mais complexa quando os seguidores de Sebastião Mota passam a associá–lo a São João Batista"*[553](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#553). Ou, como já se registrou, dentro da inconsistência conceitual de certa cultura nova-era, "*o padrinho Sebastião* [é identificado] *como a reencarnação da força de são João Batista, de onde derivam algumas concepções messiânicas e apocalípticas da doutrina*"[554](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#554).

(Reencarnação "da força"???)

Recordo–me de Alfredo Gregório de Melo, segundo filho do velho Mota, dizendo–me no "*Céu do Mapiá*":

*– Ih!, Luiz, aqui vem cada coisa! Teve até um rapaz que pediu uma conversa reservada comigo… para me informar que era a encarnação do Espírito Santo e estava aqui para orientar a comunidade! Eu apenas ouvi e pedi para ele tomar daime, para ver direitinho o que a gente devia fazer, então… Aí, ele não mais tocou no assunto e dias depois foi embora.*

Mas mesmo manifestações claras de tal espécie de delírio nunca eram desautorizadas institucionalmente, dadas as práticas de atração pelo exotismo, com o que se mantinham e até mesmo pareciam justificados comportamentos aberrantes, como o de um homem viver com três mulheres sob a alegação conveniente de ser "a reencarnação de Salomão" (com isso, acobertando o adultério incestuoso[555](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#555) e consentido com duas cunhadas, uma, em um dia propício, outra, algum tempo depois).

Voltando ao mestre Irineu e à necessidade de explicitar intenção, um pouco adiante ele diz "sim, eu quero"!

Momento fundamental, este, como para todos nós, pois para ser filho de Deus é preciso querer e fazer por merecer, não basta ser por existir.

Exorta o Cristo: "*Não basta me dizer: 'Senhor, Senhor!', para entrar no Reino dos céus; é preciso fazer a vontade de meu Pai, que está nos céus*"[556](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#556), indicando que a escolha virtuosa há de ser feita com o concurso ativo da consciência, para que, além de irmão – que todos o somos, razão pela qual não há mérito nisso –, se seja leal companheiro de caminho: "*um bom irmão, um bom cristão, um bom amigo*"[557](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#557).

Dizendo "sim" ("*eu quero ser*"), no hino 15 mestre Irineu assume:

*"Eu quero ser filho do meu Pai,  
da minha mãe, com meus irmãos  
que me acompanham, amar a Ele  
de todo o meu coração,  
seguindo nesta estrada  
com a verdade na mão".*

"*Conhecereis a verdade e a verdade fará de vós homens livres*", prega a Escritura[558](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#558).

E no hino seguinte sinaliza sua "*professora*", a Virgem da Conceição, padroeira de sua missão ou, como já sugeriu frei Boff, "*o rosto materno de Deus*":

*"A minha mãe é a santa Virgem,  
Ela é quem vem me ensinar,  
não posso viver sem Ela,  
só posso estar onde Ela está".*

Pois, "*na ordem por ele estabelecida, quer Deus que todas as graças concedidas aos homens cheguem a nós por Maria. Por isso, conhecer e amar nossa Senhora é descobrir o sentido verdadeiro de todas as coisas, é atingir a sabedoria. Sem Maria, nosso conhecimento de Cristo será puramente especulativo. Mas em Maria esse conhecimento se torna experiência, pois ela possui na plenitude a humildade e a pobreza, sem o que não se pode chegar ao conhecimento de Cristo*"[559](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#559).

Para, porém, no mesmo hino, admoestar quem o ouvia:

*"Ninguém trata de aprender,  
só se levam na ilusão,  
aqui mesmo, neste mundo,  
está no mar da escuridão"*[560](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#560)*.*

Contra a escuridão, Deus é amor e consciência e consciência é luz. Luz de conhecimento, luz de cura, luz de amor. A luz que todos buscam, encarnados e entes espirituais, para conhecer e expelir o que de mal ainda resida, na ausência do santo amor de Deus – só porque Dele nos ausentamos –, o amor que nos redime da separação e da diferenciação, por isso o medo, de nós mesmos e uns dos outros.

"*Amar alguém, propriamente, é querer para ele o que é bom. Eis porque amar a si próprio é querer para si o que é bom. E assim, na medida do possível, procura unir–se àquele bem. Neste sentido, o amor é chamado 'força de união' (…) Amar outro, porém, é querer o que é bom para ele. Assim, o trata como a si mesmo, referindo bem a ele como a si próprio. É neste sentido que o amor se chama 'força de coesão', porque aquele que ama integra o outro a si próprio, comportando–se com ele como consigo mesmo*"[561](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#561).

Com este duplo propósito, vemos repetidos chamamentos em toda a doutrina daimista, exortando à união e coesão. Como canta um hino, "*é por isso é que Ela quer que nós sejamos todos unidos*" [562](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#562): unindo–te a ti mesmo, ao soldar tuas fraturas, e ao outro, ao relativizar as diferenças entre ti e ele, "*amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu pensamento, e o teu próximo como a ti mesmo*[563](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#563)".

Entenda, a doutrina indica, são dois níveis distintos e simultâneos de operação integrativa na edificação para a salvação: uma, a união externa, com coesão aos irmãos, respeitosa e companheira; outra, a união interna, com superação das cisões em si mesmo, para congruência e integridade. Ou, se preferir, "*inteiridade*"[564](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#564).

Por conseguinte, são vários os hinos nos quais o conteúdo recobrado afirma "*e nem unid****o*** *ao meu irmão*"[565](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#565), "*estejam em pé, firm****e***"[566](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#566) ou "o*s que forem obedient****e***"[567](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#567). Não são erros de grafia, próprios de homens e mulheres analfabetos ou mal alfabetizados, que uma mão pressurosa deva corrigir! É o chamamento direto a cada um, já que a responsabilidade pessoal pela salvação, individual e intransferível, os erros ao cantar, acumulados em décadas, pareceram atenuar…

Enquanto brotava a doutrina daimista, replantio mariano da doutrina cristã, a vida de mestre Irineu seguia corriqueira – "*as primeiras necessidades da vida são: água, pão, roupa e uma casa, para resguardar a intimidade*"[568](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#568)– fazendo de sua prática o que ele repetidamente ensinava: "*ninguém deve viver de daime ou viver só para tomar daime; é preciso trabalhar, estudar, cuidar da família, desempenhar o dever e viver tudo o que a vida dá, sempre com alegria, pois tudo é parte de Deus. Neste jeito de ser, não sabe?, os dias de serviço servem para aprumar o irmão, ajudar nos seus estudos, corrigir o que está errado e caminhar um pouco mais para a salvação, se Deus quiser*"[569](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#569).

Como cantam os hinos:

*"Manda nós se corrigir  
e ter toda consciência,  
para ver o que é preciso  
para nossa existência"*[570](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#570)*.*

e

*"Eu vim para este mundo  
replantar a santa flor,  
com amor no coração,  
com Jesus Cristo Redentor.  
Botou–me no caminho  
e eu tomei a direção,  
doutrinar os meus irmãos  
e Vós me dá o santo perdão.  
A minha Mãe disse para mim  
para eu seguir neste destino  
como mestre ensinador,  
dominador dos ensinos.  
A força está comigo  
e a doutrina está firmada.  
Quem quiser correr que corra  
e quem quiser pular que salte"*[571](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#571)*.*

Já que, voltando à disciplina, ela não serve apenas à boa realização dos serviços: ela é fundamental à organização interna de cada qual, no trabalho de rememorar, integrar e transcender as estruturas de maturação pessoal no arco para fora e, depois, no arco para dentro, signo a signo, símbolo a símbolo, memória a memória, avaliando–se e buscando corrigir o que for contrário às virtudes.

Canta mestre Irineu:

*"Minha Mãe, minha Rainha,  
com amor ninguém não quis.  
Apanhar para obedecer  
na estrada para seguir.  
Mestre bom ninguém não quis  
e não souberam aproveitar.  
Apanhar para obedecer,  
para poder acreditar"*[572](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#572)*.*

Fácil é afirmar que a disciplina é rígida, para não se disciplinar, quando tal rigidez só é sentida por quem se rebela: impulsos, fantasias, mágoas, descomedimentos ou preferências pessoais – e até mesmo orientação espiritual divergente – se negam a obedecer e manifestam comportamento destoante, requerendo disciplina ou afastamento, se for esta a escolha do irmão.

Deve ser salientado, porém, que a disciplina a que todos os hinos se referem é a "disciplina da vida", justa professora no decurso da própria existência: "*temer o Senhor é odiar o mal*"[573](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#573), pois "*quem me ofende* [à Sabedoria] *fere–se a si mesmo*"[574](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#574).

"*Viva é a palavra de Deus, eficaz e mais incisiva do que qualquer espada de dois gumes. Ela penetra até dividir a alma do espírito, as articulações das medulas. Ela joeira as intenções e os pensamentos do coração. Não há criatura que se lhe esquive à vista, a seus olhos tudo está desnudo, tudo subjugado por seu olhar. A ela é que devemos prestar contas*"[575](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#575).

A disciplina[576](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#576) nos serviços é apenas semelhança do que internamente se almeja, pela simultaneidade inter–relacional dos níveis envolvidos: disciplina doutrinária, disciplina ritualística, disciplina no convívio grupal ou social e disciplina nos aspectos interiores de si próprio, rumo ao coração e a Deus.

"*Disciplina severa para quem abandona o caminho! Quem odeia a advertência morrerá* [para a vida eterna]"[577](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#577), já que "*tivemos como educadores nossos pais terrenos e lucramos disso um bom proveito; com mais razão não havemos de nos sujeitar ao pai dos espíritos e receber dele a vida? Pois eles nos corrigiam por um tempo, de acordo com suas impressões; quanto a ele, é para nosso proveito, com vistas a nos comunicar sua santidade. No momento, toda correção parece não ser motivo de alegria, mas de tristeza. Mas, depois, ela produz, naqueles que assim exercitou, um fruto de paz e de justiça*"[578](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#578).

Canta um hino:

*"A todos eu avisei,  
mas ninguém quis acreditar,  
quando chegar a disciplina  
ninguém tem de reclamar.  
Foi minha Mãe que me mandou  
para mim vir ensinar,  
trazer a santa luz  
para todos enxergar.  
Mas ninguém não quer prezar  
os ensinos que eu dei,  
quando estiverem chorando  
não digam que enganei"*[579](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#579)*.*

Algo antes, mestre Irineu já havia mencionado a dúvida, companheira constante de quem busca:

*"Vós me queira perdoar,  
que eu pequei por inocente*[580](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#580)*,  
porque não tinha certeza  
do nosso Deus onipotente"*[581](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#581)*.*

No hino 20, então, conseqüência da dúvida, pela primeira vez mestre Irineu menciona o medo em seu hinário ("*temer*"):

*"A minha Mãe, eternamente,  
foi quem me mandou seguir.  
Não temer este caminho,  
para adiante eu ser feliz.  
Jesus Cristo me mandou,  
para sempre amém, Jesus,  
não temer este caminho,  
Deus foi quem deu esta luz.  
Todos–seres me rodeiam,  
foi quem me mandou seguir  
para ser eternamente,  
sempre assim eu sou feliz".*

Medo, o sentimento que acompanha toda transformação, paralisa a superação de hábitos e até mesmo aborta a evolução, caso não haja confiança no caminho adotado.

Recordo uma madrugada, ao fim de um intenso serviço espiritual, bem ao início de meu caminho daimista, quando uma moça foi atalhada pelo dirigente:

*– Puxa, às vezes me dá um medo…*

*– Deixe disso! Nunca tenha medo! É falta de fé…*

De imediato intervim, voltando–me do dirigente à irmã:

*– Olhe, eu penso de outro jeito… Não negue o seu medo, moça, se ele existe, mas não se deixe paralisar por ele. Use–o como um auxiliar, acolha–o, examine–o e procure descobrir–lhe o fundamento: trata–se de risco real ou só de desconfiança? Até o mestre Irineu sugere prudência no caminho pela espiritualidade e por dentro de nós mesmos…*

E cantei–lhe um trecho de hino: "*Vou seguindo os meus passos* [582](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#582)*, se eu achar firmeza eu vou*"[583](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#583).

Pois "*Ele ensinava que a fé em Deus é o cuidado e o zelo: 'não facilitem não, achando, ah!, porque eu tenho fé em Deus eu posso fazer isso ou aquilo'… Ele dizia que a fé em Deus era o cuidado e o zelo, a cautela e a prudência*"[584](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#584).

E nem poderia ser de outro jeito, já que as formas até então adotadas pelo ego para lidar com a realidade se tornam precárias em um estado de consciência expandida e a própria noção de mundo se abala no Caminho do Retorno, gerando insegurança. E, quando mais não fosse, no próprio astral é muito fácil se confundir ou ser confundido, por si mesmo e por desencarnados e encantados…

"*Às vezes dificilmente se poderá distinguir quais as palavras ditas pelo espírito bom e quais as provenientes do mau*"[585](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#585).

Todavia, se há fé no Caminho e confiança na fidelidade de Deus, a prudência é inestimável professora na tarefa de superar limites pessoais, rumo a conhecer Deus, na alma, e servi–Lo melhor à espera da Graça, como se vê na Escritura: "*Meu filho, conserva a prudência e o discernimento, sem jamais perdê–los de vista. Eles serão vida para a tua garganta e ornamento para o teu pescoço. Assim caminharás com segurança e teu pé não tropeçará. Quando te deitares, não terás sobressaltos e, uma vez deitado, suave será teu sono. Não temerás nem pavor repentino nem a investida dos maus, quando vier, pois o Senhor será tua segurança e da cilada livrará teus passos*"[586](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#586).

Para santo Agostinho, as quatro "virtudes cardeais" são a justiça, a temperança, a força (de ânimo) e a prudência[587](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#587).

No hino seguinte, mestre Irineu retorna a um conceito já surgido no anterior: "*Todos–seres*". Antes, ele cantara:

*"Todos–seres me rodeiam,  
foi quem me mandou seguir  
para ser eternamente,  
sempre assim eu sou feliz"*[588](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#588)*.*

Neste, o 21o, ele retoma:

*"A minha mãe que me ensinou  
dentro do meu coração,  
é quem me dá esta verdade  
para expor aos meus irmãos.  
Piso firme e sigo em frente,  
não devemos esmorecer,  
para ser eternamente  
sou filho de Todos–seres".*

(O trabalho de recobro de conteúdo derrubou o "eu" que aqui ou ali se cantava em "para eu expor aos meus irmãos", já que é a Virgem Mãe quem expõe[589](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#589), no correr da missão mariana, em obra da Graça).

E aqui dou outro exemplo de quanto o trabalho de estudo dos hinos, para recobro de conteúdo, levado a cabo entre 1995 e 2000 em Rio Branco e junto ao grupo que eu dirigia, trouxe de volta a precisão de trechos de hinos alterados com o tempo, a memória corrompida e o hábito, nos reapresentando a Mensagem com limpidez.

Hinários impressos ou manuscritos e distribuídos aqui ou ali, para dar suporte aos ensaios e ao canto coletivo nos serviços bailados, grafavam: "sou filho de todos **os** seres". Ora, o hino 20 era explícito: "*foi* ***quem*** *me mandou seguir*". Pelo "***foi*** *quem me* ***mandou***", trata–se então de um "ente", o que seria reafirmado no hino seguinte, "*sou filho* ***de****…*". Desta forma, não poderia ser "filho de todos **os** seres", no plural, versão surgida do panteísmo que aqui ou ali peleja para ficar.

Contudo, havia uma sutileza a ser preservada: quando mestre Irineu canta "*Todos–seres me rodeiam*"[590](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#590), trata–se do plural devido às três Pessoas de Deus Uno e Trino – por isso "*foi quem*", no singular, embora seja "*rodeiam*", no plural…

Um aspecto curioso dos hinos nos hinários é que muitos mesclam ensinamentos atemporais, próprios do desenrolar do arco para dentro, "rumo" a Deus, com alusão a fatos que estão ocorrendo no seio da irmandade ou na vida pessoal de quem os recebe, como chamando a atenção para os aspectos objetivos do indivíduo ou do grupo que estejam inarmônicos com os valores verdadeiros do plano da salvação, as virtudes.

No hino seguinte, então, o dúplex[591](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#591) que canta em mestre Irineu expõe o amor exigente do Cristo de Deus, questionando com firmeza a irmandade que à época se congregava à sua volta:

*"Porque todos não cumprem  
com o dever e a obrigação?  
Conhecer esta verdade,  
para chamar meu irmão.  
Na presença todos são,  
na ausência aqui deixou.  
Não se lembram da firmeza  
e da palavra que jurou.  
Não cumprindo este dever,  
está fora da união.  
Não são firme a meu Deus,  
nem leal ao meu irmão.  
Só existe é fingimento,  
fraqueza no coração.  
Não são firme a meu Deus,  
nem unido ao meu irmão.  
Não cumprindo este dever  
é melhor se retirar,  
que não é traço de baralho,  
é melhor não vir pra cá,  
que aqui é muito sério,  
é preciso respeitar"*[592](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#592)*.*

Ao contrário do que se poderia supor, já que alunos buscam aprender e ninguém os obrigou a ir à escola, foram lá porque quiseram!, a luta é incessante entre o Mestre e seus discípulos – e isto se dá em qualquer indivíduo ou grupo humano empenhado em se trabalhar –, já que aspectos inconscientes conflituosos e os entes espirituais que acompanham toda pessoa relutam em admitir a liderança de que necessitam e o caminho a percorrer em seu trabalho de união e coesão, para conhecer Deus.

Não basta freqüentar, não é suficiente comparecer: há que construir um firme compromisso com o Caminho e, nestes momentos, o que haja de negação a si e a Deus se manifesta, às vezes de forma direta e em contraste, outras vezes de modo furtivo e sabotador.

Canta um hino:

*"A escola está criada,  
para quem quiser aprender,  
obedecendo ao nosso mestre  
e ao seu divino poder"*[593](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#593)*.*

Depois, pela primeira vez e com absoluta clareza, a analogia simbólica entre o Senhor e o sol se estabelece no hino 27, especialmente na última estrofe – dois hinos antes do "*Sol, Lua, Estrela*", o qual comentei antes e veremos adiante –, marcando com precisão as horas do *Angelus Domini*, que são as tradicionais horas de oração (06:00, 12:00 e 18:00) dentro das práticas de louvor à Virgem Maria, Imaculada Conceição, como registrado desde 1318, quando o Papa João XXII aprovou o costume:

*"Seis horas da manhã,  
eu devo cantar  
para receber  
a meu Pai divinal.  
Ao pino de meio–dia,  
a luz do resplendor,  
eu devo cantar  
a meu Pai criador.  
Seis horas da tarde,  
o Sol vai se pôr,  
eu devo cantar  
a meu Pai salvador.  
A terra é quem gira  
para mostrar  
toda a criação  
a meu Pai divinal"*[594](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#594)*.*

A estreita relação com o sol balizaria toda a vida de mestre Irineu: batizados no alvorecer[595](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#595), a frente da sede de serviço e das casas voltada para o oriente[596](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#596), o primeiro louvor[597](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#597) e o cozimento do daime ao nascer do sol[598](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#598) (razão pela qual os preparativos do feitio[599](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#599) têm início no correr da madrugada).

### Feitio de daime



*– Ele tinha o hábito de rezar numa certa hora do dia, ou de manhã ou no fim da tarde?*

*– Concentrar, às cinco horas da manhã. Ele tinha lá um local em que ficava concentrado, mas com sol… Ele dizia: 'eu vou rezar', e ele rezava bastante, sem daime, e não gostava de atender ninguém antes de fazer essas concentrações. Ele já tinha o hábito de fazer aquilo tão certinho, que levantava e ia para o cantinho dele; se chegasse gente, fazia que não estava nem dando trela. Ele dizia que 'as casas tinham que ser sempre de frente para o sol, para pegar o sol da manhã '*[600](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#600)*.*

Por fim, antes de receber "*Sol, Lua, Estrela*" e determiná–lo como a "chave de abertura" dos serviços bailados nos quais se canta o hinário "*O Cruzeiro Universal*" – pois se canta os hinos 29 e 30 entre eles e, a seguir, o primeiro hino do hinário, dando início ao serviço –, mestre Irineu se diz professor:

*"Eu quero cantar ir,  
que me ensina eu seguir,  
sou eu, sou eu, sou eu,  
sou eu, sou bem feliz.  
O divino Pai eterno,  
quem me deu este poder,  
de ensinar as criaturas  
a conhecer e compreender.  
A Virgem Mãe me deu  
o lugar de professor,  
para ensinar as criaturas  
conhecer a ter amor.  
Jesus Cristo me mandou  
para eu viver aqui.  
Sou eu, sou eu, sou eu,  
sou eu, sou bem feliz"*[601](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#601)*.*

(O trabalho de recobro de conteúdo substituiu a forma até então generalizada, "*conhecer e ter amor*", pela forma original, "*conhecer a ter amor*"[602](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#602), de estrutura gramatical esdrúxula mas precisa: trata–se de conhecer o que é amar.)

Nele, mestre Irineu estabelece, além de seu feliz magistério, a distinção entre "*conhecer*" e "*compreender*": independente de quão ativo foi o indivíduo na busca, para conhecer basta o que há por ser conhecido ser apreendido pela consciência; já compreender, cobra o trabalho de entendimento do que foi conhecido ou conscientizado.

Veja o que canta um hino:

*"Para amar e ter amor  
é preciso conhecer  
Deus em sua mente,  
Deus é seu saber"*[603](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#603)*.*

"*Conhecer*", porque Deus pode ser conhecido na alma, embora nunca compreendido em Seu mistério.

Contudo, graças a Deus, na depuração para a salvação, parte importante da realidade espiritual, na consciência expandida e por efeito da Graça, é revelada ao intelecto para ser compreendida, se a estudarmos: Graça e pessoa humana juntas, no movimento simultâneo da Criação que "desce" e da criatura que "sobe", ambos pelo Espírito Santo.

No hino, mestre Irineu reafirma sua destinação e publica sua feliz obediência à missão de "ensinar", que já era patente vários hinos antes, quando ele cantara:

*"Ô, minha Virgem Mãe!  
Ô, Mãe do coração!  
Eu vivo nesta escola  
para ensinar os meus irmãos"*[604](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#604)*.*

Uma vez mais discriminando para separar, pois "ensinar" tem por raiz etimológica "*insignare*", termo latino com o sentido de "*pôr uma marca*", "*distinguir*", "*assinalar*", deixando pressupor, portanto, que ao meio dos caminhos ou ensinos – e são tantos… –, há um, específico, a ser ensinado, conforme à Tradição de quem o prega ou à destinação de quem o necessita, razão pela qual Mestre Irineu desaconselhava com veemência a prática de proselitismo, como respeito à destinação doutrinária de cada um.

salvação, parte importante da realidade espiritual, na consciência expandida e por efeito da Graça, é revelada ao intelecto para ser compreendida, se a estudarmos: Graça e pessoa humana juntas, no movimento simultâneo da Criação que "desce" e da criatura que "sobe", ambos pelo Espírito Santo.

No hino, mestre Irineu reafirma sua destinação e publica sua feliz obediência à missão de "ensinar", que já era patente vários hinos antes, quando ele cantara:

*"Ô, minha Virgem Mãe!  
Ô, Mãe do coração!  
Eu vivo nesta escola  
para ensinar os meus irmãos"*[*604*](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#604)*.*

Uma vez mais discriminando para separar, pois "ensinar" tem por raiz etimológica "*insignare*", termo latino com o sentido de "*pôr uma marca*", "*distinguir*", "*assinalar*", deixando pressupor, portanto, que ao meio dos caminhos ou ensinos – e são tantos… –, há um, específico, a ser ensinado, conforme à Tradição de quem o prega ou à destinação de quem o necessita, razão pela qual Mestre Irineu desaconselhava com veemência a prática de proselitismo, como respeito à destinação doutrinária de cada um.

## de "Sol, Lua, estrela" a "Princesa Soloína"

"*Sol, lua, estrela*" é o primeiro hino a ser cantado em todo serviço bailado com "*O Cruzeiro Universal*", embora seja o 29o no hinário:

*"Sol, lua, estrela,  
a terra, o vento e o mar.  
É a luz do firmamento,  
é só quem eu devo amar.  
É só quem eu devo amar,  
trago sempre na lembrança,  
é Deus que está no céu  
aonde está minha esperança.  
A Virgem Mãe mandou  
para mim esta lição:  
me lembrar de Jesus Cristo  
e esquecer a ilusão.  
Trilhar este caminho  
toda hora e todo dia.  
O Divino está no céu,  
Jesus, Filho de Maria".*

De imediato após, mestre Irineu canta o trigésimo:

*"Devo amar aquela luz,  
o Divino, aonde está,  
para ser um filho Seu  
no coração eu devo amar.  
No coração eu devo amar a luz.  
A Virgem Mãe foi quem me deu,  
para ensinar os meus irmãos,  
para ser um filho Seu,  
para ser um filho Seu de amor.  
No coração, este primor.  
Conhecer esta verdade,  
Deus do céu foi quem mandou.  
Deus do céu foi quem mandou a luz"*[605](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#605)*.*

Qual luz? A luz do sol? Da lua? Das estrelas? De uma vela?

Certamente não, até porque estas, todas, são semelhança:

*"As estrelas pequeninas,  
sua luz incandescente:  
só Deus, só Deus,  
só Deus onipotente"*[606](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#606)*.*

Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo: tudo luz.

Pois a trilogia "sol–lua–estrela", antes de se referir a fenômenos naturais, no ***Novo Testamento*** simboliza a totalidade da iluminação cósmica – "*o quarto anjo tocou a trombeta: um terço do sol, um terço da lua e um terço das estrelas foram atingidos*"[607](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#607)– e esta iluminação vem desde o ***Antigo Testamento*** como atributo de Deus: "*Senhor meu Deus, és tão grande! Vestido de esplendor e de brilho, revestido de luz como um manto, estendes os céus como um toldo*"[608](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#608).

(Na obra de mestre Irineu, também a Luz das aparições de Maria: "*a Virgem mãe foi quem me deu*".)

E aí, por espantoso que possa parecer, frente a todo o caminho já vencido, no próximo hino mestre Irineu afirma estar principiando a escada que o levará a conhecer Deus, pelo amor de Deus, nem que para tanto demore uma vida:

*"Pisei no primeiro degrau  
para seguir com firmeza,  
dentro do meu coração,  
ô, primor!, tanta beleza"*[609](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#609)*.*

Será por isso que os dois hinos anteriores dão início aos serviços espirituais com "*O Cruzeiro Universal*"? Talvez, já que, afinal, os hinos 29 e 30 são a "chave" do hinário, como ele mesmo sempre ensinou, e no 31o ele "*pisa no primeiro degrau*".

De qualquer maneira, parece que a partir daqui se acentua a "subida", numa firme inflexão do movimento após o primeiro degrau…

Para tanto, o próximo hino canta:

*"A Rainha me chamou  
para eu seguir com ela,  
para eu amar com firmeza,  
para eu ser um filho dEla.  
Para eu ser um filho dEla,  
ter força para ensinar,  
o divino Pai do céu,  
o que eu pedir Ele me dá"*[610](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#610)*.*

Aqui ocorre algo: pela primeira vez, entre todos os hinos já recebidos, mestre Irineu é "chamado" pela Rainha. Até aqui, ele cantara "*a Rainha me mandou*", "*a Rainha me ensinou*" ou "*a minha Mãe me acompanhou*", mas aqui ele é chamado a seguir Maria! Não mais o papel relativamente passivo de quem obedece, é ensinado ou acompanhado, mas o vivo chamamento que requer engajamento ativo, se seguir for a escolha de quem é chamado.

"*Amar com firmeza*"! Linda expressão, e tão necessária!, frente às flutuações do coração e da mente de quem pensa amar, arrebatando o ser para novo "amor" assim que minimamente desgostado ou insatisfeito[611](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#611)!

Canta um hino:

*"Um amor sem firmeza  
é um fogo sem calor,  
é um pensamento fraco,  
é um corpo sem valor"*[612](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#612)*.*

E também pela primeira vez mestre Irineu assume explícito a necessidade de receber "*força*" para cumprir sua missão, que é a de ensinar – e remir, para a salvação, veremos bem adiante –, como a indicar a percepção de um esforço além do que lhe parece possível ou do que é seu estágio atual, não fosse a intervenção de Deus, que pela Graça dará esta força, se pedida e merecida for.

Para, no hino seguinte, com alegria, bradar:

*"Papai velho e Mamãe velha,  
Vós me dê o meu bastão.  
Sou eu, sou eu, sou eu,  
com a minha caducação.  
Até que enfim, até que enfim, até que enfim  
eu recebi o meu bastão,  
pude me levantar  
com a minha caducação.  
Reduzi meu corpo em pó,  
o meu espírito entre flor.  
Sou Eu, sou Eu, sou Eu,  
filho do Rei de amor"*[613](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#613)*.*

A força veio!, foi possível erguer a si mesmo, será possível continuar o caminho, *lembrando que "caducação" é expressão regional para "teimosia*".

Antes de prosseguir, devo frisar que, como o intervalo entre um hino e outro, no processo de recebimento de um hinário, é indefinível, já que sempre é ato soberano da Graça, a seqüência que vimos até agora se desdobrou no correr de anos.

Estamos assistindo, por decorrência, a um processo de lento maturar, em meio às atividades do cotidiano mundano e comum, como se dão também os efeitos dos serviços espirituais para quem persevera: ano após ano, os mesmos e iguais hinos cantados vão se desdobrando em mais conhecimento e compreensão, a cada vez que uma tradução perde sentido ou se consegue transformar a estrutura profunda em que se está, "saltando" de nível de integração e conhecendo mais, signo a signo, símbolo a símbolo, memória a memória.

O processo é o de conhecer e compreender a si mesmo rumo a Deus, desdobrando a memória para se avaliar e se corrigir; o hinário é a baliza que suporta e delimita o trabalhoso caminho interno onde isto se dá.

Todos contam que mestre Irineu nunca deixou de trabalhar, mesmo quando já era bastante idoso e nem precisava: "*trabalhou muito, mas sempre no duro, no braço. É no machado, é no terçado, é na picareta, é na enxada, é nessa estória toda aí… Ele foi carpinteiro, aprendeu a profissão. Carpinteiro de mão cheia, não para ganhar dinheiro com aquilo, mas para fazer o servicinho dele. As casas dele, ele é quem construía. Mantinha as ferramentas dele, boas. Tem muita peça feita por ele, não marceneiro de móveis, porque aí já é outro campo, mais especializado; carpinteiro é mais grosso, marceneiro já é coisa mais fina. Ele trabalhava para ele, pegando os outros como auxiliar, mas ele era 'o da frente': esses cortes que é preciso ter, ele fazia e gostava de trabalhar com o serrote. Pouca gente sabe disto, acha que ele foi só seringueiro ou só agricultor; passou por isso tudo, mas era também carpinteiro, aprendeu essa profissão*"[614](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#614).

"*Ele sabia trabalhar em carpintaria e seguramente sabia como poucos, porque todos os serviços que ele fazia, Ele fazia sempre com perfeição. Claro, tudo dentro da sua simplicidade, os bancos da casa dele eram simples e até a cadeira onde ele sentava era uma cadeira simples. De certa forma meio rústicos, mas bem empregados os recursos: uma boa plaina, um serrote bem cuidado, uma madeira bem tirada para um banco bonito e reforçado, e ali estava o banco de um homem de vergonha. Ele até dizia que, 'quem fazia serviço porco, o serviço parecia com a cara de quem tinha feito'"*[615](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#615).

Junto com o trabalho corriqueiro e os serviços de evangelização, o contínuo atendimento a quem o procurava para cura e salvação, em potentes serviços espirituais.

"*Uma vez eu segurei uma violenta… Foi um dia de manhã, nós estávamos na casa dele, umas oito horas, por aí, e vinha um pessoal lutando com uma mulher, parecia assim uma vaca brava mesmo, quando ela dava os esturros o cabelo da gente arrepiava! Ele perguntou o que era e eu falei: 'vem um povo ali trazendo uma mulher, não sei se está bêbada'. 'Não, disse ele, isso não é bebida, isso é outra coisa'… Nisso, vem o pessoal pelejando até que entraram pelo portãozinho: 'Mestre, eu queria que o Senhor me valesse, essa mulher está em situação difícil, quer matar todo mundo, até os filhos, já tentamos de tudo e não deu certo'. Daí, ele chamou dona Percília para fazer uma mesa de cura para aquela mulher. 'Daniel, segura a mulher'. Eu queria que o pessoal mesmo segurasse, que já estava tudo sujo, tudo melado, e eu todo limpinho, mas eu agarrei ela. Quando ele começou a rezar, concentrado, ela parou. Quando terminou a mesa, ela estava dormindo, e aí nós a levamos para a cama. Ele disse para o marido dela: 'venha buscá–la às três horas'. 'Dona Percília, a senhora tome conta dessa mulher e não lhe conte nada do que aconteceu com ela; se ela perguntar, disfarce…' Aí, quando foi perto desse horário, ela acordou e disse que queria ver os filhos, me lembro que eu a vi em pé, na porta. Dona Percília respondeu que o marido já ia chegar e levar para ver os filhos e ela foi embora, mas foi uma das coisas mais feias que eu já vi – e olhe que eu não sou muito frouxo, mas segurei foi muito…*"[616](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#616).

Os dois hinos seguintes são explosões vibrantes de júbilo devocional:

*"Estrela brilhante,  
Vós sois a minha luz!  
É a Virgem Maria  
e o Menino Jesus.  
O Menino Jesus  
nasceu para ensinar.  
Cumprir Vossa missão,  
para remir e salvar.  
Para remir e salvar,  
ninguém Vos conheceu.  
Ganhou o Vosso nome  
depois que Vós morreu.  
Depois que Vós morreu,  
todo mundo tem amor,  
depois que assassinaram  
o mestre ensinador"*[617](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#617)*.*

e

*"Vou chamar a santa estrela  
para Vós vir me guiar,  
iluminar meu pensamento  
ao oceano beira–mar.  
A profundeza que Vós tem,  
consenti–me eu entrar,  
para eu ver tanta beleza,  
para mim acreditar.  
Ô, divino Pai eterno,  
Senhor de todo primor,  
dai a luz ao Vosso filho,  
aquele que procurou.  
A Rainha, minha Mãe,  
que me mandou eu cantar  
e ensinar os meus irmãos,  
aqueles que procurar"*[618](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#618)*.*

Em momentos assim, para quem já participou de um serviço bailado com "*O Cruzeiro Universal*", o salão se enche de brilho e amorosa alegria, com o tom e o andamento dos hinos subindo um pouco, para o louvor ser mais radiante!

Mas como o ensinamento é ininterrupto, pois para isso veio a Mensagem, devemos nos deter um pouco no ensino apresentado e não ficar só no júbilo.

O primeiro deles justapõe Jesus e Maria – "*É a Virgem Maria e o Menino Jesus*": Maria e Jesus são, ambos em Um só, a Estrela.

"*A coroa… mas que profundezas nos metemos a sondar, ó filhos meus? Se tudo que da natureza passa às mãos de Deus se torna objeto da sua onipotência, se todos somos reis, e somos coroados, se em nós refulgem raios, em Maria descansa o sol. Se para uns correm as águas das fontes, em Maria se despeja o mar. Se alguns têm a participação medida, Maria tem a soberania absoluta, de tal modo que as coroas de graça que cingem a sua fronte correspondem à esplêndida manifestação da coroa de glória que a espera no céu*"[619](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#619).

Além disso, explicita a missão de Jesus como "ensinar, remir e salvar".

No segundo deles, mestre Irineu chama a santa estrela para que o guie, "*iluminando seu pensamento ao oceano beira mar*".

Adiante, bem adiante no hinário, será feita referência direta ao "*mar sagrado*", mas o vislumbre do oceano quântico de amor e verdade, do qual tudo surge existência pela potência criativa do amor de Deus, já está timbrado, pleno de profundidade e beleza – para "*aquele que procurou*".

"*Para aquele que procurou, ele lembrava sempre*"[620](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#620).

Assim como se dispõe a ensinar "*para aqueles que procurar*", já que há de haver a intenção do encontro e a firme manutenção de si na busca, como convém aos filhos de Deus que o queiram ser por completo.

Não basta ser, por existir; há que querer ser, fazendo por merecer.

No hino seguinte, "*Amigo velho*", o hino recebido com o passo de baile "cruzado"[621](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#621), mestre Irineu introduz com destaque na doutrina daimista a figura de São José, esposo de Maria, ser fundamental do qual quase nada se menciona na Escritura:

*"Chegou seu amigo velho,  
chegou sem ser chamado.  
Para sempre, amém, Jesus,  
para sempre ser lembrado.  
A minha Mãe que me mandou,  
eu sou filho estimado.  
Quem seguir na minha linha  
segue limpo e não errado.  
O patriarca São José  
todo mundo se esqueceu.  
Jesus, Filho de Maria,  
com o divino Senhor Deus.  
Patriarca São José,  
Vós, esposo de Maria,  
que o divino Pai lhe deu  
para Vossa companhia.  
Viveram honestamente  
dentro da Soberania.  
Jesus, quando nasceu,  
foi na Vossa companhia*[622](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#622)*.  
Aconselha a todo mundo  
para seguir na verdade,  
saindo desta linha  
não espere ser chamado.  
O divino Senhor Deus  
foi quem me mandou dizer  
que nós somos filhos eternos,  
somos, somos e deve ser"*[623](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#623)*.*

Este hino tem uma sutileza que desaparecera com os anos e foi resgatada pelo trabalho de recobro de conteúdo; graças a este esforço, o que até então parecera ser "aconselho a todo mundo", foi redescoberto como sendo "*aconselha a todo mundo*"[624](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#624), o que desloca a fonte da orientação: dAquele, que canta habitado no Mestre, para São José, que aconselha.

Aliás, o encerramento das orações em todos os serviços espirituais da doutrina daimista se dá com a elocução "*amém, Jesus, Maria e José*", seguindo determinação da Virgem Maria recebida por mestre Irineu[625](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#625) e consagrando a importância da família[626](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#626).

Dois hinos adiante o tempo e os maus hábitos, bem como a incessante tentativa de implantação da "doutrina da santa maria" e do ecletismo sem método, haviam introduzido um plural onde nunca existira, já que se cantava em inúmeros locais "santas doutrinas".

Mas ela sempre fora uma só, no dizer de mestre Irineu[627](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#627):

*"A minha Mãe que me mandou  
trazer santa doutrina,  
meus irmãos, todos que vêm,  
todos trazem este ensino  
Todos trazem este ensino  
para aqueles que merecer,  
não estando nesta linha  
nunca é de conhecer"*[628](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#628)*.*

Quais irmãos? Querem alguns que, assim como Jesus Cristo foi acompanhado em sua missão por seres de alta hierarquia espiritual – "*E suas vestes tornaram–se resplandecentes, tão brancas que nenhum lavandeiro do mundo poderia alvejá–las assim. Apareceu–lhes Elias, com Moisés; eles se entretinham com Jesus*"[629](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#629)–, o dúplex[630](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#630) que preparou mestre Irineu teria tido a "assistência" de seres elevados da espiritualidade.

Três outros hinos da base doutrinária apontam fortemente a possibilidade.

Um é o sexto hino de mestre Irineu, no comecinho da história, onde ele deixa entrever sua vinda do mar sagrado (que veremos bem mais à frente) para a encarnação: "*eu vim beirando a terra, eu vim beirando o mar*". Neste hino, ele canta "*quando Papai Paxá, Barum, Marum mais eu, saudades, saudades, saudades de Mamãe*", sugerindo ser acompanhado em sua "viagem".

Outros dois são de Germano Guilherme e Antonio Gomes:

*"Neste divino cruzeiro,  
nele está a santa luz,  
com todos os Vossos seres  
que acompanham Jesus"*[631](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#631)*.*

e

*"O patriarca São José,  
companhia de Jesus,  
é um dos seres divinos  
que dominam esta luz"*[632](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#632)*.*

No hino seguinte mestre Irineu canta:

*"Centro livre, centro livre,  
é preciso ter amor.  
A minha Mãe que me mandou,  
a minha Mãe que me mandou"*[633](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#633)*.*

Esta afirmação – "*centro livre*" – ofereceu base, décadas mais tarde, para a desordenada e perigosa justaposição de Tradições, Escolas, Linhas e rituais que se verificaria em inúmeros centros de serviço espiritual com daime – na suposição ingênua de "tudo ser possível, desde que com respeito, já que 'o centro' é livre", e por vezes a serviço de práticas de proselitismo.

"*Centro livre*", na verdade, é o coração, no qual "*tudo é permitido, mas nem tudo convém; tudo é permitido, mas nem tudo edifica*"[634](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#634)…

Um hino de Antonio Gomes, no qual o Mestre canta através dele, pode ajudar a pôr ordem na casa que se sentir em bagunça:

*"Eu provo com os meus irmãos,  
que eu aqui nunca enganei.  
Todos que me procuraram,  
sempre a verdade eu mostrei.  
Ainda que se arrependam,  
não mando ninguém sair,  
peço é conforto ao meu Pai  
para quem quiser seguir.  
Só não posso é obrigar,  
que isto não é possível,  
pois se eu digo para todos  
que aqui o centro é livre.  
Para todos os meus irmãos  
sempre uma coisa eu digo:  
que os filhos da Rainha  
não devem encarar perigo"*[635](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#635)*.*

Uma vez mais o Mestre, agora por intermédio de Antonio Gomes, confirma a necessidade de escolha e compromisso, prega o livre–arbítrio, roga por quem decide se afastar do amor de Deus e alerta severamente para a necessária prudência, especialmente na última estrofe.

Aliás, cabe aqui um registro histórico sobre tal expressão, do tempo em que mestre Irineu se aproximou do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento: "*esse centro era para se chamar 'Centro Livre', como tem no hino 'Centro livre'. Então, ele mandou afiliar com esse nome, né? Mandou para lá, chegou lá e ela rejeitou, a dona Matilde* [uma dirigente do Círculo, em São Paulo]*, né? Então ela mesma escolheu e botou esse nome de 'Centro de Iluminação Cristã Luz Universal'. Então isso aí foi ela que colocou, lá… Então ele aceitou, mas o nome fundado desse aqui é 'Centro Livre'"*[636](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#636).

Tanto que, no Estatuto registrado em 1971, lê–se: "*o Centro de Iluminação Cristã Luz Universal (Ciclu) (…) cuja entidade, remanescente de sua anterior denominação de Centro Livre, é perdurável e autônoma com função cristã (…)*"[637](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#637).

Um pouco à frente, mestre Irineu se regozija:

*"Com amor tudo é verdade,  
com amor tudo é certeza,  
eu vivo neste mundo,  
sou dono da riqueza"*[638](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#638)*.*

Torna a simbolizar a orientação de Maria e Jesus, ao justapor lua e estrela:

*"A minha Mãe é a lua cheia,  
é a estrela que me guia,  
estando bem perto de mim,  
junto a mim, é prenda minha"*[639](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#639)*.*

Mas, ao contrário do que poderia parecer vaidade, ao cantar "*sou dono da riqueza*" mestre Irineu recupera a Escritura:

*"A riqueza todos têm*[640](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#640) *mas é preciso compreender:  
não é com fingimento*[641](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#641)*,  
todos querem merecer"*[642](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#642)*.*

Novamente vem a menção ao mar sagrado, do qual lentamente sua consciência – por isso "conhecer" – com respeito se aproxima:

*"Vou chamar a estrela d'água  
para vir me iluminar,  
para vir me iluminar,  
para vir me iluminar.  
Dá licença eu entrar,  
dá licença eu entrar  
nas profundezas do mar,  
nas profundezas do mar.  
Foi meu Pai quem me mandou,  
foi meu Pai quem me mandou,  
conhecer todo primor,  
conhecer todo primor (…).  
A minha Mãe que me ensinou,  
a minha Mãe que me ensinou,  
conhecer todo primor,  
conhecer todo primor"*[643](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#643)*.*

No hino seguinte mestre Irineu reafirma que "*a riqueza todos têm*" mas prenuncia o que virá a seguir e introduz um novo elemento à reflexão, o mal:

*"A riqueza todos têm  
mas ninguém quer acreditar,  
dai–me amor, dai–me amor,  
livrai–me de todo mal"*[644](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#644)*.*

Como canta em outro hino: "*fazer bem, não fazer mal*"[645](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#645).

Lembrando sempre que "*duas são as condições para se agir bem: primeiro, que* [a vontade] *se incline a* [este] *fim; isso faz em nós o hábito da virtude moral. Segundo, que a razão encontre os caminhos convenientes para realizar o bem da virtude; e isso* [se] *atribui à prudência*"[646](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#646).

Pois o mal está na existência e o chamamento de Deus nos exorta a que só queiramos fazer o bem.

Sobre aquela que é uma das mais desafiadoras questões teológicas, a origem do mal (já que Deus é bondade), santo Tomás de Aquino tenta oferecer luz: "*A razão do bem é a razão de ser atrativo* [já que Deus, o Bem, atrai tudo a Si] *e o mal é o oposto do bem. É impossível, portanto, que o mal, como tal, seja atrativo para o apetite, quer se trate de apetite natural, animal* [corporal]*, ou do apetite intelectual, que é a vontade. O mal, contudo, torna–se atrativo por acidente, enquanto acompanha algum bem. E isso se vê em qualquer tipo de apetite (…) Em conseqüência, o mal de culpa, que priva de uma ordenação ao bem divino, Deus não quer de modo nenhum. Contudo, o que é uma deficiência da natureza, ou o mal de pena, Deus o quer ao querer um bem ao qual este mal se encontra ligado. Por exemplo, ao querer a justiça, quer a pena; e ao querer que seja guardada a ordem da natureza, quer que algo naturalmente seja destruído (…) Deus não quer que as coisas más sejam feitas, nem que não sejam feitas; porém, quer permitir que sejam feitas. E isto é um bem*"[647](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#647).

"*Pois o homem que, por fraqueza, peca, mas não ama o pecado, não é um pecador no sentido pleno da palavra*"[648](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#648).

Então, curiosamente, no próximo hino, "*O prensor*", o hino de mestre Irineu com sentido mais desafiador à compreensão – mais difícil do que este, apenas dois outros de dona Maria "Damião" –, surge o único verso que, em todos os hinos da base doutrinária, se situa ao meio de duas estrofes repetidas mas não se repete ao cantar, como a indicar que isso não é para ser lembrado, embora deva ser sabido – feito o mal:

*"O prensor que te aparece  
a pátria vai abraçar,  
vai pra guerra, vai perder,  
a vida que Deus te dá.  
Quem te fez não te mandou,  
o amor não empregou,****o teu Pai não conheceu****.  
Vai derramar o teu sangue  
que o divino Pai te deu.  
Meu Pai divino do céu,  
abrandai estes terrores.  
Vós tenha compaixão  
dos Vossos filhos pecadores.  
Sempre, sempre, sempre, sempre,  
eu peço à Virgem Maria:  
defendei os inocentes  
de toda esta orfandia".*

Explico, para quem não cantou ainda os hinos daimistas…

Em geral recebidos em estrofes de quatro versos, na maioria dos casos tais estrofes são repetidas inteiramente ou de dois em dois versos no correr do canto ritual (a seqüência de repetição também é recebida com o hino, mesmo que seja anômala, como no caso de uns poucos, nos quais só se repete os dois versos superiores ou os dois inferiores da estrofe), o que facilita a memorização da melodia e a absorção da Mensagem, hino a hino, signo a signo, símbolo a símbolo, no Caminho do Retorno a seqüência de repetição também é recebida com o hino, mesmo que seja anômala, como no caso de uns poucos, nos quais só se repete os dois versos superiores ou os dois inferiores da estrofe.

Exemplifico, com uma estrofe regular:

*"Verso A  
Verso B  
Verso C  
Verso D"*

Em geral, canta–se:

*"Verso A/Verso B  
Verso A/Verso B  
Verso C/Verso D  
Verso C/Verso D"*

Neste hino, então, aquele no qual menciona "*pátria*", como vimos atrás, mestre Irineu lastima a guerra, face aterrorizadora do mal, chaga purulenta na carne da humanidade:

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| **http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/img/spacer.gifhttp://www.juramidam.jor.br/mensageiro/img/spacer.gif** | **http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/img/spacer.gif** | http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/img/spacer.gif | *"Quem te fez não te mandou, o amor não empregou,* |
|  | **http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/img/spacer.gif** |  | *o teu Pai não conheceu.* |
|  | **http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/img/spacer.gif** |  | *Vai derramar o teu sangue que o divino Pai te deu"*[649](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#649)*.* |

Na estrofe acima, as linhas verticais assinalam os versos repetidos no canto: o único verso que não se repete é "*o teu Pai não conheceu*".

A quem o hino se refere? A quem mestre Irineu se dirige ao afirmar "*quem te fez não te mandou, o amor não empregou, o teu Pai não conheceu*"? Quem "*te fez*", que "*não empregou o amor*"? "*Quem*", não conheceu o "*teu Pai*"? Lúcifer, o anjo decaído?

A expressão "não conhecer" surge na Escritura no sentido de se afastar de Deus: "*Os sacerdotes não perguntam: 'Onde está o Senhor?' Os detentores das diretrizes divinas não me conhecem. Os pastores se revoltam contra mim*"[650](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#650).

Com sinceridade, de todos os hinos do "*O Cruzeiro Universal*" estudados na matéria e no astral, este foi o único do qual nunca consegui compreender um pouco mais, por mim ou pelos estudos de irmãos, a ponto de estabelecer um preciso significado.

No hino seguinte, uma valsa de melodia dolente, ainda se ouvem ecos desta situação de terror e a sugestão de uma nuvem escura de morte e sofrimento pairar no mar do astral (donde o uso do termo "*navegar*", único no "*O Cruzeiro Universal*" e um dos dois em todos os 317 hinos da base doutrinária, junto com o hino 43 de João Pereira), talvez em decorrência do conflito armado vivido e da dor na humanidade, o corpo de Cristo[651](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#651):

*"A Virgem Mãe que me ensinou,  
a Virgem Mãe foi quem me deu,  
alegrai meu coração  
para eu amar ao Senhor Deus.  
Meu divino Senhor Deus  
é Pai de toda nação,  
defendei os Vossos filhos  
de toda escuridão.  
A escuridão é tão terrível,  
que ninguém pode enxergar.  
Vós me dê a santa luz  
para eu poder navegar.  
A Virgem Mãe é soberana,  
Ela é Rainha no mar,  
quando vê nós na aflição  
Ela vem nos consolar.  
Consolai, ô Mãe divina!  
Jesus Cristo Redentor  
é quem pode nos livrar  
neste mundo pecador"*[652](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#652)*.*

Sobre este hino, deve–se também registrar que o trabalho de recobro de conteúdo trouxe outra leitura à penúltima estrofe. A incessante atividade em prol de Linhas derivadas de Tradição africana fizera por anos que aqui ou ali se cantasse "Ela é Rainha **do** mar", numa tentativa de alusão à figura de Iemanjá, do panteão de culto do candomblé e da umbanda. Com o estudo, então, uma vez mais recuperou–se o símbolo do mar sagrado e sua Rainha ("*seguramente* ***no*** *mar, não sabe? até porque não é aquele, o das praias…*"[653](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#653)), a Imaculada Conceição, Rainha do consolo e Mãe do Redentor.

Assim como, na última, deixou–se de cantar "deste mundo pecador" para se adotar "*é quem pode nos livrar neste mundo pecador*"[654](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#654), com sentido obediente à salvação que o Mestre prega, com a Graça de Deus, ainda nesta vida[655](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#655)– mesmo porque não temos de ser livres "deste" mundo, que é o nosso cadinho.

Num luzir de compreensão, mestre Irineu canta a seguir:

*"Eu estava em pé firmado  
olhando para o firmamento,  
uma luz me apareceu,  
iluminou meu pensamento.  
Iluminou meu pensamento  
e perguntou se eu conhecia,  
nos meus olhos eu enxerguei  
a sempre Virgem Maria.  
Meu Pai é carinhoso,  
ele não quer mal a ninguém.  
Devo amar com firmeza  
a meu Pai que nos quer bem.  
A minha Mãe é tão formosa,  
me dá luz e o clarão.  
Devo amar eternamente  
e consagrar no coração.  
Sou filho do meu Pai,  
eu devo ser atencioso:  
abraçar a todo mundo  
e não querer ser orgulhoso (…)"*[656](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#656)*.*

Com a advertência do risco de sucumbir à arrogância e à soberba, eventual fruto indesejável do auto–conhecimento expandido pela ação da Graça, e do poder pessoal que daí advém, ele agradece à intercessora, a Imaculada Conceição, prega a humildade[657](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#657) e vai sendo preparado para "receber um grande poder", o que declarará três hinos após.

O hino seguinte, que inspirou o nome da casa de oração que dirigi, em função de miração vivida quando eu bailava o hino no Acre, permite uma digressão: de onde vem a expressão "sete–estrelas"?

*"Eu vi no Sete–estrelas  
um rosto superior.  
Eu digo é com certeza,  
que a Rainha me mostrou.  
A Rainha me mostrou  
para mim reconhecer  
o nome que tanto se fala  
e ninguém sabe compreender.  
Ninguém sabe compreender  
com amor, com alegria,  
a pessoa de Jesus Cristo,  
Jesus, Filho de Maria.  
Jesus, Filho de Maria,  
desde a hora em que nasceu  
começou seu sofrimento,  
até o dia em que morreu.  
Ele morreu neste mundo  
para nós acreditar,  
para nós também sofrer,  
para poder alcançar"*[658](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#658)*.*

Daimistas mais recentes especulam se mestre Irineu não teria "se referido" às Plêiades, constelação associada em muitas Escolas esotéricas à alta espiritualidade; já segundo outros, a referência é à Ursa Maior, constelação que percorre a mitologia de inúmeras civilizações, como os egípcios, os gregos, os chineses, os hebreus e até mesmo indígenas da América do Norte.

A respeito de tais suposições, contudo, cabe recordar que ambas as constelações não são visíveis em todo o Hemisfério Sul, provável razão pela qual, embora sejam mencionadas na Escritura ("*Consegues amarrar as Plêiades ou desatar as cordas de Órion, fazer sair os signos do zodíaco na correta estação ou conduzir a Ursa e os seus filhotes?*"[659](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#659)), não costumam integrar a mitologia, os cultos espirituais ou as referências astronômicas de povos de abaixo do Equador, como os do Maranhão (terra natal de mestre Irineu) ou do Acre.

Mesmo afirmações de que mestre Irineu teria tomado conta desta relação simbólica por intermédio do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento são infundadas, pois esta filiação ocorreu décadas após o hino ter vindo.

Já a menção às sete estrelas portadas pelo Cordeiro de Deus ("*em sua mão direita, segurava sete estrelas*"[660](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#660)), em referência a sete anjos[661](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#661), enriquece a discussão e talvez aponte um caminho: "*Não sabe o 'sete–estrelas' que tem no astral superior, lá no firmamento do astral? Pois é, foi lá que ele mirou o rosto de nosso Senhor*[662](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#662)*, Jesus Cristo…*"[663](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#663).

No hino seguinte, voltando a se debruçar sobre as vicissitudes da irmandade, mestre Irineu faz referência a irmãos que se afastaram do ensinamento:

*"A Rainha da floresta,  
Ela veio me acompanhar.  
Todo mundo ri e graceja  
para depois ir chorar.  
Tu perdeste a tua luz  
que Eu te dei com tanto amor,  
não foi a falta de conselho,  
tu mesmo nunca ligou.  
Vai chorar de arrependido  
quando um dia te lembrar:  
que eu perdi a minha fortuna  
que eu tinha para alcançar"*[664](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#664)*.*

Um hino após, mestre Irineu reafirma a absoluta disponibilidade do amor de Deus, por intermédio da Virgem Mãe, e a necessidade de haver intenção firme por parte de quem quiser ser filho:

*"A minha Mãe é mãe de todos  
que quiser ser filho dEla,  
Ela roga por nós todos,  
mas ninguém roga por Ela.  
O divino Pai eterno  
me deu um grande poder.  
Eu, como filho de Vós,  
vou eterno agradecer.  
Vou eterno agradecer  
e para sempre eu quero estar  
encostado à minha Mãe,  
para sempre eu Vos amar"*[665](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#665)*.*

Curiosa a expressão: "*mas ninguém roga por ela*"!

(Veremos este assunto, com maior detalhamento, cuidado e atenção, no próximo capítulo, já lembrando que "*o fato de ter sido preservada do pecado original* [para ser a Mãe de Deus] *não impede que ela sempre tenha necessidade de ser redimida, tanto por possuir uma natureza humana assinalada pelas conseqüências do pecado, quanto sobretudo para renascer espírito comunicável com a vida divina*"[666](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#666).)

A seguir, mestre Irineu canta a necessidade de cada um de nós seguir o próprio caminho, obedientes à destinação, pois para isto somos dotados por Deus: adotando–se a justiça e as virtudes como prática incessante e trabalhando para merecer, pode–se chegar à verdade e à bondade, a essência de Deus:

*"Salomão disse para mim  
nesta eu vou me assinar,  
que esta é a verdade pura  
e no mundo não tem igual.  
A professora que te ensina,  
tu soubeste aprender,  
trabalhaste muitos anos  
para hoje receber.  
Sois filho das águas brancas  
e é preciso trabalhar,  
segue sempre o teu destino  
e deixa quem quiser falar"*[667](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#667)*.*

O compromisso firme ("*vou me assinar*"), o aprendizado ("*a professora que te ensina*"), o merecimento obtido ("*trabalhaste muitos anos para hoje receber*"), o mar sagrado ("*sois filho das águas brancas*"), o necessário respeito à destinação ("*segue sempre o teu destino*") e o arbítrio digno e confiante ("*deixa quem quiser falar*"[668](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#668)).

Pergunto–me: é preciso mais do que isso para cumprir o arco para fora, de auto–afirmação, e o arco para dentro, de auto–percepção, no caminho de conhecer Deus, em Deus, pelo amor de Deus?

Difícil é manter–se reto e correto no caminho[669](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#669)…

Tanto que no hino seguinte, "*Eu devo amar*", uma marcha que por vezes já foi confundida como valsa, tal é a lentidão de seu andamento, é necessário absoluta concentração do "comando do bailado" (fardado que, na ponta direita da primeira fila masculina, hino a hino estipula o ritmo do baile para todo o salão) para não acelerar em demasia, vindo que se vem de cantar o hino anterior, esfuziante de verdade e luz.

A seguir, no hino em que afirma ter completado o seu "*O Cruzeiro Universal*" com "*132 flores*", como vimos atrás, o Mestre canta a "*febre do amor*", que faz suar até aqueles que se trabalhem no rigoroso inverno sulista:

*"A febre do amor  
é preciso compreender,  
trazer sempre na memória  
este divino poder"*[670](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#670)*.*

"*Eis a operação do Espírito Santo na alma transformada em amor: os atos interiores que produz são como labaredas inflamadas de amor, nas quais a alma, tendo a vontade unida a ele, ama de modo elevadíssimo, toda feita num só amor pela chama. Daí vêm a ser preciosíssimos os atos de amor feitos então pela alma, e num só deles merece mais e tem maior valor do que tudo quanto havia feito de melhor em toda a sua vida, antes de chegar a esta transformação*"[671](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#671).

Além de novamente mestre Irineu enfatizar a necessidade de compreensão – pois não se trata apenas de "viver a febre do amor", "*é preciso compreender*" –, uma leitura descuidada poderia levar à suposição de ser agradável manter acesa a chama de tal fogo, dada a alegria do hino, mas no hino imediatamente seguinte, o 53o, mestre Irineu pedirá conforto à Trindade sem cessar, por três estrofes inteiras ("*eu peço um conforto seu*"), ecoando a Escritura: "*É um fogo que eu vim trazer à terra, e como quisera que já estivesse aceso! É um batismo que eu tenho de receber, e quanto me pesa até que seja consumado!"* [672](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#672).

E em mais um hino, pede ao Pai eterno que o ajude:

*"Pedi força a meu Pai,  
Ele me deu com amor,  
para mim ensinar  
neste mundo pecador.  
A minha Mãe, que me ensinou,  
mandou eu ensinar  
a todos meus irmãos,  
aqueles que acreditar"*[673](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#673)*.*

Porque não são poucas as vezes em que o próprio Mestre precisa de ajuda.

Canta um hino:

*"Divino Pai é soberano,  
é o nosso Pai que nos cria.  
Ele, mais Jesus Cristo  
e a sempre Virgem Maria.  
O nosso Pai mais nossa Mãe  
tem tudo para nos dar,  
mandou o nosso mestre  
aqui para nos ensinar.  
O nosso mestre tem vontade  
de levar nós nas alturas,  
perante ao Vosso trono  
do brilho de formosura.  
Quando todos tiver amor  
gravado no coração,  
não será muito difícil  
de entrar neste salão.  
É trabalhar com firmeza  
e com toda perfeição,  
para dar força ao nosso mestre  
aqui dentro da sessão"*[674](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#674)*.*

Canta outro hino:

*"O Mestre roga por todos,  
ninguém roga por ele.  
Todos têm obrigação  
de fazer sua imploração"*[675](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#675)*.*

Enquanto, neste último, Maria Marques "Damião" nos exorta a rogar pelo Mestre, ele, também, necessitado de apoio e preces no seu caminho da salvação, por ser humano e irmão, Antonio Gomes nos desvela no primeiro a caritativa humanidade do Mestre: trabalhando por todos, ao trabalhar em si e por si, o Mestre necessita ajuda.

"*A nossa oração por quem nos dá luz devia ser contínua (…) Queira o Senhor sustentá–los com a Sua mão e ajudá–los para que nos ajudem, amém*"[676](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#676).

Mas dar–lhe ajuda em dinheiro? Em força física? Em bens materiais?

Não: para dar força ao Mestre, "*é trabalhar com firmeza e com toda perfeição*". Pois esta é a missão do mestre, seja qual mestre for: ensinar a todos que quiserem aprender e vê–los progredir de forma reta na escada do saber ser, pela Graça de Deus, no amor de Deus.

Destarte, trabalhar–se de forma indisciplinada e rebelde é trabalhar contra o mestre e, por isso, contra si mesmo!

"*Rebeldia*": eis um conceito delicado e complexo, pois leva ao cerne da discussão sobre a legitimidade da autoridade.

Se o mestre é legítimo, não há como negar–se a obedecê–lo – e aí a discussão ganha outro espaço: "ou este mestre não é legítimo para mim em meu caminho, o que me deve levar a buscar outro ou até mesmo mestre algum, ou reside em mim a dificuldade de apenas obedecer, seguro de que ele me orienta bem à minha destinação".

Ocorre que o ser humano, em sua fase formativa pós–encarnação, constrói para si mesmo modelos inconscientes de relação com figuras de autoridade – originalmente, pai e mãe – e, até um corajoso mergulho pelas memórias encravadas desta fase, inclusive pelas herdadas e encarnadas (nesta ordem), dificilmente conseguirá lidar com a autoridade senão da forma condicionada: submissos e ressentidos, alguns, confrontantes juvenis, outros, ressabiados e esquivos, terceiros, mas bem poucos confiantes e obedientes.

Há de haver então, naqueles que a isso se proponham, uma intensa reconstrução interna para superar os estágios de manifesta desobediência ou de só submissão por medo de punição, sempre componentes do arco para fora (de auto–afirmação), para desenvolver a fácil obediência por reconhecimento da verdade legítima existente na orientação.

Canta um hino:

*"As lições é para todos  
que quiserem acreditar,  
levam o tempo a procurar  
e a maior parte a duvidar"*[677](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#677)*.*

Por isso mestre Irineu dizia que "*o mais difícil nesta vida é lidar com o 'bicho gente'"*[678.](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#678)

Veja o que canta Germano Guilherme:

*"Louvada seja a nossa Mãe  
e o nosso Pai que nos criou.  
Eu nunca mais hei de esquecer  
do meu divino Salvador  
Jesus Cristo está na terra,  
foi Deus do céu foi quem mandou  
para Ele vir nos ensinar  
a doutrina do Salvador.  
Todo dia Ele nos ensina  
e faz esforço para nós chegar  
mas Vossos filhos estão rebeldes  
porque não querem acreditar"*[679](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#679)*.*

ou

*"O divino Pai mandou  
o Vosso Filho içar Vossa bandeira  
em todo o universo,  
com Vosso divino poder.  
A minha Mãe Lhe mandou  
e amostra em todo o universo:  
Vosso Filho está na terra,  
Ele é o verdadeiro.  
Ele está na terra,  
ele veio foi para ensinar,  
aquele que for rebelde  
precisa disciplinar.  
Com Vós eu comecei  
e agora eu vou terminar,  
com Jesus para sempre,  
meu mestre, para ensinar"*[680](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#680)*.*

(Aqui, também, o trabalho de recobro de conteúdo fez cair um plural que nunca houvera[681](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#681), "aquele**s** que for rebelde", pois a Mensagem é para reflexão pessoal.)

Por isso o Mestre disciplina: pelos irmãos que se trabalham sob sua direção e em seu próprio trabalho por si mesmo, já que disciplinar "fora" (ensinar) e "dentro" (compreender), assim como unir "dentro" (união) e reunir "fora" (coesão), é o mesmo e um só trabalho.

Não por outra razão mestre Irineu, que ensina que "*a disciplina é a estrutura da ordem*"[682](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#682), introduz a seguir um tema que abordará por vezes à frente, o disse–me–disse e as intrigas contra o próximo, alertando para a malignidade da cizânia: "*Maldito o cochichador e o velhaco: arruinaram muita gente que vivia em bom entendimento*"[683](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#683).

*"Vou chamar os meus irmãos,  
quem quiser venha escutar:  
se ficar firme, apanha,  
e se correr vai sofrer mais.  
Minha Mãe, minha Rainha,  
com amor ninguém não quis.  
Apanhar para obedecer  
na estrada para seguir.  
Mestre bom ninguém não quis  
e não souberam aproveitar.  
Apanhar para obedecer,  
para poder acreditar.  
Fica assim a disciplina,  
quem quiser pode correr:  
se eu falar do meu irmão  
estou sujeito a morrer"*[684](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#684)*.*

Isto também se encontra na Regra de São Bento: "*Com o profeta, interroguemos o Senhor, dizendo–lhe: 'Senhor, quem habitará na vossa tenda e descansará na vossa montanha santa?'. Depois dessa pergunta, irmãos, ouçamos o Senhor que responde e nos mostra o caminho dessa mesma tenda, dizendo: 'É aquele que caminha sem mancha e realiza a justiça; aquele que fala a verdade no seu coração, que não traz o dolo em sua língua, que não faz o mal ao próximo e não dá acolhida à injúria contra o seu próximo'"*[685](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#685).

Depois, novamente explode em luz e calor, em dois hinos vibrantes, alegres e amorosos, fazendo com que o salão inteiro vá atrás dele, ciente de ser um Mestre verdadeiro:

*"Santa Estrela que me guia,  
Vós me dê a santa luz,  
os três Reis do Oriente  
que visitaram Jesus.  
Viva Deus lá nas alturas,  
viva a noite de Natal,  
viva o dono deste dia,  
que nós vamos festejar!  
Já fazem muitos anos  
que meu Jesus nasceu,  
vamos todos com alegria  
festejar ao Senhor Deus.  
Meu divino Senhor Deus,  
a Vós eu vou pedir:  
Vós nos dê o Vosso conforto,  
para todos nós seguir.  
A sempre Virgem Maria  
é quem veio nos ensinar,  
para nós cantar com amor  
nesta noite de Natal"*[686](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#686)*.*

e

*"Eu convido os meus irmãos  
que queiram me acompanhar,  
para nós cantar um pouco  
nesta noite de Natal.  
Eu convido os meus irmãos  
para cantar com alegria,  
para nós ir festejar  
a Jesus, Filho de Maria.  
Eu convido os meus irmãos,  
todos aqueles que quiser,  
para nós ir festejar  
a Jesus, Maria e José.  
Minha sempre Virgem Maria,  
Vós só pode é se alegrar,  
porque todos nós pedimos  
para Vós nos ajudar.  
O sonhar é uma verdade,  
igualmente à luz do dia.  
Reparem, neste mundo,  
o sonho da Virgem Maria.  
Meu divino Senhor Deus,  
Vós me dê a santa luz,  
para sempre eu festejar  
o dia em que nasceu Jesus"*[687](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#687)*.*

(Reparou? Há três "*Eu convido*"…)

Em momentos como estes é difícil manter o ritmo e o tom, contendo o entusiasmo que pode ferir a harmonia do serviço espiritual. O que nos traz, aliás, a outro ensinamento…

Ao meio à gravação de hinos no Acre, certo dia ouvi dona Percília afirmar, ao dirigir as "puxadoras", moças e mulheres encarregadas de iniciar e orientar o canto coletivo, dando–lhe o tom:

*– Atenção! Mais baixo e mais lento é mais profundo…*

Num relance pude entender porque, por vezes, em certos serviços bailados eu me sentia cansado corporalmente mas pouco "trabalhado" internamente, frente ao que me parecera possível: com a definição do tom entregue à ala feminina – que por natural tem um timbre de voz mais agudo – e o uso crescente de guitarras elétricas ou teclados digitais, para apoio melódico, o tom se elevava e a dinâmica do trabalho acelerava o andamento, se não houvesse firmeza no comando de baile, por vezes até contendo o ritmo do bailado.

Dezenas de pessoas em pé, batendo maracás, cantando a plenos pulmões e deslocando–se em vaivéns incessantes nas filas de baile, com facilidade cantariam cada vez mais alto e mais rápido no transcorrer do hinário, donde o serviço terminar sendo mais "raso" do que o possível, embora fisicamente mais desgastante.

Esta, a sabedoria de um serviço espiritual bem conduzido: a cada fase a dinâmica atende a uma finalidade e o bom dirigente a conduz segundo a necessidade!

Assim, em hinos como os dois que vimos imediatamente atrás, justifica–se um tom mais elevado e ritmo rápido – até certo ponto –, mas o mesmo não se dá em um hino como o que veio imediatamente após.

A ponto de mestre Irineu pô–lo na *Santa Missa*, por ser de contrição:

*"Todo mundo quer ser filho  
de Deus da criação,  
porque que tu te esquece  
de rezar para o teu irmão?  
Meu irmão que se mudou,  
saiu com alegria,  
eu rogo a Deus por ele  
e à sempre Virgem Maria.  
Jesus Cristo Redentor,  
eu peço o meu perdão,  
que nunca mais hei de esquecer  
de rezar para o meu irmão.  
Meu irmão, que já saiu  
do mundo do pecado,  
eu rogo a Deus do céu  
que ele seja perdoado"*[688](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#688)*.*

Além de ensinar a contrição frente à passagem de um irmão e o valor de rogar pelo bom encaminhamento da alma que desencarna e vai além, a missão de mestre Irineu ensina que expandir e contrair, acelerar e frear, alegrar e entristecer, magoar e perdoar[689](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#689) compõem o processo de depuração rumo à salvação, até que se esteja, como diz a Tradição taoísta, "vazio no movimento".

Em outras palavras, até que se relativize tudo, porque a verdade eterna é Deus e todo o mais é efêmero: "*Uma geração passa, outra vem, e a terra permanece sempre. O sol se levanta, o sol se põe, procurando lugar de onde se erguerá de novo (…) Teme a Deus e guarda os seus preceitos: isso é o homem todo*" ·.

Tais variações da dinâmica do ritual excitam sentimentos diversos, momento a momento, e a conscientização de tais estados afetivos é vital à maturação psíquica de quem se trabalha no caminho do Retorno, pois graças a elas experimenta um calidoscópio de sentimentos e pensamentos e os filtra, sem cessar – se o quiser – pelas virtudes, à busca de se conhecer e se corrigir.

"*Não saias de ti, mas volta para dentro de ti mesmo, a Verdade habita no coração do homem. E se não encontras senão a tua natureza sujeita a mudanças, vai além de ti mesmo. Em te ultrapassando, porém, não te esqueces de que transcendes tua alma que raciocina. Portanto, dirige–te à fonte da própria luz da razão*"[690](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#690).

Ou à busca de se "limpar", no dizer daimista, quando o confronto com "sujeira" incrustada (culpa, vergonha, medo, raiva, desconfiança, arrogância ou arrependimento) pode sair em um jorro de vômito ou em uma diarréia passageira mas inevitável.

Bem, inevitável por vezes…

Recordo que no começo do caminho eu estava sentado entre mais de cem pessoas em um serviço espiritual em Visconde de Mauá, quando fui tomado pela certeza de precisar ir ao banheiro! Avassalado pela sensação da iminente diarréia, soube não haver tempo para sair e contorci–me em agonia, humilhado pela idéia de borrar–me ali mesmo, frente a todos, ciente de não ter escapatória.

Não me dei alternativa e murmurei, gemendo:

*– Faça de mim o que Lhe aprouver…*

Tudo passou… arrancando de mim um sorriso ligeiro e dando–me a paz de ter aprendido: é suficiente se entregar, para obedecer, pois "*para ser filho de Deus não precisa ser ruim*"[691](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#691).

Em outra vez não foi possível evitar: eu estava concentrado quando o infinito do cosmos me envolveu na miração e eu ouvi a Voz: "*seu nascimento foi pensado na eternidade*". Arranquei–me da cadeira e jorros de vômito saíram–me da boca no jardinzinho ao pé da cruz na igreja "da Barquinha". Houve quem me dissesse, depois, que me viu sair envolto em uma bola de luz, enquanto eu, qual luz, qual nada!, me livrava do que ainda me sujava por dentro…

E dá de ser só no astral: "*Luiz, nem eu acreditei! Eu estava bailando quando senti que tinha me borrado todo, ali na fila mesmo, de pé e tudo o mais, aquele fedor saindo de mim… Com vergonha de olhar os irmãos, fui até o hino parar, dei conta ao cabeça de fila, avisei o fiscal e fui para casa, ali pertinho, graças a Deus. No caminho, eu era um fedor só e o melado descia nas pernas… Ainda bem que não vi ninguém! Cheguei em casa e fui direto ao banheiro, pegar um chuveiro. Com nojo de mim mesmo e muito cuidado tirei as calças e só aí eu vi que estava tudo limpinho… Limpinho, limpinho, limpinho! A sujeira era só em mim, na miração, contra Deus…*"[692](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#692).

De qualquer forma, em geral se observa que após a limpeza, seja por vômito ou diarréia, a miração fica mais possível e mais intensa – quando há – e o entendimento mais claro, indicando que algo do que impedia um contato interno mais efetivo com a verdade e a bondade foi depurado.

A seguir, mestre Irineu canta:

*"À luz, a flor mimosa  
deste jardim perfumoso,  
havendo força de vontade  
nada para nós é custoso"*[693](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#693)*.*

Ressurge no hinário o jardim, se consolida a imagem da luz, metáfora do conhecimento, como "flor mimosa" do jardim de Deus ("*a árvore do conhecimento do que seja bom ou mau*"[694](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#694)?), e uma vez mais se enfatiza a necessidade de perseverança, desejável na fé.

Dois hinos após mestre Irineu submete seu trabalho à avaliação do céu, declara estar cumprindo sua missão e, pela primeira vez, determina – e não pede – à Rainha.

Algo está se processando, como se verá a seguir:

*"Ah!, Rainha da floresta,  
Vós venha receber  
estes cânticos aqui na mata  
que eu venho oferecer.  
Vós mandou para mim  
ensinar os meus irmãos,  
estamos todos reunidos  
com amor no coração.  
Eu apresento o meu trabalho  
conforme eu aprendi,  
estamos todos reunidos  
e Vós faça todos feliz"*[695](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#695)*.*

O uso do tempo verbal subjuntivo – "venha", em "*Vós venha receber*", e "faça", em "*Vós faça todos feliz*" –, estabelecendo uma relação de íntima subordinação, por familiaridade, da Rainha ao Mestre, poderia chocar – e talvez tenha deixado o próprio mestre Irineu atônito, quando o hino chegou.

Até Jesus Cristo, no início de sua missão, tomou–se de espanto ao curar, involuntariamente, a hemorrágica: "*Jesus perguntou: 'Quem foi que me tocou?' Como todos se escusassem, Pedro disse: 'Mestre, é o povo que te aperta e te comprime'. Mas Jesus disse: 'Alguém tocou em mim; eu senti uma força sair de mim'"*[696](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#696).

Impossível demonstrar neste livro a arquitetura melódica dos hinos, especialmente sem o concurso de teoria musical, que não domino; só os ouvindo. Todavia, tentarei assim mesmo.

Neste hino, de forma acentuada, assim como em outros também, o perfil melódico "sobe" nos dois primeiros versos de cada estrofe e "desce" nos dois finais.

Assim, quando o Mestre se dirige à Rainha para "*solicitar que venha receber*" (na primeira estrofe), "*informar a missão recebida*" (na segunda) e "*apresentar o seu trabalho*" (na terceira), a melodia dos dois primeiros versos é ascendente, ao passo que quando Lhe "*oferece*" os cânticos (na primeira estrofe), afirma "*estarem todos reunidos*" (na segunda) e determina que Ela "*faça todos feliz*" (na terceira estrofe e no singular, "*como mérito de cada um*"[697](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#697)), a melodia dos dois últimos versos é descendente: o humano "sobe" ao rogar, mas se mantém "em baixo" ou desce ao falar de si.

O verbo no subjuntivo poderia até mesmo indignar, não fosse o fato do que virá após e de imediato: a investidura de mestre Irineu no Poder e a apresentação, no hino subseqüente, o 62, de uma ordem na espiritualidade que subverte a verticalidade entre a Rainha e o Mestre.

Ela, no hino 63, como se verá a seguir, está ao meio do caminho.

Querida, acatada e respeitada sempre, já que padroeira da Missão, mas medianeira.

Vamos à investidura:

*"Quem quiser seguir comigo  
é preciso me ouvir,  
para seguir neste caminho,  
para adiante ser feliz.  
A minha Mãe que vai na frente  
com a luz do Resplendor,  
para ensinar os meus irmãos,  
para todos ter amor.  
Jesus Cristo me mandou  
para mim vir ensinar,  
para seguir neste caminho,  
para remir e salvar.  
O poder está comigo,  
a verdade eu vou mostrar,  
ensinar os meus irmãos  
para todos enxergar"*[698](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#698)*.*

Uma vez mais o hino salienta a superposição Maria–Jesus ("*a minha Mãe que vai na frente com a luz do Resplendor/Jesus Cristo me mandou para mim vir ensinar*") no trabalho de servir a Deus, mas afirma em alto e bom som a razão de sua vinda: "*remir e salvar*", à qual "*ensinar*" atende, retomando a missão de Jesus Cristo, afirmada no hino 34, visto atrás.

Na verdade, "*ensinar*" serve "*para todos enxergar*": não se trata de "ensinar algo", como quem dá aulas ou explica a vida, mas se trata de ajudar a desvendar o que sempre houve por ser visto.

Nele, o maravilhoso está nos versos: "*o poder está comigo*" e "*para remir e salvar*".

Antonio Gomes, em seu hino 30, cantara, anos antes:

*"Recebemos com amor   
o que o nosso Pai quiser nos dar,  
o nosso mestre nos dá força  
e nós temos que atravessar.  
Nós devemos reparar  
o Filho da Virgem pura,  
que Ele sofreu por nós  
muitos golpes de amargura.  
Todos nós devemos ter  
esta consagração,  
que Ele foi para o Vosso trono  
e deixou o Mestre na missão.  
A todos nós ele ensina  
aprender a ter amor,  
ter firmeza em Jesus Cristo,  
que ele é o nosso Salvador.  
Jesus Cristo veio ao mundo  
terminou o que veio fazer.  
Entregou ao nosso mestre,  
ele tem o mesmo poder"*[699](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#699)*.*

Em um hino de Maria Damião, Aquele em mestre Irineu canta por seu intermédio:

*"Os ensinos eu estou mostrando  
para todos compreender,  
que eu não posso me declarar,  
eu mesmo não posso dizer"*[700](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#700)*.*

E canta através de Germano Guilherme:

*"Meu Pai foi quem me deu  
para mim esta missão.  
Eu digo a todos, eu digo a todos,  
que prestem bem atenção.  
De Vós eu recebi  
com amor no coração.  
Estou aqui e vivo aqui,  
encostado ao meu irmão"*[701](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#701)*.*

Hinos ecoam a Escritura: "*Se eu desse testemunho de mim mesmo, o meu testemunho não seria aceitável; é um outro que dá testemunho de mim, e eu sei que o testemunho que presta de mim é conforme à verdade*" [702](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#702).

Exatamente aqui o hinário "*O Cruzeiro Universal*" vive nova inflexão, pois a principal missão de mestre Irineu, à qual todas se subordinam, se patenteia: "*para remir e salvar*"[703](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#703).

Todavia, recém–investido, ele requer, uma vez mais, ajuda.

E pela primeira vez, em todo o hinário que até aqui se desdobrou da eternidade, pede ajuda explicitamente a Jesus Cristo, de quem recebe a Missão, e não mais ao Pai eterno ou à Virgem Maria, que o vem ensinando.

*"Eu peço a Jesus Cristo  
que abra este caminho,  
para eu seguir meus passos  
com amor, com alegria.  
Com amor, com alegria,  
aprender o que Vós me ensina,  
para todos compreender  
que existe um poder divino.  
Segui neste caminho,  
tomei uma direção,  
adiante eu encontrei  
a Virgem da Conceição.  
Mais adiante uma princesa  
chamada Soloína.  
Ela foi, disse para mim:  
é nesta estrada que se ensina.  
Segui minha jornada,  
adiante eu encontrei  
o poder divino,  
aí onde eu fiquei.  
Aí onde eu fiquei  
e pude compreender:  
quem seguir neste caminho,  
todos têm que aprender"*[704](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#704)*.*

Mais do que isso, porém, mais do que sua investidura na Missão de Jesus Cristo, e já não é pouco!, ele apresenta nova topografia da hierarquia espiritual, interpondo uma "princesa" entre a Virgem da Conceição e o poder divino, à medida que, pela Graça de Deus, sobe a escada do conhecimento e do amor, rumo a Deus, no coração.

(O recobro de conteúdo do hino trouxe "*o poder divino*"[705](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#705), onde antes se cantava "um poder divino" e, com isso, ocultava–se haver uma precisa destinação do caminho: "***o*** *poder divino, aí onde eu fiquei*".)

É deste ente espiritual que, no caminho, recebe a instrução: "*adiante eu encontrei a Virgem da Conceição*" e, passando por Ela, "***mais adiante*** *uma princesa chamada Soloína; ela foi,* ***disse para mim****, é nesta estrada que se ensina*".

Em todos os hinos da base doutrinária daimista, apenas Aquele em mestre Irineu recebe a titulação de "*Príncipe*" (Imperial). Ora, sabendo que a "filha" predileta de Deus é *Sofia*, "Sabedoria", A que foi feita antes de todas as coisas (donde ter sido construída em 532 d.C. em Constantinopla a Igreja de Santa Sofia, na época a maior igreja do mundo), especulo o que tal detalhe doutrinário (*Príncipe/Princesa*) teria a nos explicar.

A título de exemplo, relata a Escritura sobre a Sabedoria: "*eu a amei e a procurei desde minha juventude, busquei desposá–la, apaixonei–me por sua beleza. Sua glória eclipsa a nobreza, pois partilha a vida de Deus, e o soberano do universo a amou. Iniciada na própria ciência de Deus, é ela quem decide suas obras*"[706](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#706).

(Observe o texto santo: "*É ela* [a sabedoria] *quem decide suas obras*"!)

Ou "*Toda sabedoria vem do Senhor, ela permanece com ele para sempre (…) Antes de todas as coisas foi criada a sabedoria, desde toda a eternidade, a inteligência prudente (…) O Senhor mesmo a criou, foi ele quem a viu e mediu e derramou sobre ela todas as suas obras. Em toda carne, segundo sua liberalidade, ele a concedeu aos que o amam*"[707](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#707).

Por isso "*aqueles que de fato amam a Deus amam tudo o que é bom, desejam tudo que é bom, estimulam tudo o que é bom, louvam tudo o que é bom. Aos bons se unem sempre, favorecendo–os e defendendo–os; não amam senão a verdade e as coisas verdadeiramente dignas de amor*"[708](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#708).

Este ente espiritual, princesa *Soloína*, nos 317 hinários da base doutrinária só reaparece no penúltimo hino de Germano Guilherme:

*"Pedi licença a Mamãe  
para um presente eu te dar  
da princesa Soloína,  
encantar, encantar.  
Dou–te este presente,  
agora eu vou te dizer  
que a princesa Soloína  
tem prazer, tem prazer.  
Dentro deste jardim  
agora eu vou te mostrar,  
uma flor pequenina  
como brilha e faz brilhar.  
O brilho desta flor  
agora eu vou te mostrar,  
a princesa Soloína  
encantar, encantar"*[709](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#709)*.*

Explicitou–se, para quem a vê e ouve, a essência do fecundo trabalho de mestre Irineu, e tornou–se visível o segundo braço do cruzeiro – por inabitação do Espírito Santo de Deus, agora sabidamente em não mais só mestre Irineu, embora ainda Raimundo Irineu Serra.

[710](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#710)

Como canta um hino, explicando tudo:

*"As portas estão abertas  
deste divino poder.  
Enxerga quem procura,  
e* quem não procura não vê*"*[711](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#711)*.*

## Deus Pai e Deus Filho, no Espírito Santo

Faço aqui outro intervalo, para propor uma reflexão teológica a meu ver essencial para uma melhor exposição da originalidade e da importância da obra de evangelização de mestre Raimundo Irineu Serra, *Juramidam*, no plano da salvação.

Sobre este propósito, o de replantio daimista da doutrina cristã, e a respeito da inovação de método que integra a doutrina daimista, cabe citar a exortação apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo: "*a nós (…) incumbe o cuidado de remodelar com ousadia e com prudência, e numa fidelidade total ao seu conteúdo, os processos, tornando–os o mais possível adaptados e eficazes, para comunicar a mensagem evangélica aos homens do nosso tempo*"[712](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#712).

Porque "*o novo impulso sempre brota do aspecto oculto da religião. Centrada amiúde em um homem ou grupo, a luz que outrora iluminava o Ensinamento retorna para satisfazer as necessidades de uma geração que não mais consegue aceitar a maneira como seus pais entendem a tradição. Tal processo deve ocorrer continuamente para preservar a vida de uma religião. Quando não ocorre, o sentido interior logo se transforma em mera forma, tornando–se depois um costume morto que aprisiona o ignorante e afasta o inteligente*"[713](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#713).

Ressalto, porém, que o relato da obra de mestre Irineu pode ser continuado exatamente daqui: assim, se você não quiser aprofundar uma análise teológica mais complexa, basta saltar para o próximo capítulo.

Enfatizo também que a reflexão que aqui se verá faz parte de meus comentários pessoais sobre a vida e a obra de mestre Irineu, se Deus me ajudar, razão pela qual minha hipótese teológica não deriva de daimista algum e a ninguém pode ser debitada, senão a mim, em caso de erro ou viés[714](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#714).

Pois, como ensinou Jung, "*é um dever moral do homem de ciência expor–se a cometer erros e a sofrer críticas, para que a ciência continue progredindo*"[715](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#715).

http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/img/3-estrelas.gif

É um trabalho santo, seja qual for o prisma de avaliação sobre mestre Irineu e sua obra: "*Santo, Santo, Santo, o Senhor de todo poder, sua glória enche a terra inteira!"*[716](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#716).

Ensina frei Boff que há, ao menos, três formas de santidade participada:

1. "alguém é santo quando é de tal forma assumido pelo próprio Deus Santo, que Deus mesmo se faz presente e entra dentro de nossa história; quando semelhante evento de doçura ocorre, devemos então falar de encarnação do próprio Deus;
2. alguém é santo quando, ficando criatura somente, recebe uma missão divina; passa a agir em nome de Deus Santo e exerce uma função divina sem ser Deus;
3. alguém é santo quando orienta e ilumina sua vida na imitação do Deus Santo" [717](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#717).

Maria de Nazaré o foi também, por sua destinação, e devemos ver um pouco de seu nome, já que os nomes costumam apontar a sina e de tal sorte foi com ela, assim como com Jesus Cristo, o Filho eterno nela concebido homem pelo Espírito Santo de Deus.

Maria, Mâryam, do radical egípcio '*myr*', "*amada*", e do radical hebraico '*yam*', abreviação de '*Yaveh*', "*Deus*": *'Amada de Deus'* [718](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#718).

Aquela que, entre todas, foi querida na eternidade e escolhida por Deus para emprenhar o Filho eterno, pela Graça: "*O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra, e por isso aquele que vai nascer será santo e será chamado Filho de Deus*"[719](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#719).

Em outros momentos da história humana, como registra a Escritura, o Espírito Santo de Deus também preenche, fortifica e potencializa pessoas: assim foi com Sansão[720](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#720), Otoniel[721](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#721), Guideon[722](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#722), Saul[723](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#723) e David[724](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#724), entre vários; o mesmo se deu com Estevão[725](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#725), um dos discípulos da primitiva cristandade.

Mas com Maria é diferente…

"*É a primeira vez, em toda a Escritura, que se diz que Ele desceu imediatamente sobre uma mulher (…) O Novo Testamento diz de João Batista: 'será repleto do Espírito Santo desde o seio de sua mãe' (…) A novidade, aqui, reside no fato de o Espírito Santo repousar não sobre Jesus no seio de Maria, mas diretamente sobre Maria* [para se fazer carne]*. É sobre ela que o Espírito Santo é enviado pelo Pai e pelo Filho. O* [Concílio] *Vaticano II diz com acerto: 'Maria é como que plasmada pelo Espírito Santo e formada nova criatura'"*[726](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#726).

Para que nela o Verbo, segunda Pessoa de Deus Uno e Trino, se humanasse na pessoa de Jesus: "*E o Verbo se fez carne e habitou entre nós e nós vimos a sua glória; glória essa que, Filho único cheio de graça e de verdade, ele tem da parte do Pai*"[727](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#727).

Maria nos revela a face fêmea da criação de Deus ("*Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou; criou–os macho e fêmea*"[728](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#728)).

Maria, a *kecharitooménee*: expressão grega original – de *charitóo*, "*infundir*", "*insuflar*", "*graça divina*" – que designa a *gratificada, privilegiada, contemplada*, e santo Jerônimo traduziu na versão latina da Escritura como "*cheia de graça*".

Maria, possuída pelo Espírito Santo, ventre de encarnação do Verbo, pela vontade bondosa de Deus[729](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#729).

Em seu louvor, um hino daimista afirma o culto à Virgem Maria:

*"Sou filho de Maria,  
Maria, Mãe de Jesus.  
Maria é a nossa guia,  
e Jesus é a nossa luz"*[730](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#730)*.*

Pois, como decretou em 1950 o dogma[731](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#731) da Assunção de Maria, "*o nosso Redentor é também filho de Maria; e como observador perfeitíssimo da lei divina não podia deixar de honrar a sua Mãe amantíssima logo depois do eterno Pai*"[732](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#732).

Todavia, em que pese tudo isso, "*a mais importante iniciativa a louvar é a iniciativa do Espírito Santo. Ele, em seu libérrimo e transbordante amor, sai de Si, vai ao encontro de Maria e desce sobre ela (…) O Espírito encontra em Maria uma morada definitiva; não é como nos Profetas que são possuídos pelo Espírito Santo por momentos, a fim de executarem uma determinada missão*"[733](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#733).

Jesus Cristo é, todo Ele, Obra da Verdade, pelo Amor do Pai, querido pelo Pai desde a eternidade e gerado pelo Espírito Santo em Maria, de modo a cumprir sua missão: '*Yehôschuach*', de '*Yah*', '*Yahveh*', "*Deus*", e '*yoh*', do verbo '*yaschah*', "*libertar*", "*socorrer*", "*auxiliar*" e "*salvar*"[734](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#734).

Jesus: '*Yahveh*' de libertação, socorro e salvação.

Deus Jesus.

"*Foi por isso que Deus o exaltou soberanamente e lhe conferiu o Nome que está acima de todo nome, a fim de que ao nome de Jesus todo joelho se dobre, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai*"[735](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#735).

Canta mestre Irineu, ensinando em seu hino 47:

*"A Rainha me mostrou  
para mim reconhecer  
o nome que tanto se fala  
e ninguém sabe compreender"*[736](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#736)*.*

Porque mestre Irineu conheceu e compreendeu com a Imaculada Conceição manifesta em aparições privadas, já que, "*nela, tanto o Filho quanto o Espírito Santo se encontram numa densidade de manifestação única*"[737](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#737).

Passo a passo entendamos isso, a doutrina daimista pede, que é o coração mesmo da fé cristã: **Deus Uno e Trino** – lembrando, todavia, que o nosso intelecto é levado ao conhecimento de Deus "*a partir das criaturas. É preciso, portanto, que se considere Deus segundo o modo que assume a partir das criaturas*"[738](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#738).

Ao início, o alerta: "*é impossível chegar ao conhecimento da Trindade das Pessoas divinas pela razão natural*"[739](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#739).

Com humildade, reconhecendo: "*Alegremo–nos, portanto, de nossa incapacidade para falar de tão grande mistério de misericórdia e, não podendo expressar o que há de sublime em nossa salvação, reconheçamos que é bom para nós sermos assim vencidos. Com efeito, ninguém se aproxima tanto do conhecimento da verdade como quem compreende que, em se tratando da realidade das coisas divinas, mesmo se já progrediu bastante, resta–lhe sempre algo a aprender. Ao contrário, quem presume já ter alcançado o fim não encontra o que desejava, mas falha em sua procura*"[740](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#740).

Pois, como compôs o poeta grego Píndaro (500 a.C),

*"Não se deve pedir aos deuses senão o que convém  
aos corações mortais. É preciso ter o olhar fixo  
nos próprios pés, para nunca esquecer sua condição.  
Não aspires, minha alma, a uma vida imortal;  
pelo contrário, exaure o campo do possível.  
Seres efêmeros! O que é cada um de nós?  
O que não é cada um de nós?  
O homem é o sonho de uma sombra!  
Mas quando os deuses pousam  
sobre ele um raio de sua luz,  
então vivo fulgor o envolve  
e adoça–lhe a existência".*

Depois, "*deve–se dizer que, em Deus, as propriedades absolutas, tais como bondade e sabedoria, não se opõem mutuamente; por isso não se distinguem realmente*"[741](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#741).

No mistério divino, o que procede do Pai é Ele Mesmo, embora as chamemos "Pessoas", sob duas formas de processão[742](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#742): inteligência e bondade, ou a processão da sabedoria e a processão do amor, ocorridas "*enquanto Deus conhece e ama sua essência, sua verdade e sua bondade*"[743](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#743).

Verdade e amor são uma coisa só e a essência divina de verdade e bondade é a nós manifestada por meio do Filho e do Espírito Santo, respectivamente: "*Em Deus, o Verbo propriamente dito entende–se em sentido pessoal e é nome próprio da pessoa do Filho. Com efeito, significa uma emanação do intelecto. Ora, em Deus, a pessoa que procede por emanação do intelecto chama–se Filho e sua processão toma o nome de geração*[744](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#744)"; "[já] *para designar a pessoa divina que procede como amor, o uso nas Escrituras fez prevalecer o nome Espírito Santo*"[745](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#745).

Canta um hino:

*"A sempre Virgem Maria,  
ela é Rainha das flores,  
é quem nos dá este conforto,  
no coração nos dá amor.  
Jesus Cristo, o Vosso Filho,  
e Filho do Onipotente,  
é quem nos dá estes ensinos  
e ele é o Rei da ciência"*[746](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#746)*.*

Isso quer dizer que Deus é "diferente" do Filho e do Espírito Santo? Ou que, presos à nossa humana ideação temporal, que Deus "fez primeiro" o Filho e "depois, junto com o Filho", "fez" o Espírito Santo?

Não: "*deve–se dizer que a geração do Filho é co–eterna àquele que o gera. Portanto, o Pai não existiu antes de gerar o Filho. Do mesmo modo, a processão do Espírito Santo é co–eterna a seu princípio. Portanto, o Filho não foi gerado antes que o Espírito Santo procedesse. Um e outro são eternos*"[747](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#747).

Canta um hino:

*"São três poderes, são três amores,  
são três luzes, são três primores.  
O mestre que nos ensina,  
a Ele nos entregou.  
São três vidas e um só resplendor  
do meu Pai criador,  
agora junto eles todos  
e reduzo em um só amor"*[748](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#748)*.*

Das Pessoas divinas pode–se dizer também que têm – e por isso nós, à imagem de Deus, temos – poder, inteligência e bondade, atribuíveis a cada Pessoa divina por semelhança: "*Com efeito, o poder tem razão de princípio. Por isso, tem semelhança com o Pai celeste, princípio de toda deidade (…) A sabedoria tem semelhança com o Filho celeste, enquanto é o Verbo, que nada mais é que o conceito de sabedoria (…) A bondade, por ser razão e objeto do amor, tem semelhança com o Espírito divino, que é amor (…) Quanto à força, ela se atribui como própria ao Filho e ao Espírito Santo, mas não enquanto significa o poder de uma coisa e, sim, enquanto às vezes significa o que procede deste poder*"[749](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#749).

Canta um hino:

*"Eu não sou Deus,  
mas tenho uma esperança,  
eu não sou Deus  
mas sou sua semelhança"*[750](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#750)*.*

Contudo, embora co–eternos, têm uma certa ordem de procedência, pois "*foi explicado que o Filho procede do Pai segundo o modo do intelecto, como verbo. E que o Espírito Santo procede segundo o modo da vontade, como amor. Ora, necessariamente o amor procede do verbo, pois nós só amamos alguma coisa na medida em que a apreendemos em uma concepção da mente. E por aí também fica claro, portanto, que o Espírito Santo procede do Filho*"[751](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#751).

É apenas uma questão de ordem, pois "*é da razão da vontade e do intelecto que as processões, que se dão pela ação dos dois, disponham–se em certa ordem. Não há processão de amor senão em ordem à processão do verbo. Nada pode ser amado pela vontade, se não é concebido no intelecto*"[752](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#752).

Isto é, só se ama o que se conhece ou do qual se intui a existência pela fé, concebendo–o, de alguma forma, na mente – razão pela qual, aliás, não se pode dizer que se ama, propriamente, enquanto não houver consciência.

E com isso voltamos à obra de mestre Irineu, por Jesus Cristo e Maria de Nazaré, a Virgem soberana Mãe, Rainha da floresta e das flores e Senhora dos anjos, a Imaculada Conceição, que um dia esteve grávida do Espírito Santo de Deus.

Ensina frei Boff que "*por era do Espírito Santo entendemos um tempo histórico–salvífico caracterizado pela predominância do Espírito Santo como maneira própria e permanente de se processar, viver, pensar e atuar o relacionamento do homem para com Deus e de Deus para com o homem*"[753](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#753).

Segundo o franciscano, retomando a cronologia escatológica[754](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#754) (ou relativa ao destino final do homem e do mundo) que vem desde santo Agostinho, a "era do Espírito Santo" teve princípio com o nascimento de Jesus Cristo, a entrada do Verbo na história humana: antes fora a era sem Lei, pré–Moisés, e depois a era da Lei, sob o ***Antigo Testamento***. A seguir, "*como o Filho entrou na história, assim também entrou nela o Espírito Santo como o Seu Espírito, não como o Espírito de Deus em si mesmo, mas como o Espírito de Cristo, associado à sua obra de consumação, redenção e santificação*"[755](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#755).

Uma obra que encanta pelo Amor, ele, em Si, o Espírito Santo, pois "*pelo envio do Espírito Santo é principalmente o universo das pessoas que é tocado e santificado*"[756](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#756): "c*onsiderai esta alma a quem Deus atordoou por completo para melhor imprimir nela a verdadeira sabedoria (…) Deus se fixa a Si mesmo no interior da alma de modo que, quando esta volta a si, de nenhuma maneira pode duvidar que esteve em Deus e Deus nela. Essa verdade se imprime nela com tanta firmeza que, ainda que passem anos sem Deus voltar a conceder–lhe essa graça, nem a alma se esquece nem pode duvidar de que esteve na presença divina*"[757](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#757).

Portanto, se "*a tradição quase exclusivamente enfatizou a dimensão cristológica em Maria, hoje mais e mais importa fortalecer a perspectiva pneumatológica*" [758](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#758), que é a perspectiva do Espírito Santo, deixado de Si mesmos pelo Filho e pelo Pai como Orientador perpétuo: "*Se me amais, aplicar–vos–eis a observar os meus mandamentos; quanto a mim, eu rogarei ao Pai, e ele vos dará um outro Paráclito, que permanecerá convosco para sempre. É ele o Espírito da verdade, aquele que o mundo é incapaz de acolher, porque não o vê e não o conhece*"[759](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#759).

('*Pneuma*', em grego "vento" ou "ar", e '*rúah*', em hebraico "sopro" ou "respiração", são qualificativos do Espírito Santo de Deus na Escritura.)

Indo adiante, "*a uma Pessoa divina convém ser enviada,* ***na medida em que ela existe em algo de maneira nova***[760](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#760)*, e ser dada, na medida em que é possuída por alguém. Ora, um e outro caso só acontecem pela graça santificante. Há com efeito, uma só maneira pela qual Deus está em todas as coisas pela sua essência, seu poder e sua presença; como a causa nos efeitos que participam de sua bondade. Mas, acima deste modo comum, há um modo especial que convém à criatura racional. Nele, Deus existe como o conhecido no que conhece, e o amado no que ama. E, porque conhecendo–o e amando–o a criatura racional atinge por sua operação o próprio Deus, segundo este modelo especial não somente Deus está na criatura racional, mas ainda habita nela como em seu templo (…) Assim, o próprio Espírito Santo é dado e enviado*"[761](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#761).

Para receber Sua inabitação, mestre Irineu, em sua destinação, pela fé e por suas obras[762](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#762), foi transformado: "*o dom da graça santificante aperfeiçoa a criatura racional para que com liberdade não somente use o dom criado,* ***mas ainda frua da própria Pessoa divina*** *(…)* ***A graça santificante dispõe a alma a possuir a Pessoa divina****: é isso que significa quando se diz que o Espírito Santo é dado pelo dom da graça. Entretanto, este próprio dom que é a graça provém do Espírito Santo*"[763](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#763).

De forma a que, uma vez, mais se cumprisse a Escritura: "*(…) os que são conduzidos pelo Espírito de Deus, esses é que são filhos de Deus: vós não recebestes um espírito que vos torne escravos e vos reconduza ao medo, mas um Espírito que faz de vós filhos adotivos e pelo qual nós clamamos: Abbá, Pai*"[764](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#764).

Canta um hino:

*"O nosso mestre vai na frente,  
vai abrindo o caminho.  
Todos que lhe acompanharem,  
ele não deixa sozinho"*[765](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#765)*.*

E alumia o caminho para o Pai, que é o Filho em Jesus Cristo, pelo Espírito Santo de Deus.

Canta um hino:

*"A Virgem Maria vem acompanhando,  
com esta divina luz vem alumiando,  
neste caminho, neste caminho  
neste caminho do Espírito Santo"*[766](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#766)*.*

Na doutrina daimista, isso se dá graças aos ensinamentos recebidos por intermédio da Virgem Maria, pelo Espírito Santo, razão pela qual mestre Irineu, *Juramidam*, sempre nos lembra de agradecer à sua Mãe, a Rainha:

*"Minha Mãe, minha Mãezinha,  
Vós me dá todo valor,  
não sei se eu mereço  
para sempre eu ter amor"*[767](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#767)*.*

Ou, como entoa o rito bizantino, "*Vou elevar um hino à rainha e Mãe de quem, ao celebrar, me aproximarei com alegria, para cantar com exultação alegremente as suas glórias… Ó Senhora, nossa língua não te pode louvar dignamente, porque tu, que deste à luz a Cristo, nosso Rei, foste exaltada acima dos serafins… Salve, Rainha do mundo, salve, ó Maria, senhora de todos nós*"[768](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#768).

Repare: "*Mãe de quem, ao celebrar, me aproximarei*"!

Pois "*a assunção de Maria ao céu, por vontade de Deus, não é mera glorificação de uma 'Deusa Mãe'. Ao contrário, é a expressão do amor divino para com a humanidade; manifestação muito especial do respeito que Deus tem para com suas criaturas; de seu desejo de honrar os seres por ele criados à sua própria imagem e semelhança e, de modo todo particular, de seu respeito pelo corpo destinado a ser templo de sua glória. Se cremos na assunção de Maria, é porque sabemos que, também nós, pela graça de Deus, estamos destinados a habitar onde ela está*"[769](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#769).

Trata–se então de um caminho que, se principia pela Virgem Maria, Rainha do mundo, professora e protetora da missão de mestre Irineu, leva ao Espírito em Jesus e, no Filho, ao Pai.

Já que "*Maria, com seu amor de Mãe, cuida dos irmãos de seu Filho, que ainda peregrinam e se debatem entre perigos e angústias, até que sejam conduzidos à Pátria feliz. Por isso a Santíssima Virgem é invocada, na Igreja, com os títulos de Advogada, Auxiliadora, Amparo e Medianeira. Mas isto deve entender–se de modo que nada tire nem acrescente à dignidade e à eficácia de Cristo, Mediador único*"[770](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#770).

Canta um hino:

*"A minha Mãe ensina o Vosso filho,  
ensina ele para ele nos ensinar.  
Quem bem ouvir preste atenção ao que ele diz,  
Ela junto do pé dele Ela está.  
A minha Mãe nos manda estes primores  
com alegria e com amor Ela nos dá,  
e todos nós prestar atenção bem direitinho,  
esta alegria e este amor nunca faltar.  
A todos nós Ela mostra essas estrelas  
no firmamento, para nós bem saber contar  
qual a estrela que brilha mais no firmamento,  
é o Divino nas alturas aonde está"*[771](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#771)*.*

Pois o eventual risco da devoção mariana – e, nas práticas da doutrina daimista, o risco da ênfase demasiada na Rainha da floresta, um nome local para a Imaculada Conceição – é a excessiva centralização na figura da Virgem Maria e o relativo esquecimento de que, no caminho a Deus, se cristão, tudo deve focar Jesus e, porque nEle mesmo, o Filho, pelo Espírito Santo, ao Pai.

Para tanto, a doutrina daimista se expõe equilibrada e promove o equilíbrio, ao centralizar–se no *Paráclito*, habitado em mestre Irineu, **que para isso foi transformado**, e agradecer sem cessar a intermediação de Maria, outras vezes também aparecida em missão evangélica, aquela por meio da qual o Filho eterno – o Verbo – se tornou acessível ao humano, pelo Espírito Santo de Deus.

Canta um hino de João Pedro:

*"A terra toda celeste  
até o trono de Deus.  
Vamos cantar este hino  
que o nosso mestre me deu.  
Estremecem todos os astros,  
repicam todos os sinos,  
em louvor à Mãe de Deus  
vamos cantar este hino.  
Em toda parte se ouve  
o nome de Maria eterna.  
Vamos cantar este hino  
do soberano do céu".*

Recordo uma miração na qual eu via o cosmos e, dando–lhe centro, o símbolo do Redentor.

Canta um hino:

*"Menino Jesus,  
símbolo superior,  
perdoai os vossos filhos  
neste mundo pecador.  
Menino Jesus,  
símbolo dos defensores,  
defendei os inocentes  
neste mundo pecador.  
Menino Jesus,  
dono de todo amor,  
derramai as vossas bênçãos  
neste mundo pecador"*[772](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#772)*.*

Afirma santo João da Cruz: "*se eu te falei já todas as coisas em minha Palavra, que é meu Filho, e não tenho outra palavra a revelar ou responder que seja mais do que ele, põe os olhos só nele; porque nele disse e revelei tudo, e nele acharás ainda mais do que pedes e desejas*"[773](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#773).

Porque o Filho eterno é o foco, a baliza e o verdadeiro intercessor, no árduo trabalho de superarmos nossas contradições às virtudes e nosso desamor aos irmãos: "*(…) Eu sou o caminho, a verdade, a vida*"[774](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#774), "*(…) há um só Deus e também um só mediador entre Deus e os homens, um homem, Cristo Jesus, que se entregou como resgate por todos*"[775](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#775), "*(…) Mas se acontece alguém pecar, temos um defensor diante do Pai, Jesus Cristo, que é justo!"*[776](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#776) e "*Eis por que tem condições de salvar definitivamente os que, por meio dele, se aproximam de Deus, pois está sempre vivo para interceder em favor deles*"[777](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#777).

Canta um hino:

*"Estamos dentro da batalha,  
temos um defensor para nos defender.  
Quem me trouxe tem amor,  
quem me trouxe tem poder."*[778](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#778)*.*

O Filho eterno, feito carne em Jesus, nos ensina: "*Ora, enquanto ele falava isso, uma mulher elevou a voz do meio da multidão e lhe disse: 'Bem–aventurada aquela que te trouxe no seio e te amamentou!' Mas Jesus disse: 'Bem–aventurados, antes, os que ouvem a palavra de Deus e a observam!'"*[779](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#779).

Por isso rogo: que não se dê a ninguém, na doutrina daimista, vislumbrar uma "quarta Pessoa" na figura de Maria Santíssima: se as Três Pessoas são o Criador, Maria é criatura, por mais excelsa e bem–aventurada que seja[780](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#780).

Como disse santo Ambrósio, "*Maria era templo de Deus, não Deus do templo. Por isso, só deve ser adorado aquele que operava no templo*"[781](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#781).

E que igualmente não ocorra a ninguém, espero, neste caminho – embora a alguns isto também suceda –, crer que o Pai, o Filho ou o Espírito Santo, em seu mistério de Deus Uno e Trino, são as imagens mesmas que muitos daimistas vêem nos serviços espirituais dos quais participam.

Uma vez mais é bom ouvir santo Agostinho: "*se qualquer um, vendo Deus, concebe alguma coisa em sua mente, isto não é Deus, mas um dos efeitos de Deus*".

Em primeiro, como diz a Escritura, "*(…) ninguém conhece o Filho, a não ser o Pai, e ninguém conhece o Pai, a não ser o Filho, e aquele a quem o Filho quiser revelá–lo*"[782](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#782).

Mas, em segundo, cabe lembrar: "*Subindo ainda mais alto, dizemos que Ele não é alma, nem mente, nem objeto do conhecimento; nem tem opinião, nem razão, nem intelecto; nem é razão, nem é pensamento, nem é pronunciável, nem cognoscível; nem é número, nem ordem, nem grandeza, nem pequenez; nem igualdade, nem desigualdade, nem semelhança, nem dessemelhança; nem está de pé, nem se move, nem está imóvel; nem tem poder, nem é poder; nem vive, nem é vida; nem é ser, nem é eternidade, nem tempo, nem Seu toque é conhecível; nem é conhecimento, nem é verdade, nem realeza, nem sabedoria, nem um, nem unidade, nem divindade, nem bondade; nem é Espírito, tal como podemos compreendê–lo, nem Qualidade de Filho, nem Qualidade de Pai, nem qualquer outra coisa conhecida de nós ou de qualquer outra criatura (…); nem é escuridão, nem luz; nem falsidade, nem verdade; nem existe qualquer afirmação ou negação total que se possa fazer em relação a Ele*"[783](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#783).

Afinal, Ele é "*(…) o bem–aventurado e único Soberano, Rei dos reis e Senhor dos senhores, o único que possui a imortalidade, que habita numa luz inacessível e que nenhum homem viu e nem pode ver*"[784](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#784).

Por vontade de Deus, porém, o amor de Deus instaura o plano da salvação: "*A Deus, ninguém jamais contemplou. Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós e seu amor em nós é perfeito*"[785](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#785), diz o apóstolo.

O amor de Deus, por desígnio de Deus, também nos mostra o caminho de chegar a Ele: se não podemos compreender pela razão natural a Trindade das Pessoas, mas a essência mesma de Deus é Verdade e Bondade, e "*a razão natural poderá (…) conhecer de Deus o que pertence à unidade da essência, não à distinção das pessoas*"[786](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#786), é rumo ao Espírito Santo que devemos ir atrás, em Jesus Cristo, já que, como diz santo Agostinho, o Espírito Santo é a unidade da essência: "*os três são um, por causa do Pai, iguais por causa do Filho, unidos por causa do Espírito Santo*"[787](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#787).

"Encostando Nele", "encostamos" em Deus. "Conhecendo–O", "conhecemos".

Por conseguinte, o amor é o primeiro Mandamento, quer a Deus acima de todas as coisas, quer aos outros como a si mesmo: "*Se alguém disser: 'Amo a Deus', e odeia seu irmão, é um mentiroso. Com efeito, quem não ama seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê*"[788](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#788).

Canta um hino:

*"O amor, eternamente,  
eu desejo publicar.  
Para ser um filho seu,  
fazer bem, não fazer mal"*[789](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#789)*.*

"*Para ter benefício neste caminho e subir às moradas que desejamos, o importante não é pensar muito, mas amar muito. E, assim, deveis fazer o que mais vos despertar o amor*"[790](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#790).

Amor com alegria, uma presença contínua nos hinos e serviços daimistas: "*Com efeito, o gozo que o Pai e o Filho usufruem um do outro convém à propriedade do Espírito Santo, enquanto é Amor (…) O gozo no qual fruímos de Deus tem semelhança com outra propriedade do Espírito Santo, enquanto é Dom. 'Na Trindade', diz ainda* [santo] *Agostinho, 'o Espírito Santo é a suavidade do Pai e do Filho, suavidade que se derrama em nós com imensa largueza e superabundância'"*[791](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#791).

Canta um hino:

*"Vamos amar a Deus nas alturas  
e a divina Mãe aonde Ela está,  
que Ela em nós derrama as Vossas virtudes,  
Ela é para sempre, para não faltar"*[792](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#792)*.*

("*Fruir é usar com alegria*", ensina santo Agostinho, que me ensinou também a exclamar com ele: "*tarde Vos amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde Vos amei! Eis que habitáveis dentro de mim, e eu lá fora a procurar–Vos*"[793](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#793).)

Mas este amor, por nossa limitação encarnada – como a de termos de "ver para crer", feitos santo Tomé –, precisa ter semelhança humana no Caminho, a fim de se firmar em nós para ampliar–se até fora de nós, do amor a si ao amor aos irmãos e a Deus.

Para tanto, canta um hino:

*"Eu te dou, eu te dou  
é com carinho e com amor.  
Eu te dou, eu te dou  
é com carinho e com amor"*[794](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#794)*.*

Creia: minha primeira miração com a Virgem, em minha primeira viagem ao Acre, figurou–a como "Mãe pressurosa cuidando do Filho eterno enquanto Ele, bebê, brincava"…

Eu fui introduzido em um vasto ambiente em tons de azul e prata, coalhado de gente ali reunida como que para uma consulta com o Soberano, e ao fim, atrás do trono, via–se uma escada alta e um grande portal. Para lá fui dirigido por mornos sopros de perfume emanados de incorporeidades flutuantes que me ladeavam ao meio da multidão. Ao descerrar–se o portal, me foi dado ver tons róseos emoldurando uma doce atmosfera. Em silêncio, adentrei os ambientes para vislumbrar, sem que fosse visto ou abalasse a delicada cena que me era dado presenciar, meio atrás de um cortinado espesso, Maria de Nazaré entretida em cuidar do Menino, brincando no chão.

Para isso, e porque a primeira *imago*[795](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#795) amorosa na memória humana é a mãe desde a primeira encarnação, no percorrer o arco para fora e em boa parte do arco para dentro a Mãe precisa parecer ser a geradora da criação de Deus: "*Com efeito, sabemos: a criação inteira geme ainda nas dores do parto*"[796](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#796).

Canta um hino:

*"Bem louvada seja a nossa Mãe,  
bem louvada seja, vamos dar louvor.  
Bem louvada seja, bem louvada seja  
a nossa Mãe, que nos criou"*[797](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#797)*.*

Precisa cuidar de nós e consolar: "*Não vos deixarei órfãos, eu virei a vós*"[798](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#798).

Canta um hino:

*"Consolai, ô Mãe divina!  
Jesus Cristo Redentor  
é quem pode nos livrar  
neste mundo pecador"*[799](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#799)*.*

Precisa ensinar com carinho: "*o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que eu disse*"[800](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#800).

Canta um hino:

*"A Rainha, minha Mãe,  
foi quem veio me ensinar  
eu perdoar os meus irmãos,  
para meu Pai me perdoar"*[801](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#801)*.*

Precisa ser mediadora, como nossa mãe tantas vezes o foi junto ao nosso pai terrestre: "*Do mesmo modo, também o Espírito vem em socorro da nossa fraqueza, pois nós não sabemos rezar como convém; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis*"[802](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#802).

Canta um hino:

*"A minha Mãe me acompanhou,  
mandou eu ensinar:  
os que forem filhos dEla,  
aprender ao menos a rezar"*[803](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#803)*.*

Canta um hino:

*"Jesus Cristo Redentor,  
e a sempre Virgem Maria,  
é a luz resplandecente  
desta estrela que nos guia"*[804](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#804)*.*

Portanto, ao relatar e comentar a vida e a obra de mestre Irineu, parto do princípio de que, na devoção mariana revelada por mestre Irineu, "*Maria foi assumida pelo Espírito Santo em ordem à divinização do feminino e à revelação do rosto materno de Deus. Nada mais conveniente para semelhante evento histórico de Salvação que Maria fosse Virgem, totalmente reservada e conservada para ser o templo vivo do Espírito. Virgindade, aqui, não implica nenhum menosprezo ao amor humano (…) a virgindade revela uma radicalidade única, uma concentração tal em Deus, que todas as outras formas de amor serão sempre um amor a partir do amor de Deus, um amor em Deus*"[805](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#805).

Em meu entender, é exatamente isso que explica porque, nos hinos de mestre Irineu e da base doutrinária daimista as três Pessoas e Maria vêm como Um só: ora Jesus e Maria superpõem-se em uma única estrela, ora a força vem dEla ou de Deus, ora, ainda, é Ela ou o Filho quem ensina, perdoa ou salva.

Além disso, creio que os hinos da base doutrinária daimista – e mais seguramente os do hinário "*O Cruzeiro Universal*" – foram ensinados pelo Espírito Santo de Deus como forma de louvor ou salmo[806](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#806) – "*oração em gênero poético, cuja característica é o duplo ritmo, o das palavras e o das idéias, para ser acompanhada* [musicalmente] *pelo saltério*" – a serviço da evangelização, no plano da salvação, razão pela qual com grande freqüência o *Paráclito* inabitado em Raimundo Irineu Serra, *Juramidam*, canta na alma dos irmãos, estabelecendo vivo diálogo, e se ensine, entre outros hinos, "*que Jesus Cristo está conosco, é quem nos dá a instrução*"[807](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#807), "*neste caminho, neste caminho, neste caminho do Espírito Santo*"[808](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#808).

Se já vimos que, na Graça, a missão das duas Pessoas não se separa, "*a razão de missão implica que o enviado, ou começa a estar onde antes não estava, como acontece nas coisas criadas;* ***ou começa a estar de maneira nova, lá onde estava****. E é nesse sentido que se atribui a missão às Pessoas divinas. Portanto, há duas coisas a considerar naquele que realiza a missão: a habitação da graça e* ***certa inovação por obra da graça***[809](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#809)*. E em todos aqueles em que se encontram essas duas coisas, se realiza a missão invisível*"[810](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#810).

Assim, a meu ver, ao cantar à Virgem nos hinos da doutrina daimista canta–se também ao Espírito Santo de Deus como nós, pessoas, conseguimos cantá–lo – em meio ao Mistério da Trindade e porque assim a Deus convém, em seu Santo amor.

E não porque exista, propriamente, uma "quaternidade divina", "quatro Pessoas de Deus": Pai, Filho, Espírito Santo "e a sempre Virgem Maria".

"*Pai, Filho da Virgem Mãe amantíssima e do divino Espírito Santo*"[811](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#811), relembro, canta–ensina o hino.

E é bom frisar: não há porque discutir o sentido da expressão "*sempre Virgem*"[812](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#812), quer à luz das menções, na Escritura, aos "irmãos de Jesus"[813](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#813), quer da controversa expressão do apóstolo, "*(…) acolheu em casa a sua esposa, mas não a conheceu até quando ela deu à luz um filho, ao qual ele deu o nome de Jesus*"[814](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#814)– que deixa pressupor ter havido posterior "conhecimento". Trata–se, e isso é o que importa!, de sacrário do qual brotou a expressão viva de absoluta entrega ao Espírito Santo de Deus, quando a Ele respondeu em arbítrio: "*(…) Eu sou a serva do Senhor. Aconteça–me segundo a tua palavra*"[815](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#815).

Desta entrega, absoluta e isenta de egoísmo, decorre "*a maior glória da Senhora; nada tendo de seu, nada retendo do 'eu' de que se pudesse gloriar de algo por si mesmo, Maria não opôs nenhum obstáculo à misericórdia de Deus e de nenhum modo resistiu ao seu amor e à sua vontade (…) A Virgem foi e é, no sentido mais elevado, uma pessoa, precisamente porque, sendo 'imaculada', estava livre e isenta de qualquer mancha de egoísmo que pudesse obscurecer nela a luz de Deus (…) E todas as gerações dirão dela que é bem–aventurada, pois todas recebem, por meio da obediência de Maria, vida sobrenatural e alegria, seja qual for a medida em que essas lhes forem concedidas. É, portanto, necessário, reconhecer essa grandeza de nossa Senhora e que o louvor da grande obra que Deus nela operou seja cantado nos poemas e que haja catedrais dedicadas à glória do nome da Virgem Mãe de Deus. Pois, a não ser que nossa Senhora seja reconhecida como Mãe de Deus e Rainha de todos os santos e anjos, e como a esperança do mundo, a fé em Deus permanecerá incompleta. Como pedir ao Senhor todas as coisas que ele quer que esperemos confiantemente, se não conhecermos, pela contemplação da santidade da Virgem Imaculada, as grandes coisas que Deus tem o poder de realizar nas almas dos homens?*"[816](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#816).

Como compôs santo João da Cruz, o rouxinol do Carmelo:

*"Então chamou–se um arcanjo  
que são Gabriel se dizia,  
enviou–o a uma donzela  
que se chamava Maria,  
de cujo consentimento  
o mistério dependia;  
na qual a santa Trindade  
de carne ao Verbo vestia;  
e, embora dos três a obra,  
somente num se fazia;  
ficou o Verbo encarnado  
nas entranhas de Maria.  
E o que então só tinha Pai,  
já Mãe também teria,  
embora não como outra  
que de varão concebia,  
porque das entranhas dela  
sua carne recebia;  
pelo qual Filho de Deus  
e do Homem se dizia"*[817](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#817)*.*

Tanto, que um hino balbucia, no momento em que o irmão defronta a realidade que o supera, porque o engloba:

*"Oh! Meu pa–papai,  
Oh! Minha mamãe,  
Oh! Minha mãezinha  
do meu coração"*[818](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#818)*.*

[819](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#819)

Que doce mistério, este!, nos compete a cada um de nós exclamar, no caminho do conhecimento, integração e transcendência de todas as imagens, signos e símbolos, graças aos ensinos do Verbo, neste caso por missão mariana – para que possamos acolher Deus em nós aos nos vencer e, fazendo por merecer, tornar–nos filhos dEle em Sua verdade e bondade, por Sua vontade amorosa!

Sendo firme às virtudes, trabalhando por união e coesão, estribando–se na fé, desdobrando–se em obras e rogando a Deus a Graça, por seu Espírito Santo.

/a>

Que doce mistério, este!, nos compete a cada um de nós exclamar, no caminho do conhecimento, integração e transcendência de todas as imagens, signos e símbolos, graças aos ensinos do Verbo, neste caso por missão mariana – para que possamos acolher Deus em nós aos nos vencer e, fazendo por merecer, tornar–nos filhos dEle em Sua verdade e bondade, por Sua vontade amorosa!

Sendo firme às virtudes, trabalhando por união e coesão, estribando–se na fé, desdobrando–se em obras e rogando a Deus a Graça, por seu Espírito Santo.

## de "Eu peço a Jesus Cristo" a "Professor"

Ultrapassado o parêntese teológico, retomemos o caminho daimista, como percorrido e ensinado por mestre Irineu para quem quiser.

No hino seguinte ele pede a santa luz à Trindade para seguir adiante,

*"Eu peço a Jesus Cristo,  
eu peço à Virgem Maria,  
eu peço ao meu Pai eterno:  
Vós me dê a santa luz",*

louva as entidades que o ajudaram em sua missão,

*"Eu dou viva à Virgem Mãe!  
Viva suas companheiras!  
Nos proteja neste mundo,  
Vós, como Mãe verdadeira",*

reafirma a manifestação generosamente igual do Cristo de Deus entre nós – "*O Verbo era a verdadeira luz que, vindo ao mundo, ilumina todo homem*"[820](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#820)–,

*"O sol que veio à terra  
para todos iluminar:  
não tem bonito e nem feio,  
ele ilumina todos igual",*

e, no que parece ser só a celebração da inter–relação simbólica do feminino ("*lua*") com os aspectos materiais da existência ("*terra*"), uma vez mais louva nossa Senhora:

*"A lua tem três passagens,  
todas três nela se encerra.  
É preciso compreender  
que ela é quem domina a terra"*[821](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#821)*.*

E apresenta uma nova possibilidade de entendimento: pela primeira vez afirma receber "força" pela Rainha, uma noção que vai se intensificar no correr do restante do hinário:

*"A força da floresta,  
a força do astral,  
a força está comigo:  
a minha Mãe é quem me dá ".*

Para no próximo hino ampliar tal conceito – a Luz é de Deus, mas a recebe por meio da Medianeira –, ao cantar:

*"Eu vou cantar, eu vou cantar  
de joelhos em uma cruz.  
Vou louvar ao Senhor Deus,  
foi quem me deu esta luz.  
Esta luz é da floresta,  
que ninguém não conhecia.  
Quem veio me entregar  
foi a sempre Virgem Maria.  
Quando Ela me entregou  
eu gravei no coração,  
para replantar santa doutrina  
e ensinar aos meus irmãos.  
Eu agora recebi  
este prêmio de valor  
de São José e da Virgem Mãe  
de Jesus Cristo Redentor"*[822](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#822)*.*

Nesse hino, o trabalho de recobro de conteúdo eliminou uma vírgula, que estava demais, pois antes se cantava "de São José e da Virgem Mãe (,) de Jesus Cristo Redentor".

No hino seguinte mestre Irineu introduz uma inovação teológica, ao cantar que Jesus **e João** foram batizados no rio Jordão, mas não a explica melhor e nem nunca consegui, só ou com irmãos, chegar a um melhor entendimento:

*"Toda a verdade afirmou,  
gravou no coração.  
Ambos foram batizados  
no rio de Jordão.  
No rio de Jordão  
ambos estiveram em pé;  
um é filho de Maria,  
o outro é filho de Isabel"*[823](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#823)*.*

Neste hino mestre Irineu menciona a avó de Jesus Cristo, mãe de Maria, "*Senhora Sant'Ana*" (da qual sabemos não pelo ***Novo Testamento*** e, sim, por textos apócrifos como o "***Proto–Evangelho de Tiago***"), na única menção a ela em todos os hinos da base doutrinária.

E pela primeira vez parece contradizer frontalmente a Escritura!

Embora na exegese feita pelos principais teólogos e estudiosos dos textos sagrados se encontrem tensões e contraposições – como se vê entre santo Tomás de Aquino e santo Agostinho, além de Orígenes, santo Ambrósio, santo Alberto Magno, John Duns Scotus e santo Boaventura, dentre outros –, sempre se trata de interpretação a partir de distintos pontos de vista.

Isto se deu até mesmo entre Pedro e Paulo, nas primeiras décadas da cristandade, no desenvolvimento de sua missão evangélica.

Pois, como afirmou Egídio de Roma, discípulo de santo Tomás de Aquino, "*não se deve impor a uniformidade de opiniões a todos os nossos discípulos, pois nossa inteligência não deve ser submetida à inteligência de um homem, mas só à tutela do Cristo*"[824](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#824).

Contudo, nunca se trata de alteração do conteúdo da Escritura, por acréscimo ou subtração, como parece ocorrer aqui – "*ambos foram batizados*"–, e há quem informe que também no ritual daimista de batismo, feito sempre ao nascer do sol[825](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#825) –no qual, aliás, não se canta hinos, como se inventou mais tarde –, tal dito era reafirmado por mestre Irineu: "*Assim como Jesus batizou João no rio de Jordão, eu te batizo* [fulano] *para seres cristão*"[826](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#826).

(Existem divergências sobre a elocução final da forma de batizar adotada por mestre Irineu: ao passo que há quem diga que ele pronunciava "*em nome do Pai, do Filho da Virgem Mãe amantíssima e do divino Espírito Santo*"[827](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#827), há quem informe que a elocução original seguia fielmente o ***Evangelho***[828](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#828): "*em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*"[829](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#829), tendo sido aposto, depois, com o tempo, a expressão "*da Virgem Mãe amantíssima*" e o adjetivo "*divino*".)

Voltemos ao batismo de Jesus, porém, pois este hino nos traz a um assunto relativamente controverso no ***Novo Testamento***.

Dos quatro evangelistas, três retratam o episódio em detalhes. ***João*** relata o ocorrido como narrador do testemunho de João Batista[830](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#830). Já ***Lucas*** e ***Marcos***, respectivamente, registram que "*Ora, ao ser batizado todo o povo, Jesus, batizado ele também, rezava; então o céu se abriu*"[831](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#831) e "*(…) João, o Batizador, apresentou–se no deserto, proclamando um batismo de conversão para o perdão dos pecados (…) Ora, naqueles dias, Jesus veio de Nazaré na Galiléia e fez–se batizar por João no Jordão*"[832](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#832).

***Mateus***, no entanto, vai mais longe, pois, neste ***Evangelho*** Jesus se opõe a batizar João: "*Então chega Jesus, vindo da Galiléia ao Jordão, junto a João, para fazer–se batizar por ele. João quis opor–se a isto: 'Eu é que preciso ser batizado por ti', dizia, 'e és tu que vens a mim'? Mas Jesus replicou–lhe: 'Deixa, agora é assim que nos convém cumprir toda a justiça'. Então, ele o deixa fazer*"[833](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#833).

A que, então, mestre Irineu poderia estar se referindo ao afirmar que "*ambos foram batizados no rio de Jordão*"?

Mas se todos os evangelistas registram apenas o batismo de Jesus por João Batista, ***João*** afirma terem dito ao Batista: "*Rabi, aquele que estava contigo além do Jordão, aquele sobre quem deste testemunho, eis que se põe também a batizar e todos vão ter com ele!"*[834](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#834).

Jesus, então, batizava? Teria batizado João, o Batista?

Pouco adiante, contudo, o mesmo ***Evangelho*** afirma: "*Na verdade, Jesus mesmo não batizava, mas os seus discípulos*"[835](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#835).

Mas, curiosamente, em nenhum dos ***Evangelhos*** há registro de qualquer discípulo realizando batismos, o que só ocorrerá após a ressurreição de Jesus, como relatado nos ***Atos dos Apóstolos***. Antes, o que Jesus ordena aos seus discípulos é a pregação da boa nova ("*euaggélion*", em grego) e o que se registra é a realização de exorcismos e curas pelos apóstolos: "*enviou–os* [os Doze] *a proclamar o Reinado de Deus e a fazer curas*"[836](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#836) e "*Eles partiram e proclamaram que era preciso converter–se. Expulsavam muitos demônios, faziam unções com óleo em muitos doentes e os curavam*"[837](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#837).

Assim, nunca pude entender o "*ambos foram batizados*" – embora, como ensina René Laurentin, perito do Concílio Vaticano II e membro da Pontifícia Comissão Teológica de Roma, "*resolver a ambigüidade seria esvaziar o mistério*"[838](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#838).

No hino seguinte, mestre Irineu canta o delicado equilíbrio necessário entre não se apegar às exigências da matéria, que é transitória, e a um tempo só não desrespeitá–la, já que estamos – ele, inclusive – encarnados:

*"Todo dia eu canto e peço  
para limpar meu coração,  
para seguir neste caminho  
e deixar a ilusão.  
Sempre eu digo aos meus irmãos  
que tratem o tempo mais sério,  
que o tempo não engana  
e não tem dó desta matéria"*[839](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#839)*.*

A seguir, mestre Irineu pede o pão do Senhor:

*"Vós me dê o Vosso pão,  
o Vosso ensino divino,  
Vós me dê a santa luz  
para eu seguir o meu destino"*[840](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#840)*.*

Embora já se tenha afirmado insensatamente que "*o iniciado bebe a oaska e é então alimentado com pão divino (o cipó) e água divina (a folha)*"[841](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#841), uma vez mais a fina contextura teológica da obra de mestre Irineu – torno a lembrar, homem com nenhum preparo cultural acadêmico –, se revela: "*o Vosso pão, o Vosso ensino divino*".

Pois a Escritura menciona o "*pão do céu*" em dois contextos diferentes.

O primeiro é o visto no ***Antigo Testamento***, como indicador do poder salvador de Deus no êxodo dos israelitas pelo deserto, socorrendo o Seu povo: "*Para alimentá–los, fez chover o maná, deu–lhes o trigo dos céus: cada um comeu o pão dos Fortes, enviou–lhes víveres à saciedade*" [842](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#842); "*À vista disso, os filhos de Israel disseram uns aos outros 'que é isto?', pois não sabiam o que era. Moisés lhes disse: 'É o pão que o Senhor vos dá para comer'"*[843](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#843); "*O povo se dispersava para recolhê–lo; em seguida, o moía na mó ou o pisava num pilão; cozia–o em panelas e fazia bolos. O maná tinha gosto de bolo amassado no azeite. À noite, quando o orvalho caía sobre o acampamento, caía também o maná*"[844](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#844).

Mas no ***Novo Testamento*** a dádiva de Deus, aos que quiserem, é outra e de ordem superior: "*(…) Em verdade, em verdade, eu vos digo, Moisés não vos deu o pão do céu, mas é meu Pai que vos dá o verdadeiro pão do céu. Pois o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo*" e "*Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome, aquele que crê em mim jamais terá sede*"[845](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#845).

O maná era para todos indistintamente, mesmo para quem não o conhecia ("*não sabiam o que era*"); já o pão do céu é para aquele "*que vier a mim*".

Como convida a Sabedoria: "*Vinde, comei do meu pão, bebei do vinho que preparei. Deixai a insensatez e vivereis! Andai, depois, pela via da inteligência*"[846](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#846).

Pois não se trata mais de pão que mata a fome mas, sim, de conhecimento e amor, ou verdade e bondade, que alimentam a vida de quem os busca.

Como canta um hino:

*"O amor divino  
da nossa Mãe criadora,  
é o alimento do espírito  
e da matéria sofredora"*[847](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#847)*.*

Dois hinos após, mestre Irineu lembra a necessidade de eliminar os altos da soberba ou da ira e os baixos do medo ou da dúvida:

*"Firmeza, firmeza, firmeza  
eu peço a Deus.  
Aplanai meu coração,  
eu quero ser um filho seu"*[848](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#848)*.*

E reafirma sua certeza de o caminho ser o do cuidado, da paciência, da obediência e do zelo, em busca da perfeição:

*"Chamo o tempo, eu chamo o tempo,  
para ele vir me ensinar  
aprender com perfeição,  
para eu poder ensinar.  
Os que forem obediente,  
tratar de aprender,  
para ser eternamente,  
para Deus lhes atender.  
Depois que o tempo chega  
ninguém quis aprender,  
depois que refletir  
é que vai se arrepender.  
Firmeza no pensamento  
para seguir no caminho.  
Embora que não aprenda muito,  
aprenda sempre um bocadinho"*[849](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#849)*.*

Com esta firmeza no pensamento e a humildade de aprender o que for possível a cada instante, já que o conhecimento, neste caminho, é obra da Graça e do coração que a isto se aplica, mestre Irineu chega respeitosamente no jardim:

*"Silencioso eu chego no jardim,  
eu peço à Virgem Mãe  
que Vós tenha pena de mim"* [850](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#850)*.*

Veja: não é em "um jardim" – é "***no*** *jardim*".

Vale a pena nos debruçarmos sobre o percurso da chegada no "jardim" [851](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#851) e sua finalidade, nos oito hinos em que esta palavra progressivamente ocorre no decorrer do "*O Cruzeiro Universal*": no seu primeiro hino, mestre Irineu afirma que "*me parece um jardim*", no hino 59 canta "*Deus me fez, para ser um filho Seu no jardim de belas flores*", e no hino 72 – este, que acabamos de ver – ele "chega" no jardim.

Até aqui, ele passa da descoberta da existência de um jardim à compreensão de sua destinação e a sua chegada a ela, memória a memória, símbolo a símbolo, signo a signo, no arco para dentro ou Retorno a Deus.

A seguir, no hino 79 ele receberá a missão de ser "*jardineiro no jardim de belas flores*", no hino 82 assumirá ser, além de "jardineiro, campineiro" (veremos por que…), no hino 90 explicitará sua fidelidade ao que ali encontra ("*para sempre eu estou aqui*") e no hino 95 vai cantar a Sagrada Família como a Mensagem central do jardim de Deus: "*Jesus, Maria e José*" (como também veremos à frente).

Para, após apresentar a Mensagem, no hino 114 intitular com alegria nossa Senhora da Conceição como "*minha flor, minha esperança, minha rosa do jardim*".

Cantam outros hinos:

*"Senhora Mãe Santíssima,  
o Seu jardim Deus preparou.  
Colocou Seu bento filho,  
Ela é a árvore e Ele, a flor"*[852](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#852)*.*

e

*"Sois divina, sois divina,  
sois divina com Vosso amor.  
Sois divina, sois divina,  
consagro em Vós este amor.  
Sois divina, sois divina,  
para todos ela amostra este amor.  
Sois divina, Oh! Mãe divina,  
Vós me apresenta esta flor.  
Esta flor é pequenina,  
ela brilha em todo jardim.  
É divina, sois divina,  
peço a Vós que brilhe a mim"*[853](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#853)*.*

O trabalho para recobro de conteúdo devolveu "*ela brilha em todo jardim*" [854](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#854), em substituição a "ela brilha em todo o jardim", pois a flor do amor de Deus brota em todos os que o cultivam e não apenas em um determinado jardim, o qual seria "o jardim":

*"Vejam–te meus olhos,  
doce e bom Senhor;  
vejam–te meus olhos  
e morra eu de amor.  
Olhe quem quiser,  
rosas e jasmins:  
que eu, com a Tua vista,  
verei mil jardins"*[855](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#855)*.*

A associação da Imaculada Conceição com rosas é imemorial. Basta pensar no rosário: com ele, "*o povo cristão freqüenta a escola de Maria, para deixar–se introduzir na contemplação da beleza do rosto de Cristo e na experiência da profundidade do seu amor. Mediante o rosário, o crente alcança a graça em abundância, como se a recebesse das mesmas mãos da Mãe do Redentor*"[856](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#856).

Que não haja pressa em rezá–lo, porém!, para que não se perca a dimensão da "*contemplação. Sem esta, o mesmo rosário é um corpo sem alma e a sua recitação corre o perigo de tornar–se uma repetição mecânica de fórmulas e de vir a achar–se em contradição com a advertência de Jesus: 'Nas vossas orações, não useis de vãs repetições, como os gentios, porque imaginam que é pelo palavreado excessivo que serão ouvidos'. Por sua natureza, a recitação do rosário requer um ritmo tranqüilo e uma certa demora a pensar, que favoreçam, naquele que ora, a meditação dos mistérios da vida do Senhor, vistos através do coração daquela que mais de perto esteve em contato com o mesmo Senhor, e que abram o acesso às suas insondáveis riquezas*"[857](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#857).

Pois, como ensina santa Teresa de Ávila: "*agora entenderei a diferença que há entre ela* [a oração vocal] *e a oração mental, que é o que fica dito: pensar e entender o que falamos, com Quem falamos e quem somos nós que nos atrevemos a falar com tão grande Senhor. Oração mental é pensar nisto e em outras coisas semelhantes, como no pouco que O temos servido e no muito que estamos obrigadas a servir; não penseis que seja uma coisa complicada, nem vos espanteis com o nome. Rezar o Pai–nosso e a Ave Maria ou qualquer outra coisa é oração vocal. Vede que, sem a primeira* [a mental]*, esta* [a vocal] *vai produzir uma música desafinada; até as palavras nem sempre sairão certas*"[858](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#858).

Caracteristicamente, porém, na doutrina daimista, ora a rosa, ora a flor, se associam tanto à Virgem Maria quanto ao Filho eterno, em Jesus Cristo.

A um ponto tal que, no começo da ritualização da doutrina daimista, como vimos, homens e mulheres usavam uma rosa sobre o peito, substituída após pela estrela de seis pontas, a partir daí com uso indistinto da estrela para os dois gêneros, ficando a rosa só para as mulheres (estilizada em um broche de tecido aposto apenas na farda branca de gala).

Esta associação com a rosa, aliás, nos permite relatar um testemunho da sofisticação teológica viva que percorre a expressão da doutrina daimista, ao menos no tempo em que mestre Irineu estava no mundo, pela similitude com um trecho incrustado ao meio do ***Antigo Testamento***, de bastante improvável, para não dizer impossível, conhecimento por homens e mulheres não acostumados a perscrutar os Livros menos citados da Escritura à busca de sinais (ao contrário do que em geral ocorre com o ***Gênesis***, o ***Êxodo***, os ***Evangelhos*** e alguns dos apensos ao ***Novo Testamento***, como as ***Epístolas***, bem mais conhecidos).

Pois quase todos os daimistas deste tempo, homens e mulheres, eram analfabetos ou semi–alfabetizados, torno a recordar…

Contam que entre os feitores de daime congregados à volta de mestre Irineu uma vez se instalou a disputa: quem fazia o "melhor daime"?, no sentido de daime mais bem preparado conforme o procedimento ensinado por mestre Irineu (abstinência sexual por três dias antes da colheita de material – cipó, folhas e madeira bálsamo, para o fogo, sempre sob a lua nova – e durante o serviço de preparo; absoluta abolição de pensamentos ou sentimentos impróprios às virtudes em todo este período, variável de sete a dez dias; integral dedicação à tarefa do feitio até o momento em que o daime, já pronto, esteja descansando em garrafas de vidro e nunca de plástico).

(Veio depois, no correr dos anos 80, sob forma experimental, a invenção de daime "dobrado" e outras formas de preparar daime: sem cozer, cozido várias vezes com mais folhas de "rainha", para aumentar o nível de DMT na bebida, ou com a adição de outros tipos de planta, como o peiote, ou mescal, numa pitoresca mas improvável "união da águia e do condor", ou "fusão" nova–era de formas norte–americanas e andinas de culto à espiritualidade – seja lá o que "andinas" queira dizer…, já que os 7.500 quilômetros da Cordilheira dos Andes abrigam sete países e ao menos dez áreas etnográficas, com dezenas de culturas diferentes entre si, e tradições não se "fundem" apenas pela mescla do uso de plantas psicoativas.)

### Daime pronto para o serviço



Mestre Irineu convocou seus feitores e declarou que certo dia haveria um serviço espiritual dedicado a esta "*conferência de mérito, para atribuição de patente*"[859](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#859): todos trariam uma garrafa de daime, as garrafas seriam colocadas em uma mesa ao centro do serviço e na garrafa com o "melhor daime" os presentes mirariam uma rosa.

Francisco Granjeiro, Manoel Cipriano, Raimundo "Loredo" Ferreira, Sebastião Mota de Melo e outros feitores trouxeram as garrafas e, em certo momento do serviço, todos miraram uma rosa brotar na garrafa do daime feito por "seu" Loredo[860](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#860).

Até aí poderia parecer somente fábula do imaginário daimista, não fosse o fato de depararmos o seguinte episódio na Escritura, análogo na estrutura e no sentido: "*O Senhor falou a Moisés dizendo: 'Fala aos filhos de Israel e faz com que te entreguem um bastão por tribo, isto é, doze bastões, entregues por todos os teus responsáveis de tribos. Escreverás o nome de cada um no bastão. No bastão de Levi escreverás Aarão, pois só haverá um único bastão para cada chefe de tribo. Levarás os bastões para a tenda do encontro – diante do Documento – onde me encontro convosco. O homem cujo bastão florescer será o que escolhi: assim, afastarei de mim os protestos que os filhos de Israel proferem contra vós (…) No dia seguinte, Moisés entrou na tenda do Documento e viu que o bastão de Aarão, da casa de Levi, havia florescido: um botão havia despontado, uma flor havia desabrochado e amêndoas haviam amadurecido*"[861](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#861).

No hino seguinte, após ter chegado "no jardim", mestre Irineu expõe com clareza sua vontade à Virgem Mãe e ao Pai eterno – "*quero que*" – e volta a admoestar a irmandade pela fraqueza de vontade, rebeldia e deslealdade:

*"Eu vi a Virgem Mãe,  
nas alturas onde ela está.  
Me mandou que eu afirmasse  
a firmeza, eu afirmar.  
A lua é quem dá força  
para a terra criadora,  
quero que Vós me proteja,  
Vós, como mãe protetora.  
Ô, divino Pai eterno,  
Soberano onipotente,  
quero que Vós me dê força  
para ensinar esta gente.  
A sempre Virgem Maria  
é na terra e no astral,  
aquele que for rebelde  
precisa disciplinar.  
Eu ensino é com amor,  
com firmeza e lealdade.  
Quando vêm falar comigo  
sempre trazem a falsidade.  
Isto é deles, não é meu,  
faço por não compreender.  
Depois eles saem dizendo  
que o Mestre não tem saber"*[862](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#862)*.*

A expressão "*isto é deles, não é meu, faço por não compreender*" prega a necessidade de discriminar entre o que é do outro e o de si, à busca de não assumir como seu o que o outro tenha de inverídico ou maldoso: "*afasta também Teu servo dos orgulhosos: que não tenham domínio sobre mim*"[863](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#863).

Neste intuito, um hino de Francisco Fernando Filho, o "Tetéu", canta:

*"O homem que é homem  
não se mete em trança,  
o homem que é homem  
não mantém distância".*

Pois quão difícil é manter–se próximo sem "se misturar", quer com os irmãos, quer em si mesmo, no caminho do retorno a Deus!

A seguir, mestre Irineu canta uma das mais claras lições – entre todos os hinos da base doutrinária – sobre a dinâmica da reencarnação, dando ênfase à necessidade de desenvolvimento espiritual continuado como forma de preparo para a passagem:

*"A morte é muito simples,  
assim eu vou te dizer:  
eu comparo a morte,  
é igualmente ao nascer.  
Depois que desencarna,  
firmeza no coração*[864](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#864)*.  
Se Deus te der licença,  
volta a outra encarnação.  
Na terra, como no céu,  
é o dizer de todo mundo:  
se não preparar o terreno,  
fica um espírito vagabundo"*[865](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#865)*.*

Contam que este hino foi recebido pertinho da passagem de Antonio Gomes, em 1946[866](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#866). Uma vez mais, Aquele que habita mestre Irineu ensina a ele e, através dele, à irmandade: o momento da passagem de uma vida a outra, quer da espiritual para a material, quer desta, a "nossa", para retornar à espiritualidade, é sempre um nascer. Nascer e renascer, nascer e renascer, nascer e renascer, a dinâmica da imortalidade, já que em Deus não há morte, só vida:

*"Te apresenta ao Vosso Pai,  
foi quem te mandou chamar,  
teu tempo completou,  
que é para ti, que é para ti te apresentar.  
Ô, meu Senhor Amado,  
eu vim me apresentar,  
atender Vosso chamado,  
que Vós me, que Vós me mandou chamar"*[867](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#867)*.*

Com firmeza de intenção, porém, para não haver apego à forma de vida em que se esteja – assim como todos relutamos em morrer, temendo o ato de desligamento desta vida, há desencarnados que refugam encarnar, por temer as vicissitudes da destinação encarnada.

Da dinâmica dos encantados, neste aspecto, nada sei.

Todavia, como mestre Irineu congrega uma irmandade de encarnados, o ponto de vista privilegiado forçosamente deve ser este, para ser útil e eficaz no plano da salvação. Então, é a estes que se dirige ao enfatizar a necessidade de "preparar o terreno para que o espírito não fique vagabundo", isto é, errante.

Canta um hino:

*"Ele veio para ensinar  
neste mundo universal,  
para todos nós trabalhar  
para a vida espiritual"*[868](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#868)*.*

Um dos episódios mais marcantes que pude acompanhar, no que diz respeito a "espíritos errantes", foi o vivido por uma irmã, psicóloga de renome em grande cidade brasileira. Argentina de origem, e obrigada a se refugiar no Brasil durante a última ditadura militar de seu país, um dia me referiu estar atendendo uma paciente, também psicóloga, com clássicos indícios de psicose; aos poucos analisamos o caso e o que parecia sintomas psicóticos – "saída de si", "sensação de ser outra pessoa", "visualização espontânea de cenas desconhecidas" e "fluxos intensos de afetos sem motivo aparente", por exemplo – revelou–se o início de um processo de grande importância espiritual: o auxílio no bom encaminhamento de seres que, cruelmente mortos no mundo, haviam "estagnado" em camadas do astral e não conseguiam se encaminhar para outros níveis, quer por falta de admissão de terem "morrido", quer por ausência de entendimento das razões de estar "onde" e "como" estavam, de tão brutal fora para eles a passagem.

Enquanto o atendimento clínico em consultório se dava – pois outras razões haviam trazido a paciente a atendimento –, eu e esta irmã estudamos o caso em sucessivos serviços espirituais, não apenas para compreender do que se tratava – pois poderia ser apenas um quadro psicopatológico mais grave – mas para gerar nela um espaço interno de conforto que a permitisse lidar com mais tranqüilidade com o caso, sendo eficaz, então.

Imagine a redefinição teórica e metodológica necessária para uma psicóloga de formação convencional, em um caso como este!

Quando a paciente e ela, em uma sessão, produziram uma relação completa de nomes (com detalhes sobre a passagem de cada pessoa: data exata, descrição do local, circunstâncias etc.), soubemos ter condições de checar a objetividade do que se dava. Por minha sugestão, ela entrou em contato com organizações que, em seu país, buscavam informar–se sobre desaparecidos no período militar, e verdadeiramente as duas dezenas de nomes citados procediam, bem como corroboravam em minúcias as informações detidas por tais organizações sobre desaparecidos políticos.

A partir daí, tudo era questão de trabalhar: por meses seguidos, em sucessivas sessões em ambiente protegido, ela e a paciente trabalharam para "atender" – por meio da paciente, que servia de "canal de comunicação" ou médium – cada ser que havia passado tragicamente, ajudando–os a se conscientizar do que ocorrera, a aceitar a passagem para outras camadas de existência e, desta forma, a seguir seu caminho de evolução, agora no mundo espiritual.

Foi exaustiva a tarefa, redundando no "encaminhamento" de alguns milhares de seres – após o que o "comandante da operação", ele também assassinado pelas forças armadas, identificou–se como um importante líder na resistência contra a ditadura e explicou por que ela, argentina de nascimento, psicóloga e espiritualista, fora a escolhida para aquela delicada missão.

Este assunto põe em relevo, outrossim, um aspecto central da doutrina daimista e seu contraste frontal com as formulações católica, ortodoxa e protestante da mensagem cristã, qual seja o da crença na existência de reencarnação, razão pela qual o trabalho de mestre Irineu foi alvo de severa oposição pela Igreja Católica desde os seus primórdios e a doutrina daimista nunca pôde ser percebida como doutrina cristã salvífica e evangelizadora, embora não focada não somente em um dia de Juízo, após a morte, e, sim, também, na vida presente, se Deus quiser.

A salvação deve ser buscada agora[869](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#869), na vida atual, prega a doutrina daimista, embora possa haver outras chances para quem não a receba.

Relembro o hino:

*"Depois que desencarna,  
firmeza no coração.  
Se Deus te der licença,  
volta a outra encarnação".*

Desde o Concílio de Nicéia, em 325 d.C., Constantinopla e Roma se posicionam com firmeza contra a existência de reencarnação. *No início, lá nos primeiros séculos da cristandade, isso se deu em contraposição à crença que ocorria entre os judeus nas primeiras comunidades cristãs* (e até hoje prevalece em sua mística mais elaborada, a Kabbalah[870](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#870)), mas, com o tempo, reforçando tal postura doutrinária por considerar a noção de reencarnação herética e contrária à crença na ressurreição[871](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#871) dos corpos no dia do Juízo Final, dogma central da fé católica.

Todavia, não se vê em parte alguma dos ***Evangelhos*** razão para esta contraposição e parcela fundamental da postura católica se estrutura sobre um versículo de ***Hebreus*** – "*e como o destino dos homens é morrer uma só vez*"[872](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#872)–, uma Epístola que além de contradizer vários episódios de ressurreição do Antigo e do Novo Testamento, é alvo de crescentes dúvidas pelos estudiosos bíblicos quanto à autenticidade do texto (já santo Agostinho questionava sua autoria, historicamente atribuída a Paulo).

Santo Agostinho, ao analisar a questão da sobrevivência da alma após a "morte" e sua comunicação com os "vivos", admite: "*Eis uma questão que ultrapassa as possibilidades da minha inteligência: como os mártires, que sem dúvida alguma vêm em ajuda de seus devotos, aparecem: se em pessoa e no mesmo momento; se em diversos lugares e afastados uns dos outros; se somente onde se encontra seu túmulo ou em qualquer outro lugar onde se faz sentir sua ação? Ou bem, se eles permanecem confinados na morada reservada a seus méritos, longe de todo relacionamento com os mortais, contentando–se em interceder pelas necessidades dos que suplicam? Será assim como nós mesmos rezamos pelos mortos, sem lhes estar presentes e sem saber onde estão nem o que fazem?*

*(…) Sim, repito, essa é uma questão muito elevada para que eu possa atingi–la e muito complexa para que possa escrutá–la a fundo. Das duas hipóteses de sermos atendidos, que indiquei, qual será a verdadeira? Talvez os dois processos sejam empregados sucessivamente. Assim, às vezes os mártires* [e não apenas mártires, pois o próprio santo Agostinho lembra que "*o profeta Samuel, após sua morte, apareceu a Saul ainda vivo e lhe predisse o futuro*"[873](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#873)] *atendem–nos com presença pessoal, e às vezes por mediação dos anjos que tomam sua forma. Não ouso decidir e preferiria esclarecer–me junto a homens doutos que o saibam. Não é impossível que haja alguém que saiba, não digo saber, mas ignore. Porque Deus, em suas liberalidades, concede a uns certos dons e outros tais outros dons, conforme o ensino do Apóstolo que diz que a ação do Espírito Santo manifesta–se em cada um em vista da utilidade comum (…) Ora, entre todos esses dons enumerados pelo Apóstolo, quem recebeu o dom do discernimento dos espíritos é esse que conhece, como é preciso conhecer, estas questões, sobre as quais estamos a trata*r"[874](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#874).

Santo Tomás de Aquino, por sua vez, diz: "*que os mortos apareçam aos vivos desta ou daquela maneira, isso pode acontecer por uma disposição especial de Deus, que quer que as almas dos mortos intervenham nos negócios dos vivos. E isso deve ser contado entre os milagres divinos*"[875](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#875).

Dada sua complexidade, então, este não é tema que possa ser aprofundado neste relato; todavia, por ser assunto controvertido em toda a Escritura e estar presente na doutrina daimista, menciono–o aqui de modo ligeiro.

A própria noção de "ressurreição" é ambígua: a despeito do Credo Católico afirmar crer "*na ressurreição da carne*", o apóstolo diz que "*acontece o mesmo com a ressurreição dos mortos (…) semeado corpo animal, ressuscita–se corpo espiritual*"[876](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#876). E, em outra epístola atribuída a Paulo, o termo "ressurreição" é até mesmo utilizado em sentido metafórico e permite que se leia a hipótese de que a ressurreição possa se dar, efetivamente, na vida presente: "*Mas Deus é rico em misericórdia; por causa do amor com que nos amou, quando estávamos mortos por causa das nossas faltas, deu–nos a vida com Cristo – é por graça que vós sois salvos –, com ele nos ressuscitou e nos fez sentar nos céus em Jesus Cristo*"[877](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#877).

Veja: "*quando estávamos mortos por causa de nossas faltas*" e "*com ele nos ressuscitou*"! De qual "morte" e "ressurreição" o apóstolo fala, então, na verdade?

Mais ainda: embora Jesus Cristo tenha afirmado "*De fato esta é a vontade de meu Pai: que todo aquele que vê o Filho e nele crê tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia*"[878](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#878), um pouco antes, no mesmo ***Evangelho***, Ele disse "*(…) Vem a hora em que todos os que jazem nos túmulos ouvirão a sua voz, e os que tiverem feito o bem, deles sairão para a ressurreição que conduz à vida; os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição que conduz ao julgamento*"[879](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#879).

Para qual "vida eterna" ele apontava?

Então, quanto à sobrevivência da alma à morte, e para ficarmos apenas nos textos santos que embasam o judaísmo e o cristianismo, isto é, sem termos de ver aqui textos santos de religiões explicitamente reencarnacionistas, desde o ***Antigo Testamento*** há clara menção à existência de algo como os "espíritos dos mortos", junto com a interdição explícita à consulta a eles – o que em certa medida se dá também na doutrina daimista, a qual, embora seja reencarnacionista, não se orienta ativamente no sentido de favorecer o contato com a alma de pessoas já falecidas, em necromancia, como ocorre no espiritismo kardecista e em sincretismos posteriores do kardecismo com os cultos de *matriz africana, uma vez que nos serviços espirituais daimistas isto pode ocorrer espontaneamente mas não é objetivo doutrinário*.

Como exemplo, em ***Gênesis***, quando Jacó acreditou que seu filho José havia sido morto por feras selvagens, "*(…) recusou conforto, pois, dizia, 'é em luto que descerei para onde está meu filho, na morada dos mortos'"*[880](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#880). ***Tobit***, em sua exaltação a Deus, exclama: "*Bendito seja para sempre o Deus vivo! Bendito seja o seu reino! É ele que castiga e tem compaixão. Ele faz descer à mansão dos mortos, nas profundezas da terra, depois, faz voltar da grande perdição*"[881](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#881).

Ao ser feito o elogio dos antepassados, assim se diz de Eliseu: "*durante sua vida realizou prodígios e mesmo após a morte suas obras foram maravilhosas*"[882](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#882).

Todavia, ao mesmo tempo em que se aprende que "*o Senhor faz morrer e faz viver, faz descer ao Sheol* [883](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#883)["morada dos mortos"] *e de lá voltar*"[884](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#884), ouve–se clara a admoestação: a respeito das inquietações humanas neste sentido, – "*(…) não deve um povo consultar os seus deuses, os mortos em favor dos vivos?*"[885](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#885)–, Deus adverte: "*não haverá no meio de ti ninguém que faça passar pelo fogo seu filho ou sua filha, que interrogue os oráculos, pratique sortilégios, magia, encantamentos, enfeitiçamentos, recorra à adivinhação ou consulte os mortos*"[886](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#886), já que tais práticas contrariam a entrega confiante à providência divina.

Poder–se–ia argumentar que tais "mortos" estão "no purgatório" esperando pela ressurreição, mas a noção de "purgatório" não encontra referência alguma nos *Evangelhos* e, para ser concebida e figurar no Catecismo Católico (§s 1030–1031), busca apoio em um curto trecho do livro deuterocanônico[887](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#887) II Macabeus, "*(…) mandou que se celebrasse pelos mortos um sacrifício expiatório, para que fossem absolvidos de seu pecado*"[888](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#888), e nos Concílios de Florença (1438–1445) e de Trento (1545–1563), após ter sido proposta pelo papa Gregório Magno em 593.

Tal concepção não é aceita pela teologias cristãs ortodoxa e protestante, como a indicar não haver unanimidade em toda a cristandade, e desafia a mensagem apostólica e a Escritura: "*Com efeito, observar toda a lei e tropeçar em um só ponto é tornar–se culpado de tudo*"[889](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#889) e, falando das entregas a Deus, "*não procures corrompê–lo com presentes, ele não os aceitaria*"[890](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#890).

Ademais, a noção de "purificação" a cargo de um intermediário, seja qual for, contraria de frente a noção de responsabilidade individual pela salvação, reafirmada em toda a Escritura, quer no ***Antigo***, quer no ***Novo Testamento***, como contrapartida natural do livre–arbítrio, e vai até mesmo contra o apóstolo e o profeta: "*E, ao passo que cada sacerdote se põe cada dia de pé, a fim de cumprir suas funções e oferece com freqüência os mesmos sacrifícios, que são definitivamente incapazes de eliminar os pecados (…)*"[891](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#891), pois "*aquele que peca é que morrerá; o filho não arcará com a iniqüidade do pai, nem o pai com a iniqüidade do filho; a justiça do justo estará sobre ele, e a maldade do mau estará sobre este*"[892](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#892).

Agora, quanto à reencarnação – já que uma coisa é a sobrevivência da alma à morte, como querem todas as crenças religiosas, e outra é a possibilidade de reencarnação, como não aceita a Igreja Católica –, no ***Antigo Testamento*** se encontra referência ao que futuramente, nos ***Evangelhos***, será a vinda de João, o Batista, enquanto remanifestação do espírito do profeta Elias ("*Elias era um homem semelhante a nós*"[893](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#893)), prometido por Deus – "*eis que vou enviar–vos Elias, o profeta, antes que venha o dia do Senhor (…) Ele reconduzirá o coração dos pais para os filhos e o coração dos filhos para os pais*"[894](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#894).

Mais cabalmente ainda, como lembrei no capítulo Premissas, afirma–se: "*eu era, sem dúvida, criança bem dotada e recebera, em quinhão, boa alma; ou antes, como era bom, viera a um corpo sem mancha*"[895](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#895). Ora, se não houvesse reencarnação, não faria sentido afirmar "*como era bom…*": já que toda alma é criada boa[896](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#896), só se pode supor que ela não seja boa se a maldade nela existente derivar de mal adquirido em encarnação anterior, em razão de pecado[897](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#897); assim, o texto santo parece afirmar não ter havido maldade em vida anterior daquela particular alma, razão pela qual "*viera a um corpo sem mancha*".

Já no ***Novo Testamento***, o anjo de Deus fala a Zacarias, esposo de Isabel e pai de João, o Batista: "*(…) e ele mesmo caminhará à sua frente, sob os olhos de Deus, com o espírito e o poder de Elias, para reconduzir o coração dos pais aos seus filhos e conduzir os rebeldes a pensar como os justos, a fim de formar para o Senhor um povo preparado*"[898](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#898).

Sobre João Batista, Jesus Cristo afirmou que, "*de fato, todos os profetas, bem como a lei, profetizaram até João. Se quiserdes compreender–me, ele é o Elias que deve voltar*"[899](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#899)– com isso eliminando a hipótese de "*o espírito e o poder de Elias*" ser apenas linguagem figurada do anjo – e "*mas eu vos digo, Elias já veio e, em vez de reconhecê–lo, fizeram com ele tudo o que quiseram (…) Então os discípulos compreenderam que Jesus lhes falava de João, o Batista*"[900](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#900).

E é o próprio Elias que, no episódio da Transfiguração no monte, bem após a execução de João, o Batista, foi visto por Pedro, Tiago e João ao lado de Jesus Cristo e de Moisés[901](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#901). Elias, este, aliás, que depois de sua própria passagem já havia se manifestado em Eliseu – "*Os filhos de profetas, os de Jericó, que o haviam avistado desde a outra margem, disseram: 'O espírito de Elias repousa sobre Eliseu*'"[902](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#902)–, o qual fez ressuscitar um menino, entre muitos outros prodígios[903](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#903).

Então, já não bastassem os depoimentos e experiências pessoais que em inúmeras civilizações e religiões parecem atestar a sobrevivência da alma, ou os estudos contemporâneos sobre a existência de "vida" após a "morte", não há porque não crer também em reencarnação, dadas as inumeráveis alusões existentes neste sentido desde muito antes de ter sido codificado o espiritismo por Allan Kardec, a partir de 1857, ou o Ocidente ter conhecido, após 1875 e pela Sociedade Teosófica, as noções reencarnacionistas presentes havia já dois milênios em religiões orientais como o hinduísmo e o budismo[904](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#904).

Mas também é necessário perceber que, contrariamente à suposição dominante em certa cultura nova–era, que reduz, relativiza e mistura as estruturas doutrinárias de que se apossa, não basta à pessoa humana "trabalhar–se" para "conquistar a iluminação" ou, à alma, encarnar–se sucessivamente para atingir a bem–aventurança…

"*Com efeito, é pela graça que vós sois salvos por meio da fé; e isso não depende de vós, é dom de Deus. Isto não vem das obras, para que ninguém se orgulhe*"[905](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#905).

É necessário admitir que a vontade bondosa de Deus é soberana em todos os momentos da existência de suas criaturas[906](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#906) e que a Graça não está prometida como decorrência inevitável das obras ("merecimento"), como também, por outro lado, que a Graça pode se manifestar sempre que a Deus convenha[907](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#907), bastando para isso Sua bondosa vontade, até mesmo subvertendo o que possamos acreditar ser o curso natural da evolução.

Enquanto isso não ficar claro, não se aceita de forma verdadeira a necessidade de converter o coração, amar verdadeiramente a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, respeitar as virtudes e rogar incessantemente a Graça, razão pela qual bem poucas pessoas obedecem fielmente à Palavra de Deus e agem como "filhos da promessa", verdadeiros filhos de Deus, respeitando as virtudes: "*(…) não são os filhos da carne que são filhos de Deus; como descendência, somente os filhos da promessa são levados em conta*"[908](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#908).

Como canta mestre Irineu,

*"os que forem obediente,  
tratar de aprender,  
para serem eternamente,  
para Deus lhes atender"*[909](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#909)*.*

(A sutileza do hino chama à responsabilidade individual: "*os que forem obediente*", no singular[910](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#910), poderão "*ser atendidos*", no plural.)

O hino seguinte de mestre Irineu menciona os "caboclos de cura", entes espirituais de perfil indígena que, como já vimos, podem ser invocados para auxiliar na cura física ou no reequilíbrio moral de quem necessita.

Aliás, este hino, o 75, é um outro exemplo do uso simbólico de elementos da natureza.

Nele, mestre Irineu canta:

*"As estrelas já chegaram  
para dizer o nome seu,  
sou eu, sou eu, sou eu,  
sou eu um filho de Deus".*

Certamente não se trata dos corpos celestes vistos no firmamento, e por isso dona Maria Marques "Damião" cantara, prestes a fazer sua passagem:

*"Ao meu Mestre eu entrego  
as estrelas que eu recebi,  
para Vós passar um visto,  
que eu não sei se mereci"*[911](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#911)*.*

Trata-se, aqui, dos hinos!

Voltando ao hino de mestre Irineu, ele canta:

*"As estrelas me disseram:  
ouvir muito e falar pouco.  
Para eu poder compreender  
e conversar com meus caboclos.  
Os caboclos já chegaram  
de braços nus e pés no chão,  
eles trazem remédios bons  
para curar os cristãos"*[912](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#912)*.*

E introduz duas novas classes de informação: a ênfase no diálogo interno, em detrimento do externo, e a destinação da cura, os cristãos.

Assunto delicado, este, o do "povo destinado", também denominado "povo eleito"[913](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#913)!

Todavia, penso que é disso mesmo que aqui se trata, já que "eleito" não implica "melhor" ou "pior" e, sim, tão–só, fruto de destinação: "*(…) destinei–te a seres luz das nações, a fim de que minha salvação esteja presente até a extremidade da terra*"[914](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#914).

Vejamos, primeiro, "*compreender e conversar com meus caboclos*". Trata–se de, após tê–los conhecido, compreendê–los e ouvir o que eles têm a ensinar no caminho da cura; para isto, é necessário aprender a ouvir, capacidade que todos temos mas habilidade que poucos desenvolvemos.

Em geral somos tão envolvidos pelo brilho do próprio pensamento – ou pelo que, para nós, pareça ser "brilho", apenas porque é "nosso"… – que falhamos em prestar atenção e com paciência ouvir o que o outro, encarnado ou ente espiritual, tem a dizer ou está dizendo. E isto se refere, com freqüência, também, à inteligência de nosso ser total, alma–mente–corpo, que com freqüência nos sinaliza com a "voz interna" o que nos falta (ou nos sobra), mas, por não a ouvirmos ou atendermos, não é respeitada.

*Já a expressão* "cura para os cristãos" merece reflexão de outra natureza, já que outros hinos reforçam o conceito que está implícito: "*saindo desta linha, não espere ser chamado*"[915](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#915), "*não estando nesta linha, nunca é de conhecer*"[916](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#916), "*quem seguir na minha linha segue limpo e não errado*"[917](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#917).

e

*"Somos todos perfilados,  
na bandeira agaloados* [918](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#918)*.  
Escute a voz, quem vai sair,  
que somos todos numerados"*[919](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#919)*.*

Diz a Escritura: "*Sem embargo, permanece o sólido fundamento assentado por Deus. Serve–lhe de selo esta palavra: o Senhor conhece os seus*"[920](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#920).

Com franqueza, este é um dos dilemas teológicos que menos me intrigaram, de todos os que defrontei no correr do estudo comparado de religiões. Creio que Deus, o protoprincípio eterno que cria tudo por Sua bondosa vontade, manifesta Seu amor e Sua verdade como convém a cada local, conforme o plano de existência desejado para aquele local e não de outra forma ("local", aqui entendido como região de abrangência geográfica ampla o suficiente para embasar uma sociedade e caracterizar uma cultura ou um povo).

Sendo assim, nada mais "natural" do que, para Suas criaturas, Ele assemelhar "um", aqui, "outro", ali, ou um "terceiro", acolá, conforme a sociedade e cultura locais: já as criaturas designadas ao caminho "x", ao caminho "y" ou ao caminho "w" assim o percebem diverso, conforme a própria destinação: "*Se todos os povos caminham cada qual em nome de seu deus, nós caminhamos em nome do Senhor, nosso Deus, para todo o sempre*"[921](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#921).

Santo Tomás de Aquino discorre: "*O conhecimento de Deus, pelo qual retém firmemente os que predestinou para a vida eterna, é chamado o livro da vida* [um pouco adiante o teólogo dirá: '*a força divina que trará um dia à memória de cada um todos os seus atos, é chamada o livro da vida*']*. Como a escritura de um livro é o sinal do que se deve fazer, assim também o conhecimento de Deus é, nele, uma espécie de sinal dos que deve conduzir à vida eterna*"[922](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#922).

Por sua vez, e pelo amor de Deus, cada caminho tem prescrições, métodos rituais, táticas de aproximação e formas de reconhecimento próprias do que é necessário e conveniente para cada particular tipo de destinação e modo de reintegração – ou, nas palavras de santo Tomás de Aquino, "*a escritura de um livro é o sinal do que se deve fazer*".

Veja o que prega a Escritura: "*Por isso, irmãos, redobrai de esforços para consolidar vossa vocação e eleição*"[923](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#923). Assim, conforme a eleição – ou destinação –, está a vocação – ou inclinação pessoal.

Compete a cada um de nós, seja qual for nossa eleição, conhecer e compreender qual é nossa particular destinação, porque para ela temos vocação, graças a Deus, para fazer por merecer dentro dela, no caminho da salvação – o qual, aliás, é sempre o mesmo nas principais Tradições, independente das variações próprias de símbolo e forma de culto: contínuo respeito à justiça e às virtudes e amor ao próximo, como a si mesmo.

Assim ensina santo João da Cruz: "*todas estas formas se representam sempre debaixo de modos limitados; e a Sabedoria de Deus, infinitamente pura e simples – à qual se deve unir o entendimento – não admite modo nem forma alguma, não podendo ser encerrada nos estreitos limites de um conhecimento distinto e particular (…) Assim como Deus não pode ser limitado nem encerrado sob imagem nem figura, nem inteligência alguma particular, do mesmo modo a alma, para unir–se a ele, não há de estar presa a forma alguma ou inteligência distinta*"[924](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#924).

Todos os bons caminhos equivalem, enquanto regra geral, e por isso devem receber igual respeito, embora certo caminho venha a ser o mais indicado a um certo caso em particular e, um outro caminho, o mais indicado a outro caso específico, conforme a destinação de cada um, quando passa a ser o melhor caminho para o caso em questão.

Como me narrou o irmão que por alguns anos foi o feitor de daime da casa de oração que eu dirigi: "*Eu, um dia fui ajudar uma irmã a fazer daime num determinado centro, em uma 'linha' que não é a do Mestre. Mas ela me convidou, né?, e eu fui com toda a satisfação ajudá–la a fazer o daime e eu sentia que havia um interesse que eu ficasse justamente nessa 'linha', fazendo daime. Eu até me animei e começamos a cozinhar o daime, começamos a cozinhar o daime e, já para terminar o feitio, eu pedi permissão à comandante* [925](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#925) *do feitio para tomar um pouco daquele daime novo, que eu queria tirar uma experiência minha, né? Aí eu tomei um pouco do daime e me deram uma cadeira. Não demorou nada, o trabalho chegou, né?, o trabalho chegou e eu fui enfraquecendo um pouco o corpo, sentindo as minhas carnes se desmanchar e aquilo foi me esmorecendo até uma altura, quando eu me lembrei do nosso dono mesmo, nosso chefe Império Juramidam, e recorri a ele: que me salvasse daquela situação, porque eu me achava num lugar que não conhecia e só ele, naquela hora, podia me defender das intrusões que apareciam na minha mente. E na hora me veio, né?, um arco–íris de luz ligando a terra ao astral e nesse arco–íris eu senti quando a cadeira foi subindo por esse arco–íris de luz, foi subindo, foi subindo, foi subindo, e em determinada altura eu me deparei com um palácio, um palácio de nuvens, e dentro desse palácio*[926](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#926) *eu implorei ao nosso mestre, né?, que me guiasse dentro daquela luz e quando, de repente, saiu uma voz no universo… Aquela voz dizia assim, era justamente uma instrução para mim também, né? Ela dizia assim, que eu podia cantar assim: 'Estou entregue a Juramidam, no céu, na terra e no mar; aqueles que de mim precisam, estou pronto para ajudar. Eu vivo neste mundo, meu consolo é só cantar, eu vivo trabalhando para aqueles que me procurar'. Aí, com o hino, eu fiquei consciente que eu tenho dono, né?, nós todos temos dono, que é ele o dono. Então, por maior que seja o convite, a gente tem que saber que vai lá prestar um serviço e não ficar de vez, porque é ele quem determina e ele consente a gente fazer, por exemplo, né?, que eu vá fazer um trabalho dentro de uma necessidade, para qualquer uma pessoa que esteja necessitada, mas sabendo que eu tenho um compromisso com a nossa doutrina, que é justamente a 'linha' do Império Juramidam. Nós somos a família dele, né?*"[927](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#927).

Os principais caminhos, cada qual a seu modo, pedem o que, no caso do caminho cristão, está na Escritura: "*Não vos conformeis ao mundo presente, mas sede transformados pela renovação da vossa inteligência, para discernirdes qual é a vontade de Deus: o que é bom, o que lhe é agradável, o que é perfeito*"[928](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#928).

Como mencionei atrás, "*cada rio é de seu jeito, todos sendo a mesma coisa mas sem se misturar, até se encontrarem e ir para o mar. Porque só tem um mar. Porque só tem um Deus. Cada rio tem seu jeito e sua história e todos juntos são a obra de Deus*".

Para quem, então, mestre Irineu cantaria, senão para os cristãos, irmãos de sua irmandade – ou todos os que partilham semelhante destinação, dentro desta Tradição e de sua Escola?

No hino seguinte mestre Irineu torna a alertar para o risco da acomodação às ilusões da vida material e do deixar esvanecer Deus, na memória:

*"Tanto tempo que viveu  
no mundo de provação,  
de Deus tu te esqueceu  
e só é bom a ilusão"*[929](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#929)*.*

A seguir, vêm vários ensinamentos juntos, em um hino só:

*"Nas virtudes em que cheguei,  
Canto–ensino vem comigo,  
o poder que Deus me dá  
para este mundo eu doutrinar.  
Doutrinar o mundo inteiro  
para todos aprender,  
castigar severamente  
quem não quiser obedecer.  
Canto–ensino é com amor,  
com prazer e alegria,  
obedecendo ao Pai eterno  
e à sempre Virgem Maria.  
As palavras que eu disser  
aqui perante a este poder  
estão escritas no astral  
para todo mundo ver.  
Sigo firme a minha linha,  
sem a nada eu temer,  
porque eu sou filho de Deus  
e confio neste poder.  
Dou licença e dou pancada,  
aqui eu faço a minha justiça.  
Precisa nós acabar  
com o correio da má notícia"*[930](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#930)*.*

O trabalho de recobro de conteúdo devolveu "*nas virtudes em que cheguei*"[931](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#931), onde se cantava "das virtudes em que cheguei", pois a forma deturpada fazia crer que ele estava chegando "de algum lugar", quando se tratava de registrar o nível de desenvolvimento atingido.

Refreando a afoiteza dos que buscam ver entidades onde nem sempre elas estão, mestre Irineu esclarece no próprio hino que "*Canto–ensino*" é o poder que Deus lhe dá para doutrinar "*o mundo inteiro*".

"*E não é assim, não é cantando que ele ensina?*"[932](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#932).

O que não é igual a dizer que "todo mundo tem de ser doutrinado" pela doutrina daimista, como insistem os que se arvoram "salvadores" de quem lhes esteja ao alcance.

Veja que Jesus Cristo, que afirmou ter sido "*enviado apenas às ovelhas perdidas da casa de Israel*"[933](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#933), declara: "*Eu manifestei teu nome aos homens que, do mundo, me deste (…) Eu rogo por eles; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que tu me deste*"[934](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#934), mostrando haver destinação de alguns ("*aqueles que tu me deste*", os quais, embora possam ser muitos, não são todos) no que diz respeito a segui–Lo.

A seguir, o hino esclarece que não há como esconder o que se faz ou fala: o que somos também se expressa pelo que falamos e o que somos e falamos se registra na eternidade, para que, de um lado, sejamos avaliados por nossas obras – "*com efeito, assim como o corpo, sem respiração, é morto, assim também a fé, sem obras, é morta*"[935](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#935)– e, por outro, para que possamos, por ação da força divina – o "*livro da vida*" –, retomar na memória nossas obras boas e más, no decorrer do Retorno[936](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#936).

Narra santa Teresa de Ávila: "*talvez seja eu quem não sabe entender essas visões, que não parecem imaginárias, embora algumas devam conter um quê de imagem. Mas como isso ocorre com a alma em êxtase, as faculdades não conseguem reproduzir o que se vê tal como o Senhor lhes apresenta e lhes permite provar. Digamos, portanto, que a Divindade é apresentada como um diamante muito claro, muito maior do que o mundo inteiro, ou como um espelho (…) Nesse diamante, vemos tudo o que fazemos, pois ele encerra tudo em si, não havendo nada que exista fora de sua imensidade. Foi um espetáculo maravilhoso ver nesse diamante, em tão breve espaço de tempo, tantas coisas juntas. Como lastimo, cada vez que me lembro disso, ter visto coisas tão feias como os meus pecados refletidas naquela claridade translúcida. Diante dessa lembrança, nem sei como posso resistir, fico tão envergonhada que não sei onde me esconder*"[937](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#937).

Por isso o Mestre canta "*eu discorro a tua vida, para todo mundo ver*"[938](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#938) e lembra que "*a minha memória divina eu tenho de apresentar*"[939](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#939).

Depois, torna a ecoar a Escritura – "*Por que tens de olhar o cisco que está no olho do teu irmão, e a trave que está no teu olho, não a reparas?*"[940](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#940)– e repreende a irmandade: de nada adianta tomar daime e cantar hinos, dizendo–se cristão, se o que se faz é falar mal dos outros… Para isso, ordena a todos nós: "*precisa nós acabar com o correio da má–notícia*"!

(Quando do trabalho de recobro de conteúdo, optou–se por deixar "*precisa nós acabar*" e não ceder ao "*precisamos acabar*", para manter o tempo verbal imperativo, mais firme, do modo original de cantar[941](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#941).)

Mas há mais um ensinamento no hino e isto nos traz a um aspecto ritualístico da doutrina daimista, de sólida base espiritual: quando no mundo, mestre Irineu nunca celebrou casamentos. Ele dizia ser mais adequado casar, para quem vive junto, mas não realizava o ritual: "*Ele 'mandava' casar, mas essas coisas que pertenciam ao bem material ele não fazia… Ele ajudava, fazia a festa, fazia tudo, mas não fazia casamento diretamente, isto era com o padre e o juiz. Ele até fazia a festa na casa dele, mas ele mesmo não era um casamenteiro*"[942](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#942).

Aprofundando a questão com alguns dos mais experientes, pude saber que mestre Irineu explicava que "*tudo que fosse feito na sede de serviços era feito 'no astral', para a eternidade*"[943](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#943); portanto, ao reconhecer que nem sempre os casamentos perduravam – e nisso não há obrigatoriamente erro, se cumprir a destinação –, não julgava acertado realizar a cerimônia no correr de um serviço espiritual.

Como ele cantou, "*as palavras que eu disser aqui, perante a este poder, estão escritas no astral para todo mundo ver*"[944](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#944).

Inúmeros centros daimistas, em seu afã de fazer–se "igreja", é que passaram a realizar casamentos e até mesmo "batizar no daime" quem já era batizado no rito católico ou em outros rituais da Tradição cristã, algo que mestre Irineu nunca fez, "*por ser desnecessário e desrespeito ao batismo que já acontecera*"[945](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#945).

Ademais, acatando a destinação de cada um e ao contrário do que se passou a ver em centros espirituais daimistas de todo o Brasil após os anos 80, teimosos em seu proselitismo preconceituoso, mestre Irineu sempre alertou para o fato de que orientações espirituais divergentes não deveriam ser razão da separação de casais. Com isso, recobrava o ensinamento apostolar: "*se um irmão tem uma mulher não–cristã, mas que consente em viver com ele, não a repudie. E se uma mulher tem um marido não–cristão, mas que consente em viver com ela, ela não o repudie. Pois o marido não–cristão é santificado por sua mulher e a mulher não–cristã é santificada por seu marido*"[946](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#946).

Dos sete sacramentos da Igreja Católica, agrupados pela Cúria Romana como sacramentos de "*Iniciação*" (Batismo, Eucaristia e Crisma, ou Confirmação), de "*Cura*" (Confissão, ou Reconciliação, e Unção dos enfermos, ou Extrema–unção) e de "*Missão*" (Ordem e Matrimônio), Aquele em mestre Irineu manteve na doutrina daimista apenas o do Batismo e, embora por livre associação mais recente, já que ele teria afirmado "*eu sou o daime e o daime sou eu*"[947](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#947) e isto muitas vezes foi entendido como se ele o afirmasse em sentido literal, algo como o sacramento da Eucaristia.

Coincidentemente, santo Agostinho resume: "*Pois o mesmo Senhor e os ensinamentos dos apóstolos transmitiram–nos não mais uma multidão de sinais, mas um número bem reduzido. São muito fáceis de serem celebrados, de excepcional sublimidade a serem compreendidos, e a serem realizados com grande simplicidade. Tais são: o sacramento do batismo e a celebração do corpo e sangue do Senhor*"[948](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#948).

Cabe aqui um comentário sobre o sacramento da Eucaristia[949](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#949), que apenas os daimistas mais recentes associam diretamente ao ato de tomar daime e, por isso, a ele se referem com o termo "comungar".

Jesus Cristo, como atestado por três evangelistas (***Mateus***, ***Marcos*** e ***Lucas***), ensinou que a comunhão do pão e do vinho, como símbolos do amor e da verdade do Pai, nele presentes[950](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#950), e em substituição aos ensinamentos anteriores[951](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#951), era uma forma de a Ele se reunir[952](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#952): "*Durante a refeição, Jesus tomou o pão e, depois de ter pronunciado a bênção, ele o partiu; depois, dando–o aos discípulos, disse: 'Tomai, comei, isto é o meu corpo'. A seguir, tomou uma taça e, depois de ter dado graças, deu–a a eles, dizendo: 'Bebei dela todos, pois isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, derramado em prol da multidão, para o perdão dos pecados'"*[953](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#953), "*Durante a refeição, ele tomou o pão e, depois de ter pronunciado a bênção, partiu–o, deu–lhes e disse: 'Tomai, isto é o meu corpo'. A seguir, tomou uma taça e, depois de ter dado graças, deu–lhes, e todos beberam dela. E ele lhes disse: 'Isto é meu sangue, o sangue da Aliança, derramado em prol da multidão'"*[954](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#954) e "*A seguir, ele tomou o pão e, depois de ter dado graças, partiu–o e lhes deu, dizendo: 'Isto é o meu corpo dado por vós. Fazei isto em memória de mim'"*[955](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#955).

Em outras palavras, e apenas para explicar melhor por meio de um exemplo bem conhecido, antes da consagração tanto a hóstia quanto o vinho são apenas hóstia ou vinho e é o ato do sacramento eucarístico, rito do mistério, que os transubstancia, em uma dinâmica sacra nem de longe encontrada no caso do daime, visto que os daimistas mais experientes admitem a utilidade da bebida até mesmo em situações banais, como a de tomar um pouco de daime e recostar-se, em meio a um mal-estar de origem ignorada, sem ritual algum mas fé em Deus em que passará, se o efeito psicossomático da bebida e a expansão de consciência por ela produzida ajudarem a combater a origem do mal.

Mesmo assim, pela partilha grupal do daime e pelo fato de cada ritual evangelizador daimista ser um ato de revivescência do Cristo de Deus em cada um, há quem associe tomar daime a "comungar". Todavia, não há um depoimento sequer que ateste que mestre Irineu explicitasse tal analogia e mesmo entre os mais velhos não se encontra o uso do termo.

É "*tomar daime*", mesmo…

No tocante aos outros sacramentos, nada há na Escritura que indubitavelmente valide a Crisma, a Extrema–unção, a Ordenação[956](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#956) e inclusive o Matrimônio, *enquanto rito nupcial a cargo de um sacerdote*– a indissolubilidade da união entre homem e mulher, sim, mas não o ritual, em si: "*Não lestes que o Criador, no princípio, os fez homem e mulher e que disse: Eis por que o homem deixará seu pai e sua mãe e se ligará à mulher, e os dois se tornarão uma só carne? Assim, eles não são mais dois, mas uma só carne. Não separe, pois, o homem, o que Deus uniu!"*[957](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#957).

E quanto ao sacramento da Confissão, mestre Irineu nunca o implantou na doutrina como rito específico, destacado dos serviços espirituais de bailado ou de concentração: existe um hino determinado para isso, "*Meu divino Pai do céu*" (cantado três vezes seguidas com uma vela acesa na mão e apenas nos serviços aos *Santos Reis*, a *São João*, à *Conceição da Imaculada* e ao *Natal* [958](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#958), rezando–se as *Nove Preces* entre eles e uma *Salve, Rainha* ao final), para o daimista se reconciliar com Deus no coração:

*"Meu divino Pai do céu,  
Soberano criador,  
eu sou um filho seu  
neste mundo pecador.  
Meu divino Pai do céu,  
meu soberano Senhor,  
perdoai as minhas culpas  
pelo Vosso santo amor.  
Meu divino Pai do céu,  
Soberano onipotente,  
perdoai as minhas culpas  
e Vós perdoe os inocentes.  
Eu confesso os meus pecados  
e reconheço os crimes meus.  
Eu a Vós peço perdão,  
ao meu divino Senhor Deus"*[959](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#959)*.*

Neste sentido, ele se manteve fiel antes ao ***Antigo Testamento*** – "*A ti, que ouves a oração, todo ser de carne pode chegar. As faltas têm sido mais fortes que eu, mas tu apagas nossos pecados*"[960](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#960)– do que ao ***Novo***: "*Confessai, pois, vossos pecados uns aos outros e rezai uns pelos outros, a fim de serdes curados*"[961](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#961).

Canta um hino:

*"Assim mesmo é que eu quero  
que todos venham chegando  
para me dizer a verdade,  
sempre aqui estou esperando.  
Aquele que não temer  
da verdade me dizer  
estará junto comigo,  
aqui dentro do poder"*[962](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#962)*.*

E canta outro:

*"Oh! minha Mãezinha  
do meu coração,  
venho me apresentar,  
Vós me dê o perdão.  
Me conta teus crimes  
para eu ver teu valor  
no mundo escuro  
aonde tu andou"* [963](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#963)*.*

Pela mesma razão, não denominava o centro espiritual dirigido por ele de "igreja" ou "templo" e, sim, apenas, "*sede de serviços*"[964](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#964).

Um hino após e ele recebe a missão de ser "*jardineiro no jardim de belas flores*", onde tem tudo o que Deus dá a quem prestar atenção:

*"Minha Mãe, minha Rainha,  
foi Ela que me entregou,  
para mim ser jardineiro  
no jardim de belas flores.  
No jardim de belas flores  
tem tudo o que procurar,  
tem primor e tem beleza,  
tem tudo o que Deus me dá.  
Todo mundo recebe  
as flores que vêm de lá,  
mas ninguém presta atenção,  
ninguém sabe aproveitar.  
Para zelar este jardim  
precisa muita atenção,  
que as flores são muito finas,  
não podem cair no chão.  
O jardim de belas flores  
precisa sempre aguar  
com as preces e o carinho  
ao nosso Pai universal"*[965](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#965)*.*

Além de alertar para o fato de que todos recebem o que brota deste jardim, pelo amor de Deus, embora em geral não o aproveitem, razão pela qual é preciso muita atenção, ensina a necessidade de continuamente nutrir "o jardim de Deus" com oração e agradecimento: "*Quem principia deve ter especial cuidado, como quem fosse plantar um jardim, para deleite do Senhor, em terra muito improdutiva, com muitas ervas daninhas. Sua Majestade arranca as ervas daninhas e planta as boas. Façamos de conta que isso já aconteceu quando uma alma decide dedicar–se à oração e começa a se exercitar nela. Com a ajuda de Deus, temos de procurar, como bons jardineiros, que essas plantas cresçam, tendo o cuidado de regá–las para que não se percam e venham a dar flores, cujo perfume agradável delicie esse nosso Senhor, para que Ele venha a se deleitar muitas vezes em nosso jardim e a gozar entre essas virtudes*" [966](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#966).

Já que "*assim como o vento leva milhares de sementes aladas, assim também cada instante traz consigo germes de vitalidade espiritual que vêm pousar imperceptivelmente no espírito e na vontade dos homens. A maior parte destas inumeráveis sementes perece e fica perdida, porque não estão os homens preparados para recebê–las. Pois sementes como essas não podem germinar a não ser na boa terra da liberdade, da espontaneidade, do amor*"[967](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#967).

Canta um hino:

*"Nestes hinários  
que trago para vocês,  
tem muita coisa boa  
que é preciso entender.  
A tua paz,  
você tem que criar.  
E o teu amor,  
você tem que plantar.  
A união  
é fruto do Esplendor:  
quem não tiver jardim  
não colhe nem uma flor"*[968](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#968)*.*

O jardim é de todos, pois é onde, pela Graça, brota a flor amorosa da salvação, conhecimento e amor, requerendo preces e gratidão.

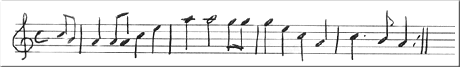
Mas é de cada um, no íntimo do coração.

Mesmo assim, mestre Irineu prenuncia o que acontecerá: cansado de lutar com a irmandade, aborrecido com a falta de união e desgostoso com a desconfiança de que é alvo, por mais provas que dê, canta:

*"Chamo a força, eu chamo a força,  
a força vem nos amostrar.  
Treme a terra e balanceia  
e Vós não sai do seu lugar.  
Treme a terra, treme a terra,  
treme a terra e geme o mar.  
Ainda tem gente que duvida  
do poder que Vós me dá.  
Aqui dentro da verdade  
tem um certo mentiroso  
que calunia o seu irmão  
para se tornar muito viçoso.  
Mas ninguém não se lembra  
que chamou o Mestre mentiroso,  
devagarinho vai chegando  
e quem chamou é que vai ficando"*[969](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#969)*.*

(O recobro de conteúdo trouxe "*um certo mentiroso*"[970](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#970) onde, antes, se cantava "uns certos mentirosos": quem se achar que se corrija!)

A estrutura musical deste hino é deveras impactante, pois conforma um perfil melódico serpenteado que "sobe" e "desce" sem cessar (com o primeiro e terceiro versos de cada estrofe ascendentes e o segundo e o quarto, descendentes), em um andamento ligeiro que envolve a todos os que estão no salão!



Versões superficiais afirmam que a última estrofe narra a expulsão de um irmão por mestre Irineu, mas quem o conheceu de perto recorda que ele mesmo raramente se intitulava "Mestre"[971](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#971), assim como nunca permitia que lhe beijassem a mão[972](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#972) ou se ajoelhassem[973](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#973) frente a ele.

E para aqueles que ainda se deleitam na imagem de "jesus-bonzinho", temendo enfrentar o aspecto exigente do amor de Deus, cabe lembrar: "*Então, tendo feito um chicote com cordas, expulsou–os a todos do Templo, e as ovelhas e os bois; espalhou o dinheiro dos cambistas, derrubou suas mesas e disse aos vendedores de pombas: 'Tirai tudo isso daqui e não façais da casa de meu Pai uma casa de negócios'. Os seus discípulos lembraram–se do que está escrito: 'O zelo da tua casa me devorará'"*[974](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#974).

E João, o Batista, então?!: "*(…)'Cria de víboras', quem vos ensinou para fugir da ira que está para vir?*"[975](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#975).

No ***Velho Testamento*** se encontra também tal dureza:

*"Desgraça! Nação pecadora,  
povo carregado de crimes,  
raça de malfeitores,  
filhos corrompidos (…)  
Onde golpear–vos, ainda,  
vós que persistis na rebelião?"*[976](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#976)*.*

Canta mestre Irineu, como vimos um pouco atrás:

*"Dou licença e dou pancada,  
aqui eu faço a minha justiça"*[977](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#977)*.*

Até o velho Mota é incisivo:

*"Aqui estou dizendo  
para os meus irmãos ouvir:  
quem não for filho de Deus  
vá saindo por ali"*[978](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#978)*.*

Com o hino "*Chamo a força*", Mestre Irineu invoca o poder do céu e "balança" a irmandade, para ver quem fica em pé!

Por isso, já havia cantado atrás:

*"Eu balanço e eu balanço,  
e eu balanço tudo enquanto há "*[979](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#979)*.*

E um outro hino também canta:

*"Eu convido os meus irmãos  
que queiram me escutar.  
Para, junto comigo,  
esta missão cultivar.  
O nosso mestre vai falar,  
o nosso mestre está falando:  
eu mandei balançar  
para ver quem está comigo.  
Eu só vejo é hum, hum, hum,  
e muita gente escapulindo.  
E ainda saem dizendo  
que estão junto comigo"*[980](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#980)*.*

Relatam os daquela época que, em momentos assim, quando mestre Irineu invocava o poder do céu – "*a força*", no dizer daimista – em um serviço espiritual, "*as árvores balançavam, os cachorros latiam, as vacas corriam no pasto e a gente até deitava no chão. Era todo mundo escorregando para o chão, que ninguém conseguia ficar nem sentado! A força passava rasinho, rasinho, rasinho assim, feito vento em lombo de cobra. E era um tal de grito p'ra cá, choro p'ra lá, 'Meu mestre, valei–me!', 'Meu mestre, me ajude!', que eu nem sei como a gente agüentava!"*[981](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#981).

A isto se alude sempre: à necessidade de preparo para lidar com o poder do céu, invocando–o se necessário mas sabendo ser tudo pela graça de Deus!

Canta um hino:

*"A força é divina,  
a força tem poder,  
a força neste mundo,  
ela faz estremecer"*[982](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#982)*.*

"*Já fazia um tempinho que eu tomava daime e, mesmo assim, vivia duvidando… Aí, meu irmão, uma noite 'a coisa pegou', a força foi chegando e eu fui vendo e não tive outra saída senão correr para a casa dele* [nos últimos anos de vida no mundo, mestre Irineu morava perto da sede de serviços e nem sempre comparecia, em matéria, aos longos serviços de bailado]. *Cheguei, bati e ouvi dona Peregrina:*

*– Quem é?*

*– Sou eu… O Mestre está?*

*– Volte outra hora, ela falou baixinho, o Mestre está dormindo!*

*– Pipiu, mande o homem entrar…, ouvi a voz do Mestre.*

*Ele a chamava de "Pipiu"… Ele abriu a porta, fez sinal para eu entrar e eu me pus a rogar e pedir desculpas. Enquanto me desbulhava em lamentos e gemidos, ele levantou, abriu o janelão da frente da casa, apoiou aqueles dois braços imensos no beiral, me olhou e me chamou:*

*– Venha cá, meu filho.*

*Engolindo o que dava para engolir, eu me levantei como deu e fui até lá. Quando eu parei ao lado dele, as suas mãos se iluminaram e uma bola de luz nasceu nelas.*

*– Olhe bem de pertinho…*

*– Eu…, Mestre?*

*– Olhe, homem. Ou tu estás com medo ainda, eu aqui do teu lado?*

*Olhei de perto e vi a sede dos serviços. A mesma sede onde eu estava bailando fazia pouquinho! Lá estavam todos, eu via todo mundo bem pequenininho, todo mundo batendo maracá e bailando, mas eram eles mesmos, no salão da sede. Só não estava eu, nem eu ouvia música ou os hinos…*

*– Então, meu irmão, tu estás vendo o poder de Deus… E tu achas que dá para esconder alguma coisa de mim? Ou isso não é poder? "*[983](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#983)*.*

Ou então: "*durante um feitio, o Mestre apertou com as mãos o material que cozinhava em água fervente. Um irmão, ao vê–lo fazendo assim, ameaçou fazer igual e foi alertado pelo Mestre:*

*– Não faça isso! Você vai se machucar…*

*Mas o irmão insistiu, chegou perto do panelão e meteu a mão lá dentro… para gritar e puxar o braço!, deixando para trás um pedaço do couro da mão…*"[984](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#984).

E, noutra vez, ia haver um arraial e a chuva ameaçava vir forte. Quem foi até a casa do Mestre para acompanhá–lo foi o "Cancão", que já encontramos atrás, na destituição de Wilson Carneiro. Dizem que o Mestre olhou o firmamento e disse que não ia chover no arraial. O "Cancão" só pensou e, ao fim da festa, quando havia chovido em toda Rio Branco, menos no arraial, o Mestre se encostou e indagou, sorrindo:

*– E o senhor continua duvidando, "seu" Cancão?* [985](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#985)

Por fatos assim[986](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#986), ele canta em Maria "Damião":

*"As lições é para todos  
que quiserem acreditar,  
levam o tempo a procurar  
e a maior parte a duvidar"*[987](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#987)*.*

Contam que, na época em que veio o hino "*Chamo a força*", um irmão particularmente maledicente freqüentava a sede dos serviços e foi preciso o Mestre recordar a Escritura: "*Se eu não faço as obras do meu Pai, continuai a não crer em mim. Mas se eu as faço, muito embora não acrediteis em mim, crede nas obras. E assim conhecereis, e conhecereis cada vez melhor, que o Pai está em mim como eu estou no Pai*"[988](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#988) e "*Quem é mentiroso, senão o que nega que Jesus é o Cristo?*"[989](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#989).

Para, no próximo hino, apresentar seu drama humano:

*"Aqui tem um professor  
que vai deixar de ensinar.  
Que ensina, ninguém faz caso,  
só lêem de diante para trás.  
Só lêem de diante para trás,  
mas ele não ensina assim.  
Ele ensina é direitinho  
mas ninguém não faz assim.  
Se todos assim fizessem,  
estavam um pouco adiantados,  
eram servos de Deus  
e do povo bem estimados.  
Eu entrei em conferência  
para deixar de ensinar.  
A Virgem Mãe me disse:  
ninguém não pode obrigar.  
Se ensina, ninguém faz caso,  
ninguém trata de aprender.  
Depois não se admirem  
de tudo o que aparecer.  
Todos mandam em sua casa,  
eu também mando na minha.  
Todos ficam sem aprender,  
eu fico com a minha Rainha"*[990](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#990)*.*

É fabuloso, este momento!

Cansado de pregar à toa, mestre Irineu cogita parar de ensinar, expõe suas razões – ninguém busca conhecer direito, assim como ninguém busca fazer direito, conhecimento e obras, mesmo malfeitos, andando juntos –, decide aconselhar–se com a Rainha e recebe o ensinamento, válido também para ele: "*ninguém não pode obrigar*".

É o direito de escolha, régua do mérito e válido para toda criatura: "*Ele mesmo criou o homem no começo e o entregou ao seu próprio arbítrio. Se quiseres, podes observar os mandamentos: ficar fiel depende de tua boa vontade*"[991](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#991).

Em todos os níveis de vida consciente se preserva tal direito e, no verso seguinte, na próxima estrofe, ouve–se quase um lamento, "*depois não se admirem de tudo o que aparecer*", no qual o Mestre mais parece uma mãe alertando seus filhos para o perigo pressentido…

Encerrando com a gloriosa reafirmação de sua destinação, fiel à devoção mariana e com ou sem a irmandade: "*todos mandam em sua casa, eu também mando na minha; todos ficam sem aprender, eu fico com a minha Rainha*".

Afinal, é forçoso"*reconhecer que a escola não precisa do aluno, pois é o aluno quem precisa da escola, assim como também que o Mestre não deve nada aos seus discípulos e que são os discípulos quem deve tudo* ao seu mestre"[992](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#992).

e;m mando na minha.  
Todos ficam sem aprender,  
eu fico com a minha Rainha"[990](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#990).

É fabuloso, este momento!

Cansado de pregar à toa, mestre Irineu cogita parar de ensinar, expõe suas razões – ninguém busca conhecer direito, assim como ninguém busca fazer direito, conhecimento e obras, mesmo malfeitos, andando juntos –, decide aconselhar–se com a Rainha e recebe o ensinamento, válido também para ele: "*ninguém não pode obrigar*".

É o direito de escolha, régua do mérito e válido para toda criatura: "*Ele mesmo criou o homem no começo e o entregou ao seu próprio arbítrio. Se quiseres, podes observar os mandamentos: ficar fiel depende de tua boa vontade*"[991](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#991).

Em todos os níveis de vida consciente se preserva tal direito e, no verso seguinte, na próxima estrofe, ouve–se quase um lamento, "*depois não se admirem de tudo o que aparecer*", no qual o Mestre mais parece uma mãe alertando seus filhos para o perigo pressentido…

Encerrando com a gloriosa reafirmação de sua destinação, fiel à devoção mariana e com ou sem a irmandade: "*todos mandam em sua casa, eu também mando na minha; todos ficam sem aprender, eu fico com a minha Rainha*".

Afinal, é forçoso"*reconhecer que a escola não precisa do aluno, pois é o aluno quem precisa da escola, assim como também que o Mestre não deve nada aos seus discípulos e que são os discípulos quem deve tudo* ao seu mestre"[992](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#992).

## de "Campineiro" a "Todos querem"

No hino 82 mestre Irineu retoma o tema "*sou jardineiro*" e assume novo atributo: "*campineiro*". As expressões "*campina*" ou "*campineiro*" ocorrem em apenas quatro de seus hinos e em nenhum outro da base doutrinária – contato com uma dimensão, parece, a "*campina desta flor*", só ocorrido com o Mestre.

Neste hino, como no posterior, ainda se ouvem ecos da quase decisão de interromper seu amoroso magistério:

*"Sou jardineiro e sou campineiro,  
tenho tudo o que Mamãe me dá:  
no jardim eu tenho as flores  
e das campinas eu andava atrás.  
Sou campineiro e sou verdadeiro,  
é preciso eu viajar,  
que o poder de Deus é grande  
e eu desejo alcançar.  
Me acho fraco e cansado  
de lutar com rebeldia,  
fazer gosto a quem não tem  
esperança de um dia.  
Digo adeus aos meus amigos,  
até um dia final.  
Se Deus e a Virgem Mãe  
me der licença eu voltar.  
Digo adeus a todos e todas,  
e ninguém me respondeu.  
Todos ficam em seu lugar  
e quem se retira sou eu"*[993](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#993)*.*

O trabalho de recobro de conteúdo trouxe "*das campinas*"[994](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#994), onde se cantava "nas campinas": ele ainda não está nelas, ele ainda as busca, para nelas chegar dois hinos à frente, como "ponto destinado".

Mas se no hino ele declara que "*no jardim eu tenho as flores e das campinas eu andava atrás*", então há "campinas" a encontrar, além de estar no jardim!

(Recordo que a única menção a quem "*vivia nas campinas*", nos hinários da base doutrinária, é a São João[995](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#995).)

Para no próximo hino alertar que deixará o mundo, rumo às campinas:

*"A minha Mãe que me ensinou,  
com o nome de Jesus,  
é quem me mostra esta verdade,  
é quem me dá a santa luz.  
Vou seguir, vou te deixar,  
este mundo de ilusão.  
Vou para onde Deus quiser  
com a Virgem da Conceição"*[996](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#996)*.*

O trabalho de recobro de conteúdo trouxe "*este mundo de ilusão*", onde antes se cantava "neste mundo de ilusão", pois no hino o Mestre cogita deixar "*este mundo de ilusão*" [997](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#997) e, não, alguém, "neste" mundo de ilusão.

Dizem que o Mestre uma vez narrou uma miração – "*contar, pode, se for para ensinar e não só para ficar falando, feito tagarela…*" [998](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#998): "*Ele ia andando por uma estrada, limpando toda sujeira, que a Virgem Mãe, a Rainha, ia passar ali. Ele tirava os garranchos, arrancava os tocos, deixava a terra lisinha mas, se olhava para trás, tinha tudo nascido de novo. Pronto!, olha ele voltando, tornando a limpar, para ver se ia um pouco para a frente mas, se olhava para trás, estava tudo cheio de estrepe, de novo! Aí apareceu a Rainha e ele perguntou: 'Ô, minha Mãe, o que é que há? Eu limpo, limpo, limpo, e tudo fica sujo de novo?' Ela respondeu: 'São os seus irmãos, meu filho, são seus irmãos. São seus irmãos…' 'E como eu faço, então?', 'Só quando estiver tudo assim…', Ela disse, com um gesto, e mostrou um campo de cruzes*" [999](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#999).

É que na irmandade falta perseverança, razão pela qual ele canta, neste mesmo hino:

*"Firmeza no pensamento  
para seguir neste amor:  
aqui dentro da verdade  
ela mostra seu valor"*[1000](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1000)*.*

Quer o valor da firmeza em si, "*para seguir neste amor, aqui dentro da verdade*", quer o valor daquele que é firme.

No hino seguinte ele é uma vez mais guiado por um ser "feminino" que não a Virgem Maria, como igual se deu no hino de sua investidura no poder:

*"Ia guiado pela lua  
e as estrelas de uma banda.  
Quando eu cheguei em cima de um monte  
eu escutei um grande estrondo.  
Este estrondo que eu ouvi,  
foi Deus do céu foi quem ralhou,  
dizendo para todos nós  
que tem poder superior.  
Eu estava passeando  
na praia do mar,  
escutei uma voz,  
mandaram me buscar.  
Aí eu botei os olhos,  
aí vem uma canoa  
feita de ouro e prata  
e uma senhora na proa.  
Quando ela chegou,  
mandou eu embarcar.  
ela disse para mim:  
nós vamos viajar.  
Nós vamos viajar  
para o ponto destinado,  
Deus e a Virgem Mãe  
quem vai ao nosso lado.  
Quando nós chegamos  
nas campinas desta flor,  
esta é a riqueza  
do nosso Pai criador"*[1001](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1001)*.*

Não há dúvida possível: às bordas do mar sagrado, prestes a ser encaminhado a "*o ponto destinado*", é "*Deus e a Virgem Mãe, quem vai ao nosso lado*" mas há "*uma senhora na proa*" – posto de quem conduz ou orienta o rumo.

(O recobro de conteúdo do hino trouxe "*o ponto destinado*", onde se cantava "um ponto destinado": há uma precisa e clara destinação[1002](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1002).)

Uma vez mais, um ente feminino, mas não a Virgem Mãe, é quem diz ao Mestre o que vai acontecer ou por onde se vai.

A "*senhora na proa*" é uma, "*a Virgem Mãe*" é outra… Será a mesma encantada, Soloína? Ou Surubina, que havia sido cantada no hino 54, antes até mesmo de Soloína? Ou Cires Beija–Mar, cantada unicamente por Germano Guilherme? Não se sabe…

Uma outra das "*companheiras*" da Virgem Maria, como mestre Irineu cantara antes[1003](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1003), entre "*os seres divinos que dominam esta luz*"?

E o "*Deus*", que vai ao seu lado? Deus Jesus.

De todo modo, a mensagem do hino nos sugere novamente a gradação de níveis, com um ser "feminino" como ponte de ligação ou intermediária, após o que ele chega "*nas campinas*" (de uma flor ao meio do mar?).

Um hino adiante surgirá pela primeira vez a expressão "*casa*", em referência direta a Jesus Cristo e Maria.

Nele, mestre Irineu canta:

*"Vou seguindo, vou seguindo,  
vamos ver se nós acerta  
o caminho de Jesus Cristo,  
aonde andou com os seus profetas"*[1004](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1004)*.*

E faz ecoar em versos – "*na casa da Virgem Mãe de Jesus Cristo Redentor*" e "*na casa de Jesus Cristo, ele mandou para nós cantar*" – a Escritura: "*É nele* [Jesus Cristo] *que toda a construção se ajusta e se eleva para formar um templo santo no Senhor. É nele que vós também sois, todos juntos, integrados na construção para vos tornardes morada de Deus pelo Espírito*"[1005](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1005).

Isto é: trabalhando na união interna ("*toda a construção se ajusta*") e na externa ("*sois, todos juntos, integrados*"), a casa se torna morada espiritual na verdade e no amor de Deus, em nosso coração.

(Uma vez mais, no hino 85, o recobro de conteúdo aboliu o plural nunca havido: "vou seguindo, vou seguindo, cantando as minhas doutrinas": sempre foi "*minha doutrina*"[1006](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1006).)

E aí, em apoteose de força, luz e amor, Aquele manifestado em mestre Irineu expõe sua trajetória missionária em dois hinos seguidos:

*"Eu vim da minha armada  
trazer fé e amor,  
a minha Mãe que me mandou  
eu ficar firme aonde estou.  
Vou seguindo os meus passos,  
se eu achar firmeza eu vou.  
Não despreza os teus irmãos,  
mostra tua luz de amor.  
Sou filho da verdade  
do poder superior,  
a minha Mãe que me mandou  
trazer fé e amor"*[1007](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1007)*.*

e

*"Deus, divino Deus,  
Soberano, luz de amor,  
é o poder universal,  
é a força superior.  
Vamos, vamos, meus irmãos,  
vamos todos nós cantar  
para Deus dar nossa saúde,  
a Virgem Mãe nos perdoar.  
Eu digo é com firmeza,  
dentro do meu coração,  
que Jesus Cristo está conosco,  
é quem nos dá a instrução"*[1008](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1008)*.*

Quanta informação em apenas seis estrofes!

No primeiro hino, que inicia com a alusão explícita às hostes celestiais no mar sagrado ("*armada*", e não batalhão, brigada ou exército), Aquele que canta em mestre Irineu afirma ser filho da Verdade de Deus, "*o poder superior*", e prega a necessidade de se ter firmeza, em um claro diálogo entre mestre Irineu e seu dúplex ("*vou seguindo os meus passos*" e "*não despreza os teus irmãos, mostra a tua luz de amor*").

O recobro de conteúdo do hino trouxe "*da verdade do poder superior*" [1009](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1009) e não "da verdade e do poder superior", tal qual se cantava em quase todos os centros daimistas do País: a verdade de Deus é seu Filho eterno e verdade e poder são atributos do mesmo e único Deus Uno e Trino, razão pela qual entre eles não há separação, como o conectivo "e" levava a crer.

"*Deve–se dizer que a verdade e o bem se incluem mutuamente. Pois a verdade é um bem, sem o que não seria apetecível* [isso é, não seria alvo de desejo]*; e o bem é uma verdade, sem o que não seria inteligível* [isso é, não seria passível de compreensão]"[1010](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1010).

No hino seguinte, após a laudatória a Deus, vem a afirmação precisa: "*é o poder universal*", ao qual todos os outros se subordinam, por ser "*a força superior*".

(O recobro de conteúdo do hino indicou "*Soberano, luz de amor*" [1011](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1011), onde antes se cantava "soberana luz de amor", e "*instrução*" [1012](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1012), onde se cantava "instruções".)

Neste hino, Aquele que habita mestre Irineu exorta a irmandade a cantar "*para Deus dar nossa saúde e a Virgem Mãe nos perdoar*" e, com isto, nos faz refletir sobre uma dúplice simbolização Maria–Espírito Santo [1013](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1013)("*perdoar*").

Canta um hino:

*"Pedi a Vós  
e eu de Vós sempre a esperar,  
agora eu recebi  
para sempre a Vós louvar.  
Nós, neste mundo,  
precisa bem se firmar:  
na lua e nas estrelas,  
e no Divino aonde está.  
Vós sois divina,  
de tudo tem para nos dar,  
representa nesta estrela  
para sempre nos guiar"*[1014](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1014)*.*

Qual estrela? A de metal, pendurada no peito? Esta, não guia!

Canta um hino:

*"Eu encostado a meu mestre,  
junto à minha Mãe estou,  
junto a Jesus Cristo  
e ao nosso Pai criador.  
Este planeta que nos guia  
é quem nos traz todos primores  
da nossa Mãe e de Jesus Cristo,  
e do nosso Pai que nos mandou"*[1015](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1015)*.*

"*Este planeta*"?

Aquele que, em missão evangélica com a Virgem Maria, transformou mestre Irineu e o preparou para a habitação manifesta do *Paráclito*.

Pois proclama em seguida:

*"Eu digo é com firmeza,  
dentro do meu coração,  
que Jesus Cristo está conosco,  
é quem nos dá a instrução".*

De forma a que cada irmão presente possa ver, na Luz, quem canta para instruir (do latim '*instructum*': "inserir", "levantar", "dispor", "munir", "equipar", "fornecer", "prover de informação").

Aqui também se ouve o tipo de arquitetura melódica à qual aludi atrás, com os dois primeiros versos de cada estrofe do hino "subindo" e os dois restantes "descendo", indicando que a Graça "desce" e a criatura "sobe":

http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/img/mens_20.gif  
e

http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/img/mens_21.gif

Repetidamente entusiasmando e contendo os daimistas que cantam, em dois hinos de rara força e brilho no salão.

E cobrando de quem dirige o serviço muita firmeza para, após os "*viva!"* que coroam os hinos da proclamação da Presença (já que durante um serviço bailado, fardados, não–fardados e visitantes bradam "*viva!"* após certos hinos, louvando em uníssono a Deus e dando mais alegria e vigor ao serviço), refrear o andamento do hino subseqüente:

*"Chamo estrela, chamo estrela,  
chamo estrela, estrela vem.  
Ela vem me ensinar  
o amor de quem quer bem.  
O amor de quem quer bem  
é a saúde e o bem–estar,  
consagrando este amor  
para sempre não faltar.  
Para sempre, para sempre,  
amigo do meu irmão,  
que ele é a minha luz  
neste mundo de ilusão"*[1016](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1016)*.*

Meigo como poucos hinos o são, o hino ensina que "*o amor de quem quer bem é a saúde e o bem–estar*" e reafirma que "o irmão, de quem devo ser amigo até à eternidade, *é a minha luz neste mundo de ilusão*".

Há quem entenda que o irmão a quem o hino alude é Jesus Cristo, Luz no mundo, dissipador de ilusões; há quem prefira ver que o irmão de quem se deve ser amigo "*para sempre*" é nosso próximo, já que ele é quem nos faz sair do amor egoísta e centrado em si, matriz da ilusão e do medo.

Tanto faz, dá no mesmo…

"*Se guardamos com perfeição o amor ao próximo, temos tudo feito. Pois creio que, sendo má a nossa natureza, só chegaremos a praticar com perfeição esse preceito se o amor ao próximo tiver como raiz o amor a Deus. Já que esse ponto tem tal importância para nós, procuremos, irmãs, verificar como caminhamos nesse aspecto, mesmo em coisas miúdas. Não façamos caso de coisas grandiosas, que se apresentam a nós em conjunto na oração e nos persuadem de que faremos e aconteceremos por amor ao próximo e por uma única alma que se salve. Porque, se as obras posteriores não estão em concordância com isso, não é de crer que o faremos*"[1017](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1017).

Após esta seqüência de hinos, o dúplex em mestre Irineu se acentua: estando "dentro", atua "fora":

*"Eu canto, eu digo  
dentro do poder divino,  
porque Deus é quem me dá,  
para trazer, estes ensinos.  
A minha Mãe que me mandou  
trazer fé e amor,  
repartir com meus irmãos  
para ser a mesma flor.  
Jesus Cristo me mandou  
para mim vir ensinar:  
replante a santa doutrina  
e Deus te dá um bom lugar"*[1018](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1018)*.*

Isto é fundamental no arco para dentro, ou Retorno a Deus: estar imerso na divindade, dela haurindo mais vida ainda[1019](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1019), mas sem perder a consciência das responsabilidades da existência encarnada e permanecendo ponte viva entre o mundo e a espiritualidade, cumprindo a missão.

Que lindo: "*repartir com meus irmãos para ser a mesma flor*"! O ensinamento daimista é simples e claro: replante a doutrina em busca da salvação… E como é impossível replantá–la em outro "lugar" que não em si mesmo – pois para os outros pode–se apenas pregá–la ao ensinar o caminho, deixando–lhes a escolha –, trata–se do trabalho no coração, o jardim de Deus.

(O recobro de conteúdo mais uma vez tornou ao singular[1020](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1020) o que se cantava por aí como "replante as santas doutrinas"…)

Canta um hino:

*"A minha Mãe, que me ensina,  
que me entrega este poder;  
tomo conta e dou conta,  
e eu não posso esquecer"*[1021](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1021)*.*

"*O centro é livre mas quem toma conta dá conta e presta contas, pois ninguém vive sem obrigação e quem tem obrigação tem sempre um dever a cumprir*"[1022](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1022).

Todos os mestres, rigorosamente todos, sem exceção, trabalham até o final de seus dias, alguns exaustivamente, em intensidade e freqüência que chegam a espantar, como que para mostrar a extrema importância do conjunto fé e "obras" – ou "trabalhos":

*"Oh! Meu supremo Pai,  
os meus trabalhos eu já fiz.  
Espero da irmandade  
só mesmo a força de vontade"*[1023](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1023)*.*

E se no hino anterior mestre Irineu ensinou o caminho para sermos todos "*a mesma flor*", irmanados no amor de Deus em Cristo, pelo Espírito Santo, no hino seguinte Aquele que nele canta segue acentuado:

*"No jardim, mimosa flor,  
para sempre eu estou aqui,  
para ser filho de Deus  
não precisa ser ruim.  
Todo mundo é muito bom  
mas não quer se condoer,  
se fogem da caridade  
e depois não quer sofrer.  
O caminho torto, errado,  
e daqui ninguém quer ser.  
A verdade eu mostro a todos  
que souber me compreender.  
Aqui dentro da verdade  
a minha Mãe, que me ensinou,  
me dá força e me dá brilho,  
para sempre eu ter valor"*[1024](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1024)*.*

Nele, não apenas proclama "*no jardim, mimosa flor, para sempre eu estou aqui*", como diz que "*daqui ninguém quer ser*" e afirma que "*aqui dentro da verdade a minha Mãe, que me ensinou*"; ao mesmo tempo, mantém ativa sua missão de pregar, ensinando "desde lá": "*a verdade eu mostro a todos que souber me compreender*", "*todo mundo é muito bom, mas se fogem da caridade*".

É "*se fogem*", mesmo[1025](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1025)!, já que são os irmãos, por si próprios, por seu apego à ilusão e desrespeito às virtudes, que se furtam da caridade e, assim, se retiram do dom do amor de Deus.

O próximo hino do Mestre é uma despedida: três dias depois de recebido, dona Maria Marques "Damião" fez sua passagem, aos apenas 32 anos de idade e já viúva:

*"Choro muito e lamento  
tudo o que já se passou.  
Deixo tudo saudosamente,  
vou viver no meio das flores.  
Vou viver no meio das flores,  
junto com a Virgem Maria.  
Os terrores que aparecem  
é esta grande rebeldia.  
Vamos todos, meus irmãos,  
vamos rezar com amor,  
para Deus e a Virgem Mãe  
nos defender deste terror.  
Sou Filho da Virgem Mãe,  
reconheço este poder.  
Chamo a força, chamo a força  
para vir nos defender"*[1026](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1026)*.*

(O trabalho de recobro de conteúdo resgatou "*vamos rezar com amor*" [1027](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1027), em contraste com o que predominava até então: "vamos cantar com amor".)

Dona Maria Marques "Damião", pouco antes de partir, em 1949, entregou seu hinário aos cuidados de dona Percília, que a partir de então tornou–se sua zeladora, como também o é do "*O Cruzeiro Universal*" e da "*Santa Missa*" (dando–se o mesmo com Luiz Mendes do Nascimento, para quem foi deixada a zeladoria do hinário de Germano Guilherme, com Francisco Grangeiro Filho, que recebeu a incumbência de zelar o hinário de João Pereira, e com dona Adália de Castro Grangeiro, que assumiu a zeladoria do hinário de seu pai, Antonio Gomes).

Este procedimento é vital em uma cultura oral: ela, que recebera 49 hinos, nem sabia assinar o próprio nome…

Mas antes de vermos o hino que dona Maria Marques "Damião" recebeu como anúncio de sua partida, cabe uma rápida reflexão sobre o grau de preparo que um irmão tem de ter para receber informação sobre a própria passagem ou de circunstância futura: "*(…) 'Quanto a ti, guarda a visão em segredo, porque ela se refere a dias distantes'. Então eu, Daniel, desmaiei e permaneci enfermo durante dias*"[1028](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1028).

Apenas aqueles para quem é verdadeiro o fato que "*a morte é igualmente ao nascer*" – de "cá" para "lá" e de "lá" para "cá"– não sucumbem à dor ou ao desequilíbrio do sofrimento antecipado[1029](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1029).

Dona Maria Marques "Damião" se despede assim:

*"A tua casinha está pronta,  
caminhos abertos,  
jardim de flores  
a ti te oferecem.  
Jesus Cristo Salvador  
e a Rainha da floresta:  
se Vós ver que eu mereço,  
recebo, Oh! Mãe honesta!  
Nas minhas ouças escutei  
um grande festejo,  
os meus irmãos chegando  
e o meu corpo se liqüidando.  
Corrigi meu pensamento,  
pedi perdão a meu Pai,  
para eu poder seguir  
a minha feliz viagem.  
Ô, mestre que me ensina,  
Vós é a minha guia,  
Vós me entregue ao Divino  
e à sempre Virgem Maria"*[1030](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1030)*.*

E nem precisa ser daimista: quem não conhece alguém que se despediu de amigos e familiares, de um jeito delicado mas imprevisto, "preparando–os" para a sua "partida"?

Canta o hino de Manoel Português, que é o nono e penúltimo na *Santa Missa*,

*"Me despeço, meus irmãos,  
porque vou me apresentar,  
vou alegre e satisfeito  
para meu Pai me consolar.  
Eu vou com muita alegria  
porque Mamãe me chamou,  
quem me deu esta verdade  
foi o nosso Pai criador.  
Eu não posso vos levar  
porque não tenho poder,  
para seguir a verdade  
é preciso compreender.  
Para não seguir a verdade  
não é preciso rezar.  
Todos nós temos a certeza  
deste mundo se ausentar"*[1031](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1031)*.*

Porque, como cantara mestre Irineu em seu hino 7, que foi reservado para a *Santa Missa*:

*"A tua alma entrega a Deus  
e o teu corpo, à terra fria.  
Jesus te acompanhe,  
junto com a Virgem Maria.  
Tu pede aos teus amigos,  
pelo nome de Jesus,  
que te rezem umas preces  
lá no pé da Santa Cruz.  
Tantos anos que viveste,  
agora vais te retirar.  
Vais atender ao nosso Pai,  
foi quem mandou te chamar.  
Aqui achou, aqui deixou,  
levas contigo o amor.  
As portas do céu se abrem  
para quem for merecedor".*

A seguir, indicando o que veremos adiante em detalhes, Aquele em mestre Irineu, que é "*filho da verdade do poder universal*", canta ser um filho da Virgem Maria:

*"Chamei lá nas alturas,  
a minha Mãe me respondeu.  
Sou humilde, sou humilde,  
sou humilde, um filho seu.  
A minha Mãe que me ensinou  
para sempre a Deus louvar.  
Para sempre, para sempre,  
para sempre aonde está.  
Sou filho da verdade  
do poder universal.  
Para sempre, para sempre,  
para sempre acreditar"*[1032](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1032)*.*

Para sempre, para sempre, para sempre a Deus louvar.

Introduzindo uma reflexão, cabe assinalar que em algum escaninho de nossa memória encarnada sabemos ser também, na plenitude – tão plenos quanto mestre Irineu o foi –, filhos do Verbo, a Verdade do poder universal: uma vez fomos criados por Deus, rumo à primeira encarnação, e em certa medida, cantar o hino em estado de consciência expandida ativa tal memória e outras a ela agregadas, na nossa peregrinação de lembranças.

Como ensina santo Agostinho, "*dado que os homens aprendem interiormente logo depois da insinuação de quem fala, julgam ter aprendido do exterior, por meio daquele que insinuou*"[1033](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1033).

É assim que funciona: quando a memória ativada – e por isso recordada – tiver adensamento energético bastante para tornar–se símbolo efetivo de uma estrutura profunda superior, no arco para dentro, aqueles de nós que estiverem determinados terão condições de efetivar um contato bem mais estreito, pela Graça, para mais completa integração e posterior superação.

Outras vezes é espontâneo e imprevisível, por ação da Graça.

Entre 1987 e 1991 estive várias vezes em Cusco, Peru, assim como em toda a região polarizada por aquela cidade, coletando material teórico e ilustrativo para uma Tese de Doutorado em Antropologia sobre o Estado Imperial Inca. Em minha primeira viagem à região, fui em um carro contratado até uma enorme cidade–ruína a caminho de *Machupicchu*, chamada *Ollantaytambo*. O percurso é longo e a paisagem é bela, assim como a cidade aos pés da ruína é uma das poucas *llactas* (cidades inca) preservadas, e fui absorvido pela região até lá chegar. Mal o táxi parou, entretanto, e saí pela porta traseira, ao fitar *Ollantaytambo* quase desfaleci: a vertigem e a falta de ar me indicaram estar algo ocorrendo, embora não soubesse ainda do que se tratava.

Pressuroso, o taxista sugeriu–me estar com *soroichi*, o "mal das alturas", pois a região se situa a quase 3.000 metros de altitude, e providenciou água e uma sombra amiga. Em meu íntimo eu sabia não ser *soroichi*, pela tonalidade transafetiva[1034](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1034) do que me ocorria, e em menos de dez minutos recobrei–me o suficiente para levar as horas seguintes conhecendo o local com paz e tranqüilidade e estudando o imenso conjunto de muralhas e terraços de pedra.

Cinco anos depois, num de meus primeiros serviços bailados já fardado, talvez em uma noite junina, saí da construção na qual bailávamos, em um dos municípios da Grande São Paulo, e dirigi–me para a pilha de tijolos que eu vira ao entrar, perto da porteira da propriedade: queria fumar um cigarrinho e urinar. Dei obediência ao fiscal de terreiro, para tranqüilizá–lo, fui até onde pretendia e, justo ao abrir a braguilha, tudo sumiu e só pude ver *Ollantaytambo*: em uma cena ensolarada, a população da época do Estado Imperial trabalhava em seus afazeres, enquanto eu, *amauta*, ali postado, supervisionava tarefas.

"Voltei" à pilha de tijolos, urinei enquanto compreendia o porquê do marcante impacto frente àquela ruína cinco anos antes, e retornei para seguir bailando.

Dois hinos à frente mestre Irineu reafirma a intenção de "alcançar" Deus:

*"Deus na frente, Deus na paz,  
nas alturas onde Ele está.  
Vou viajando com Deus,  
um dia eu hei de chegar.  
Jesus Cristo vai comigo,  
vai na minha companhia,  
para um dia eu entrar  
dentro da Soberania.  
Todo mundo quer ser grande,  
me deixaram eu ficar só.  
Fico com a Virgem Maria,  
estou com a força maior"*[1035](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1035)*.*

(Em todo o "*O Cruzeiro Universal*" mestre Irineu menciona a "*força maior*" apenas neste hino, o 94, ao se referir à Virgem Maria, protetora da Missão, e no hino 106, ao mencionar o "*chefe Império*", mensageiro da Missão, como veremos no próximo capítulo.)

Para, em seguida, anunciar a Mensagem:

*"Te levanta, te levanta,  
levanta quem está sentado  
para receber o Mensageiro  
dentro do jardim dourado.  
Vai seguindo, vai seguindo  
dentro do jardim de amor  
para receber o Mensageiro  
do nosso Pai criador.  
A mensagem que ele traz  
é com prazer e alegria:  
Jesus Cristo e São José  
e a sempre Virgem Maria"*[1036](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1036)*.*

O movimento é de mão dupla. "*Vai seguindo, vai seguindo, dentro do jardim de amor, para receber o Mensageiro do nosso Pai criador*": Deus manda a Mensagem para aqueles que vão ao encontro dela em seu próprio jardim de amor!

No Dom do Espírito Santo, pois "*é com prazer e alegria*".

Uma mensagem tão singela, que chegamos a duvidar ser só isso, tão habituados estamos a questões complexas e desafiadoras: "*Jesus Cristo e São José e a sempre Virgem Maria*", imagem da Trindade.

Porque como sempre comentou Tufi Rachid Amin, em seu sossegado jeito acreano, "*o trabalho do nosso mestre é tão simples, mas tão simples, Luiz, que chega até a ficar difícil a gente entender… de tanto que a gente é complicada!"*.

A meio de meu tempo na direção da Casa de Oração Sete Estrelas, alterando o que por costume se faz no Acre, um dia orientei os fiscais para que, no transcorrer dos serviços bailados, daí por diante não mais pedissem a quem estivesse nas cadeiras (visitantes e filiados não–fardados) para se pôr em pé ao início do hino ("*te levanta, te levanta, levanta quem está sentado*"): eu compreendera em meu coração que o chamamento só seria atendido por quem estivesse atento e fosse obediente, assim na terra como no céu. O resto, seria imposição nossa…

Aliás, o processo de "troca de comando" da casa foi muito legal! Nos finais de 1994, quando pela primeira vez aprumei para ir ao Acre uma vez mais, mas já havendo uma irmandade para dirigir, entrei em estudo: alguém teria de ficar na direção, pois a casa de oração não poderia parar de trabalhar em minha ausência, já que "*quem toma conta, dá conta e presta contas*"[1037](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1037), como dizia mestre Irineu.

Então, um mês antes de viajar publiquei um nome ao grupo e, para meu contentamento, um outro irmão emergiu, falando de si para si:

*– Ah!, agora eu entendo!*

Todos se voltaram para fitá–lo, em meio a gargalhadas, e ele explicou:

*– No serviço anterior eu vira um ser 'passando' algo da cabeça do Luiz para a dele e eu não entendera nada…*

E o irmão que, a partir daí, ficava à testa da casa em minhas eventuais ausências, vindo a me suceder na direção sete anos após, contou–me que no transcorrer do mesmo serviço mirara a mesa girando e voltando a ele[1038](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1038) a cabeceira, local que eu ocupava, crendo só ter sido vaidade ou ambição.

Há uma bandeira a ser mantida alta e, por isso, mestre Irineu canta a seguir:

*"Quando eu cheguei em uma campina  
vi um formoso batalhão.  
Também vi uma senhora  
com uma bandeira na mão.  
Quando esta senhora me viu  
veio comigo falar:  
há tempo eu estou te esperando  
para tudo isto eu te entregar.  
Você me zele esta campina  
de brilhante e pedras finas,  
consagrando a santa luz  
no caminho que eu destino"*[1039](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1039)*.*

Qual senhora? A Virgem da Conceição? Soloína? Surubina? Outro ente "feminino"? Novo reflexo de *Sofia*, a Sabedoria?

Na seqüência, ouve–se clarins[1040](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1040) no início do próximo hino (e por isso uma só garganta[1041](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1041), entre as dezenas ou centenas no salão, canta a estrofe inicial, no único caso de estrofe não–duplicada e cantada por uma só pessoa em toda a base doutrinária):

*"Traí, traí, traí, tráááá.  
Traí, traí, traí, tráááá.  
Tráááá, tráááá.  
Chamo e sei, chamo e sei,  
chamo e sei quem te mandou.  
Te recebo, te recebo,  
te recebo é com amor.  
Com a força do meu Pai,  
o poder superior,  
completei um centenário  
no Cruzeiro Universal.  
Cada um que está comigo  
capriche e venha se apresentar"*[1042](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1042)*.*

No próximo hino, o que poderia parecer motivo de soberba – "*sou dono deste poder*" – uma vez mais reafirma a obediência à destinação: "*Não pensa em fazer o que tu queres, que Deus é o nosso Pai*":

*"Sou filho desta verdade,  
sou dono deste poder.  
Deus me entrega com firmeza,  
eu não devo esmorecer.  
Vou seguindo nesta verdade  
para sempre, sempre outra vez.  
A minha Mãe, sempre comigo,  
que me ensina eu compreender.  
Estou aqui nesta verdade,  
só ensino é coisa boa.  
Alguns que estão comigo  
só pensam é coisa à–toa.  
A ruína que se faz  
é só para sofrer.  
Cada um dá o que tem,  
não precisa ninguém dizer.  
Agora eu volto para o meu lugar,  
sigo em frente, vamos trabalhar.  
Não pensa em fazer o que tu queres,  
que Deus é o nosso Pai"*[1043](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1043)*.*

Que rica, a noção implícita em "*me ensina eu compreender*": a doutrina, além de expor os preceitos, ensina como aprendê–los!

Mas não se encerra aí o ensinamento; desta vez, são muitos.

O Mensageiro, manifesto em mestre Irineu, canta que vai seguindo nesta verdade "*para sempre, sempre, outra vez*": é à eternidade, como sempre, mas uma vez mais entre nós.

Alerta a irmandade para a preciosa simplicidade do que prega, a partir de onde está, e mais uma vez recorda: de cada um só sai o que conforma sua destinação, "*não precisa ninguém dizer*".

Veja: "*vou seguindo*"! O processo ainda se desdobra, para ao fim "*retornar ao seu lugar*" e receber–ensinar o exemplo: "*não pensa em fazer o que tu queres, que Deus é o nosso Pai*".

Contam que um irmão, dos primeiros e mais próximos, chegou ao mestre Irineu e reclamou:

*– Padrinho, mirei o senhor e a Rainha…*

*– Verdade, meu filho?*

*– Pois é… nós dois… eu e o senhor, chegávamos à casa dEla e Ela vinha nos receber com muito carinho!*

*– Que bom, meu irmão!*

*– Mas eu senti que Ela recebia o senhor com um contentamento maior… E aí eu fiquei pensando: mas nós não somos todos, todos nós, filhos dEla? Por que essa diferença, então?*

Dizem que mestre Irineu pensou um pouco e respondeu:

*– Mas não é verdade que eu sou o filho mais obediente? Que só eu faço exatamente como ela gosta? Não é assim? Então, não tinha de ser deste jeito?* [1044](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1044)

No hino seguinte mestre Irineu faz um claro chamamento a cada um:

*"Sei aonde está meu Pai,  
sei que Ele está me vendo;  
reconheço a minha Mãe,  
eu sei o que estou dizendo.  
Todos façam por saber  
conhecer o seu valor,  
receber a santa luz,  
encher seu culto de amor.  
Todos chegam no salão  
com alegria para cantar,  
quando chega os dias próximos  
suspiram para não voltar"*[1045](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1045)*.*

Publica ser visto pelo Pai, embora já reconheça a sua Mãe (há uma gradação…), e pede a cada um que, voltando–se a Deus, faça por se preencher da santa luz, sem temer voltar a se trabalhar.

Aí, após recordar que "*todo mundo é sabido, o saber Deus é quem dá, seguindo na linha*[1046](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1046)*, direito, é muito fácil de encontrar*"[1047](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1047), ressurge a lua branca, personagem central do primeiro hino e de toda a doutrina daimista, graças à aparição mariana:

*"O brilho da lua branca  
foi quem me trouxe aqui,  
doutrinar a quem quiser  
neste caminho a seguir.  
Sou filho desta verdade,  
devo caprichar assim,  
caprichar eternamente  
para nunca ser ruim.  
Lua branca, quem me trouxe,  
confiou–me este lugar.  
Para ser filho legítimo  
é preciso doutrinar.  
A minha Mãe é que me ensina  
tudo enquanto eu quiser,  
peço força, peço força  
a meu Pai, que tem poder.  
A minha Mãe foi quem me deu  
neste mundo, este lugar.  
Peço força e dou força  
a não sair do meu lugar"*[1048](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1048)*.*

(O trabalho de recobro de conteúdo trouxe "*o brilho da lua branca*"[1049](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1049), e não "no brilho da lua branca", e "*a não sair do meu lugar*"[1050](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1050) onde se costumava cantar "e não saio do meu lugar"…)

Uma vez mais a liberdade de escolha – "*doutrinar a quem quiser, neste caminho a seguir*" –, no reconhecimento da missão – "*para ser filho legítimo é preciso doutrinar*": não o doutrinar invasivo e descomedido de quem, preso apenas da missão que pensa ter, não respeita a destinação ou a escolha do outro, mas o doutrinar de si próprio, para ser filho legítimo:

*– "Ah!, Luiz, dá tanto trabalho eu cuidar do meu quintal… E eu lá tenho tempo para ficar olhando para o jardim do outro"?* [1051](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1051)

O lento percorrer do arco para dentro vai trazendo à luz o que se esconde nas dobras da memória: a verdade mais profunda de cada um, que o define e apresenta ao mundo:

*"Sou filho desta verdade  
e neste mundo estou aqui,  
dou conselho, dou conselho,  
para aqueles que me ouvir.  
O saber de todo mundo  
é o saber universal.  
Aqui tem muita ciência  
que é preciso se estudar.  
Estudo fino, estudo fino,  
que é preciso conhecer:  
para ser bom professor,  
apresentar o seu saber"*[1052](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1052)*.*

Que precioso: "*o saber de todo mundo é o saber universal*"! Quanta sabedoria em tão curtos versos!

E atente: "*que é preciso se estudar*". O trabalho de recobro de conteúdo trouxe de volta o "*se estudar*[1053](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1053)", que aqui ou ali havia desaparecido ao cantar "é preciso estudar" – como se a ciência[1054](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1054) estivesse em outro lugar que não o interior de si próprio.

Como canta o hino que anos atrás foi escolhido para abrir este relato, numa tarde em que eu saía da casa de dona Percília, logo após tê–la conhecido:

*"É preciso se trabalhar,  
fazer esforço de procurar"*[1055](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1055)*.*

"*A questão de nos conhecer é tão importante que eu gostaria que não houvesse nenhuma negligência, por mais elevadas que estejais no céu (…) E assim volto a dizer que é muito bom, extremamente bom, entrar primeiro no aposento do conhecimento próprio antes de voar aos outros, porque esse é o caminho. Se podemos ir pelo seguro e plano, porque haveremos de querer asas para voar? Devemos, pelo contrário, aprofundar–nos mais no conhecimento de nós mesmas*"[1056](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1056).

A seguir, já que "*todos querem ser irmão*" (no singular, uma vez mais[1057](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1057)), mestre Irineu ensina:

*"Para ser irmão legítimo  
é preciso um juramento:  
não brigar com seu irmão,*nem trocar seu pensamento*"*[1058](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1058)*.*

55.

"*A questão de nos conhecer é tão importante que eu gostaria que não houvesse nenhuma negligência, por mais elevadas que estejais no céu (…) E assim volto a dizer que é muito bom, extremamente bom, entrar primeiro no aposento do conhecimento próprio antes de voar aos outros, porque esse é o caminho. Se podemos ir pelo seguro e plano, porque haveremos de querer asas para voar? Devemos, pelo contrário, aprofundar–nos mais no conhecimento de nós mesmas*"[1056](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1056).

A seguir, já que "*todos querem ser irmão*" (no singular, uma vez mais[1057](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1057)), mestre Irineu ensina:

*"Para ser irmão legítimo  
é preciso um juramento:  
não brigar com seu irmão,*nem trocar seu pensamento*"*[*1058*](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1058)*.*

## de "Sexta-Feira Santa" a "Sou filho do poder"

No hino 104 a verdade se torna tão palpável que quase dá para tocá–la com a mão:

*"Sou filho, sou filho,  
sou filho do poder.  
A minha Mãe me trouxe aqui,  
quem quiser venha aprender.  
Vou seguindo, vou seguindo  
os passos que Deus me dá.  
A minha memória divina  
eu tenho que apresentar.  
A minha Mãe que me ensina,  
me diz tudo o que eu quiser:  
sou filho desta verdade  
e meu pai é São José.  
A Sexta–feira Santa  
guardemos com obediência:  
três antes e três depois  
para afastar toda doença".*

Graças ao contínuo desdobrar e integrar dos conteúdos da memória, no Caminho do Retorno, ou arco para dentro, o dúplex em mestre Irineu canta "*a minha memória divina eu tenho que apresentar*", graças ao caminho que Deus lhe dá.

A entrega é incondicional, "*vou seguindo os passos que Deus me dá*", e o ensinamento é absoluto: "*me diz tudo o que eu quiser*".

O hino – *justo, este hino!* – se encerra com a única menção ao jejum ritual entre todos os hinos da base doutrinária, obrigando a uma longa reflexão, pois a importância crucial da "dieta", como é chamada em Rio Branco, é em geral mal compreendida e uma vez mais passa por anacronismo ou viés cultural local ou é adotada sem maior aprofundamento de sentido.

Em todas as experiências religiosas o jejum ocupa lugar de destaque e, na Tradição cristã, perpassa o ***Antigo Testamento*** e o ***Novo Testamento***.

O jejum implica uma atitude de fé, de humildade e de entrega a Deus – caso contrário, é só suplício ou farsa.

No ***Antigo Testamento***, o jejum é requisito para o encontro com Deus: "*Voltei minha face para o Senhor Deus em busca de oração e súplicas, com jejum, saco e cinza*"[1059](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1059) e "*Esteve, pois, ali com o Senhor, quarenta dias e quarenta noites. Não comeu pão; não bebeu água. E escreveu sobre as tábuas as palavras da aliança, as dez palavras*"[1060](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1060).

É pedido de perdão de alguma culpa: "*Quando Acab ouviu estas palavras, rasgou as vestes, vestiu um saco por sobre a pele e jejuou; dormia sobre o saco e caminhava a passos lentos. A palavra do Senhor foi dirigida a Elias, o tishbita: 'Viste como Acab se humilhou diante de mim? Porque ele se humilhou diante de mim, não farei vir a desgraça durante sua vida'"*[1061](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1061) ou "*(…) Nesse dia jejuaram e declararam naquele lugar: 'Nós pecamos contra o Senhor'"*[1062](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1062)

É lamentação por uma desgraça: "*Celebraram a lamentação fúnebre, choraram e jejuaram até o entardecer*"[1063](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1063).

E é súplica antes de uma dura missão: "*(…) lá eles choraram sentados diante do Senhor, e jejuaram naquele dia até a tarde*"[1064](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1064).

O jejum visa, porém, à conversão do coração, sem a qual ele não tem sentido: "*Jejuais, mas procurando contenda e disputa, e golpeando maldosamente com o punho! Não jejuais como convém num dia em que quereis fazer ouvir no alto a vossa voz*"[1065](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1065) ou "*Assim fala o Senhor a este povo: 'Sim, eles gostam de andar à toa, não controlam seus passos'. Porque não agradam ao Senhor, ele recorda agora a sua perversão, pune as suas faltas'. O Senhor me disse: 'Não intercedas em favor deste povo, não desejes sua felicidade. Se jejuam, não ouço o seu lamento'"*[1066](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1066).

No ***Novo Testamento*** conhece–se especialmente o episódio da tentação, quando, impelido pelo Espírito Santo de Deus, Jesus Cristo, antes de começar a parte pública de sua missão, jejuou por quarenta dias como expressão de confiante abandono ao desígnio do Pai: "*Então Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. Depois de ter jejuado por quarenta dias e quarenta noites, acabou sentindo fome*"[1067](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1067).

Mas há também orientação, para que o jejum não sirva à hipocrisia e à ostentação de falsa piedade: "*Quando jejuardes, não tomeis um ar sombrio, como fazem os hipócritas: eles assumem uma fisionomia para mostrar claramente aos homens que estão jejuando. Em verdade vos declaro: já receberam sua recompensa. Quanto a ti, quando jejuares, perfuma tua cabeça e lava o teu rosto, para não mostrares aos homens que estás jejuando, mas tão–só ao teu Pai, que está presente no segredo; e teu Pai, que vê no segredo, te retribuirá*"[1068](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1068).

O jejum propicia a abertura do homem a outro alimento: a palavra de Deus ("*Não só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus*"[1069](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1069)) e o cumprimento da vontade soberana do Pai, que sabe o que melhor nos convém ("*Nisso os discípulos disseram entre si: 'Alguém lhe teria dado de comer?' Jesus lhes disse: 'O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra'"*[1070](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1070)).

Retornando ao princípio da missão de mestre Irineu, o que vimos? A clara e direta orientação da Virgem da Conceição: "'*Tu vais tomar essa bebida e entrarás em trabalho durante uma semana; durante esses dias tu só comerás macaxeira insossa e água e não vai ser preciso se dedicar exclusivamente a isso, não… Tu vais continuar desempenhando as tuas funções, vais continuar cortando a tua seringa e fazendo o teu trabalho. Não vou te atrapalhar, não!'. O fato é que, naqueles dias que foram determinados, até onde eu pude apurar ele só tomou daime até o segundo dia, porque daí por diante não foi mais preciso tomar, já mirava direto. E aqui, ali e acolá, durante a dieta, Ela também fez uma menção para ele: 'Olhe, Irineu, durante esses dias tu não podes nem ver rabo de saia de mulher'"*[1071](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1071).

Uma outra versão pode enriquecer a imagem que se vai construindo: "*E quando ele perguntou qual era, o que ele deveria fazer para aprender realmente a trabalhar com a ayahuasca, Ela disse: 'Você vai passar uma semana comendo macaxeira insossa com água e sem fumar'. Ele já fumava esses cigarros que nós chamamos de 'porronca', um cigarro forte… Ele já fumava esse cigarro enroladinho* [a mão]*, então também tinha que se privar desse vício, e ele se submeteu à prova*"[1072](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1072).

Então não era apenas jejum de alimento, sexo ou sal – no caso do sal, abstinência daquilo que "dá sabor à vida" – mas, também, de um dos mais renitentes vícios de quem o carrega: fumar.

Paremos aqui um instantinho e nos debrucemos sobre a conquista essencial que é, para o ser humano, abrir mão do desejo ou do impulso em prol de uma causa, uma qualquer, donde ser "provado": requer escolha, pede disciplina, indica maturidade e põe a vontade pessoal a serviço de um bem maior no qual se crê, pois "*somos dominados por tudo aquilo com que o nosso eu se identifica e podemos dominar e controlar tudo aquilo de que nós nos 'des–identificamos'"*[1073](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1073).

Relembro um conceito de Ken Wilber ("*a vontade espontânea é a do corpo–mente total, enquanto a segunda vontade é do ego, que se esforça e tem um propósito*"[1074](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1074)) e retorno a ele: a primeira vez em que ouvi este hino de mestre Irineu, conheci em meu coração ser verdadeira a orientação, razão pela qual a minha vontade consciente deveria ser posta a serviço da instrução e da vontade da alma–mente–corpo total, que a reconhecia como vontade de Deus: abstinência sexual três dias antes e três dias após a Sexta–feira Santa, uma semana, portanto, "*para evitar toda doença*".

De imediato lembrei do jejum que se costuma fazer de carne vermelha na Sexta–feira da Paixão, que é o que parece ter restado do ensinamento sobre a importância do jejum ritual de contrição em torno desta data, e nunca mais deixei de acatar a orientação.

Não apenas o sentido era evidente, a voz segura e a fonte confiável, como era suficiente: é imperioso, no correr do arco para fora e do arco para dentro, aprender a dominar impulsos, em benefício da maturação psíquica do ego (como ocorre com as crianças), e depois conseguir direcionar o ego e seus desejos, em proveito da vontade espontânea e do conhecimento transmental[1075](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1075) que está à nossa espera quando a ele nos entregamos.

Enquanto for somente o ego a dirigir os passos, estes serão limitados.

Isso não é fome, pois se vive de mandioca insossa e água, assim como se vive sem fumar; isto não é punição, pois não se prega a auto–flagelação nem o abandono definitivo de todos os prazeres[1076](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1076). Isso é conquista de autodomínio, para abrir mão dele na entrega – já que, quem não se domina, vai entregar o quê, de si mesmo, a Deus?

E nem é de sexo, comida ou tabaco que se trata, aliás, pois até preparar–se para a passagem mestre Irineu teve vida sexual comum, inclusive com dona Peregrina[1077](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1077), sempre teve por carne predileta a de porco[1078](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1078) e fumava e mascava tabaco, além de "*gostar muito de um rapé*"[1079](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1079).

Momentos assim, como os de jejum disciplinar, são conexão preciosa entre passado, presente e futuro, pois é no presente que podemos avaliar nosso passado para criar condições de sermos melhores no futuro. Durante o jejum, repetidamente espicaçada por sensações e sentimentos de falta daquilo que deseja e do qual se abstém – seja sexo, tabaco, comida, bebida ou fantasias postas a serviço do prazer[1080](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1080)–, e desde que o jejum esteja a serviço da contrição, a pessoa se volta a si, a rever comportamentos e atitudes, à busca de identificar erros e culpas acumuladas contra Deus – isto é, contra a justiça e as virtudes – e contra o próximo, a analisar como está, ela e quem com ela esteja, e a rogar por um futuro melhor para si e todos, no Corpo de Deus.

O jejum disciplinar é mais que seu efeito corporal, pois "*efetivamente, não são as coisas deste mundo que ocupam a alma nem a prejudicam, pois lhe são exteriores, mas somente a vontade e o apetite que nela estão e a inclinam para estes mesmos bens*"[1081](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1081).

Ademais, limpa–se o corpo e a mente para a tentativa do contato.

Recordo um irmão admitindo, meses após um serviço que dirigi:

*– Luiz, foi impressionante… Ao chegar na casa, eu lembrei que tinha bebido no almoço, contrariando o que sempre fora pedido… Mas decidi entrar no serviço mesmo assim! Tomamos daime, nos concentramos e adiante a força começou a chegar. Ela veio pela minha cabeça e, dela, se irradiava para quem precisava*[1082](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1082)*, dando–me grande alegria. Daí desceu para meu pescoço e peito, sempre irradiando depois. Mas quando chegou na minha barriga, eu ouvi a Voz: "Você bebeu?!" Aí a força "sumiu" e não veio mais até o próximo serviço, quando vim limpinho, limpinho… Ah!, quanta culpa senti por prejudicar os irmãos: porque eu tinha bebido, a força não atuava mais através de mim*[1083](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1083)*.*

Reflexão mais demorada se me impunha, porém, mesmo sabendo que a abstinência sexual proposta pelo hino se associava à oração[1084](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1084), à virtude, à misericórdia, à imploração e à conversão do coração, pois o que desde o primeiro dia ouvi em meu caminho daimista é que deveria seguir tal instrução para todos os serviços espirituais – o que nunca fiz.

Em minhas inquirições a respeito, só encontrava menções simbólicas ou difusas: "*nós sabemos perfeitamente que o sexo nos traz saúde, mas também nos traz saúde e também uma fraqueza, porque 'puxa' muito e o daime é muito 'forte'. Eu cheguei a perguntar: 'Mestre, por que a abstinência sexual, o que poderá ocorrer se a pessoa não cumpri–la?' Ele me frisou bem claro dois exemplos, loucura ou tuberculose, uma das duas. Ou uma ou outra. Mas ele acrescentou também: 'pode dar um transtorno na sua vida e no seu cotidiano, uma desarmonia em casa porque o senhor não cumpriu, tudo isso pode trazer'"*[1085](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1085).

Afirmações como estas são entendíveis quando se prescreve para o coletivo: como exemplo corriqueiro, diz–se a quem está sob tratamento de infecções que "não se deve beber porque a bebida 'corta' o efeito do remédio" – e não que o antibiótico interfere no metabolismo do fígado, razão pela qual o principal órgão de desintoxicação do corpo humano ficará sobrecarregado, com maior risco para o paciente, se este beber…

Além de tudo, reduzem a expressão "*para afastar toda doença*" a problemas orgânicos corporais, quando se sabe que "*cura*", em seu sentido espiritual mais vasto, supera largamente este estreito e passageiro limite.

Por isso, para quem busca o Ensinamento, a reflexão contínua é necessária.

E tal reflexão era imperiosa, não apenas porque depois da maturidade pude viver e apreciar uma feliz sexualidade, graças a Deus, mas por carregar certeza de que as escolhas são individuais no caminho, assim como o mérito delas advindo: como aprendera com o budismo, anos antes, "*após exame, crede no que vós mesmos experimentardes e reconhecerdes razoável, no que for conforme ao vosso bem e ao bem alheio*"[1086](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1086).

Afinal, mestre Irineu ensinava: "*meus irmãos, tem gente que nunca tomou nem uma colherinha de daime e vive muito mais pertinho de Deus*"[1087](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1087).

Uma noite, saí no intervalo para tomar um chazinho de capim santo na cantina da Igreja "da Barquinha". Acendi um cigarro, recostei–me em um pilar de sustentação do puxado de telhas e, *zuuummmm!*, surgiram em minha frente dois *chacras*[1088](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1088), ativando–se e "brotando" de mim: um, "girando" em sentido horário, brotando da garganta e azul–violáceo, outro, "girando" em sentido inverso, brotando da pelve e rubro–alaranjado. De imediato, compreendi serem a mesma possibilidade bioenergética[1089](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1089), a de transcendência e a sexual.

Talvez – em meu particular caso – por agradável destinação ou pelo fato de a sexualidade compartilhada nunca ter sido, em toda a minha vida, só busca de satisfação de desejo ou impulso biológico: todas as vezes foi vivida em prol de algo com maior significação, razão, talvez, de não ter sido fonte de "maus pensamentos", os egoístas, vaidosos, mentirosos ou impositivos, que violam as virtudes ao impor vontade.

No correr dos anos, então, e de muita conversa e observação para análise, já que tinha por responsabilidade orientar uma irmandade, construí em mim a certeza de se tratar de importante variável individual – não apenas de pessoa para pessoa, mas de fase para fase no mesmo indivíduo, o que deve obrigar contínua autopercepção e firmeza no autoconhecimento, a cada caso e momento: há aqueles para quem a dieta deve ser absoluta, há aqueles para quem é possível maior liberdade, assim como há vezes em que mesmo para estes últimos seja conveniente maior contenção.

Ou, como ensina santo Agostinho, "*é preciso saber que certos preceitos são comuns a todos e outros são particulares a classes diferentes de pessoas. Isso para que o remédio da doutrina não se estenda somente ao estado geral de saúde moral, mas também à doença própria de cada membro*"[1090](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1090).

O mesmo se dando com a alimentação nos dias de serviço: com a expansão para o Sul e Sudeste brasileiros, as práticas da doutrina daimista passaram a ser influenciadas por noções naturalistas, macrobióticas e de vegetarianismo, impondo um tipo de prescrição que nunca houvera e por vezes ultrapassa até o bom senso[1091](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1091).

Neste sentido, já não bastasse o espanto que me tomou no intervalo de meu primeiro serviço bailado no "*Céu do Mapiá*", ao ser convidado a ir jantar na casa de quem ali me hospedava (arroz, feijão, ovo e lingüiça, ao que acrescentei uma banana…), e o fato de centros daimistas de variadas Linhas no Acre manterem uma cantina para lanches ligeiros no intervalo dos serviços (e geração de pequena receita de manutenção), são inúmeros os depoimentos que apontam diferentes necessidades individuais, de pessoa a pessoa, nem sempre envolvendo uma alimentação mais frugal nos dias de serviço espiritual. Entre eles, escolho este, do próprio mestre Irineu: "*Ele dizia: 'você não pode fazer dieta de comida, você trabalha muito, derrama muito suor, tem de estar forte, tem de se alimentar muito bem'. Às vezes titio dizia: 'eu vou fazer dieta hoje, vai ter um serviço e desta vez eu vou passar só nessa comida'. Eu dizia: 'eu vou fazer como o senhor'. Ele dizia: 'não, pode te alimentar à vontade'"*[1092](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1092).

Voltando à sexualidade, lamento muito não ter conhecido mestre Irineu no mundo para, com simplicidade, perguntar–lhe sobre isso com franqueza! E nunca ter–lhe dirigido tal questão, nas poucas vezes em que estivemos juntos no astral, já que outros assuntos me ocupavam…

(Uma vez disseram: "*Ah!, Luiz, quem dera a gente tivesse tido alguém como você… que pergunta tudo… quando o Mestre estava em matéria! A gente tinha Deus pertinho da mão, mas quase não perguntava nada para não incomodá–Lo!"*[1093](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1093). Ao que respondi: "*Pois é, e com isso vocês não deixavam mestre Irineu cumprir melhor ainda sua missão, que também era a de responder às perguntas dos irmãos, todas elas, ensinando…*".)

Mas carrego em mim segurança sobre o fato de que uma visão ainda tímida sobre sexualidade, bem como a delicada complexidade do tema, comprometem uma compreensão mais plena de aspecto tão essencial no caminho a Deus: a importância da sexualidade como expressão aberta da potencialidade do ser humano, se saudavelmente orientada para a completude do amor de quem quer bem ou para a ativação de meios mais sutis de percepção de si, do outro e mesmo da espiritualidade, na tentativa feliz de união e coesão.

Dois hinos adiante mestre Irineu canta:

*"Estando nesta fortaleza,  
onde me radeia o sol,  
encostado a meu Império,  
dono da força maior.  
Dono de todo poder,  
dono da força maior.  
É ele é quem me ensina  
para ensinar os menores.  
Para ensinar os menores,  
para todos aprender,  
para sempre louvar a Deus  
e saber agradecer"*[1094](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1094)*.*

Aqui, é mais do que receber os ensinos, para ensinar: estar encostado sugere proximidade, contato efetivo e apoio.

(No trabalho de recobro de conteúdo foi deixado "*radeia*", ao invés de "irradia", acolhendo expressão local.)

Ao introduzir a expressão "*Império*", mestre Irineu abre uma vertente de conhecimento que se reafirmará hinos à frente e se apresenta nos "*viva!"* bradados em todo serviço bailado:

*"Viva o divino Pai eterno!  
Viva a Rainha da floresta!  
Viva Jesus Cristo Redentor!  
Viva o patriarca São José!  
Viva todos os seres divinos!  
Viva o nosso chefe Império!  
Viva toda a irmandade!  
Viva o santo cruzeiro!"*

(A partir da década de 80, práticas de proselitismo e de mescla de Linhas apuseram um nono viva, "*viva os nossos visitantes!"*, que se manteve por anos[1095](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1095) e, ao menos na casa de oração que dirigi, já foi suprimido, enquanto a vaidade gerou vivas desnecessários ao presidente ou ao vice–presidente do centro ou ao "dono" do hinário: "*mas isso tudo já está no 'viva' à irmandade, não sabe?*"[1096](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1096).)

A quem mestre Irineu nomeia "*chefe Império*"? A expressão "*dono da força maior*" o associa à Rainha, como vimos no hino 94 ("*estou com a força maior*"); já pelo verso "*é ele é quem me ensina*", parece se referir a Jesus Cristo ou à Virgem Mãe, os quais, no decorrer do "*O Cruzeiro Universal*", se alternam como "transmissores dos ensinos", por força do Espírito Santo de Deus.

Ocorre que, como veremos adiante, tal "*Império*" é um "*chefe*" – e isso recoloca tudo, pois já não cabe entender a expressão como símbolo de uma qualquer das três Pessoas divinas ou de Maria.

Adiante discutiremos melhor tal nuance da arquitetura celestial, ao discutir *Juramidam*.

Mestre Raimundo Irineu Serra, Juramidam.

No hino seguinte mestre Irineu afirma sua devoção à santa cruz, até a eternidade:

*"Minha Mãe, vamos comigo,  
para sempre eterna luz,  
para eu poder assinar  
para sempre a santa cruz.  
Esta cruz, no firmamento,  
que radeia a santa luz,  
todos que nela firmar  
é para sempre, amém, Jesus"*[1097](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1097)*.*

A seguir, canta:

*"Eu canto aqui na terra  
o amor que Deus me dá   
para sempre, para sempre,  
para sempre, para sempre.  
A minha Mãe, que veio comigo,  
que me deu esta lição:  
para sempre, para sempre,  
para sempre eu ser irmão.  
Enxotando os malfazejos  
que não querem me ouvir,  
escurecem o pensamento  
e nunca podem ser feliz.  
Esta é a Linha do Tucum,  
que traz toda a lealdade,  
castigando os mentirosos,  
aqui dentro desta verdade"*[1098](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1098)*.*

Para quem já mirou "seu" Tucum, defronta-se um caboclo para quem a confusão ("*o caminho torto, errado*"[1099](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1099), em outro hino) e o desrespeito à verdade ("*os mentirosos*", neste hino) não têm guarida.

O hino, enquanto "chamada" (invocação), é um dos mais potentes, a ponto de ser o único hino cantado nos "serviços de mesa", ou rituais de exorcismo ("*enxotando os malfazejos*"), por orientação direta de mestre Irineu.

Mas o hino nos traz inúmeros ensinamentos, além do fato de, até em momentos assim, serem enxotados apenas os "*que não querem me ouvir*", por respeito ao livre–arbítrio de todos os seres, até os malfazejos.

De muitos daimistas ouvi que "o trabalho de mestre Irineu é da Linha do Tucum", o que serviu para reforçar no correr dos anos a suposta aura panteísta ou "eclética" da doutrina daimista. É, também… mas não se sustenta a suposição de todo o trabalho ser de uma Linha só, quer ao analisar a base doutrinária e o próprio "*O Cruzeiro Universal*", quer pelo fato de uma Linha não estruturar uma Escola e, menos ainda, uma Tradição! Ao contrário, uma Tradição comporta várias Escolas e estas podem se desdobrar em Linhas distintas[1100](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1100).

Quanto ao exorcismo, ao qual o hino alude ("*enxotando os malfazejos*"), ele está presente em toda a Escritura, assim como em todos os tempos e lugares.

No ***Novo Testamento*** há exemplos: "*Tendo reunido os Doze, ele lhes deu poder e autoridade sobre todos os demônios e lhes concedeu curar as doenças*"[1101](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1101) ou "*Algum de vós está doente? Mande chamar os anciãos da Igreja e que estes orem depois de tê–lo ungido com óleo, em nome do Senhor. A oração da fé salvará o paciente: o Senhor o porá de pé e, se tiver pecados, ser–lhes–ão perdoados*"[1102](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1102).

Diz o **I Ching**: "*às vezes se tem que lidar com inimigos ocultos, influências impalpáveis que se ocultam nos mais obscuros recantos. De seu esconderijo, procuram sugestionar as pessoas. Nestes casos, é necessário persegui–los até os seus esconderijos mais secretos, para que se possa, então, identificar a natureza das influências em questão. Essa é a tarefa dos sacerdotes. Eliminá–los é o encargo dos magos. O caráter anônimo dessa conspiração exige um empenho especialmente vigoroso e incansável que, porém, encontrará ampla recompensa. Pois uma vez trazidas à luz e identificadas, essas influências furtivas perdem seu poder sobre as pessoas*" [1103](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1103).

Determina a Cúria Romana: "*os senhores bispos são solicitados a que vigiem para que – mesmo nos casos que pareçam revelar algum influxo do diabo, com exclusão da autêntica possessão diabólica – pessoas não devidamente autorizadas não orientem reuniões nas quais se façam orações para obter a expulsão do demônio, orações que diretamente interpelem os demônios ou manifestem o anseio de conhecer a identidade dos mesmos*"[1104](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1104).

Ensina a Escritura: "*(…) não deis crédito a qualquer espírito, mas examinai os espíritos para ver se são de Deus; pois muitos profetas da mentira espalharam–se pelo mundo*"[1105](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1105).

Trechos de Kardec nos permitem ler o seguinte diálogo:

*– Influem os espíritos nos nossos pensamentos e ações?*

*– Neste caso, sua influência é maior do que pensais, pois muitas vezes são eles que vos dirigem.*

*– Como distinguir os pensamentos próprios, daqueles que nos são sugeridos?*

*– Quando um pensamento é sugerido, é como uma voz que vos fala.*

*– Como distinguir se um pensamento sugerido vem de um bom ou de um mau espírito?*

*– Estudai o caso. Os bons espíritos só aconselham o bem. Cabe–vos fazer a distinção.*

*– Pode um espírito momentaneamente tomar o envoltório de uma pessoa viva, isto é, introduzir–se num corpo animado e agir em lugar do que nele se acha encarnado?*

*– O espírito não entra no corpo como entrais em uma casa: ele se identifica com o espírito encarnado que tem as mesmas virtudes e os mesmos defeitos, agindo conjuntamente.*

*– Se não há coabitação de dois espíritos no mesmo corpo, pode a alma encontrar–se na dependência de um outro espírito, de maneira a ver–se por este subjugada a ponto de achar–se sua vontade, até certo ponto, paralisada?*

*– Sim, e são estes, os verdadeiros possessos. Sabei, entretanto, que esta dominação jamais se processa sem a participação daquele que sofre, seja por sua fraqueza, seja por seu desejo"* [1106](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1106)*.*

Então, trata–se sempre e todas as vezes, de auxiliar o irmão em sua tarefa de união interna, por meio de "reforma íntima", rogando a Deus força e luz para que o progresso se dê a contento.

O serviço, todavia, sofre distúrbios vários, causados por seres que, desencarnados ou encantados, almejam dirigir o processo, em detrimento do arbítrio do "possesso": entes espirituais levianos ou malévolos, orgulhosos ou desconfiados, ou ciumentos e sarcásticos, dependendo de seu nível de evolução, e os pseudo–sábios, dentre os mais envolventes e perigosos, pois instalam a confusão e a desunião interna (ou a incoesão externa) por meio de meias–verdades e rudimentos parciais de informação ou conhecimento.

Por isso "*escurecem o pensamento*" e "*nunca podem ser feliz*" (uma vez mais, no singular[1107](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1107)), razão pela qual devem ser "doutrinados", quando der e quiserem, ou "expulsos" da pessoa.

Canta um hino:

*"Estalo com a mão direita  
estalo com a mão esquerda  
me defendo com a cruz  
dos inimigos trapaceiros.  
Malfazejos vêm chegando,  
se preparem para apanhar.  
Já não tem mais jeito,  
o consolo é só chorar.  
Corto para cá, corto para lá,  
corto em todo lugar,  
corto tudo que é ruim,  
que não quiser se doutrinar"*[1108](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1108)*.*

(Como exemplo contemporâneo das alterações que ocorrem, desvirtuando o ensinamento dos hinos, estava eu uma tarde conferindo com o Tufi o seu próprio hinário e, ao chegarmos a este hino, ele afirmou: *é '****que*** *não quiser se doutrinar', embora o povo insista em cantar '****quem*** *não quiser se doutrinar'*. Indiretamente, ele me falava da tendência humana ao proselitismo…)

A introdução deste tema – exorcismo dos "*malfazejos*"– na última terça parte do "*O Cruzeiro Universal*" pode fazer pensar em ressurgimento do animismo ou de formas menos bem desenvolvidas de cultuar a espiritualidade, aquelas que dependem de entidades ou objetos–ídolo. Todavia, é precioso lembrete para mestre Irineu e, por meio dele, para nós: em todos os níveis, em todos os momentos, pouco importa em que estágio se esteja do arco para dentro, já no caminho do retorno a Deus, pouco importa quanto já se tenha caminhado no recobro e integração de memórias, pouco importa quanto se pôde obter de conhecimento e compreensão, os desafios da vida encarnada e as armadilhas da vida espiritual estão presentes e podem se manifestar, razão pela qual se necessita contínua vigilância.

Canta um hino:

*"Quando eu fui abrindo os olhos,  
vi as luzes clarear.  
Estava dentro de um salão  
junto com meu general.  
Aí tinha um trapaceiro  
querendo me conduzir.  
Eu disse ao meu general  
e ele não quis consentir.  
Ele foi me abraçando  
para com ele eu seguir.  
Meu general me segurou,  
disse: este veio foi pra aqui.  
Eu digo aos meus irmãos  
que todos nós podemos crer:  
que dentro do poder divino  
tem tudo para nós ver"*[1109](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1109)*.*

Além disso, como se vê em todo o ***Novo Testamento***, tais exorcismos, e outras curas, quando feitos, nem merecem grande destaque, pois não são o mais importante – são apenas sinais da força benfazeja do amor de Deus e "*é por meio deles que se abre o caminho à mensagem dos Arcanjos e dos Anjos*"[1110](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1110).

No que toca a mim, ano e meio após ter firmado a Casa de Oração Sete Estrelas, em um serviço recebemos pessoal que veio do "*Céu do Mapiá*" para conhecer a casa e eu pude compreender no astral, graças a Deus, a dureza do que viria, de tantos e tais, os interesses contrariados.

Ao final do serviço, chamei meus assistentes e pedi:

*– Se nos próximos três meses eu cair em um serviço, ponham–me em um sofá e continuem a trabalhar: Deus cuida de mim.*

Quem caiu, todavia, foi um de meus cachorros – grande guarda! –, vindo a morrer um ano após, preso de convulsões que nunca mais o abandonaram. O outro, um pastor–alemão, carregou até à morte uma ferida na pata dianteira, nunca cicatrizada nem nunca arruinada de vez.

Por isso mestre Irineu sempre ensinava: "*tenham um bicho em casa, nem que seja um pinto… Ele ajuda a 'segurar' o que vem de ruim!"*[1111](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1111).

De outra vez, recebemos dois irmãos: ele, perdido na cocaína, ela, jovem, bela e prostituta. Ao meio do serviço, súbito mirei um ambiente tosco, choça à noite, coalhado de seres escuros, rústicos e alumiados por tochas ou lamparinas. "Surgi" no meio de todos e minha chegada gerou desconforto e rumores, com que o "chefe" daquele povo veio, carrancudo, em minha direção.

Mal se postou à minha frente, de mim saiu a voz:

*– Vim requisitar esta moça, em nome de Jesus Cristo.*

Ele "recuou" um passo, tudo sumiu e eu me vi de novo em minha cadeira.

Sei que algum tempo após ela decidiu deixar a prostituição, mesmo sem profissão definida e com uma filha para sustentar, e "cortar um doze" para se reformar, adotando uma religião e, até onde sei, vencendo a batalha…

Dois hinos à frente, mestre Irineu canta o mar sagrado:

*"De longe, eu venho de longe,  
das ondas do mar sagrado,  
para conhecer os poderes  
da floresta e Deus amar.  
Eu sigo neste caminho,  
ando nele dias inteiros  
para conhecer o poder  
e a santa luz de Deus verdadeiro.  
No poder de Deus verdadeiro  
é preciso nós ter amor,  
nas estrelas do firmamento  
e em tudo que Deus criou"*[1112](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1112)*.*

Que precisa descrição!

Pois entoa o salmista:

*"Aleluia!  
Dos céus, louvai o Senhor: Louvai–o nas alturas;  
louvai–o, vós, todos os seus anjos;  
louvai–o, vós, todo o seu exército;  
louvai–o, sol e lua;  
louvai–o, vós, todas as estrelas brilhantes;  
louvai–o, vós, os mais altos dos céus,  
e vós, as águas que estais sobre os céus"*[1113](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1113)*.*

Ambos cantam, cada qual a seu modo, "*as águas que estais sobre os céus*", o mar sagrado…

O movimento ensinado é duplo: "*eu venho de longe, das ondas do mar sagrado*", emanando da eternidade; e "*eu sigo neste caminho, ando nele dias inteiros*", caminhando para conhecer Deus, a partir da encarnação.

O próximo hino, o 111, é um dos únicos três que têm bailado misto, entre todos os hinários da base doutrinária: parte da estrofe é bailada em ritmo de marcha e o restante o é em ritmo de "valseado", o que obriga a ter atenção redobrada no bailado e nos faz perguntar: por que apenas estes?

Os outros dois são "*Linha do Tucum*", o qual vimos atrás, e "*Laranjeira*", que é o 60o :

*"Cada um tem um cabedal,  
de acordo ao que Deus lhe dá,  
para viver neste mundo  
é preciso procurar.  
Laranjeira carregada  
de laranjas boas:  
assim é algumas pessoas.  
Vou vivendo e vou dizendo,  
de acordo ao que vai chegar:  
o ouro que tem na Terra  
é a luz que brilha mais.  
Laranjeira carregada  
de laranjas boas:  
assim é algumas pessoas".*

(Os versos "*o ouro que tem na terra é a luz que brilha mais*" também não encontram consenso: a ganância, que imperaria, já que "*de acordo ao que vai chegar*"?)

No hino 111, então, "*Estou aqui*", surge no "*O Cruzeiro Universal*" um ente que permeia toda a doutrina daimista e que, na época em que brotou da boca de mestre Irineu, já fora cantado em hinos de outros hinários: *Juramidam*.

*"Estou aqui,  
eu não estando, como é?  
Eu penso na verdade,  
me vem tudo o que eu quiser.  
A minha mãe me trouxe,  
Ela deseja me levar.  
Todos nós temos a certeza  
deste mundo se ausentar.  
Eu vou contente,  
com esperança de voltar.  
Nem que seja em pensamento  
tudo eu hei de me lembrar.  
Aqui findei,  
faço a minha narração,  
para sempre se lembrarem  
do velho Juramidam"*[1114](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1114)*.*

*Mas quem foi Juramidam?*

O papel e o perfil de Juramidam são analisados em melhores detalhes no estudo “A Rainha da floresta – a missão daimista de evangelização”, nesta trilogia [1115](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1115), mas já cabem aqui alguns registros.)

Porque a versão que um dia foi registrada em estudo acadêmico, segundo a qual "*mestre Irineu consagrou uma das chefes de cura do Alto Santo como a outra metade de Midam*"[1116](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1116), não se sustenta, até porque não há "metades" de *Juramidam*…

O entendimento errôneo de que “Juramidam” seria o resultado da justaposição “*Jura*” + “*Midam*”, base de inumeráveis erros de entendimento em estudos acadêmicos, foi reinterpretação tardia de Sebastião Mota de Melo, como também é analisado no estudo “*A Rainha da floresta – a missão daimista de evangelização”*.

Assim, como lá é visto em maiores detalhes, o próprio Sebastião Mota de Melo, que em seu primeiro hinário cantara, entre outros exemplos,

*“É se acordar com tempo  
e sair da ilusão,  
saber quem está ensinando:  
é o velho Juramidam”*[1117](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1117)

após a opção pelo uso ritual da maconha, que em meu entender foi a razão de seu desnorteio espiritual, passou a cantar em seu segundo hinário:

*“Santa Maria,  
que escolhi para me guiar,  
ela é quem me ilumina  
na estrada para andar”* [1118](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1118)

e, dez anos após a passagem de mestre Irineu, inventou o conceito “Jura” + “Midam”:

*“Minhas irmãs, meu nome é este,  
aqui eu vou declarar:  
meu Pai se chama Jura  
e nós todos somos Midam”*[1119](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1119)*.*

E nem é o mesmo que dizer que "*Irineu Serra foi Jesus Cristo enquanto esteve na terra, mas continua sendo visto e reconhecido na figura do General Juramidam no plano mais elevado do mundo astral*"[1120](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1120), como registrou outro estudo acadêmico, com base nas interpretações dominantes na dissidência, ou afirmar que *Juramidam* é "outro nome" de Jesus Cristo, como se insistiu arduamente à busca de validar a "nova religião amazônica".

Com esta intenção, e contrariando frontalmente os ensinos de mestre Irineu – "*Jesus Cristo e Juramidam não são o mesmo, é o que o Mestre ensinava, não sabe?*"[1121](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1121)–, afirmou–se a partir de 1992 que Sebastião Mota de Melo, então já falecido havia dois anos, teria suprimido um verso de seu hino 39 (diz–se que recebido quando mestre Irineu estava ainda no mundo e o velho Mota trabalhava a seu lado, o que é um contra–senso frente ao grau de discordância quanto ao ensinamento de mestre Irineu…) e que tal informação seria a "*compreensão de tudo*"[1122](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1122):

*"O nome está mudado  
para não dar confusão:  
mudou de Jesus Cristo,  
agora é Juramidam".*

Mas Mestre Irineu nunca afirmou isso!

Ao contrário – e para não ficarmos apenas na declaração de dona Percília, vista atrás, por mais abalizada que seja –, Aquele que se manifesta no Mestre é preciso e cristalino em vários hinos ao afirmar que "*Jesus Cristo me mandou, para sempre amém, Jesus*"[1123](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1123), "*Jesus Cristo me mandou, para eu viver aqui*"[1124](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1124), "*me lembrar de Jesus Cristo*"[1125](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1125),

*"A nossa Mãe, mais Jesus Cristo,  
a ele lhe ordenou  
para cumprir esta missão  
como mestre ensinador"*[1126](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1126)

ou

*"Essa estrela que nos guia  
que o divino Pai mandou,  
com a sempre Virgem Maria  
e Jesus Cristo Redentor"*[1127](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1127)

ou

*"Jesus Cristo é quem nos manda,  
Jesus Cristo é quem nos dá,  
mandou o nosso mestre  
aqui para nos ensinar"*[1128](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1128)

ou

*"Jesus Cristo Redentor  
é o dono destes ensinos,  
entregou ao nosso mestre  
para seguir nesse destino"*[1129](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1129)

ou

*"Todos nós devemos ter  
esta consagração,  
que Ele foi para o Vosso trono  
e deixou o Mestre na missão"*[1130](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1130)

ou

*"Estou aqui, estou aqui.  
Deus do céu, quem determina.  
Estou encostado a meu mestre,  
a Jesus Cristo e à Rainha"*[1131](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1131)*.*

E, se não bastasse,

*"Deus na frente, Deus na paz,  
nas alturas onde Ele está.  
Vou viajando com Deus,  
um dia eu hei de chegar".*

"*Deus na frente*"?, "*vou viajando com Deus*"?, alguém poderia perguntar…

Para ser respondido por mestre Irineu na estrofe seguinte:

*"Jesus Cristo vai comigo,  
vai na minha companhia,  
para um dia eu entrar  
dentro da Soberania"*[1132](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1132)*.*

Deus Jesus.

Seja quem for que esteja canto–ensinando, então, trata–se de fato bem mais complexo de entender do que afirmar ter havido "reencarnação de Jesus Cristo", o que pareceria simplificar tudo mas é insensato!

Mesmo com hinos cantando:

*"Jesus Cristo está na terra,  
foi Deus do céu foi quem mandou  
para Ele vir nos ensinar  
a doutrina do Salvador"*[1133](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1133)

ou

*"Jesus Cristo é meu mestre,  
foi Ele quem me ensinou.  
Dai–me força, dai–me amor,  
que Vós é o meu professor"*[1134](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1134)

ou

*"Jesus Cristo Salvador  
veio ao mundo para ensinar,  
dando a luz aos Vossos filhos  
para todos enxergar"*[1135](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1135)*,*

não se trata de "reencarnação de Jesus Cristo", pois o homem Jesus não foi animado por alma que vinha de alguma encarnação e poderia ir a mais uma, e tampouco foi somente um avatar entre outros, como quer certa cultura nova–era (apropriando–se de parcela do pensamento hinduísta), pois nele o Verbo, Filho eterno e Unigênito de Deus Uno e Trino, se fizera humano em Maria.

Não nos esqueçamos: "*Eu sou um filho de Deus, eu sou é um mensageiro…*"[1136](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1136), canta o Mestre, através do qual o *Paráclito* se manifesta:

*Jesus Cristo veio ao mundo  
terminou o que veio fazer.  
Entregou ao nosso mestre,  
ele tem o mesmo poder"*[1137](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1137)*.*

Um hino assegura com nitidez a distinção entre Jesus Cristo e o "*mestre ensinador*" que habita mestre Irineu, preparando–o para manifestar o *Paráclito*:

*"Sou eu, sou eu, sou eu  
que minha Mãe me mandou,  
para mim viver aqui  
com meu mestre ensinador.  
Eu encostado a meu mestre,  
junto à minha Mãe estou,  
junto a Jesus Cristo  
e ao nosso Pai criador.  
Este planeta que nos guia  
é quem nos traz todos primores  
da nossa Mãe e de Jesus Cristo,  
e do nosso Pai que nos mandou.  
Soberano é o nosso Pai  
e Jesus Cristo Redentor.  
E a Virgem Mãe puríssima  
e o nosso mestre ensinador"*[1138](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1138)*.*

Pois, "*que uma pessoa Divina seja enviada a alguém pela graça invisível significa um novo modo de habitação dessa Pessoa e a origem que ela possui de uma outra. Por isso, convindo ao Filho e ao Espírito Santo habitar na alma pela graça e proceder de um outro, a ambos convém ser enviados invisivelmente (…) Deve–se dizer que a graça torna a alma conforme a Deus. Assim, para que uma Pessoa divina seja enviada a alguém pela graça, é preciso que a alma seja assimilada à Pessoa que é enviada por algum dom da graça. E porque o Espírito Santo é Amor, é o dom da caridade que assimila a alma ao Espírito Santo. Por isso, é pelo dom da caridade que se considera a missão do Espírito Santo. O Filho é o Verbo, não qualquer um, mas o Verbo que espira o Amor: 'o Verbo que procuramos declarar', diz Agostinho, 'é um conhecimento com amor'. Portanto, não há missão do Filho por um aperfeiçoamento qualquer do intelecto, mas somente quando ele é instruído de tal modo que irrompe a afeição de amor*"[1139](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1139).

Desculpe–me, não pude resistir! Santo Tomás de Aquino é tão precioso neste conceito, como, aliás, o é em tantos, que repito suas palavras: "*Convindo ao Filho e ao Espírito Santo habitar na alma pela graça e proceder de um outro, a ambos convém ser enviados invisivelmente (…) Deve–se dizer que a graça torna a alma conforme a Deus. Assim, para que uma Pessoa divina seja enviada a alguém pela graça, é preciso que a alma seja assimilada à Pessoa que é enviada por algum dom da graça. E porque o Espírito Santo é Amor, é o dom da caridade que assimila a alma ao Espírito Santo. Por isso, é pelo dom da caridade que se considera a missão do Espírito Santo. O Filho é o Verbo, não qualquer um, mas o Verbo que espira o Amor: 'o Verbo que procuramos declarar', diz* [santo] *Agostinho, 'é um conhecimento com amor'. Portanto, não há missão do Filho por um aperfeiçoamento qualquer do intelecto, mas somente quando ele é instruído de tal modo que irrompe a afeição de amor*":

*"A febre do amor  
é preciso compreender.  
Trazer sempre na memória  
este divino poder"*[1140](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1140)*.*

(Ao falar da união que internamente dentro se processa, relata santa Teresa de Ávila que "*não sei explicar como é essa oração a que chamam união, nem o que é. Na teologia mística, ela é explicada, enquanto eu não tenho palavras para dizê–lo, nem sei bem o que é a mente, nem sei diferenciar entre alma e espírito; tudo me parece uma só coisa, embora a alma por vezes saia de si mesma, como se fosse um fogo que está ardendo e se incendeia, e alguma vezes esse fogo aumenta com ímpeto e essa chama se eleva muito acima do fogo, mas nem por isso se distinguem: é a mesma chama que está no fogo*"[1141](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1141).)

Para tanto, Raimundo Irineu Serra foi transformado pela Graça, de forma a servir à inabitação do *Paráclito*, pois "*se uma Pessoa divina existe de um modo novo em algo, ou se encontra possuída no tempo, não é em razão de uma mudança sua, mas de uma mudança na criatura*"[1142](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1142).

No hino seguinte mestre Irineu retoma os temas centrais da doutrina:

*"Meu Pai, meu Pai,  
me dá o teu amor  
para eu ser filho de Vós  
aqui na terra, aonde estou.  
Minha Mãe, minha Mãe,  
que tudo que Vós me dá  
para eu viver neste mundo  
e aos meus irmãos todos abraçar"*[1143](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1143)*.*

Pela primeira vez se dirige a uma das Pessoas divinas na segunda pessoa do singular – "*teu*" –, além de usar o verbo no imperativo – "*me dá*" – o que não ocorre em nenhum outro hino da base doutrinária (e em hino algum de outro qualquer daimista!).

E no hino seguinte ele chega à "casa" pela primeira vez, quando retoma o conceito "*Império*":

*"Quando eu cheguei nesta casa,  
estrondo de palmas me deram.  
meu chefe me recebeu,  
o dono de todo o Império"*[1144](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1144)*.*

A despeito de no hino 106 mestre Irineu ter cantado "*estando nesta fortaleza, onde me radeia o sol, encostado a meu Império, dono da força maior. Dono de todo poder, dono da força maior, é ele é quem me ensina para ensinar os menores*", a expressão "*chefe Império*" não parece se referir diretamente a nenhuma das Pessoas de Deus Uno e Trino ou à Virgem Maria: nos *viva!"*viva–se" ao divino Pai eterno, à Rainha da floresta, a Jesus Cristo, ao patriarca São José, a todos os seres divinos e ao "*nosso chefe Império*", "categoria" a "categoria", na minuciosa arquitetura simbólica do astral.

Quem é, então, o "*chefe*", o "*velho Juramidam*", "*o dono de todo o Império*", "*dono da força maior*"[1145](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1145)?

Canta um hino:

*"O chefe que veio à terra  
como mestre ensinador,  
recebeu esta missão  
que a Virgem Mãe lhe entregou"*[1146](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1146)*.*

Especulo, sem entrar nos pormenores da hierarquia angelical dentro do governo divino, por meio do qual a ciência e a caridade de Deus se manifestam aos homens: teria sido *Juramidam* um "general" maior nas hostes angélicas de Deus[1147](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1147), um Principado ou Arcanjo[1148](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1148) encarregado de missão maravilhosa[1149](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1149)?

Com a missão de, pela Graça e o poder de Deus, em uma missão mariana, transformar Raimundo Irineu Serra e prepará–lo[1150](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1150) para o acolhimento e inabitação do *Paráclito?*

Cabe recordar que em 1917, antes das seis aparições da Mãe de Deus em Fátima, aos pequenos pastores, os videntes foram visitados várias vezes por um anjo, "*a fim de prepará–los para a visita da Virgem*"[1151](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1151).

Neste sentido, o de *Juramidam* ter sido enviado em missão mariana, já não bastasse o hino:

*"Esta semente boa  
que trouxe a nossa Rainha,  
para vir nos ensinar,  
para nós seguir nesta linha"*[1152](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1152)*,*

encontra–se claro indicativo em um hino de Germano Guilherme, no qual é retomado o mote "*estou na terra, estou na terra*", afirmado por mestre Irineu no hinário "*O Cruzeiro Universal*"[1153](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1153):

*"Estou na terra, estou na terra  
minha Mãe é quem domina.  
Ela é minha protetora,  
Ela domina e é Rainha.  
Este divino poder  
o divino Pai talhou,  
para a sempre Virgem Maria  
e Jesus Cristo Redentor"*[1154](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1154)*.*

Então houve um "poder" talhado por Deus e posto a serviço da Virgem Maria e de nosso Senhor, Jesus Cristo!

O que é reafirmado em outro hino, o 23o de Antonio Gomes:

*"Este mestre que está aqui  
entre nós, ele é uma flor  
com todo o poder na mão,  
de Jesus Cristo Redentor.  
Desde do seu nascimento  
que ele trouxe o seu valor,  
com a Virgem Mãe puríssima,  
que o divino Pai talhou".*

Por isso ele canta ser "*filho da verdade do poder superior*", isto é, como todos os seres, filho do Filho eterno – já que nenhuma criatura procede do Pai senão pelo Verbo, no qual tudo foi disposto[1155](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1155) –, o Filho eterno que é a Verdade[1156](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1156) que procede do Pai e um dia se fez homem em Jesus, pelo Espírito Santo, em Maria.

Sendo por isso, também, a sua obediência e seu louvor perpétuos à Virgem Maria, a Imaculada Conceição, Protetora da Missão de mestre Irineu e "*Senhora dos anjos e dos homens*"[1157](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1157).

"*Na véspera de São Sebastião, no primeiro ano em que fui priora na Encarnação, ao começar a Salve, vi na cadeira prioral, onde está nossa Senhora, descer com grande multidão de anjos a Mãe de Deus e pôr–se ali (…) Parecia–me ver anjos acima das cornijas dos cadeirais e por sobre os parapeitos, mas não em forma corporal, porque era visão intelectual (…) Ela esteve assim todo o tempo da Salve e disse–me: 'Bem acertaste em pôr–Me aqui; Eu estarei presente aos louvores que derdes ao Meu Filho e os apresentarei a Ele'. Depois disso, fiquei na oração, que tenho, de estar a alma com a Santíssima Trindade; e parecia–me que a Pessoa do Pai me aproximava de Si e dizia palavras muito agradáveis. Entre elas, disse–me, mostrando o quanto me queria: 'Eu te dei o Meu Filho, o Espírito Santo e esta Virgem. Que podes tu dar a Mim?*"[1158](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1158).

Mas por que "é ele quem me ensina para ensinar os menores" (ver nota [1094](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1094))", se o ensino até aqui foi transmitido pela Virgem Maria ou pelo Filho eterno, em Jesus Cristo, Redentor, senão pelo fato de o *Paráclito* por ele se revelar?

Antonio Gomes parece se referir a Jesus Cristo como Príncipe Imperial, ao cantar:

*"Oh! meu Príncipe Imperial,  
Filho da Virgem Maria,  
eu aqui a Vós me entrego  
junto com minha família"*[1159](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1159)*.*

E João Pereira reafirma o conceito:

*"Das três fontes nobres  
eu tenho muito o que contar:  
um Rei e uma Rainha  
e um Príncipe Imperial"*[1160](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1160)*.*

Mas se Jesus Cristo não é *Juramidam*, como mestre Irineu ensinava, os hinos o indicam e a arquitetura dos "*viva!"* o demonstra, quem é o "*chefe Império*", que em mestre Irineu se manifesta?

Nada explícito se encontra referente a *Juramidam* nos hinários de Germano Guilherme e de dona Maria Marques "Damião", deixando aberta a questão, embora em dona Maria "Damião" e Antonio Gomes respectivamente se cante:

*"Sou um chefe habitado  
e sei aonde eu habito"*[1161](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1161)*,*

e

*"O chefe que veio à terra  
como mestre ensinador,  
recebeu esta missão  
que a Virgem Mãe lhe entregou"*[1162](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1162)*.*

O que me faz crer que o "*chefe*" é o dúplex de mestre Irineu, *Juramidam*, guiando–lhe os passos e transformando–o para poder ser também habitado pelo *Paráclito*.

A noção de *dúplex*, ou "duplo espiritual"[1163](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1163), já mencionada anteriormente neste relato, percorre universalmente as concepções religiosas, da pajelança indígena americana ao candomblé africano, do xamanismo asiático ao vedantismo e budismo hindus, do judaísmo ao cristianismo: trata–se da coexistência simultânea na mesma pessoa – em alguns indivíduos, por períodos isolados; em outros, pela vida inteira – do espírito que a anima e de um ser espiritual, sem necessariamente configurar possessão, em respeito ao livre–arbítrio.

Por isso há a expressão "aparelho", na doutrina daimista[1164](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1164).

A isso também aludem os orixás "de cabeça" do candomblé, que "definem e determinam" alguém, os "guias", na umbanda, que "dirigem" desde os mais mínimos detalhes cotidianos de seus "cavalos" (embora, aqui, no geral, costume haver perda de consciência), e também os anjos, como se vê nos ***Atos dos Apóstolos***[1165](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1165), pois "*os homens são iluminados pelos anjos não somente a respeito do que crer, mas também do que agir*"[1166](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1166).

Neste sentido, ensina santo Agostinho: "*quando um espírito se une a outro, é possível que comunique a ele o que sabe, graças às imagens que possui, seja levando–o a entendê–las, seja a aceitá–las como quem aprende*"[1167](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1167).

Santo Tomás de Aquino vai adiante: "*deve–se dizer que o anjo que causa a visão imaginária às vezes ilumina ao mesmo tempo o intelecto, para que este conheça o que é significado por estas imagens, e então não há engano algum*"[1168](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1168), porque, "*quando é preciso que algum anjo faça alguma coisa para determinada criatura corpórea, então o anjo aplica novamente a esse corpo sua potência ativa, e desse modo o anjo começa novamente a aí estar*"[1169](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1169).

De qualquer forma, todos os serviços espirituais da doutrina daimista são encerrados com a seguinte elocução:

*"Em nome de Deus Pai,  
e da Virgem, soberana Mãe,  
de nosso Senhor, Jesus Cristo,  
do patriarca São José  
e de todos os seres divinos da corte celestial,  
com a ordem de nosso chefe Império, Juramidam,  
está encerrado o nosso trabalho de hoje* [ou desta noite]*.  
Louvada seja nossa Mãe, Maria santíssima,  
para sempre seja louvada,  
amém, Jesus, Maria e José"*[1170](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1170)*.*

Louva–se, assim, a Padroeira da missão[1171](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1171), Maria santíssima, e reverencia–se o dúplex de mestre Irineu, *chefe Império*, *Juramidam*, o Mensageiro:

*"O general Juramidam,  
o seu trabalho é no astral.  
Entra no reino de Deus  
que tem força divinal"*[1172](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1172)*.*

Veja: não é Deus, "*entra no reino de Deus*".

(Com o tempo, antepôs–se um "*Louvado seja Deus nas alturas*" à louvação a Maria santíssima, assim como se dispôs um "*sobre toda a humanidade*" após a louvação a Ela[1173](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1173).)

Já pertinho do que poderia parecer o final do hinário "*O Cruzeiro Universal*", mestre Irineu canta novamente estar "*encostado*", mas desta vez à Imaculada Conceição e a Deus (nesta ordem) e não mais ao "*Império*":

*"Encostado à minha Mãe  
e meu Papai, lá no astral,  
para sempre eu quero estar,  
para sempre eu quero estar,  
Minha flor, minha esperança,  
minha rosa do jardim.  
Para sempre eu quero estar  
com minha Mãe juntinho a mim.  
Eu moro nesta casa  
que minha Mãe me entregou,  
eu estando junto com Ela  
sempre dando o seu valor.  
Fazendo algumas curas  
que minha Mãe me ordenou,  
de brilhantes pedras finas,  
para sempre aqui estou"*[1174](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1174)*.*

Nele, mestre Irineu retoma o tema "*flor do jardim*", reconhece "*morar nesta casa que minha Mãe me entregou*" (seu corpo material e temporal, templo de manifestação viva e dádiva de Deus, pela Virgem Maria, a Rainha do mundo) e reafirma sua obediência à missão de "curar"[1175](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1175), ao pregar a salvação, embora aborde o tema de modo bastante trivial – "*fazendo algumas curas*" –, como asseverando não ser isso o principal.

E se é "*encostado à minha Mãe e meu Papai, lá no astral*", pode também sê–lo em vária medida: "*mantive–me assim por algum tempo, vindo–me um arroubo de espírito de tamanho ímpeto que não tive como resistir–lhe. Tive a impressão de estar no céu, tendo visto ali, em primeiro lugar, meu pai e minha mãe. E vi coisas tão sublimes – num espaço de tempo breve como rezar uma Ave Maria – que fiquei bem fora de mim, considerando aquilo uma graça grande demais para mim*"[1176](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1176).

Quando eu comecei a tomar daime, fazia um mês e meio que minha mãe passara (meu pai fizera sua passagem mais de dez anos antes). Na manhã em que eu fora cuidar de seu sepultamento, em uma breve cochilada eu pudera vê–la saltitando em uma campina toda verde, coalhada de flores, o que me dera paz quanto à sua destinação; então, em meu primeiro serviço bailado, ainda nem fardado, foi–me dado recebê–la novamente, sorrindo para mim.

Menos de um ano após, no "*Céu do Mapiá*", em um trabalho diurno de dia inteiro a miração abriu e eu pude ver sobre nós, quase 400 pessoas bailando, uma quantidade enorme de seres nos assistindo do astral, sentados como que em uma galeria de teatro, "lá em cima", enquanto nós, "aqui em baixo", bailávamos; ao meio de todos vi papai e, em um cadeirão, bem mais ao alto, mestre Irineu, *Juramidam*.

O próximo hino, uma marcha bastante acelerada, relata uma batalha no astral:

*"Entrei numa batalha,  
vi meu povo esmorecer,  
temos que vencer  
com o poder do Senhor Deus.  
Ah! Virgem Mãe,  
com o poder que Vós me dá,  
me dá força e me dá luz,  
não me deixa derribar.  
O divino Pai eterno  
e a Virgem da Conceição,  
todo mundo levantou  
com suas armas na mão.  
Ah! Virgem Mãe,  
com o poder que Vós me dá,  
me dá força e me dá luz,  
não me deixa derribar"*[1177](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1177)*.*

Este hino sempre me pareceu "desencaixado", pois tem um andamento e uma temática que tomam a todos de surpresa no salão e antecede o hino de encerramento da penúltima parte do "*O Cruzeiro Universal*", quando mestre Irineu já está amorosamente "encostado" em sua Mãe e seu Papai no astral e se prepara para afirmar ser "*filho do poder*" e cantar os "hinos novos": que "*batalha*" ainda há por ocorrer?

Uma vez mais dona Percília soube explicar: o hino veio em 1964 e "*essa batalha foi no tempo da Revolução. Na época da revolução dos militares, que estava aquele 'baldear' no país, aí saiu esse hino, não sabe? Essa batalha acalmou o negócio, entendeu?*"[1178](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1178).

(No mesmo ano, Germano Guilherme fez sua passagem, doze anos após João Pereira tê–lo feito).

Por fim, o hino imediatamente anterior aos "hinos novos":

*"Sou filho do poder  
e dentro desta casa estou,  
fazendo os meus trabalhos* [1179](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1179) *que minha Mãe me ordenou.  
Eu pedi a meu Pai,  
me deu o consentimento:  
trabalhar para os meus irmãos,  
aqueles que estão doente.  
Confessa a consciência  
e alegra o teu coração,  
que esta é a verdade  
que eu apresento aos meus irmãos"*[1180](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1180)*.*

Nele, mestre Irineu (será Aquele, cantando de dentro de seu coração?), após retomar o tema da "casa" e de sua missão de servir ("*trabalhar para os meus irmãos, aqueles que estão doente*" – uma vez mais, no singular[1181](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1181)), resume em uma frase a doutrina daimista, replantio da doutrina cristã: "*confessa a consciência e alegra o teu coração*".

Pois, como canta Antonio Gomes,

*"Não temos que reclamar,  
tudo o que Deus* faz é bom*"*[1182](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1182)*.*

tilde;o Pereira tê–lo feito).

Por fim, o hino imediatamente anterior aos "hinos novos":

*"Sou filho do poder  
e dentro desta casa estou,  
fazendo os meus trabalhos* [*1179*](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1179) *que minha Mãe me ordenou.  
Eu pedi a meu Pai,  
me deu o consentimento:  
trabalhar para os meus irmãos,  
aqueles que estão doente.  
Confessa a consciência  
e alegra o teu coração,  
que esta é a verdade  
que eu apresento aos meus irmãos"*[*1180*](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1180)*.*

Nele, mestre Irineu (será Aquele, cantando de dentro de seu coração?), após retomar o tema da "casa" e de sua missão de servir ("*trabalhar para os meus irmãos, aqueles que estão doente*" – uma vez mais, no singular[1181](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1181)), resume em uma frase a doutrina daimista, replantio da doutrina cristã: "*confessa a consciência e alegra o teu coração*".

Pois, como canta Antonio Gomes,

*"Não temos que reclamar,  
tudo o que Deus* faz é bom*"*[*1182*](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1182)*.*

## Os "Hinos Novos" ("Cruzeirinho")

Os chamados "hinos novos" são os catorze últimos hinos recebidos por mestre Irineu, nos dois ou três anos que antecederam sua passagem e um atrás do outro, compondo dentro do "*O Cruzeiro Universal*" um conjunto único de beleza e densidade conceitual entre todos os hinos da base doutrinária daimista.

Por tal razão, e por ser o que se canta ao final dos serviços quinzenais de concentração (exceto o último hino, "*Pisei na terra fria*"), antes das preces de encerramento, certamente são os mais conhecidos hinos do mestre Irineu.

Dado seu caráter de "bloco", e por condensarem os aspectos centrais da doutrina daimista, desde os anos 80 passaram a ser chamados genericamente de "*O Cruzeirinho*", com o que tal titulação se espalhou pelo Brasil inteiro e apenas junto aos mais velhos daimistas, ainda vivos, usa–se chamá–los de "hinos novos". Todavia, não há problema algum em denominá–los "*O Cruzeirinho*", não fosse o fato de com isso se perder a dimensão de serem os hinos "novos".

É curioso, este aspecto… Obviamente eles integram o total de 132 hinos que mestre Irineu anunciara como "*O Cruzeiro Universal*", caso contrário haveria uma diferença de quase vinte hinos entre o antevisto e o ocorrido, mas parece que até para ele próprio os hinos novos trouxeram certa surpresa, pois provocam uma inflexão no hinário e mesmo no ritual de serviço.

Até então, bem nos finais dos anos 60, os serviços de concentração tinham término com as *Nove Preces*, uma *Salve Rainha* e o dispersar dos irmãos; ao receber o primeiro dos hinos novos, entretanto, mestre Irineu dispôs que "*os hinos que receberia a seguir, já chamando de 'hinos novos', não sabe?, eram para ser cantados no encerramento das concentrações, com todo mundo em pé*"[1183](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1183), concedendo–lhes de imediato, portanto, um *status* diferenciado, já que até então não se cantava hino algum nas concentrações, quer antes ou durante, quer depois:

*– Como teve início o hábito de cantar os hinos novos no fim da concentração?*

*– Foi ele quem determinou.*

*– Já a partir do 'Dou viva a Deus nas alturas'?*

*– É, já foi com este, pois na concentração era para ficar contrito, concentrado. Ele não gostava de muito papo, muita conversa, esse negócio de estar dando discurso no serviço, essas coisas… Às vezes, uma ou duas vezes por ano, ele falava alguma coisa, mas não era de estar falando, explicando muito, ele queria que a pessoa se aprofundasse. Ele dizia: 'se aprofunde, procure conhecer alguma coisa'. Agora, quando a pessoa queria saber uma resposta de alguma coisa, ia lá com ele e ele explicava*[1184](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1184)*.*

Parece não haver dúvida de que os "hinos novos" foram recebidos de 1968 ou 1969 a 1970, sendo que o último veio alguns dias após o aniversário de mestre Irineu em 1970, por volta do dia 17 ou 18 de dezembro e quase sete meses antes de sua saída do mundo[1185](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1185):

*– Se muito foi, foi aí uns três anos. Ele deve ter ficado uns cinco anos sem receber hinos e aí, quando vieram os novos, vieram de uma vez só.*

*– Quando o Mestre começou a receber os hinos novos, ele já começou a dar esse nome?*

*– Já, a partir do primeiro: 'vamos cantar o hino novo, gente'.*

*– E os outros, anteriores, ele nunca chamou de 'hino novo'?*

*– Não. Podia até chamar, mas não durava: vinha o título. Mas aí ele foi acostumando o pessoal: vamos cantar os hinos novos, isso, dois, três e assim por diante.*

*– Parece que ele já tinha na mente que eram um grupo.*

*– Exatamente, e há quem diga que 'hinos novos' é bem empregado porque eles não envelhecem mesmo. É um destaque, a gente percebe, né?, a boa nitidez. A gente vem cantando 'O Cruzeiro', quando chega no 'Sou filho do poder' vem um destaque, uma coisa que separa, assim, para juntar melhor, é muito bonito…*

*– Mas cantar os hinos novos num bloco separado, o mestre Irineu já ensinava assim?*

*– Sim, eles eram cantados sempre ao fim das concentrações e ao término de certos serviços. Tanto que, hoje, dificilmente se fecha um serviço sem que se cante os hinos novos; às vezes, pelo hinário ser grande, como o meu ou o do "Tetéu", a gente deixa de cantar, mas na maioria das vezes sempre se fecha com os hinos novos. Ele adotou assim, e nas concentrações com destaque.*

*– E nas concentrações, os hinos novos eram cantados em pé ou sentado?*

*– Eram cantados em pé, desde o primeiro até terminar*[1186](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1186)*.*

No primeiro deles, mestre Irineu faz a única menção explícita ao *Pai–nosso* nos "hinos novos" ("*livrai–me de todo mal*"), ao cantar:

*"*[Dou viva a Deus nas alturas](http://www.juramidam.jor.br/mp3/001_dou_viva.mp3) *e à Virgem Mãe nosso amor!  
Viva todo ser divino  
e Jesus Cristo Redentor!  
Eu peço a Deus, nas alturas,  
para Vós me iluminar,  
botai–me no bom caminho  
e livrai–me de todo mal.  
Eu vivo aqui neste mundo,  
encostado a este cruzeiro.  
Vejo tanta iluminária  
do nosso Deus verdadeiro.  
Esta iluminária que eu vejo  
alegra o meu coração.  
Estas flores que recebemos  
para nossa salvação"*[1187](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1187)*.*

No seguinte, faz um duro chamamento à irmandade, exortando–os a se unir, aprender e ser fiéis, respeitando–se uns aos outros e a Deus:

*"*[Todos querem ser irmão](http://www.juramidam.jor.br/mp3/002_todos_querem.mp3) *mas não têm a lealdade  
para seguir na vida espírita*[1188](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1188) *que é o reino da verdade.  
É o reino da verdade,  
é a estrada do amor:  
é todos prestar atenção  
aos ensinos do professor.  
Os ensinos do professor  
é que nos traz belas lições:  
para todos se unir  
e respeitar os seus irmãos.  
Respeitar os seus irmãos  
com alegria e com amor,  
para todos conhecer  
e saber dar o seu valor"*[1189](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1189)*.*

Ao menos em dois trechos da Escritura se encontra menção à "*estrada do amor*" – "*Uma voz proclama: no deserto abri um caminho para o Senhor, nivelai na estepe uma estrada para o nosso Deus. Que todo vale seja entulhado, que toda montanha e toda colina sejam rebaixadas'"*[1190](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1190) e "*Ele afirmou: 'Eu sou a voz daquele que clama no deserto: aplanai o caminho do Senhor', como disse o profeta Isaías'"*[1191](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1191)–, a qual o Mestre vai retomar dois hinos depois.

Pois é disto o que se trata: trabalhando–se para a vida espiritual, aplanando o coração, abre–se o caminho para o amor em Cristo, razão pela qual o arco para dentro vai adoçando quem o percorre. Mas é mais do que isso, também, pois o caminho a Deus requer lealdade e atenção, bem como união e coesão.

Canta um hino:

*"Ele veio para ensinar  
neste mundo universal,  
para todos nós trabalhar  
para a vida espiritual"*[1192](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1192)*.*

A seguir, mestre Irineu exorta à confiança incondicional na bondade dos desígnios de Deus:

*"*[Confia, confia,](http://www.juramidam.jor.br/mp3/003_confia.mp3) *confia no poder, confia no saber.  
Confia na força  
aonde pode ser.  
Esta força é muito simples,  
todo mundo vê,  
mas passa por ela  
e não procura compreender.  
Estamos todos reunidos  
com nossa chave na mão:  
é limpar mentalidade  
para entrar neste salão.  
Este é o salão dourado  
do nosso Pai verdadeiro,  
todos nós somos filhos,  
todos nós somos herdeiros.  
Nós todos somos filhos,  
é preciso trabalhar:  
amar o Pai eterno,  
é quem tem para nos dar"*[1193](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1193)*.*

(O trabalho de recobro trouxe "*é limpar mentalidade*"[1194](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1194), ao invés de "*a limpar mentalidade*", como até então se cantava, pois o hino ensina que tal atitude é requisito para "entrar no salão dourado" e, não, que todos os que estão reunidos no serviço o estão fazendo – já que isso infelizmente não é verdade, pois há quem participe sem tal nível interno de compromisso.)

Espantoso, em sua singeleza: "*esta força é muito simples, todo mundo vê, mas passa por ela e não procura compreender*"!

O hino faz menção ao "*salão dourado*", "local" de forma, função e dimensão variadas que ocorre em muitas Tradições, Escolas e Linhas: inúmeras, mesmo as mais toscas e brotadas em um ecossistema mais agreste, mencionam algum "aposento sagrado", inúmeras vezes de tons dourados, brancos ou azul–lilás, onde vivem os seres mais elevados em uma atmosfera de amor e devoção a Deus. Uns o vêem como palácio[1195](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1195), outros, como abóbada, terceiros, ainda, como caverna de luz.

Canta Antonio Gomes, em seu 39o hino:

*"Nosso Rei, aonde reside  
é um palácio de nobreza.  
Não tem com que se compare  
esta divina pureza".*

Eu, de meu lado, já tive minha consciência transportada para uma "bolha feita de bolhas", cheia de presenças não visíveis mas sensíveis e repleta de aromas, melodia e amorosidade. Lá, maravilhado, me estudei e confessei, "*limpando a mentalidade*"…

Que bom, que foi no coração[1196](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1196)!

Mas alerta uma vez mais para o fato de que, exatamente por sermos herdeiros – "*(…) vinde, benditos do meu Pai, recebei em herança o Reino que foi preparado para vós desde a fundação do mundo*"[1197](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1197)–, "*é preciso trabalhar: amar o Pai eterno, é quem tem para nos dar*".

Mais do que isso, exorta à necessidade de confiar, algo que para o ser humano é extremamente desafiador: dada a falta de fé, estamos todo tempo "planejando" e "supondo", à busca de pistas ou indicadores do que devamos nos proteger, e deixando de nos abrir ao fluxo da vida e ao influxo sempre fiel de Deus.

Canta um hino:

*"Eu ainda não disse  
e nem fui fazer,  
mas já estão projetando  
o que vai acontecer.  
O que Deus tem para fazer,  
Ele não manda dizer"*[1198](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1198)*.*

Certamente você já ouviu menção a um dos Salmos mais populares, aquele que comumente é citado como "O Senhor é meu pastor, nada me faltará"… Creia… a falta de fé, ou hesitação em confiar–se à providência divina, é tão generalizada e corriqueira, que até o Salmo foi modificado na versão popular e nas versões mais simplificadas da Escritura: no Salmo, o que verdadeiramente se lê é "*O Senhor é meu pastor, nada me falta*"[1199](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1199)!

A falta de firmeza na fé faz o coração medroso tentar se assegurar na garantia de futuro, substituindo "*falta*" por "faltará", quando o Salmo apenas ensina que, no momento presente (quando esta vida é real) em Deus nada me falta, daquilo que preciso. Pois aquilo que tenho agora, ou o que não tenho, é justamente o que necessito conforme minha destinação e meu merecimento ("*o pão nosso de cada dia*" e, não, "de todos os dias", pedimos no *Pai–nosso*, assim como "*agora e na hora de nossa morte*", como rogamos na Ave–Maria, quanto aos dois únicos momentos dos quais há certeza).

Na terna entrega de santa Teresa de Ávila,

*"Sou vossa, sois o meu Fim:  
que mandais fazer de mim?  
Soberana Majestade  
e Sabedoria eterna,  
caridade a mim tão terna,  
Deus uno, suma Bondade,  
olhai que a minha ruindade,  
toda amor, vos canta assim:  
que mandais fazer de mim?  
Vossa sou, pois me criastes,  
vossa, porque me remistes,  
vossa, porque me atraístes  
e porque me suportastes;  
vossa, porque me esperastes  
e me salvastes, por fim:  
que mandais fazer de mim?"*[1200](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1200)

No quarto dos hinos novos mestre Irineu pede luz e salvação, lembrando que a salvação vem só de Deus, por seu Filho eterno em Jesus Cristo:

*"*[Eu peço, eu peço,](http://www.juramidam.jor.br/mp3/004_eu_peco.mp3) *eu peço ao Pai divino  
que me dê a santa luz  
para iluminar o meu caminho.  
Eu peço à Virgem Mãe  
e a Jesus Cristo Redentor,  
iluminai o meu caminho  
nesta estrada do amor.  
Esta estrada do amor  
dentro do meu coração,  
eu peço a Jesus Cristo  
que nos dê a salvação.  
Eu peço a salvação  
que só Vós pode nos dar,  
perdoai–nos neste mundo  
e na vida espiritual"*[1201](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1201)*.*

No próximo hino assevera a sua missão, ordenada pela Mãe de Deus:

*"*[Esta força, este poder,](http://www.juramidam.jor.br/mp3/005_esta_forca.mp3) *eu devo amar no meu coração,  
trabalhar no mundo terra  
a benefício dos meus irmãos.  
Estou aqui, neste lugar,  
foi minha Mãe, que me mandou.  
Estamos dentro desta casa,  
onde afirmamos a fé e o amor"*[1202](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1202)*.*

Passo a passo, vai reafirmando nos hinos novos, um a um, os principais postulados da doutrina daimista, deixando um manancial de ensinamentos que, doravante, serão reiterados todas as quinzenas, após as concentrações.

A seguir, retoma o conceito "casa":

*"*[Quem procurar esta casa,](http://www.juramidam.jor.br/mp3/006_quem_procurar.mp3) *que aqui nela chegar,  
encontra com a Virgem Maria,  
sua saúde Ela dá* [1203](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1203)*.  
Minha sempre Virgem Maria,  
perdoai os filhos Seus.  
Vós, como Mãe soberana,  
a divina Mãe de Deus.  
Eu peço a Vós, bem contrito,  
fazendo as minhas orações,  
peço a Vós a santa luz  
para iluminar o meu perdão.  
Aqui dentro desta casa  
tem tudo que procurar,  
seguindo o bom caminho:  
fazer bem, não fazer mal"*[1204](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1204)*.*

(O trabalho de recobro trouxe "*seguindo o bom caminho*"[1205](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1205), abandonando a forma que passara a predominar com o tempo, "seguindo no bom caminho" e, com isso, reafirmando a Escritura: "*Senhor, nós nem sabemos para onde vais, como poderíamos saber o caminho? Jesus lhes disse: 'Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai a não ser por mim'"*[1206](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1206). Trata–se de segui–Lo ou não.)

A compreensão do hino fica por conta de quem ouve, conforme o nível em que estiver ou a mensagem que precisa receber, embora todos os sentidos se interpenetrem e completem. "*Aqui dentro desta casa*": qual casa? a casa em que se realiza o serviço espiritual, na qual cada um se trabalha? o corpo, "*templo do Espírito Santo*"[1207](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1207)? a espiritualidade, em si? o coração?

No próximo hino mestre Irineu canta:

*"*[Eu andei na casa santa,](http://www.juramidam.jor.br/mp3/007_eu_andei.mp3) *trouxe muita coisa boa;  
tudo vive neste mundo,  
parece uma coisa à–toa.  
Pedi licença ao Divino  
para estas palavras eu narrar  
perante aos meus irmãos,  
para todos escutar.  
Depois que todos escutarem  
é que vão reconhecer:  
tudo vive neste mundo,  
muito longe do poder.  
Para estar junto ao poder  
da Virgem da Conceição,  
é ter fé e ter amor  
e dar valor ao seu irmão"*[1208](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1208)*.*

O trabalho de recobro de conteúdo expôs uma preciosidade, envolta que estava na dolorida necessidade humana de sentir–se alvo de aceitação e reconhecimento: não é "dar valor aos seus irmãos", como em geral se cantava! O que tem sentido doutrinário é "*dar valor ao seu irmão*", no sentido de "reconhecer o valor", seja de *Juramidam*, seja de mestre Irineu, que ali estavam.

No correr dos estudos, ouvi até de um irmão (mais sensível à "versão humana"): "*não temos que dar 'o seu' valor, ele já o tem; é o 'nosso' que temos de nos dar, uns aos outros*", sem conseguir perceber que, cinco hinos atrás, ele mesmo havia cantado "*saber dar o seu valor*", referindo–se aos "*ensinos do professor*" (assim como no hino 114, onde o Mestre canta: "*Eu moro nesta casa, que minha Mãe me entregou, eu estando junto com Ela, sempre dando o seu valor*", ou em Maria Damião "Marques": "*Dou valor à minha Mãe, que ela é quem nos tem amor*"[1209](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1209)).

O que é diferente de nos respeitarmos uns aos outros, como mestre Irineu ensina ao cantar "*para todos se unir e respeitar os seus irmãos*"[1210](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1210).

Este é um aspecto delicado, todavia, e por isso pede melhor reflexão.

Do ponto de vista doutrinário, ainda mais em uma missão mariana, o hino é claro: o caminho para estar junto ao "*poder da Virgem da Conceição*" é reconhecer ("*dar valor a*") Jesus, Seu Filho e Filho de Deus, nosso irmão, por meio de Maria, Virgem: "*Maria indica a via de Deus, a estrada do Céu, o caminho da Vida. Mostra–a aos seus filhos batizados em Cristo e a todos os homens de boa vontade. Abre–a sobretudo aos pequeninos e aos pobres, prediletos da misericórdia divina. Aos indivíduos e às nações, a Rainha do mundo manifesta o poder de amor de Deus*"[1211](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1211).

Tanto que, no hino 21, Aquele em mestre Irineu admoestara:

*"Não cumprindo este dever,  
está fora da união.  
Não são firme a meu Deus,  
nem leal ao meu irmão.  
Só existe é fingimento,  
fraqueza no coração.  
Não são firme a meu Deus,  
nem unido ao meu irmão".*

Outro hino canta:

*"Quem quiser estar comigo  
aqui dentro da sessão,  
precisa todos saber  
dar valor ao seu irmão"*[1212](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1212)*.*

E outro, ainda, canta, referindo–se a "*esta estrela que nos guia*":

*"Recebemos com alegria  
e devemos ter amor,  
trabalhar com firmeza  
para dar o seu valor"*[1213](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1213)*.*

Assim como cabe lembrar, também, que o único hino da base doutrinária no qual se explicita a ativa atitude de "*dar valor*" a alguém da irmandade encarnada é um de dona Maria Damião "Marques", no qual Aquele canta por intermédio dela:

*"Eu dou valor a vocês,  
valor que nunca ninguém teve"*[1214](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1214)*.*

Pois quem nos dá valor, quem efetivamente nos faz melhores, é Deus, pelo Verbo e pelo Espírito Santo habitados em Seu Filho, Jesus.

E não nós mesmos, uns aos outros.

Todo o mais busca aliviar as nossas humanas feridas afetivas, as quais clamam por sermos reconhecidos, donde com facilidade nos enraivecemos ou magoamos se não somos "levados em consideração" ou se não somos "valorizados".

Depois, pela primeira vez em todos os hinos da base doutrinária, mestre Irineu menciona o daime como propiciador de "subida", explicitando o que já se definiu como "*metafísica ascendente, diferente, portanto, da possessão, que é (…) uma descida dos deuses ao homem*"[1215](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1215):

*"*[Eu tomo esta bebida](http://www.juramidam.jor.br/mp3/008_eu_tomo.mp3) *que tem poder inacreditável:  
ela mostra todos nós  
aqui dentro da verdade.  
Subi, subi, subi,  
subi foi com alegria,  
quando eu cheguei nas alturas  
encontrei com a Virgem Maria.  
Subi, subi, subi,  
subi foi com amor,  
encontrei com o Pai eterno  
e Jesus Cristo Redentor.  
Subi, subi, subi,  
conforme os meus ensinos.  
Viva o Pai eterno  
e viva todo ser divino!"*[1216](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1216)

(O trabalho de recobro trouxe "*ela mostra todos nós*"[1217](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1217), quando se costumava cantar "ela mostra a todos nós", ressaltando a exposição de cada um a si mesmo – '*a força divina que trará um dia à memória de cada um todos os seus atos, é chamada o livro da vida*'[1218](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1218)–, ao invés de afirmar existir "algo", então mostrado a todos…)

(Levei algum tempo para entender que "*os ensinos são os hinos*"[1219](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1219).)

Tocando agora em um aspecto assaz delicado, em nenhum hino da base doutrinária ocorre a expressão "santo daime" e nem mesmo "daime", em referência à bebida utilizada nos rituais: no máximo, ouve–se o rogativo "*dai–me força*"[1220](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1220), "*dai–me amor*"[1221](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1221), "*dai–me o Vosso conforto*"[1222](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1222), "*dai–me o socorro*"[1223](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1223) ou "*dai–me o perdão*"[1224](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1224).

Por que este "santo", antes de "daime", a partir de certa época?

Isto me intrigou por muitos anos até eu compreender que, com a expansão desnorteada dos centros daimistas que reafirmavam a suposta "religião do santo daime", recrudescera a tendência idolátrica a tentar sacralizar tudo que dissesse respeito à bebida.

Afinal, apenas após o hino 130 do primeiro hinário do velho Mota (já perto de seu final e bem depois da passagem de mestre Irineu), e principalmente nos hinários de seus seguidores, é que a expressão "santo daime" surgiu nos hinos e passou a ser crescentemente reforçada.

Não há uma menção sequer a "daime" nos 317 hinos da base doutrinária – que dizer a "santo daime"! –, todos os daimistas mais velhos invariavelmente mencionam apenas "daime" e há mesmo aqueles, entre estes, que se reportam à bebida apenas com o diminutivo afetuoso "tomei um daimezinho…".

(Recorde também que mestre Irineu preferia se dizer "uasqueiro" e chamava a folha de "mescla", e não de "rainha".)

Com o passar dos anos, muitos anos, em estudo discreto e solitário, pude me debruçar sobre as causas de tal sutil alteração e perceber que, embora o daime mereça a reverência que deve ser conferido a um *recurso sacramental* [1225](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1225) e que tenha eficácia comprovada como agente de cura em diversos aspectos do organismo, não se costuma preservar o tênue limite que mantenha a atitude respeitosa mas impeça a *devoção excessiva à bebida em si*, para evitar o surgimento da potencial idolatria residente em conceitos como "*a luz, o princípio feminino da folha, quando se casa com a força, o princípio masculino do cipó, gera a miração*"[1226](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1226).

Como alegoria dos efeitos do cipó e da folha sobre a alma–mente–corpo total e, por isso, maior "abertura" para a espiritualidade, a afirmação tem cabimento; afirmações assim, porém, em cenários de pouca maturidade espiritual ou escasso apuro teológico, levam com facilidade à adoração da bebida, da folha, do cipó, da água, do fogo ou, nos casos mais extremos, até mesmo da panela onde se cozinhou o daime ou do pedaço de pau com que ele foi mexido, além de à suposição de sempre ser possível a miração, o que não é verdade.

Melhor seria dizer: o daime gera condições propícias para, por intervenção da Graça, ocorrer a revelação (intuitiva, auditiva ou visual) na miração[1227](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1227).

Sabe–se que pessoas experientes em meditação costumam apresentar no seu sistema nervoso central níveis do neurotransmissor serotonina habitualmente mais elevados do que os de quem não tem o hábito de meditar, como fruto exclusivo de meticuloso processo de treino: "*Ó irmãs, que não podeis discorrer muito com o entendimento nem recolher o pensamento sem vos distrairdes: acostumai–vos, acostumai–vos! Vede que sei que podeis fazer isso, pois enfrentei a dificuldade de concentrar o pensamento numa coisa durante muitos anos, e bem sei que não é fácil. Mas sei também que o Senhor não nos deixa tão abandonadas, pois se chegarmos com humildade a pedir–Lhe, Ele não deixa de nos acompanhar. Se em um ano não o conseguirmos, que seja em mais! Não nos lamentemos do tempo gasto com coisa tão boa. Quem está nos apressando? Afirmo que podereis adquirir este costume e, com algum esforço, ficar na companhia desse verdadeiro Mestre*"[1228](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1228).

Sabe–se também que a expansão de consciência pode ser tecnicamente induzida por exercícios de respiração sincopada ("hiperventilação"). Sabe–se, por derradeiro, haver pessoas com capacidade mediúnica tão bem desenvolvida que não necessitam exercícios especiais nem princípios químicos psicoativos para mirar e conhecer melhor a si mesmos e à espiritualidade.

Nunca esquecerei – já não fossem os tantos testemunhos sobre mestre Irineu! – o quanto aprendi ao ver dona Antonia, a esposa de mestre Antonio Geraldo da Silva, trabalhando entre suas irmãs, na Igreja "da Barquinha", sem haver tomado daime em momento algum. Ao fim do serviço, aproximei–me de sua filha e perguntei: "'*Sua mãe não tomou daime?' 'Não, respondeu ela, mamãe já quase não toma mais…' 'E por que?', indaguei. 'Ela mira sem tomar. Já se desenvolveu bastante…'"*[1229](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1229).

O daime é um propiciador privilegiado de processos de percepção da espiritualidade e de integração psicoespiritual, na medida em que, por seu ativo efeito sobre o cérebro e a mente, potencializa em curto espaço de tempo possibilidades mentais costumeiramente não disponíveis em estados comuns de consciência (o "*intelecto natural*", limitado, ao qual santo Tomás de Aquino se refere), abrindo nosso coração (e expandindo nossa consciência) para a forma de realidade que sempre esteve em nós e à nossa volta, e facilitando o processo de nos dispormos a ver brotar no coração o influxo do amor de Deus e a verdade de seu Filho eterno, em Jesus Cristo, pelo Espírito Santo.

Pois "*a última bem–aventurança da criatura racional consiste em ver Deus em sua essência, o que está acima da natureza de qualquer intelecto criado. Logo, nenhuma criatura racional pode ter sua vontade inclinada para aquela bem–aventurança, a não ser movida por um agente sobrenatural. A isso, chamamos auxílio da graça*"[1230](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1230).

Além do daime, porém, é vital haver um projeto com um claro norte vislumbrado, que empreste sentido a cada etapa vivida no decorrer da busca de Deus em si – e esse é o inestimável papel da doutrina.

Recorda uma antiga daimista: "*o primeiro daime com esse nome, que tomei, foi no Alto Santo. Antes eu já tomava esta bebida, só que a gente chamava de 'cipó', em Feijó. A gente fazia nas casas e tomava nas casas mesmo. Falávamos assim, 'o cipó está dando nele', quando alguém passava mal. A bebida é uma coisa só, mas dentro da doutrina existe mais respeito. Notei a diferença entre o daime e o cipó, pois o daime tem uma finalidade, ele explica tudo para mim. O cipó é o mesmo daime, mas incorreto é como eles usam. Precisa doutrinar*"[1231](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1231).

Diz um outro daimista: "*Eu já tinha experimentado ácido, chá de cogumelo. E tinha a maconha também (…) Mas quando conheci o Daime eu logo vi que era diferente, muito diferente daquelas substâncias que eu já tinha usado. Não que eu desprezasse aquele passado. Não, eu acho que já era uma busca, uma procura por algo superior, de um sentido mais profundo sobre a mente, a vida, o universo (…) Mas tinha muita gente que não sabia usar. Quanta gente que eu vi, amigos meus, se perderem, ficarem sem rumo na vida até hoje (…) O Daime era muito mais do que eu procurava. Era o que eu procurava e o que eu nem mais esperava encontrar… O próprio encontro com Deus, o sentido de tudo (…) O Daime tem a doutrina. Porque a gente usava todas aquelas substâncias de uma forma desorientada e no Daime a gente tem a doutrina que nos fornece uma orientação, um rumo certo*"[1232](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1232).

Como canta um hino, "*Vós sois baliza e sois baliza*"[1233](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1233).

Caso esta sutil diferença não seja percebida – "o daime em si" *versus* "a doutrina, sob o efeito do daime" –, o poder do céu pode ser identificado na bebida e, por meio desta, em quem faz ou dá o daime para quem o toma, gerando condições de culto à personalidade e até mesmo de manipulação do coletivo, como inúmeras vezes vi ocorrer, ao ser obscurecido o fato de que o verdadeiramente básico, donde a importância soberana da doutrina, é amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, optando por se deixar guiar pelas virtudes e buscando se conhecer e se avaliar sem cessar, na tentativa de integrar memórias, aplanar o coração, eliminar falhas pessoais e rogar pela intercessão da Graça de Deus, o que pode ser vigorosamente ajudado pelos rituais da doutrina daimista e, obviamente, pelo daime.

Canta um hino,

*"Eu vivo na floresta,  
eu tenho os meus ensinos,  
eu não me chamo daime,  
eu sou é um ser divino.  
Eu sou um ser divino,  
eu venho aqui para te ensinar,  
quanto mais puxar por mim,  
mais eu tenho que te dar"*[1234](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1234)*.*

Pois não é "o daime" que nos transforma e, sim, o Espírito Santo de Deus, e não é "o daime" que ensina como isso se dá, mas a doutrina:

*"Esta estrela que nos guia  
baixou lá do astral,  
que o divino Pai mandou  
do reino celestial (…).  
Que ele veio para ensinar,  
a todos os seus irmãos,  
o que indica neste livro  
que ele entrega em nossas mãos"*[1235](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1235)*.*

Tanto que, sem a doutrina – desde o zelo com o feitio e com os serviços espirituais até os princípios teológicos e ritualísticos adotados e as formas escolhidas de comportamento –, o daime não é propriamente "daime", "é só cipó…", como muitos testemunhos atestam.

O principal é a conversão do coração, como a Escritura é farta em exortações – e isso não se dá só com o fato de tomar daime, mesmo habitual.

O reino de Deus pode ser nesta vida[1236](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1236), se houver o contato continuado consigo mesmo e o convívio amoroso com os irmãos[1237](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1237); para isso, graças a Deus, o daime nos torna mais porosos aos efeitos do poder de Deus em nossa alma, sob o qual a arquitetura ritual, os princípios teológicos e ritualísticos da doutrina e a obediência às virtudes, reafirmada nos hinos e praticada no dia–a–dia, nos ajudam a superar as cisões e contradições que, em nós mesmos, sufocam o que temos de melhor para a salvação: o amor.

Amor a si, aos irmãos e a Deus.

Afinal, a doutrina é a de nosso Senhor, Jesus Cristo, e não, a "do daime":

*"Vamos todos, meus irmãos,  
aprender com alegria  
a doutrina do Redentor,  
Filho da Virgem Maria"*[1238](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1238)*.*

Quando mestre Irineu canta "*essa luz é da floresta, que ninguém não conhecia*"[1239](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1239), seguramente não está se referindo à bebida, conhecida havia séculos ou milênios na Amazônia Ocidental, mas à luz da revelação privada de Maria e da mensagem de nosso Senhor, Jesus Cristo, até então não pregada sob efeito do daime mas, a partir dele, em uma epifania acreana: no mesmo hino, ele afirma "*quem veio me entregar, foi a sempre Virgem Maria. Quando ela me entregou, eu gravei no coração, para replantar santa doutrina e ensinar aos meus irmãos*".

O que ele "*gravou no coração*" não foi a bebida, mas o Ensinamento.

Curiosamente, como a indicar a percepção intuitiva da diferença entre "a bebida" e "o conhecimento", registra–se algo semelhante até mesmo entre os indígenas que desde tempos imemoriais utilizam a *ayahuasca* na Amazônia ocidental: entre os índios Siona, do sul da Colômbia e norte do Equador, por exemplo, "*acredita–se que, pela ingestão de 'yagé'* [ou daime]*, uma 'substância' chamada 'dau' se desenvolve no aprendiz (…) Além de indicar a 'substância' (…) o termo 'dau' também é utilizado para denotar 'conhecimento' (…) As visões e os cantos constituem o conhecimento simbolizado por 'dau' e representam sua associação com os espíritos*"[1240](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1240).

(Além disso, e isto deve ser sempre lembrado, o daime efetivamente tem propriedades curativas de amplitude ainda não bem estudada – a um ponto tal que é até mesmo dado a animais doentes, no Acre.)

Com tal compreensão, e com cuidado respeitoso, também se pode evitar a gradual transformação do daime em uma entidade mítica, por um outro tipo de alteração conceitual que costuma se dar: "*é exatamente este sentido simbólico que caracteriza o emprego da jurema no ritual umbandista. Pois, na umbanda, a jurema aparece desligada de suas propriedades químicas, de seus efeitos orgânicos* [e psicológicos]*, e se transforma numa entidade mitológica ou, então, designa uma 'força' ou um 'lugar mítico'"*[1241](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1241).

Ou pior: "*Afastar os pernilongos de uma das áreas onde se estivesse, como aconteceu no Rio do Ouro, pois os mosquitos estavam atormentando todo mundo e depois de experimentar todas as formas para afastar os mosquitos, resolveram fazer um trabalho de Daime para afastar os mosquitos e cantavam hinários um atrás do outro, cada hinário que cantavam, não resolvia, até que um dia cantou–se o hinário do Alfredo, que tinha um hino que falava dos insetos, e aí a coisa abrandou, a ponto dos mosquitos irem embora*"[1242](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1242).

Então, quando se colhe depoimentos de daimistas com tal tipo de concepção idolátrica – "*o daime é tudo*", "*o daime fez*", "*o daime 'disse' para mim*", "*o daime é o próprio Mestre*" ou, até mesmo, "*a ayahuasca não é apenas uma bebida, ela é uma entidade*" –, estamos apenas à frente do corriqueiro fato humano de atribuição de "poderes" ao facilitador da reintegração de si a Deus, por efeito da Graça, seja uma pessoa ou algo material, pois é assim que o ser humano costuma perceber a realidade – razão pela qual se deve, com firmeza e alegre humildade, enquanto se trabalha por superar o concreto e também o simbólico no caminho a Deus, manter o coração focalizado na doutrina e seus santos ensinamentos.

Eis o maravilhoso: a doutrina daimista nos amacia e nivela, sob o efeito da bebida "*que tem poder inacreditável*", mas por ação da Graça do Deus vivo que permitimos atuar em nós ao nos voltarmos a Ele em nós mesmos.

Numa das formas possíveis de conversão, já que "*deve–se dizer que todo movimento da vontade para Deus pode ser chamado de conversão para ele, o que acontece de três maneiras. Uma, pelo amor perfeito, que é a da criatura que já frui de Deus. Essa conversão exige a graça consumada. Outra, pelo mérito da bem–aventurança, e para essa é exigida a graça habitual, princípio do mérito. A terceira é a conversão pela qual alguém se prepara para a recepção da graça. Para essa não é exigida alguma graça habitual, mas a operação divina que converte para Deus a alma*"[1243](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1243).

No louvor do poeta sufi Abdullah Ansari,

*"Associado a bons homens  
andei ao redor da Casa da Oração.  
E tendo isto experimentado, fui além.  
Tomando o caminho que leva a Ele,  
converti–me num escravo em Seu portal;  
então a dualidade desapareceu.  
Tornei–me absorvido Nele"* [1244](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1244)*.*

Mestre Irineu contava que uma vez, na miração, "*foi até onde, daí em diante, não existia mais mentira ou verdade, luz ou sombra, bem ou mal, ilusão ou realidade. Era só verdade, a verdade pura, pura, pura*"[1245](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1245):

*"Tudo, tudo Deus me mostra  
para mim reconhecer.  
Tudo, tudo é verdade,  
e eu não posso esquecer"*[1246](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1246)*.*

É que com o daime a relação é mais objetiva, ultrapassando em muito a dimensão simbólica e fazendo aumentar os riscos da idolatria: com o efeito psicodinâmico da bebida e a arquitetura ritual, o daimista é verdadeiramente "transportado", como canta o hino, para um tipo de razão além da natural, para ajudar a possibilitar a revelação, o que não se dá, ao menos até onde eu sei, de forma tão potente, com a hóstia ou outros recursos sacramentais – embora estes também favoreçam o restabelecimento da relação com o que é divino, orientada pelas santas Escrituras.

Com a hóstia, por exemplo, o fiel se dispõe a "acolher" o Corpo de Deus; com o daime, o fiel se "abre" para "subir" ao céu. Assim, mas apenas por analogia, como vimos bem atrás, tomar daime é, em cada serviço espiritual, "viver a Eucaristia".

O *Pai–nosso* é a única oração ensinada por Jesus Cristo e está na Escritura em duas versões, a de ***Lucas*** e a de ***Mateus***:

*"Pai!  
Dá a conhecer a todos quem tu és!  
Faze vir o teu Reinado!  
Dá–nos o pão que nos é necessário  
para cada dia.  
Perdoa–nos os nossos pecados, pois  
nós mesmos perdoamos a todos os  
que cometeram faltas contra nós.  
E não nos introduzas na tentação"*[1247](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1247)*.*

e

*"Pai nosso, que estás nos céus,  
dá a conhecer a todos quem tu és,  
faze com que venha o teu Reinado,  
faze com que se realize a tua vontade,  
na terra, à imagem do céu.  
Dá–nos hoje o pão de que precisamos,  
perdoa–nos as nossas faltas contra ti,  
como nós mesmos temos perdoado aos  
que tinham faltas contra nós,  
e não nos introduzas na tentação,  
mas livra–nos do Tentador"*[1248](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1248)*.*

(Repare que, na Escritura, Jesus Cristo, Deus feito carne, se dirige ao Pai utilizando o pronome da segunda pessoa do singular – "tu" –, o que lembra o pedido do hino de mestre Irineu: "*meu Pai, meu Pai, me dá o teu amor*"[1249](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1249), ao passo que nós, humanos comuns, nos voltamos a Ele na primeira pessoa do plural – "vós" –, por nos dirigirmos a Deus Uno e Trino. E isso me traz que, algumas vezes, ouvi dona Percília orar "*mas livra–nos do mal, amém*", ao invés de "*mas livrai–nos do mal, amém*", sem que, por infortúnio, me acudisse perguntar se mestre Irineu, quando habitado pelo *Paráclito*, orava na segunda pessoa do singular.)

Explica a análise bíblica que, ao passo que ***Mateus*** pregava para judeus que já rezavam e deviam aprender a rezar de uma nova forma, ***Lucas*** se dirigia a pagãos que ainda não rezavam e precisavam ser iniciados na oração. "*Daí, que Mateus é mais litúrgico, com tendência a alongar–se, e Lucas mais curto, com tendência a concentrar–se no essencial*"[1250](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1250).

De qualquer modo, em ambas as versões a primeira parte – iniciada com "*Pai*" – é dedicada aos mistérios divinos e, a segunda – iniciada com "*pão*" –, às necessidades do homem na terra: "*ao céu fazemos votos, à terra, pedidos. Ou então notamos aí os dois olhos da fé: um, que se ergue para Deus e contemplamos sua luz; o outro se volta para a terra e topamos com o drama das trevas; por um lado, sentimos a força do homem interior (espírito) que irrompe para cima (Deus), por outro, experimentamos o peso do homem exterior (carne) que se curva para baixo (terra)*"[1251](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1251).

Pois bem…

Pondo a mão no âmago da oração que Jesus nos ensinou, Aquele que habita mestre Irineu estabelece:

*"Pai nosso, que estais no céus,  
Santificado seja o Vosso Nome.  
Vamos nós ao Vosso reino,  
seja feita a Vossa vontade,  
assim na terra como no céu.  
O pão nosso de cada dia nos dai hoje, Senhor,  
Perdoai–nos as nossas dívidas,  
assim como nós perdoamos os nossos devedores.  
E não nos deixeis, Senhor, cair em tentação,  
Mas livrai–nos e defendei–nos, Senhor, de todo mal".*

O *Paráclito*, inabitado em mestre Irineu, inverte o sentido da salvação – "***vamos nós ao Vosso reino***" e, não, "*venha a nós o Vosso reino*" – e introduz três vezes a invocação ao ***Senhor*** na segunda parte da oração.

Num átimo, em uma missão mariana toda a dinâmica humana é contada de outro jeito e se evidencia a possibilidade – graças a Deus e pelo Seu Espírito Santo – de cada um se trabalhar ativamente por se alçar à glória divina, o reino do Pai, em bem–aventurança na vida atual e fiel à Escritura: "*Na casa de meu Pai há muitas moradas. Senão, ter–vos–ia eu porventura dito que ia preparar–vos o lugar onde ficareis? Quando tiver ido prepará–lo para vós, voltarei e vos tomarei comigo, de tal sorte que lá onde eu estiver também vós estejais. Quanto ao lugar para onde vou, vós sabeis o caminho*"[1252](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1252).

Sem necessidade de intermediação humana, que obscurece o chamamento e enviesa o retorno de cada filho ao Pai, devido às intervenções institucionais, e tão–somente na medida exata do que a pessoa tenha em sua destinação encarnada – Dom de Deus, que "desce", em Seu amor – e do mérito que tenha colhido ao percorrer o caminho a Deus, "subindo" por ação do Espírito Santo.

Embora não para todos, e sempre segundo sua destinação, fé e obras, mas possível: "*Como a bem–aventurança eterna, que consiste na visão de Deus, excede o estado comum da natureza (…) existem poucos homens salvos*"[1253](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1253).

(*Mas podem existir!*, isso é o importante e toda a diferença!)

Bem–aventurança descrita com poesia por santo Agostinho: "*suponhamos então que Deus sozinho fale, não por essas criaturas, mas diretamente, de modo a ouvirmos sua palavra, não pronunciada por uma língua corpórea, nem por voz de anjo, nem pelo estrondo do trovão*[1254](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1254)*, nem por metáforas enigmáticas, mas já por Ele mesmo. Suponhamos que ouvíssemos Aquele que amamos nas criaturas mas sem o intermédio delas, assim como nós acabamos de experimentar, atingindo, num relance de pensamento, a eterna sabedoria que permanece imutável sobre todos os seres. Se esta contemplação continuasse e se todas as outras visões de ordem muito inferior cessassem, se unicamente esta arrebatasse a alma e a absorvesse, de tal modo que a vida eterna fosse semelhante a este vislumbre intuitivo, pelo qual suspiramos: não seria isto a realização do 'vem alegrar–te com teu Senhor'*[1255](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1255)*?*"[1256](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1256).

E, por falar em "*assim na terra como no céu*", como esquecer a miração que uma vez me foi dada na Igreja "da Barquinha", quando, "estando no astral", eu via um fio de luz de cores "ligando" [1257](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1257) a meiga igrejinha (comigo concentrado, lá dentro dela!) a um imenso templo celestial, ao meio do firmamento?

No hino seguinte mestre Irineu alegremente canta:

*"*[Aqui estou dizendo,](http://www.juramidam.jor.br/mp3/009_aqui_estou_dizendo.mp3) *aqui estou cantando,  
eu digo para todos  
e os hinos estão ensinando.  
Aqueles que compreenderem,  
que quiser seguir comigo,  
tendo fé e tendo amor,  
não devem encarar perigo.  
Sigo o meu passo em frente  
com alegria e com amor,  
porque Deus é soberano  
e nesta firmeza estou.  
A Virgem Mãe é soberana,  
foi Ela quem me ensinou.  
Ela me mandou para cá,  
para ser um professor.  
Vamos seguir, vamos seguir,  
vamos seguir, vamos embora,  
que nós somos filhos eternos,  
filhos de nossa Senhora"*[1258](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1258)*.*

Mais um hino, e ele começa a preparar o Encontro e a conhecer a partida:

*"*[Flor das águas,](http://www.juramidam.jor.br/mp3/010_flor_das_aguas.mp3) *daonde vem, para onde vai?  
Vou fazer minha limpeza  
e no coração está meu Pai.  
A morada do meu Pai  
é no coração do mundo,  
aonde existe todo amor  
e tem um segredo profundo.  
Este segredo profundo  
está em toda a humanidade,  
se todos se conhecerem  
aqui dentro da verdade"*[1259](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1259)*.*

Sucedido pelo [hino sem letra](http://www.juramidam.jor.br/mp3/011_hino_sem_letra.mp3), o hino "Flor das águas" marca um momento fundamental em toda a história de mestre Raimundo Irineu Serra, Juramidam, e da doutrina daimista, pois antecede o Encontro e sua bem–aventurança[1260](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1260): pela primeira vez mestre Irineu mencionou a necessidade de "se limpar"[1261](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1261)

Porque no próximo hino ele verá o rosto de Deus:

*"*[Eu pedi, eu pedi, eu pedi,](http://www.juramidam.jor.br/mp3/012_eu_pedi.mp3) *eu pedi, Mamãe me deu   
para mim me apresentar  
ao divino Senhor Deus.  
Meu divino Senhor Deus  
é Pai de todo amor,  
perdoai os Vossos filhos  
neste mundo pecador.  
Jesus Cristo Redentor,  
Senhor do meu coração,  
defendei os Vossos filhos  
neste mundo de ilusão"*[1262](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1262)*.*

E com este hino, além de reafirmar o princípio cristão de Deus Uno e Trino, já que todos somos filhos de Deus, por seu Filho eterno[1263](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1263), um dia encarnado em nosso Senhor, Jesus – em seu hino 21 ele cantara "*sou filho do Redentor*" e agora canta "*Jesus Cristo Redentor (…) defendei os Vossos filhos neste mundo de ilusão*"–, mestre Irineu cumpre sua destinação, anunciada três décadas atrás na primeira estrofe daquele hino no "*O Cruzeiro Universal*":

*"Ô, meu divino Pai,  
foi Vós, foi quem me deu,  
eu vim me apresentar  
por ser um filho Seu"*[1264](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1264)*.*

Creia: por décadas a fio cantou–se "*eu pedi, Mamãe me deu,* ***para me*** *apresentar ao divino Senhor Deus*". O trabalho de recobro de conteúdo, para preservação do sentido do Ensinamento, trouxe "*para* ***mim me*** *apresentar*"[1265](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1265)!

O único sentido, aliás, que toda a vida e toda a obra de mestre Irineu poderiam fazer, no amor de Deus, o Espírito Santo: a partir de certo ponto, não mais a intermediação da Medianeira, mesmo que em missão mariana, mas a ação do protagonista destinado que se fez por merecer – embora mesmo aí, peça, já que "*o intelecto criado não pode ver a Deus em sua essência a não ser que Deus, por sua graça, se una ao intelecto criado como inteligível a ele*"[1266](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1266).

Peça para poder se apresentar e, ao fazê–lo, peça por nós.

Razão, aliás, pela qual adia mais um pouquinho sua partida, graças a Deus, após o cume da obra:

*"*[Eu cheguei nesta casa,](http://www.juramidam.jor.br/mp3/013_eu_cheguei_nesta_casa.mp3) *eu entrei por esta porta.  
Eu venho dar os agradecimentos  
a quem rogou por minha volta.  
Eu estou dentro desta casa,  
aqui no meio deste salão.  
estou alegre e satisfeito  
junto aqui com os meus irmãos.  
Ia fazendo uma viagem,  
ia pensando em não voltar,  
os pedidos foram tantos  
me mandaram eu voltar.  
Me mandaram eu voltar,  
eu estou firme, vou trabalhar*[1267](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1267)*.  
Ensinar os meus irmãos,  
aqueles que me escutar"*[1268](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1268)*.*

Foi um susto! Após um severo adoecimento, uma vez mais os irmãos viram de perto a possibilidade de sua ausência do mundo, mas ele tranqüilizou a todos dizendo que "*era hino para ensinamento*"[1269](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1269).

Mas não era só, ele sabia estar de partida: "*é uma realidade temporal o fato de uma Pessoa divina vir a ser possuída por uma criatura, ou* ***nela existir de maneira nova***[1270](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1270)*. Por conseguinte, em Deus, missão e doação empregam–se unicamente como atributos temporais (…) Com efeito, de toda a eternidade, o Filho procede para ser Deus. No tempo, ele procede para ser também homem por sua missão invisível (…) Missão implica não somente a processão a partir do princípio, mas define o término temporal da processão. Portanto, só há missão no tempo*"[1271](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1271).

Uma semana antes do Natal de 1970, mestre Irineu recebeu seu último hino:

*"*[Pisei na terra fria,](http://www.juramidam.jor.br/mp3/014_pisei_na_terra_fria.mp3) *nela eu senti calor.  
Ela é quem me dá o pão,  
a minha Mãe, que nos criou.  
A minha Mãe, que nos criou  
e me dá todos os ensinos,  
a matéria eu entrego a Ela  
e meu espírito ao Divino.  
Do sangue das minhas veias  
eu fiz minha assinatura.  
Meu espírito, eu entrego a Deus,  
e o meu corpo, à sepultura.  
Meu corpo na sepultura,  
desprezado no relento.  
Alguém fala em meu nome,  
alguma vez em pensamento? "*[1272](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1272)

Na Voz da Escritura, "*(…) que o pó volte à terra, como era, e que o sopro volte a Deus, que o concedeu*"[1273](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1273).

"*Quando ele adoeceu de vez, começou a se sentir doente. Ele teve um caso meio complicado, não sabe?, que eu acho que era proveniente até dos rins. Ele chegou a urinar sangue, sangue puro… Um dia eu cheguei lá e ele estava arriado e me chamou, dizendo: 'Você sabe que vai ficar sem o seu pai velho?' 'O quê?' Ele disse: 'Vai, quer ver?, olha aí…'. Puxou o vaso assim, de debaixo da cama, e me mostrou. 'O que é isso?' ''É sangue'. 'Que sangue é esse?' Ele disse: 'A minha urina está assim'. 'E agora, o que o Senhor vai fazer? O Senhor já tomou o daime?' 'Já, já tomei o daime…'"*[1274](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1274).

Mestre Irineu nunca se opôs ao uso de remédios alopáticos, embora tivesse predileção por chás e infusões da flora local; tanto, que ele usava com certa freqüência analgésicos para dor de cabeça e recomendava o uso regular de purgantes, "*uma vez ao mês*"[1275](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1275).

"*Nesse tempo estavam fazendo um poço em minha casa, não sabe?, passei uns dias lá, só Deus sabia como eu estava… Aí me faltou paciência e não esperei nem para vir sábado, que só vinha em casa nos dias de sábado* [diz 'em casa', pois morou anos com mestre Irineu]*; saí do colégio e nem jantei, nem nada, cheguei na minha cunhada e disse: 'eu vou para a colônia'"*[1276](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1276).

A voz local denomina toda propriedade rural de "colônia".

"*Eu fui na farmácia, aí cheguei lá, conversei com o farmacêutico, eu disse para ele que eu estava precisando de um remédio. Aí ele perguntou se era meu marido. 'Não, é meu pai, assim, desse jeito'. Aí ele disse: 'É muito perigoso, esse caso é muito complicado', mas me deu um remédio para levar, não sabe? Eu meti o pé na pátria amada, nesse tempo não tinha transporte, não tinha nada, a gente andava mesmo era 'de pés', e fui para a colônia*.

*Cheguei lá já de noite e disse para ele que tinha trazido um remédio. Ele disse: 'Ô, meu filho, só você mesmo para fazer isso por mim…'. Ele tomou e melhorou, mas ficou sempre se sentindo mal e emagrecendo. Ele emagreceu muito, emagrecendo, emagrecendo, um dia disse que deu umas agonias nele lá pelo mato: ele saiu, foi fazer não sei o quê, e disse que deu umas agonias nele, uma espécie de 'passamento', não sabe?*"[1277](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1277).

Daqui por diante, deixo por conta de Dona Percília:

"*No dia que antecedeu a passagem dele, eu tinha estado lá com ele, foi um dia de segunda–feira e eu estive conversando com ele muito tempo. Uma hora ele me perguntou: 'A senhora já almoçou?' Eu disse: 'Não, senhor; eu vou já para casa, fazer o almoço'. Aí ele disse: 'Não, não vá agora não'. 'Mas o Pedro está me esperando, tenho que fazer o almoço…'. 'E o Pedro não tem mãos, não, para fazer o almoço?' 'Tem, sim, ele sabe fazer'. 'Pois então, a senhora não vai agora, não…'. 'O senhor está melhor, mesmo?' 'Estou, não estou sentindo nada, não'. Ele, lá na caminha dele, não sabe?, dizendo que estava bem, que não estava sentindo nada, e eu sentadinha perto dele. E conversou e conversou e conversou e foi buscar coisas dos princípios: 'você se lembra disso, assim, assim?' 'você se lembra daquilo, assim, assim?' e aquela instrução? e aquela reza? e aquele não sei mais nem o quê? Me lembrando tudo, não sabe?, de algumas coisas eu nem estava lembrada e ele me lembrou.*

*Aí ele conversou, conversou, conversou, mais adiante saiu da cama e até dançou um pouco com a música que saía do radinho de pilhas, eu achei graça naquilo, até fiquei contente: 'Graças a Deus! Ele está bem'. Quando foi três horas ele me liberou: 'Pode ir agora, querendo ir para casa, vá'. Aí eu disse: 'Talvez amanhã eu só venha aqui à tarde, depois do pagamento'. Aí ele fez uma recomendação – que eu 'fiquei assim', pois ele nunca tinha feito aquilo, não sabe? –, eu tomei a bênção, ele me abençoou e ficou fazendo mais recomendações, mais cumprimentos, eu não entendi nada mas fui para casa tranqüila.*

*Quando foi no outro dia bem cedinho, depois de receber eu fui com o Pedro para a Secretaria de Finanças. Até encontramos um amigo: 'E o Mestre, como está?' 'Ele está bem melhor…. Foi o que eu vi lá, no outro dia passado!' Saí, mas quando nós chegamos em frente ao Palácio do Governo lá veio a Albertiza, vinha amarela, toda assanhada, correndo: 'Dona Percília, pelo amor de Deus!, o Mestre passou–se…' 'Mulher, que conversa é essa?' Eu estava tão tranqüila, que não me afligi com aquilo, ele havia me dito que estava bom, não estava sentindo nada… 'Que conversa é essa?!'.*

*Aí eu lembrei que dias atrás ele tinha tido umas tonturas lá pelo mato e podia ter sido um 'passamento': 'Mulher, não pode ser verdade uma coisa dessas!' 'É verdade, o menino do Wilson veio de lá agorinha e disse que viu ele morto, lá…'. Minha nossa Senhora, eu não achei que era verdade! Acho que ele mesmo me deu um conforto, não sabe?, para eu não esmorecer pelo meio da rua… Eu fiquei crente que não tinha acontecido aquilo, mas disse ao Pedro que a gente ia até lá.*

*Pegamos um carro e fomos. Quando nós chegamos bem ali naquela baixadazinha que tem antes de entrar lá para o Luiz Mendes, não tem aquela baixadazinha, lá?, pois é…, aí a Veriana vinha chorando. Eu pensei: 'Minha nossa Senhora, será que é verdade isso?' Aí eu comecei a acreditar, mesmo na firmeza em que eu estava.*

*Mas cheguei lá, entrei e só acreditei quando eu o vi jogado na cama, ainda assim, de braços abertos… Suando, que parecia que estava no meio do sol quente trabalhando, o suor chegava a derramar. Aí é que eu fui acreditar. Ah! dia!, meu Deus Pai do céu, dia de clamor…*"[1278](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1278).

Mestre Raimundo Irineu Serra *Juramidam* fez sua passagem perto da nona hora do dia seis de julho de 1971 – foi visto por volta das oito da manhã no janelão de sua casa, por sua filha adotiva Marta Serra, de frente para o sol e absorto em orações[1279](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1279)–, último horário assinalado em seu hino "*Rogativo dos Mortos*", recebido quase quarenta anos antes:

*"São nove horas do dia  
meu irmão se mudou.  
O sono da eternidade,  
Deus do céu quem te chamou"*[1280](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1280)*.*

Deixando a instrução de que o hino "*Pisei na terra fria*" não é para ser cantado em todos os serviços de bailado ou de concentração – apenas no Serviço ao *dia dos Santos Reis* e na *Santa Missa*[1281](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1281)– e nunca com instrumentos, maracás ou baile: "*é hino de contrição*"[1282](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1282).

(Há quem creia, pois isto não foi determinado por ele, que também se deva cantá–lo no serviço à sua passagem.)

No velório, até a manhã seguinte, a irmandade compareceu de farda branca, de gala. Postou–se respeitosamente à volta do caixão e, sentada, cantou *a capella*[1283](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1283), noite a dentro, todos os hinos do "*O Cruzeiro Universal*", em homenagem póstuma àquele que tanto havia feito por todos.

Quanto a mim, nunca pude aceitar que o serviço dedicado a marcar seu retorno à vida espiritual, todo dia seis de julho, se fosse bailado, o fosse com outra farda que não a azul, de serviço e contrição – assim como se faz no serviço aos *Finados* e na *Sexta Santa*, além de na *Santa Missa*, segundo seu santo ensinamento.

http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/img/3-estrelas.gif

Hoje, tantos anos passados, sabendo tê–lo a nosso dispor, bastando rogar no coração, sou grato a Deus pela oportunidade de ter podido escrever este relato, comentando algo de sua vida no mundo e sua obra.

"*Vede, não é só para mim que me afadiguei, mas para todos os que a sabedoria procuram*"[1284](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1284).

Então, peço ao Pai eterno e à Rainha do mundo, Virgem e Imaculada Conceição, e a Jesus Cristo, nosso Senhor, que este relato possa vir a ser de alguma valia para quem o vier a folhear no caminho do retorno ao Pai, para maior glória de Deus e por obra do Espírito Santo, amém.

que o serviço dedicado a marcar seu retorno à vida espiritual, todo dia seis de julho, se fosse bailado, o fosse com outra farda que não a azul, de serviço e contrição – assim como se faz no serviço aos *Finados* e na *Sexta Santa*, além de na *Santa Missa*, segundo seu santo ensinamento.

http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/img/3-estrelas.gif

Hoje, tantos anos passados, sabendo tê–lo a nosso dispor, bastando rogar no coração, sou grato a Deus pela oportunidade de ter podido escrever este relato, comentando algo de sua vida no mundo e sua obra.

"*Vede, não é só para mim que me afadiguei, mas para todos os que a sabedoria procuram*"[1284](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1284).

Então, peço ao Pai eterno e à Rainha do mundo, Virgem e Imaculada Conceição, e a Jesus Cristo, nosso Senhor, que este relato possa vir a ser de alguma valia para quem o vier a folhear no caminho do retorno ao Pai, para maior glória de Deus e por obra do Espírito Santo, amém.

## Referências

1. ***AGOSTINHO***, SANTO, *O livre–arbítrio*, Ed. Paulus, 3a ed., São Paulo, 1995
2. ***AGOSTINHO***, SANTO, *Sobre a potencialidade da alma*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1997
3. ***AGOSTINHO***, SANTO, *O Mestre*, Ed. Landy, São Paulo, 2000
4. ***AGOSTINHO***, SANTO, *Confissões*, 17a ed., Ed. Vozes, Petrópolis, 2001
5. ***AGOSTINHO***, SANTO, *A doutrina cristã*, Ed. Paulus, São Paulo, 2002
6. ***AGOSTINHO***, SANTO, *O cuidado devido aos mortos*, Ed. Paulus, São Paulo, 2002
7. ***ALONSO***, JOAQUÍN MARÍA, *Fátima, in Dicionário de Mariologia*, Ed. Paulus, São Paulo, 1995
8. ***ALVERGA***, ALEX POLARI DE, *O guia da floresta*, Ed. Record, Rio de Janeiro, 1992
9. ***ALVERGA***, ALEX POLARI DE, *Seriam os deuses alcalóides?*, International Transpersonal Association's Annual Conference, Manaus, 1996
10. ***ALVERGA***, ALEX POLARI DE, *O Evangelho segundo Sebastião Mota*, Cefluris Editorial, Boca do Acre (Amazonas), 1998
11. ***ANGELINI***, FIORENZO, *Enfermos, in Dicionário de Mariologia*, Ed. Paulus, São Paulo, 1995
12. ***ANSARI***, ABDULLAH, *As invocações de Abdullah Ansari*, Ed. Dervish, Rio de Janeiro, 1990
13. ***ANTONIL***, PADRE ANDRÉ JOÃO, *Cultura e opulência no Brasil*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, s/d
14. ***AQUINO***, SANTO TOMÁS DE, *Sobre o ensino*, Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2001
15. ***AQUINO***, SANTO TOMÁS DE, *Suma de teologia* (Vols. I e II), Edições Loyola, São Paulo, 2001
16. ***ARAÚJO***, JUSSARA REZENDE, *Comunicação e exclusão: a leitura dos xamãs*, Ed. Arte & Ciência, São Paulo, 2002
17. ***ARMSTRONG***, KAREN, *Jerusalém: uma cidade, três religiões*, Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2000
18. ***ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO***, *Inquisição de Lisboa*, Caderno do Promotor, 18.12.1777, Lisboa, Portugal
19. ***ASSAGIOLI***, ROBERTO, *Psicossíntese – Manual de princípios e técnicas*, Ed. Cultrix, São Paulo, 1982
20. ***BANDEIRA CEMIN***, ARNEIDE, *Ordem, xamanismo e dádiva – o poder do Santo Daime*, FFLCH/Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 1998
21. ***BARROS CUNHA***, GEOVÂNIA CUNHA, *O império do beija–flor*, Fundação Narciso Mendes, Rio Branco, 1986
22. ***BALZER***, CARSTEN, *Santo Daime in Germany, a forbidden fruit of Brazil on the "market of religions", in I Congresso sobre o uso ritual da ayahuasca*, Unicamp/Campinas, 1997
23. ***BAYER NETO***, EDUARDO, *A psicografia do daime: espírita ou não?*, jornal *O Rio Branco*, Rio Branco, 22.09.1993
24. ***BAYER NETO***, EDUARDO, *No Maranhão, a aurora da vida do Mestre*, jornal *O Rio Branco*, Rio Branco, 15.12.1992
25. ***BAYER NETO***, EDUARDO, *Pizango e Raymundo Irineu Serra*, Projeto Museu Virtual do Ayahuasca, Rio Branco, Fundação Cultural do Acre, 1997
26. ***BERNHEIM***, PIERRE–ANTOINE, *Tiago, irmão de Jesus*, Ed. Record, Rio de Janeiro, 2003
27. ***BÍBLIA – TRADUÇÃO ECUMÊNICA***, Edições Loyola, 2a ed., São Paulo, Brasil, 1995
28. ***BOAVENTURA***, SANTO, *Recondução das ciências à teologia*, Porto Editora, Porto, Portugal, 1996
29. ***BOFF***, LEONARDO, *Ave Maria – O feminino e o Espírito Santo*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1998
30. ***BOFF***, LEONARDO, *Graça e experiência humana*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1998
31. ***BOFF***, LEONARDO, *O Pai–nosso, a oração da libertação integral*, Ed. Vozes, 9a ed., Petrópolis, 2000
32. ***BOFF***, LEONARDO, Natal – *A humanidade e jovialidade de nosso Deus*, Ed. Vozes, Petrópolis, 2000
33. ***BOFF***, LEONARDO, *Espiritualidade, um caminho de transformação*, Ed. Sextante, Rio de Janeiro, 2001
34. ***CARNEIRO***, HENRIQUE, *Amores e sonhos da flora – afrodisíacos e alucinógenos na botânica e na farmácia*, Ed. Xamã, São Paulo, 2002
35. ***CASTAÑEDA***, CARLOS, *The teachings of Don Juan*, Penguin Books, 1990
36. ***COOMARASWAMY***, A. K., *Hinduism and Buddhism*, Nova Iorque, Philosophical Society, 1943
37. ***CRUZ***, JOÃO DA, SANTO, *Poesias, in Obras completas*, Ed. Vozes, 7a ed., Petrópolis, 2002
38. ***CRUZ***, JOÃO DA, SANTO, *Canções de amor entre a alma e Deus, in Obras completas*, Ed. Vozes, 7a ed., Petrópolis, 2002
39. ***CRUZ***, JOÃO DA, SANTO, *Chama viva de amor, in Obras completas*, Ed. Vozes, 7a ed., Petrópolis, 2002
40. ***CRUZ***, JOÃO DA, SANTO, *Ditos de luz e de amor, in Obras completas*, Ed. Vozes, 7a ed., Petrópolis, 2002
41. ***CRUZ***, JOÃO DA, SANTO, *Subida do monte Carmelo, in Obras completas*, Ed. Vozes, 7a ed., Petrópolis, 2002
42. ***CRUZ***, JOÃO DA, SANTO, *Noite escura, in Obras completas*, Ed. Vozes, 7a ed., Petrópolis, 2002
43. ***CRUZ***, JOÃO DA, SANTO, *Poesias, in Obras completas*, Ed. Vozes, 7a ed., Petrópolis, 2002
44. ***DE ÁVILA***, SANTA TERESA, *Caminho de Perfeição, in Obras completas*, São Paulo, Ed. Loyola, 1995
45. ***DE ÁVILA***, SANTA TERESA, *Castelo interior, in Obras completas*, São Paulo, Ed. Loyola, 1995
46. ***DE ÁVILA***, SANTA TERESA, *Conceitos do amor de Deus, in Obras completas*, São Paulo, Ed. Loyola, 1995
47. ***DE ÁVILA***, SANTA TERESA, *Fundações, in Obras completas*, São Paulo, Ed. Loyola, 1995
48. ***DE ÁVILA***, SANTA TERESA, *Livro da Vida, in Obras completas*, São Paulo, Ed. Loyola, 1995
49. ***DE ÁVILA***, SANTA TERESA, *Poesias, in Obras completas*, São Paulo, Ed. Loyola, 1995
50. ***DE ÁVILA***, SANTA TERESA, *Relações e favores, in Obras completas*, São Paulo, Ed. Loyola, 1995
51. ***DOBKIN DE RIOS***, MARLENE, *Historical and cross–cultural perspectives on the use of hallucinogens in spiritual practice, no 28o Simpósio Alucinógenos e religião: perspectivas históricas e científicas*, dentro do 63o Encontro Científico Anual sobre Problemas de Drogadependência, organizado pelo Instituto Nacional de Saúde do Departamento Norte–americano de Saúde e Serviços (ver em [www.csp.org/practices/entheogens/docs/CPDD2001.html](http://www.csp.org/practices/entheogens/docs/CPDD2001.html))
52. ***ELIADE***, MIRCEA, *El chamanismo y las técnicas arcaicas del éxtasis*, Fondo de Cultura Económica, Cidade do México, 1986
53. ***ELIADE***, MIRCEA, *Tratado de história das religiões*, Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2a ed. 2002
54. ***EVANS–WENTZ***, WALTER YEELING, *O Livro Tibetano dos Mortos*, Ed. Pensamento, São Paulo, 1985
55. ***FERNANDES***, VERA FRÓES, *História do povo Juramidam*, SUFRAMA, Manaus, 1986
56. ***FERREIRA DE CAMARGO***, CÂNDIDO PROCÓPIO, *Kardecismo e umbanda*, Pioneira Editora, São Paulo, 1961
57. ***FERRETI***, SERGIO FIGUEIREDO, *Repensando o sincretismo: estudo sobre a Casa das Minas*, Ed. EDUSP, São Paulo, 1995
58. ***FIGUEIREDO***, EDMILSON *et alli*, *Mestre Antonio Geraldo e o Santo Daime*, Ed. Preview, Rio Branco, 1996
59. ***GOFFI***, TULLO, *Espiritualidade, in Dicionário de Mariologia*, Ed. Paulus, São Paulo, 1995
60. ***GOMES***, MARCELO, *Doutrina reflete sincretismo religioso, in Centenário de Juramidam*, jornal *O Rio Branco*, Rio Branco, 15.12.1992
61. ***GOULART***, SANDRA LÚCIA, *As raízes culturais do Santo Daime*, FFLCH/ Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 1996
62. ***GOULART***, SANDRA LÚCIA, *I Congresso de uso ritual da ayahuasca*, Unicamp/Campinas, 1997
63. ***GROF***, STANISLAV, *Além do cérebro*, Ed. McGraw–Hill, São Paulo, 1988
64. ***GRUNWELL***, JOHN N., *Ayahuasca Tourism in South America*, in Newsletter of the Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies – MAPS (vol. 8, no 3, Autumn 1998) (ver em [www.maps.org/news-letters/v08n3/08359gru.html](http://www.maps.org/news-letters/v08n3/08359gru.html))
65. ***HENMAN***, ANTHONY, *et* ***PESSOA JR.***, OSVALDO, *Diamba Sarabamba*, Ed. Ground, São Paulo, 1986
66. ***HILLMAN***, JAMES, *Anima*, Ed. Cultrix, São Paulo, 1990
67. ***HILLMAN***, JAMES, *Uma busca interior em psicologia e religião*, Ed. Paulinas, São Paulo, 1984
68. ***HALEVI***, Z'EV BEN SHIMON, *O caminho da kabbalah*, Ed. Siciliano, São Paulo, 1994
69. ***I CHING***, Ed. *Pensamento*, São Paulo, s/d
70. ***JUNG***, CARL G., *Cartas – 1905–1945*, Ed. Vozes, Petrópolis, 2001
71. ***JUNG***, CARL G., *Símbolos da transformação*, Ed. Vozes, 3a ed., Petrópolis, 1995.
72. ***KARDEC***, ALAN, *O Livro dos Espíritos*, Ed. Pensamento, São Paulo, s/d
73. ***KARDEC***, ALAN, *O Livro dos Médiuns*, Federação Espírita Brasileira, Rio de Janeiro, 1987
74. ***LABATE***, BEATRIZ CAIUBY, *I Congresso sobre o uso ritual da ayahuasca*, Unicamp/ Campinas, 1997
75. ***LABATE***, BEATRIZ CAIUBY, *A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos*, Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Antropologia, Programa de Pós–graduação em Antropologia Social, 2000
76. ***LA ROCQUE COUTO***, FERNANDO DE, *Santos e xamãs*, Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, Programa de Pós–graduação, 1989
77. ***LANGDON***, JEAN, *Alucinógenos: fonte de inspiração artística, in* ***Vidal***, Lux (org.), *Grafismo indígena – estudos de antropologia estética*
78. ***LAURENTIN***, RENÉ, *Aparições, in Dicionário de Mariologia*, Ed. Paulus, São Paulo, 1995
79. ***LAURENTIN***, RENÉ, *Vida autêntica de Jesus Cristo*, tomo I, Paulinas, 2001
80. ***LOTT***, ANDRÉ, *A maconha na história do Brasil*, *in* ***HENMAN***, ANTHONY, *op. cit.*
81. ***MARTÍN VELASCO***, JUAN M., *Devoção Mariana, in Dicionário de Mariologia*, Ed. Paulus, São Paulo, 1995
82. ***MAIA NETO***, FLORESTAN J., *Contos da lua branca*, Fundação Elias Mansour, Rio Branco, 2003
83. ***MELATTI***, JULIO CEZAR, *Índios do Brasil*, Editora de Brasília, Brasília, 1970
84. ***MONTEIRO DA SILVA***, CLODOMIR, *O palácio de Juramidam – Santo Daime: um ritual de transcendência e despoluição*, Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Ciências Sociais, 1983
85. ***MONTEIRO DA SILVA***, CLODOMIR, *I Congresso de uso ritual da ayahuasca*, Unicamp/Campinas, 1997
86. ***MONFORT***, SANTO LUÍS MARIA GRIGNION, "*Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*", Ed. Vozes, Petrópolis, 31a ed., 2002
87. ***MERTON***, THOMAS, *Novas sementes de contemplação*, Ed. Fisus, Rio de Janeiro, 1999
88. ***MERTON***, THOMAS, *Na liberdade da solidão*, Ed. Vozes, 2a ed., Petrópolis, 2001
89. ***OSSANA***, TULLIO FAUSTINO, *Evangelização, in Dicionário de Mariologia*, Ed. Paulus, São Paulo, 1995
90. ***PELAEZ***, MARIA CRISTINA, *I Congresso de uso ritual da ayahuasca*, Unicamp/Campinas, 1997
91. ***PESSOA***, FERNANDO, *Mensagem*, Ed. Martin Claret, São Paulo, 2002
92. ***PHANKE***, WALTER e ***RICHARDS***, WILLIAM, *Psicofisiologia da consciência cósmica*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1978
93. ***REVISTA DO CENTENÁRIO***, Ed. Beija–flor, Rio de Janeiro, 1992
94. ***RIBEIRO***, DARCY, *As Américas e a civilização*, Ed. Vozes, 5a ed., Petrópolis, 1988
95. ***ROBINSON***, ROWAN, *O grande livro da Cannabis*, Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1999
96. ***SPANGLER***, DAVID, *The New Age*, Issaquah (Mornington Press), 1988.
97. ***TIAGO***, SANTO, *Proto–Evangelho, A história do nascimento de Maria* (trad., org. e notas de Lincoln Ramos) Ed. Vozes, 8a ed., Petrópolis, 2002
98. ***TEIXEIRA DE FREITAS***, LUIZ CARLOS, *Terapia, um caminho para o divino*, Ed. Ágora, São Paulo, 2000
99. ***TEIXEIRA DE FREITAS***, LUIZ CARLOS, *Por que fazer terapia?*, Ed. Ágora, 5a ed., São Paulo, 2001,
100. ***TEIXEIRA DE FREITAS***, LUIZ CARLOS *et alli*, *Estratégia – Perspectivas e aplicações*, Ed. Atlas, São Paulo, 2002
101. ***TEIXEIRA DE FREITAS***, LUIZ CARLOS, *Tahuantinsuyo – O Estado Imperial Inca* (inédito – ver em [www.luzcom.com.br/inca/livro/html](http://www.luzcom.com.br/inca/livro/html))
102. ***VIDAL***, LUX (org.), *Grafismo indígena – estudos de antropologia estética,* Livros Estúdio Nobel/Edusp, São Paulo, 1992
103. ***WILBER***, KEN, *O projeto Atman*, Ed. Cultrix, São Paulo, 1996
104. ***WILBER***, KEN, *The eye of spirit*, Shamballah Editions, Berkeley, 1977
105. ***ZULUAGA***, GERMÁN, *I Congresso de uso ritual da ayahuasca*, Unicamp/Campinas, 1997

## Gratidão

**A** Deus e Raimundo Irineu Serra, Juramidam.

**A** meus pais, Alcebíades Teixeira de Freitas e Edith de Carvalho Negraes.

**A** Tufi Rachid Amin, meu padrinho de batismo.

**A** Maria Thereza Albuquerque, que me encaminhou a Deus enquanto me ajudava a me conduzir a mim mesmo.

**A** Walter Correa, inestimável baliza em meu percorrer espiritual, a seu jeito um mestre também.

**A** Percília Matos da Silva, minha professora na doutrina daimista, a quem dedico este livro *in memorian*.

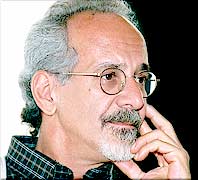
**A** Josias Roseno e sua esposa, Darci, meus "anjos–caseiros", que sempre providenciaram a tranqüilidade que pude ter e tenho na vida.

**A**os irmãos e irmãs que, no Acre ou na Casa de Oração Sete Estrelas, deram–me suporte e afeto para eu poder trabalhar, compreender e servir.

**A** Antonio Camargo Jr., que gerou condições materiais para que eu pudesse escrever este relato.

**A**os que me ajudaram, daimistas ou não, a atenuar imperfeições neste relato: Adele Queiroz, Alexandre Abbud Sato, Alfredo Marcondes de Almeida Netto, Cláudio Leme, Dina Venâncio, Elio Russo, Juarez Duarte Bonfim, Ladislau Nogueira de Oliveira, Maria de Lourdes Moreno, Marina Brandão, Mônica Domiciano Pereira e Walter Correa.

**E** a todos que, à sua forma, foram companheiros de caminho, mesmo aqueles que de mim se afastaram ou de quem me afastei: com eles sempre pude aprender muito, graças a Deus.

Luiz Carlos de Carvalho Teixeira de Freitas é jornalista, psicólogo e escritor.

Estudioso de psicologia junguiana e transpessoal e de religiões comparadas.

Fundador e Conselheiro da Associação Beneficente Santo Antonio de Pádua, entidade mantenedora da Casa de Oração Sete Estrelas, em Cotia, Estado de São Paulo.

Entre os livros que escreveu estão "*Por que fazer terapia?*", "*O simbolismo astrológico e a psique humana*", "[Astrologia clínica – um método de autoconhecimento](http://www.luzcom.com.br/cybook/html/capa.htm)" ,"*Terapia, um caminho para o divino*", "[*Violeta*](http://www.luzcom.com.br/violeta)" e "*Café, Carvalho e caridade*", editado pela Fundação Amaral Carvalho, na cidade paulista de Jaú.

[*autor@juramidam.jor.br*](mailto:autor@juramidam.jor.br)

**Ficha técnica**

**Supervisão geral**

Luiz Carlos de Carvalho Teixeira de Freitas

**Conteúdo editorial**

Pesquisa, edição e texto: Luiz Carlos de Carvalho Teixeira de Freitas  
Direção de arte, design e programação em html: Eduardo Russo

**Hinos novos©**

Supervisão musical: Alexandre Abbud Sato  
Gravação e mixagem: Márcia Casanova (Macan Studios & Associados, São Paulo)  
Violões: Alexandre A. Sato, Érion L. Benevenuti e Ronaldo Richieri  
Vozes: Alexandre A. Sato, André Camargo Figueiredo, Ana Márcia Barbosa Dias, Ana Cristina Caló Alves da Motta, Eduardo Caiuby Novaes, Karin Karina Dantas, Maria de Lourdes de Oliveira Moreno, Marco Antonio dos Santos e Vera Lucia de Carvalho Guerra

Os "hinos novos” são audíveis por meio de links estabelecidos no primeiro verso de cada hino, no capítulo 15. Por seu peso magnético, recomenda-se que seja feito o seu download para uma pasta do disco C: do computador do leitor, para que se possa ouvi-los a qualquer momento e mesmo durante a leitura do capítulo.  
  
©desta gravação: Casa de Oração Sete Estrelas

r>   
©desta gravação: Casa de Oração Sete Estrelas

NOTAS

1. Fiorenzo Angelini – Enfermos, *in Dicionário de Mariologia:* "*A Virgem Maria, que cooperou com Cristo para reconquistar a saúde para o homem, é sempre chamada para dispor da mesma saúde, que é santidade espiritual, mas também sanidade existencial psicofísica*".
2. Luiz Mendes do Nascimento
3. Este termo é utilizado por teorias de psicologia surgidas na década de 1960, para definir as possibilidades psíquicas que têm amplitude transpessoal, isto é, ultrapassam os limites pessoais.
4. De forma bastante resumida, "ego" é o núcleo consciente da personalidade de uma pessoa.
5. Santo Agostinho, "*Sobre a potencialidade da alma*", Cap. 5, *A infinita potência da alma*, Q.9
6. Santo João da Cruz, "*Subida do monte Carmelo*", Livro II, Cap. VI, 1.
7. Santa Teresa de Ávila, "*Castelo interior*", Primeiras moradas – cap. 2, 9: "*mesmo as almas a quem o Senhor tiver chamado ao aposento íntimo em que se encontra, por mais enlevadas que aí estejam, não devem negligenciar o conhecimento próprio*".
8. Todas as expressões entre colchetes, neste relato, são minhas, à guisa de esclarecimento adicional ao leitor.
9. Maria Cristina Pelaez, no *I Congresso de uso ritual da ayahuasca*, Unicamp/Campinas (1997)
10. Panteísta, do inglês *pantheist*, termo criado em 1705 por J. Toland, filósofo inglês, a partir do grego *pân*, "cada um", "totalidade" e do grego *theós*, "deus", "divindade". O panteísmo é uma doutrina filosófica que se caracteriza pela identificação total entre Deus e o universo (razão pela qual se julga identificar "deuses" em cada um dos aspectos do cosmos), opondo–se ao postulado teológico segundo o qual a divindade transcende absolutamente a realidade material e a condição humana, sendo todo o mais "criaturas".
11. **MI**, 124
12. João Rodrigues Facundes
13. Alan Kardec, "*O Livro dos Médiuns*", Q. 100, 26a resposta
14. **MD**, 41
15. Beatriz Labate, "*A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos*"
16. Stanislav Grof, "*Além do cérebro*"
17. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de teologia*", Q. 62, artigo 9: "*toda criatura racional é conduzida por Deus para o fim da bem–aventurança, como também é conduzida pela predestinação de Deus para determinado grau de bem–aventurança. Por isso, atingido determinado grau de bem–aventurança, não pode passar para um grau mais alto* [apenas por seus recursos naturais]".
18. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 63, artigo 8: "*Assim, pois, a criatura intelectual foi feita por Deus para que, por seu livre–arbítrio, agisse para atingir seu fim*".
19. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 23, artigo 1
20. Santa Teresa de Ávila, "*Caminho de perfeição*", cap. 38, 9: "*Julgamo–nos muito pobres em espírito e temos o costume de dizê–lo, afirmando que nada queremos e que a nada damos importância (...) Muito contribui para nos parecer que temos uma virtude o hábito de ficar alardeando que a temos. Tanto nisso como nas muitas coisas de que falei, é essencial andar de sobreaviso. Porque, quando o Senhor realmente dá uma virtude sólida, esta parece trazer consigo todas as outras; esse é um fato muito conhecido. Mas eu volto a advertir–vos: mesmo que tenhais a impressão de ter uma virtude, duvidai sempre, temendo estar enganadas; porque o verdadeiro humilde sempre duvida de suas próprias virtudes, e é muito comum que julgue mais certas e de maior valor as que vê no próximo*".
21. Luiz Carlos Teixeira de Freitas, "*Tahuantinsuyo – O Estado Imperial Inca*"
22. Santa Teresa de Ávila, "*Castelo interior*", Quartas moradas, cap. 3, 2: "*como bom pastor, com um assovio tão suave que nem mesmo eles quase ouvem, faz com que conheçam Sua voz e não andem tão perdidos, mas voltem à sua morada*".
23. Do grego *ekklésía*, "assembléia por convocação", "assembléia do povo ou dos guerreiros", "assembléia dos Anfictiões", "assembléia de fiéis", "lugar de reunião ou de uma assembléia", pelo latim *ecclésìa*, "assembléia", "reunião", "ajuntamento dos primeiros cristãos", "a comunhão cristã", "igreja", "templo".
24. **Lucas, 9**: 20 – "*Ele lhes disse: E vós, quem dizeis que sou? Pedro, tomando a palavra, respondeu: O Cristo de Deus*".
25. Percília Matos da Silva
26. Em certas sociedades humanas que apresentam formas rituais mágico–religiosas, "xamã" é o indivíduo escolhido pela comunidade para a função sacerdotal e ao qual se atribui o dom de invocar, controlar ou incorporar espíritos, os quais favoreceriam os seus poderes de exorcismo, adivinhação, cura ou magia.
27. Alex Polari de Alverga, "*O Evangelho segundo Sebastião Mota*"
28. Walter Phanke e William Richards, *in Journal of Transpersonal Psychology*: "*Como a consciência mística raramente é alcançada sem que haja uma preparação séria e uma atmosfera tranqüila e respeitosa, podemos sugerir que as experiências da maioria das pessoas que participam* [de estados expandidos de consciência facilitados por princípios químicos] *são de natureza estética* [isto é, decorrentes de imagens sensoriais ou representações sensíveis]".
29. Fernando de La Rocque Couto, "*Santos e xamãs*"
30. "*Catecismo da Igreja Católica*", artigo 67: "*No decurso dos séculos houve revelações denominadas "privadas" (...) A função delas não é 'melhorar' ou 'completar' a Revelação definitiva de Cristo, mas ajudar a viver dela com mais plenitude em determinada época da história*".
31. Nos quais, inclusive, muito do adoecimento possível se verificava, como bem o explica Juan M. Martín Velasco (Devoção mariana, *in Dicionário de Mariologia*): "*Os perigos dessas manifestações são bem conhecidos: ambigüidade mágica das atitudes; risco de queda na superstição; procura desenfreada do maravilhoso; substituição das tarefas éticas e dos compromissos (...) da fé por manifestação folclorizante da mesma; contaminação do cristianismo com procura de vantagens econômicas que contradizem o espírito de pobreza e podem levar à acumulação de riquezas, em contraste com a pobreza dos fiéis; utilização (...) do sentimento de identidade experimentado pelas massas (...)*".
32. Santa Teresa de Ávila, "*Livro da Vida*", cap. 13, 14: "*O iniciante deve prestar atenção para saber o que é melhor para si. O mestre, se experiente, é muito necessário aqui; se não o for, pode errar muito e dirigir uma alma sem entendê–la nem deixar que ela se entenda – porque, como sabe que é grande o mérito de estar sujeita a um mestre, ela não se atreve a sair do que ele manda. Já encontrei almas encurraladas e aflitas devido à falta de experiência de seu mestre – o que me causava pesar – e uma que nem sabia o que fazer de si; porque, não entendendo o espírito, aflige a alma e o corpo, atrapalhando o aproveitamento. Outra pessoa estava havia oito anos paralisada pelo mestre, que não a deixava avançar além do seu próprio conhecimento*".
33. Do grego *prosêlutos*, "estrangeiro radicado em um país", "recém–convertido"; proselitismo é a atuação para atrair seguidores.
34. Termo criado em maio de 1983 pelo economista norte–americano Theodore Levitt, na revista *Harvard Business Review*, para definir a teia mundial de produtos, processos e trocas financeiras que aos poucos se construiu graças aos avanços da telecomunicação e da informática, influenciando todos os povos e países.
35. A cultura ioruba, ou iorubá, ou ainda nagô, é uma das principais bases dos cultos de matriz africana, como o candomblé e o posterior sincretismo da umbanda.
36. Do verbo grego *agnóein*, "não saber", "ignorar", o agnosticismo foi desenvolvido pelo biólogo inglês Thomas Huxley (1825–1895) e afirma ser inacessível ao entendimento humano a compreensão dos problemas propostos pela metafísica ou religião, como a existência de Deus ou o sentido da vida e do universo, na medida em que ultrapassam o método empírico de comprovação científica.
37. Em povos da Ásia setentrional e central, indivíduo que, por meio de estados extáticos e invocações ritualísticas, manifesta supostas faculdades mágicas, curativas ou divinatórias.
38. Nas sociedades tribais ameríndias da família lingüística tupi–guarani, indivíduo responsável pela condução do ritualismo mágico, e a quem se atribui a autoridade de invocar e controlar espíritos, o que confere à sua ação encantatória poderes oraculares, vaticinantes e curativos.
39. Superestrutura ideológica é o "sistema de idéias e sentimentos, instituições jurídicas e políticas, e manifestações culturais que constituem a consciência social nas diferentes sociedades humanas".
40. David Spangler, "*The New Age*"
41. **Salmo 82** (**81**), 1–6,7
42. **João**, **10**: 34,35
43. Do sânscrito *karma*, "ação, efeito, fato".
44. Alex Polari de Alverga, "*O guia da floresta*"
45. Ana Valéria Araújo, revista *Superinteressante*, maio/2003, p. 80
46. Luiz Carlos Teixeira de Freitas, "*Terapia, um caminho para o divino*"
47. Papa João Paulo II, "*Discurso a uma delegação da Igreja Ortodoxa Grega*"
48. Estatuto do "Centro de Iluminação Cristã Luz Universal" (1971)
49. Estatuto do "Centro de Iluminação Cristã Luz Universal" (1971)
50. Tufi Rachid Amin
51. Luiz Carlos Teixeira de Freitas, "*Por que fazer terapia?*"
52. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 103, artigo 5 – "*a criatura racional governa a si própria pelo intelecto e pela vontade, que precisam ser regidos e aperfeiçoados pelo intelecto e pela vontade de Deus. Dessa forma, acima deste governo pelo qual a criatura se governa a si própria, enquanto senhora de seus próprios atos, ela precisa ser governada por Deus*".
53. Os termos utilizados aqui são apenas uma tentativa de definir a hierarquia do governo divino do mundo e não minha adesão a algum tipo particular de entendimento.
54. **I Coríntios**, **12**: 4–6 – "*Há diversidade de dons da graça, mas o Espírito é o mesmo; diversidade de ministérios, mas é o mesmo Senhor; diversos modos de ação, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos*".
55. Respectivamente: "*O que é Deus?*", "*Como surgiu o mundo?*" e "*Como o ser (humano) surgiu?*"
56. **Romanos**, **12**: 3 – "*Em nome da graça que me foi dada, digo a cada um dentre vós: não tenhais pretensões além do que é razoável, sede bastante razoáveis para não serdes pretensiosos, cada um segundo a medida de fé com que Deus o aquinhoou*".
57. Santo João da Cruz, "Noite escura", Livro I, cap. VI, 1: "*Muitas pessoas, enlevadas com este sabor e gosto, procuram mais o deleite do que a pureza e a discrição de espírito visada e aceita por Deus em todo o caminho espiritual. Além das imperfeições em pretender estes deleites, a gula destes principiantes lhes faz exceder os limites convenientes, afastando–se do justo meio no qual as virtudes se adquirem e fortalecem*".
58. Alex Polari de Alverga, "O guia da floresta"
59. Tufi Rachid Amin
60. Santo João da Cruz, "*Subida do monte Carmelo*", Livro III, cap. XLI, 2
61. **MD**, 18
62. Do latim *doctrína*, "ensino", "instrução dada ou recebida", "arte", "teoria"; de *docére*, "ensinar".
63. Do grego *euaggélion*, ou "boa notícia"; de *eu*, "boa", e *ággelos*, "mensageiro", mensageiro de Deus, anjo.
64. Beatriz Caiuby Labate, "*A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos*"
65. Alex Polari de Alverga, "*O guia da floresta*"
66. Jussara Rezende de Araújo, "*Comunicação e exclusão: a leitura dos xamãs*"
67. Arneide Bandeira Cemin, "*Ordem, xamanismo e dádiva – o poder do Santo Daime*"
68. Eduardo Bayer, "*Pizango e Raymundo Irineu Serra*"
69. Do latim *secta*, "partido", "causa", "princípio", "escolha filosófica", "fileira".
70. Do latim *salvus*, "inteiro", "intacto".
71. **Mateus**, **5**; 17, 18
72. Utilizo esta expressão para desprender o relato da noção de que o daime seja, em *si*, um "sacramento", como a ele se referem apenas os daimistas mais recentes, dentro da superficialidade conceitual de certa cultura nova–era. Sacramento é "o ato religioso que tem por objetivo a santificação daquele ou daquilo que é objeto desse ato" e, não, aquilo de que se lança mão para possibilitar o ritual. Como exemplo, isto se dá na Igreja Católica, cujo sacramento da Eucaristia ocorre pelo oferecimento ritual, aos fiéis, da hóstia, a qual, em si, não é "um sacramento". Desta forma, e mesmo assim só por associação, pode–se falar que "tomar daime em um ritual é um sacramento", com vistas a sacralizar quem participa do ritual dentro do qual ele é tomado – razão pela qual, então, adoto a expressão "recurso sacramental" (ver nota [1225](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1225), no capítulo 15).
73. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 3, artigo 1 – "*Deus não se aproxima mediante passos do corpo, pois Ele se encontra em toda parte, mas pelos sentimentos da alma, e assim também dele se afasta. Dessa forma, a aproximação ou o afastamento, sob a imagem do movimento local, designa um sentimento espiritual*".
74. Obedecendo o ***Antigo Testamento***, Jesus usava franjas em sua túnica (***Mateus***, **9**: 20 e ***Lucas***, **8**: 44), pediu ao leproso por Ele curado que se mostrasse ao sacerdote judeu no Templo, para oferecer "*o que Moisés prescreveu*" (***Marcos***, **1**: 44; ***Mateus***, **8**: 4; ***Lucas***, **5**: 14), e aprovava o desconto dos dízimos (***Lucas***, **11**: 42) ou as contribuições voluntárias ao Templo (***Marcos***, **12**: 41–44; ***Lucas***, **21**: 1–4), como rezava a Lei. Mesmo o ensinamento de não ser preciso lavar as mãos antes de comer não era violação da Lei, já que a prescrição não constava na Escritura e tinha por base "*a tradição dos antigos*" (***Mateus***, **15**: 2), assim como as curas efetuadas aos sábados (***Mateus***, **12**: 9–12; ***Lucas***, **6**: 6–10) não feriam inequivocamente a lei do *shabat* ("dia de cessar o trabalho"), já que se podia fazer a circuncisão no *shabat* se este coincidisse com o 8o dia de idade do recém–nascido, ou atender a casos graves de doença que ameaçassem a vida. E quanto à obediência das leis judaicas rituais de alimentação, Pedro, em ***Atos dos Apóstolos*** (**10**: 14), escrito décadas depois de Jesus, assume com firmeza perante a Deus nunca ter comido, em toda a vida, "*algo imundo ou impuro*": ora, caso Jesus Cristo tivesse pregado o abandono das prescrições judaicas, como apenas ***Marcos*** (**7**: 15–19) o sugere, ao mencionar explicitamente "*alimentos*" – ***Mateus*** (**15**: 10–20) é metafórico e não menciona "*alimentos*"–, Pedro não teria tido necessidade de afirmá–lo.
75. Pierre–Antoine Bernheim, "*Tiago, irmão de Jesus*".
76. Citado em "*Tiago, irmão de Jesus*", de Pierre–Antoine Bernheim.
77. **João**, **7**: 24
78. Santa Teresa de Ávila, "*Relações*", 5, 17: "*eis o motivo pelo qual essas coisas não devem ser escritas nem comentadas, porque é impossível que as entenda senão quem as tiver experimentado*".
79. Do latim *salvifìcus*, "que dá salvação", "que salva" (ver nota [70](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#70), no capítulo 02).
80. Uso o termo *apocalíptico* no sentido de "relativo ao fim do mundo".
81. **Romanos**, **10**: 10 – "*Com efeito, crer no próprio coração conduz à justiça, e confessar com a própria boca conduz à salvação*".
82. Venerável Beda (673–735), citado *in Espírito Santo*, *in Dicionário de Mariologia*: "*O Espírito Santo, descendo sobre Maria de dois modos, demonstrou nela a eficácia do seu divino poder: tornou a sua alma casta de toda mancha de pecado (...) de modo a fazê–la digna da concepção celeste; e criou no seio dela, somente por obra própria, o corpo santo e venerável do nosso Redentor, isto é, sem intervenção de homem algum, da carne imaculada da Virgem formou a Carne santíssima*".
83. Apenas centros daimistas mais recentes deram início à prática de serviços espirituais separados para homens ou para mulheres ou de serviços espirituais restritos apenas "aos mais iniciados".
84. Santa Teresa de Ávila, "*Fundações*", cap. 8, 1: "*Parece que algumas pessoas se espantam só de ouvir falar de visões ou revelações. Não entendo porque consideram tão perigoso que o Senhor conduza por esse caminho uma alma, não sei de onde vem esse pasmo*".
85. **Salmos**, **150**: 3–6 – "*Louvai–o com toques de trompa, louvai–o com harpa e cítara, louvai–o com tambor e dança, louvai–o com cordas e flautas, louvai–o com címbalos sonoros, louvai–o com os címbalos da ovação. Que tudo que respira louve o Senhor! Aleluia!"*.
86. O grifo acompanha a concepção de santo Tomás de Aquino, de **a Graça implicar inovação**, como veremos adiante.
87. Do grego *paráklétos*, "que é chamado em socorro", donde "advogado", "defensor", "intercessor''; nome dado ao Espírito Santo.
88. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 83, artigo 1 – "*As escolhas são nossas, sempre supondo o auxílio de Deus*".
89. **Mateus**, **7**: 7 – "*Pedi, e ser–vos–á dado; procurai, e encontrareis; batei, e abrir–se–vos–á*".
90. **Números**, **11**: 27–29 – "*Um jovem correu e foi avisar a Moisés: 'Eldad e Meldad estão profetizando no acampamento!' Josué, filho de Nun, que desde sua juventude era o auxiliar de Moisés, interveio: 'Moisés, meu senhor, proíbe–os!' Moisés replicou: 'Estás ciumento por minha causa? Oxalá todo o povo do Senhor se tornasse um povo de profetas, sobre o qual o Senhor pusesse o seu espírito!'"*
91. **GG**, 1
92. **GG**, 16
93. Ver nota [1215](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1215) (capítulo 15).
94. Darcy Ribeiro, "*As Américas e a civilização*"
95. Mircea Eliade, "*Tratado de história das religiões*"
96. "*Psicoativo*" é todo princípio químico que interfere na dinâmica psíquica.
97. Percília Matos da Silva
98. **I Coríntios**, **15**: 44
99. Adoto este termo por falta de outro melhor, sem associá–lo diretamente, como se costuma fazer, aos "encantados" da nobreza européia, geralmente cristã, ou aos "encantados" associados a orixás, a entidades indígenas ou a santos católicos.
100. **Sabedoria**, **8**: 19–20
101. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 83, artigo 1 – "*Deus opera em cada um conforme a natureza que lhe é própria*".
102. Santo João da Cruz, "*Subida do monte Carmelo*", Livro II, Cap. III, 1: "*A fé (...) faz crer verdades reveladas pelo próprio Deus e que estão acima de toda luz natural, excedendo, sem proporção alguma, a todo humano entendimento*".
103. Carl Gustav Jung, "*Cartas – 1905–1923*"
104. **Hebreus**, **11**: 1 – "*A fé é um modo de possuir desde agora o que se espera, um meio de conhecer realidades que não se vêem*".
105. Papa João Paulo II, Encíclica *Fides et ratio*
106. Antonio Soares Pinheiro, na apresentação de "*O Mestre*", de santo Agostinho.
107. Domingos Bernardo Gialluisi da Silva Sá, Presidente do Grupo de Trabalho/Confen
108. Ver nota [84](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#84) (capítulo 02).
109. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 16, artigo 3 – "*a eternidade não é outra coisa que o próprio Deus*".
110. Ver trecho de texto comentado pela nota [176](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#176) (capítulo 04).
111. Cecília Gomes da Silva, "*Revista do Centenário*"
112. Nas práticas da doutrina daimista costuma–se chamar "*dono*" à pessoa que recebeu os hinos.
113. Dada a variedade de versões dos textos bíblicos, decorrente das tantas Linhas e Escolas católicas, ortodoxas e protestantes brotadas da Tradição cristã, e em função da imprescindível precisão de conceitos que aqui ou ali discutirei ao comentar a obra de mestre Irineu, optei por adotar esta única fonte por sua riqueza de informação comparada e qualidade superior de elaboração analítica.
114. Do grego *apókruphos*, "subtraído da vista", "oculto", "secreto". Diz–se de livros contemporâneos do Novo Testamento que não são tidos como "inspirados" e, por isso, não são canônicos.
115. Do latim *canonìcus*, "relativo a uma regra".
116. **Sirácida**, **3**: 23
117. Suplemento especial "*O centenário de Juramidam*", jornal O Rio Branco, Acre, 15.12.1992
118. Daniel Acelino Serra
119. João Rodrigues Facundes
120. Habitantes do Togo, Gana, Benin e regiões vizinhas, os jejes estavam entre os escravos trazidos para o Brasil e compõem uma das bases culturais dos cultos de matriz africana.
121. Arneide Bandeira Cemin, "*Ordem, xamanismo e dádiva – o poder do Santo Daime*"
122. Daniel Acelino Serra
123. Saturnino Brito do Nascimento
124. Aprígio Antero Serra, citado em Eduardo Bayer, "*No Maranhão, a aurora da vida do Mestre*".
125. Daniel Acelino Serra
126. Percília Matos da Silva
127. Clodomir Monteiro da Silva, "*O palácio de Juramidam – Santo Daime: um ritual de transcendência e despoluição*"
128. Beatriz Caiuby Labate, "*A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos*"
129. **João**, **4**: 44 – "*De fato, Jesus mesmo tinha afirmado que um profeta não é honrado em sua própria pátria*".
130. Arneide Bandeira Cemin, "*Ordem, xamanismo e dádiva – o poder do Santo Daime*"
131. Percília Matos da Silva
132. Tufi Rachid Amim
133. **JP**, 03
134. Alex Polari de Alverga, "*O Evangelho segundo Sebastião Mota*"
135. O título de Rainha é atribuído a Maria pela tradição cristã desde o Século IV.
136. **Provérbios**, **1**: 8–9
137. **MI**, 107
138. **Salmos**, **41** (**40**): 5
139. **PS**, 47
140. Papa Paulo VI, Exortação apostólica "*Marialis Cultus*"
141. Do latim *peccátum*, "falta", "culpa", "delito", "crime". Ver nota [897](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#897) (capítulo 12) e **Romanos**, **7**: 8–9 – "*Pois, sem lei, o pecado é coisa morta. Outrora, na ausência de lei, eu vivia. Mas veio o mandamento, o pecado tomou vida*".
142. **Salmos**, **119** (118): 9–11 – "*Como é que um jovem terá conduta pura? É tomando cuidado, segundo a tua palavra. De todo o meu coração eu o tenho procurado, não me deixes errar longe dos teus mandamentos. No meu coração conservo as tuas ordens, a fim de não pecar contra ti*".
143. Do latim *temperantìa*, "proporção, moderação, sobriedade".
144. Do latim *castìtas*, "castidade, pureza de costumes, integridade".
145. Do latim *humilitas*, "virtude caracterizada pela consciência das próprias limitações”.
146. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 25, artigo 4
147. Sebastião Jaccoud, *in* Arneide Bandeira Cemin, "*Ordem, xamanismo e dádiva – o poder do Santo Daime*"
148. Luiz Mendes do Nascimento
149. Saturnino Brito do Nascimento
150. Saturnino Brito do Nascimento
151. Percília Matos da Silva
152. Saturnino Brito do Nascimento
153. **TA**, 08
154. **Efésios**, **5**: 19 – "*Entoai juntos salmos, hinos e cânticos inspirados; cantai e celebrai o Senhor de todo o vosso coração*".
155. **Salmos**, **101** (**100**): 1,2 – "*Quero cantar a fidelidade e o direito e tocar para ti, Senhor! Quero progredir na integridade: quando vieres a mim. Em minha casa saberei conduzir–me, com o coração íntegro*".
156. Mestre Antonio Geraldo da Silva, *in* Edmilson Figueiredo *et alli*, "*Mestre Antonio Geraldo e o Santo Daime*"
157. **2 Crônicas**, **5**: 12
158. **Números**, **18**: 4, 6
159. Arneide Bandeira Cemin, "*Ordem, xamanismo e dádiva – o poder do Santo Daime*"
160. João Rodrigues Facundes
161. "*Revista do Centenário*"
162. Daniel Acelino Serra
163. Santo Agostinho, citado em Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 116, artigo 2 – "*se designa com o nome de destino a própria vontade e poder de Deus*".
164. Vera Fróes Fernandes, "*História do povo Juramidam*"
165. João Rodrigues Facundes
166. **Mateus**, **7**: 14
167. Tufi Rachid Amin
168. Saturnino Brito do Nascimento
169. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 114, artigo 5
170. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 113, artigo 1
171. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 109, artigo 1
172. Daniel Acelino Serra
173. Santa Teresa de Ávila, "*Livro da Vida*", cap. 31, 11
174. "*Revista do Centenário*"
175. João Rodrigues Facundes
176. Percília Matos da Silva
177. Percília Matos da Silva
178. Percília Matos da Silva
179. **Coríntios**, **12**: 7–11
180. **GG**, 32
181. Maracás são chocalhos metálicos com bolinhas de aço (esferas de rolamento) em seu interior, batidos manualmente por todos os que bailam, pois é parte integrante da farda. O uso de tal tipo de instrumento é universal e, na ritualística daimista, seu papel é triplo: **1**. produzir o som cadenciado favorecedor da expansão da consciência; **2**. oferecer à mente de quem se trabalha um elemento pregnante (simples, estável, regular e contínuo) de foco; **3**. manter acentuado o contato consciente com o próprio corpo, base do ego, já que todos os que bailam devem batê–lo com ambas as mãos (uma bate e a outra apóia) e sincronizá–lo com os movimentos corporais próprios do bailado e o andamento do hino que estiver sendo cantado. Afirmações como "*devem conter 132 esferas*" (em alusão ao total de hinos do "*O Cruzeiro Universal*"), "*há maracás masculinos e maracás femininos*", "*os maracás devem soar em uma nota específica*", ou "*há uma forma ritual de confeccioná–los*", são superstições de fundo idolátrico: embora os daimistas acreanos tenham por costume usar maracás maiores do que os das daimistas, dadas as diferenças de força muscular, mestre Irineu não deixou nada determinado a respeito dos maracás, embora incentivasse a padronização, razão pela qual devem ser todos o mais semelhantes possível entre si e o verdadeiramente importante é todos soarem em uníssono no correr do serviço espiritual bailado, atuando poderosamente sobre o psiquismo dos fiéis e facilitando a expansão de consciência que favorece o serviço espiritual.
182. Modelo de maracá uniformemente utilizado na Casa de Oração Sete Estrelas.
183. Percília Matos da Silva
184. Sandra Lúcia Goulart, no *I Congresso de uso ritual da ayahuasca*, Unicamp/Campinas (1997)
185. Do latim *avé*, pelo verbo *avére*, "saudar".
186. **Lucas**, **1**: 42
187. Extraído de Leonardo Boff, "*Ave Maria – O feminino e o Espírito Santo*"
188. Percília Matos da Silva
189. Percília Matos da Silva
190. Sincretismo é a "fusão de diferentes cultos ou doutrinas religiosas, com reinterpretação de seus elementos".
191. Percília Matos da Silva
192. João Rodrigues Facundes
193. Daniel Acelino Serra
194. Do sânscrito *avatára*, "descida do céu à terra".
195. Tinha–se por certo e seguro que mestre Irineu nascera em 1892, mas pesquisa feita em 2002 por Marcos Vinícius Neves, chefe do Patrimônio Histórico do Acre, comprovou que o seu batistério registra: "*aos vinte e dois de março de mil e oitocentos e noventa e um (...) baptizei solenemente e ungi com os santos oleos o innocente Irineu, nascido a quinze de dezembro do anno ultimo findo*", como mencionado em "*Cantos da Lua*", de Florestan J. Maia Neto.
196. Daniel Acelino Serra
197. **1 Coríntios**, **11**: 31,32 – "*Se nos examinássemos a nós mesmos, não seríamos julgados, mas o Senhor nos julga para nos corrigir, para que não sejamos condenados com o mundo*".
198. Santa Teresa de Ávila, "*Relações*", 5, 3.
199. Santo João da Cruz, "*Subida do monte Carmelo*", Livro II, Cap. XIV, 2.
200. **AG**, 24
201. **MD**, 32
202. Santo João da Cruz, "*Subida do monte Carmelo*", Livro II, Cap. XII, 6.
203. Com mínimas adaptações feitas para a Casa de Oração que dirigi, tal qual a supressão do trecho que pede que não se fume no local de serviços (já que os serviços eram feitos na casa do Mestre e, não, em um templo, quando naturalmente ninguém fumaria), o texto aqui apresentado se baseia em uma cópia fragmentada do "*Decreto de Serviço*" de 1970, com mestre Irineu ainda no mundo, portanto.
204. **1 Coríntios**, **11**: 19 – "*É mesmo necessário que haja cisões entre vós, a fim de que se veja quem dentre vós resiste a esta provação*".
205. **Filipenses**, **4**: 4 – "*Alegrai–vos no Senhor o tempo todo: eu repito, alegrai–vos*".
206. **Efésios**, **6**: 4 – "*Vós, pais, não revolteis os vossos filhos, mas criai–os ministrando uma educação e conselhos inspirados pelo Senhor*".
207. Santa Teresa de Ávila, "*Caminho de perfeição*", cap. 30, 2: "*É necessário pedir coisas definidas, para que nos detenhamos em ver se o que pedimos está bom para nós e, se não o estiver, para não o pedirmos. Porque, dada a nossa natureza, se não nos dão o que queremos, nós, com o livre–arbítrio que temos, não admitimos aquilo que o Senhor nos der; mesmo que Ele nos dê o melhor (...) Por isso, filhas* [ela se dirige às monjas carmelitas]*, é bom que entendais o que pedis no Pai–nosso, para que, se o Pai eterno vo–lo der, não vireis o rosto a Ele. Pensai muito bem no que quereis e, se não tiverdes certeza, não o peçais, suplicando, em vez disso, que Sua Majestade vos ilumine*".
208. Santa Teresa de Ávila, "*Castelo interior*", Quartas moradas – cap. 3, 1: "*Trata–se de um recolhimento que também me parece sobrenatural, porque não consiste em ficar às escuras ou fechar os olhos, nem em coisa alguma exterior, muito embora, involuntariamente se fechem os olhos e se deseje solidão. Sem artifícios humanos, parece que se vai construindo o edifício para a oração (...) Os nossos sentidos e as coisas exteriores parecem ir perdendo os seus direitos, ao passo que a alma vai recuperando os seus, que havia perdido*".
209. Santo Agostinho, citado em Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 104, artigo 1 – "*assim como o ar se torna luminoso com a presença da luz, o homem com a presença de Deus se torna iluminado; na ausência dEle, imediatamente se torna turvo*".
210. Percília Matos da Silva
211. Percília Matos da Silva
212. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 12, artigo 9
213. **Atos dos Apóstolos**, **10**: 17
214. **MI**, 109
215. **PS**, 37
216. Percília Matos da Silva
217. Percília Matos da Silva
218. Sandra Lúcia Goulart, "*As raízes culturais do Santo Daime*"
219. Percília Matos da Silva
220. Percília Matos da Silva
221. Percília Matos da Silva
222. Percília Matos da Silva (ver trecho de texto comentado pela nota [956](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#956) , no capítulo 12)
223. Modelo de estrela adotado na Casa de Oração Sete Estrelas.
224. **AG**, 23
225. **GG**, 30
226. Luiz Mendes do Nascimento, *in* Fernando de La Rocque Couto, "*Santos e Xamãs*"
227. João Rodrigues Facundes
228. **Eclesiastes**, **7**: 20 – "*Na verdade, não há homem tão justo na terra, que só faça o bem e não peque*".
229. João Rodrigues Facundes
230. Percília Matos da Silva
231. Percília Matos da Silva
232. Percília Matos da Silva
233. Percília Matos da Silva
234. Percília Matos da Silva
235. Alan Kardec, "*O Livro dos Espíritos*", Comentário à Q. 22
236. **Atos dos Apóstolos**, **6**: 3–4
237. João Nunes
238. Santo Agostinho, "*O Mestre*"
239. Percília Matos da Silva
240. Percília Matos da Silva
241. Daniel Acelino Serra
242. Percília Matos da Silva
243. Daniel Acelino Serra
244. Sandra Lúcia Goulart, no *I Congresso de uso ritual da ayahuasca*, Unicamp/Campinas (1997)
245. **Juízes**, **13**: 4–5
246. Alan Kardec, "*O Livro dos Espíritos*" – Ensaio teórico sobre as sensações nos espíritos
247. Alan Kardec, "*O Livro dos Espíritos*" – Ensaio teórico sobre as sensações nos espíritos
248. **Sirácida**, **23**: 13 – "*Não acostumes tua boca às grosserias inconvenientes, pois elas te fazem pecar em palavras*".
249. Daniel Acelino Serra
250. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 43, artigo 6
251. Mircea Eliade, "*El xamanismo y las técnicas arcaicas del éxtasis*"
252. Clodomir Monteiro da Silva, "*O palácio de Juramidam – Santo Daime: um ritual de transcendência e despoluição*"
253. Arneide Bandeira Cemin, "*Ordem, xamanismo e dádiva – o poder do Santo Daime*"
254. Júlio Cézar Melatti, "*Índios do Brasil*"
255. Germán Zuluaga, no *I Congresso de uso ritual da ayahuasca*, Unicamp/Campinas (1997)
256. Ver nota [55](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#55) (capítulo 01).
257. Arneide Bandeira Cemin, "*Ordem, xamanismo e dádiva – o poder do Santo Daime*"
258. Mircea Eliade, "*El chamanismo y las técnicas arcaicas del éxtasis*"
259. Mircea Eliade, "*El chamanismo y las técnicas arcaicas del éxtasis*"
260. Santa Teresa de Ávila, "*Relações*", 5, 9.
261. Santa Teresa de Ávila, "*Livro da Vida*", cap. 20, 7.
262. **2 Coríntios**, **12**: 1–4, 7
263. Do grego *khárisma*, "graça", "favor", benefício", pelo latim *charísma*, "dom da natureza", "graça divina".
264. Sandra Lúcia Goulart, "*As raízes culturais do Santo Daime*"
265. Arneide Bandeira Cemin, "*Ordem, xamanismo e dádiva – o poder do Santo Daime*"
266. **Atos dos Apóstolos**, **10**: 9–16
267. Santa Teresa de Ávila, "*Relações*", 15, 3.
268. Arneide Bandeira Cemin, "*Ordem, xamanismo e dádiva – o poder do Santo Daime*"
269. René Laurentin – Aparições, *in Dicionário de Mariologia*: "*O modo como um ser pertence ao espaço–eternidade (definido como a duração de Deus) pode estar em relação com o espaço–tempo mas é, a justo título, misterioso. Isto implica aspectos desconcertantes, já que os apóstolos tiveram dificuldade para reconhecer Cristo ressuscitado. Outra singularidade se evidencia no fato de que Maria se manifesta assumindo vestes, estatura e até idades diferentes, adequando–se aos que a vêem. A explicação mais clássica para essa diversidade é a adaptação pedagógica a cada pessoa que a vê, ao seu ambiente e à sua cultura*".
270. Ver trecho de texto comentado pela nota [385](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#385) (capítulo 06).
271. Claude Geffré, "*A teologia como ciência*", na apresentação da "*Suma de Teologia*", de santo Tomás de Aquino.
272. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 1, artigo 1
273. **Lucas**, **24**: 49 – "*Da minha parte, eu vou enviar–vos o que meu Pai prometeu*"; **João**, **14**: 26 – "*O Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que eu vos disse*".
274. Santa Teresa de Ávila, "*Livro da Vida*", cap. 37, 6
275. Percília Matos da Silva
276. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 27, artigo 4: "*o que procede de Deus por modo de amor não procede como algo gerado, ou como filho, mas mais propriamente como um espírito*".
277. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 43, artigo 5
278. Saturnino Brito do Nascimento
279. Alex Polari de Alverga, "*O guia da floresta*"
280. Alex Polari de Alverga, "*O guia da floresta*"
281. Alex Polari de Alverga, "*O Evangelho segundo Sebastião Mota*"
282. **Salmos**, **49**: 8
283. Citado por Sandra Lúcia Goulart, no *I Congresso de uso ritual da ayahuasca*, Unicamp/Campinas (1997)
284. Santa Teresa de Ávila, "*Livro da Vida*", cap. 15, 13: "*Ele é o nosso modelo; quem segue os Seus conselhos só para agradá–Lo não tem o que temer*".
285. Saturnino Brito do Nascimento
286. Tullio Faustino Ossanna – Evangelização, *in Dicionário de Mariologia*
287. Percília Matos da Silva
288. Alex Polari de Alverga, "*O guia da floresta*"
289. Jussara Rezende Araújo, "*Comunicação e exclusão: a leitura dos xamãs*"
290. Edmilson Figueiredo *et alli*, "*Mestre Antonio Geraldo e o Santo Daime*"
291. Fernando de La Rocque Couto, "*Santos e xamãs*"
292. Daniel Acelino Serra
293. "*Revista do Centenário*"
294. Percília Matos da Silva
295. A igrejinha foi construída com a frente voltada para o poente; mesmo tendo sido o erro percebido durante a construção, Sebastião Mota de Melo optou por deixar assim (ver trecho de texto comentado pela nota [596](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#596), no capítulo 09).
296. Paulo Assunção Serra
297. Alex Polari de Alverga, "*O guia da floresta*"
298. Marco Antônio Gracie Imperial
299. **MD**, 18
300. **AG**, 22
301. As Congregações Marianas foram instituídas pelos jesuítas no Século XVI a fim de disseminar e ampliar o culto da Imaculada Conceição e se estabeleceram no Brasil por iniciativa de José de Anchieta.
302. Marco Antônio Gracie Imperial
303. Marco Antônio Gracie Imperial
304. Santo Agostinho, "*A verdadeira religião*", cap. 55, 109: "*Que nossa religião não seja culto a esse gênero de vida atribuído às árvores*".
305. Vera Fróes Fernandes, "*História do povo Juramidam*"
306. Fernando de La Roque Couto, "*Santos e xamãs*"
307. Allan Kardec, "*O Livro dos Espíritos*", Q. 623: "*P. Esses que pretenderam instruir os homens na lei de Deus não se teriam por vezes enganado, transviando–os por meio de falsos princípios?* R. *Aqueles que não eram inspirados por Deus e que, por ambição* [espiritual]*, se dedicavam à missão que não lhes era própria, certamente que se transviaram. Todavia, como no final de contas eram homens de gênio, grandes verdades são encontradas entre os erros que ensinaram*". Por esta razão, mesmo fora da base doutrinária daimista, há hinos de valor, como cito neste estudo.
308. Alex Polari de Alverga, "*O guia da floresta*"
309. "*Folha de São Paulo*", 26.09.94, *Cotidiano*, p. 3–4; "*Veja*", 10.01.96, pp. 40–44
310. **I Ching**, Livro I, h. 43, Julgamento
311. **Mateus**, **18**: 35
312. **I Coríntios**, **3**: 10–11
313. **NJ**, 6
314. **NJ**, 18
315. Alex Polari de Alverga, "*O guia da floresta*"
316. Sandra Lúcia Goulart, "*As raízes culturais do Santo Daime*"
317. Fernando de La Roque Couto, "*Santos e xamãs*"
318. José Murilo C. Carvalho Jr., "*Santo Daime – Comunidades urbanas*"
319. Carsten Balzer, no *I Congresso de uso ritual da ayahuasca*, Unicamp/Campinas (1997)
320. John N. Grunwell, *in Newsletter of the Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies – MAPS*
321. Marlene Dobkin de Rios, "*Perspectivas históricas e transculturais do uso de alucinógenos na prática espiritual*"
322. Alex Polari de Alverga, "*O guia da floresta*"
323. Alex Polari de Alverga, "*O guia da floresta*"
324. Alex Polari de Alverga, "*O Evangelho segundo Sebastião Mota*"
325. Do grego *prophêtes*, "intérprete dos deuses".
326. **Apocalipse**, **12**: 1
327. Da esquerda para a direita: **N. Sra. da Conceição**, Séc. XVIII, Paróquia de N. Sra. da Conceição, Sabará, Minas Gerais; **N. Sra. de Guadalupe**, Séc. XVI, Basílica de N. Sra. de Guadalupe, Cidade do México.
328. **AG**, 34
329. "*Decreto de Serviço*"
330. Alex Polari de Alverga, "*O guia da floresta*"
331. Eduardo Bayer Neto, "*A psicografia do daime: espírita ou não?*"
332. Percília Matos da Silva
333. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 113, artigo 4
334. **Filipenses**, **3**: 20
335. **TA**, 01
336. **I Reis**, **17**: 16
337. **Deuteronômio**, **17**: 3
338. Santa Teresa de Ávila, "*Caminho de perfeição*", cap. 21, 2: "*Voltando agora aos que desejam seguir por ele e não parar até o fim, que é chegar a beber dessa água de vida, como devem começar? Digo que muito importa, sobretudo, ter uma grande e muito decidida determinação de não parar enquanto não se alcançar a meta, surja o que surgir, aconteça o que acontecer, sofra–se o que se sofrer, murmure quem murmurar, mesmo que não se tenha forças para prosseguir, mesmo que se morra no caminho ou não se suportem os padecimentos que nele há, ainda que o mundo venha abaixo!"*.
339. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 24, artigo 3
340. Santa Teresa de Ávila, "*Livro da Vida*", cap. 16, 1:
341. Santa Teresa de Ávila, "*Fundações*", Prólogo, 1: "*A experiência mostrou–me, sem falar das muitas coisas que li, o grande bem que faz à alma não afastar–se da obediência. Para mim, esse é o meio de progredir na virtude, alcançar a humildade e obter mais segurança, visto que, enquanto vivemos na terra, é bom recear errar o caminho que leva ao céu*".
342. Do sânscrito *mantra*, "instrumento do pensamento", "fórmula ou conselho sagrado", "hino", "oração".
343. **JP**, 01
344. **AG**, 34
345. João Rodrigues Facundes
346. "*Decreto de Serviço*"
347. **MD**, 24
348. **PS**, 75
349. **Êxodo**, **3**: 5
350. Daniel Acelino Serra
351. **Mateus**, **5**: 23, 24 – "*Portanto, quando fores apresentar a tua oferenda ao altar, se ali te lembrares de que teu irmão tem algo contra ti, deixa a tua oferenda ali, diante do altar, e vai primeiro reconciliar–te com o teu irmão; depois, vem apresentar a tua oferenda*".
352. Percília Matos da Silva
353. Alfredo Gregório de Melo, *in* "*O guia da floresta*" (ver trecho de texto comentado pela nota [506](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#506) (capítulo 08))
354. Sebastião Jaccoud, *in* "*Páginas do folclore evangélico*", jornal *O Rio Branco*
355. Santa Teresa de Ávila, "*Livro da Vida*", cap. 22, 10: "*não somos anjos, pois temos um corpo; querer ser anjo estando na terra (...) é um disparate, devendo–se ter um apoio material para o pensamento*".
356. Daniel Acelino Serra
357. Santa Teresa de Ávila, "*Livro da Vida*", cap. 40, 7.
358. João Rodrigues Facundes
359. **Gálatas**, **5**: 22
360. Santa Teresa de Ávila, "*Livro da Vida*", cap. 38, 2: "*a alma não pode de maneira alguma ver mais do que lhe é representado, e eu só via, a cada vez, o que Deus queria me mostrar*".
361. Isto é, na sua dinâmica psíquica, em favor do serviço espiritual.
362. Tufi Rachid Amin
363. Papa Pio XII, Encíclica *Sacra Virginitas*: "*Os príncipes da sagrada teologia, santo Tomás de Aquino e santo Boaventura, apóiam–se na autoridade de santo Agostinho para ensinarem que a virgindade não possui a firmeza de virtude se não deriva do voto de a conservar ilibada perpetuamente*".
364. Percília Matos da Silva
365. Percília Matos da Silva
366. **Isaías**, **61**: 10
367. Henrique Carneiro, "*Amores e sonhos da flora – afrodisíacos e alucinógenos na botânica e na farmácia*"
368. Sergio Figueiredo Ferreti, "*Repensando o sincretismo: estudo sobre a Casa das Minas*"
369. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Portugal
370. André Lott, "*A maconha na história do Brasil*", *in* Osvaldo Pessoa Jr., Anthony Henman, "*Diamba Sarabamba*"
371. Rowan Robinson, "*O grande livro da Cannabis*"
372. Rowan Robinson, "*O grande livro da Cannabis*"
373. Interação de duas substâncias neurologicamente ativas mas com atuação oposta, de tal forma que uma iniba ou reverta o efeito da outra quando conjugadas.
374. "*Decreto de Serviço*"
375. **II Timóteo**, **4**: 3–4
376. **PS**, 139
377. Pe André João Antonil, "*Cultura e opulência no Brasil*"
378. **Provérbios**, **23**: 12 – "*Orienta teu coração para a educação e teus ouvidos para os ditames da experiência*".
379. Percília Matos da Silva
380. Citado em Alex Polari de Alverga, "*O Evangelho segundo Sebastião Mota*"
381. **GG**, 47
382. Santa Teresa de Ávila, "*Castelo interior*", Segundas moradas, 11
383. Santo João da Cruz, "*Subida do monte Carmelo*", Livro II, Cap. XI, 1 e 2.
384. Santo João da Cruz, "*Subida do monte Carmelo*", Livro II, Cap. XI, 4.
385. Percília Matos da Silva (ver trecho de texto comentado pela nota [270](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#270) , no capítulo 05)
386. **AG**, 09
387. **GG**, 41
388. Santa Teresa de Ávila, "*Livro da Vida*", cap. 12, 5: "*quando digo 'não se elevem sem que Deus os eleve', uso linguagem espiritual; quem tiver alguma experiência vai me entender, pois, se não o entender, não sei dizer com outras palavras. Na teologia mística, de que comecei a falar, o intelecto deixa de agir porque Deus o suspende (...) Tentar ou presumir suspendê–lo por nós mesmos, deixar de agir com ele, é o que considero inconveniente, porque assim ficaremos bobos e frios, e não conseguiremos nem uma coisa nem outra. Quando o Senhor o suspende e o faz parar, Ele mesmo lhe dá com que se ocupar e se impressionar, de maneira tal que, no espaço de um credo, podemos compreender, sem raciocinar, mais do que, em muitos anos, com os nossos próprios esforços terrenos*".
389. Citado em Sandra Lúcia Goulart, "*As raízes culturais do Santo Daime*"
390. Citado em Sandra Lúcia Goulart, "*As raízes culturais do Santo Daime*"
391. Mensagem de entidade, recebida por mestre Antônio Geraldo da Silva em 04.12.97.
392. **Salmos**, **2**: 11 – "*Servi ao Senhor com temor, exultai em tremor*".
393. **MD**, 41
394. Alan Kardec, "*Livro dos médiuns*", Cap. XXIII, Q. 240: "*A subjugação pode ser moral ou corporal (...) No segundo caso, o espírito atua sobre os órgãos corporais e provoca movimentos involuntários*".
395. Percília Matos da Silva
396. Alan Kardec, "*O Livro dos Médiuns*", Q. 100, R. 11a
397. **AG**, 39
398. Percília Matos da Silva
399. Daniel Acelino Serra
400. **1 Coríntios**, **8**: 5–6
401. Leonardo Boff, "*Espiritualidade, um caminho de transformação*"
402. Sumo sacerdote e guia espiritual do lamaísmo, uma Escola budista *mahayana*, acumulando até meados do século XX a função de chefe político do Tibete.
403. João Rodrigues Facundes
404. Daniel Acelino Serra
405. **João**, **6**; 44
406. **João**, **14**; 6
407. Alan Kardec, "*O Livro dos Espíritos*", Q. 428
408. **GG**, 39
409. **MI**, 98
410. Saturnino Brito do Nascimento
411. **MI**, 81
412. **Isaías**, **8**: 16 – "*Encerra a atestação, sela a instrução entre os meus discípulos*".
413. **GG**, 52
414. Percília Matos da Silva
415. **PS**, 127
416. Santa Teresa de Ávila, "*Livro da Vida*", cap. 40, 6: "*Em alguns livros de oração, diz–se ser aí* [no íntimo da alma] *que se deve buscar a Deus; o glorioso santo Agostinho, em especial, diz que nem nas praças, nem nos contentamentos, nem em todos os lugares que O buscou O encontrou como dentro de si. Isso é com certeza o melhor, já que não é preciso ir ao céu, nem procurar mais longe nem fora de nós mesmos; fazer estas últimas coisas cansa o espírito e distrai a alma, e sem dar tantos frutos*".
417. Z'ev ben Shimon Halevi, "*O caminho da kabbalah*"
418. James Hillman, "*Uma busca interior em psicologia e religião*"
419. Alex Polari de Alverga, "*O guia da floresta*"
420. James Hillman, "*Anima*"
421. Marie–Joseph Nicolas, na Introdução a "*O Homem*", *in* "*Suma de Teologia*", de santo Tomás de Aquino: "*na terceira parte veremos Deus fazer–se homem e, como tal, conduzir o homem à sua perfeição, tomar a frente de seu retorno, reunir o homem a Deus*".
422. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de teologia*", Q.44, artigo 3: "*embora as criaturas não alcancem naturalmente que são semelhantes a Deus por uma semelhança específica, como um homem gerado se assemelha a seu genitor, contudo alcançam que são semelhantes a ele por uma representação mental que Deus concebe delas, como uma casa já construída que se assemelha à casa que está na mente do artífice*".
423. Santo Agostinho, "*Sobre a potencialidade da alma*"
424. **João**, **17**: 22 – "*Quanto a mim, dei–lhes a glória que tu me deste, para que sejam um como nós somos um, eu neles como tu em mim, para que eles cheguem à unidade perfeita e, assim, o mundo possa conhecer que tu me enviaste e os amaste como tu me amaste*".
425. Ken Wilber, "*O projeto Atman*"
426. Uso este termo para definir a consciência com amplitude transpessoal.
427. **João**, **3**; 3 – "*Em verdade, em verdade eu te digo: a menos que nasça de novo, ninguém pode ver o Reino de Deus*".
428. **1 Coríntios**, **15**: 28
429. Santo João da Cruz, "*Subida do monte Carmelo*", Livro II, Cap. VII, 11.
430. A. K. Coomaraswamy, "*Hinduism and Buddhism*"
431. Este capítulo, no que concerne aos aspectos psicodinâmicos, é amplamente baseado em conceitos apresentados no livro "*O projeto Atman*", do psicólogo norte–americano Ken Wilber.
432. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 76, artigo 3: "*deve–se dizer que o embrião tem primeiramente uma alma apenas sensitiva. Essa desaparece, e uma alma mais perfeita lhe sucede, que é ao mesmo tempo sensitiva e intelectiva*".
433. Carlos Castañeda, "*The teachings of Don Juan*"
434. **JP**, 35
435. Para a Psicologia, "projeção" é a dinâmica psíquica que consiste em atribuir a objetos ou a outras pessoas as próprias características pessoais inconscientes, buscando aproximar–se delas para reunir–se a si mesmo ou delas se afastando para se afastar do que não se aprecia em si mesmo.
436. Torno a lembrar que "ego" é, de forma resumida, o núcleo consciente da personalidade de alguém.
437. Percília Matos da Silva
438. Arneide Bandeira Cemin, "*Ordem, xamanismo e dádiva – o poder do Santo Daime*"
439. **MI**, 98
440. Luiz Carlos Teixeira de Freitas, *in* "*Estratégia – perspectivas e aplicações*"
441. Citado em Ken Wilber, "*The eye of spirit*"
442. Santo João da Cruz, "*Subida do monte Carmelo*", Livro III, Cap. II, 10.
443. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 23, artigo 7
444. **João**, **17**: 3 – "*Ora, a vida eterna é que eles te conheçam a ti, o único verdadeiro Deus, e àquele que enviaste, Jesus Cristo*", pois, segundo **Provérbios**, **3**: 13,18, "*feliz de quem achou a sabedoria e alcançou o entendimento (...) Árvore da vida ela é para os que a abraçam e são felizes os que a retêm*".
445. Alex Polari de Alverga, "*O guia da floresta*"
446. **GG**, 16
447. Santo Agostinho, "*O livre–arbítrio*"
448. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de teologia*", Questão 111, artigo 1
449. Santo João da Cruz, "*Subida do monte Carmelo*", Livro II, Cap. XVI, 9 e 10.
450. Tufi Rachid Amin
451. Santo João da Cruz, "*Subida do monte Carmelo*", Livro II, Cap. XXIX, 3.
452. Santo João da Cruz, "*Subida do monte Carmelo*", Livro II, Cap. XXIX, 1.
453. Antiga moeda espanhola de pouco valor.
454. Santo João da Cruz, "*Subida do monte Carmelo*", Livro II, Cap. XXIX, 4 e 5.
455. **TA**, 04
456. Santa Teresa de Ávila, "*Relações*", 6, 1.
457. Santo João da Cruz, "*Subida do monte Carmelo*", Livro III, Capítulo XV, 1.
458. Santo João da Cruz, "*Subida do monte Carmelo*", Livro III, cap. XXIV, 4.
459. Luiz Carlos Teixeira de Freitas, "*Tahuantinsuyo – O Estado Imperial Inca*"
460. Vera Fróes Fernandes, "*História do povo Juramidam*"
461. Jussara Rezende Araújo, "*Comunicação e exclusão: a leitura dos xamãs*"
462. Santo João da Cruz, "*Subida do monte Carmelo*", Livro III, Cap. XV, 2.
463. Santa Teresa de Ávila, "*Livro da Vida*", Cap. 15, 12.
464. Ladislau Nogueira de Oliveira
465. Daniel Acelino Serra
466. Ladislau Nogueira de Oliveira
467. Santo João da Cruz, "*Subida do monte Carmelo*", Livro III, Cap. XXX, 2: "*o exercício dos bens sobrenaturais tem por fim imediato a utilidade do próximo e é para esse proveito e fim que Deus os concede*".
468. **2 Coríntios**, **12**: 1–4, 7
469. Santo João da Cruz, "*Subida do monte Carmelo*", Livro II, Cap. XI, 5.
470. Karen Armstrong, "*Jerusalém: uma cidade, três religiões*"
471. Citado em Ken Wilber, "*O Projeto Atman*"
472. **MI**, 109
473. Santa Teresa de Ávila, "*Poesias*", IX.
474. Santa Teresa de Ávila, "*Caminho de perfeição*", cap. 31, 5
475. **PS**, 143
476. Mestre Antônio Geraldo da Silva
477. João Rodrigues Facundes
478. Santo Agostinho, "*Confissões*", Livro VII, Q. 10
479. Santo João da Cruz, "*Chama viva de amor*", Canção I, 12.
480. **Provérbios** (A sabedoria, tesouro escondido), **2**: 1–5
481. Santo Agostinho, "*Doutrina cristã*", Livro III, cap. 1: "*O homem temente a Deus procura diligentemente a verdade divina nas santas Escrituras. Munido do conhecimento das línguas, que não se veja embaraçado por palavras ou expressões desconhecidas. Provido de certos conhecimentos necessários, que saiba identificar a natureza e as propriedades das coisas quando empregadas a título de comparação. Finalmente, apoiado na exatidão do texto obtido por trabalho consciencioso de correção, que ele, assim preparado, possa dissipar e resolver as ambigüidades das Escrituras (...) Quando for o sentido próprio que torna ambígua a Escritura, a primeira coisa a fazer é verificar se não estamos pontuando ou pronunciando mal (...) Mas, no caso de dois sentidos, ou todos eles, caso forem muitos, resultarem ambíguos, sem nos afastarmos da fé resta–nos consultar o contexto anterior e o seguinte à passagem onde está a ambigüidade. Veremos por aí, entre os diversos sentidos que se oferecem, qual o melhor ou com o qual o texto mais se harmoniza*".
482. **Sirácida**, **16**: 24–25
483. Santo Agostinho, "*Doutrina cristã*", Livro III, cap. 3: "*tudo o que acabo de dizer a respeito das ambigüidades devidas à pontuação pode exatamente ser observado quanto às ambigüidades devidas à pronúncia*".
484. Arneide Bandeira Cemin, "*Ordem, xamanismo e dádiva – o poder do Santo Daime*"
485. **JP**, 31
486. Alex Polari, "*O guia da floresta*"
487. Percília Matos da Silva
488. **Mateus**, **21**: 13 – "*Está escrito: Minha casa será chamada casa de oração*".
489. **JP**, 21
490. **Mateus**, **28**: 19–20
491. Santo João da Cruz, "*Subida do monte Carmelo*", Livro II, Cap. XVI, 13
492. Santo João da Cruz, "*Subida do monte Carmelo*", Livro II, Cap. XVII, 3
493. **MI**, 110
494. Vera Fróes Fernandes, "*História do povo Juramidam*"
495. Do grego *epipháneia*, "aparição, manifestação"
496. **MI**, 110
497. **GG**, 29
498. **AG**, 7
499. **MD**, 37
500. **JP**, 13
501. Santa Teresa de Ávila, "*Livro da Vida*", cap. 38, 2: "*Só a diferença entre a luz que vemos e a que nos é apresentada nas visões, sendo tudo luz, impede a comparação, pois mesmo o clarão do sol parece apagado diante do fulgor que há ali*".
502. **MI**, 65
503. Cândido Procópio Ferreira de Camargo, "*Kardecismo e umbanda*"
504. Vera Fróes Fernandes, "*História do povo Juramidam*"
505. Jussara Rezende Araújo, "*Comunicação e exclusão: a leitura dos xamãs*"
506. Ver trecho de texto comentado pela nota [353](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#353) (capítulo 06).
507. Marcelo Gomes, "*Doutrina reflete sincretismo religioso*", *in* "*O centenário de Juramidam*", jornal *O Rio Branco*, Rio Branco, 15.12.1992
508. Alan Kardec, "*O Livro dos Espíritos*", Qs. 622/625
509. Alan Kardec, "*O Livro dos Espíritos*" – Introdução
510. Percília Matos da Silva
511. Santo João da Cruz, "*Subida do monte Carmelo*", Livro III, cap. XXXVI, 6: "*tenha por certo a alma o seguinte: quanto mais estiver presa a qualquer imagem ou motivo sensível, menos subirá a sua oração e devoção até Deus*".
512. **João**, **4**: 24
513. **MI**, 93
514. Santa Teresa de Ávila, "*Livro da Vida*", cap. 13, 17: "*E, ainda que para isso não pareça necessário ter instrução, sempre tive a opinião de que todo cristão deve procurar ter relações com quem a tenha, se puder, e quanto mais melhor; e os que seguem o caminho da oração têm mais necessidade disto, e tanto maior quanto mais espirituais forem*".
515. Fernando Pessoa, "*Mensagem*"
516. Karen Armstrong, "*Jerusalém – Uma cidade e três religiões*"
517. Santo Agostinho, "*A doutrina cristã*", cap. 1, 1; cap. 5, 9.
518. **Deuteronômio**, **4**: 19 – "*Não eleves os olhos para os céus a fim de olhar o sol, a lua e as estrelas, todo o exército dos céus, e seres induzido a prosternar diante deles e a servi–los. Pois eles são a parte que o Senhor, teu Deus, deu a todos os povos que se encontram sob o céu*".
519. Vera Fróes Fernandes, "*História do povo Juramidam*"
520. Jussara Rezende Araújo, "*Comunicação e exclusão: a leitura dos xamãs*"
521. O termo "bizantino" se refere a Bizâncio (ou Constantinopla), uma das capitais do Império Romano nos primeiros séculos da cristandade, e diz respeito a uma liturgia católica tão complexa quanto a de Roma. Os Padres alexandrinos não davam demasiada atenção aos ritos litúrgicos, ocupando–se, ao contrário, de modo especial com a doutrina, na qual se ressalta fortemente o papel do Espírito Santo. As repetidas tentativas de união entre Bizâncio e Roma durante a Idade Média deixaram no mundo litúrgico bizantino a marca de uma postura ecumênica antiga e sólida. A liturgia é coral e a música está entre as mais fascinantes do Oriente, por suas doces melodias. Seus cantos, entendidos ritualisticamente como serviços pneumático–extáticos (ou de "êxtase pelo Espírito Santo"), firmam a interpretação mística da liturgia como participação do louvor angélico. Em prosa e em poesia, eles expressaram uma teologia da salvação com simbolismo teocêntrico e "cristocêntrico". Nela, a liturgia é um caminho de iniciação ao conhecimento do Deus transcendente da Escritura (luz e sabedoria, ou "*pneuma*" e "*logos*"), já que a encarnação do Verbo em Jesus é essencial para que Deus possa ser representado por meio da humanidade do Cristo.
522. Cânticos da primeira parte do ofício divino, geralmente entre meia–noite e o levantar do sol.
523. Santo Boaventura, "*Recondução das ciências à teologia*".
524. **MI**, 13
525. Santo Luís Maria Grignion de Monfort, "*Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*", Art. II, Item 30, § 3o – "*Visto ser ela a aurora que precede e anuncia o Sol da justiça, Jesus Cristo, deve ser conhecida e notada para que Jesus Cristo o seja*".
526. **Malaquias**, **3**: 20
527. **MI**, 29
528. **MI**, 01
529. Papa Paulo VI, Encíclica *Redemptoris* mater
530. Percília Matos da Silva
531. Santa Teresa de Ávila, "*Caminho de perfeição*", cap. 28, 2: "*Vede que santo Agostinho falou que O procurou em muitos lugares e só veio a encontrá–Lo dentro de si mesmo. Pensais que importa pouco a uma alma dissipada entender essa verdade e ver que não precisa, para falar com seu Pai eterno ou para regalar–se com Ele, ir ao céu nem falar em altos brados? Por mais baixo que fale, Ele está perto que a ouvirá; do mesmo modo, ela não precisa de asas para ir procurá–Lo, bastando pôr–se em solidão e olhar para dentro de si, não estranhando a presença de tão bom hóspede*"
532. **João**, **16**: 12
533. Percília Matos da Silva
534. João Rodrigues Facundes
535. Pedro Domingos da Silva
536. Percília Matos da Silva
537. Percília Matos da Silva
538. Francisco Grangeiro Filho, *in* Arneide Bandeira Cemin, "*Ordem, xamanismo e dádiva – o poder do Santo Daime*"
539. Mario Rogério da Rocha, *in* "*O guia da floresta*", de Alex Polari de Alverga
540. **MI**, 05
541. **Ezequiel**, **36**: 26, 27
542. **Mateus**, **7**: 12
543. **JP**, 32
544. **MD**, 07
545. **AG**, 19
546. **GG**, 49
547. **JP**, 10
548. Tufi Rachid Amin
549. **MI**, 11
550. Alan Kardec, "*O Livro dos Espíritos*" – Introdução
551. Santa Teresa de Ávila, "*Castelo interior*", Quartas moradas, cap. 3, 9.
552. Leonardo Boff, "*Natal – A humanidade e jovialidade de nosso Deus*"
553. Sandra Lúcia Goulart, "*As raízes culturais do Santo Daime*"
554. Beatriz Caiuby Labate, "*A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos*"
555. **Levítico**, **18**: 18 – "*Não tomarás por esposa a irmã de tua mulher, com o risco de provocar rivalidades descobrindo a nudez dela enquanto tua mulher estiver viva*".
556. **Mateus**, **7**: 21
557. Mestre Antonio Geraldo da Silva
558. **João**, **8**: 32
559. Thomas Merton, "*Novas sementes de contemplação*"
560. **MI**, 16
561. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 20, artigo 1
562. **AG**, 06
563. **Lucas**, **10**: 27
564. Ver nota [70](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#70) (capítulo 02).
565. **MI**, 22
566. **MD**, 29
567. **MI**, 71
568. **Sirácida**, **29**: 21
569. Percília Matos da Silva
570. **AG**, 39
571. **JP**, 42
572. **MI**, 55
573. **Provérbios**, **8**: 13
574. **Provérbios**, **8**: 36
575. **Hebreus**, **4**: 12–13
576. Do latim *disciplínae*, "ação de se instruir", "educação", "ciência", "disciplina", "ordem", "princípios de moral".
577. **Provérbios**, **15**: 10
578. **Hebreus**, **12**: 9–11
579. **PM**, 07
580. **I Timóteo**, **1**: 13 – "*Mas foi–me concedida misericórdia, porque agi por ignorância, não tendo fé*".
581. **MI**, 12
582. **Jeremias**, **31**: 21 – "*Marca tua trilha, baliza teu percurso, presta atenção à rota, ao caminho por onde andas*".
583. **MI**, 86
584. Saturnino Brito do Nascimento
585. Santo João da Cruz, "*Subida do monte Carmelo*", Livro II, Cap. XXX, 5.
586. **Provérbios**, **3**: 21–26
587. Santo Agostinho, "*O livre–arbítrio*"
588. **MI**, 20
589. Percília Matos da Silva
590. Percília Matos da Silva
591. Do latim *duplex*, "dobrado", "dissimulado", "dobro", "duplo" (ver trechos de texto comentados pela notas [630](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#630) no capítulo 10 e [1163](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1163) no capítulo 14).
592. **MI**, 22
593. **AG**, 10
594. **MI**, 27
595. Percília Matos da Silva
596. **I Ching**, Livro I, h. 2, *Julgamento: "O leste simboliza o lugar em que um homem recebe ordens de seu mestre"*.
597. Daniel Acelino Serra
598. Percília Matos da Silva
599. *Feitio* é o ritual no qual se prepara o daime, cozinhando–se "jagube" e "rainha" em água.
600. Daniel Acelino Serra
601. **MI**, 28
602. Percília Matos da Silva
603. **NJ**, 25
604. **MI**, 16
605. **MI**, 30
606. **MI**, 10
607. **Apocalipse**, **8**: 12
608. **Salmos**, **104** (**103**), 1–2
609. **MI**, 31
610. **MI**, 32
611. Santa Teresa de Ávila, "*Caminho de perfeição*", cap. 36, 3: "*eu lhes peço em Vosso nome que se recordem disso e não se incomodem com umas coisinhas que chamam de ofensas, pois parece que, como crianças, fazemos casinhas de palha com estas questões de honra*".
612. **PS**, 8
613. **MI**, 33
614. Luiz Mendes do Nascimento
615. Saturnino Brito do Nascimento
616. Daniel Acelino Serra
617. **MI**, 34
618. **MI**, 35
619. Pio X (último discurso enquanto Bispo)
620. Percília Matos da Silva
621. Ver trechos de texto comentados pelas notas [234](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#234) (capítulo 04) e [1115](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1115) (capítulo 14).
622. Papa Paulo VI, Exortação apostólica *Marialis cultus*: "*e na festa da Sagrada Família, Jesus, Maria e José (...),* [a igreja] *considera venerável a vida de santidade que levam, na casa de Nazaré, Jesus, Filho de Deus e Filho do homem, Maria, sua Mãe, e José, homem justo*".
623. **MI**, 36
624. Percília Matos da Silva
625. Percília Matos da Silva
626. **I Ching**, Livro I, h. 37, *Julgamento*: "*A família é a célula que dá origem à sociedade, o solo nativo em que o exercício dos deveres morais é facilitado pela natural afeição. Nesse pequeno círculo são criados os princípios éticos que mais tarde serão ampliados às relações humanas em geral "; Papa João Paulo II, Exortação Apostólica Redemptoris Custos: "Uma vez que 'a essência e as funções da família se definem, em última análise, pelo amor' e que à família 'é confiada a missão de guardar, revelar e comunicar o amor, qual reflexo vivo e participação do amor de Deus pela humanidade e do amor de Cristo (...)', é na Sagrada Família, nesta originária 'Igreja doméstica', que todas as famílias devem espelhar–se*".
627. Percília Matos da Silva
628. **MI**, 38
629. **Marcos**, **9**: 3–4
630. Ver trechos de texto comentados pelas notas [591](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#591) (capítulo 09) e [1163](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1163) (capítulo 14).
631. **GG**, 27
632. **AG**, 22
633. **MI**, 39
634. **1 Coríntios**, 10: 23
635. **AG**, 08
636. Francisco Grangeiro Filho, *in* Arneide Bandeira Cemin, "*Ordem, xamanismo e dádiva – o poder do Santo Daime*"
637. Estatuto do "*Centro de Iluminação Cristã Luz Universal*"
638. **MI**, 40
639. **MI**, 40
640. **Lucas**, **17**: 21 – "*Não se dirá: 'Ei–lo aqui' ou 'Ei–lo ali'. Com efeito, o Reinado de Deus está entre vós*".
641. **Mateus**, **13**: 14–15 – [E Jesus disse]: "*Por muito que ouçais, não compreendereis: por muito que olheis, não vereis. Pois o coração deste povo se tornou insensível, tornaram–se duros de ouvido, taparam os seus olhos, para não ver com seus olhos, não ouvir com seus ouvidos, nem compreender com seu coração e para não se converter* [para Deus]. *E eu os teria curado!"*
642. **MI**, 40
643. **MI**, 41
644. **MI**, 42
645. **MI**, 19
646. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 113, artigo 1
647. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 19, artigo 9
648. Thomas Merton, "*Na liberdade da solidão*"
649. **MI**, 43
650. **Jeremias**, **2**: 8
651. **Romanos**, **12**: 5 – "*Assim, sendo muitos, nós somos um só corpo em Cristo, sendo todos membros uns dos outros, cada um no que lhe cabe*".
652. **MI**, 44
653. Percilia Matos da Silva
654. Percilia Matos da Silva
655. Santa Teresa de Ávila, "*Conceitos do amor de Deus*", cap. 4, 8: "*Ó cristãos e filhas minhas! Despertemos já, por amor ao Senhor, desse sono e percebamos que Ele não guarda para a outra vida a recompensa do amor que Lhe temos; o pagamento começa nesta*".
656. **MI**, 45
657. Santa Teresa de Ávila, "*Castelo interior*", Sétimas moradas, cap. 4, 8:"*Se não tiverdes essa determinação, não espereis grande benefício. Porque o fundamento de todo este edifício, como eu já disse, é a humildade. E se esta não for genuína, até para o vosso bem o Senhor não desejará elevá–lo muito, a fim de que não desabe por terra*".
658. **MI**, 47
659. **Jó**, **38**: 31–32
660. **Apocalipse**, **1**: 16
661. **Tobit**, **12**: 15 – "*Eu sou Rafael, um dos sete anjos que assistem à glória do Senhor e têm acesso à sua presença*".
662. Santa Teresa de Ávila, "*Livro da Vida*", cap. 28, 1 e 9: "*Certo dia em que eu estava em oração, quis o Senhor mostrar–me apenas as Suas mãos (...) Há poucos dias, vi também o rosto divino, que, ao que parece, me deixou inteiramente absorta (...) Essa visão tem força tão imensa que, quando o Senhor quer mostrar à alma grande parte de Sua grandeza e majestade, é impossível (se o Senhor, de maneira muito sobrenatural, não quisesse ajudar a alma pondo–a em arroubo e êxtase, onde ela perde de vista, com o prazer que sente, a visão daquela presença divina) que alguém possa suportá–la*".
663. Percília Matos da Silva
664. **MI**, 48
665. **MI**, 49
666. Tullo Goffi – Espiritualidade, *in Dicionário de Mariologia*
667. **MI**, 50
668. Santa Teresa de Ávila, "*Castelo interior*", Sétimas moradas, cap. 3, 9: "*lembrai–vos que é dessa morada interior, onde está Deus em nossa alma, que vêm estes toques e louvai–O muito. Por certo é Seu aquele recado ou bilhete escrito com tanto amor, em letras que só vós podeis decifrar e contendo um pedido que apenas vós conseguis interpretar*".
669. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 63, artigo 1: "*pecar nada mais é do que desviar–se o ato da retidão que deve ter*".
670. **MI**, 52
671. Santo João da Cruz, "*Chama viva de amor*", Canção I, 3.
672. **Lucas**, **12**: 49
673. **MI**, 54
674. **AG**, 37
675. **MD**, 21
676. Santa Teresa de Ávila, "*Livro da Vida*", cap. 13, 21.
677. **MD**, 21
678. Tufi Rachid Amin
679. **GG**, 08
680. **GG**, 38
681. Percília Matos da Silva
682. "*Decreto de Serviço*"
683. **Sirácida**, **28**: 13
684. **MI**, 55
685. "*Regra de São Bento*", 23–27
686. **MI**, 56
687. **MI**, 57
688. **MI**, 58
689. Santa Teresa de Ávila, "*Caminho de perfeição*", cap 36, 12: "*Não posso acreditar que uma alma que tanto se aproxime da própria Misericórdia, onde conhece quem é e o muito que Deus lhe tem perdoado, deixe de perdoar logo com toda a facilidade e não se disponha a ficar muito bem com quem a ofendeu, por ter bem presentes o regalo e a graça que Deus lhe concedeu, tendo em vista sinais de grande amor, razão por que agora se alegra por ter a oportunidade de mostrar algum de sua parte*".
690. Santo Agostinho, "*A verdadeira religião*", cap. 39, 72
691. **MI**, 90
692. Tufi Rachid Amin
693. **MI**, 59
694. **Gênesis**, **2**: 9
695. **MI**, 61
696. **Lucas**, **8**: 45–46
697. Percília Matos da Silva
698. **MI**, 62
699. **AG**, 30
700. **MD**, 38
701. **GG**, 44
702. **João**, **5**: 31–32
703. **MI**, 62
704. **MI**, 63
705. Percília Matos da Silva
706. **Sabedoria**, **8**: 2–4
707. **Sirácida**, **1**: 1, 4, 9–10
708. Santa Teresa de Ávila, "*Caminho de perfeição*", cap. 40, 3.
709. **GG**, 51
710. **Gênesis**, **9**: 16 – "*O arco estará na nuvem e eu olharei para ele, para me lembrar da aliança perpétua entre Deus e todo ser vivo, toda carne na terra*".
711. **GG**, 32
712. Papa Paulo VI, "*Evangelii Nutiandi*"
713. Z'ev Ben Shimon Halevi, "*O caminho da kabbalah*"
714. Santa Teresa de Ávila, "*Castelo interior*", Primeiras moradas, cap. 2, 7: "*São tão obscuras de entender essas coisas interiores que é forçoso a quem sabe tão pouco como eu dizer muitas coisas supérfluas e até desatinadas para conseguir chegar a uma formulação adequada. Quem o ler deverá ter paciência, assim como eu a tenho para escrever o que não sei; pois é certo que às vezes tomo o papel como uma criatura tola, sem saber o que dizer nem como começar*".
715. Carl G. Jung, "*Símbolos da transformação*"
716. **Isaías**, **6**; 3
717. Leonardo Boff, "*Ave Maria – O feminino e o Espírito Santo*"
718. Leonardo Boff, "*Ave Maria – O feminino e o Espírito Santo*"
719. **Lucas**, **1**: 35
720. **Juízes**, **14**: 19 – "*Então, o espírito do Senhor penetrou nele*".
721. **Juízes**, **3**: 10 – "*O espírito do Senhor esteve sobre ele e ele julgou Israel*".
722. **Juízes**, **6**: 34 – "*O espírito do Senhor revestiu Guideon, que fez ressoar a trompa*".
723. **I Samuel**, **11**: 6 – "*O espírito de Deus sobreveio a Saul, quando ele ouviu essas palavras*".
724. **I Samuel**, **16**: 13 – "*(...) e o espírito de Deus desceu sobre David a partir desse dia*".
725. **Atos**, **6**: 5, 8 – "*(...) homem cheio de fé e do Espírito Santo (...) Estevão, cheio de graça e poder, operava prodígios e sinais notáveis entre o povo*".
726. Leonardo Boff, "*Ave Maria – O feminino e o Espírito Santo*"
727. **João**, **1**: 14
728. **Gênesis**, **1**: 27
729. Papa João Paulo II, Encíclica *Fides et ratio* – "*A encarnação do Filho de Deus permite ver realizada uma síntese definitiva que a mente humana, por si mesma, nem sequer poderia imaginar: o Eterno entra no tempo, o Tudo esconde–se no fragmento, Deus assume o rosto do homem*" .
730. **MD**, 17
731. Do grego *dógma*, "o que nos parece bom", donde "opinião, decisão, decreto"; do verbo grego *dokéó*, "crer, parecer, parecer bom"; "princípio estabelecido"; "opinião firmada"; "preceito, máxima".
732. Papa Pio XII, Constituição Apostólica "*Munificentissimus Deus*"
733. Leonardo Boff, "*Ave Maria – O feminino e o Espírito Santo*"
734. Leonardo Boff, "*Ave Maria – O feminino e o Espírito Santo*"
735. **Filipenses**, **2**: 9–10
736. **MI**, 47
737. Leonardo Boff, "*Ave Maria – O feminino e o Espírito Santo*"
738. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 39, artigo 8
739. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 32, artigo 1
740. Santo Leão Magno, Papa de 440 a 461
741. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 30, artigo 1
742. Do latim *procédo*, "ir na frente", "avançar", "progredir", "sair de"
743. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 27, artigo 5
744. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 34, artigo 2
745. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 36, artigo 1
746. **GG**, 34
747. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 36, artigo 3
748. **JP**, 35
749. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 39, artigo 8
750. **PS**, 152
751. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 36, artigo 2
752. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 27, artigo 4
753. Leonardo Boff, "*Graça e experiência humana*"
754. Do grego *éskhatos*, "extremo", "último".
755. Leonardo Boff, "*Graça e experiência humana*"
756. Leonardo Boff, "*Graça e experiência humana*"
757. Santa Teresa de Ávila, "*Castelo interior*", Quartas moradas, cap. I, 9.
758. Leonardo Boff, "*Ave Maria – O feminino e o Espírito Santo*"
759. **João**, **14**: 15–17
760. Grifo meu, acompanhando a concepção de santo Tomás, de **a Graça implicar inovação**.
761. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de teologia*", Q. 43, artigo 3
762. **Sirácida**, **35**: 24 – "*Até que tenha retribuído a cada um segundo suas obras, julgando as obras dos homens segundo suas intenções*".
763. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de teologia*", Q. 43, artigo 3 (grifos meus)
764. **Romanos**, **8**: 14–15
765. **AG**, 22
766. **GG**, 35
767. **MI**, 52
768. "*Offício*", hino *Akáthistos*
769. Thomas Merton, "*Novas sementes de contemplação*"
770. Papa Paulo VI, Constituição apostólica "*Lumen Gentius*", Concílio Vaticano II.
771. **GG**, 49
772. **TA**, 18
773. Santo João da Cruz, "*Subida do monte Carmelo*", Livro II, Cap. XXII, 5.
774. **João**, **14**: 6
775. **I Timóteo**, **2**: 5
776. **I João**, **2**: 1
777. **Hebreus**, **7**: 25
778. **GG**, 29
779. **Lucas**, **11**: 27–28
780. Santo Luís Maria Grignion de Monfort, "*Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*", Art. I, Item 27 – "*Maria está infinitamente abaixo de seu Filho, que é Deus, e, portanto, não lhe dá ordens como uma mãe terrestre as dá a seu filho*".
781. Santo Ambrósio, "*De Spirictu Sancto*", citado no *Dicionário de Mariologia*.
782. **Mateus**, **11**: 27
783. Santo Dionísio (Papa de 259 a 268), "*Theologiae mystica*"
784. **I Timóteo**, **6**: 15–16
785. **I João**, **4**: 12
786. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 32, artigo 1
787. Santo Agostinho, *in* santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 39, artigo 8
788. **I João**, **4**: 20
789. **MI**, 19
790. Santa Teresa de Ávila, "*Castelo interior*", Quartas moradas, cap. 1, 7
791. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 39, artigo 8
792. **GG**, 40
793. Santo Agostinho, "*Confissões*", Livro X, Q. 27
794. **GG**, 46
795. Imagem inconsciente primordial.
796. **Romanos**, **8**: 22
797. **GG**, 48
798. **João**, **14**: 18
799. **MI**, 44
800. **João**, **14**: 26
801. **AG**, 02
802. **Romanos**, **8**: 26
803. **MI**, 26
804. **AG**, 12
805. Leonardo Boff, "*Ave Maria – O feminino e o Espírito Santo*"
806. Por isso, "*Canto–ensino*", em **MI**, 78.
807. **MI**, 87
808. **GG**, 35
809. Grifos meus, acompanhando a concepção de santo Tomás, de **a Graça implicar inovação**.
810. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de teologia*", Q. 43, artigo 6
811. **JP**, 21
812. Avoluma crescentemente, quanto mais se aprofundam os estudos sobre a Escritura, indicações de que Jesus teve verdadeiramente irmãos carnais, filhos posteriores de José e Maria, ultrapassando a versão desenvolvida em 383 d.C. por santo Jerônimo – e predominante até hoje na Igreja Católica Romana –, de a Escritura nomear como "*irmãos de Jesus*", apenas por costume, os seus primos–irmãos por parte de Maria (segundo santo Jerônimo, filhos de uma irmã da mãe de Jesus...). Em versão anterior, de Epifânio, bispo de Salamina no Século II, os "*irmãos de Jesus*" teriam sido os filhos de um casamento de José; todavia, até mesmo a possibilidade de que os "*irmãos de Jesus*" fossem filhos carnais apenas de José, de um casamento anterior àquele com Maria, foi inaceitável para santo Jerônimo: como comenta Pierre–Antoine Bernheim, em obra já citada, "*o Cristo, que veio para ensinar a virgindade, só poderia ter sido criado por virgens. Jerônimo iria propor* [então] *uma teoria que preservava também a virgindade de José, fazendo de Tiago e seus irmãos primos–irmãos de Jesus*". Mas, em que pese o fato de por vezes o termo hebraico "*há* " ser indistintamente utilizado no ***Antigo Testamento*** para "irmãos" e "primos", já que o idioma hebraico não tem uma palavra específica para primos–irmãos, a base da argumentação de santo Jerônimo não se sustenta ao sabermos que registros bíblicos do Século I em grego, como as ***Epístolas de Paulo***, utilizam o termo *adelphó* (irmão) e não *anepsió* (primo) ao mencionar os "*irmãos de Jesus*".
813. Ao se referir a Maria, ***Lucas*** (***2***: 7) diz que "*ela deu à luz o seu filho primogênito*", e não "*o seu único filho*", o que deixa pressupor outro(s). Quando tem início a missão de Jesus, surge na Escritura a questão: "*Não é ele o carpinteiro, o filho de Maria e irmão de Tiago, de Joset, de Judas e de Simão? E suas irmãs, não estão aqui entre nós*?'" (***Marcos***, ***6***: 3). Como a indicar tratar–se da mesma família, em muitas vezes nas quais se menciona "*seus irmãos*", junto deles está Maria: "*A sua mãe e os seus irmãos chegaram perto dele, mas não podiam abordá–lo por causa da multidão*" (***Lucas***, ***8***: 19), "*Ainda falava às multidões, e eis que a sua mãe e os seus irmãos estavam do lado de fora, procurando falar–lhe*" (***Mateus***, ***12***: 46), "*Dizem–lhe: 'Eis que tua mãe e teus irmãos estão lá fora; eles te procuram'"*. (***Marcos***, ***3***: 31–33). Em ***João*** (***2***: 12), é nítida a distinção entre "*seus irmãos*" e "*seus discípulos*": "*Depois disso* [as bodas de Caná], *ele desceu a Cafarnaum com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos; mas só ficaram lá poucos dias*". Em ***1 Coríntios*** (***9***: 4–5), Paulo se refere aos "*irmãos do Senhor*" sem citar–lhes o nome: "*Não teríamos nós o direito de comer e beber? Não teríamos nós o direito de trazer conosco uma mulher cristã como os outros apóstolos, os irmãos do Senhor, e Cefas?*". Mas, em ***Gálatas*** (***1***: 18,19), Paulo relata: "*A seguir, três anos depois, subi a Jerusalém para conhecer Cefas e fiquei quinze dias com ele, sem ver entretanto nenhum dos apóstolos, a não ser Tiago, o irmão do Senhor*". Tiago (não o apóstolo) é o único discípulo de Jesus que recebe de Paulo o qualificativo "*irmão do Senhor*", pois Paulo não se refere assim a ninguém em suas ***Epístolas*** – nem a João, o discípulo mais amado por Jesus. Por fim, mas fora do âmbito da Escritura, o grande historiador romano Flávio Josefo também só se refere a Tiago, entre todos os discípulos, como "*o irmão de Jesus*".
814. **Mateus**, **1**: 24, 25
815. **Lucas**, **1**: 38
816. Thomas Merton, "*Novas sementes de contemplação*"
817. Santo João da Cruz, "*Poesias e cânticos espirituais*", Romance 8o (fragmento).
818. **JP**, 05
819. *A Virgem e o Menino*, pintura sobre porcelana, WMF, acervo do autor.
820. **João**, 1: 9
821. **MI**, 64
822. **MI**, 65
823. **MI**, 66
824. Citado por Marie–Joseph Nicolas, *in* Introdução à "*Suma de Teologia*", de santo Tomás de Aquino.
825. Percília Matos da Silva
826. Pedro Domingos da Silva
827. Percília Matos da Silva
828. **Mateus**, **28**: 19 – "*Ide, pois; de todas as nações fazei discípulos, batizando–os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando–os a guardar tudo o que vos ordenei*".
829. Pedro Domingos da Silva
830. **João**, **1**: 32–34 – "*E João deu o seu testemunho, dizendo: 'Eu vi o Espírito, como uma pomba, descer do céu e permanecer sobre ele. Eu não o conhecia, mas aquele que mandou batizar na água foi quem me disse: 'Aquele sobre o qual vires o Espírito descer e permanecer sobre ele, é ele que batiza no Espírito Santo'. E eu vi e atesto que ele é o Filho de Deus'"*.
831. **Lucas**, **3**: 21
832. **Marcos**, **1**: 3, 9
833. **Mateus**, **3**: 13–15
834. **João**, **3**: 26, 28
835. **João**, **4**:2
836. **Lucas**, **9**: 2
837. **Marcos**, **6**: 12–13
838. René Laurentin, *Vida autêntica de Jesus Cristo*, tomo I
839. **MI**, 67
840. **MI**, 68
841. Jussara Rezende Araújo, "*Comunicação e exclusão: a leitura dos xamãs*"
842. **Salmos**, **78**: 24
843. **Êxodo**, **16**: 15
844. **Números**, **11**: 8–9
845. **João**, **6**: 32–33, 35
846. **Provérbios**, **9**: 5–6
847. **AG**, 25
848. **MI**, 70
849. **MI**, 71
850. **MI**, 72
851. "Jardim" tem a mesma raiz etimológica que a palavra "paraíso": do hebraico *pardês*, "pomar", para o grego *parádeisos*, "jardim", e o latim *paradísus*, "jardim próximo à casa", "jardim".
852. **GG**, 12
853. **GG**, 50
854. Luiz Mendes do Nascimento
855. Santa Teresa de Ávila, "*Poesias*", Saudades de Deus (fragmento)
856. Papa João Paulo II, Carta Apostólica "*Rosarium Virginis Mariæ*"
857. Papa Paulo VI, Exortação apostólica "*Marialis cultus*"
858. Santa Teresa de Ávila, "*Caminho de perfeição*", cap. 26, 3.
859. Percília Matos da Silva
860. Percília Matos da Silva
861. **Números**, **17**: 15–20, 23
862. **MI**, 73
863. **Salmos**, **19** (18): 14
864. **Bhagavad–Gîta**, VIII, 6: "*Atinge–se qualquer estado* [do ser] *no qual se pensa por último, quando, abandonado o corpo, se estiver sempre absorto nesse pensamento*".
865. **MI**, 74
866. Luiz Mendes do Nascimento, in "*Revista do Centenário*"
867. **SM**, 01
868. **AG**, 39
869. Santa Teresa de Jesus, "*Caminho de perfeição*", cap. 32, 12: "*E quanto mais formos demonstrando, mediante obras, que não proferimos essas palavras por obrigação, tanto mais o Senhor nos aproximará de Si, elevando–nos acima de todas as coisas da terra e de nós mesmas, habilitando–nos a receber grandes favores, já que o Senhor não se cansa de nos pagar nesta vida por este serviço; Ele o preza tanto que já nem sabemos o que Lhe pedir, e Sua Majestade nunca cansa de dar. Porque, não contente de ter formado com a alma uma unidade, por tê–la unido a Si, Ele compartilha Seus prazeres com ela, revela–lhe segredos, alegra–Se por vê–la compreender quanto tem ganho e conhecer parte daquilo que Ele tem para lhe dar*". (Segundo as notas de rodapé da edição brasileira, na redação original santa Teresa de Ávila havia escrito "***convertido em Si***", expressão corrigida para "***unido a Si***" por um dos censores da época, por ter sido considerada um atrevimento teológico.)
870. **Zohar I**, 186b: "*Se alguém é mal sucedido no seu propósito neste mundo, o Eterno, bendito seja, o desenraíza e planta mais e mais vezes*".
871. Do latim *resurrectìo,ónis*: "ressurreição", "relevantar–se"; "reerguer–se", "restabelecer–se", "reanimar", "recomeçar".
872. **Hebreus**, **9**: 27
873. Santo Agostinho, "O *cuidado devidos aos mortos*", cap. 15, 18 (referindo–se a **1 Samuel**, **28**: 15–19)
874. Santo Agostinho, "*O cuidado devido aos mortos*", cap. 16, 20
875. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 89, artigo 8
876. **I Coríntios**, **15**: 42, 44
877. **Efésios**, **2**: 4–6
878. **João**, **6**: 40
879. **João**, **5**: 28, 29
880. **Gênesis**, **37**: 35
881. **Tobit**, **13**: 2
882. **Sirácida**, **48**: 14
883. **Isaías**, **14**: 9 – "*O Sheol se alvoroça por ti, ao anúncio da tua vinda. Para ti, ele acorda os trespassados*".
884. **I Samuel**, **2**: 6
885. **Isaías**, **8**: 19
886. **Deuteronômio**, **18**: 10
887. Livro que só foi considerado canônico pelas Igrejas católica e ortodoxa apenas após os outros livros do ***Antigo Testamento*** (como *Tobias*, *Judite*, *Sabedoria*, *Eclesiástico*, *Baruque*, *Macabeus* I e partes de *Daniel* e *Ester*).
888. **II Macabeus**, **12**: 45
889. **Tiago**, **2**: 10
890. **Sirácida**, **35**: 14
891. **Hebreus**, **10**: 11
892. **Ezequiel**, **18**: 20
893. **Tiago**, **5**: 17
894. **Malaquias**, **3**: 23, 24
895. **Sabedoria**, **8**: 19–20
896. **Eclesiastes**, **7**: 29 – "*Deus fez o ser humano reto*".
897. Ver notas [141](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#141) (capítulo 03) e [648](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#648) (capítulo 10).
898. **Lucas**, **1**: 17
899. **Mateus**, **11**: 13, 14
900. **Mateus**, **17**: 12, 13
901. **Lucas**, **9**: 29–33
902. **2 Reis,** **2**: 15
903. **2 Reis**, **4**: 32–37
904. **Brihadaranyaka–Upanishad**: "*Um homem age de acordo com os desejos aos quais se apega. Após a morte, ele parte para o outro mundo, levando em sua mente as sutis impressões de seus atos; e, após obter lá o fruto de seus atos, retorna de novo a este mundo de ação. Assim sendo, aquele que tem desejos continua sujeito aos renascimentos*".
905. **Efésios** **2**: 8, 9
906. **Isaías**, **45**: 6, 7 – "*(...) Eu sou o Senhor, não existe outro; eu modelo a luz e crio as trevas, eu faço a felicidade e crio a desgraça: sou eu, o Senhor, que faço tudo isso*".
907. Santo Agostinho, *in* santo Tomás de Aquino, "*Suma de teologia*", Q. 62, artigo 9: "*Deus nos usa para nossa utilidade e para sua bondade*".
908. **Romanos**, **9**: 8
909. **MI**, 71
910. Percília Matos da Silva
911. **MD**, 48
912. **MI**, 75
913. Do latim *eléctus*, "tomar", "tirar", "escolher", "eleger".
914. **Isaías**, **49**: 6
915. **MI**, 36
916. **MI**, 38
917. **MI**, 36
918. **Apocalipse**, **14**, 1: "*E eu vi: o Cordeiro estava de pé sobre o monte Sião, e com ele os cento e quarenta e quatro mil que trazem inscritos em suas frontes o nome dele e o nome do Pai*".
919. **MD**, 34
920. **2 Timóteo**, **2**: 19
921. **Miquéias**, **4**: 5
922. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 24, artigo 1
923. **2** **Pedro**, **1**: 10
924. Santo João da Cruz, "*Subida do monte Carmelo*", Livro II, Cap. XVI, 7.
925. Na Igreja da "Barquinha", quem comanda o feitio é Sandra da Silva Paiva, filha de mestre Antonio Geraldo da Silva, em um dos únicos casos conhecidos em que uma mulher dirige o cozimento de daime (dona Alzira, esposa de Raimundo "Loredo" Ferreira, um dia foi autorizada por mestre Irineu a fazer um feitio, mas nunca o fez, ao menos até 2003).
926. Santa Teresa de Jesus, "*Caminho de perfeição*", cap. 29, 11: "*Eu bem entendia que tinha alma mas não o que essa alma merecia nem quem estava dentro dela, pois eu mesma tapava os olhos com as vaidades da vida para não vê–lo. Tenho a impressão de que, se então entendesse que nesse palaciozinho de minha alma cabe Rei tão grande, eu não O teria deixado tantas vezes só; de vez em quando estaria com Ele e teria me empenhado mais em não ser tão imperfeita. Que motivo de tanta admiração! Aquele que poderia encher mil mundos, e muitos mais, com a Sua grandeza encerra–se numa coisa tão pequena! Na verdade, como é Senhor, Ele traz consigo a liberdade e, como nos ama, adapta–se à nossa medida*".
927. Osmar Pereira de Oliveira
928. **Romanos**, **12**: 2
929. **MI**, 76
930. **MI**, 78
931. Percília Matos da Silva
932. Percília Matos da Silva
933. **Mateus**, **15**: 24
934. **João**, **17**: 6, 9
935. **Tiago**, **2**: 26
936. **Eclesiastes**, **12**: 14 – "*Deus há de chamar a julgamento toda obra, quanto a tudo o que ela encobre de bem ou de mal*".
937. Santa Teresa de Ávila, "*Livro da Vida*", cap. 40, 9–10.
938. **MI**, 68
939. **MI**, 104
940. **Mateus**, **7**: 3
941. Percília Matos da Silva
942. Daniel Acelino Serra
943. Tufi Rachid Amin
944. **MI**, 78
945. Percília Matos da Silva
946. **1 Coríntios,** 7: 12–14
947. Percilia Matos da Silva
948. Santo Agostinho, "*A doutrina cristã*", cap. 9, 13.
949. Do grego *eukharistía*, "sacrifício de ação de graças".
950. **João**, **6**: 50, 51 – "*O pão que desce do céu é de tal sorte que aquele que dele comer não morrerá. Eu sou o pão vivo que desce do céu. Quem comer deste pão viverá para a eternidade. E o pão que eu darei é minha carne, dada para que o mundo tenha a vida*".
951. **Mateus**, **16**: 11, 12 – "'*Como não percebeis que eu não vos falava de pães, quando vos dizia: acautelai–vos do fermento dos fariseus e dos saduceus!?' Então eles compreenderam que ele não dissera que se acautelassem do fermento dos pães, mas do ensinamento dos fariseus e dos saduceus*".
952. **Mateus**, **18**: 20 – "*Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou no meio deles*".
953. **Mateus**, **26**: 26–28
954. **Marcos**, **14**: 22, 24
955. **Lucas**, **22**: 19
956. Ver trecho de texto comentado pela nota [222](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#222) (capítulo 04).
957. **Mateus**, **19**: 4–6
958. Percília Matos da Silva
959. **MI**, 17
960. **Salmos**, **65** (64): 3–4
961. **Tiago**, **5**: 16
962. **AG**, 38
963. **JP**, 05
964. Tufi Rachid Amin
965. **MI**, 79
966. Santa Teresa de Ávila, "*Livro da Vida*", cap. 11, 6
967. Thomas Merton, "*Novas sementes de contemplação*"
968. **TA**, 03
969. **MI**, 80
970. Percília Matos da Silva
971. **Mateus**, **23**: 8 – "*Quanto a vós, não vos façais chamar de 'mestre': porque tendes um só Mestre e sois todos irmãos*"
972. Percília Matos da Silva
973. **Apocalipse**, **22**: 8, 9 – "*(...) E, depois de ter ouvido e visto, prostrei–me aos pés do anjo que me mostrava isso, para adorá–lo. Mas ele me disse: Não faças isso! Sou um companheiro de serviço, teu e dos teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. É a Deus que deve adorar*".
974. **João**, **2**: 15–17
975. **Mateus**, **3**: 7
976. **Isaías**, **1**: 4–5
977. **MI**, 78
978. **PS**, 75
979. **MI**, 46
980. **TA**, 35
981. Luiz Mendes do Nascimento
982. **MI**, 64
983. Ladislau Nogueira de Oliveira
984. João Rodrigues Facundes
985. Tufi Rachid Amin
986. **João**, **7**: 5 – "*Na realidade, os seus próprios irmãos não acreditavam nele*".
987. **MD**, 21
988. **João**, **10**: 37–38
989. **1 João**, **2**: 22
990. **MI**, 81
991. **Sirácida**, **15**: 14–15
992. "*Decreto de Serviço*"
993. **MI**, 82
994. Percília Matos da Silva
995. **MI**, 66
996. **MI**, 83
997. Percília Matos da Silva
998. Percília Matos da Silva
999. Tufi Rachid Amin
1000. **MI**, 83
1001. **MI**, 84
1002. Percília Matos da Silva
1003. **MI**, 64
1004. **MI**, 85
1005. **Efésios**, **2**; 21–22
1006. Percília Matos da Silva
1007. **MI**, 86
1008. **MI**, 87
1009. Percília Matos da Silva
1010. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 76, artigo 11
1011. Percília Matos da Silva
1012. Percília Matos da Silva
1013. Salvatore Meo, "*Mediadora*", em "*Dicionário de Mariologia*": "*A pobreza de desenvolvimento doutrinal em torno da pessoa do Espírito Santo, situação endêmica na teologia latina, criou na linguagem concernente às funções mediadoras de Maria a utilização de termos que em si se cabem ao Espírito Santo e ao qual são mais propriamente atribuíveis como verdadeiro co–redentor, fonte universal da graça, paráclito deixado como dom por Cristo aos homens. Devido a todas essas carências fundamentais, estabeleceu-se um verticalismo mariano desproporcional que teve seu inegável reflexo na religiosidade popular*".
1014. **GG**, 45
1015. **GG**, 24
1016. **MI**, 88
1017. Santa Teresa de Ávila, "*Castelo interior*", Quintas moradas, cap. 3, 9:
1018. **MI**, 89
1019. Santa Teresa de Ávila, "*Caminho de perfeição*", cap. 32, 2: "*Mas como o Vosso Pai faz aquilo que Lhe pedis – dar–nos aqui o Seu reino –, sei que não Vos deixaremos faltar com a verdade ao dardes o que dais por nós. Porque, tornada a terra céu, será possível fazer–se em mim a Vossa vontade*".
1020. Percília Matos da Silva
1021. **MI**, 109
1022. "*Decreto de Serviço*"
1023. **MD**, 22
1024. **MI**, 90
1025. Percília Matos da Silva
1026. **MI**, 91
1027. Percília Matos da Silva
1028. **Daniel**, **8**: 26, 27
1029. Walter Yeeling Evans–Wentz (1878–1965), *in* "*O Livro tibetano dos mortos*": "*aquele que está para morrer deverá enfrentar a morte não só lúcida, calma e heroicamente, mas com o intelecto corretamente treinado e dirigido, transcendendo mentalmente, se for necessário, os sofrimentos e enfermidades do corpo, como se tivesse podido praticar eficientemente durante sua vida a Arte de Viver e, próximo da morte, a Arte de Morrer*".
1030. **MD**, 49
1031. **SM**, 09
1032. **MI**, 92
1033. Santo Agostinho, "*O Mestre*"
1034. Uso este termo para definir a vivência de afetos com amplitude transpessoal, isto é, associados a memórias que ultrapassam os limites pessoais da vida atual.
1035. **MI**, 94
1036. **MI**, 95
1037. "*Decreto de Serviço*"
1038. Alexandre Abbud Sato
1039. **MI**, 96
1040. Percília Matos da Silva
1041. Percília Matos da Silva
1042. **MI**, 97
1043. **MI**, 98
1044. Tufi Rachid Amin
1045. **MI**, 99
1046. Percília Matos da Silva
1047. **MI**, 100
1048. **MI**, 101
1049. Percília Matos da Silva
1050. Percília Matos da Silva
1051. Tufi Rachid Amin
1052. **MI**, 102
1053. Percília Matos da Silva
1054. Do latim *scientìa*, "conhecimento", "saber", "arte", "habilidade", "prenda".
1055. **MD**, 18
1056. Santa Teresa de Ávila, "*Castelo interior*", Primeiras moradas, cap. 2, 9
1057. Percília Matos da Silva
1058. **MI**, 103
1059. **Daniel**, **9**: 3
1060. **Êxodo**, **34**: 28
1061. **1 Reis**, **21**: 27–29
1062. **1 Samuel**, **7**: 6
1063. **2 Samuel**, **1**: 12
1064. **Juízes**, **20**: 26
1065. **Isaías**, **58**: 4
1066. **Jeremias**, **14**: 10–12
1067. **Mateus**, **4**: 1–2
1068. **Mateus**, **6**: 16–18
1069. **Mateus**, **4**: 4
1070. **João**, **4**: 33–34
1071. Saturnino Brito do Nascimento
1072. João Rodrigues Facundes
1073. Roberto Assagioli, "*Psicossíntese – Manual de princípios e técnicas*"
1074. Ken Wilber, "*O projeto Atman*"
1075. Uso este termo para definir possibilidades de conhecimento com amplitude transpessoal, isto é, ultrapassando os limites pessoais.
1076. Santa Teresa de Ávila, "*Caminho de perfeição*", cap. 28, 5 e 7: "*Aquelas que puderem se recolher nesse pequeno céu de nossa alma onde está Aquele que o fez, bem como à terra, e acostumar–se a não olhar nem estar onde os sentidos exteriores se distraiam, acreditem que seguem excelente caminho e que não deixarão de beber da água da fonte, pois o percorrerão em muito pouco tempo. É como quem viaja num navio e, com algum vento favorável, chega ao fim da jornada em poucos dias, ao passo que quem vai por terra demora mais (...) O Senhor deseja, como recompensa pelo tempo em que a alma a isso se dedicou, que ela e a vontade alcancem tal domínio que, diante do simples ato que indique que desejam recolher–se, os sentidos obedeçam e se recolham. E, mesmo que mais tarde voltem a sair, é já grande coisa terem se rendido, pois saem dali como cativos e súditos, e deixam de fazer o mal que antes podiam. Quando a vontade voltar a chamá–los, eles virão com mais presteza, até que, por fim, depois de muitas entradas repetidas, o Senhor os faça permanecer de todo em contemplação perfeita*".
1077. Daniel Acelino Serra
1078. Tufi Rachid Amin
1079. Percília Matos da Silva
1080. Santo João da Cruz, "*Subida do monte Carmelo*", Livro III, cap. XXVI, 7: "*até o homem ter o sentido tão habituado na purificação deste gozo sensível, de modo a tirar, logo ao primeiro movimento, o proveito já mencionado, isto é, encaminhar–se diretamente a Deus em tudo, tem necessidade de negar o seu gozo e prazer em tudo, a fim de retirar a alma da vida sensitiva*".
1081. Santo João da Cruz, "*Subida do monte Carmelo*", Livro I, Cap. IV, 4.
1082. **1 Pedro**, **4**: 10 – "*Ponde–vos, cada um conforme o dom recebido, a serviço uns dos outros, como bons administradores da graça de Deus,* [que é] *multiforme em seus efeitos*".
1083. Luiz Orlando Algarra
1084. **1 Coríntios**, **7**: 5 – "*Não vos recuseis um ao outro, a não ser de comum acordo e temporariamente, a fim de vos consagrardes à oração*".
1085. João Rodrigues Facundes
1086. O Buda, *sûtra Kalama*
1087. Tufi Rachid Amin
1088. Para o hinduísmo, *chacras* – do sânscrito *chakra*, "roda", "círculo" – são emanações bioenergéticas perceptíveis como "vórtices de energia", que "ligam" o corpo físico ao corpo astral (perispírito) e que podem ser ativadas por meio de meditação, de posturas específicas, como as da ioga, e de vocalizações especiais, como os mantras.
1089. Utilizo este termo segundo um ramo específico da biologia, próximo da bioquímica, que estuda as transformações energéticas nos seres vivos, para mencionar a energia que percorre o nosso corpo.
1090. Santo Agostinho, "*Doutrina cristã*".
1091. **Marcos**, **7**: 18 – "'*Então vós também sois sem inteligência? Não sabeis que nada que penetra do exterior no homem pode torná–lo impuro, já que não penetra no seu coração, mas no seu ventre, e depois vai para a fossa?' Com isso, ele declarava que todos os alimentos são puros*".
1092. Daniel Acelino Serra
1093. Luiz Mendes do Nascimento
1094. **MI**, 106
1095. Tufi Rachid Amin
1096. Percília Matos da Silva
1097. **MI**, 107
1098. **MI**, 108
1099. **MI**, 90
1100. Ver trecho de texto comentado pela nota [53](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#53) (capítulo 01).
1101. **Lucas**, **9**: 1
1102. **Tiago**, **5**: 14–15
1103. **I Ching**, Livro I, h. 57, linha 2.
1104. "*Congregação para a doutrina da fé*", "*Instrução sobre o exorcismo*"
1105. **I João**, 4: 1
1106. Alan Kardec, "*O Livro dos Espíritos*", Qs. 459/461/464/473/474
1107. Percília Matos da Silva
1108. **TA**, 32
1109. **AG**, 26
1110. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 108, artigo 6.
1111. Tufi Rachid Amin
1112. **MI**, 110
1113. **Salmos**, **148**: 1–4
1114. **MI**, 111
1115. Ver capítulo 7, “*Juramidam*”, em “*A Rainha da floresta– a missão daimista de evangelização*”, nesta trilogia.
1116. Clodomir Monteiro da Silva, no *I Congresso de uso ritual da ayahuasca*, Unicamp/Campinas (1997)
1117. **PS**, 107
1118. **NJ**, 06
1119. **NJ,** 18
1120. Clodomir Monteiro da Silva, "*O palácio de Juramidam – Santo Daime: um ritual de transcendência e despoluição*"
1121. Percília Matos da Silva
1122. Alex Polari de Alverga, "*O guia da floresta*"
1123. **MI**, 20
1124. **MI**, 28
1125. **MI**, 29
1126. **GG**, 21
1127. **AG**, 18
1128. **GG**, 20
1129. **AG**, 14
1130. **AG**, 30
1131. **JP**, 36
1132. **MI**, 94
1133. **GG**, 8
1134. **AG**, 9
1135. **MD**, 12
1136. **MD**, 18
1137. **AG**, 30
1138. **GG**, 24
1139. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de teologia*", Q. 43, artigo 5
1140. **MI**, 52
1141. Santa Teresa de Ávila, "*Livro da Vida*", cap. 18, 2
1142. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 43, artigo 2
1143. **MI**, 112
1144. **MI**, 113
1145. **MI**, 106
1146. **AG**, 9
1147. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de teologia*", Q. 108, artigo 5: "*Deve–se dizer que anjo significa 'mensageiro'. Por isso todos os espíritos celestes, enquanto manifestam as coisas de Deus, são chamados anjos. Mas os anjos superiores têm certa excelência nessa manifestação, pela qual são nomeados ordens superiores".* E *"é provável que os anjos superiores sejam delegados para a guarda daqueles que são eleitos por Deus a um grau superior de glória*" (Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 113, artigo 3).
1148. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de teologia*", Q. 108, artigo 6: "*A execução dos serviços angélicos consiste em anunciar as coisas divinas. Ora, na execução de qualquer ato, há aqueles que começam a ação e guiam os outros. Por exemplo, nos coros os que dão o tom; e na guerra, os que conduzem e dirigem os outros: e isso cabe aos Principados. Mas há outros que simplesmente executam: e isso cabe aos Anjos. Outros há, enfim, que ocupam posição intermédia: isso cabe aos Arcanjos, como já foi dito*".
1149. **Hebreus**, **1**: 14 – "*Não são todos eles espíritos cumpridores de funções e enviados a serviço, em proveito daqueles que devem receber a salvação como herança*?"
1150. Desde a década de 1990 um fenômeno análogo vem sendo analisado pela "*Congregação para a doutrina da fé*", da Cúria Romana, tendo sido motivo de troca de correspondência entre o Cardeal Joseph Ratzinger, seu Prefeito, e Vassula Rydén. Esta egípcia cristã ortodoxa, no correr dos anos 80 e 90 publicou extensa obra, na qual relata ter sido "preparada" pelo anjo Daniel para, a seguir, servir de habitáculo à palavra do Verbo (ver [www.tlig.org/pg.html](http://www.tlig.org/pg.html)).
1151. Joaquín María Alonso – Fátima, *in Dicionário de Mariologia*
1152. **AG**, 18
1153. **MI**, 19
1154. **GG**, 33
1155. **João**, **1**: 3 – "*Tudo foi feito por meio dele; e sem ele nada se fez do que foi feito*".
1156. **João**, **14**: 5, 6 – "*Eu sou o caminho, a verdade e a vida*".
1157. Papa Pio XII, Constituição apostólica *Ad Cœli Reginam*
1158. Santa Teresa de Ávila, "*Relações*", 25.
1159. **AG**, 38
1160. **JP**, 27
1161. **MD**, 47
1162. **AG**, 09
1163. Numa gradação de manifestações, sem que uma se substitua a outra mas, no mistério divino, dando–se simultaneamente no mesmo corpo porque assim convém à vontade bondosa de Deus: tal qual "*se diz que o Filho ou o Espírito Santo são enviados, pelo fato de procederem do Pai em sua origem, e cada um* ***começa a estar de uma nova maneira****, a saber, pela graça ou pela natureza assumida, lá onde estava anteriormente pela presença da divindade*", o anjo é enviado em missão, de tal forma que "*a ação que o anjo enviado executa procede de Deus como primeiro princípio, por cuja ordem e autoridade os anjos agem, e a Deus volta como a seu fim último*" (santo Tomás de Aquino, *in* "*Suma de Teologia*", Q. 112, artigo 1, com grifo meu, acompanhando a noção de **a Graça implicar inovação**) (Ver notas [591](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#591) no capítulo 09 e [630](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#630) no capítulo 10 e os trechos de texto comentados por elas).
1164. Ver hino assinalado com a nota [153](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#153) (capítulo 03).
1165. **Atos dos Apóstolos**, **12**: 15 (ver a nota bíblica de rodapé: "*isto é, de certo modo, seu duplo espiritual"*).
1166. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q.111, artigo 1.
1167. Santo Agostinho, citado por santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 111, artigo 3.
1168. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 111, artigo 3.
1169. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 112, artigo 1.
1170. Percília Matos da Silva
1171. Percília Matos da Silva
1172. **AG**, 13
1173. Percília Matos da Silva
1174. **MI**, 114
1175. Papa Paulo VI, Exortação apostólica *Marialis Cultus*: "*Para o homem contemporâneo – não raro atormentado entre a angústia e a esperança, prostrado pela sensação das próprias limitações e assaltado por aspirações sem limites, perturbado na mente e dividido em seu coração, com o espírito suspenso perante o enigma da morte, oprimido pela solidão e, simultaneamente, tendendo para a comunhão, presa da náusea e do tédio – a bem–aventurada Virgem Maria (...) proporciona–lhe uma visão serenadora e tranqüilizante: a da vitória da esperança sobre a angústia, da comunhão sobre a solidão, da paz sobre a perturbação, da alegria e da beleza sobre o tédio e a náusea, das perspectivas eternas sobre as temporais e, enfim, da vida sobre a morte*".
1176. Santa Teresa de Ávila, "*Livro da Vida*", cap. 38, 1
1177. **MI**, 115
1178. Percília Matos da Silva
1179. No sentido bíblico de "obras" e não dos serviços espirituais daimistas, em si.
1180. **MI**, 116
1181. Percília Matos da Silva
1182. **AG**, 02
1183. Percília Matos da Silva
1184. Daniel Acelino Serra
1185. Percília Matos da Silva
1186. Luiz Mendes do Nascimento
1187. **MI**, 117
1188. Referência à "vida espiritual" e não ao espiritismo kardecista, como se vê nos hinos assinalados pelas notas [868](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#868) (capítulo 12), [1192](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1192) (capítulo 15) e [1201](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#1201) (capítulo 15).
1189. **MI**, 118
1190. **Isaías**, **40**: 3–4
1191. **João**, **1**: 23
1192. **AG**, 39
1193. **MI**, 119
1194. Percília Matos da Silva
1195. Santa Teresa de Ávila, "*Castelo interior*", Primeiras moradas, cap. 1, 3: "*Consideremos, portanto, que esse castelo tem, como eu disse, muitas moradas, umas no alto, outras embaixo, outras dos lados. E, no centro, no meio de todas está a principal, onde se passam as coisas mais secretas entre Deus e a alma*".
1196. Santa Teresa de Ávila, "*Caminho de perfeição*", cap. 28, 9: "*Façamos de conta que há dentro de nós um palácio de grandíssima riqueza, todo feito de ouro e de pedras preciosas, enfim, algo digno de tão grande Senhor; imaginemos que depende de nós a magnificência deste palácio tão formoso quanto uma alma limpa e plena de virtudes. Quanto maiores forem elas, tanto mais resplandecerão as pedras. Imaginemos que nesse palácio está o grande Rei que desejou ser nosso Pai, e que Ele está num trono de enorme valor, o nosso coração* ".
1197. **Mateus**, **25**: 34
1198. **MD**, 46
1199. **Salmos**, **22** (23): 1
1200. Santa Teresa de Ávila, "*Poesias*", II (fragmento).
1201. **MI**, 120
1202. **MI**, 121
1203. Santa Teresa de Ávila, "*Caminho de perfeição*", cap. 34, 8: "*Porque se Ele, quando andava no mundo, curava os enfermos sem que estes precisassem mais do que tocar–Lhe as vestes, por que haveríamos de duvidar que faça milagres estando tão dentro de nós, se tivermos fé, e que nos dê o que pedirmos, visto que está em nossa casa? Sua Majestade não costuma pagar mal a hospedagem quando encontra boa acolhida*".
1204. **MI**, 122
1205. Percília Matos da Silva
1206. **João**, **14**: 5,6
1207. Cito **1 Coríntios**, **6**: 19
1208. **MI**, 123
1209. **MD**, 14
1210. **MI**, 118
1211. Homilia do Papa João Paulo II em missa celebrada pela solenidade da Assunção de Maria.
1212. **AG**, 38
1213. **AG**, 18
1214. **MD**, 16
1215. Beatriz Caiuby Labate, *I Congresso sobre o uso ritual da ayahuasca*, Unicamp/Campinas (1997)
1216. **MI**, 124
1217. Percília Matos da Silva
1218. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 24, artigo 1
1219. Percília Matos da Silva
1220. **AG**, 09
1221. **GG**, 39
1222. **MD**, 23
1223. **JP**, 04
1224. **MI**, 01
1225. Ver nota [72](http://www.juramidam.jor.br/mensageiro/notas_rodape.html#72) (capítulo 02).
1226. Alex Polari de Alverga, "*Seriam os deuses alcalóides*?"
1227. Santa Teresa de Ávila, "*Livro da Vida*", cap. 29, 2 e 3: "*Assim sendo, pouco importa se desejamos ou não a visão; vê–se com clareza que o Senhor quer apenas que tenhamos humildade e confusão, que tomemos o que nos é dado e louvemos quem nos dá. Isso acontece em todas as visões. Nada podemos fazer para vermos menos ou mais, nossos esforços nada fazem ou deixam de fazer. Quer o Senhor que reconheçamos de uma vez que não se trata de obra nossa, mas de Sua Majestade, para que fiquemos humildes e temerosos vendo que, assim como o Senhor nos tira o poder de vermos o que queremos, assim também pode nos tirar esses favores e graças, deixando–nos inteiramente perdidos, razão pela qual devemos sempre andar com temor enquanto vivermos neste desterro*".
1228. Santa Teresa de Ávila, "*Caminho de perfeição*", cap. 26, 2
1229. Sandra da Silva Paiva
1230. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 62, artigo 2
1231. Maria Brilhante, citada *in* Geovânia Corrêa Barros Cunha, "*O império do beija–flor*"
1232. Citado em Sandra Lúcia Goulart, "*As raízes culturais do Santo Daime*"
1233. **GG**, 42
1234. **PS**, 06
1235. **AG**, 31
1236. Santa Teresa de Ávila, "*Caminho de perfeição*", cap. 32, 11: "*Ó irmãs minhas, que força tem este dom* [o de receber, obedientes, o reino de Deus, dado por Deus]*. Se tivermos a determinação que devemos ter, no mínimo faremos o Todo–poderoso formar unidade com a nossa baixeza e transformar–nos em Si mesmo, fazendo uma união do Criador com a criatura. Vede que recebereis boa recompensa e que tendes um Mestre bom que, como sabe o caminho para agradar Seu Pai, nos ensina como agir e com que O havemos de servir*".
1237. **Provérbios**, **27**: 17 – "*O ferro com o ferro se afia, e o homem, pelo contato com o próximo*".
1238. **AG**, 20
1239. **MI**, 65
1240. Jean Langdon, "*A cultura Siona e a experiência alucinógena*", *in* "*Grafismo indígena*"
1241. Sandra Lúcia Goulart, "*As raízes culturais do Santo Daime*"
1242. Marco Antônio Gracie Imperial
1243. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 62, artigo 2
1244. Abdullah Ansari, "*As invocações de Abdullah Ansari*"
1245. Luiz Mendes do Nascimento
1246. **MI**, 109
1247. **Lucas**, **11**: 2–4
1248. **Mateus**, **6**: 9–13
1249. **MI**, 112
1250. Leonardo Boff, "*O Pai–nosso, a oração da libertação integral* "
1251. Leonardo Boff, "*O Pai–nosso, a oração da libertação integral* "
1252. **João**, **14**: 2–4
1253. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 23, artigo 7
1254. Menção a **João**, **12**: 29
1255. Menção a **Mateus**, **25**: 21
1256. Santo Agostinho, "*Confissões*", Livro IX, Q. 10
1257. **Atos dos Apóstolos**, **12**: 5 – "*(...) a oração ardente da Igreja subia sem cessar para Deus*".
1258. **MI**, 125
1259. **MI**, 126
1260. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 62, artigo 5: "*Deve–se dizer que o homem, por sua natureza, não foi feito para atingir, de imediato, sua última perfeição, como acontece ao anjo. Por isso, deve percorrer um caminho mais longo do que o do anjo para merecer a bem–aventurança*".
1261. Santo Agostinho, "*A doutrina cristã*", B., cap. 10: "*Portanto, como estamos destinados a gozar sem fim dessa Verdade que vive imutavelmente e pela qual o Deus Trindade, autor e criador do mundo, cuida de sua criação, devemos purificar nosso espírito para que possa contemplar essa luz e a ela aderir quando contemplada. Podemos considerar essa purificação como um caminhar e um navegar em direção à pátria. Não nos aproximamos, porém, daquele que está presente em toda parte, mudando de lugares, mas pelos santos desejos e bons costumes*".
1262. **MI**, 127
1263. **João**, **1**; 3 – "*Tudo foi feito por meio dele; e sem ele nada se fez do que foi feito*".
1264. **MI**, 21
1265. Percília Matos da Silva
1266. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 12, artigo 4
1267. Santo Tomás de Aquino, "*Sobre o ensino*", art. 1: "*preexistem em nós certas inclinações naturais que são como princípios das virtudes, mas só pelo posterior exercício das obras as virtudes são levadas à devida consumação*".
1268. **MI**, 128
1269. Percília Matos da Silva
1270. O grifo acompanha a concepção de santo Tomás de Aquino, de **a Graça implicar inovação**.
1271. Santo Tomás de Aquino, "*Suma de teologia*", Q.43, artigo 2 (com grifo meu).
1272. **MI**, 129
1273. **Eclesiastes**, **12**: 7
1274. Percília Matos da Silva
1275. Luiz Mendes do Nascimento
1276. Percília Matos da Silva
1277. Percília Matos da Silva
1278. Percília Matos da Silva
1279. Alex Polari de Alverga, "*O guia da floresta*"
1280. **MI**, 14
1281. Percília Matos da Silva
1282. Percília Matos da Silva
1283. Expressão que designa o canto coral sem o apoio de instrumentos.
1284. **Sirácida**, **24**: 34

>

 Santo Agostinho, "*A doutrina cristã*", B., cap. 10: "*Portanto, como estamos destinados a gozar sem fim dessa Verdade que vive imutavelmente e pela qual o Deus Trindade, autor e criador do mundo, cuida de sua criação, devemos purificar nosso espírito para que possa contemplar essa luz e a ela aderir quando contemplada. Podemos considerar essa purificação como um caminhar e um navegar em direção à pátria. Não nos aproximamos, porém, daquele que está presente em toda parte, mudando de lugares, mas pelos santos desejos e bons costumes*".

 **MI**, 127

 **João**, **1**; 3 – "*Tudo foi feito por meio dele; e sem ele nada se fez do que foi feito*".

 **MI**, 21

 Percília Matos da Silva

 Santo Tomás de Aquino, "*Suma de Teologia*", Q. 12, artigo 4

 Santo Tomás de Aquino, "*Sobre o ensino*", art. 1: "*preexistem em nós certas inclinações naturais que são como princípios das virtudes, mas só pelo posterior exercício das obras as virtudes são levadas à devida consumação*".

 **MI**, 128

 Percília Matos da Silva

 O grifo acompanha a concepção de santo Tomás de Aquino, de **a Graça implicar inovação**.

 Santo Tomás de Aquino, "*Suma de teologia*", Q.43, artigo 2 (com grifo meu).

 **MI**, 129

 **Eclesiastes**, **12**: 7

 Percília Matos da Silva

 Luiz Mendes do Nascimento

 Percília Matos da Silva

 Percília Matos da Silva

 Percília Matos da Silva

 Alex Polari de Alverga, "*O guia da floresta*"

 **MI**, 14

 Percília Matos da Silva

 Percília Matos da Silva

 Expressão que designa o canto coral sem o apoio de instrumentos.

 **Sirácida**, **24**: 34